

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Andiara Barbosa Neder

**GIRO DAS SAIAS: O EMBRIONÁRIO EMPODERAMENTO FEMININO NA
MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL DA FOLIA DE REIS**

Juiz de Fora

2019

Andiara Barbosa Neder

Giro das saias: o embrionário empoderamento feminino na manifestação artística e cultural da folia de reis

Tese de doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de doutoramento.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Neder, Andiara Barbosa.

Giro das saias : o embrionário empoderamento feminino na manifestação artística e cultural da Folia de Reis / Andiara Barbosa Neder. -- 2019.

325 p. : il.

Orientador: Volney José Berkenbrock

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2019.

1. Gênero. 2. Religião. 3. Folia de Reis. 4. Empoderamento feminino. 5. Tradição cultural. I. Berkenbrock, Volney José, orient. II. Título.

Andiara Barbosa Neder

Giro das saias: o embrionário empoderamento feminino na manifestação artística e cultural da Folia de Reis

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Religião.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Voney José Berkenbrock (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Émerson José Sena da Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Regina Corrêa Lages
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rubens Alves da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^ª. Dr^ª. Juliana Helena Gomes Leal
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram, dando exemplos de estudo e garra, os quais sempre seguirei. Ao meu pai por ter-me inserido no caminho das Artes pelo exemplo e pela via acadêmica, me ensinado desde os primeiros conhecimentos mais lúdicos até os mais complexos, até que eu me visse rodeada pelas artes por onde quer que eu caminhe, seja qual for o caminho que eu trilhe. Minha mãe por ter-me acompanhado em muitos giros e entrevistas, de maneira incansável, nas noites e madrugadas, nas periferias e zonas rurais de Leopoldina. Obrigada pelo amor, apoio psicológico e financeiro, compreensão. Às minhas irmãs, por terem partilhado desta experiência, torcendo sempre pela minha vitória. Ao Gustavo, pelo amor, companheirismo, compreensão, incentivo, apoio tecnológico e por acompanhar de perto desde o início minha trajetória acadêmica. Ao meu sogro, pelo apoio e pelo árduo trabalho não remunerado de transcrição de entrevistas. Ao meu querido orientador Professor Doutor Volney Berkenbrock, pelo rigor na orientação, pelos valiosos conselhos, companheirismo, carinho, amizade e pela paz que emana. Paz que acalma e equilibra as almas em descompasso, uma conversa com ele sempre me valeu como um passe, uma benzedura, sempre saí mais leve do que cheguei. Às minhas amigas de jornada acadêmica e de vida, Ana Luíza Gouvêa Neto e Gilciana Paulo Franco, pelo companheirismo e trocas intensas. Foram tantos congressos, viagens, GT's, minicursos, oficinas, artigos, sempre com algo mais a discutir, que crescemos juntas sem deixar nenhuma para trás, em apoio mútuo que ergue as três em um bloco coeso. Ao meu tio Cimar por tornar acessível o contato com os foliões da Serra dos Barbosas, me levando até eles e me apresentando a essas valiosas fontes de conhecimento. Agradeço em especial às folionas, devotas, foliões que tão generosamente me abriram as portas de suas casas e me transmitiram seus saberes: Maú, Luíza, Regina, Lúcia, Cássia, Matilda, Andreia, Zezé, Tinho, Naldo, Bento, Aurélio e a todos seus familiares, que de uma forma ou de outra colaboraram com esta pesquisa. Agradeço muito pelas preciosas informações que corroboraram no desenvolvimento deste estudo e pelo carinho com o qual me receberam e acolheram. A todas e a todos meus mais sinceros agradecimentos e que os Santos Reis continuem nos abençoando!

RESUMO

Esta pesquisa foi guiada pelo desejo de mostrar e analisar a trajetória de mulheres no contexto androcêntrico das Folias de Reis da cidade de Leopoldina – MG. No transcorrer da pesquisa foi possível compreender que a mulher não se inseriu tardiamente nesse universo, como possa supor um observador descontextualizado e apressado. Na verdade ela sempre esteve intrinsecamente inserida, envolvida e absorvida pelas demandas da manifestação em honra aos Santos Reis, porém em lugares e funções invisibilizados. Por um viés interdisciplinar, tangendo perspectivas etnográfica, sociológica, antropológica, histórica e com um olhar sensível para o contexto artístico que se desvela, o desafio foi lançado com a necessidade de análise das relações de poder existentes em uma encruzilhada onde se encontram religião, mulher e folia. Como se estruturou essa relação no passado, que desdobramentos tal relação contemplam as mulheres hoje e como sua agência atual, suas possibilidades de liderança que já se legitimam, projetam um futuro feminino nas Folias de Reis se expressam como demandas essenciais desta pesquisa. Para refletir sobre isso se tomou por base 4 grupos de folias leopoldinenses: Folia da Serra, Folia dos Colodinos, Folia da Maú e Folia da Luíza. Quais caminhos as líderes de folia traçaram ou lhes foram oferecidos que não se desvelaram para as outras que continuam à margem das esferas de visibilidade e poder da folia? Teriam esses caminhos tão diversos base religiosa? Quais legitimações e proibições mitológicas, representantes de uma estrutura de pensamento, se impuseram no refreamento ou impulsionamento da agência autônoma das mulheres nesse cenário? Tais questionamentos suscitaram uma investigação rizomática, que demandaram uma análise balizada pela categoria de gênero que só se anuncia plenamente na interseccionalidade. Assim, foram perscrutadas religiosidades, estruturas míticas, submissão e liderança femininas em contextos diferentes unidos somente pela lógica da devoção aos Santos Reis. Esteticamente e artisticamente é possível perceber semelhanças profundas entre os grupos, porém a dinâmica de poder que se articulam em seu interior e a pertença religiosa que possui relação íntima com as esferas de poder, diferenciam de maneira sensível suas identidades, atitudes, escolhas e caminhos a seguir e trilhar. São as tensões e ressignificações desses caminhos que nos debruçamos a percorrer e perscrutar suas causas e consequências, que se desvelam e se expressam em uma tradição cultural cambiante devotada a santos peregrinos.

Palavras-chave: Folia de Reis. Mulher. Religiosidades. Agência feminina.

ABSTRACT

In the course of the research it was possible to understand that the woman did not insert herself belatedly in this universe, as a misinformed observer supposes. Indeed, the woman it has always been intrinsically inserted, involved and absorbed by the demands of the manifestation in honor of the Santos Reis, however in places and functions unseen. Through an interdisciplinary prospects, encompassing ethnographic, sociological, anthropological, historical perspectives and with a sensitive look at the artistic context, the challenge was launched with the need to analyze the power relations existing between religion, women and folia. How was this relationship structured in the past? What are the developments between women and their agencies today? What are their leadership possibilities that are already legitimized, that will project a feminine future at the Folia de Reis express themselves as the essential demands of this research. To reflect, four groups of Folia de Reis leopoldinenses were used: Folia da Serra, Folia dos Colodinos, Folia da Maú and Folia da Luíza. What are the paths taken by the leaders, or allowed, that are denied to others kept at the margins of power? Would these paths be so diverse religiously based? What mythological legitimations and prohibitions, representative of a structure of thought, were imposed on the restraint or impetus of the autonomous agency of women in this scenario? Such questions aroused a rhizomatic investigation, which demanded an analysis based on the gender category that is only allowed at the intersectionality. Therefore, they were investigated religions, mythical structures, submission, and female leadership in different contexts. Contexts, however, with the same devotion to the Santos Reis. It is possible to notice aesthetic and artistic similarities between the groups. However, the dynamics of power and religious belonging imply differentiations of: identities, attitudes, choices and ways. It is the tensions and resignifications of these paths that we seek to follow and reveal their causes and consequences, which are shown and expressed in a cultural tradition devoted to santos peregrinos.

Keywords: Folia de Reis. Woman. Religiosities. Female agency.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Comida do almoço de Santos Reis da Folia da Maú	43
Figura 2 - Orientação da Secretaria de Estado da Cultura sobre os documentos necessários para o registro da folia	44
Figura 3 - Registro de reunião da Folia da Maú, que definiu as funções que cada membro da diretoria do grupo assumiria	44
Figura 4 - Atestado de funcionamento da folia liberado pela Prefeitura de Leopoldina.....	44
Figura 5 - Ata da Reunião da Folia da Maú	44
Figura 6 - Palhaço MJ salvando o Presépio na casa de um devoto	62
Figura 7 - Cruzeiro feito de moedas e notas na casa de Matilda e oferecidas ao palhaço Robinho	62
Figura 8 - Bandeira da Folia da Serra, e detalhe da imagem, vinda de Portugal segundo os foliões e datada de 1816	72
Figura 9 - Detalhe de fitas da bandeira da Serra. Pode-se ler na primeira fita: Maria Pires Francisco. E na fita central: Que os Três Reis nos ilumine. Pedro, Francisca, Josiane, Jamile, (ilegível) e família, 2012	74
Figura 10 - Detalhe de fitas da bandeira da Serra. Pode-se ler: ... do Oriente. Lembrança de Ivone e família.....	74
Figura 11 - Detalhe de fitas da bandeira da Serra, pode-se ler: Lembrança dos Três Reis Magos. 02.01.12. Jacira Bastos	75
Figura 12 - Gráfico que relaciona taxa de analfabetismo, sexo, faixa etária e situação domiciliar.....	94
Figura 13 - Presépio montado na Igreja da Serra, para receber a visita da Folia da Serra no dia de Reis. A seta vermelha aponta para Baltazar de pé mais próximo da manjedoura e a seta azul mostra um Rei Branco de joelhos ofertando seu presente	113
Figura 14 - Presépio fotografado na casa de devoto que recebe a Folia da Maú. Neste presépio pode-se notar Baltazar, enfatizado pela seta vermelha, de joelhos diante do Menino	114
Figura 15 - Homem ensinando o menino como tocar o triângulo no dia da Entrega da Bandeira da Folia da Luíza.....	135
Figura 16 - Menino praticando o conhecimento recém-adquirido sob a tutela do homem .	135
Figura 17 - Na imagem aparecem 3 foliões afrodescendentes na Folia dos Colodinos, mas existem mais 1, que está mais a frente no cortejo, tocando cavaquinho. Todos jovens.....	142

Figura 18 - Folião da Folia da Maú tomando conta dos pequenos foliões durante pausa do grupo.....	145
Figura 19 - Folião da Folia da Serra cuidando dos pequenos foliões no Festival de Folia de Reis das Palmeiras.....	145
Figura 20 - Lúcia apresenta a Folia mirim do Arrasta Couro no Festival de Folia de Reis das Palmeiras	147
Figura 21 - Presença de crianças e jovens na Folia da Serra dos Barbosas.....	147
Figura 22 - Público no Cruzeiro dos Santos Reis, em Recreio – MG.....	150
Figura 23 - Foliões de frente da Folia da Maú e ela própria, com os organizadores do evento, em frente ao Presépio. 2016	151
Figura 24 - Diante do altar do centro de Joãozinho, o palhaço, que neste dia brincava na Folia da Maú, pede proteção aos santos e entidades, deitado no chão em sinal de respeito, reverência e humildade.....	154
Figura 25 - O palhaço desmascarado salva os santos e entidades do altar de Joãozinho com versos. Ao seu lado direito a bandeira da Folia da Maú repousa em lugar de destaque	154
Figura 26 - Espaço dedicado aos Exus no centro de Joãozinho. Na parede é possível contemplar uma máscara de palhaço da Folia, e paralela a esta parede havia outra exposta	155
Figura 27 - No cento do peji, em local de destaque junto às outas imagens e oferendas às entidades, compõe o ambiente uma miniatura do palhaço da Folia de Reis, com sua farda volumosa e colorida, máscara assustadora com traços animais e capacete enfeitado de fitas	155
Figura 28 - Andreia de joelhos, recebe a bandeira em casa novamente, encerrando o giro de 2018/2019.....	163
Figura 29 - Mãe segurando a criança no alto para que ela veja a performance do palhaço. A garotinha se diverte batendo palmas para o mascarado da Folia dos Colodino, que não lhe mete medo. Fonte: acervo pessoal.....	188
Figura 30 - Bandeireira da Folia dos Colodinos. (à esquerda)	201
Figura 31 - Maú oferecendo a Bênção da Bandeira ao seu filho (à direita)	201
Figura 32 - Luíza com a Bandeira de sua folia à frente do grupo	201
Figura 33 - Fé e devoção diante da bandeira da Folia da Serra. (à esquerda)	205
Figura 34 - Ex-devota amarrando dinheiro na bandeira da Maú.....	205
Figura 35 - Mulher beija bandeira dos Colodinos na missa do Dia de Reis.....	205
Figura 36 - Dona da casa e folião preparando a mesa da comunhão.....	221

Figura 37 - À esquerda foliões se servindo e à direita assistência se servindo	222
Figura 38 - A mulher que aparece em segundo plano segurando a bandeira foi a responsável nesse dia por conduzir o momento de oração no Cruzeiro da Serra das Virgens. Em primeiro plano, um folião depois da cantoria, se ajoelha diante das cruzes com as velas acesas, e demonstrando respeito e devoção presta a sua homenagem aos mortos	231
Figura 39 - À esquerda as três mulheres que oferecem a comunhão, enfileiradas diante da mesa posta no Centro do Joãozinho	248
Figura 40 - À direita uma delas oferece o vinho ao folião em primeiro plano e ao fundo outra oferece o pão ao sanfoneiro	248
Figura 41 - Mulheres do setor dos serviços da Folia da Luíza fazendo o almoço da Entrega da Bandeira.....	249

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Posições rituais e hierarquia dos foliões na Folia de Reis.....	48
Tabela 2 - Etapas rituais da visita padrão da Folia de Reis e seu desenvolvimento.....	50
Tabela 3 - Quadro que compila os eixos de deslocamento feminino no âmbito das folias e os elementos facilitadores e dificultadores da agência da mulher relacionados a cada eixo. Os eixos foram organizados em ordem decrescente de propensão aos deslocamentos femininos	219
Tabela 4 - Relaciona as categorias de folias e seus exemplares, o ranking de disposição para as mudanças, quais mudanças ocorreram ou não, os elementos decisivos para que ocorressem, as justificativas para tais alterações ou permanências e a pertença religiosa de cada grupo exemplar	234
Tabela 5 - Relação entre categorias de análise, suas representantes, cargos e funções assumidos por elas e setores que ocupam na estrutura da Folia de Reis	250
Tabela 6 - Relação dos tipos de folionas que se inserem em cada tipo de Folia.....	253
Tabela 7 - Relação dos obstáculos enfrentados pela folia para permanecer no contexto contemporâneo e suas estratégias de controle e permanência.....	315

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1ª parte <i>O que ficou do que se foi</i>.....	31
Capítulo 1 Presente real	31
1.1 A serviço.....	31
1.2 Os rituais	46
1.3 As sabedorias	54
Capítulo 2 Passado Ideal	66
2.1 A serviço dos Santos Reis	67
2.2 Os rituais de Santos Reis	78
2.3 A sabedoria de Santos Reis	89
2.4 As narrativas de Santos Reis	105
2ª parte: <i>O que virá do que se é</i>	119
Capítulo 3 Mudanças Presentes	119
3.1 A serviço do que se move	120
3.1.1 Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna	120
3.1.2 A mobilidade a serviço da imobilidade	130
3.2 Os rituais cambiantes	133
3.2.1 Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna	134
3.2.2 A mobilidade a serviço da imobilidade	140
3.3 As sabedorias transitantes	152
3.3.1 Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna	153
3.3.2 A mobilidade a serviço da imobilidade	160
Capítulo 4 Futuro Ideal	165
4.1 A serviço do que virá	166
4.2 Os rituais que virão ou que virarão?	176
4.2.1 Quem tem medo de mulher?	177
4.2.2 Quem tem medo de criança?	188
4.3 As sabedorias: o poder nas mãos de quem?	193
3ª parte: <i>O mundo que se move</i>	206
Capítulo 5 Folia: um substantivo cada vez mais feminino.....	206
5.1 Deslocamentos e Permanências: a dinâmica das folias e os eixos de deslocamento	207
5.2 Mulher e folia: relação antiga, novas perspectivas.....	219

5.3 Tipos nada ideias: perspectiva de atuação feminina na folia	235
Capítulo 6: Religião: um substantivo cada vez mais feminino	255
6.1 Mobilidade e Imobilidade: a dinâmica das religiões e a agência das mulheres	255
6.2 Mulher e religião: relação antiga, novas perspectivas	281
Conclusão	310
REFERÊNCIAS	319

Introdução

O giro das saias! O termo que intitula esta pesquisa se mostra plurivocamente interessante para descrever a experiência de mulheres na Folia de Reis, em uma perspectiva de movimento, virada e transformações que irradiam e tomam espaço no contexto em que se inserem. Giro tem um triplo sentido no título: se refere à ideia de movimento, de algo que se opõe ao estático, imóvel e fixo, se atrela à transmutação, substância e condição da tradição e da cultura viva, que se transformam e se ressignificam constantemente, justamente para se manterem ativas e aderidas ao contexto social no qual se inserem. Além disso, também traz a ideia de virada, como se em um giro se acesse o outro lado da moeda. Se a folia não aceitava a participação feminina, neste trabalho explano sobre esse movimento de virada, quando a contribuição delas passa a ser aceita. Em alguns grupos essa virada já foi consolidada, em outras, o movimento é conduzido lentamente, em um processo de resistência pacífica e por vezes velada à estagnação. Em seu terceiro sentido, giro aqui também se refere ao giro¹ da folia, o tempo e período da manifestação. Quando se fala no giro das saias se pensa em um giro das mulheres, liderado por elas, no qual elas comandem o giro, ou seja, partícipes, atuantes e relevantes na manifestação, na estrutura ritual. Saia como palavra representativa do feminino, atrelada ao giro, age no título com o sentido de amplitude de raio. Quanto maior a saia maior o alcance, maior o raio de ação, maior o espaço que toma. Ou seja, quanto mais mulheres atuando nas folias, quanto maior a força de atuação delas, maior o alcance dessas mudanças, seja no âmbito de atitudes ou de pensamento, que viabilizam uma desconstrução e reconstrução de condutas culturais. O giro da saia constrói a imagem de uma irradiação de movimento, do centro até as margens. Como quando se joga uma pedrinha no rio e quanto ela toca a água o efeito visual é de camadas sucessivas de reverberação, mais forte no centro e se diluindo à medida que se afasta dele. Isso metaforicamente remete ao alcance do modelo, como essas mulheres atuantes servem como exemplos para outras mulheres e folias, mostrando que a participação feminina no grupo é possível, benéfica e não fere nenhuma determinação mítica que fundamenta a festa. Quando mais pedrinhas forem lançadas, mais as águas se agitarão e serão gerados círculos que se encontram formando pequenas ondas, que não vão permitir que as águas fiquem paradas. Que o vento do giro de uma saia possa movimentar outras, que estas não resistam ao balanço e se coloquem em movimento também,

¹ Giro é o nome que se dá à jornada da Folia de Reis em si e o período da manifestação da festa, que se inicia geralmente no dia 24 de dezembro e termina dia de Reis, 6 de janeiro. Em algumas folias o giro é estendido até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

inspirando mais outras, e que todas juntas possam se movimentar ao sabor do vento uma das outras.

Discutir como se dão as relações de gênero no interior da Folia de Reis como uma expressão cultural, artística e religiosa de caráter androcêntrico, se mostra como um desafio interdisciplinar, que requer no mínimo o diálogo entre gênero, cultura e religião. Gênero, enquanto categoria analítica, apresenta grande transversalidade, permitindo articular outras áreas de saber. Nesta pesquisa “gênero deixa de ser percebido como ‘tema’ e ganha o status de uma perspectiva de análise que perpassa quaisquer temas, possibilitando outros olhares para as ‘realidades’ sociais” (BELELI, 2013, p. 638). Dessa forma, na análise engendrada neste estudo, o gênero transitará no contexto religioso e cultural da Folia de Reis e buscará refletir acerca da importância das mulheres nesse cenário, percebendo-o como um espaço de permanências e transformações. Dessa forma, a partir dessa categoria de gênero, é possível observar de maneira crítica as relações de poder e as hierarquias que se apresentam como dados da natureza (AMMICHT QUINN, 2012, p. 21) e, portanto supostamente imutáveis. Buscando questioná-las, tensioná-las, permeando as fissuras por onde emerge a presença feminina, desestabilizando paulatinamente uma estrutura patriarcal pretensamente perene. O objetivo central das análises balizadas pela categoria gênero seria colocar em evidência um sistema de relações de poderes pautado no papel social, político e religioso de nossa realidade sexuada (GEBARA, 2000, p. 105). Desvelar o funcionamento mantenedor da ordem social e religiosa das relações entre homens e mulheres, justamente para eventualmente mudá-la, reinventá-la, desconstruí-la, para reconstruí-la a partir de uma nova ótica pautada pela justiça, pela igualdade e pelo respeito às diferenças (GEBARA, 2000, p. 105). Por isso, usar o gênero enquanto instrumento de análise das relações sociais se mostra útil e eficaz no sentido de desvelar “a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica” (GEBARA, 2000, p. 104).

Importa frisar que a categoria gênero não pode ser universalizada, pois ela não daria conta sozinha da análise da experiência dos inúmeros grupos de mulheres. A categoria ajuda a perceber a dinâmica das relações de poder, entretanto ela não deve ser encarada como um conceito absoluto capaz de analisar todas as opressões vivenciadas pelas mulheres (GEBARA, 2000, p. 104). Por isso a importância de um viés interseccional. Percebendo que as análises precisam ser transversalizadas e permeadas por fatores outros que possam viabilizar uma leitura mais precisa da realidade de cada indivíduo. Scott (1992, p. 88) sinaliza que

a categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade dos anos 80 trouxe à tona alegações múltiplas que desafiaram o significado unitário da categoria “mulheres”. Na verdade, o termo “mulheres” dificilmente poderia ser usado sem modificações: mulheres de cor, mulheres judias, mulheres lésbicas, mulheres trabalhadoras pobres, mães solteiras, foram apenas algumas das categorias introduzidas. Todas desafiavam a hegemonia heterossexual da classe média branca do termo “mulheres”, argumentando que as diferenças fundamentais da experiência tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada. A fragmentação de uma ideia universal de “mulheres” por raça, etnia, classe e sexualidade estava associada a diferenças políticas dentro do movimento das mulheres.

Tal concepção baliza a reflexão em torno do contexto da Folia de Reis, para perceber que as mulheres negras, umbandistas e de classe menos favorecida economicamente vivenciam uma realidade diferente das mulheres brancas, católicas de classe média. E embora todas façam parte de Folias de Reis de Leopoldina, enfrentam desafios diferentes em seus contextos para se inserirem, serem aceitas e suas contribuições valorizadas.

Ivone Gebara (2000, p. 106) alerta que a reflexão a partir da categoria gênero traz à tona uma questão teopolítica, ou seja, a “questão das consequências históricas induzidas pelos discursos teológicos. Esses discursos não são neutros: são influenciados pelas realidades históricas, pelas ideologias e pelos jogos de poder nos quais nasceram e foram interpretados.” Discursos teológicos esses que sustentam a estrutura de gênero da folia e que são assumidos e repetidos pelas mulheres, ao mesmo tempo como sujeitos da exclusão e fonte mantenedora e propagadora da mesma, pois estão inseridas em uma estrutura patriarcal englobante, estruturante e institucionalizada, onde nasceram, cresceram e vivem. Embora essa reprodução não seja taxativa e imperativa em todos os momentos, pois a própria estrutura inclui brechas e pontos de resistência, onde essas mulheres também atuam e se tornaram o motivo desta pesquisa. O contexto social se apresenta como um campo de tensões e contradições pujantes, e nas entranhas de suas dicotomias se abrem campos de análise ricos, híbridos e prenes de significados.

A Folia de Reis, apresentando essa mescla de crenças, própria do Catolicismo Santorial² ao qual pertence, tende a articular influências de diversas crenças e religiosidades, difusas em sua manifestação. Sobretudo as de matriz africana, pois o passado da cidade é marcado pelo sistema escravocrata. De acordo com o site oficial do município, em 1883 chegou a apresentar o segundo maior número de escravos da província de Minas Gerais. O que

² Religião híbrida e plástica, que admite a influência de crenças e religiosidades outras. Caracteriza-se pela relevância do leigo e pelas festas dedicadas aos santos, nas quais sagrado e profano se misturam e convivem em um mesmo espaço e tempo.

pode esclarecer a presença de traços culturais africanos junto às manifestações populares em Leopoldina, como na Folia de Reis, na qual essa influência se mostra efetiva. As contribuições admitidas nesse contexto influenciam a dinâmica dos giros de alguns grupos, como os locais a serem visitados e/ou reverenciados, e também as crenças e atitudes de seus componentes. Dessa maneira, seria relevante questionar se tais influxos também não seriam capazes, de algum modo, influenciar na percepção dos foliões sobre a presença feminina nos giros. Para compreender como isso poderia ocorrer, faz-se necessário antes clarificar a ideia acerca do papel de filhas, esposas, vizinhas, comadres e tantas outras figuras femininas muitas vezes esquecidas ou invisibilizadas no contexto androcêntrico da Folia de Reis.

A partir disso, esta pesquisa se delinea observando a trajetória de inserção paulatina das mulheres nessa manifestação popular e analisando a importância de figuras femininas nas folias leopoldinenses. Atentando também para a forma como os foliões percebem, analisam e entendem a presença feminina na dinâmica da folia e em posição de liderança.

Os grupos selecionados apresentam perfis distintos. Essa diversidade possibilita traçar uma comparação de como se deu/dá a participação das mulheres nesse contexto inicialmente dominado pelos homens. Assim, se mostra relevante seguir uma perspectiva de compreensão do lugar e do papel das mulheres nos diferentes contextos, através da comparação das folias selecionadas e suas particularidades. Quatro grupos foram escolhidos como colaboradores desta pesquisa: Folia dos Colodinos, Folia da Serra, Folia da Maú e Folia da Luíza.

A Folia dos Colodinos, antigamente conhecida na cidade como Folia do Juca Colodino, carrega a identidade do patriarca da família, quem criou a folia e a deixou como herança a seus descendentes homens, os quais levam adiante em direção à posteridade sua fé e o respeito à bandeira. Porém, o aprendizado sobre a dinâmica e sabedorias da Folia de Reis foi articulado e centralizado por uma mulher, Belmira, que não recebe o mesmo prestígio e visibilidade do marido Juca. Esse grupo é de grande relevância no cenário urbano de Leopoldina e região, embora sua origem seja rural. Está entre os grupos mais conhecidos da cidade. Sua importância e visibilidade são tamanhas que todos os anos, no dia 6 de janeiro é convidado a participar da missa de Reis na Igreja do Rosário, que se encontra completamente tomada pelos fiéis que ansiosos esperam a atuação dos foliões no templo. Após a missa, acontece na Praça da Igreja a performance do palhaço.

A Folia dos Medeiros, popularmente conhecida como Folia da Serra, é um dos mais tradicionais e antigos grupos de Leopoldina. Este se concentra na Serra dos Barbosas, zona rural do município. Segundo os foliões, há mais de 200 anos o grupo sai em jornada em

adoração à bandeira, cuja imagem dos Três Reis é a mesma desde 1816. Todos os integrantes são do sexo masculino e excluem veementemente a participação ritual das mulheres no cortejo. Saem em jornada entre os dias 1 e 6 de janeiro, no último dia realizam a homenagem às almas no Cruzeiro da Serra das Virgens e participam todos os anos, no dia 20 de janeiro, do Festival de Folias das Palmeiras, região próxima à Serra dos Barbosas.

Esse grupo apresenta uma interessante relação com o passado escravocrata da cidade. A narrativa mitologizada que sustenta o ritual de cantoria no Cruzeiro da Serra das Virgens revela a consolidação da influência africana no imaginário popular, com a sua relação de respeito com os mortos e possibilidade de comunicação. O Catolicismo Santorial híbrido e de liderança leiga, está presente e bastante forte na Serra dos Barbosas. Ao fim do ritual no Cruzeiro, uma mulher assume a liderança momentânea, profere algumas palavras e chama todos a rezar as orações pai-nosso e ave-maria, pelos escravos mortos no local, pelos foliões já falecidos, e pelos que estão em giro. E em seguida, na Igreja de São Sebastião³, ocorrem os rituais de encerramento da festa.

Não de menor relevância, porém menos conhecida na cidade, é o Grupo Folclórico Estrela do Oriente, liderado por Marluce e por isso identificado como Folia da Maú. Esse grupo tem sua origem na periferia da cidade, no bairro Nova Leopoldina e se mostra como o elo entre o catolicismo e a religiosidade de matriz africana de forma mais clara e efetiva. Maú e seus familiares que tocam na folia são umbandistas. Geralmente, na madrugada do dia 19 para o dia 20 de janeiro, cantam em centro de Umbanda. A tradição se redefine de acordo com a realidade dos participantes. Como todos trabalham e só podem sair em cortejo nos finais de semana, estendem o giro até o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade de Leopoldina. Entregam a bandeira, ou seja, encerram o giro, não no dia de Santos Reis como manda a tradição, mas continuam a jornada até o feriado religioso, dia em que podem realizar a festa de encerramento como manda a tradição, com uma grande festa e um farto almoço que não tem hora para acabar.

Na Folia da Maú a presença feminina é eminente, nela os papéis das mulheres são definidos em seus ritos. A tradição aponta que as mulheres não deveriam fazer parte do grupo de folia, embora sempre marcassem sua presença, em funções de suporte ao ritual. Todavia, jamais saíam em jornada com os homens. Maú vem modificando essa tradição, sendo ela não uma integrante qualquer, mas a dona da folia durante 20 anos. Até mesmo Raíssa, sua neta de apenas quatro anos, recebeu o uniforme e entrou para o grupo na função de Coroação e

³ A igreja São Sebastião, localizada na Serra dos Barbosas, foi fundada em 1925 pela comunidade. Segundo a placa afixada na parede externa da construção, o terreno foi doado pelo Antônio L. Neto.

Descoroação⁴. Além disso, na Folia da Maú outras mulheres estão inseridas no ritual da Entrega da Bandeira, mais especificamente no momento da Comunhão. As mulheres que oferecem a comunhão aparecem como figuras de fundamental relevância no ritual. E o trabalho que desempenham nos bastidores da festa, também não passa despercebido, recebendo o carinho e gratidão dos foliões que cantando agradecem o empenho de todas as cozinheiras e colaboradoras. Dessa forma, a dedicação das mulheres é reconhecida e valorizada pelo grupo liderado por Maú.

Outro grupo que conta a liderança feminina em Leopoldina é a Folia da Luíza. Também concentra seus giros na periferia da cidade. Localizada na mesma região da Folia da Maú, também é composta majoritariamente por foliões e folionas Umbandistas. Luíza, assim como Maú, era uma figura feminina de referência em sua comunidade, concentrando em si a capacidade de liderança burocrática e religiosa, sempre atenta à dinâmica do grupo, dirigindo de forma holística. Na véspera de Natal, ou seja, um dia antes do início dos giros das folias, Luíza veio a falecer. Sua primogênita assumiu a direção do grupo e do seu centro de Umbanda, onde já vinha atuando de maneira mais efetiva. Porém, sua direção se configura nos bastidores, não sendo frequente sua presença no cortejo, como fazia Luíza. Quem substituiu a figura de mãe no cortejo atualmente é a amiga Regina, presente como percussionista do grupo desde o primeiro ano. Assim como a matriarca possui experiência como mãe-de-santo e, portanto, apta a resolver problemas de ordem espiritual.

Esses quatro grupos apresentam a tradição cultural, histórica e religiosa mantida e reinventada pela Folia de Reis em Leopoldina. Foliões, folionas, devotos e devotas, detentores de fontes inesgotáveis de saberes populares, se encontram nas áreas rurais e urbanas do município, legitimando a existência, continuidade e remodelagem dessa tradição. Dessa forma, a fim de se compreender e interpretar as relações de gênero existentes no interior dessa manifestação popular e mostrar a importância invisibilizada da mulher como mantenedora e propositora da festa, foram analisadas as ressignificações e permanências do contexto devocional da Folia de Reis, observando as pertencas religiosas dos foliões e folionas. Assim, analisar os deslocamentos do papel, função e lugar femininos assumidos nas diversas folias, se apresenta como o objetivo primeiro desta pesquisa, traçando paralelos de análise

⁴ Coroação é o ritual realizado no primeiro dia de giro, na noite do dia 24 de dezembro, no qual os foliões recebem as coroas e a partir daí são sacralizados e considerados representantes legítimos dos Reis Magos. No último dia, é realizada a Descoroação, na qual são retiradas dos foliões as coroas, assim eles voltam à sua condição profana. Em ambos os rituais os foliões recebem a bênção da Bandeira para a sua proteção.

comparativa e tipológica para se compreender a dinâmica dos contextos e a agência feminina em cada um deles.

Em relação à metodologia aplicada, a pesquisa consiste de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (1998), os estudos exploratórios e descritivos visam a busca de informações apuradas a respeito de grupos, instituições, sujeitos ou situações caracterizando-o e evidenciando um perfil. Escolheu-se a abordagem qualitativa por ser caracterizada como tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados. Este delineamento do estudo possibilita ao pesquisador uma maior familiaridade com os dados e problemas deste, além de permitir uma análise dos diversos aspectos que permeiam a pesquisa (RICHARDSON, 1999). Dessa forma, foram observadas as performances e atuações de cada grupo de componentes dentro e fora do ritual, homens e mulheres, e traçar comparações, estabelecendo níveis de relevância na promoção da festa.

A performance como um ato artístico, só se completa diante do observador, este assume um papel fundamental como parte integrante da obra e da festa. O observador neste caso não apenas assume uma postura contemplativa na festa diante da performance, mas interage com o performer. E não raramente se torna também um experimentador, adentrando o espaço da arte de um modo físico e pleno, por exemplo, no momento da chula do palhaço, no qual a interação entre performer e plateia faz por vezes, dissolver a divisa entre os papéis. Quando a criança se aproxima do mascarado e dança com ele no meio da roda⁵, ou quando ele puxa uma senhora para sambarem juntos, e ela muito à vontade mostra todo o seu talento com o corpo⁶, ou quando eu mesma danço com o mascarado em meio a risos e brincadeiras⁷. Dessa forma, e também como plateia, que oferece dinheiro, se diverte, pede a mazurca, a assistência⁸ participa ativamente da festa. Como ela é parte fundamental no evento, tanto quanto os foliões e os devotos, pode-se dizer que o pesquisador fazendo parte dessa plateia, atento ao seu objeto de pesquisa e ao mesmo tempo inserido nele, realiza uma observação participante.

⁵ Situação observada e filmada em janeiro de 2011, com o palhaço Robinho da Folia do Colodinos, no Bairro São Cristóvão, periferia de Leopoldina.

⁶ Situação observada e filmada em 20 janeiro de 2013, com o palhaço Rodrigo da Folia da Maú, no Bairro Nova Leopoldina, periferia de Leopoldina.

⁷ Dancei com Palhaço Robinho, na casa da Matilda, no Bairro Boa Sorte, zona rural de Leopoldina, dia 04 de janeiro de 2017.

⁸ Chamam de assistência a plateia, público que assiste a manifestação e performances dos foliões e palhaços.

Com a observação participante o pesquisador experimenta pessoalmente o fenômeno que se propõe a estudar e o contexto que o cerca, para interpretá-los e compreendê-los da forma mais adequada possível de acordo com o mundo simbólico no qual se inserem. O conceito de cultura que interessa nesta pesquisa é o conceito semiótico de cultura apresentado por Clifford Geertz como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” (2008, p.10). Diante disso, o pesquisador deve estar atento a essa teia de significações e suas possíveis análises. Deve ter sempre em mente que a fonte do conhecimento antropológico é a realidade social e o trabalho do etnógrafo é realizar uma descrição densa, portanto não só descrever, mas interpretar e compreender essa realidade e o material simbólico que ela compreende em busca de seus significados (GEERTZ, 2008, p.12).

A partir da observação participante o pesquisador tem a possibilidade de “dominar, pela vivência, a linguagem e os códigos que orientam o comportamento coletivo e atribuem sentido e plausibilidade às experiências que lá são observadas” (PROENÇA, 2008, p.31). Para tal, é necessário se inserir no contexto social do evento pesquisado. Observar e registrar todos os dados coletados que julga relevante naquele momento, de acordo com seu roteiro prévio de observação. O pesquisador prepara um roteiro, mas não deve se tornar refém dele, é preciso estar aberto às manifestações do fenômeno e deixar-se envolver. Mas sempre atento ao distanciamento necessário em relação ao objeto para que se possa chegar o mais próximo possível da imparcialidade desejada, mesmo ciente de que “independentemente do tipo de fonte utilizada para a pesquisa, sempre haverá um grau de subjetividade e um direcionamento intencional na investigação a ser feita” (PROENÇA, 2008, p.25) pois as próprias fontes, sejam elas escritas ou orais, sempre estão marcadas por certa parcialidade. Wander Proença (2008) assevera que para elaborar este roteiro assim como para realizar o cruzamento de dados coletados com os já adquiridos, é preciso ter um conhecimento prévio a respeito do objeto de pesquisa. Conhecer as regras próprias do campo religioso em questão, assim como as suas especificidades, auxilia a observação participante (PROENÇA, 2008, p.30-31). Dessa maneira, teoria e prática devem andar de mãos dadas nesse processo metodológico tão generoso com o pesquisador do campo religioso brasileiro. Proença (2008) ao revelar os benefícios que o método pode trazer à pesquisa, ressalta que a observação participante é

um caminho metodológico fértil ao pesquisador de segmentos religiosos no Brasil contemporâneo, por permitir maior inserção no imaginário da crença, revelando mais profundamente os mecanismos e as lógicas que regem seu funcionamento, atenuando desta forma a margem de interpretações precipitadas ou superficiais no trabalho investigativo (PROENÇA, 2008, p. 15).

Mais relevante que descrever o ritual da folia é interpretá-lo e compreender a importância dessa festa na vida das pessoas envolvidas, na construção de suas identidades e na configuração dos papéis masculinos e femininos e, sobretudo na dinâmica estabelecida em torno das relações de poder que se articulam no contexto da festa religiosa.

Ao trilhar uma etnografia sobre grupos de Folia de Reis em Leopoldina, foi preciso tomar ciência de que a interpretação e a observação participante se mostram fundamentais nesse processo. O percurso etnográfico com base na observação participante vivenciado no decorrer desta pesquisa, teve seu início em 2010 quando comecei a analisar a folia academicamente para a produção do trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Teatro e Dança na Educação e mais tarde dando continuidade no mestrado em Ciência da Religião. Foram 9 dezembro e 9 janeiro participando de muitos giros, Coroações e Descoruações, Entregas de Bandeira. Durante 9 anos conversando com inúmeros foliões, devotos e assistências, entrevistei pessoas relevantes e aprendi a olhar ativamente e não só ver passivamente. Segundo Alvares (2012) ver pressupõe alteridade e autonomia do visível em relação ao vidente, como elementos absolutamente separados, em que o primeiro se impõe sobre o segundo como uma realidade inteiriça, totalidade acabada. Enquanto o olhar pressupõe fusão, entrelaçamento e interação entre o que é observado e o observador, em que este percebe lacunas, fragmentações e esquiva-se da totalidade arbitrária da submissa visão. Pois “olhar é um ato potencialmente doador de sentido” (ALVARES, 2012, p.113). E o mais instigante no trabalho de campo é perceber que o campo se nega ao esgotamento, pois não é preciso buscar novos contextos ou lugares para se tomar novos dados, basta mudar o olhar, o foco, trocar as lentes. Além disso, mesmo que o campo lhe pareça familiar, ele sempre traz novas impressões, porque é vivo e o olhar é continuamente afetado pela fusão entre vidas. Não raramente o observador participante está na busca do invisível, que apreende no trabalho de garimpo de significados em meio ao excesso de informações, que desvelam sentidos sob as aparências (ALVARES, 2012, p.111).

Assim, a observação continua se mostrando como a principal ferramenta da etnografia, e a entrevista seu complemento mais ou menos indispensável (BEAUD; WEBER, 2007, p. 118).

Dessa forma, apresenta-se a proeminência da observação no método etnográfico em busca do invisível e do inefável:

Acredito que a observação participante em festas (e talvez não apenas nela) possa nos ajudar a produzir uma “etnografia do não dito”, ou seja, daquilo que não é expresso através de formas verbais – seja porque não deve ser enunciado, seja porque se encontra incorporado, naturalizado – mas que mesmo assim é realizado, e que só se torna passível de explicitação a partir

de um confronto, ou uma interação entre um observador externo ao grupo e o próprio grupo (MENEZES, 2012, p. 63).

Nesse ponto a autora coaduna com Beaud e Weber (2007), enfatizando que a observação muitas vezes se mostra tão importante quanto as entrevistas de variadas fontes ou numerosa bibliografia sobre o assunto, sem claro dispensar estas ferramentas relevantes na pesquisa. Rita Amaral (2012) contribui nesse sentido com a seguinte afirmação: “obviamente, dados de maior fiabilidade se obtêm observando as festas pessoalmente, seguindo, em importância, as descrições e análises publicadas em teses, livros, periódicos e documentos acadêmicos, além dos depoimentos diretos dos participantes” (AMARAL, 2012, p. 77).

Refletindo sobre a percepção do não dito através da observação, pode-se afirmar que o corpo, o gestual, os símbolos, os objetos rituais, o próprio ritual, o ambiente, o clima, a emoção, a fé, o respeito, a devoção, tudo isso faz parte desse complexo grupo do “não dito”, grupo que fala por si só sem a necessidade de ser verbalizado. Aliada à observação deve sempre estar a interpretação. Como afirma Geertz (2008) a pesquisa antropológica não é mais observadora que interpretativa. É importante perceber que o essencial para se compreender um acontecimento particular não está dito e sim implícito, insinuado como uma informação de fundo que é preciso captar (GEERTZ, 2008, p.7). O autor assevera que é preciso estar atento ao comportamento, “pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 2008, p.12). E muitas vezes o que é para o nativo óbvio ou naturalizado, não há espaço em suas falas, pois para ele já está dito, porque explícito. Além disso, para Geertz (2008) colocar o nativo no contexto de suas próprias banalidades torna esse quadro mais acessível ao pesquisador sem perder o que há de singular nesta cultura. Acrescenta que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 2008, p.10).

Destarte, é preciso “buscar as relações entre o universo do discurso sobre a festa e a realidade não verbal;” (AMARAL, 2012, p. 74). Por isso o trabalho de campo é privilegiado e a lógica dos informantes, tão importante ser considerada. Gebara (2000, p.122) assinala sobre a relevância de se ter consciência enquanto pesquisadora, de que a história “pequena”, a história de nossas mães, de nossas ancestrais e a história de nossa própria vida têm lugar importante no desenrolar da História. Até porque muitas das mulheres pesquisadas, em vários aspectos, estão numa cadeia de continuidade com outras mulheres que as precederam, ou estabelecendo rupturas com as mesmas. Sendo nesse sentido, imprescindível observá-las em suas tarefas, acontecimentos, dinâmicas do dia a dia da folia. Para, através de um olhar ativo,

perceber tais continuidades e rupturas nas entranhas do cotidiano, onde a lógica da opressão se manifesta de maneira naturalizada, e de tão evidente, não percebida. Assim, não mais serão invisibilizados os intensos trabalhos dos bastidores desenvolvidos por elas, aqueles que ninguém vê, mas sem eles a folia simplesmente não sai em giro, ou não entra em cena.

O cotidiano, e particularmente, o cotidiano das mulheres, aparece como um lugar em que a história se faz e onde as formas mais variadas de opressão e de produção do mal se manifestam sem serem suficientemente reconhecidos. Sem dúvida elas sempre estiveram presentes, mas nossos olhos não eram capazes de vê-las (GEBARA, 2000, p.122).

Nesse contexto as entrevistas também são de suma importância. Através delas pode-se perceber o alcance de uma fé compartilhada, os interesses que cimentam a relação de devoção e os papéis sociais assumidos por homens e mulheres e que articulam a rede de relações necessárias na promoção da festa. As entrevistas aliadas a outros dados, tanto históricos quanto empíricos, auxiliam na análise da festa e de seu contexto circundante. E como afirmam Beaud e Weber (2007), “Por certo, algumas entrevistas aprofundadas, isoladas, não bastam (...). Devem inserir-se num conjunto pertinente de dados etnográficos (dados de contextualização histórica e geográfica, dados estatísticos ligados a seu tema, observações diversas)” (BEAUD, WEBER, 2007, p.120). Em forma de entrevistas ou em conversas espontâneas com foliões, folionas, devotos e devotas, foram recolhidas informações valiosas acerca da festa e do ritual. Além disso, pode-se perceber a preferência religiosa do entrevistado e se a sua pertença influencia de algum modo, mesmo que de maneira indireta, a construção de seu pensamento acerca da inserção da mulher na folia.

Geertz (2008) ressalta a importância da conversa em pesquisa etnográfica: “O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles” (GEERTZ, 2008, p.10). O que não necessariamente se dirige somente às entrevistas. É procurar não tornar-se um nativo, tampouco copiá-lo, mas apreender o seu contexto cultural e obter subsídios para interpretar o sistema entrelaçado de signos que é a cultura e descrevê-lo com densidade. Para Geertz (2008)

a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p.10).

Para a coleta de dados foram realizadas exclusivamente para esta pesquisa 7 entrevistas, 6 mulheres e 1 homem. Sem contar as conversas informais, de onde retirei base para muitas das observações, análises, sínteses e posteriormente conclusões. Além disso,

utilizei excertos de entrevistas realizadas anteriormente, para a dissertação de mestrado e Trabalho de Conclusão de Curso da especialização. Como o contato com alguns foliões já foi estabelecido e até mesmo, estreitado, o acesso a essas fontes não foi difícil.

A fim de compreender a estrutura do grupo através do olhar das mulheres, suas crenças, histórias e posicionamento diante da participação feminina, primeiramente quis realizar entrevistas somente com mulheres, para dar voz a esses sujeitos que na maioria das vezes não são ouvidos, principalmente quando o assunto é Folia de Reis. Seguindo as orientações de Musa Dube-Shomanah (1998, p.70) articulei as entrevistas com base no que ela chama de Estrutura Espírito-Oral que pode se configurar como “um espaço criativo, onde as mulheres articulam as suas próprias palavras sagradas de sabedoria, afirmadoras-da-vida e libertadoras”. Tal estrutura inclui a “escuta atenta das múltiplas vozes oprimidas e empatia com elas” (DUBE-SHOMANAH, 1998, p. 70). A autora explica que “a história das mulheres e as palavras sagradas ficaram na maior parte sem registro, embora sempre tenham sido articuladas” (DUBE-SHOMANAH, 1998, p. 70). Portanto, minha pesquisa seria um espaço privilegiado de narração feito por vozes femininas, explicitando suas experiências, sentimentos e emoções. “O narrar tem um grande poder de comunicação, pois por meio da narração as pessoas podem também se projetar dentro da experiência. Eis porque a narrativa é uma forma de recriar história” (CRUZ, 2013, p. 13).

Porém, no decorrer da pesquisa percebi que não era possível alijar os homens desse processo. Pois sempre que marcava uma entrevista com uma das mulheres e chegava em suas casas, um homem estava não só por perto, mas de fato acompanhando e participando ativamente das entrevistas. O que denota um dado importante: mostra o quanto os homens se sentem responsáveis e detentores de um saber tido como propriamente masculino, que é a Folia de Reis. E, portanto, sentem e julgam ser imprescindíveis suas presenças, não só como forma de colaboração, mas em alguns casos também como uma vigilância, monitoramento velado dos interditos, daquilo que não pode ser falado por ser segredo, tabu ou por respeito a uma hierarquia na qual elas estão na base. As únicas entrevistas em que um homem não estivesse ao lado foi com a Matilda e Regina, pois não são casadas. O homem que estava por perto de Matilda era um empregado, mesmo não participando ativamente como os outros, foi chamado por Matilda para confirmação de um dado do qual ela não se lembrava exatamente. Maú esteve acompanhada por Zezé, que só teceu elogios à agência da esposa na folia. Luíza, acompanhada pelo genro, que se manteve afastado enquanto a foliona estava contando sua história de vida, mas se aproximou logo que começamos a falar do estatuto da Folia da Luíza. Cássia e Lúcia estavam acompanhadas por seus maridos. E cabe ressaltar que quanto mais

vigilantes pareciam os pares masculinos, mais resistentes e críticas eram as posturas das mulheres. Nesse sentido, as mulheres da Serra, marcadas por um contexto de exclusão ritual, se mostraram as mais doloridas e notoriamente insubmissas a seus cônjuges, por mais estranho que possa parecer para quem vê de fora e julga ser um contexto de subalternidade feminina alarmante em todos os âmbitos, o que não confere com a realidade. As incursões masculinas nas entrevistas foram até bem vindas, inclusive, muitas delas foram aproveitadas na pesquisa. Mas foi um imprevisto que não pude controlar. Para não ser indelicada ou mal interpretada e perder a confiança de minhas colaboradoras e colaboradores, que me receberam com tanto carinho, preferi não impedir as contribuições masculinas. Também senti a necessidade de conversar com Aurélio, da Folia dos Colodinos, que me explicou sobre os benefícios de ter mulheres como componentes do grupo. E quem primeiro me falou sobre a estrutura mítica que corroborava para a presença de mulheres no cortejo. Por fim, “as análises a partir do GÊNERO nos ajudaram a evitar dois grandes perigos: o primeiro é considerar o masculino como normativo para a humanidade (androcentrismo) e o segundo é crer no assexualismo da atividade científica” (GEBARA, 2000, p. 104). Portanto, as contribuições masculinas foram aceitas, mas não sem as devidas problematizações.

Dessa forma, a pesquisa de campo foi construída a partir da análise antropológica da manifestação, com base na observação participante, interpretação das entrevistas, aliada à pesquisa bibliográfica, que as embasou teoricamente.

A tese se estruturou em 3 partes. A primeira e segunda partes se apresentam a partir de um viés mais etnográfico, a partir da descrição densa e baseada nas falas das mulheres entrevistadas. Nesses quatro capítulos as entrevistas se mostraram preponderantes para se evidenciar a estrutura de pensamento, a opinião delas sobre o seu papel definido no seu contexto, como esse papel pode ser deslocado, como sua rigidez e imutabilidade são construídas e não um dado fixo no tempo e no espaço, como estabeleceram suas lutas em torno da participação feminina mais efetiva no contexto da Folia de Reis, como se atreveram a liderar grupos e se inserir nas esferas rituais e dos saberes, agenciando também seus poderes nos espaços reservados tradicionalmente somente aos homens. Esses capítulos não somente descritivos, mas também de análise das vivências etnográficas e das falas das mulheres, são cruciais para apresentar o contexto estudado, compreender como se dá a organização social e cultural expressa nas falas, nas festas, nas narrativas míticas, e proporcionar ao leitor uma imersão e aproximação da manifestação e das pessoas que a fazem. Mesmo ciente do caráter inefável de descrever uma vivência cultural estabelecida, experienciada, festejada, conversada, gargalhada e devocionada há cerca de uma década a partir da imersão nas Folias

de Reis de Leopoldina, proponho tentar levar o leitor a sentir o que senti estando perto dessas pessoas e experimentando suas sabedorias e generosidade. Abrindo para quem lê as portas que abriam para mim, acolhendo o leitor com os abraços com que me acolheram, para que ele possa sentir o sabor da broa com café, do cachorro quente com suco, da janta feita com capricho para os Santos Reis, dos doces da sobremesa e até da água fresca separada em muitas garrafas pet que invadiam a geladeira da dona da casa à espera dos foliões, nas noites suadas e encaloradas de dezembro e janeiro leopoldinenses. A tarefa é árdua, pois a beleza da fé e da festa não se revela para as retinas, nem pode ser descrita, por mais palavras e páginas que se disponham nessa empreitada, só sentida e vivenciada. Mais difícil ainda é perceber e admitir criticamente que nesse contexto de aconchego e afetos não existe só beleza, e que todo seu brilho pode ofuscar e escamotear relações de poder que se alimentam das assimetrias de gênero, de hierarquias opressoras e tradições religiosas de caráter androcêntrico que se querem perenes. Mesmo assim decidi assumir tal tarefa, expor minhas alegrias, vergonhas, incompreensões e crenças. Tudo para que além de contar histórias, possa rever a história e compreender o caminho que ela trilha e até, quem sabe, ajudar a atrai-la para o caminho mais igualitário e justo.

A primeira parte intitulada *O que ficou daquilo que não se foi* se constitui pelos dois primeiros capítulos, 1 -Presente Real e 2- Passado Ideal. Objetiva apresentar a realidade atual da folia e perscrutar como essa realidade se estrutura sobre um passado rico e pleno de histórias vividas. Um passado muitas vezes idealizado pelas mulheres entrevistadas, visto como melhor, mais organizado, no qual as pessoas tinham mais envolvimento com a religião. A ideia é perceber através das falas qual era a ordem quando tudo estaria em ordem.

No primeiro capítulo a intenção foi apresentar etnograficamente a Folia de Reis na atualidade. Como se estabelece hoje os três setores que nesta pesquisa foram adotados como a primeira estratégia de organização didática do fluxo de informações advindas do campo generoso de pesquisa. O setor dos serviços, onde todo o pré-evento se administra para que o setor ritual seja possível se estabelecer, o setor ritual onde as performances artísticas se preenchem de devoção e o setor das sabedorias responsável por esse preenchimento, pela blindagem espiritual dos e das participantes e para levar a bênção por onde passa a folia. Tanto o setor dos serviços quanto o das sabedorias convergem para o ritual, onde a parte visual da festa se manifesta. À primeira vista, pode-se pensar que o setor ritual seja o de maior relevância, já que atrai a atenção e cuidados dos outros setores e de todo o público, agenciando o encontro dos três setores em si mesmo. Por outro lado, hierarquicamente pode-se pensar que o setor das sabedorias possa ser o de maior importância, pois sem ele a festa

não passa de uma performance artística esvaziada de devoção e objetivo, sem o suporte da esfera religiosa que estrutura a folia. Mas quando se imerge no contexto da festa se pode notar que performances artísticas e sabedorias, nada seria possível ser mostrado e agraciado se não fosse o intenso trabalho do setor dos serviços. As sabedorias agem sobre os rituais e os rituais se estabelecem sobre a estrutura preparada pelos serviços, donde se conclui que o setor dos serviços é a base que sustenta toda a festa.

Dessa forma, o primeiro item intitulado *A serviço* se preocupou em descrever esses serviços prestados principalmente pelas mulheres nesse setor. A partir da etnografia da atuação da Folia da Luíza em 2017, o grupo e a dinâmica de uma jornada da folia são apresentados. Neste item a dinâmica da preparação do evento na Folia da Maú também é explorada. No segundo item, *Os rituais*, foi possível descrever a estrutura do ritual, função dos atores rituais e hierarquia a partir da etnografia e das entrevistas com mulheres. No terceiro item, *As sabedorias*, se perscrutou os saberes secretos que conduzem e mantêm a folia. Buscou-se as informações acerca de quem sabe e de onde sabe, e se são conhecimentos atribuídos de acordo com o gênero ou não.

O segundo capítulo se inicia com o item *A serviço dos Santos Reis*, no qual se traçou um breve histórico sobre a mulher e o feminino desde a Antiguidade até os dias atuais, mostrando um ideal construído culturalmente e não biologicamente, ou através de um biológico culturalizado. A partir daí discutiu-se a tentativa de invisibilizar a mulher até nas funções culturalmente impostas a elas. O segundo item, *Os rituais de Santos Reis* tratou de analisar os conceitos de memória coletiva, grupo de referência, apego, reconhecimento e reconstrução, a partir de Halbwachs e utilizá-los para compreender a estrutura de pensamento e fala das mulheres entrevistadas, além de abordar um ponto importante sobre a luta das mulheres da Serra na aquisição de um direito apenas, que no seu cenário é uma grande conquista. O terceiro item, *As sabedorias de Santos Reis*, se ocupou de contar a história de mulheres que sabiam demais, e das sabedorias dos mestres que vai muito além dos versos. Embora a proposta inicial de estrutura da tese fosse seguir a composição tríade dos capítulos etnográficos, de acordo com os 3 setores que balizam a discussão de campo, o segundo capítulo demandou mais um item, *As narrativas de Santos Reis*, pois elas são preponderantes tanto para os rituais quanto para as sabedorias. Na impossibilidade de escolher em qual setor as narrativas míticas seriam mais necessárias, criou-se um quarto item somente para elas, dada a sua importância na estruturação e expressão da cultura local, que se baseia e também reflete a tradição e o contexto social em que elas são criadas, recriadas e demandadas. Assim, suas

descrições análises não deveriam ser limitadas dentro de um espaço destinado a outras discussões não menos relevantes.

A segunda parte intitulada *O que virá do que se é* se debruça sobre a percepção das mudanças em torno do contexto da folia comparando passado e presente e das projeções para o futuro.

O terceiro capítulo, *Mudanças presentes*, subdivide-se em 3 itens destinados a uma discussão cuidadosa sobre os deslocamentos no setor dos serviços no primeiro, *A serviço do que se move*, as alterações ocorridas no ambiente ritual no segundo item, *Rituais cambiantes*, e as trocas de mãos das sabedorias no terceiro item *Sabedorias transitantes*. Entretanto, não só as mudanças são significativas como também as permanências são repletas de significados. Diante disso, fez-se necessário subdividir ainda cada item em 2 subitens. O primeiro intitulado *Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna* se ocupa em elencar as alterações ocorridas no setor em questão em contraste com o que se manteve. O interesse se volta para os motivos das mobilidades e imobilidades em cada setor. O segundo subitem, *A mobilidade a serviço da imobilidade*, busca mostrar quais alterações foram suscitadas para alcançar a estabilidade dos grupos, como estratégias de permanência no cenário cultural leopoldinense, ou para a manutenção de posições, funções e imaginário. No setor dos serviços se analisa como ações bem intencionadas se revelam em determinados contextos como veículos reprodutores de uma ordem opressora, trata de homenagens às mulheres dedicadas à folia, e sua análise em cada contexto. O mesmo subitem no setor ritual apresenta alterações positivas para a manutenção da manifestação, ressaltando a liderança e participação femininas. E no âmbito das sabedorias mostra que uma mudança em relação às folias católicas revela uma manutenção em relação às umbandistas, evidenciando a contribuição das mulheres no campo das sabedorias e o peso de permanência do termo ou título de mãe da folia.

O quarto capítulo busca mostrar as projeções para o futuro da Folia de Reis em Leopoldina e a participação crescente das mulheres nesse contexto, com base da análise do presente e do passado. No primeiro item, *A serviço do que virá*, se questiona por que justamente no setor dominado pelas mulheres, o setor dos serviços, as mudanças ocorrem de maneira tão lenta ou simplesmente não ocorrem.

Para falar de futuro é preciso perceber como se prepara a base, ou seja, as crianças. O item que discute as projeções no setor ritual, *Os rituais que virão ou que virarão?*, se subdivide em 2. No subitem, *Quem tem medo de mulher?*, se avalia o que as mulheres entrevistadas acreditam sobre o futuro das folias a que pertencem e se elas se veem

representadas no futuro por outras figuras femininas, mais numerosas e empoderadas ou não. Discute-se também a prática das elogiosas permanências ou afetuosas reproduções, que são os elogios sobre as mulheres, mas que escamoteiam na amabilidade das palavras uma profunda e complexa estrutura sexista de pensamento, tanto de quem fala quanto de quem ouve se sentindo agraciada. Como as crianças foram a via de ingresso das mulheres no ritual é necessário perscrutar também em que nível se dá a preparação delas. No segundo subitem *Quem tem medo de criança?* se analisa quais são incentivadas a participarem da folia em cada contexto estudado, quais funções são consideradas adequadas a cada criança, quais fatores influenciam em sua permanência ou evasão da folia, enquanto crianças e mais tarde enquanto jovens. Na preparação para o futuro da folia por meio dos pequenos a questão de gênero é sentida de maneira forte nas 4 folias analisadas, porém de maneira diferente em cada uma delas. E o terceiro item *As sabedorias: o poder nas mãos de quem?*, evidencia que as mulheres já estão preparadas para adentrar esse setor, e já o agenciam com autonomia e destreza em algumas folias. Mostrando que a fonte de conhecimento das sabedorias não é única e não depende necessariamente passar pelo mestre.

A terceira parte da tese, *O mundo que se move*, de caráter analítico, tem como base a discussão de como o mundo feminino move a religião e nela se movimenta. Para isso, inicia o capítulo 5 *Folia: um substantivo cada vez mais feminino*, com uma análise sobre os eixos de deslocamento pelos quais as folias pautam suas mudanças. O item 5.1 *Deslocamentos e Permanências: a dinâmica das folias e os eixos de deslocamento* observa se as mulheres e suas agências fazem parte de maneira decisiva nessas categorias ou tipos de deslocamentos, analisando como os elementos facilitadores e refreadores das mudanças se articulam, tornando o eixo mais ou menos afeito às mudanças estruturais em favor da atividade feminina. O item 5.2 *Mulher e Folia: relação antiga, novas perspectivas* trata de criar tipos ideais de folias e traçar um ranqueamento de quais tipos seriam mais abertos às mudanças em relação ao papel e posição da mulher nas esferas de visibilidade e poder da folia. Esses tipos, mesmo não conferindo com a realidade social em sua pureza ideal, facilita a compreensão do contexto social e se estabelecem na pesquisa como estratégias de análise. Retirando o excesso de camadas de realidade e reunindo em categorias apenas as características essenciais de folias que se apresentam no campo de pesquisa, foi possível visualizar quais grupos estavam mais avançados no processo de abertura à agência feminina e perceber a relação de cada tipo com os eixos de deslocamento em que ele se pauta. O terceiro item, 5.3 *Tipos nada ideais: perspectiva de atuação feminina na folia*, também trabalha com os tipos ideais. Traça tipos ideais de folionas e se lança na análise de como tais tipos se posicionam diante dos tipos de

dominação criados por Weber, encontrados no contexto dos grupos. Interessa perceber como esses tipos de folionas, que questionam ou acatam tipos de dominação, se relacionam com os tipos de folias que por sua vez são pautadas por tipos de eixos de deslocamento por onde se movimentam. Dá-se então uma trama de tipos ideais, que se articulam, se tocam, se aliam, se contrastam e lançam luz sobre a análise do campo social complexo e submerso em teias de significação e de poder que se sobrepõem em camadas às vezes inacessíveis sem um instrumental facilitador.

O último capítulo *Religião: um substantivo cada vez mais feminino*, se debruça sobre a análise dos campos religiosos por onde transitam as mulheres e que permeiam a estrutura de pensamento e conseqüentemente de ação das folias, foliões, folionas, devotos, devotas e assistência. O primeiro item intitulado *Mobilidade e Imobilidade: a dinâmica das religiões e a agência das mulheres*, se ocupa de apresentar e discutir a estrutura organizacional de cada religião com as quais as folias estudadas se identificam, perscrutando o histórico de cada uma, desde o seu surgimento até os dias atuais, e analisar qual a atuação das mulheres nesses espaços. Foram analisados o Catolicismo Santorial, que arregimenta todos os grupos, o Catolicismo Institucional que orienta duas das folias estudadas, e a Umbanda que sustenta as outras duas folias. O item *6.2 Mulher e religião: relação antiga, novas perspectivas*, é pautado pela discussão sobre como e se as religiões analisadas dão espaço para o empoderamento feminino no interior das instituições ou campos de atuação e por que isso ocorre.

A partir deste momento, ciente do que irá encontrar nas próximas páginas em relação ao tema central da pesquisa, os métodos e estratégias utilizados em seu desenvolvimento e o que traz cada parte e capítulo, o leitor já pode se lançar à imersão nesse campo espinhoso e afetuoso, onde os espinhos acariciam e machucam simultaneamente, em um misto de dor e prazer que se assemelha ao próprio processo de pesquisa. Agora o leitor pode entrar no giro das saias e deixar se envolver em um enlace de harmonia e vigor dos seus movimentos.

1ª parte *O que ficou do que se foi*

Capítulo 1: Presente real

Neste primeiro capítulo, de caráter predominante, mas não exclusivamente descritivo, apresento através do olhar de mulheres ligadas às Folias de Reis estudadas e representantes femininas das mesmas, a realidade atual dos grupos e o contexto no qual se inserem, as dificuldades apresentadas e os desafios para se manter as tradições. Pode-se dizer de um capítulo analiticamente descritivo ou descritivamente analítico. Assim, é de fundamental relevância situar o leitor acerca da festa, sua definição, hierarquia estruturante e o contexto da folia de um modo geral. Dessa forma, ele imerge no universo da folia conhecendo seus principais ritos, compreendendo os objetivos e o meio, explorando toda lógica e imaginário que permeiam a festa de Reis.

Apesar de situar o leitor, em um primeiro momento, ampliando seus conhecimentos sobre tema abordado, o que de fato norteia a discussão desse capítulo é a necessidade de enfatizar as funções destinadas a homens e mulheres nos diferentes setores que compõem a estrutura do folguedo. Tais como o âmbito organizacional, responsável pelos bastidores da festa, que se empenha na estrutura organizativa e administrativa do evento, o conjunto ritual, que se designa à parte ritualística e, portanto à estrutura de culto e o universo da sabedoria que mantém a estrutura ideológica, setor que detém o poder que se atribui a determinadas pessoas que apresentam certas habilidades com o que pode ser chamado de plano espiritual.

Destarte, além de situar o leitor, o capítulo desvela a questão da construção e consolidação dos papéis e funções de gênero dentro da folia. A base para a descrição dessa questão se revela através das narrativas das mulheres, que partem de suas próprias experiências de vida. Portanto, as narrativas das mulheres se fundamentam em perspectivas muitas vezes forjadas e cristalizadas pelo meio em que vivem e assim são inseridas na cultura e imaginário da festa de forma naturalizada, como se fosse assim mesmo, ou às vezes sem perspectivas de alteração por não considerarem essa possibilidade como viável. Porém, quando questões de mudanças hipotéticas são levantadas, a reflexão é incitada como um gatilho. A partir daí então, é possível analisar as relações de poder que permeiam esse contexto a partir da análise da categoria gênero.

1.1 A serviço

Neste primeiro item cabe elencar as funções de quem assume o setor organizacional da festa, ou seja, as ações e os atores que se empenham para que a Folia de Reis continue seus giros. Ao setor dos serviços cabe todo trabalho preparatório anterior ao giro, é o conjunto de todos os serviços que antecedem a jornada e são indispensáveis à realização da mesma. Todas as funções que compõem o pré-evento, como a confecção e manutenção dos uniformes dos foliões e fardas dos palhaços, confecção, ornamentação e manutenção da Bandeira, decoração, afinação e manutenção dos instrumentos musicais, construção e o combinado prévio do roteiro das visitas do giro de cada ano, organização financeira e compra de tudo que será utilizado durante esse período e a produção da comida, estão inseridos nesse setor. Faz parte desse setor na atualidade tanto pessoal ligado diretamente ao grupo como familiares, vizinhos e amigos que auxiliam na produção da festa, como também profissionais pagos para concluir determinada função, como na parte da costura, por exemplo. Todas as práticas que se inserem na organização do evento e quem as assumem serão aqui elencadas, este é o setor das ações invisibilizadas e indispensáveis para a realização da festa. Nesse sentido, importa aqui descrever este setor observando os papéis de gênero: quem se define onde? A quem é atribuída determinada função?

Para embasar essa discussão caberia de antemão explicar a ideia de gênero como uma categoria analítica que sedia a argumentação. Embora ela seja abordada mais adiante em outros momentos da tese, principalmente no capítulo 5, não seria exagero já apresentá-la de forma sucinta neste momento, para que o discurso seja pautado por essa reflexão inicial. Primeiramente importa dizer que conceituar ou definir o que se entende por gênero não é uma tarefa fácil ou simples, dada a complexidade da categoria e visto que gênero não denota um ser substantivo, mas uma relação contextual. Judith Butler (2017, p. 32-33) o afirma “como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” Por outro lado a autora alerta: “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, 2017, p.56). Nesse sentido, Butler (2017, p.69) aponta a existência de uma estrutura reguladora, que com o tempo faz com que o produzido pareça ser dado naturalmente: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Para a autora não basta

evocar que gênero é algo construído e não dado a priori, é necessário exprimir o caráter fazedor e nunca acabado, sempre em processo, “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra” (BUTLER, 2017, p.56), por isso “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2017, p.56). Diante desse cenário, não há como não tratar também das relações de poder que se colocam como centrais no processo de divisão das tarefas na folia, que seguem uma definição de gênero imposta por essa estrutura reguladora altamente rígida expressa por Butler (2017).

Para refletir sobre poder, primeiro é importante estar claro que o poder é relacional. Portanto, aqui não se trata de perscrutar o “Poder”, maciçamente posto em bloco e como ele se manifesta hierarquicamente nas relações entre homens e mulheres nas folias, mas observar os sujeitos no interior dessas relações. Nesse sentido, é preciso considerar que o poder é um ato, o poder é exercido uns sobre os outros (FOUCAULT, 2009, p.13), e não algo a parte que exista para além da sociedade, “as relações de poder se enraízam no conjunto da rede social” (FOUCAULT, 2009, p.17). Por isso torna-se emergente analisar os sujeitos nessa rede de governos, prescrições de condutas e comportamentos atribuídos, neste caso, a partir das relações de gênero.

Importa ressaltar que relações de poder se pautam pela liberdade, por mais contraditório que isso possa parecer. A liberdade é ao mesmo tempo uma precondição de existência do exercício de poder, um pilar de sustentação, e um elemento de tensão, de provocação permanente. Segundo Foucault (2009, p.14) o poder não se manifesta sem a liberdade, pois na sua ausência o que se manifesta é uma relação física de coação e não de poder, como na escravidão. Apesar do poder não ser da ordem do consentimento, tem neste uma condição ou instrumento, para que se mantenha ou mesmo exista. Foucault (2009, p. 15) assevera:

no centro da relação de poder, ‘provocando-a’ incessantemente, encontra-se a recalcitrância do querer e a intransitividade da liberdade. Mais do que um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar em um ‘agonismo’ – de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta.

Assim sendo, sem a liberdade a relação de poder não se instala, porém ela é também o elemento opositor a um exercício de poder que tenda a determiná-la inteiramente (FOUCAULT, 2009, p. 15). Nesse sentido, se mostra então o campo das lutas e consequentemente das estratégias de poder e de confronto. As estratégias de poder se definem

como mecanismo e meios utilizados para fazer funcionar ou manter um dispositivo de poder (FOUCAULT, 2009, p.18), que no caso da folia veremos adiante, são várias, de aparatos míticos a significações, deveres e restrições ditos tradicionalmente imutáveis. A esta pesquisa interessa bastante a ideia do ponto de inversão em dada relação de poder, que se encontra na zona limítrofe, habitada pela insubmissão da liberdade, entre a realização e a suspensão do exercício do poder. Aí se impõe a estratégia de luta. Foucault (2009, p. 18) afirma que

no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma ‘insubmissão’ e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistências, sem escapatória ou fuga, sem volta eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir. Cada uma constitui para a outra uma espécie de limite permanente, de ponto de inversão possível.

Nesse ponto de inversão se situa o sentimento de desconforto das mulheres em ficarem alijadas dos processos de visibilidade da folia e se constituem as estratégias de confronto que almeja tornar-se relação de poder, pois “entre a relação de poder e estratégia de luta, existe atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua” (FOUCAULT, 2009, p. 19).

A partir das ideias de performatividade de gênero desenvolvida por Butler (2017) e de relações de poder e seus desdobramentos apontadas por Foucault (2009), é possível nortear a observação do papel e trajetória das mulheres nas folias e entorno delas a partir das vivências etnográficas.

A Folia da Luíza é uma boa via para se discutir o atual cenário da Folia de Reis em Leopoldina. Através da vivência etnográfica com seu grupo e com base nas entrevistas realizadas, pode-se compreender como nasce uma devoção, como o sentimento de gratidão a mantém e como ela se desenvolve ao ponto de surgir um grupo em homenagem aos Santos de devoção da matriarca. Outra folia que pode oferecer a esta pesquisa o suporte relevante no que tange à análise da realidade dos grupos de folia hoje, é a Folia da Maú. Através de conversas informais, entrevistas gravadas e observação dos giros, é possível analisar os papéis de gênero que aparecem naturalmente na linguagem verbal e não verbal das entrevistadas.

A Folia da Luíza é um grupo bastante novo, o que reflete o potencial auto renovador da festa. O grupo Anjo Rafael, fundado por Luiza no dia 11 de novembro de 2009, nasce segundo a foliona, como uma brincadeira que deu certo. Sem pretensões maiores, como uma forma de mesclar fé e gosto, devoção e diversão. Mas logo a brincadeira exigiu algo mais, documentos e registros oficiais para prosseguir sem problemas as ruas e vielas de Leopoldina. Foi criado então um estatuto para a Folia da Luíza, que define as regras do grupo, e registrada com o nome Folia Anjo Rafael, embora todos a conheçam e se refiram a ela como Folia da

Luíza. Por ser uma folia nova, reflete as preocupações burocráticas e legais que permeiam a vida em sociedade na atualidade.

Em entrevista, Luíza conta sua história de vida, evidenciando como nasce sua crença nos Três Reis. Desde a mais tenra idade ela já tinha contato com Folia de Reis. Sua mãe era devota dos santos e fazia parte de uma equipe que preparava todos os anos o almoço dos Santos Reis para a Entrega da Bandeira da folia de um vizinho. Todos os seus irmãos homens foram foliões, seu tio era folião. Então tanto a manifestação quanto a fé nesses santos, eram naturais em sua vida. Foram absorvidos sem o esforço de um aprendizado formal, de maneira branda e natural. É possível notar que sua mãe fazia parte do setor dos serviços dentro da organização da folia e seus irmãos no setor de ritual. Essa divisão de funções se deve basicamente a uma divisão de gênero. Pois não se trata do que cada um sabe fazer, pois certamente os homens de sua família em algum momento foram ensinados a tocar os instrumentos, atividade que sua mãe ou a própria Luíza também poderiam ter aprendido para fazer parte do ritual. Ou seja, a função de cada um na folia não tinha nessa época, relação com o nível de devoção, mas sim com os papéis de gênero.

Na infância Luíza ainda não era devota, ou seja, acreditava no poder dos Três Reis, pois foi educada nesse contexto, mas ainda não rendia homenagens aos santos e sua fé ainda não se manifestava em pedidos e promessas. Foi se tornar já adulta, em um momento de aflição. O marido de Luíza desapareceu, a deixando com três filhos para criar sozinha. Sua filha mais velha tinha apenas 8 anos quando o pai os abandonou, e o mais novo, aproximadamente 2 anos. Nessa época Luíza foi morar em um cômodo no quintal de sua irmã. Em apenas um cômodo ela tinha cozinha, quarto e banheiro, onde viviam ela e os três filhos. Ela conta que ela era tão pobre que procurava nos lixos a sola de chinelos que estivessem em bom estado e juntava com as correias de outros, para ela e as crianças terem o que calçar. Tinha dia em que não tinham o que comer. Segundo a foliona foi um tempo muito difícil, pois além de toda a dificuldade financeira pela qual passava, sua irmã na época tinha problemas com alcoolismo, e às vezes chegava de noite ou madrugada fazendo barulho, acordando as crianças e brigando com ela.

Foi nesse momento em que ela pensou consigo mesma: “minha mãe tinha tanta fé nos Três Reis, era tão devotada, será que eles também não poderiam me ajudar?” Ela conversou com os santos com muita fé e disse que se eles a ajudassem a cuidar de seus filhos em um lugar melhor e que fosse dela, ela receberia e ofereceria alimento a qualquer folia que batesse

em sua porta por sete anos. Já no ano seguinte conseguiu sair do quintal de sua irmã. Mudou-se para um terreno que ela ganhou e onde construiu uma casinha pequena.

A primeira folia que bateu em sua porta depois da sua promessa foi uma folia de crianças. Como grupos de criança não gozam de tanta credibilidade, por às vezes serem encaradas mais como brincadeira e não como devoção, Luíza quase não abriu a porta. Mas se lembrou da promessa que dizia qualquer folia. Então recebeu as crianças, fez todo o ritual e ofereceu suco aos pequenos foliões. Nos anos seguintes, sua situação financeira foi melhorando e até conseguiu comprar o terreno onde mora hoje. Nele construiu duas casas e um quarto: uma casa nos fundos, na qual mora atualmente, e outra na frente, onde sua filha mora. Esta possui uma varanda ampla, na qual realiza a Entrega da Bandeira todos os anos. Ao lado de sua casa, Luíza construiu um quarto de oração, onde funciona seu centro de Umbanda. E sobre a sua casa, almejava construir, uma casa para o seu filho. E continuou recebendo todas as folias que apareceram por todos esses anos, para além dos 7 anos citados na promessa. Hoje então ela possui dois terrenos com as casas e um carro, que ela diz que é velho, mas é um carro.

Criou seus três filhos sozinha, e segundo ela, acabou de criar mais um, que hoje tem 28 anos. Há 6 anos adotou uma criança, que a mãe biológica entregou a ela quando ainda estava em seu ventre com 6 meses de gestação. Com isso ela dá o seu testemunho e explica como nasceu a sua devoção aos Santos, aos quais sua mãe dedicava tanta fé.

Depois de muitos anos, com seus filhos todos adultos, em uma conversa de família com filhos e filhas, genros, netas e netos, nasceu a ideia de se montar uma folia. Luíza aceitou, mas achou que não daria certo, pelo menos naquele ano não, pois já era outubro e eles não tinham nada. Em entrevista Luíza e Bento, seu genro, explicaram como nasceu a ideia:

Luíza: Nós todo junto conversano... pela minha fé

Bento: foi uma brincadeira...

Luíza: Cumeçaro a brincá cumigo qui nós vamo montá uma fulia. Mas é o tal negócio, né?! Dá tempo, né? (risos)

Bento: depois do dia 24 você vê muita fulia aqui em casa. A gente gosta muito de fulia. Aí a dona Luíza foi e brincô cum a gente ali, que tava sentado, olhano, pensano no que a gente ia fazê, no final do ano. Aí ela falô: “ô gente, qui ceis acha deu montá uma fulia?” Aí eu olhei pu meu cumpadre, olhei pro Capacete, Sô Fi tava aqui embaixo da varanda... ah eu topo! Uai então vamo montá.

Luíza: Eu achei que não ia dá tempo, tava muito em cima...

Bento: “Ceis topa memo?” Topo. “Então quem vai arrumá os negócio?” Se a senhora fô arrumá a Bandeira, nós corre atrás dos instrumento.⁹

⁹ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

Nessa conversa se percebe a divisão de tarefas já na origem do grupo. A mulher ficou com a responsabilidade de confeccionar o objeto sagrado e os homens foram em busca dos instrumentos. Uma reprodução por área de afinidades do que já se tinham costume de fazer, como designou Butler (2017), uma sequência de atos repetidos dentro de uma estrutura reguladora que faz parecer naturais performances criadas e construídas a todo tempo e não dadas como feitas prontas e acabadas. A Bandeira é um símbolo ritual de grande relevância, pois sem ela, a Folia sequer inicia uma jornada, e a ela se fazem todas as reverências, sua figura tem poder. Mas sua confecção entendida como trabalho de mulher, que faz parte do setor de serviços, não se localiza toda a importância que o símbolo alcança no ritual.

Assim Luíza arranhou uma estrutura para a bandeira, comprou tecido, tinha uma imagem bordada dos Santos Reis, costurou os enfeites e estava quase pronta. Levou em uma igreja para ser benta e o símbolo sagrado da folia já poderia sair em jornada, agora sim pronto. Interessante notar que, mesmo sendo umbandista e mãe-de-santo, confia também no poder da bênção de um sacerdote católico sobre o objeto que tinha o dever de ser taumaturgo. Na agência de uma visão de quanto mais bênção melhor! Carlos Rodrigues Brandão (2007, p. 266) analisa que no “mundo dos católicos de foice e viola, a fronteira entre religião e magia tem contornos pouco definidos. Por isso, “pedir” no saravá não é pecado, mas equivale a usar um recurso a mais”. Nesse cenário é perceptível que sua análise não vale somente para os católicos, mas também para os umbandistas que cruzam as fronteiras porosas das religiões para garantir os recursos a mais de proteção.

No setor dos serviços pode também se inserir hoje as questões burocráticas e legais referentes à Folia de Reis. A documentação atualmente é importante por conta da autorização que a prefeitura concede aos grupos registrados de tocar música em bairros residenciais após às 22 horas. A regulamentação burocrática não era uma preocupação antigamente, quando as folias caminhavam pela zona rural sem o aval das autoridades legais, porém com o consentimento da própria comunidade, que considerava a festa algo inerente ao calendário anual da região. Além disso, na zona rural, às vezes as casas não eram tão próximas umas das outras como na cidade, a ponto da cantoria em uma residência incomodar os vizinhos. A própria dinâmica da área rural no passado não pregava essa ideia de individualidade, privacidade, como se apresenta hoje, como um valor moderno, propagado e inserido em nossas vidas. Sem essa autorização hoje a folia pode ser impedida de tocar caso a polícia seja acionada. Bento afirma que certa vez um colega, dono de outra folia, foi até à casa de Luíza

pedir sua documentação emprestada, pois a polícia foi chamada e seu grupo não tinha autorização e nem registro. Bento diz que nem toda folia possui a documentação correta e completa como a da Luíza, que na verdade é uma minoria que possui tudo organizado. E que apesar da Folia da Luíza ser a caçula da região, é a única que não falta nenhum documento. Essas questões burocráticas também fazem parte do setor de serviços, mas não coube à Luíza resolver, também ficou na reponsabilidade dos homens da diretoria da sua folia. Mais uma vez os homens resolvendo assuntos da esfera pública enquanto a mulher se ocupa das questões da esfera privada. E se reproduz essa antiga e atual dicotomia. Que por vezes é reforçada, mas outras vezes questionada na zona de tensão existente nas relações de poder afirmada por Foucault (2009) onde o ponto de inversão pode ser alcançado.

Quando entrei em contato com Luíza explanando meu interesse em acompanhar o giro de sua folia no ano de 2017, ela falou que sairia na noite de 6 de janeiro, já que seu grupo só faz a Entrega da Bandeira¹⁰ somente no dia 20 de janeiro. Questionei se sairia também no dia 4 ou 5, mas se esquivando reafirmou a data sugerida anteriormente. Acabei marcando de acompanhar a Folia dos Colodinos no dia 5 de janeiro. Para chegar à primeira casa a ser visitada pelos Colodinos, passei perto da casa de Luíza e vi que seu grupo saía para o giro no dado momento em que passei. Ela queria que eu fosse ao dia 6 e não no dia anterior. No dia 6 as visitas não seriam em Leopoldina e sim em Tebas; o roteiro do Dia de Reis foi traçado por Luiz Cláudio, vice presidente da Folia da Luíza; as casas visitadas eram de famílias que possuíam melhor condição financeira. Acredito que por se tratar de visitas fora da cidade, isso transmitiria a ideia de ser uma boa folia. Pois se tem convites de fora, isso quer dizer que ela é conhecida, respeitada e bem quista em Leopoldina e região, mesmo se tratando de uma folia bastante nova nesse cenário. Acredito que ela queria que eu observasse, filmasse e fotografasse o que, em sua opinião, considerava de maior valor.

Traçar o roteiro da folia também é uma tarefa do setor dos serviços. São também os homens da diretoria que na Folia da Luíza são os encarregados de definir quantas e quais casas serão visitadas em cada noite. Luiz Cláudio é um pesquisador que possui alguma influência e contatos na região. Já o conhecia de vista, sempre presente fotografando a Entrega da Bandeira da Folia da Maú. Sua ligação estreita com a Folia da Luíza se dá pelo fato de Dona Antônia, a cunhada de Luíza, trabalhar durante sua vida inteira na casa dos pais

¹⁰ Entrega da Bandeira é o nome da festa de encerramento do giro de cada ano, composta por rituais específicos como o Perdão do Palhaço, a Bênção da Bandeira e a Descorção dos foliões. Geralmente é uma festa muito emocionante para os participantes. E como qualquer encontro da folia, com fartura de comida.

de Luiz Cláudio, e depois do falecimento dos idosos, ele não dispensou os seus serviços. A família dele também ajudou o filho de Luíza a completar os estudos e tirar carteira de motorista, o que lhe propiciou o emprego que tem hoje. Luíza demonstrava grande gratidão por eles. Por estar sempre presente, e gostar de fotografar folias, Luiz Cláudio acabou se tornando parte da direção do grupo. Foi assim que ele traçou o roteiro do dia de Santos Reis em Tebas. As casas visitadas neste dia não eram de famílias humildes, onde geralmente as folias estão habituadas a bater. Uma das visitas foi na casa de um vereador da cidade que tinha acabado de voltar de uma breve temporada na praia. Talvez, por serem famílias mais abastadas, Luíza tenha pensado que seria melhor eu filmar e fotografar esses locais.

Minha mãe e eu chegamos no horário marcado em frente à casa de Luíza, mas como é costumeiro em grande parte das folias, esperamos até que todos os integrantes chegassem. Depois que todos chegaram, fizeram a retirada da bandeira em uma casa vizinha e partimos.

O setor dos serviços não só constrói o roteiro, mas também planeja como os foliões chegarão ao destino pensado. No meu carro acomodaram-se Seu Sérgio (irmão mais velho de Luíza) na frente, minha mãe, Dona Antônia, Luíza e a filhinha Tamara atrás. A princípio, eu os levaria de carro até a praça, onde estava combinado que um ônibus levaria o grupo até Tebas. Porém, quando chegamos ao local marcado, Luiz Cláudio disse que o motorista do ônibus não cumpriu com sua palavra e de última hora, ele só havia conseguido fretar uma van, onde não caberiam todos os integrantes. Folgou em saber que eu também iria e poderia levar e trazer aquelas pessoas que já estavam comigo e assim ele conseguiria acomodar os que sobriariam em seu automóvel. Até eu, não enquanto pesquisadora, mas como motorista, estive inserida no setor dos serviços, a cargo da folia. Dessa forma, partimos sem mais percalços, apesar da chuva que começou a cair torrencialmente assim que iniciamos o caminho na estrada. Luiz Cláudio, quem eu seguia, ganhou distância e saiu do meu campo de visão. Apesar de Tebas ser uma cidade bem próxima a Leopoldina, a única pessoa que já tinha visitado o local e sabia onde se localizava a entrada era minha mãe, que por sorte estava junto. Mas a visibilidade estava bastante prejudicada pela escuridão noturna e pela chuva que caía sem cessar. Mas enfim, entramos na cidadezinha e chegamos à praça onde os foliões haviam combinado o encontro do grupo, para daí iniciar a caminhada até as casas dos devotos e o processo ritual.

Mas ainda no setor dos serviços, a Folia da Maú também pode ser uma interessante via para a compreensão desse setor em seus diversos aspectos. A Folia da Maú, localizada na periferia de Leopoldina, no bairro Nova Leopoldina, é um grupo de amplo relevo no cenário

devocional da cidade, e em alguns momentos se mostra como referência por suas especificidades. É constituída por 23 foliões e dois palhaços, mas esse número é variável em cada giro.

Marluce, mais conhecida como Maú, assumiu o giro do grupo em 1996. Antes seu cunhado era o responsável e a folia ainda não era registrada. O mestre (compadre da Maú), o contramestre (marido da Maú) e Maú, já participavam da folia anterior. O grupo está em giro há mais de vinte anos sob a sua direção, recebendo o nome Grupo Folclórico Estrela do Oriente, registrado em cartório. Maú conta que antigamente as folias não tinham nome, as pessoas se referiam ao grupo pelo nome seu dono, ou com mais frequência, pelo apelido. O que se pode aferir é que esse processo de organização das folias de Leopoldina é recente. Em entrevista ela assevera:

Porque na época era assim: Folia de Reis. Agora não. Agora cada um arrumô um nome di di di folia aí. Por exemplo, a minha é Grupo Folclórico Estrela do Oriente, a da Carolina já é São Rafael, né? Gabriel. Rafael é do Zé Paulo. Aí, qué dizê, cada uma passô a tê um nome. Cê tá intendeno? Antes num tinha, ninguém tinha nome nada não. É ah a Folia de Reis do Mané Dutra, Folia de Reis do Sô Tão [...] agora que começô cada um botá um nome aí.¹¹

Isso reflete o já citado processo de burocratização da sociedade na atualidade. O nome específico para identificar cada grupo serve apenas para seu registro no cartório, pois na prática o que continua prevalecendo é o nome do responsável. E mesmo que o grupo mude de dono por motivo de falecimento, cansaço ou adoecimento, a folia ainda assim continua sendo identificada pelo mesmo nome. Senão sempre, pelo menos por um bom tempo. Como a Folia dos Colodinos, que durante muitos anos após a morte de seu antigo dono, continuou sendo chamada de Folia do Juca Colodino ou Folia do seu Juca. Ainda hoje, por vezes, ouço pessoas se referindo a ela com o antigo nome. Mas como o nome atual de registro não modificou muito do anterior, acabou sendo adotado facilmente. Outro exemplo é a Folia da Serra, cujo nome oficial é Folia dos Medeiros, porém ninguém a identifica por esse nome. Matilda, por exemplo, se refere a ela como Folia do Zé Bidão, um antigo dono. Em entrevista fiquei até confusa por não saber da existência desse antigo dono, cheguei à conclusão que seria a Folia dos Medeiros pela sua longevidade, tradição reconhecida e seu local de atuação:

Matilda: Tem a do Zé Bidão também. Lá do, do, comé qui a gente fala? Da Serra
ABN¹²: Ah a da Serra!

¹¹ Entrevista realizada com Maú, no dia 3 de abril de 2014, em sua residência.

¹² ABN são as iniciais do meu nome, que são utilizadas para identificar as minhas falas durante a entrevista.

Matilda: Era muito boa! Hoje eu já num sei cumé qui tá mais.
 ABN: Mas num é a Folia da Serra não. É a Folia da Serra?
 Matilda: É a da Serra...
 ABN: Aquela que tem 200 anos de folia... É essa?
 Matilda: É, é a do Bidão.
 [...]
 ABN: É Folia dos Medeiros, mas é conhecida como Folia da Serra.
 Matilda: Ô Ademir, tem a Folia lá da Serra, aquela dos minino do Bidão. E tem outra a dos Medero?
 Ademir: Eu num sei se as duas é do memo lugar não. Eu fui numa...Mas essa eu tenho certeza. Tudo passa de pai pra filho. Se saí ou Morrê algum velho, pode tê certeza qui os filho já tão ali. É a milhó qui eu já cunheci! Vai passano de pai pra filho...
 Matilda: Pois então. Dos Bidão qui eu falo é a do Nelim, o Nelim faleceu, depois entrô os filho dele. Hoje é os menino dele que tá no lugar.
 ABN: Ahhh...Que é o seu Nélio...
 Matilda: É isso aí!¹³

Dessa forma, pode-se notar que essa questão do nome de registro da folia é meramente burocrática e que não se sustenta em seu universo de atuação. A própria Folia da Maú, que recentemente tem seu filho, Rodrigo, como dono, ainda usa o seu nome. Até porque Maú continua representando o grupo, saindo em jornada, sendo a responsável pela organização interna, orientando e chamando a atenção dos foliões a respeito das regras da folia, fretando ônibus, angariando doações. Até para ceder foliões a outras folias, em caso de suspensão dos seus giros, os representantes de outros grupos conversam com ela para obter autorização. No giro de 2016/2017 o grupo não saiu em jornada. Maú, por conta de um problema de saúde, teve de ser internada próximo ao dia 24 de dezembro, data de início do giro da Folia de Reis. Em entrevista, quando perguntei quem retomaria as atividades da folia este ano como dono, Maú responde: “Não... eu ... os oto fala Maú, mas quem tá comandano na frente é o Rodrigo e o Toninho¹⁴. E o Zezé tamém, qui o Rodrigo já falô qui tá tamém...”¹⁵ Com isso pode-se compreender a força do nome dela na comunidade. É interessante perceber que a Folia da Maú já existia antes e hoje ninguém se refere a ela utilizando o nome do dono anterior. Isso porque Maú construiu uma identidade própria para o grupo, que vai muito além do registro. Ela refez a bandeira, mandou fazer os uniformes e o figurino do palhaço. E deu uma direção firme para o grupo. Na verdade, Máu em entrevista explica que quem montou a primeira folia, do seu cunhado, foi ela:

¹³ Entrevista com Matilde em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

¹⁴ Foi alterada a fala de Maú substituindo o nome do mestre de sua folia por um nome fictício, para resguardar a identidade do mesmo.

¹⁵ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

Maú: O Mané Duta passô os instrumento pu meu cunhado, depois passô por trás do meu cunhado, vendeu os instrumento pu cunhado do meu cunhado. [...] Eu tive qui comprá os instrumento, trabalhei no Rio, comprei os instrumento e dei. Bumbo, caixa, taral,... tudo pu meu cunhado. [...]
Zezé: E ela amontô a fulia pu cunhado dela. A gente amontô uma fulia prá ele... [...]
ABN: E você comprou os instrumentos com o seu dinheiro?
Maú: Nós compramo no Rio. Heim? Foi, eu trabalhava lá. Fomo em Caxias e compramo.¹⁶

Mesmo Maú não sendo atualmente mais a dona, é ela quem continua botando a folia na rua, como se diz. Organiza o dinheiro, e faz o levantamento do que precisa comprar para iniciar o giro, para o seu desenvolvimento até o fim, do dia 24 de dezembro a 20 de janeiro: foguetes para soltar nos momentos solenes, as cordas dos instrumentos, as velas para acender no cruzeiro, os alimentos para o almoço de encerramento, os descartáveis e o que mais ela decidir adquirir para a festa. Mantém os uniformes e fardas limpos e em perfeito estado, assim como os instrumentos estão sempre ornamentados de maneira impecável. Tudo fica guardado na casa de Maú durante o ano. A afinação dos instrumentos fica a cargo do contramestre, o roteiro das casas a serem visitadas, do mestre e de alguns foliões proeminentes do grupo.

Atualmente e desde o ano que comecei a acompanhar a Folia da Maú pelo menos, o almoço ou jantar para o encerramento da festa já não é feito por Maú. Assim como na Folia da Luíza, a comida também não fica a cargo da foliona, mas sim de um grupo de mulheres que auxiliam na organização da festa. Na hora de servir os pratos, são as colaboradoras que organizam a saída da comida, assim como a fila, que é enorme nos dias da Entrega da Bandeira. Também são elas que arrumam e lavam tudo na cozinha. Certa vez, na casa da Maú, onde tenho maior liberdade pelos anos de convivência, estive momentaneamente incluída no setor dos serviços. Pois antes da festa começar, fiquei com as mulheres conversando na cozinha, participando daquele momento de pré evento, que além de ser muito interessante em termos de pesquisa, também é bastante prazeroso. Dessa forma, já estava à vontade para ajudar no que fosse preciso na hora da festa. Então, depois de ter almoçado fui lavar meu prato e vi que não tinha ninguém nessa função naquele momento, e os pratos se acumulavam na pia enquanto outras pessoas ainda iriam almoçar. As mulheres que ficam por conta dessas funções, estavam ocupadas em servir. Percebendo isso, comecei a lavar os pratos e talheres que estavam ali e os que chegavam. Tal atitude foi enriquecedora para compreender a dinâmica dos serviços. O que acontece nos bastidores enquanto o ritual se desenvolve. Qual a estrutura que sustenta o ritual por trás e que ninguém vê. O ritual em si já tinha assistido

¹⁶ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

várias vezes, àquela hora seria o momento para ver o outro lado, invisível e indispensável ao desenvolvimento da festa. Pude perceber que ali atrás a função é muito maior e que ninguém para um minuto, todo tempo servindo, levando pratos cheios, voltando com os vazios, lavando louças e talheres, enxugando e empilhando para serem novamente utilizados. Isso porque eu só presenciei o trabalho de servir o almoço, mas posso imaginar o tempo e a dedicação dispensados para fazer toda aquela comida. O fogão de 6 bocas da cozinha de Maú não é o suficiente para preparar tanta comida. Então, nos dias de festa as colaboradoras utilizam um fogão industrial de 2 bocas que Maú mantém na área de serviço para esse fim. Tudo em homenagem aos Santos Reis, pois oferecendo os seus préstimos na festa, a pessoa se coloca a serviço Deles.



Figura 1: Comida do almoço de Santos Reis da Folia da Maú Fonte: Acervo pessoal, 2014.

Nas Folias de Reis o setor dos serviços é realmente encabeçado pelas mulheres. Ficando a cargo dos homens, nesse setor, organização de roteiro e afinação dos instrumentos e, por vezes, dependendo da folia, questões de cunho mais burocrático. Que não é o caso da Folia da Maú, pois em entrevista ela conta que todas essas questões de registro, licença, sempre ficaram sob sua reponsabilidade:

Eles num andava não! Esses dono de fulia num andava não. Que anda é eu memo! Nem ele, nem meu cunhado, nem Turino, num andava nada! Eu qui tenho qui i na delegacia tirá licença, eu qui ia na prefeitura, eu tudo qui fazia! Tendeu? Agora não. Agora, por exemplo, uns dois ano atrais aí, às veiz eu peço o Rodrigo pra i na prefeitura pra mim, às veze ele vai. Mas tudo era eu antes!¹⁷

Segundo Maú, a questão do registro em cartório serviria para conseguir uma ajuda de custo da prefeitura, mas que nos últimos anos tem se tornado cada vez mais difícil. O registro do grupo em cartório oficializa e assegura seu funcionamento. Nesse registro consta o nome dos responsáveis pela folia e onde funciona a sede do grupo. Somente em posse desse registro

¹⁷ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

o grupo obtém o atestado de funcionamento liberado pela prefeitura. E com esse atestado, em tese se conseguia a liberação da verba. A seguir, a título de ilustração representativa, acrescento fotos dos registros da Folia da Maú:

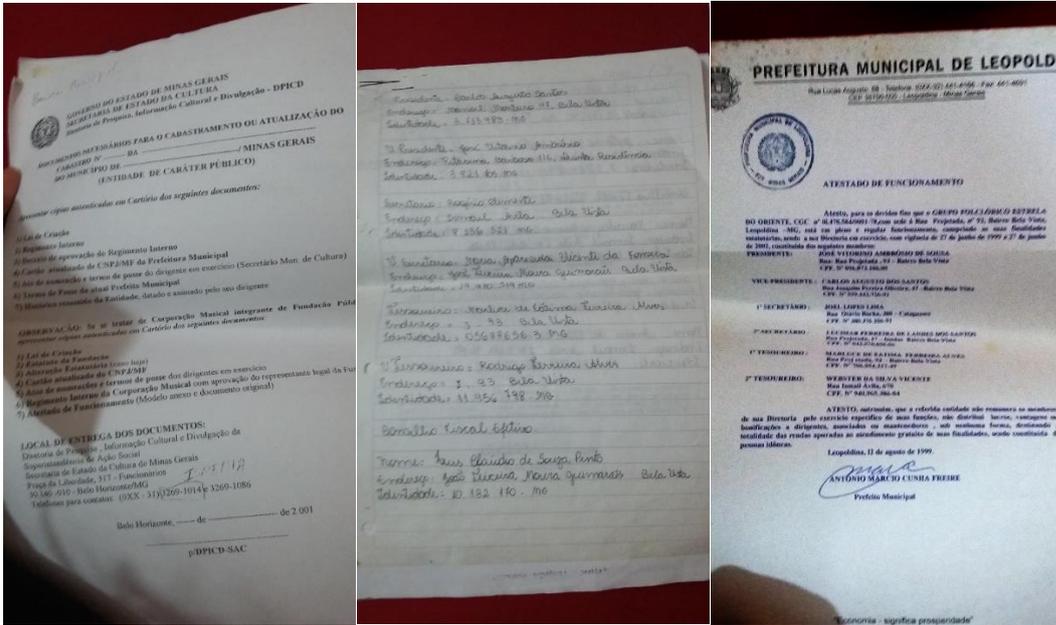


Figura 2: orientação da Secretaria de Estado da Cultura sobre os documentos necessários para o registro da folia. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Figura 3: registro de reunião da Folia da Maú, que definiu as funções que cada membro da diretoria do grupo assumiria. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Figura 4: atestado de funcionamento da folia liberado pela Prefeitura de Leopoldina. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

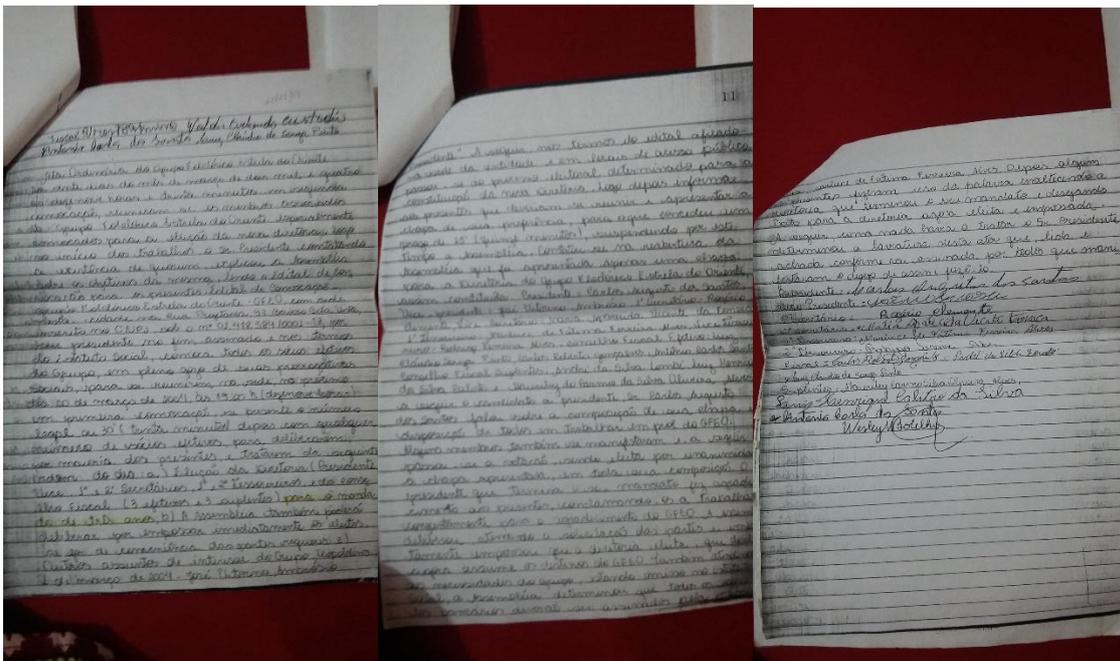


Figura 5: Ata da Reunião da Folia da Maú. Fonte: Acervo pessoal, 2017

Quando Maú adoeceu e não pôde mais ir à prefeitura para garantir a verba para seu grupo, optou por dar baixa no registro da sua folia. Ela conta que a verba não assegurava o financiamento completo da festa de encerramento da Entrega da Bandeira, mas ajudava um pouco. E mesmo não sendo um valor satisfatório, depois acabou se extinguindo mesmo:

Maú: Porque nós era registrado, depois qui eu dei baixa.

ABN: Uai, agora a folia não é mais registrada não?

Maú: Não. Não é registrada mais não. Agora é folia comum.

ABN: E qual a diferença da folia registrada para a folia comum?

Maú: Não tem diferença nenhuma, sabe?! É porque na época o Zé Newton quis que nós registrasse que a gente ganhava uma verba da prefeitura.

[...]

ABN: E tem que ir todo ano na prefeitura?

Maú: Não... agora eles num... depois eles pararo de dá. Na época do Dotô Márcio deu 428 reais, né Zé?! Deu 428, né?! E depois na época do Zé Roberto eles dero duzentos e pouco, a gente gastava dois mil e cacetada, que qui cê vai fazê cum isso? Nada. Cê tinha qui ficá andano todo dia lá, cum sol quente, pá vê se verba ia saí, qui ia saí, qui ia saí, e nunca qui saía. Aí depois começaro, falô, num dero o dinheiro, cê tinha qui fazê compra no mercado. Tinha a quantidade pro cê comprá tamém. Comprava tudo não. Não. Foi lá de 400 reais na época do Oswaldo¹⁸, tendeu?! Aí o Oswaldo fez o vale, até era no Opa¹⁹, comprava lá no Opa. Compramo no Opa, depois o resto a gente tinha que se virá.

ABN: É mesmo? Então era o Oswaldo que ajudava vocês nessas...

Maú: O Oswaldo qui ajudava a organizá. Tanto qui o Oswaldo quis fazê tipo uma, tipo uma cooperativa, sabe?! De registro, dessas coisa aí.... Juntô os fulião tudo aqui de Leopoldina, mas só qui aquilo num foi pá frente... era o Maninho qui ia tomá conta do, da tipo cooperativa. Aí a gente tinha que dá 10 reais, eu dei 10 reais, e até hoje num resolvero nada.²⁰

Nas folias lideradas por homens, as mulheres realizam só as funções que já desenvolvem em casa e no seu cotidiano, pois não se incluem nas decisões diretas da folia. Portanto, elas ainda reproduzem as funções tradicionalmente encaradas como femininas, como lavar, passar os uniformes e fardas, fazem a comida e ornamentam bandeira, coroas (que são os chapéus enfeitados que os foliões usam no giro) e os instrumentos. Além disso, arrumam a casa para receber a folia e também arrumam a igreja no dia 6, dia de Reis, geralmente data em que algumas igrejas recebem um grupo de Folia de Reis

Na igreja da Serra dos Barbosas, onde a Folia da Serra, oficialmente, porém menos conhecida como Folia dos Medeiros, entrega a sua bandeira, as mulheres tomam a frente e

¹⁸ Zé Newton, Dr. Márcio e Zé Roberto são políticos de Leopoldina. Dr. Márcio e Zé Roberto já foram inclusive prefeitos, este em 2017 tem seu mandato ainda em curso. Mas Oswaldo Giovannini não é político, é um pesquisador de manifestações culturais e cientista da religião, que se empenhou em conseguir recursos para os grupos, promoveu eventos e encontros de tradições mineiras na cidade, onde várias Folias de Reis se apresentavam, e tentou organizar uma cooperativa de folias, que depois que ele se mudou da cidade acabou sucumbindo.

¹⁹ Rede de supermercados.

²⁰ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

organizam e enfeitam o espaço para receber a folia sem a necessidade da presença de um padre. O grupo entra pela porta central, antecedido pela bandeira, que geralmente vem pelas mãos de uma devota. A assistência, composta majoritariamente por mulheres, já ocupa os bancos da Igreja, enquanto muitos homens ocupam o pátio da Igreja, onde ficam rindo e conversando enquanto o ritual da Entrega se desenvolve. Birman (1996, p. 207) assevera que há uma predominância nítida de mulheres nos assuntos religiosos. Observa que em função de “uma clássica divisão de trabalho entre os sexos, caberia, pois, às mulheres as lides religiosas e o trabalho doméstico bem como o cuidado das relações familiares” (BIRMAN, 1996, p. 207). É exatamente o que se percebe no campo. Enquanto isso, há um grupo de mulheres na cozinha da Igreja fazendo o almoço dos Santos Reis, que será oferecido a toda a comunidade.

Portanto no âmbito dos serviços hoje cabe às mulheres tanto funções de servidão, como cozinheiras e zeladoras de instrumentos, figurinos e bandeira, como também as funções administrativas, como donas das folias, que agenciam as compras de todo material necessário para o giro e para a festa, e algumas até tomam frente da parte burocrática, como Maú.

O que pode ser notado no campo é que as mulheres continuam reproduzindo na atualidade as funções tradicionais desempenhadas por elas no passado, mas por outro lado começam a se aventurar em esferas, atitudes, funções que a elas não caberia outrora e posições por elas nunca ocupadas. Quando ocupam um alto cargo na hierarquia do grupo, como o de dona da folia, acabam também se inserindo na esfera ritual, onde no passado jamais poderiam adentrar ou mesmo figurar. Dessa maneira, é necessário compreender o que permeia a prática ritual na atualidade para a compreensão da relevância dessa inserção.

1.2 Os rituais

Aqui serão registradas as ações que foram classificadas como pertinentes ao âmbito dos rituais. As atitudes tanto dos mestres, contramestres, palhaços e foliões em geral, mas também será analisada a função de quem recebe a bandeira em casa e que faz parte ativamente do ritual respondendo às suas demandas e desempenhando as ações simbólicas exigidas por ele. Descrever propriamente a estrutura do ritual, seus elementos e momentos específicos.

Importa registrar também como mulheres e homens se distribuem nessa esfera, na qual a mulher aparece como a “patroa” (linguagem do palhaço) ou “dona da casa” (linguagem dos foliões), que paga suas promessas com a visita da folia. Faz-se necessário observar se à

mulher é destinada somente essa posição no setor ou se ela exerce alguma outra função ritual, como a reza do terço na saída do grupo na noite de Natal e em outros rituais solenes da folia.

O foco aqui aponta na direção de perscrutar nos discursos das mulheres o que caberia, por “direito natural” aos homens e o que caberia tradicionalmente às mulheres nestes rituais. E a partir daí, atentar para a análise que as mulheres fazem sobre os elementos que correspondem aos homens e os elementos direcionados às mulheres nos rituais e, sobretudo, as justificativas para a permanência de tais práticas.

O primeiro dia de giro da folia, ou seja, a noite de 24 de dezembro, há um ritual inicial anterior ao ritual de abertura do giro, que é a Coroação. Esse ritual anterior é a reza do terço, que é liderada pelas mulheres. Os homens acompanham, mas como tradicionalmente as lides religiosas ficam a cargo das mulheres, elas guiam a reza. É interessante nesse sentido compreender como todas as funções dirigidas a homens e mulheres são definidas culturalmente. De acordo com Gebara (2000, p. 111), “dizer homem e mulher já é introduzir um modo ‘de ser no mundo’ próprio de cada sexo, um modo de ser que é fruto de uma teia complexa de relações culturais.” Dessa maneira é possível afirmar que o biológico é culturalizado, pois a cultura prevê papéis sociais para homens e mulheres, papéis esses que são geradores de injustiças e preconceitos (GEBARA, 2000, p. 107). E na folia esses papéis são muito bem definidos. Na maioria dos grupos, ao homem é conferido o espaço público, seguindo com o cortejo pelas ruas da cidade por noites e madrugadas, e à mulher se destina o ambiente privado, da casa e da cozinha, onde se prepara e confecciona tudo o que for necessário para a festa. Em suma, as mulheres se encarregam das funções que são como extensão do que elas já realizam cotidianamente no setor dos serviços, e o homem encampa o setor ritual (que aos olhos dos foliões é mais importante que o dos serviços), eximindo a mulher dessa esfera.

Nos grupos que não possuem mulheres na composição do cortejo, o folião menos experiente, que toca um instrumento de percussão, ou seja, de menor importância na escala musical do grupo, que se localiza no final da fila, ainda tem maior relevância ritual do que uma mulher, que não está inserida no contexto ritual. Na tabela a seguir é possível visualizar a relação da posição física no cortejo, com a importância ritual de cada elemento e sua respectiva função.

Posições rituais (ordem da fila dupla) ²¹	Posições Hierárquicas	Função
1º - Bandeireiro Depois dele inicia-se a fila dupla	Apesar de se posicionar antes de todos por segurar a bandeira, apresenta relevância mediana no ritual.	Carrega a bandeira durante a jornada. Faz a mediação entre folia e dono da casa.
2º - Mestre	Posição de maior relevância no grupo e no ritual.	Liderança. Articulação dos conhecimentos de ordem espiritual. Detém o conhecimento das Profecias. Compõe o grupo dos cantadores. Compõe o grupo dos instrumentistas.
2º- Contramestre	Segunda posição de maior relevância no grupo e no ritual.	Liderança. Compõe o grupo dos cantadores. Compõe o grupo dos instrumentistas.
3º - Foliões da frente	Alta relevância no ritual.	Compõem o grupo dos cantadores. Compõem o grupo dos instrumentistas.
4º- Foliões com instrumentos de corda e sanfoneiro	Relevância mediana no ritual.	Compõem o grupo dos instrumentistas.
5º- Foliões com instrumentos de percussão	Baixa relevância no ritual.	Compõem o grupo dos instrumentistas.
Palhaço Não tem posicionamento definido na fila, é um elemento cambiante	Ambíguo: Baixa relevância entre os foliões, pelo significado do seu papel, mas grande relevância aos olhos da assistência.	Representante do Rei Herodes ou de seus soldados, é a representação do mal, do perseguidor do Menino Jesus. Dança, versa e diverte a plateia com a performance interativa.

Tabela 1: Posições rituais e hierarquia dos foliões na Folia de Reis.²²
Fonte: Autoria pessoal, 2014.

²¹ O posicionamento do cortejo da Folia de Reis se organiza em duas filas indianas. Desse modo, fica mais fácil para o mestre falar para o contramestre em voz baixa qual o próximo verso que irão cantar e que os foliões posicionados diretamente atrás deles, repetirão na sequência, o que se chama de resposta. E como geralmente uma folia possui em média um número de 20 integrantes no cortejo, uma fila dupla fica mais condensada do que uma fila indiana que se alongaria muito.

²² Essa tabela e seu conteúdo abordado de maneira mais ampla podem ser encontrados em NEDER, Andiara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

Para descrever a estrutura do ritual, seus elementos e momentos específicos, continuo contando experiências etnográficas obtidas nas observações participantes, mostrando as práticas rituais que compõem a visita de maneira exemplificadora. Continuo apresentando aqui o giro da Folia da Luíza no dia 6 de janeiro de 2017. Com o intuito de facilitar a compreensão da etnografia explanada, a tabela a seguir condensa brevemente a sequência ritualística da visita da Folia de Reis.

Etapas Rituais	Desenvolvimento do Rito
Chegada	A Folia se aproxima silenciosamente da casa a ser visitada. Quando se encontra de frente à varanda inicia a cantoria da Chegada, que são os versos que anunciam a visita da Folia à casa do devoto. Cantam pedindo para que a dona ou o dono da casa acenda as luzes da varanda, quando são acesas é entendido que a visita foi aceita. Quando o devoto quiser, ele abre a porta e a Folia encerra os versos da Chegada para entrar em sua casa.
Recebimento da Bandeira	Quando o devoto abre a porta, toma a bandeira em suas mãos. Alguns fazem uma oração de joelhos antes de recebê-la, outros beijam suas fitas. A maneira com que cada devoto se relaciona com o objeto sagrado é individual e pessoal. Depois de receber a bandeira, o dono da casa vai se afastando com a bandeira de frente para a folia e dá espaço para o grupo entrar em sua sala.
Salvamento ²³ do Presépio	Salvamento do Presépio significa cantar os versos em homenagem a este objeto considerado sagrado pelos foliões. Diante da imagem dos três Reis e do Menino Jesus, a folia entoava os versos que contam o mito bíblico, a peregrinação dos Magos, o encontro com Jesus e o desfecho da história. Essa etapa só se realiza se houver um presépio na sala. Algumas folias só o salvam se nele houver uma vela acesa, sinal de que o devoto quer o salvamento.
Profecias	Após o salvamento, são entoadas as Profecias, versos tradicionais de cada folia, que contam a história do nascimento do Menino Jesus e da viagem dos Reis Magos ao seu encontro.
Bênção da Bandeira	Nesse momento, o devoto leva a bandeira em todos os cômodos da casa, para que seja dada a sua bênção aquele lar. Logo, levam-na para o quarto em que ela será guardada junto com os instrumentos no momento da Chula e do jantar.
Brincadeira/Chula do palhaço	Chula é o ritmo tocado pelos foliões para o palhaço dançar e interagir com a plateia. Também é conhecida como chula a brincadeira do palhaço, que é o momento da sua performance. Quando os foliões batem a chula com os instrumentos de percussão e a sanfona o mascarado entra em cena para fazer a sua brincadeira, arrancar sorrisos da plateia com seus versos irreverentes, bem humorados e com a sua dança.
Jantar/almoço da Folia	Após a performance do palhaço, é a hora da refeição. Alguns devotos

²³ No contexto da Folia de Reis a palavra Salvamento tem o significado de saudação. Portanto salvar o presépio, ou salvar o cruzeiro, ou qualquer outro símbolo significativo nesse universo, seria realizar uma reverência cantada ou versada diante dele.

	oferecem um jantar, outros um lanche ou apenas um café com broa, mas a fartura é a marca dessas refeições.
Agradecimento	Após o jantar, os foliões reassumem as suas posições na fila e retomam seus instrumentos que foram guardados junto com a Bandeira em um quarto reservado. Nesse momento, agradecem a refeição com versos cantados.
Oferta à Bandeira	Logo, a folia pede em cantoria que o devoto traga a Bandeira de volta. Amarrada em suas fitas vem a oferta do devoto à bandeira, geralmente dinheiro. O valor não é padrão, mas os devotos costumam ser generosos ofertando notas de vinte, cinquenta e até cem reais.
Agradecimento e despedida	Em versos a folia agradece a oferta à bandeira e cantam a despedida saindo da casa do devoto ainda de frente para a bandeira. No final, o devoto devolve o símbolo sagrado da folia ao bandeireiro.

Tabela 2: Etapas rituais da visita padrão da Folia de Reis e seu desenvolvimento.²⁴

Fonte: Autoria pessoal, 2014.

O início do ritual de um dia de giro de qualquer folia se baseia em buscar a bandeira no local onde recebeu pouso (passou a noite) no último dia em que a folia bateu. Este local é sempre a última casa visitada nesse dia. Atualmente, geralmente as folias batem nos finais de semana. Portanto, a última casa de sexta-feira é a primeira casa a ser visitada no sábado. Por isso começam o ritual de onde pararam. Como na visita anterior só fizeram a primeira parte do ritual, iniciam então com a brincadeira do palhaço, logo agradecem e fazem a retirada da bandeira para dar sequência ao giro. A última casa do sábado, também será visitada no domingo. E a última casa do domingo, receberá nova visita somente na próxima sexta-feira.

Dessa forma, o grupo de Luíza foi buscar a bandeira na casa de Dona Maria José, uma senhora muito simpática e afetuosa. Começam então com a brincadeira dos palhaços. Um neto da Luíza, que se intitulou como Cigarrinha, participa pela primeira vez como palhaço. O que causa espanto na foliona, que mesmo não se mostrando brava e até rindo da situação, manda sua neta ligar para sua filha, mãe do rapaz, para avisá-la da participação do filho na folia. Vestido de farda e mascarado, Cigarrinha fez uma breve introdução e logo deixa Sereninho, o palhaço mais experiente, assumir o seu posto e comandar a brincadeira. Após a brincadeira, começaram a entoar dentro da casa os versos para iniciar a retirada da bandeira e agradecer o seu pouso até aquele momento. Luíza, que estava comigo e minha mãe, do lado de fora da casa, para um instante para prestar atenção nos versos, conferindo se estavam certos. Pois nesse dia o mestre Toninho não pôde comparecer. Ele é um mestre experiente, comanda a Folia da Maú, que não saiu em giro nesse ano, que goza de grande prestígio no seu bairro e na

²⁴ Essa tabela e seu conteúdo abordado de maneira mais ampla, podem ser encontrados em NEDER, Andriara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

cidade. Dessa forma, o mestre oficial da Folia da Luíza, que era um cantador de frente na Folia da Maú, retomou o comando do ritual naquele dia.

De posse da bandeira o grupo partiu para Tebas. A dona da primeira casa visitada solicitou apenas a Bênção da Bandeira, ou seja, não queria o ritual completo porque tinha um compromisso e não poderia se atrasar²⁵. Então a bandeira passou por todos os cômodos da casa, abençoando a casa e a família. Mesmo assim, a dona da casa tinha preparado um lanche para receber a folia e ofereceu cachorro quente, suco e refrigerante.

A segunda casa era de uma família que mora no Rio de Janeiro que passa férias em sua casa em Tebas. O patrão, como os palhaços se referem aos donos das casas, é carioca e não conhece a tradição e nunca tinha recebido uma folia em sua casa. Luiz Cláudio, explicou como procedia a visita e como eles deveriam receber a folia. Ao adentrar a casa, o mestre avista um presépio. Sabendo que o patrão não conhecia a tradição, perguntou se ele queria que cantasse para o presépio, ele acenou que sim, daí o mestre pediu a vela acesa, que é um código utilizado pelos devotos para que a folia saiba que deve salvar o presépio. Como eu estava filmando, ao longo da visita o patrão por vezes me perguntava o que tinha que fazer depois. Quando a primeira parte da visita terminou, antes da brincadeira do palhaço, o patrão me perguntou: Acabou? Eu respondi, com estranhamento que não, que só a primeira parte havia finalizado. Já tinha percebido que eles não sabiam receber a folia, pois deixaram a bandeira na sala, enquanto seu lugar durante o lanche e a brincadeira do palhaço, até o retorno e despedida da folia seria um quarto reservado, junto com os instrumentos dos foliões. Mas não imaginei que a família nunca tivesse presenciado uma visita da Folia de Reis.

Mas os donos conduziram todos ao espaço reservado ao lanche. Muito farto com bolos, pastéis, sucos naturais e refrigerantes. Ajudei a servir o refrigerante, já que os foliões estavam pouco à vontade de se servirem em um lugar onde não conheciam os patrões. Após o lanche o patrão de novo me pergunta se havia finalizado, eu respondi no momento já compreendendo suas dúvidas: “Não, agora é a brincadeira do palhaço, depois o grupo volta para a sua casa para agradecer e fazer a despedida”. Não conheciam a brincadeira do palhaço, não sabiam que tinham que dar dinheiro aos mascarados. Quando percebi que ninguém oferecia dinheiro e os palhaços começavam a insistir e pedir as notas em versos, eu ofertei os primeiros 2 reais, para que os patrões e a pequena assistência entendessem a dinâmica da

²⁵ É possível perceber que essa família não costuma receber folias em sua casa. Quando se espera a visita de uma folia este deve ser o único compromisso da noite, pois não se pode prever a hora exata em que vai chegar nem a hora que vai sair. Portanto, margem de segurança de horário não funciona para as visitas de Folia de Reis, geralmente extrapolam inclusive a margem. Se marcar uma visita tem que ter exclusividade de tempo.

brincadeira. Minha mãe ofertou em seguida, Luiz Cláudio também, e assim patrões e assistência começaram a oferecer moedinhas e notas. À medida que a generosidade da assistência crescia mais os versos de Cigarrinha e Sereninho jorravam e parecia não ter fim. Geralmente, no meio da brincadeira os palhaços se voltam aos patrões perguntando se já está bom, ou seja, se já devem parar de brincar. Espera-se que os patrões digam que eles devem brincar mais um pouco, que está bom, mas podem e devem brincar mais, ou coisas do gênero. Quando os mascarados perguntaram ao patrão ele respondeu que estava bom. Mas Sereninho desconversou e falou que mesmo assim iria brincar mais um pouquinho. Eu que estava do lado do patrão falei com ele para ele pedir a mazurca, expliquei que era um tipo de ritmo que o palhaço pede para a folia tocar que acompanha uma dança cambaleante, que se assemelha ao um andar de bêbado. Então, quando o palhaço retorna para o patrão, perguntando se agora já estava bom, o dono da casa que já estava se divertindo com a brincadeira, pede a mazurca rimando em forma de verso. Todos riram e após a mazurca os palhaços fizeram sua despedida. O grupo retorna ao interior da casa, fez o agradecimento e a despedida e retirou a bandeira.

Esse episódio mostra claramente que o ritual da Folia de Reis é um diálogo entre o grupo e os devotos que o recebem em sua casa. Se uma das partes não souber como proceder, como responder à solicitação do outro, o diálogo não se desenvolve, precisando nesse caso de um intérprete para orientar. O mesmo aconteceria se uma folia não compreendesse os sinais do devoto. O que seria uma vergonha incomensurável para o grupo. Se o devoto acende uma vela no presépio o mestre tem a obrigação de observar e salvá-lo. Se o devoto se ajoelha diante da bandeira o bandeireiro deve esperar a sua reverência, como uma oração e o beijo em suas fitas. Quando a folia em versos pede a bandeira de volta, a dona da casa deve estar atenta à cantoria para buscá-la no mesmo momento. Ou seja, o ritual se desenvolve num diálogo constante entre as partes.

Fomos a terceira e última casa, a residência do vereador, já era madrugada. Nessa casa, também fui várias vezes questionada de como proceder. Como já não fui pega de surpresa, expliquei com mais detalhes o que deveriam fazer, alertando inclusive sobre a necessidade de colocar a bandeira em um cômodo reservado. A patroa pede desculpas por não ter dado tempo de preparar o lanche para os foliões, por ter chegado de viagem naquele dia, mas oferece refrigerante. É relevante notar como a mulher se sente responsável pela comida e até se desculpa por uma possível falha que ela sente que foi dela. Como se a ausência do lanche fosse uma displicência da mulher ou uma deselegância de sua parte. Mas a própria

Luiza e Bento revelam em entrevista que a oferta do devoto (jantar, lanche, dinheiro, mantimentos para a festa de encerramento) não é necessária de acordo com a essência da folia:

Bento: É, porque o Santo ele vai levá a oferta, né. Ele leva a oferta, ele não traz a oferta.

ABN: como assim?

Bento: É, porque quando os Três Rei foro visitá o minino Jesus, eles foro levá a oferta..

Luíza: É, eles levô os presente. Então o presente que a gente leva é os Três Reis nas casa pra abençoá, entendeu? Aí as pessoa vai e dão a sua doação ao Santo. Chega em casa que as pessoa num pode dá nada também, os Três Reis agradece do mesmo jeito, que ele não foi buscá nada, ele foi levá.²⁶

Nessa casa a assistência foi bem menor, pois já era de madrugada. Mas não seria por isso que os palhaços se acanhariam nos versos. Cumprimentaram o patrão e a patroa e começaram a brincadeira revezando Sereninho e Cigarrinha. Luiz Cláudio e eu oferecemos dinheiro aos palhaços, mas o mais generoso da noite foi o patrão. Não sei se por falta de costume e participação em Folias de Reis ou se foi só para fazer agrado aos palhaços, mas em todos os versos que os palhaços lhe pediam dinheiro ele nunca negava. Desconfio que seja um mistura dos dois, pois desde o início ele não sabia bem como receber a folia e proceder em cada momento, então à medida que os mascarados pediam ele achou que não podia negar por ser o dono da casa. Geralmente o dono da casa paga o palhaço no início da brincadeira, na hora do cumprimento, e talvez, para fazer um agrado, mais uma ou duas vezes, e mesmo assim com notas de menor valor ou moedinhas. Esse patrão a todo momento oferecia notas de dez reais. Mas depois de um tempo de brincadeiras, os palhaços fizeram sua despedida, a folia voltou para agradecer e fazer a retirada da bandeira.

Através da explanação de uma noite completa do giro da folia, é possível perceber como caminha hoje a dinâmica da festa. Apesar de terem sido apresentadas visitas atípicas, nas quais os “devotos” não conheciam a sequência das etapas rituais, enquanto a descrição da explicação era direcionada ao patrão e patroa das casas, foi apresentado de maneira sistematizada o proceder da folia, passando pela estrutura do ritual e momentos específicos.

Portanto, a partir do exposto, pode-se notar que a atuação da mulher no ritual tradicionalmente se dá mais através de seu posicionamento enquanto dona da casa e devota do que propriamente na folia. Faz a comida para receber a folia, organiza o ambiente, muitas vezes recebe a bandeira em mãos e a devolve quando solicitada. Não é incomum as mulheres se apresentarem enquanto bandeireiras ou como donas da folia, mas enquanto folionas

²⁶ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

instrumentista ou cantadoras, não é tão comum. Enquanto bandeireira e instrumentista ou cantadoras, elas participam efetivamente do ritual, no cortejo. Ainda que o bandeireiro tenha uma função de pouca relevância, no ritual é necessária a sua figura no momento de entrada e retirada. Já a dona da folia, participa do cortejo, mas sem uma função específica. No início e término do giro é coroada e descoroada, recebe a Bênção da Bandeira como todos os outros integrantes, tem uniforme e coroa iguais, mas não se posiciona em fila nem é responsável por tocar um instrumento. Fica sempre por perto, observando, coordenando, prestando atenção em tudo, até como uma fiscal do grupo, mas não interfere diretamente na esfera ritual. Dessa forma, é possível concluir que a exclusão feminina na esfera ritual ainda é uma realidade, apesar de isso estar em pleno processo de mudança.

1.3 As sabedorias

Nesse ponto as lideranças se revelam nos aspectos relacionados ao conhecimento ritual e espiritual, também chamado de sabedoria, adquiridos com a experiência que somente o tempo de giro pode conferir. Dizer que apenas o mestre é detentor desse poder, pode ser um equívoco se a análise se basear sobre toda a estrutura em que a folia se consolida. Dentro da folia mesmo se apresenta outro elemento munido de algum poder espiritual e cheio de sabedoria para se proteger, que é o palhaço. Ele que é alvo das investidas do plano espiritual segundo os próprios foliões. Fora da folia, mas ainda inserido em sua rede de relação, está o rezador, temido por seu poder de parar qualquer palhaço que não possua ainda domínio total de sua função e ciência dos perigos e responsabilidades que ela traz consigo. Este rezador, que possui o conhecimento dentro da esfera do plano espiritual também se mostra como uma figura de poder. Foliões se referem a essa figura como uma pessoa ligada ao espiritismo, Umbanda, ou alguma religiosidade de matriz africana, que se utiliza do contato que a religião prevê com a esfera espiritual para se divertir e mostrar seu poder. É válido investigar as narrativas míticas que se forjam entorno dessas figuras e trazer à tona as histórias atuais que envolvem todo esse universo das sabedorias.

Nesse aspecto, investigar os saberes que conduzem e mantêm a folia, questionar quem sabe das coisas e de onde sabe, se são conhecimentos atribuídos de acordo com o gênero ou não, se torna relevante no momento em que se percebe que quem detém o poder é quem tem o saber. Para compreender melhor esse questionamento vale a pena retomar as reflexões de Foucault (2009, p.5) em relação a uma série de oposições que se desenvolveram e ainda estão em curso, uma das quais interessa a esta pesquisa é a oposição ao poder dos homens sobre as

mulheres. O autor afirma que não basta afirmar que sejam lutas antiautoritárias, mas definir alguns pontos em comum entre as oposições por ele citadas. Um dos pontos que levanta são os efeitos do poder relacionado ao saber, que nos interessa questionar neste item: “uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do conhecimento. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas”(FOUCAULT, 2009, p.5). Se se pode apreciar tais lutas já em curso tensionando as relações de poder tradicionalmente erigidas sobre uma base de poder que, no caso do setor das Sabedorias da folia, é o saber, pode-se perceber também este setor como um espaço possível de disputa. Se as lutas se definem na oposição aos segredos e aos privilégios do conhecimento, esse é um espaço legítimo de lutas, no qual as mulheres podem requerer espaço de ação. Não no sentido de substituição de agentes, trocando o masculino pelo feminino, mas no intento de reconhecer a importância de compartilhar tais saberes necessários ao funcionamento dos giros também entre as mulheres, valorizando inclusive seus saberes nessa esfera, que possam trazer de outros contextos de atuação onde lhe são permitidas a participação e contribuição. Mas compartilhar os saberes seria também uma forma de suspensão do poder centralizador do mestre. Cruz (2013, p.68) aponta que ainda que os homens admitam publicamente a importância da participação feminina nas esferas públicas, em algum momento eles terão dificuldades em lidar com isso, compreender e conviver com essa realidade. Por isso que mesmo quando uma mulher lidera a folia, às vezes os foliões se reportam mais ao mestre do que à dona da folia. Justificando que a sabedoria é do mestre. Pois até os mais jovens foram criados em uma matriz de inteligibilidade que propõe à mulher o lugar da obediência e não do mando, do governo.

O exercício do poder, entendido como mando, sugere, sem dúvida, a obediência ou a sujeição de alguém. Fixada no imaginário das pessoas, essa concepção atinge duramente a mulher, pois ao nascer é ensinada a obedecer, e assim continua, ainda que veladamente, sob a cultura machista (CRUZ, 2013, p.68).

Algumas folionas, que são mulheres autônomas, líderes atuantes, que só por sua existência já contestam essa matriz de inteligibilidade, também reproduzem sem questionar a ideia de poder centralizado na figura do mestre e a impossibilidade ou perigo eminente de sair em giro sem um mestre que detenha tal saber ou tal poder. Quando pedi pela primeira vez uma entrevista à Maú, ela alegou que quem sabia de tudo era o mestre e que eu deveria fazer

uma entrevista com ele e não com ela. Em entrevista ela fala sobre a sabedoria secreta do mestre e da relevância de se ter um mestre que sabe em uma folia:

ABN: O mestre também, tem umas rezas também que é coisa que só ele sabe, não tem?

Maú: Só ele! Mas ele num insina pá ninguém não, ué! Eles têm uns truque deles, mas fica pra eles só!

ABN: E ele não ensina pra ninguém.

Maú: Não. A única qui insina é só u Rusário.

ABN: O Rosário é o quê?

Maú: O Rusário de Maria.

ABN: Ah é? E essa reza é pra quê?

[...]

Zeze: Cê chega numa casa, se tivé uma pessoa duente, aí você tem qui levá uma proficia im cima daquela pessoa qui tá ali. Primero, igual ela tá falano ali, o Rusário de Maria a gente num canta im qualqué lugá.

[...]

Maú: Quando uma casa tivé muito pesada.

[...]

Maú: O mestre é qui tem o sabê. Por exemplo, o mestre é qui sabe muita coisa! Nós memo num sabemo nada não!

ABN: Huum, entendi.

Maú: Quem sabe é o mestre.

ABN: Então para ter uma folia tem que ter um mestre bom.

Maú: Um mestre qui sabe.²⁷

Importa salientar que o conhecimento do mestre nada tem a ver com a educação formal institucionalizada adquirida nos bancos escolares. Maú em entrevista salienta isso: “Toninho num sabe lê, mais sabe muita coisa, tá?! Ele lê nada! Até prá assiná o nome dele ele iscreve rabisco. [...] Sabe tudo de cabeça.”²⁸ Sua sabedoria vem do ensinamento popular, transmitidos dos mais velhos para os mais jovens. Nesse cenário o conhecimento escolar não tem a menor relevância, pois esse não gera poder. O que gera poder é a desenvoltura do mestre no plano espiritual. Uma de suas atribuições é livrar a folia de possíveis apuros dessa natureza. Maú conta como Toninho fez para afastar espírito que incorporou em um folião e fez com que outros se sentissem mal:

Maú: Iara²⁹, nós pegamo uma casa pesada, pesada, mas pesada memo. [...] Por exemplo, igual uma vez, nós fomo in Cataguases, pegamos uma casa pesada lá. Chegô lá na casa, todo mundo começô a passá mal na casa.

²⁷ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

²⁸ Idem.

²⁹ Todos os foliões da Folia da Maú me chamam de Iara, porque Maú me chama assim. Desde a primeira vez que me apresentei ela entendeu Iara e não Andiara. Hoje ela já sabe meu nome, até porque levei meu convite de casamento para ela e o Zeze, onde o nome vem escrito em letras grandes, mas como em Leopoldina todo mundo tem um apelido esse ficou sendo o meu. O que já gerou confusão. Uma vez Maú ligou para minha casa pedindo para falar com a Iara e meu marido, que na época era meu namorado, sem saber de nada falou que não tinha ninguém com esse nome. Tive que interceder e falar que era para mim o telefonema.

ABN: Passar mal de quê?

Maú: Sei lá, deu um negócio. Um negócio qui entrô no meio da fulia. Saiu daqui, lá do Pirineus e fomo pra Cataguases. Chegô lá minha fia, o meu irmão ainda foi soltá um fuguete na Laginha, tinha um inorme de um cachorro igual um bizerro, quase qui morde na gente ainda. Purque na Laginha cê num pode soltá fuguete, porque lá é estádio, tendeu?

Zeze: Alembra qui tá gravano.

Maú: Aí o que qui acontece? Andamo ruim, minha fia! Bate nu um, bate no oto o bicho... o Todi meu subrinho, cumeçô a pulá dum pé só! O Toninho qui é Toninho! Toninho pegô, ... aí o Welber falô assim: “Ô cumpadi”, qui ele é cumpadi dele tamém, “a lá! O Todi tá pulano cum pé só!” O cumpadi falô: “Ah tá? Peraí!” Foi lá arrancô uma fita de cada instrumento, arrancô a dele, inrolô e jogô rio abaxo...

Zeze: Essa é uma magia qui a gente tem!

Maú: Aí, baxamo a bandera em cada um dus folião e aí melhorô!³⁰

É esse tipo de habilidade e de conhecimento que os mestres guardam em segredo, que só ensinam para o seu sucessor no grupo, que preparam durante anos, transmitindo e lapidando conhecimentos, geralmente para seu filho (e não filha). Por isso no diálogo acima Zeze fala: “Alembra qui tá gravano!” Pois esse tipo de magia, como tal prática é definida por Zeze, só é conhecida pelo mestre e não deve ser conhecido por outras pessoas. Por outro lado, ao contar os grandes feitos de seu mestre, confere credibilidade à sua folia, garantindo vida longa ao grupo. A maioria dos donos e donas de folias, assim como foliões e folionas, e até a assistência, que se encarrega de reproduzir e ampliar o raio de alcance da narrativa, contam histórias fantásticas da atuação dos mestres e do poder de sua bandeira. Maú em entrevista narra como Toninho fez criança muda falar:

Maú: Tinha uma minina ali embaixo, naquele prédio. A minina não falava. A minina tudo qui fazia, qui ela quiria cum a vó dela, fazia assim ... que era água. A vó dela já entendia tudo dela. Aí, meu minino cumeçô a namorá a fia dela, aí falô assim: “Ô Dona Dora, se a senhora trazê a fulia da minha mãe aqui, eu tenho certeza qui a Biatriz,” ela chama Biatriz, “qui a Biatriz vai falá!” Ela pegô e falô assim: “Será Bruno?” A Luíza tá acostumada a cantá lá! A minina num falava não!

ABN: E já era grandinha?

Maú: Já! Agora já tá mocinha já! Aí, aí o Bruno falô assim: “Ô mãe, a Dona Dora qué qui ceis leve a fulia lá!” Aí falô cum nós: “Ô Maú, eu quero qui a fulia vem aqui, qui eu quero fazê uma promessa de 7 ano prá Biatriz.” Aí o cumpadi falô: “Compra uma fita, cada ano a senhora troca uma fita! A senhora bota uma fita na bandeira e a bandera dá uma fita prá ela, e dexa amarrado 7 dias na minina. Assim fez. Nós cantamo lá hoje, quando foi amanhã a minina cumeçô a falá!³¹

³⁰ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

³¹ Idem.

Essa atuação do mestre de começar fazer criança falar é recorrente entre as folias. Seu Jerônimo da Folia dos Colodinos, também me contou uma história da obtenção da mesma bênção por meio da sua folia. O filho do próprio Toninho foi alvo dessa bênção concedida pela Folia da Maú quando o grupo ainda pertencia ao seu cunhado. Maú e Zezé contam:

Maú: Cê num viu o Zé do Toninho? Aquele Zé do Toninho conversava cum a gente não, cê chagava na casa dele ele iscundia!

Zeze: Escuta! Dexe eu contá a história. A honra de Deus seja feita: aquele muleque num falava! [...] Ele fez uma promessa, tá certo? Nu dia qui a gente cantô na casa dele... é isso qui eu te falo! Chega a doê aqui dento! Cê sabe o qui é a gente acriditá em Deus e no qui a gente faiz? Cara...

ABN: Muita fé, né?!

Zeze: Ó, a gente cantô na casa dele um dia, inda era piqueno, era muleque! Na época era eu, o cunhado dela... [...] ele fez uma promessa e a gente... Ó quando foi no ano seguinte o muleque já cumeçô a xingá todo mundo! (risos) [...] Hoje ele é nosso sanfoneiro, ele é um muleque qui, sabe? Tendeu?

[...]

ABN: E o Toninho já está ensinando ele?

Maú: Tá insinano ele a cantá!³²

E existe um perigo eminente se o mestre da folia não tiver essa sabedoria e não orientar os outros foliões sobre os perigos espirituais do giro. De acordo com relatos de foliões, se o mestre não tiver sabedoria as consequências podem ser fatais. Em entrevista, Nelson Madeira, dono da Folia dos Madeiras, conta a seguinte história:

Nelson: Eles tava cantano cá na Folia do Nego Machado. Ele se afastou da bandeira, o bicho pegô ele, ele cortava cerca de arame com o dente. Aí o mestre mal esclarecido, em vez de pegá a roupa dele e levá num lugar pra..., não. Quemô. Aí pronto, ele fico doido e morreu daquilo.

ABN: Então quando o palhaço é pego tem que fazer o que com a roupa dele, com as vestes?

Nelson: Não, nesse caso, né? Nesse caso tem que levá no macumbeiro, pra quem acredita em macumba, né? Na minha folia nunca aconteceu isso porque eu tenho muita fé naquilo que eu tô fazeno e tem fulião aí que num tem aquela fé que deveria tê, então as tentação tá em cima. A Folia de Reis cê sabe que, eu tô tremeno aqui, agora num sei se é de medo da moça.

Folião: Tá vendo? Agora já começou a jogá os troço, acontece isso aí.³³

Diante do relato, pode-se aferir que se o mestre não fosse “mal esclarecido” o procedimento diante do ocorrido seria outro. E se ele fosse prevenido teria orientado o palhaço e os outros foliões a se protegerem contra perigos de ordem espiritual através de estratégias simples, mas que possuem eficácia simbólica comprovada de acordo com o discurso que empregam.

³² Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

³³ Entrevista realizada com Seu Nelson Madeira, em sua residência, no dia 1º de novembro de 2010.

Os palhaços, não possuem o poder de cura como o mestre e a bandeira, porém também se utilizam de meios mágicos para se protegerem de perigos espirituais que permeiam a jornada. O mascarado é o elemento que na folia é o alvo mais certo de mandingas. Ele é o representante do perseguidor do Menino Jesus, do Rei Herodes, dos soldados de Herodes e até do próprio diabo. Como ele representa o mal ele precisa de mais proteção justamente para afastar o mal. Por isso pedem proteção no centro de Umbanda, utilizam terços, guias e patuás e realizam o Cruzamento da Farda no corpo³⁴, um procedimento de proteção muito exaltado por Toninho, e Cruzamento da farda no centro.

MJ, um dos palhaços da Folia da Maú, diz se sentir protegido com a farda cruzada, pois se aparecer um palhaço mandingueiro, feiticeiro no seu caminho, não haveria perigo. Se a farda não estiver cruzada, a mandinga pode “pegar”, e o palhaço literalmente para, fica sem ação, e sem verso. Segundo o mestre, isso pode acontecer com o folião também, ele já viu caso de folião perder a voz por conta de feitiço, mas, se seu uniforme estivesse cruzado, isso não aconteceria. A eficácia simbólica desse gesto é tão forte que o cruzamento se torna uma medida profilática. O poder do centro de Umbanda nesses casos é sempre assegurado pelos foliões, o que pode ser observado na fala de Nelson Madeira.

MJ conta que quando era menos experiente na função de palhaço, passou por situações constrangedoras por não ter cruzado a farda antes do giro e não ter tomado as devidas precauções com seus utensílios de figurino. Em entrevista ele narra:

MJ: No mundo do espiritismo tem muito dessas coisas assim de pará o outro, falá, rezá a reza deles e tal, entendeu? No caso rebate contra mim tendeu? Aí eu não tenho preparo prá isso. Aí eu tenho que cruzá, que aí é uma proteção, tendeu? [...] se um outro paião mais velho ao ficar atrás de você, te rezá, aí você começa a gaguejá, errá, perdê, perde a noção de tudo que cê tá fazendo. [...] você fica perdido ali.[...] Uma vez na Quinta³⁵ aconteceu algo que eu parei simplesmente assim, a bateria ficô zuano, a Maú falô assim: cumé qui é paião? Cumé qui é?” Mas cumé qui é o quê? Fiquei assim, ó! [...] aí o Rodrigo entrô brincano e tal. [...] a gente tinha saído até da casa do Lorinho. Aí os minino falô assim: “o Lorinho mexe cum espiritismo e tal, ele gosta de fazê umas gracinha. Deve ser o Lorinho qui deve tê feito alguma coisa e tal.” E realmente tinha ficado guardado a máscara, o capacete, tudo na casa do Lorinho. E esse ano eu já num dexei. Já truxe tudo cumigo. Foi até no dia que o Nicolás falô assim: “ué, por que qui cê tá levano tudo?” Falei assim: se ocê quisé dexá o seu pode dexá aí, o meu vem cumigo. Pegô e falô assim

³⁴ Em etnografia tive a oportunidade de presenciar MJ cruzando a farda no corpo, ao lado de seu filho MJotinha, que já se iniciava como palhaço, fazendo uma participação na Folia da Maú naquele giro. Ensinava ao filho pelo exemplo que depois de vestir a farda, segundo ele já cruzada no centro de Umbanda pela entidade Vô Baiano, protetor da Folia da Maú, ele deveria realizar o seguinte procedimento: tomar a capa da farda nas mãos, girar três vezes em torno do corpo para cada lado e depois colocar a capa. Dessa forma, estaria com o corpo fechado para feitiços e mandingas.

³⁵ Bairro Quinta Residência, localizado na periferia de Leopoldina.

cumigo: Hum, então vô levá o meu tamém. Aí ele levou e não voltou mais! (gargalhada da Maú ao fundo) Naquele dia foi até o sô Zé qui foi passá a bandera im mim na saída da ponte, na entrada daquele centro da Dona... cumé qui ela chama? [...] aí foi passá a bandera em mim e o que tava im mim no caso acho qui saiu esbarrô cum o Rodrigo num sei, e o Rodrigo acabô caino no Feijão Cru³⁶ e tal, caiu dentro do córrego, eu sei qui aquele dia foi um furdunço só! [...] Diz qui foi isso, tendeu? Qui foi por causa assim, coisa assim do espiritismo memo, uma pessoa quereno prejudicá, tendeu? Aí veio im mim por causa deu sê o mais fraco, tendeu? Como tava o Rodrigo na frente e tinha que dá espaço pra passá e era cercado de água, só tinha a ponte, então tinha qui saí. No saí, esbarrô cum Rodrigo! [...]

ABN: Foi no mesmo dia em que você parou?

MJ: Foi na hora, na mema hora.³⁷

MJ certa vez afirmou que o palhaço tem que ficar atento ao mestre. Pois, geralmente o mascarado não entra nas casas. Seu lugar é a porta, como um sentinela, impedindo que qualquer um entre na residência durante a visita da folia. Portanto, se há alguém doente na casa ele não pode ficar na direção da porta. Pois ele assevera que quando Toninho começa a expulsar a enfermidade do local, com suas rezas e magias, ela sai pela porta e se ele estiver na direção, a doença bate e entra no corpo dele. Se o palhaço for desatento, ou “bobo”, como disse MJ, ele fica lá esperando de “peito aberto”. Muitas vezes, o mestre avisa o palhaço a hora de sair da porta para que ele não seja o alvo da enfermidade que está sendo expulsa, mas para isso tem que estar vigilante. Na conversa, ele deixa claro que isso se aprende com o tempo e com os erros, mas tem que ficar sempre atento às orientações do mestre e dos palhaços mais velhos.

Mas as sabedorias, tanto dos mestres quanto dos palhaços não se limitam à esfera espiritual, mas também no campo das profecias. Todo conhecimento do mestre é chamado de sabedoria. E todos eles geram poder. Porém, assim como o mestre apresenta um extenso conhecimento dos versos que contam sobre a viagem dos Reis até o encontro com o Menino, que são as profecias, e são sagradas, os palhaços também têm que conseguir se garantir com seus versos profanos. Sua função é conferir a proteção do grupo e não deixar que nada perturbe a visita e se para isso tiver que entrar em duelo com outro palhaço, ele deve fazer.

MJ relata seu posicionamento diante de outro grupo que queria interromper a cantoria da Folia da Maú porque havia marcado a visita na mesma casa. Entretanto, a dona da casa recebeu a Folia da Maú antes do grupo combinado. MJ disse que parou o grupo no meio da rua, em uma encruzilhada, e, percebendo a intenção alheia de seguir para a casa onde a sua folia tocava, desafiou o palhaço deles para disputar nos versos a passagem. Quem tivesse mais

³⁶ Feijão Cru é o nome do córrego que passa por toda a cidade de Leopoldina.

³⁷ Entrevista com palhaço MJ, em Leopoldina, dia 6 de abril de 2014, na casa de Maú.

sabedoria, teria o direito de submeter a bandeira do outro, ou seja, o vencedor teria o direito de cantar na casa:

MJ: Parei no meio do morro. Aí onde eu parei tinha uma encruziada assim que saía de lado assim. Aí eu parei no meio da rua e gritei lá di baixo assim pra ele pará di batê lá in cima. Gritô lá pra podê pará di batê e eu cumecei falá lá im baxo. Aí eu comecei bateno, tendeu? Só verso qui batia. Sasaricava pra lá e pra cá e tal, e batia, cavucava o chifre pro lado deles assim, e falano... Aí a fulia deles foi lá e parô. [...] Aí veio um outro e cunversô cumigo. Pidiro pra passá. Aí eu falei: não. Passá não. Se quisé saí de lado aqui e esperá pode, mas por aqui não. Aí eles impurraro a bandera deles im cima da minha. A minha fulia só sai a hora qui eles cantá tudo e pedi pra i imhora. Tendeu? Aí cabia eu pará, qui eu sô o guardião da bandera. O meu mestre tá lá dentro da casa lá, cum a bandeira presa lá, então aqui fora é eu. [...] Aí eu falei cum ele assim: cê fala cum seu paição qui num é nada pessoal, qui eu nem cunheço ele, mais a minha função é defendê minha bandera, e si ele quisé nós brinca aqui. Eu e ele. Pó cortá o chula da fulia doceis qui nós vamo brincá aqui. Agora prá cá ele num passa não. Aí ele voltô di lá: “não, o rapaiz falô qui ele num qué Encontro não, qui a gente vai só incostá de lado aqui e isperá oceis. [...] O dono da fulia veio. O dono da fulia veio de carro rapaiz, quemano chão, e derrapano no barranco, sambano prá lá e prá cá, sentano o carro pra cima di mim, e vrum, e subiu prá cima, aí eu saí fora de banda qui passô até ventano na farda. [...] Incostô o carro prá cima assim e mandô chamá a dona da casa. A dona da casa veio. Mai ele contô um fiado pra dona da casa! Mai zangô cum ela, mai zangô muito! Se fosse eu o dono da casa, na minha casa ele num tocava mais.[...] aí ele pegô e falô assim, falô assim memo cum paição dele: “é o último ano qui ocê sai pra mim, tá?! Ano qui vem cê pode caçá uma fulia procê, qui pra mim ocê num é paição não!”³⁸

MJ conta ainda que se o palhaço deles fosse bom como o Rodrigo, seu professor e referência, e resolvesse encarar o desafio por ele mesmo proposto, ele sairia prejudicado, envergonhado e humilhado, porque na época MJ ainda não tinha a sabedoria que tem hoje. Ele só tinha coragem e arriscou. Sendo ele o guarda da folia, sua função era impedir que o outro grupo perturbasse o ritual da Folia da Maú, ou seja, sua função no momento era fazer o que fez.

O palhaço tem que ter a sabedoria também de recitar os versos apropriados nos momentos certos. Quando os donos da casa pedem para o palhaço salvar o presépio ele tem que saber os versos adequados e saber se portar diante dele e dentro da casa. Pois, como já disse anteriormente, ao palhaço não é permitida a entrada na residência dos devotos, portanto ele tem que tirar máscara e capacete e se despir da representação do mal, para entrar e humildemente se ajoelhar diante do presépio e recitar os versos corretamente. Pois se ele entrasse caracterizado, seria o mesmo que permitir a entrada do perseguidor de Jesus. Porém,

³⁸ Entrevista com palhaço MJ, em Leopoldina, dia 6 de abril de 2014, na casa de Maú.

sem a máscara, o palhaço se torna um integrante da folia como outro qualquer. Não é muito comum, mas já pude presenciar em um giro com a Folia da Maú, em que MJ salvou um presépio.

MJ afirma que a função de salvar o presépio é do mestre, o palhaço não seria obrigado a fazê-lo, nem digno de entrar na morada do devoto e tampouco reverenciar seu presépio. Mas alguns devotos já sabem da capacidade do mestre folião, e querem atestar a do palhaço, saber se ele também tem o conhecimento necessário para ocupar aquela posição. Diante do presépio, MJ recita os versos que contam a saga de Maria e José para esconder a criança de seus perseguidores.



*Figura 6: Palhaço MJ salvando o Presépio na casa de um devoto.
Fonte: Acervo pessoal, 2014.*

Se pedirem para o mascarado recitar os versos para o cruzeiro de moedas, ele tem que saber os versos específicos. Muda todo o seu gestual. Na casa de Matilda tive a oportunidade de ver o palhaço dos Colodinos cumprir essa demanda. O primo de Matilda, um homem muito experiente em termos de sabedoria do palhaço, fez no chão uma cruz com moedas e notas.



*Figura 7: cruzeiro feito de moedas e notas na casa de Matilda e oferecidas ao palhaço Robinho.
Fonte: Acervo pessoal, 2017.*

Quem é conhecedor compreende que isso é um desafio para saber se o palhaço tem o conhecimento necessário para assumir a sua função. O palhaço que não tem nenhum conhecimento procederia da mesma forma que pega o dinheiro de toda a assistência, ou seja,

fazendo versos e pilhérias, e logo que recolhesse todas as moedas do chão, pediria a chula³⁹ para dançar novamente. Mas Robinho, de acordo com seus conhecimentos, pede aos músicos para cessar a chula e tocar o Estribilho de Reis, uma música lenta e característica para este momento em que ele recita versos específicos até chegar diante do cruzeiro de moedas. Recitou durante muito tempo até se ajoelhar diante do cruzeiro. Segundo alguns foliões dos Colodinos, ao mascarado não é permitido que pegue esse dinheiro, pois as moedas em formato de cruz faz referência à morte de Jesus, que foi para cruz por ter sido traído por dinheiro. Dessa forma, ele deve pedir a quem fez o cruzeiro que coloque as moedas em seu embornal, assim ele fez. Mesmo tendo realizado o procedimento característico, Matilda cita em entrevista que seu primo, que já foi palhaço, comentou que Robinho não completou todo o procedimento, parece também que não citou todos os versos necessários.

Pode-se perceber que no contexto da Folia de Reis há duas formas de sabedoria: a sabedoria das profecias, que é o conhecimento adquirido pela capacidade de memorização das palavras, dos versos que contam a viagem dos Reis ao encontro de Jesus. São cantados em todas as casas, mas a quantidade de versos entoados vai depender da vontade do mestre. Mas também é de fundamental importância o conhecimento dos versos específicos que devem ser entoados em cada situação que a folia encontra nas casas visitadas, aí não se assinala só o conhecimento do mestre, mas também o do palhaço. E a outra forma de sabedoria seria a da manipulação das forças sobrenaturais, que todo bom mestre tem que ter para manter os foliões que estão sob sua responsabilidade longe dos perigos e de entraves espirituais que perturbem a ordem e o bom andamento do giro.

Nenhum fundamento expresso da folia exclui a mulher da possibilidade da aquisição desses conhecimentos, portanto não há nada que a proíba de assumir a função de palhaça, como já existem representantes em Leopoldina, e de ascender à posição de mestra. Nesta posição não pude ter conhecimento de nenhuma representatividade feminina por dois motivos: o primeiro se delineia em função do tempo. A inserção de mulheres no cortejo da festa é uma atitude ainda muito incipiente e nova para o contexto leopoldinense, e para uma pessoa chegar a ser mestre ela precisa de muita experiência e anos de prática. O próprio Toninho não começou na folia como mestre, ele foi durante muitos anos palhaço e ensinou tudo que sabe ao Rodrigo, filho de Maú, que por sua vez transferiu seus conhecimentos em

³⁹ Chula ou chule, como alguns foliões dizem, é o ritmo que o palhaço pede aos foliões que toquem para ele dançar depois de cada verso recitado. No momento em que toca a chula ele já está pensando no próximo verso. Geralmente são os instrumentos de percussão e a sanfona que ficam a serviço do palhaço na sua brincadeira. Mas a chula pode ser também o nome dado à brincadeira do mascarado, também chamada de a chula do palhaço.

torno da função para seu filho e para MJ, que já prepara o filho para dar continuidade à tradição. Dessa forma, ao mestre é exigido anos de experiência e dedicação para aprender a função de maneira adequada. Diante disso, ainda não tive conhecimento de nenhuma mulher que tenha sido preparada para assumir tal função. O segundo se manifesta em função da transmissão de conhecimento. Quando as mulheres estarão preparadas para assumir a função de maior hierarquia do grupo se os mestres não lhes ensinam as sabedorias tanto das profecias quanto da manipulação das forças espirituais? Será que as mulheres nunca cogitaram a possibilidade de um dia serem mestras ou será que os pais mestres já logo tolhem seu interesse lhes afirmando que isso não é coisa para meninas?

A compreensão dos papéis de homens e mulheres na sociedade contemporânea “não são de ordem natural, mas advêm de uma construção histórica, cultural, religiosa, social e política, com fortes traços da dominação sobre a mulher” (CRUZ, 2013, p. 18). Por isso a pergunta supracitada sobre a cogitação possibilidade de se tornarem mestras ou a castração de seus interesses desde crianças não deve se pautar em uma escolha excludente de uma ou outra alternativa. Podem aparecer dois motivos. Pois essa construção histórica, cultural, religiosa, social e política da qual fala a autora é um poderoso agente de inércia, castrador e imobilizador, que faz com que as mulheres sequer cogitem tal possibilidade e interiorizem que aquela função de fato não é para elas. Como se seus desejos fossem pautados por sua biologia. “O biológico humano é um biológico cultural, um biológico que não existe independentemente de nossa realidade social” (GEBARA, 2000, p. 107). Não há como isolar o biológico humano e tomá-lo independente do conjunto da realidade daquele grupo social. É uma construção que perpassa gerações, que define funções, que condiciona corpos, que atrela biologia e cultura de forma tão inextricável, que parece natural. À luz de Simone de Beauvoir que proferiu a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, Cruz (2013, p. 25) afirma que

do ponto de vista social e cultural, a mulher não nasce mulher e o homem não nasce homem. Fazemo-nos homens e mulheres a partir de referências com relação aos papéis condicionados milenarmente na sociedade, de acordo com costumes, crenças, cultura e também num tempo histórico determinado, portanto, não são naturais, mas construídos historicamente.

Portanto, o que se observa a partir da explanação é que os papéis de homem e de mulher dentro do contexto da folia estão muito bem definidos ainda. Mulheres ocupando o setor dos serviços, como zeladoras de instrumentos, roupas e bandeira, como cozinheiras, e no máximo administradoras, mesmo assim com funções focadas no âmbito privado com algumas

exceções. Os homens, por sua vez, comandam a esfera ritual e das sabedorias, dominando os altos postos de hierarquia do grupo. Aqueles que se articulam também na esfera dos serviços, ficam por conta da definição do roteiro dos giros e das burocracias. Reproduzindo, dessa forma, no âmbito da folia o que já se encontra na sociedade: mulheres na esfera privada e homens na esfera pública. Porém, assim como na sociedade já se percebe um movimento no sentido de desconstrução de padrões, revisão das relações de poder, desenvolvimento de formas de resistência, que criam estratégias a fim de se aproximar ao máximo do ponto de inversão, mesmo que de forma lenta e gradual, esses movimentos já vêm sendo sentidos também na folia, através de figuras pontuais, que aqui e ali, já se posicionam enquanto folionas instrumentistas e até a própria figura da dona da folia. Apesar da função de dona da folia poder ser mais uma forma de reproduzir os padrões, ela tem uma relevância no sentido de ser uma liderança e incitar mudanças pelo exemplo. Mesmo que lidere a partir do setor dos serviços, já é uma forma de se abrir uma via para as mulheres entrarem pelo setor dos serviços, serem absorvidas pelo ritual e se infiltrarem no campo das sabedorias. Importa perceber que esse movimento não se desenvolve num continuum. Possui idas e vindas, avanços e retrocessos, como também se observam na sociedade. A linearidade se coloca mais como uma ferramenta didática para se compreender a História do que como uma forma de enquadrar o curso da realidade factual. Esta se assemelha a uma espiral, que vai avançando, porém de maneira cíclica, ou seja, retornando ao ponto de partida sempre que alcança o da chegada. Mas tanto o ponto de partida quanto o de chegada nunca são os mesmos, que ficam para trás a cada volta dada. Portanto, é necessário também analisar o passado para se perceber esse desenho.

Diante disso, é possível subverter a inércia do imobilismo e colocá-la a favor do movimento. Uma mudança vai trazendo outras como consequências das primeiras ou seguindo seus exemplos. É uma questão de tempo e atitude. Muito já se alterou no contexto da folia. Em manifestações tradicionais, o passado se coloca como base, mas a construção sobre essa base fica a cargo das novas gerações que adaptam a festa à novas pautas sociais. E a pauta de gênero é uma delas.

Capítulo 2: Passado ideal

A reconstrução verbal do passado muitas vezes revela o ideal. O passado, distante dos nossos olhos, se reconstitui de forma idealizada, sem perdas, sem degenerações, em seu estado de “pureza”, no qual as regras eram respeitadas e todas as normas assumidas, onde a anomia se mantinha sempre distante. Por outro lado, certos aspectos do passado ainda estão presentes em alguns contextos, mas nem por isso seu aspecto idealizado se perde por completo.

Interessa aqui compreender como as mulheres constroem esse discurso, quais memórias estão em jogo, quais personagens aparecem como figuras memoráveis, como eram organizadas as visitas das folias, como eram divididos os afazeres entre mulheres e homens. Através dessa perspectiva, importa revelar os pontos que na construção do discurso das entrevistadas aparecem como constituintes de um status quo, e se não devem ser alterados em sua opinião, por qual motivo tal integridade deve ser mantida.

A proposta deste capítulo se constrói a partir da análise de como as mulheres entrevistadas imaginam que é a dinâmica certa da folia, como era no princípio. Destarte, lembranças, imaginários, compreensões a partir das mulheres sobre os papéis/funções tradicionais de gênero na religião, tendo como base a estrutura da Folia de Reis, serão descritos e discutidos neste capítulo.

A partir de entrevistas e/ou conversas com elas, busco traçar uma discussão de que tipo de pessoa poderia ou deveria assumir determinado cargo/função dentro da estrutura hierárquica da folia no passado. As quais atores sociais seriam delegados determinados papéis. Quais características a pessoa deveria apresentar para assumir determinada função. Tudo isso de acordo com o ponto de vista das entrevistadas. Neste momento, importa observar o discurso pelo qual elas exprimem qual era o lugar ocupado pelas mulheres e homens em todos os setores elencados: organizacional (dos serviços), ritual e das sabedorias.

Tudo que se reporta a um passado, por mais que seja há apenas uns 40 ou 50 anos, parece que está mais próximo ao tempo em que os Reis do Oriente viveram e realizaram a jornada ao encontro do Menino Jesus, do que os dias atuais. Mesmo sendo um período insignificante diante dos dois milênios que separam tal mito dos ritos que ele deu origem, as pessoas acreditam que por estar mais próximo no tempo, está também mais próximo do “original”, mais “puro”, menos “infectado” pela modernidade e suas “perdas” constantes. Mesmo que não verbalizem isso, o imaginário de quem conta o passado indica um tempo em que as práticas dos foliões se balizavam pela semelhança das práticas dos Santos Reis. Por

isso nesses itens acrescento Santos Reis aos títulos mostrando a proximidade que as entrevistadas demonstram em suas falas. É importante observar a construção desse imaginário ideal, que se reporta a um tempo original onde se encontra o “certo”, a maneira correta de se proceder na Folia de Reis.

2.1 A serviço dos Santos Reis

Com base em conversas e entrevistas, é possível aferir que a mulher não se insere atualmente no contexto da Folia de Reis e tampouco se inseriu no passado, na verdade ela sempre esteve intrinsecamente absorvida por ele, porém invisibilizada.

Dizer inserção da mulher neste universo, apesar de a primeira vista parecer um apontamento pouco problemático, já que as folias não são compostas “naturalmente” por mulheres, se torna inverossímil na medida em que se compreende melhor a dinâmica das engrenagens que possibilitavam os giros. Desde os primeiros grupos que se formaram em Leopoldina, para ser mais precisa, desde o surgimento da Folia da Serra (Folia dos Medeiros), a mais antiga que se tem notícia, datando seu surgimento de 1816 de acordo com seus foliões, a mulher sempre esteve inserida neste universo. Mais que inserida, muitas vezes ela era quem promovia os giros. Sabe-se que as mulheres são mais assíduas nos ambientes e nos trabalhos religiosos que os homens. Patrícia Birman (1996, p. 207) assevera que há uma predominância nítida de mulheres nos assuntos religiosos. Observa que em função de “uma clássica divisão de trabalho entre os sexos, caberia, pois, às mulheres as lides religiosas e o trabalho doméstico bem como o cuidado das relações familiares” (BIRMAN, 1996, p. 207). Dessa forma, elas, na maioria das vezes, faziam a promessa para os Santos Reis e pagavam oferecendo o almoço. Quando chegava a visita da folia de surpresa, era ela quem ia fazer a broa e o café. A comida, que tem centralidade na manifestação, na maioria das vezes, ficava e fica a cargo da mulher. Quando canta na Igreja, ela quem decora, limpa e prepara o ambiente para receber os foliões. Sem contar o trabalho de costura dos uniformes e bandeira. Além dos ornamentos dos instrumentos e dos chapéus, que se transfiguram em coroas depois de montados pelas mãos femininas, muitas das vezes. Diante disso, é possível pensar no protagonismo de quem fica nos bastidores a fim de entender a centralidade da mulher nessa manifestação desde seu surgimento. Por isso dizer que hoje a mulher se insere nesse universo não é uma afirmativa verdadeira, pois ela sempre esteve envolvida.

A partir disso, pode-se iniciar tal análise partindo do setor organizacional. Que é o setor que mobilizava as ações para a festa ocorrer. No passado as mulheres faziam tudo que

estavam dentro da sua atuação no lar. Mas que passado é esse? Que mulher era essa? Qual sua função na sociedade?

Regina Ammicht Quinn (2012) remonta um histórico da mulher no passado mostrando que a natureza sexual não é unívoca no contexto sociocultural (AMMICHT QUINN, 2012, p. 17). Portanto, com o passar dos séculos o ideal de mulher foi se modificando de maneira paulatina. Segundo a autora na Antiguidade a mulher era entendida como um homem menos perfeito, como se só existisse um sexo, o masculino. A mulher seria uma variação imperfeita do mesmo e somente a partir do século XVIII esse modelo se altera para o de dois sexos, dois corpos, com a radical contraposição varões e mulheres. (AMMICHT QUINN, 2012, p. 18-19). Entre os séculos XIV ao XVI a mulher era denotada como um ser insaciável sexualmente, “cujo desejo sexual ilimitado ameaçava os varões individuais, assim como a ordem social como um todo” (AMMICHT QUINN, 2012, p. 19). Somente a partir de fins do século XVII, a mulher aparece como desinteressada, passiva e virtuosa, de modo que a vida sexual devia lhe parecer repulsiva e primitiva (AMMICHT QUINN, 2012, p. 19). Um ideal que se aproxima mais da imagem de mulher que será tratado nesse capítulo, de uma feminilidade dócil, recatada, submissa, porém nos séculos XIX e XX. A partir desse breve histórico é possível perceber que o imaginário que baliza o modelo de gênero nas sociedades não se altera abruptamente, pelo contrário permanece durante séculos com uma vagarosa mobilidade.

Por outro lado, pode-se afirmar que mulheres do século XVIII, por exemplo no Brasil, tinham restrições em geral mais rígidas que as do século XX, sendo impossível agrupá-las em um mesmo feixe metodológico a princípio. Ou um exemplo mais próximo, que nossas avós tenham sido criadas de maneira muito mais severa, sendo muito mais tolhidas de modo geral que nossas mães. Porém, a regra oriunda de fins do século XVII que dita às mulheres recato, docilidade, passividade, submissão e repulsa sexual permaneceu em vigor durante o século XX, com menor intensidade em certos aspectos, mas não de maneira menos efetiva. E por mais que o desejo de negação seja forte entre as mulheres, é possível admitir que tal regra reverbera seus traços ainda hoje. Dessa forma, me refiro aqui a um passado que mesmo distante em termos cronológicos, se manifesta no cotidiano e se faz presente de modo pretensamente permanente. Portanto, analisam-se as diferenças, mas reconhecem-se as semelhanças.

Além disso, não se pode esquecer também, ainda dentro desse contexto, do imaginário que prega a aproximação da mulher com a natureza. “A partir de uma construção de gênero,

pode-se perceber o quanto na cultura ocidental a natureza bruta, selvagem, é assimilada às mulheres como natureza, e isto como uma coisa natural e cultural ao mesmo tempo” (GEBARA, 2000, p. 130). A ideia apresentada por Ammicht Quinn (2012) sobre a insaciedade feminina atrelada a essa preconizada por Ivone Gebara (2000), sobre a natureza selvagem da mulher, podem ser melhor compreendidas e assimiladas a partir da seguinte passagem da mesma autora:

Associando a natureza a uma imagem maternal, ao mesmo tempo ela também era evocada como uma realidade não controlável, como natureza violenta, selvagem ou como algo capaz de provocar a desordem. Essas duas projeções eram identificadas com o sexo feminino e estavam presentes em muitas culturas antigas (GEBARA, 2000, p. 128).

Ainda segundo a autora “a ideia de poder sobre a natureza e, indiretamente, de poder sobre as mulheres derivam da mesma simbólica” (GEBARA, 2000, p. 128). A ideia é subjugar para dominar. Judith Butler (2017, p. 74) contribui asseverando que “a relação binária entre cultura e natureza promove uma relação de hierarquia em que a cultura ‘impõe’ significado livremente à natureza, transformando-a, conseqüentemente, num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado”. A autora ainda acrescenta que

Como na dialética existencial da misoginia, trata-se de mais um exemplo em que a razão e a mente são associadas com a masculinidade e a ação, ao passo que corpo e natureza são considerados com facticidade muda do feminino, à espera da significação a partir de um sujeito masculino oposto (BUTLER, 2017, p. 75).

Exercer o poder nesse caso, exige a submissão. Essa ideia de natureza ligada à mulher e cultura ao homem se estabelece como uma metáfora da relação homem e mulher na sociedade patriarcal, na qual a parte dominada é submetida à vontade do dominador que age e a transforma às suas necessidades e demandas. Essa relação se baseia na submissão da mulher ou natureza, obrigatoriamente ao homem ou cultura, para que se tenha um resultado significativo. Como um oráculo social, uma fatalidade, um destino do qual não se pode ou não se deve escapar. O traçar desse destino contou com a participação da Igreja Católica e suas regras institucionais disseminadas como verdades dogmáticas e comportamentais incontestes, que fazia parte de um dispositivo de poder, que se aliava aos desejos de poder de uma elite dominante, da qual a igreja católica fazia parte. Segundo Foucault (2009, p.14) o exercício do poder se define por

um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite ele coage ou impede absolutamente; mas é sempre

um modo de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis a agir. Uma ação sobre ações.

Em tese as verdades institucionais são absorvidas sem questionamentos por quem está submetido ao controle da instituição, através do exercício de poder que opera manipulando e induzindo o sujeito governado por ele, construindo uma teia difícil de desvencilhar. Isso faz com que o indivíduo tenha a verdade do dominador como sendo sua, como se nascida de sua própria consciência e jamais imposta. A naturalidade com que as regras de conduta e de sociabilidade relacionadas ao gênero foram e são impostas pela cultura dominante, e isso inclui a doutrina católica, explica a consolidação do ideário, dentro da esfera dos serviços, das obrigações de mulheres e homens definidamente e “definitivamente”.

Assim institucionalizada, a diferença obrigou as mulheres a assumir certos encargos e comportamentos como fazendo parte do seu destino biológico. Neste sentido, o discurso da diferença foi justificador das desigualdades, sobretudo quando se apresentou como legitimado por leis da natureza ou pela vontade dos deuses (GEBARA, 2000, p. 124).

É justamente esse ideário que justifica o papel do homem como provedor da esfera cultural, enquanto à mulher se delega afazeres entendidos como inferiores, mas que na prática se mostram tão importantes e indispensáveis quanto os afazeres ditos masculinos. Nessa perspectiva, Gebara (2000, p. 128) acrescenta:

As mulheres eram consideradas como mais próximas da natureza por causa de seu papel nos processos biológicos de reprodução, de nutrição e de cuidados dos recém-nascidos. Os homens eram considerados como produtores de cultura por causa de sua atividade na caça, pesca e nas guerras. É importante notar que, numa perspectiva patriarcal, transformar produtos, cozinhar, preparar medicamentos com ervas, saber limpar e costurar, tudo isto não era considerado como obra de cultura mas como algo inferior.

Essa aproximação de mulher com a natureza, apesar de ser uma construção que remonta ao século XVII – XVIII, pode ser percebida em um passado não muito distante, e não há exagero em dizer que se faz presente ainda hoje. Portanto, “restringe a contribuição das mulheres ao domínio do lar e da procriação, considerando como um domínio de menor importância, apesar de ser fundamental para a continuidade da vida social” (GEBARA, 2000, p. 129). Pois as crenças disseminadas sobre a inferioridade da mulher, a falácia da fragilidade, tanto mental, moral, emocional e também corporal, geram nelas a descrença sobre si próprias, insegurança, baixa autoestima, e aí sim surge uma fragilidade real, produzida e não natural. Tudo isso faz parte do projeto de poder, para evitar insurgências desse Outro, que é a parte dominada. Pois apesar do exercício de poder fazer parte do controle promovido por uma instituição, ele “não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se

elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (FOUCAULT, 2009, p. 17). Nessa elaboração surgem estratégias de poder, de controle, bastante eficientes e definidoras, que aprisionam sem correntes, e o pior, com consentimento das partes envolvidas. Foucault (2009, p. 13) assevera: “O funcionamento das relações de poder, evidentemente, não é uma exclusividade do uso da violência mais do que da aquisição dos consentimentos”.

Na Folia de Reis, às mulheres eram delegadas as responsabilidades tanto de confecção como de zelar pelos uniformes dos foliões e fardas dos palhaços. Não como costureira ou lavadeira, mas como extensão mesmo dos “seus” serviços domésticos, sem nada receber por isso. Como se a esposa do dono ou presidente da folia, ou mulheres da família em geral, tivessem a obrigação de fazê-lo. Como Seu Severo, antigo folião e atual devoto de Santos Reis, em entrevista afirma se referindo sobre à época em que era folião:

ABN: E quem é o responsável por essas roupas? Quem faz?

Seu Severo: Essas roupa é o seguinte, presta atenção, essas roupa, todos esses grupo tem que ter uma diretoria, eles forma lá a diretoria: presidente, segundo presidente ou vice-presidente. Aí é o seguinte: a própria mulhé do presidente ajuda, a mãe do presidente, a irmã do presidente...⁴⁰

A confecção da bandeira também era uma atribuição feminina, já que a costura ficava sob responsabilidade das mulheres. Porém, como eram e são funções entendidas, sob a ótica da cultura patriarcal, como menores e inferiores, a partir de certo tempo ninguém mais se recorda de quem realizou determinada tarefa. A Folia da Serra, por exemplo, data do início do século XIX, e apesar dos duzentos anos transcorridos de lá para cá, todos sabem reconhecidamente falar o nome do Medeiro Velho, o fundador da folia, Sebastião Medeiros. Mas a referida, reverenciada, taumaturga bandeira da Folia da Serra, que se tornou um símbolo do grupo, cuja estampa dos santos veio de Portugal e data da mesma época de sua fundação, ninguém sabe sequer sugerir quem fez. Sem sombra de dúvida, no início do século XIX, foi confeccionada por mãos femininas e sempre restaurada por elas também, quando necessita de reparos. Mas são sempre mãos anônimas.

⁴⁰ Entrevista com Severo, em sua residência, no dia 1º de novembro de 2010.



Figura 8: Bandeira da Folia da Serra, e detalhe da imagem, vinda de Portugal segundo os foliões e datada de 1816.
Fonte: Acervo pessoal, 2014.

As três mulheres entrevistadas, esposas de foliões, e que se dedicam à Folia da Serra e sempre estão envolvidas com a organização e na esfera do suporte dos giros, não souberam dizer quem foi a responsável pela confecção da bandeira, mas todas estão de acordo com a suposição de que tenha sido feita por mulheres ligadas à folia na época. Lúcia, esposa do atual dono da folia, em entrevista faz uma listagem retrospectiva de quem poderia ter feito o objeto sagrado. Nessa lista de três gerações ela não inclui nenhum homem e assevera com segurança que a bandeira surgiu através de mãos femininas:

ABN: E você sabe quem fez a primeira bandeira? Quem pregou esse desenho lá, que veio de Portugal, né, que vocês falam...

Lúcia: É da família da minha sogra.

ABN: Ah é? Mas quem fez a primeira...

Lúcia: eu num sei, eu num sei. Acredito que pode tê sido a mãe da minha sogra. É é dela. Mãe não, no caso é vó! Porque minha sogra morreu cum noventa e...

Tinho: quatro

Lúcia: quatro anos, né!? Então, delas, qué dizê, ela era a última geração, a minha sogra, né. Tô falano assim, da história da bandera. Qué dizê, vamo pô três gerações, né. Prá dá 200, prá dá 200, tem que tê sido avó ou bisavó dela.

[...]

ABN: E você acha que foi mulher que fez?

Lúcia: Ah com certeza! Quem custurô foi mulé, num foi, num foi homem.⁴¹

Suposição que contradiz a versão contada pelo folião Seu Naldo, marido da entrevistada Cássia. Ele afirma que a bandeira foi feita por um dos fundadores da Folia da Serra:

ABN: Mas quem fez na época a gente não tem como saber...

Cássia: Num sei. Isso aí eu num posso...

ABN: é muito antigo, né...

Cássia: é muito antigo! É 200 anos atrás.

ABN: Mas provavelmente era mulher que fazia?

Cássia: Ah com certeza!

Naldo: não.

Cássia: Quem fez a bandera num foi mulhé não? Foi não?

⁴¹ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Naldo: (incompreensível)
Cássia: Cê sabe fala, ué!
Naldo: Foi o Chico Luíz. Papai falava...
ABN: Heim?
Cássia: Foi Francisco Luiz. O pai dele falava qui foi o Francisco Luíz.⁴²

Tal afirmação do folião parece uma tentativa de invisibilizar mais uma vez os nomes de mulheres que sustentavam a festa. Ou seja, nem na esfera dos serviços, que era um campo destinado às mulheres quase que por uma convenção social de divisão do trabalho de acordo com o gênero, consagrada pelo sistema patriarcal, a mulher não poderia aparecer se a função era de relevância, como é a confecção do elemento sagrado do grupo. Mesmo contrariando a própria convenção social que prega que os afazeres domésticos, incluindo a costura, era encargo feminino, Seu Naldo pondera, incluindo um nome masculino preponderante para a história da folia. Dessa forma, faz surgir assim uma narrativa que preenche uma lacuna formada pela invisibilidade feminina histórica no grupo. E uma narrativa que possui credibilidade por ter sido falada não por ele, mas por seu pai, já falecido, um folião referência no contexto por seus saberes adquiridos durante sua longa vida. Uma fonte quase irrefutável, por sua sabedoria atestada. Além disso, tendo falecido com mais de 90 anos, ele viveu em um tempo que teoricamente se aproximava mais do tempo da origem da folia e simbolicamente mais fiel ao mesmo. Porém, nenhuma das três mulheres envolvidas com a Folia da Serra entrevistadas citaram o nome de Francisco Luiz como o responsável pela confecção, pelo contrário, atestaram o serviço feminino como o mais provável para a época. Nem mesmo Tinho, o dono da Folia da Serra atualmente, filho de um referendado mestre folião do mesmo grupo no passado, citou esse nome como sendo o responsável.

Assim como Luíza e Maú foram as responsáveis pelas suas bandeiras na atualidade, é provável que a bandeira da Folia da Serra tenha sido feita por uma mulher ligada à diretoria do grupo, como esposa, irmã, mãe, nora etc. de algum folião proeminente. Mas não referendada e nem com respeito lembrada, pela confecção do símbolo sagrado e de grande importância ritual. Mais uma mulher invisibilizada na história deste grupo tão importante para a cidade. A bandeira é tão significativa por conferir proteção à folia além de ser o veículo dos pedidos e agradecimentos dos devotos e das bênçãos dos Santos. Os foliões acreditam em seu poder de cura, fartura e proteção. Além de ser um símbolo ritual de grande relevância, o objeto tem um caráter de ostentação para as folias mais antigas. A quantidade de fitas de uma bandeira sugere seu poder e seu tempo de giro. Pois a fita também é uma oferta do devoto à

⁴² Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

bandeira. Não se faz uma oferta só com dinheiro, mas também com fitas e ornamentos para o objeto sagrado. Muitas devotas (segundo Cássia são sempre as mulheres) gostam de acrescentar uma fita à bandeira como lembrança da visita, para levar um pedido ou para agradecer uma graça alcançada. Dessa forma, os foliões atestam que todo ano têm que tirar um pouco das fitas antigas, pois o objeto fica muito pesado para o bandeireiro levar nas longas caminhadas. O grande número de fitas sugere que a folia é bastante antiga e quanto mais antiga maior o respeito em relação a ela. E quem sempre fez isso? As mulheres responsáveis pela bandeira. Assim como lavar o objeto e passar suas fitas. Em entrevista Cássia assevera: “Antigamente tirava fitinha por fitinha. Cê acredita nessa? Ahh não... [...] depois pregava tudo de novo na mão! A mãe fazia isso tudo! Depois passava fita por fita.”⁴³

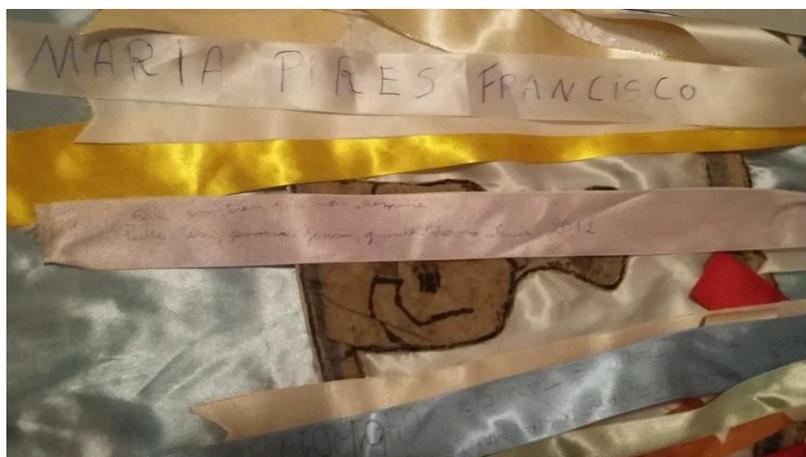


Figura 9: detalhe de fitas da bandeira da Serra. Pode-se ler na primeira fita: Maria Pires Francisco. E na fita central: Que os Três Reis nos ilumine. Pedro, Francisca, Josiane, Jamile, (ilegível) e família, 2012.

Fonte: acervo pessoal, 2017.



Figura 10: detalhe de fitas da bandeira da Serra. Pode-se ler: ... do Oriente. Lembrança de Ivone e família.

Fonte: acervo pessoal, 2017.

⁴³ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

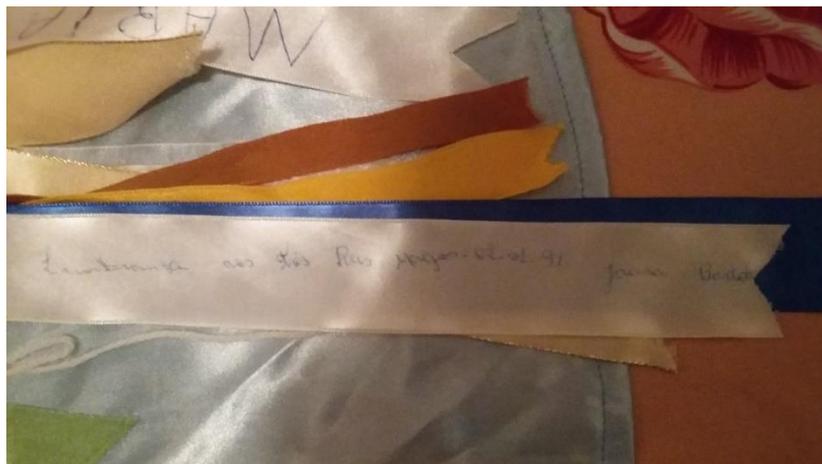


Figura 11: detalhe de fitas da bandeira da Serra, pode-se ler: Lembrança dos Três Reis Magos. 02.01.12. Jacira Bastos.
Fonte: acervo pessoal, 2017.

As mulheres faziam todos os serviços que sustentavam a festa, que se caracterizavam como coisa de mulher. Dessa forma, os papéis de homens e mulheres eram muito bem definidos e rigidamente seguidos sem questionamentos. Cássia aponta o que sua mãe e seu pai faziam na época de giro da folia:

Cássia: Ah.. acho qui elas ficavam em casa. [...] ficava em casa tomando conta das coisa e ficava em casa prá chegá, tê uma comida prá dá, lavá ropa... [...] fazia o serviço.
[...]

Eu era bem criança, eu lembro de fulia leim casa ... o pai saía cum fulia, no oto dia de manhã tava im casa tamém. Eu sei qui chegava, comia, deitava e durmia. Levantava, comia de novo e saía pa fulia.⁴⁴

Segundo Lúcia, em um passado mais recente, no qual as mulheres começaram a acompanhar os maridos e familiares na jornada, as atribuições femininas começaram a ficar um pouco mais penosas. Pois, quando as mulheres não acompanhavam as folias, assim que os maridos chegavam em casa de manhã elas tinham que lavar as roupas e limpar os sapatos, para de noite eles saírem novamente. Quando elas passaram a acompanhar, mesmo cansadas elas tinham que fazer as mesmas funções antes mesmo de dormirem, quando era possível dormir. Em entrevista Lúcia conta:

Lúcia: ... e toda a vida as muleres qui lavava as ropas dos foliões, qui cuidô das ropas, qui feiz a comida. Por exemplo, o fulião chega lá em casa, eles vão durmi e quem vai cuidá de tudo são as mulheres...

ABN: da casa...

Lúcia: da casa ou aquelas mulheres qui às vezes foram acompanhando, enquanto eles iam durmi, cê podia tá cansada também, mas eles iam durmi, ceis vão limpá os sapatos, cuidá das ropas deles prá podê saí à noite.⁴⁵

⁴⁴ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁴⁵ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

As mulheres ficavam sobrecarregadas não só por seguirem o cortejo com os maridos, mas por assumirem as funções que, na organização diária, cabia às mulheres e aos homens. Pois em época de giro ou eles estavam dormindo ou estavam na folia. Quando o sol acusasse o nascer do novo dia, elas já teriam suas tarefas diárias para cumprir além daquelas que os maridos faziam cotidianamente, mas que em tempo de folia ficava a cargo delas, como cuidar das galinhas ou criações, por exemplo. Lúcia encara também essa sobrecarga feminina como uma contribuição da mulher à folia, pois se ela não estivesse ali para cuidar da casa, das crianças e dos animais, como poderia o homem participar da folia?

Lúcia: E por ser na roça, né, na zona rural, se saiu o homi, a mulé ela tem que ficá. Pur que? Ela tem uma criação prá tratá no outro dia, ela tem os afazeres que o homi não vai fazê enquanto ele tá prá fulia! Então qué dizê, até essa participação! [...] o cuidá da casa, o cuidá das coisas, enquanto ele tá prá lá. A mulé qui fazia esse cuidado. [...] Tomá conta.⁴⁶

Assim como as mulheres da Serra, Maú no passado era uma figura central na esfera dos serviços dentro do grupo. Sobre a atividade de Maú, na origem da sua folia há 30 anos, quando o grupo ainda estava sob a responsabilidade de seu cunhado, é necessário falar sobre a sua abnegação em prol da folia. Ela era quem organizava tudo para que os foliões saíssem. Em entrevista ela assevera: “Uai, eu ajeitava, eu arrumava as ropa, arrumava a bandera, arrumava os chapéu, tá, entendeno? Depois dava o dia da comida, eu fazia a comida... [...] Eu qui organizava tudo!”⁴⁷ Ela sempre se dedicou à preparação, até mesmo no primeiro giro do grupo, em que estava recém operada. Como sua irmã, esposa de seu cunhado, havia falecido há pouco mais de 1 mês, ela tomou frente da organização, substituindo a irmã. Pois, as esposas dos donos das folias tinham quase como uma obrigação latente fazer toda essa parte dos serviços invisibilizados para que o grupo pudesse sair em giro. Frequentemente são as esposas dos donos ou mestres que colocam as folias em giro, como se dizem, que botam a folia para sair, que botam a folia na rua, que se articulam nos bastidores para que tudo saia como o planejado e o esperado. Maú conta em entrevista como ela organizou tudo, ainda em recuperação, logo que recebeu alta do hospital:

Fiquei lá uma semana. Saí nas véspera, no dia 23, pa arrumá ropa pus fulião saí ainda pa fulia. Eu operada com a barriga aberta, aqui assim, aí as filha dele num fazia nada, arrumei as ropa. Quando a dor vinha eu deitava. Estregava a barriga assim e ficava deitano. Aí miorava eu vinha e passava ropa. Eu cum a ceia, pá podê fazê a ceia de Natal, botei a fulia pá podê saí.⁴⁸

⁴⁶ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

⁴⁷ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

⁴⁸ Idem.

A fala de Maú sobre as filhas de seu cunhado que não faziam o serviço que seria da mãe, revela a naturalização dos serviços domésticos serem algo propriamente femininos. Ela teve que tomar a frente por ser a mulher mais próxima da família, na ausência da esposa do dono da folia e diante da falta de iniciativa das herdeiras diretas, naturais e genéticas dos serviços. As mulheres da geração de Maú e anterior a ela eram criadas para assumir, sem contestação, tais funções. É importante ressaltar que “os discursos não se originam no sujeito, mas cada sujeito os adota como próprios, defende-os, deseja sua manutenção e entende-se a si mesmo com base neles” (DAVIS, GANNON, 2015, p. 398). Dessa forma, Maú interiorizou e assimilou durante toda a sua vida o discurso que revela que os serviços domésticos são próprios das mulheres, que elas devem ser abnegadas e se preciso se sacrificarem em prol do grupo social a que pertencem como referência feminina. Maú absorveu de tal forma que não vê possibilidade de alteração nos papéis desenvolvidos por homens e mulheres, nem uma igualdade entre as partes.

Luíza conta como sua mãe, devota de Santos Reis, dava a sua oferta aos santos em forma de serviços e dedicação, exaltando o caráter voluntário de todos os trabalhos prestados aos santos. Em meio ao relato revela ainda como era a divisão de tarefas entre homens e mulheres na preparação do almoço da Entrega da Bandeira, mostrando mais uma vez a definição dos papéis pautada pelo gênero:

Luíza: Era muita comida, né?! Então tinha qui fazê as comida, os rapazes os homem fazia as matança de frango, na época lá carnero, aquela coisa toda, e ela sempre ali, todo ano ela tava ali, firme.

ABN: ajudando na parte da...

Luíza: Da festa.

ABN: Então ela era devota...

Luíza: Devota demais! E ajudava porque ela era devota. Ela ficava dois... ela ia prá lá na quinta fera, prá lá pra festa, prá trabalhá na sexta, porque era dia de, assim na véspera, prá fazê tempero das coisa. Num dia prá podê fazê e servi, dia seguinte prá podê lavá e fazê entrega de cada um qui imprestô a vasilha. E sempre os Três Reis é assim, vive de ajudas! Entendeu? Aí muitas pessoa impresta um mucado de vasilha, um mucado de prato, otra um mucado de colher, qui é muita gente prá, né, qui participa. Então ela no outro dia seguinte ela teria qui lavá aquilo tudo e intregá o de cada um. Minha mãe tava ali até o último taler qui tivesse que intregar a alguém!

ABN: É mesmo?

Luíza: Sempre ajudando...

ABN: Então era ela que fazia o jantar do dia da Entrega da Bandeira?!

Luíza: Isso. Ela e mais umas outra 4 pessoa, porque uma pessoa sozinha não dava conta não! [...] É muita coisa memo qui faiz! [...] olha a minha Entrega

como é qui é! Então são três cozinheira aqui me ajudano! [...] e todos eles fazem voluntário!⁴⁹

Para concluir, é possível perceber no discurso das mulheres entrevistadas como elas encaram relevante o papel que sempre desempenharam na promoção da festa dos Três Reis. Lúcia assevera com eloquência, mesmo discordando da ideia do marido, que sem a participação feminina a folia nunca teria saído. Pois as mulheres sempre estiveram nos bastidores impulsionando os giros:

Lúcia: Sempre foi assim! Sempre foi! Sempre teve a participação da mulhé!

Tinho: Não...

ABN: No suporte, né?!

Lúcia: Sempre teve! Porque comé qui, como isso tudo ia acontecê sem a mulhé? Num ixiste! Num tem como! Num ixiste im momento nenhum, im momento nenhum, da História, uma participação, da folia saí, sem a participação da mulhé.

ABN: Sempre ali...

Lúcia: por trás é, ué! Num tem como! Sem a participação da mulhé num tem como! Ela só num entra no grupo da folia prá participá! Mas a participação dela, sempre, sempre existiu! Até porque, a bandera. Quem prepara? Quem faz? A mulé! É ela qui costura, é ela que vai amarrá as fitas, é ela que vai enfeitá, são elas que vai fazê! Os instrumento tá lá, vai começa a saí! Quem vai enfeitá, coloca as flores, vê as coisa? A mulé. Tendeu? A participação delas é desde sempre!⁵⁰

Toda essa dedicação das mulheres na organização da festa, no preparo das comidas que tem centralidade no contexto, no cuidado com a bandeira, com os uniformes, sapatos e tudo que se insere no universo das demandas encaradas sumariamente como femininas, faz parte de todo um constructo milenarmente arraigado nas esferas da vida social de uma maneira tão sistemática que já não se percebe seu caráter não natural, mas sim naturalizado. O passado se faz tão presente que por vezes não se sente o caráter mutante da cultura viva. Tradição não pode ser sinônimo de imutabilidade, porque tudo que é vivo se altera continuamente, no fluxo da vida, e o que não se move é porque já morreu. Por isso, importa observar o passado pela ótica das mulheres para compreender por onde se trilham os futuros.

2.2 Os rituais de Santos Reis

Neste item cabe explicar e analisar a posição da mulher em relação à sua participação na esfera ritual no passado. O que todas e até elas próprias consideram como a Folia de Reis de fato. A esfera do ritual é a parte que aparece, o que é espetáculo, é o que define a folia para

⁴⁹ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

⁵⁰ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

elas. Quando Lúcia assevera sobre a participação da mulher na folia, inconscientemente ela deixa isso claro: “por trás é, ué! Num tem como! Sem a participação da mulhé num tem como! *Ela só num entra no grupo da folia prá participá!* Mas a participação dela, sempre, sempre existiu!” Para ela a folia em si é o ritual. Mas as mulheres sempre participaram da folia, porém nos bastidores da festa, por trás, como ela mesma aponta.

Através das falas das entrevistadas é revelado como elas, suas mães e mulheres de seu grupo de referência compreendiam a posição assumida. Através dos depoimentos também é possível perceber como certos discursos masculinos foram de fato acatados e interiorizados por elas e como outras determinações foram superadas ao longo dos anos.

A proposta deste item seria compreender a estrutura tradicional do ritual da folia, em sua práxis “ortodoxa”, o que era considerado o certo no passado sobre a posição, papel e função desempenhados por mulheres e homens nos rituais da folia. Sempre a partir das narrativas das mulheres, interessa tentar perceber a construção de uma ortodoxia imaginária do passado, a fim de perscrutar em seus discursos como era o certo no início.

A ideia central seria buscar nas narrativas a compreensão de um ideal, posto geralmente no passado. O rito, que sempre irá evocar o mito fundante, recebe sua legitimidade e é justificado por estar ligado a ele, com o que o gerou, com a origem, com o tempo correto. Dessa forma é interessante investigar qual seria a ordem das coisas quando as coisas estavam em ordem, em um tempo original, na perspectiva das mulheres.

Afirmar que tudo que é antigo é melhor faz parte de uma construção do imaginário coletivo, que é em grande parte constituído pela memória coletiva. Na verdade, Halbwachs (1990, p. 53) atesta a natureza coletiva de toda memória, até mesmo a individual:

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Até porque “toda história de nossa vida faz parte de uma história geral” (HALBWACHS, 1990, p. 55). As lembranças individuais são sempre construídas através de relação de pertença do sujeito a um grupo, o seu grupo de referência. De acordo com Halbwachs (1990, p. 28) os membros de um grupo têm o mesmo pensamento e ponto de vista sobre alguns aspectos. Desde que não se perca o hábito e o poder de utilizar as noções comuns aos seus pares, um sujeito permanece em contato com esse grupo e continua capaz de se identificar e de

confundir o seu passado com os das outras pessoas pertencentes a ele. Esse indivíduo não precisa estar inserido fisicamente nesse grupo no momento atual para que ele seja o seu grupo de referência. Ele precisa compartilhar com o grupo pensamentos e visões de mundo. De acordo com Schmidt e Mahfoud (1993, p. 288) “o grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo”. Intimamente ligada à ideia de grupo de referência, situa-se o conceito de memória coletiva:

a memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 291).

A retomada de experiências desse acervo, comuns aos indivíduos de determinado grupo de referência, revela um apego afetivo a esse grupo, o que dá consistência às lembranças dos sujeitos pertencentes a esse coletivo, pois o apego remete diretamente à lembrança, enquanto seu oposto, o desapego, está ligado ao esquecimento (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 288). Esse apego afetivo pode ser também um dos motivos pelos quais as imagens do passado sejam tão melhores que as atuais. E talvez o apego e o desapego, a lembrança e o esquecimento, também estejam relacionados com a recordação de nomes de foliões antigos, e o esquecimento dos nomes das mulheres empenhadas nas funções relevantes dentro do grupo, como a confecção da bandeira. Mesmo assim, uma mulher foi lembrada e citada pelas três entrevistadas da Serra, que era Dona Ita. Segundo as colaboradoras ela que deveria ser a dona da folia por direito de herança, pois o grupo pertencia à sua família e não do seu marido. Mas as condições sociais em que estava atrelada a comunidade da Serra dos Barbosas, com seus valores androcêntricos regendo as relações interpessoais e de poder, não permitiram que Dona Ita fosse a dona do grupo. Mesmo que a hereditariedade seja um traço de afirmação da identidade dessa folia, e seus componentes assegurarem com orgulho que todos os foliões são, de alguma forma, “aparentados” com o Medeiro Velho (primeiro mestre da Folia da Serra), isso não foi suficiente para cessar a sucessão masculina ao cargo de dono. Toleraram o representante masculino da herdeira direta para que a ela não fosse dada sequer a possibilidade de perceber a exclusão e requerer o seu lugar de direito. Mesmo não sendo dada a chance, a exclusão foi notada e lembrada pelas mulheres da geração seguinte, mostrando que o esquecimento é uma estratégia de poder e a lembrança é uma estratégia de luta, mesmo que velada e não oferecendo resistência capaz de romper com a estrutura patriarcal do grupo,

mas marcando presença que foge do domínio da hegemonia masculina. Portanto, Dona Ita habita a memória coletiva do grupo de referência dessas mulheres, diferente de Chico Luíz, o possível costureiro da bandeira, que faz parte da memória de Naldo, mas não possuiu validação de outros membros de seu grupo de referência.

A memória coletiva depende necessariamente de algum esforço individual dos integrantes do grupo de referência. A memória se depreende de um trabalho individual de reconhecimento e reconstrução. Halbwachs (1990, p. 34) assevera que

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuam a fazer parte da mesma sociedade. Só assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Schmidt e Mahfoud (1993, p. 289) explicam que o reconhecimento se dá por ser um sentimento do já visto, e a reconstrução por não ser uma repetição linear dos fatos. São resgates entrecortados por uma série de preocupações atuais. Além disso, é reconstrução também por ser um acontecimento diferenciado, evocável e localizado num tempo e num espaço específico em meio ao conjunto de relações sociais.

Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas (Schmidt & Mahfoud, 1993, p. 289).

Nesse processo, as lembranças das folias antigas, para as minhas entrevistadas, podem lhes parecer mais interessantes e até mais fiéis ao mito fundante por estar temporalmente mais perto do original. Mesmo que em uma escala temporal de mais de dois milênios algumas décadas não façam diferença, para quem vivencia e vivenciou no passado a manifestação, somente as antigas faziam o “certo”, eram mais sérias e mais comprometidas com a “verdade” do mito original. Isso porque as antigas folias estavam inseridas no seu grupo de referência, com o qual ela mantêm uma relação de identificação, reconhecimento, e por isso faz a reconstrução das vivências que são evocáveis, por serem a seu ver, respeitáveis. Por isso as folias de antigamente fazem parte de um passado ideal, onde a ortodoxia da Folia de Reis impera e as práticas rituais, conceituais e performáticas não eram deturpadas.

Antigamente, por exemplo, era muito comum o folião sair no dia 24 de dezembro com a folia e só voltar depois do encerramento dia 6 de janeiro. No caso da Folia da Serra, sair dia

31 de dezembro, já que no dia 24 só tem a abertura do giro, mas este só começa efetivamente a partir do dia 31. Dormiam na casa onde a bandeira recebia pouso, ou seja, se já estivessem cansados para prosseguir com o giro e visitar mais casas naquela noite ou madrugada, ou estivessem muito longe para voltar para casa, pediam pouso na última casa e dormiam em qualquer lugar que oferecessem, no paiol, no chão, ou onde os donos da casa disponibilizassem. Como Matilda explica em entrevista:

Matilda: Uai, antigamente a nossa fulia saía à meia noite do dia, no dia de natal, né...

ABN: dia 24...

Matilda: É. Meia noite. E ela só parava dia 6. Na nossa época, né. Quando nós era criança. Eu tinha o quê? 9, 10 ano. E a gente acompanhava, acompanhava. De casa em casa. E eles num parava pra ir pra casa des não. Aquilo ia, ia até dia 6.

ABN: Direto!

Matilda: Direto!

[...]

Matilda: Aí era na casa do meu tio, João Boninho. Lá ele recibia as fulia. Eles ou almoçava ou jantava. E depois do almoço eles durmia. Lá pra fora. Cada um istendia suas coisa lá e durmia. Até num pano véi mesmo eles durmia.

[...]

ABN: E você sabe como era assim a questão de trabalho deles? Eles paravam de trabalhar nessa época?

Matilda: Parava, parava... isso até hoje ainda tem muitas fulia que ainda pára, né?!

[...]

Os da roça é, os antigo é. Os antigo pára.

É interessante observar as expressões “na minha época”, “no meu tempo”. Tais expressões estão carregadas de um apego afetivo pelo passado, como se o tempo que já passou era o seu e agora não é mais. Como se aquele tempo era onde o sujeito se encontrava definido, bem localizado e compreendendo todas as regras sociais e adaptado a elas. Matilda recorda desse tempo de maneira tão bem situada e participante ativa daquele grupo que tem como seu grupo de referência, que fala “nossa fulia”. Ela nunca foi dona de fulia, ela nunca foi filha, sobrinha, afilhada ou mais tarde, esposa de folião. Sua família nunca teve uma folia, mas sempre recebeu folias em casa. E uma em especial, a que se refere como “nossa”, era aquela que todos os anos fazia visita na casa do seu tio e que ela acompanhava de perto. O passado parece ser sempre acolhedor e “nosso”, ou seja, onde se busca o seu grupo de referência. Ela mesma se coloca como acompanhante de casa em casa, o que talvez fosse improvável para uma criança. É mais um elemento da memória de pertencimento ao acontecimento.

Importa frisar também na fala de Matilda que há certo entendimento de que as pessoas antigas e da roça ainda preservam um hábito não modificado pelo tempo e pelas novas condições sociais. Como se essas pessoas idosas fossem guardiãs de um modo diferente de agir e de pensar, próprio de “sua época”, e que a roça fosse um local onde o tempo para e que tal contexto pudesse conter o curso natural do tempo. O que de fato, não ocorre. De acordo com as entrevistas realizadas com as mulheres que vivenciam o cotidiano rural da Serra e as dificuldades pelas quais a folia de lá passa para manter o giro, mesmo sem a participação de alguns foliões que precisam voltar cedo para trabalharem no outro dia, se assemelham com as da cidade. Portanto, salvo as exceções, na roça hoje também se enfrentam desafios. É a idealização do passado, das pessoas que nele nasceram e viveram.

Cássia conta em entrevista como os foliões antigamente conseguiam ficar liberados do trabalho na época do giro da folia. Alguns adiantavam o serviço na roça, outros arrumavam quem os substituíssem, mas dia 31 eles começavam o giro da Folia da Serra:

ABN: E antigamente era diferente essa questão do trabalho?

Cássia: Ah era! Porque antigamente era só gente da roça mermo, aí adiantava o serviço, né!? Prus 6 dias de fulia tá tranquilo!

[...]

Antigamente num tinha ninguém empregado qui ia saí pa fulia! Todo mundo trabalhava por sua conta própria, né! Praticamente! Era plantio, era colhe..., num trabalhava em cidade, num era empregado de carterá assinada.

[...] Quando cê acha uma pessoa qi faça prá você... igual o Naldo⁵¹. O Naldo foi retirero por muitos anos. Ma na época da fulia tinha uma pessoa qui ia lá prá ele.

Naldo: Dia 31, ó! (faz gesto com a mão que significar sair, ir embora).

ABN: Você ia embora! (risos)

Cássia: Porque tinha uma pessoa qui ia lá prá ele, senão ele tinha qui voltá im casa prá tirá o leite. É. Tinha que i.

[...] É. Pra substituí ele. Chegava, coitadinho, o nome dele era “casca fora” (risos), ma chegava bêbado, ma dia 31 ele chegava. Chegava tadinho. Bêbado, ma chegava. Até morreu já, tadinho. [...] e ficava os 6 dia da fulia ali.⁵²

Em entrevista com Lúcia, o marido contribui dizendo que os patrões no passado não se importavam em liberar os empregados para o giro porque muitas vezes eles também gostavam de Folia de Reis: “qui às veze, o dono do sítio que tinha algum empregado que gostava de fulia, num importava qui o empregado fosse pa fulia porque ele gostava de fulia também! [...] Dexava, num fazia questão!”⁵³ Até mesmo hoje existe certa flexibilidade de alguns patrões

⁵¹ Na fala da entrevistada foi substituído o nome de seu esposo que ela cita, para o pseudônimo, para preservar sua identidade.

⁵² Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁵³ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

em relação a esses dias de giro. Uma vez conversei com um fotógrafo, dono de um espaço de fotografia e revelação digital em Leopoldina e ele falou que nesses dias ele perde o rigor, faz “vista grossa” em relação ao horário dos empregados que ele sabe que são foliões. Não radicaliza diante de uma falta, sabendo que naquele período de 6 dias é possível e compreensível ocorrer. Alguns foliões já até falaram em enviar uma proposta para a câmara de decretar feriado municipal no dia 6 de janeiro em Leopoldina, diante da importância da manifestação para a cidade.

Em um passado mais distante, as mulheres não acompanhavam a folia. Durante os dias de giro ficavam em casa cuidando da casa, dos animais e das crianças. Afirmam que não era adequado para mulheres porque segundo Tinho, a folia antigamente andava longas distâncias, muitas vezes debaixo de chuva, e com barro alto nas pernas:

Tinho: E outra coisa. Às veze, a folia tamém ia de uma casa na outra, era longe, né?! Era longe! Então mulé num ia, né?! Puque num ia andá... A noite intera, cum chuva, barro, a mulé evitava de i. Aí só ia homi, né!?

Lúcia: Criança, né?!?

ABN: Até por conta das crianças, né?!?

Tinho: Justamente!

[...]

Tinho: A folia, antigamente, andava até 15 quilômetro a pé! É ué! 10 quilômetro, 15 quilômetro a pé.

Lúcia: Num tinha carro, num tinha outra condução, era só a pé!

Tinho: Num tinha!

[...]

Tinho: Naquele tempo tamém chuvia muito, né!? Chuvia. Fulia era época da chuva! Fulia era cum chuva! As estrada tamém, as estrada é, era muito ruim as estrada! Então num tinha como passá carro! Então era só a pé memo e a pé cum chuva!

[...]

Lúcia: E era chuva memo! Preparava cum guarda-chuva, cum capa de chuva! Porque era um período de muita chuva!

[...]

Tinho: Na roça ali, ó! Nós já passamo com água aqui assim, ó!

ABN: O quê?! (espanto) Que isso?[...] Se passasse um carro atolava!

Tinho: Não! Num tinha como! Carro num passava. Era só a pé! Tinha um tio meu que era de idade, os filho dele punha ele nas costa prá podê passá!⁵⁴

Dessa forma, durante muito tempo as mulheres se mantiveram afastadas do cortejo, pois tal dificuldade não era só um pretexto, era um empecilho real sobretudo para aquelas que tinham filhos pequenos. Cida assevera em dois momentos de sua entrevista: “Eu quando criança, eu nunca lembro da minha mãe i atrás de fulia!”⁵⁵. E acrescenta em outro momento:

⁵⁴ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

⁵⁵ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

ABN: Mas quando seu pai cantava, você acompanhava a folia? Você ia atrás?
Naldo: Ia!
Cássia: Tá! É assim: Depois memo qui eu cresci, puque quando era pequena eu não ia não!
ABN: Não? [...] Porque?
Cássia: Num dexava! Ninguém ia tamém! Num dexava era muito difícil!
Naldo: Papai! Nossa Senhora!
Cássia: Era muito difícil prá i tamém, sabe?!⁵⁶

Além disso, os pais não deixavam as solteiras e as meninas mais novas saírem para rua durante noites e madrugadas no meio de homens, por mais que fossem da família e estivessem acompanhadas do pai. As entrevistadas usaram o adjetivo sistemático para definir seus pais e as pessoas da época. Cássia relatou: “Num sei se num podia! A gente não ia! Ah o pessoal antigamente era muito sistemático...”⁵⁷ Luíza utiliza o mesmo adjetivo e acrescenta quando questionada se antigamente ela acompanhava a folia:

ABN: Nessa época você acompanhava a folia? Você ia atrás prá ver?
Luíza: Não! Nessa época era muito rígido, né?! Nessa época mulé num andava atrais de fulia não, uai! Époça da vovó e do vovô! Era só os homi. Éeee, mulé num podia não!
ABN: Porque que mulher não podia?
Luíza: Ah antigamente os pais era bem sistemático, né! Aquele negócio que mulé no meio de homi num dava certo! Éeeee!⁵⁸

Os pais não permitiam tampouco donos de folias gostavam. Na Folia da Serra a presença de mulheres sempre foi um tabu, principalmente para os mais velhos. E não está em jogo sua presença como foliona, somente como acompanhante, só mesmo para assistir a cantoria. Pois como foliona não se questiona até hoje essa impossibilidade. O pai de Tinho e de Naldo, antigo dono e mestre da Folia da Serra, não gostava que nem mulheres nem crianças acompanhassem o cortejo. Porém, com o passar dos anos e com o auxílio de um caminhão emprestado, o motivo das longas caminhadas debaixo de chuva e barro, caiu por terra. E nessa época elas começaram a acompanhar seus maridos, pais, tios, primos, etc. Cássia conta:

Cássia: Igual eu tô te falano, a facilidade foi chegano. Igual do caminhão por exemplo! Aí quando ia na casa do meu tio lá em Campo Limpo, aí nós ia todo mundo! Nós ia de caminhão, tendeu?!
ABN: Mas ia as meninas também?
Cássia: É. E aí ia eu, minhas irmã, a mãe ia, tendeu? Aí ia a Dona Ita, as filha dela. Ia assim e ia muita gente!
ABN: Isso depois do caminhão.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁵⁸ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

Cássia: Depois do caminhão.

ABN: Antes não.

Cássia: Antes era muito difícil i!

ABN: Muito difícil por quê? Porque os pais não deixavam ou porque a folia que não deixava?

Cássia: Ah porque andava a pé muito longe, tendeu? Aí até quando vinha por perto aí a gente ia. Mas depois de adulta.

ABN: Pequeninha não.

Cássia: Pequeninha não! Pequeninha você só via fulia se fosse na casa da gente!⁵⁹

Lúcia conta em entrevista que seu sogro, o dono da folia era irreduzível em relação às mulheres acompanharem o cortejo, mas acabou tendo que aceitar, pois a folia começou a se tornar um espaço de sociabilidade entre homens e mulheres. Aos poucos a folia foi alterando, ainda no passado, seu caráter exclusivamente masculino.

Lúcia: Eu lembro que com meu sogro nós tivemos, nós travamos grandes lutas! Porque a hora que a fulia saía, que a mulherada saía atrás, ele não gostava! Ele não gostava! Daí, eu tô falano do meu sogro prá cá, porque do meu sogro prá trás eu não lembro! Mas o meu sogro não gostava que as muleres iam junto! Mas na época, que a gente morava na roça, tinha muita moça, muita. Então qué dizê, eu comecei a namorá ele na fulia! Então era uma coisa assim, tinha muito rapaz na fulia! Mas tamém tinha muita moça que queria acompanhá a fulia! Né?! Então, mas meu sogro não gostava, que as mulheres ia!⁶⁰

Na fala de Lúcia é possível notar através de suas risadas bem colocadas, certa ideia de esperteza por parte das mulheres para conseguirem se incluir nas jornadas. Buscavam pretextos para essa inclusão. Primeiro falavam que tinham que levar as crianças que queriam acompanhar os pais de qualquer jeito. Muitas, inclusive, já entravam como pequenos foliões, mesmo a contragosto do mestre. Depois recorreram ao almoço, dizendo novamente que tinham que levar as crianças. Ou seja, utilizaram de uma via que já era condicionada à figura feminina, como o cuidado com os filhos, para conseguir driblar a restrição das mulheres no cortejo. Nesse sentido Guacira Lopes Louro (2014, p. 37) afirma que “os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão lugares de resistência e de exercício de poder”. Sobre sua experiência de enfrentamento e de outras mulheres da Serra, Lúcia conta como se deu a resistência frente à opressão masculina encarnada na figura de seu sogro e o alcance por fim do que ela encara como uma vitória feminina, nesse contexto marcado pela invisibilidade e submissão das mulheres:

⁵⁹ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁶⁰ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Lúcia: Eu lembro que uma vez, eu tinha meu filho mais velho, que fez 35 anos. Desde piquinininho que ele acompanhava a fulia. Meu filho mais velho e o meu sobrinho, que são mais ou menos da mesma idade, foro as primeras crianças a acompanhá a fulia! De criança. Que meu sogro..., permitiu não! Olhava com a cara assim mei atravessada (risos), mas a gente levava assim mesmo! Fizemo uniforme prá eles...

ABN: Ah que bonitinho!

Lúcia: Meu filho mais velho eu tinha que carregá no colo, mas ele não ficava em casa, num adianta! Purque ele quiria acompanhá o pai dele! E eles iam, os dois piquinininho!

ABN: Mas por que que o seu sogro assim, não gostava nem que mulher acompanhasse, nem que criança acompanhasse?

Lúcia: Porque achava que atrapalhava.

[...]

Tinho: na época deles...

Lucia: É a questão daquela coisa que era coisa do homem, não era prá muler! Era coisa de homem! Fulia era coisa de homem, não era coisa de muler! Ficá participano, saino junto. Então, a mulé, se ela gostava, ela recibia em casa! Mas i atrás assim, num tinha total liberdade assim, não! Aos poucos a gente foi quebrano isso! Qui us minino (risos) foro ino, aí a gente tinha qui i ao meno um poquinho naquela casa do almoço. Prá gente almoçá era assim: as muleres chegavam, ficava assentadinha lá fora, num podia..., “pu ceis não! Ceis só vão entrá pa dentro de casa quando o dono da casa convidá! Ficam lá fora!” Aí eles entravam, tal, chamava. Quando...aí o dono da casa, “ah a mulé do Fulano tá lá, então chama, vem!” Aí ele (o sogro), ia lá, “podem entrá!”. Aí a gente entrava. Podia tomá um café e tudo. Era cum a permissão dele! [...] No almoço era a mesma coisa! Aí a gente começô a recorrê no almoço (risos), ia devagazim, puquê tinha qui levá as criança! Então acabava qui a gente ia ficano, aos poquinhos, né!? Aí só cum a permissão dele, que condicionava prá almoçá. Aconteceu um fato muito engraçado, que nós fomos numa casa almoçá numa roça, antiga, já até falecero já. Aí na hora, não sei porque, uma mãe foi arrumá o almoço prá uma criança, num lembro quem, mas foi arrumá almoço pruma criança, que tava de fulião. Nossa! Depois, minha filha, ele ficô bravo depois! “Purque vocês entraro na fila antes dus fulião terminarem!”, “Mas foi arrumá prá criança!”, “Não! A dona da casa que arrumasse! Vocês não poderiam entrá na fila antes qui os fulião terminasse de comê!”. Então ele era assim! Muito sistemático! Tinha que sê muito assim: era pro fulião, era pro fulião! Se fosse nos chamá, é lógico que as pessoas chamavam, por educação! Mas por ele, a gente num ia! Mas a gente ia assim mesmo! (risos) E assim a gente foi venceno ele! Acabô que a gente foi venceno! Que a gente ia mesmo!⁶¹

Então em relação ao cortejo as mulheres acabaram sendo incluídas, ou melhor, se incluindo. O que já foi um passo importante dado por dessas mulheres no passado em direção a uma nova formatação da folia, que as pudesse incluir na esfera ritual. No caso da Folia da Serra tal inclusão ainda não ocorreu efetivamente, mas outros grupos, mesmo no passado, já ousaram nessa perspectiva. Na Folia do Dijinho, grupo bastante antigo e respeitado na região da Serra dos Barbosas, também poderia se ver a esposa do Dijinho, Nininha, como cantadora

⁶¹ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

de frente. Posição de destaque e grande relevância hierárquica. Interessante notar como folias tão diferentes em termos de postura em relação à presença feminina no ritual poderiam coexistir em um mesmo tempo e espaço. A Folia da Serra e seus integrantes não se envergonham de se posicionarem da mesma forma até hoje, mesmo cientes da existência de grupos como o do Dijinho, que já aceitavam a contribuição feminina no ritual no passado. Pelo contrário, os foliões se orgulham de manter esse traço como uma característica da permanência da tradição. Ou seja, acreditam que se mantiverem traços do passado vivos na festa, estão mantendo a tradição viva. Enquanto essa só se revela viva de fato se estiver em trânsito, ativa e nunca inerte.

Com relação a esse comprometimento com a tradição e com os giros, as mulheres entrevistadas acreditam que a seriedade dos foliões com relação à missão antigamente era maior. Pode ser uma percepção baseada naquela afirmação de que “tudo que é antigo é melhor”, com base no já apresentado aspecto da memória coletiva, que envolve grupo de referência, afeto e apego, ou pode corroborar com a ideia que mesmo tentando manter certos aspectos da tradição “vivos” porém inertes, em outros aspectos às vezes os foliões deixam a desejar. É importante frisar que as mulheres afirmam que o motivo dessa falta de comprometimento atual não é por culpa dos foliões, mas por conta das circunstâncias atuais de trabalho. Lúcia pondera: “As pessoas antigas, num sei, parece que tinha mais envolvimento, né?! Era, era mais envolvimento que hoje! [...] Mas talvez seja por causa de trabalho, né?! Porque as firmas não liberam, durante a semana. Então isso cabô atrapalhamo um pouco.”⁶². E depois contribui no sentido do respeito:

Lúcia: É mais a questão do respeito. Que as pessoas antigas respeitavam mais do que hoje!

ABN: Ah é? E porque você acha que antigamente tinha mais respeito assim?

Lúcia: Até porque a fulia era coisa mais da roça mesmo! Então se cê fô vê éeee, as pessoas que moram na zona rural e as pessoas da cidade em geral, cê vê que tem muita diferença! É! O nível de pessoas, de educação, de tratamento!⁶³

As mulheres envolvidas com a Folia da Serra, por ser uma folia muito tradicional e afamada por primar pelas tradições do passado, parecem não concordar que o grupo em si, no passado era melhor que hoje. Como se o grupo fosse um organismo vivo e autônomo, que não dependesse do envolvimento de seus membros, prejudicado pelas condições atuais. Sempre afirmam que a qualidade continua igual, apesar de ter mudado algumas coisas, a qualidade da

⁶² Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

⁶³ Idem.

Folia da Serra é a mesma. Cássia aponta: “Ah, a qualidade é a mesma entendeu?! [...] Continua manteno”⁶⁴. Lúcia segue a mesma direção:

Não vejo que era melhor ou pior! Eu vejo a questão do tempo mesmo! Porque cê vê que na própria, cê vê que a própria palavra de Deus aplicada em determinado tempo, um tempo passado ela tinha um efeito e hoje ela tem outro efeito, devido o tempo qui cê tá vivo! Então eu num acho que ela é diferente! Falá assim, ah lá ela era melhor ou era pior!⁶⁵

Com essa afirmação ela sugere que a folia não mudou, os tempos que mudaram, o contexto no qual a folia se insere hoje é que é outro.

Já Matilda fala abertamente da superioridade das folias e dos palhaços de antigamente, pois ela não possui um envolvimento tão próximo com as folias que recebe quanto as entrevistadas da Serra possuem com a Folia da Serra:

ABN: E era diferente a época que sua mãe recebia da época, igual hoje, que você recebe?

Matilda: Era diferente porque de primero assim, sei lá, eles cantava mais! Era tudo diferente! Parece que as música deles, ah era tudo diferente! Hoje num é bonito igual era! É, ainda é bonito, essa dos Colodino ainda é uma das melhó!

ABN: [...] Antes tinha mais cantoria?

Matilda: A gente compreendia mais, né?! [...] O modo dele cantá! A gente compreendia mais!

ABN: Entendi! E os palhaços?

Matilda: Bom demais!

ABN: Igual os de hoje?

Matilda: Não! [...] Noooossa... Eles brincava muito, eles pulava muito, era diferente! Era muito diferente! [...] Noooossa Senhora, esses de hoje não!⁶⁶

A partir disso, é possível pensar que há uma compreensão idealizada do passado, com uma recordação positiva daquele tempo. Por outro lado, mudanças e permanências menos envolvidas pelo apego emocional também surgem e culminam em uma percepção feminina da realidade. As entrevistas flagram frustrações mas também satisfações, pequenas lutas diárias que permeiam o cotidiano de mulheres comuns que contam o vivido e o observado na esfera ritual e suas tensões de gênero, que no passado se faziam notar com bastante intensidade. Ao contrário da suposta perenidade do passado na roça evocada, pôde ser aqui clarificado que as mudanças ocorrem à revelia daqueles “guardiões da tradição”. A beleza do campo de pesquisa está também em suas ambiguidades e ambivalências.

2.3 A sabedoria de Santos Reis

⁶⁴ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁶⁵ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

⁶⁶ Entrevista realizada com Matilda, em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

Neste item cabe salientar a identidade de mulheres que sabiam demais. Duas mulheres que, talvez, representem outras, que já no passado faziam a diferença para as folias onde atuavam ou poderiam atuar. Analisar que a despeito do tempo e suas restrições castradoras em relação às mulheres e seus anseios de aprender, existiram figuras femininas que foram pioneiras tanto na aquisição de conhecimento como na atuação pública em cortejos de folia. Nesse sentido, cabe observar que as histórias de mulheres envolvidas com a folia apresentam rupturas com o tempo e contexto em que viviam. Suas vivências e experiências, relatadas por quem viu e ouviu, não se enquadram em um continuum, elas se apresentam em avanços e sobressaltos, quedas e retrocessos, pequenas vitórias diárias no passado, que hoje representam grandes lutas travadas em direção a mudanças de posturas e de atitudes. Porém, não se alteram as profecias, que fazem parte da sabedoria que afirmam vir do 1º tempo de Reis, e por isso são guardadas com cuidado e certa dose de ocultismo.

Aqui também importa revelar aspectos dos temidos Encontro de Folias ou de Bandeiras, que eram verdadeiros duelos de supremacia no campo das sabedorias. E neles valia tudo: desde o conhecimento no campo das profecias até o domínio das artimanhas espirituais e sobrenaturais. A descrição de crenças em relação aos poderes ocultos também são dignas de nota, já que fazem parte de um conjunto de imaginário que durante muito tempo se disseminou entre folias, foliões e mulheres envolvidas.

Para dar início à discussão desse item, busco respaldo em nomes significativos de mulheres que já no passado se dedicavam à folia, não só no setor de serviços, mas também no campo das sabedorias, o que gera poder. Um exemplo foi a já referida Nininha, esposa de Dijinho, e o outro foi dona Belmira, esposa de Juca Colodino, mãe dos filhos mais novos dele e filha de um estimado mestre e dono de folia da região, o conhecido e temido Sebastião Maceno.

Interessa observar que as mulheres da folia são referendadas sempre com base em figuras masculinas. Até mulheres proeminentes como essas e outras, sempre são esposa de, ou filhas de, mães de, nunca aparecem autônomas. Isso porque o universo da folia é tão marcadamente androcêntrico que para se saber quem é a mulher precisa-se referir-se a ela com base em algum integrante proeminente do grupo, e essas figuras são e eram masculinas. Portanto, elas aparecem atreladas a nomes de homens, principalmente no passado, quando mesmo sendo as “donas” da folia, os grupos carregavam os nomes dos maridos e não delas.

Lúcia em entrevista afirma que Nininha foi a primeira foliona que ela viu. Lúcia ainda era criança, e traz na memória a figura daquela mulher entre homens, em posição de destaque,

como cantadora de frente. Cada posição na folia indica uma função e um degrau na hierarquia do grupo. Nas posições e funções rituais, não houve modificações significativas, mantendo os níveis hierárquicos correspondentes. Como já exemplificado na tabela 1 do primeiro capítulo, a posição que ocupava Nininha, de cantadora de frente ou contramestra, par do mestre, era de alta relevância ritual e é claro que isso queria dizer alguma coisa sobre essa mulher e sua sabedoria. Lúcia assevera que a folia era da família de Nininha, que acabou herdando os conhecimentos das profecias e a bandeira⁶⁷. O que se depreende dessa história é que a folia não era de Dijinho, a folia era de Nininha, pois o grupo anterior pertencia à sua família e não à família do marido. Algo semelhante à história de Dona Ita, mas com um final um pouco mais feliz, mas ainda não ideal do ponto de vista de justiça. Como Folia de Reis é algo de família, a dona da bandeira era Nininha. Lúcia afirma:

Lúcia: Mas antes, num sei se você já ouviu falá na Fulia do Dijinho?

ABN: Não...

Lúcia: A Fulia do Dijinho tamém é uma fulia de cento e pocos anos. É bem antiga tamém! É! É bem antiga! Meu tio já faleceu e ele era do Rio e vinha saí cum fulia, aliás, ele morava aqui. Era de Ribeiro, da região, a família da região, mas aí ele foi morá no Rio, mas todo período de fulia ele vinha prá cá. Mas a fulia dele era assim: ela sai dia 24 e vai até o dia 20 de janeiro. Saía direto! E eles continua até hoje assim, saindo direto! [...] Mas foi a primera mulher que eu conheci na fulia, quando eu era criança ainda. Ele (Dijinho) era primo do meu pai. [...] Então foi a primera mulher que eu vi saí na fulia. [...] Cantava na frente cum ele. [...] Porque a fulia vem da família dela, tendeu? Então quando o Dijinho e ela casaro eles continuaro junto.

[...]

Lúcia: E ela cantava muito! Ela era uma mestra!⁶⁸

Portanto o lógico seria chamar Folia da Nininha e não Folia do Dijinho. Mas a lógica de uma comunidade regida pelo sistema patriarcal é a lógica do patriarcado. Diante desta, o que não seria lógico é uma Folia de Reis carregar o nome de uma mulher, por mais que a folia fosse de sua família. Sua função de cantadora de frente, contramestra ou mesmo mestra, como Lúcia ousou dizer, já havia alterado demais essa lógica, que dirá carregar o seu nome! Por mais que na prática a mestra fosse ela, pois era ela quem dominava as profecias, ela não desfrutava do status que tal título trazia, nem mesmo era chamada de dona da folia. Até hoje,

⁶⁷ Dizer que Nininha herdou a bandeira do pai é uma metonímia usada dentre os foliões para dizer que ela herdou a folia como um todo, com suas responsabilidades e desafios para seguir em frente. Portanto, não ficou sob seus cuidados apenas o objeto sagrado da folia para guardar como recordação do pai, mas sob sua competência ficou uma tradição para dar continuidade.

⁶⁸ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

ser cantadora de frente ou contramestra⁶⁹, foi o cargo mais alto ocupado por uma mulher na hierarquia da folia no cenário leopoldinense. Na atualidade se encontram muitas donas de folia, que apesar de ser um cargo de grande relevância administrativa, burocrática e organizacional, não possui relevância ritual e tampouco no campo das sabedorias, pelo menos teoricamente. Quando Lúcia fala que Nininha era uma mestra, ela revela o poder dessa mulher. Conferido não por sua legitimidade ritual e nem pelo cargo que ocupava na frente, pois isso só era representativo de seu poder e consequência dele, o poder foi gerado de fato por sua sabedoria adquirida desde criança.

A história de Nininha não era incomum na região. A própria Folia da Serra, cujo nome oficial, ou seja, de registro é Folia dos Medeiros, não era do Tragino, pai de Tinho e sim da Dona Ita. Curiosamente ambas as folias eram das famílias das mulheres, mas nenhuma das duas traz o nome delas nem no campo popular e muito menos oficialmente. Lúcia conta:

Lúcia: Por exemplo, sempre falô, “Ah a Fulia do Tragino, a fulia disso ou daquilo”, nunca falô qui a fulia era da Dona Ita! Tendeu?

ABN: Dona Ita era a sua sogra.

Lúcia: Minha sogra. A fulia da Dona Ita. E a fulia era da Dona Ita! A bandera era dela! Porque era ela, a bandera veio da família dela!

Tinho: Só qui o meu pai quando casô cum ela tomô conta, né?!

ABN: Ahhhhh...

Lúcia: Cê entendeu? Então, qué dizê, veio a Fulia dos Mederos, a fulia do vovô Mederos, a fulia do Sô Tragino, não a fulia da Dona Ita! Cê entendeu? Porque a fulia veio da família dela! Mas aí, qué dizê, naquela época por sê parente, qué dizê, os homens qui assumiu o saí, mas a família era dela!

[...]

ABN: Mas assim, a Folia dos Medeiros, Medeiros era a sua mãe?

Lúcia: Medero era o pai! A mãe dele era Lacerda!

[...]

Lúcia: Cê vê que já desde sempre, né?! Poderia, por que não, da minha sogra?

[...]

Lúcia: Porque si ela vem da família da minha sogra e ela nunca levô o nome da bandera da fulia da Dona Ita. Tendeu? A fulia sempre foi do Tragino! Qui era o homem!⁷⁰

Ou seja, assim como no caso de Nininha, depois que Dona Ita casou, o marido tomou conta da folia. Só que na primeira situação a mulher participava da esfera ritual por dominar os saberes também, enquanto no segundo a figura feminina de referência assumia somente a esfera dos serviços.

E as histórias se repetem. Mais um caso semelhante é de Belmira. Em anos anteriores já tinha ouvido falar dela, mas não de sua contribuição fundamental para a Folia dos Colodinos, que traz o

⁶⁹ Lúcia diz que Nininha era cantadora de frente, mas de acordo com seu relato parece que assumia a função de contramestre, pois fazia par com o mestre na cantoria. Justo mesmo seria intitulá-la enquanto mestra, como Lúcia acrescentou, já que as profecias partiam dela.

⁷⁰ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

nome do marido, Juca Colodino, que por sua vez recebe Colodino de seu pai. Por trás de um simples nome de folia se revela toda uma construção patriarcal que se manifesta em todas as esferas da vida social.

Pude saber melhor de sua história na noite de 5 de janeiro de 2017, quando fui acompanhar o giro da Folia dos Colodinos. A folia demorou um pouco para começar a tocar na primeira casa visitada, esperando todos os foliões chegarem. O neto do Seu Dimas, trabalhou o dia todo em Juiz de Fora e viajou para Leopoldina só para sair com a folia. Então, enquanto esperávamos, conversei muito com os foliões e com as esposas deles. Nessas conversas fiquei sabendo mais detalhes sobre Dona Belmira.

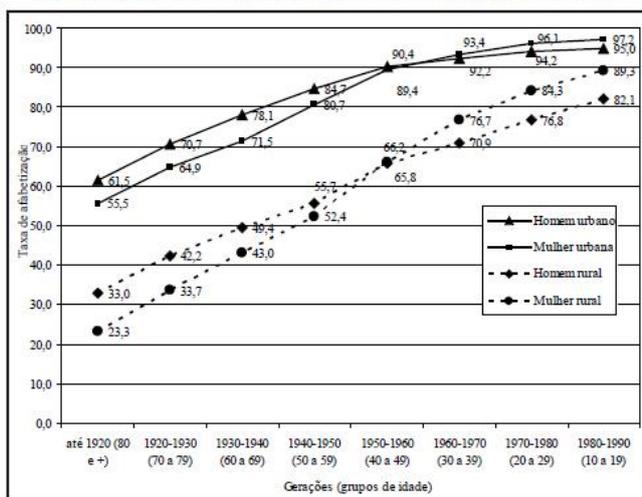
Dona Ceição, esposa de Seu Dimas, um dos mais antigos foliões do grupo, comentou comigo que Dona Belmira sabia muito dos fundamentos da folia e botava qualquer folião “no bolso”. Quando alguma folia visitava a casa de Belmira, Dona Ceição diz que os foliões “passavam aperto”, principalmente o mestre, porque se ele cantasse alguma profecia errada, ela parava na hora e corrigia. Não devia ser uma situação confortável para um mestre folião, ocupando o topo da hierarquia de um grupo, ser corrigido por uma mulher, em uma época em que a mulher não devia ter voz nem vez. O que empoderava Belmira era o conhecimento acerca da folia e suas profecias. Isso a insere num quadro bastante interessante de autonomia e poder dentro do seu contexto, e era respeitada por isso. Dona Ceição acrescenta que era a Dona Belmira que ensinava aos filhos tudo sobre Folia de Reis: versos, procedimentos rituais, postura, etc. Toda essa desenvoltura no universo da folia se explica pelo fato de ela já ter nascido inserida em uma família de foliões e vivenciado desde criança tudo que se relacionava com a festa e a devoção. Seu pai, Sebastião Damaceno, mais conhecido como Seu Maceno, era um grande mestre folião. Seus netos e bisnetos, que hoje dão continuidade à tradição com a Folia dos Colodinos, gostam de repetir seu nome e frisam que ele era o rei dos foliões.

Seu Maceno era um homem analfabeto e, segundo os foliões, tinha em mente mais de três mil versos decorados. Belmira, que só tinha a segunda série primária, mas ótima caligrafia, era quem organizava de maneira escrita os versos novos a fim de ajudar o pai na tarefa de decorar. Ela escrevia para não esquecer e depois repetia para que ele pudesse guardar em sua memória. O esforço individual do mestre é evidente, porém não é solitário. Seu Maceno guardava o saber apenas na memória e seu aprendizado se dava a partir da oralidade. Método este em que “a métrica das palavras, seu caráter versejado, parece ser elemento importante para entendermos a memorização de grande quantidade de informação” (CHAVES, 2003, p. 67). E foi assim que Belmira se interessou por folia, e que aprendeu

tantos versos e tudo que os foliões dos Colodinos sabem. Segundo seu neto, filho de Aurélio, o Juca era um bom administrador da folia, mas ela sabia muito mais que ele. Ou seja, ele era o dono enquanto ela deveria ser a mestra. Porém, por conta de ser mulher, nunca chegou a sair em cortejo junto com os homens.

Durante a primeira metade do século XX, principalmente na zona rural, grande parte da população era analfabeta. O acesso à educação formal era muito difícil. Apesar de não ter concluído o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, Belmira, que data seu nascimento anterior à segunda década do século XX, foi alfabetizada, mesmo sendo mulher, a quem o direito à aquisição de conhecimentos fora bastante cerceado. Ferraro (2012) apresenta um gráfico explicativo relacionando a taxa de alfabetização, sexo, domicílio e faixa etária. Através dele é possível perceber que as mulheres nascidas na primeira metade do século XX, residentes na zona rural tinha um nível de alfabetização muito baixo:

Gráfico 2 – Taxa de alfabetização da população de 10 anos ou mais, por gerações (grupos de idade), segundo o sexo e a situação de domicílio.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 (ver tabela 2).

Figura 12: gráfico que relaciona taxa de analfabetismo, sexo, faixa etária e situação domiciliar. Fonte: Ferraro, 2012.

Belmira assumiu a função de ajudar o pai analfabeto na organização dos versos. Essa prática se tornou habitual entre as mulheres das gerações mais novas, com pais na maioria das vezes, analfabeto ou precariamente letrado. Cássia, por exemplo, já é uma mulher nascida na segunda metade do século XX, onde a taxa de alfabetização entre mulheres e homens da zona rural se aproximou até se igualar, com um nível entre 50 e 60% da população, bastante superior ao da geração de Belmira. Após a entrevista realizada com Cássia, em conversa informal, quando já estava me mostrando os pertences da folia que ficam guardados em sua casa durante o ano, ela me apresenta um caderno todo manuscrito com todas as Profecias da

Folia da Serra e os versos Cana Verde⁷¹, indicando inclusive o momento que deveria se cantar cada verso. Uma relíquia! Quem escreveu tudo foi ela e sua irmã a pedido do pai, que era cantador de frente junto com o mestre Tragino. No intuito de aprender e catalogar todos os versos da folia, o pai pediu que as filhas organizassem esse caderno para ele. Cássia inclusive cita a existência desse caderno em entrevista Ela conta que sabia cantar muita coisa na época em que escrevia para o pai, hoje confessa que não se lembra mais, porém sua irmã até pouco tempo sabia recitar os versos inteiros que se cantava na mesa posta, segundo Cássia é provável que ainda se lembre. Ou seja, muitas mulheres conhecem as profecias, dominam, têm acesso e outras podem aprender. Lúcia corrobora com essa afirmação dizendo que embora a Folia da Serra seja dominada pelos homens, as mulheres sabem bastante das profecias, e ela se inclui entre as conhecedoras, que segundo ela é a maioria:

Não! Conhecê até conhece! Muitas das muleres, a maioria das muleres lá conhece! Eu mesma conheço bastante proficia, igual eu te falei, fiquei a vida intera dentro da fulia, conheço muito das... se cantarem alguma coisa qui num tivé dento do coisa eu sei qui num tá dentro da proficia qui eles tão cantano! Conheço bastante a proficia! Mas... tem outras mulheres lá também qui conhece! ⁷²

As profecias tem caráter de um saber oculto entre os antigos foliões, que não podem ser transmitidos a qualquer pessoa porque outra folia pode ter acesso às profecias de determinado grupo e copiá-las. Já ouvi até a versão que antigamente os foliões cantavam de maneira menos inteligível justamente para “espiões” não conseguirem entender e assim decorar as profecias para passarem para o outro grupo. Discordando da ideia apresentada anteriormente por Matilda, de que a cantoria das folias antigas era mais compreensível em sua memória. Portanto, quando vi o tal caderno já sabia que não poderia fotografá-lo embora não custasse perguntar. E quando fiz a pergunta, Seu Naldo prontamente respondeu que não, mesmo sendo o caderno de propriedade de Cássia. Ela retrucou e questionou que mal tinha, já que hoje todo mundo grava vídeo da folia cantando. Mesmo assim ele manteve sua postura quanto a inviabilidade de um registro das profecias do seu grupo. Se o folião não estivesse presente no momento da entrevista com a sua esposa, ela teria permitido a fotografia. Porém, mesmo tendo proposto o registro sabendo da resposta, não sei se me sentiria confortável fotografando o que os foliões preferem manter em segredo, mesmo em tempos de tecnologia

⁷¹ São chamados de Cana Verde todos os versos que compõem o repertório da folia mas que não fazem parte das Profecias, ou seja, aqueles versos que não contam a viagem dos Três Reis até o encontro do Menino Jesus. Os versos de Chegada, por exemplo, aqueles que anunciam a chegada da folia na casa do devoto e pedem à dona da casa que abra a porta, é um verso Cana Verde. Quem me explicou essa diferenciação foi Aurélio, filho de Juca Colodino, no dia 4 de janeiro de 2017, na casa de Matilda.

⁷² Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

acessível a grande parte da assistência. Pois “conhecimento é poder. Mas quem vaza ‘conhecimento’ que os outros querem manter oculto fica em situação de grande vulnerabilidade” (BARBOUR, SCHOSTAK, 2015, p. 100). E eu não queria colocar minha colaboradora nessa situação e tampouco me incluir nela. Pois a pesquisadora ou o pesquisador tem que respeitar o seu campo e os limites impostos pelas pessoas que deles fazem parte, para que ele nunca se feche ou lhe dê as costas. Mesmo lhe parecendo irracional o motivo, o respeito é primordial. Por outro lado, manter o saber centralizado nas mãos do mestre é não permitir que seu poder seja dissipado. Retomando Foucault (2009, p. 5), lutas antiautoritárias que se desenvolveram recentemente na História tem em comum o fato de se oporem ao segredo e aos privilégios do conhecimento. Dessa forma, o registro do saber das profecias e sua possível divulgação poderia alcançar um número maior de pessoas que uma gravação de celular. Assim, essa divulgação poderia se articular como uma estratégia de luta que tende a colocar em xeque a relação de poder dominante já estabelecida.

Além disso, as profecias para os antigos é um saber sagrado. Ninguém sabe dizer quem criou as primeiras profecias, mas todos afirmam sua sacralidade em contraste com os versos Cana Verde que dizem ser inventados. Parece que as profecias foram dadas pelos próprios Reis no tempo do mito, enquanto os Cana Verde são decorrentes da criatividade e habilidade com rimas versejadas de cada mestre. Existe então uma liberdade de criação e renovação dos versos Cana Verde, mas não em torno das profecias, rezas e magias que os mestres dominam para assumirem tal função. Os mestres antigos, como Toninho da Folia da Maú e de gerações anteriores a sua, afirmam ter sabedorias capazes de estabelecer relações com forças sobrenaturais que se articulam de acordo com suas vontades. Podem ser chamadas de rezas, magias e se inserem nesse setor até mesmo as superstições. Zezé afirma que essas sabedorias vêm de um passado muito distante que remete o tempo dos Três Reis:

Zezé: Isso vem do primero tempo, isso vem do primero tempo do Reis! [...] Num é que ele aprendeu isso cum alguém não! Isso vem do primero tempo do Reis! [...] Isso veio do cumeço! [...] Essa palavra já vem do tempo, do tempo qui cumeçô o Reis! Sabe, eu tamém num sei i xplicá, mas eu sei inspirá a palavra aqui!

ABN: E num é só essa, né! Não é só essa reza! Tem outras rezas que ele usa também, né?!

Zezé: Tem! Tem muito mais! Tem muito mais!⁷³

Dessa forma, Zezé afirma que essa sabedoria do mestre não é algo inventado, mas um conhecimento que vem do tempo dos Três Reis, ou seja, um conhecimento que vem do período original e por isso tenderia a ser mais puro, ou mais verdadeiro por vir diretamente do

⁷³ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

tempo do mito. Essa afirmação de Zezé é uma fala que busca credibilidade, encontrada no mito. Dentro do universo da folia, tudo que se liga ao mito fundante, de maneira direta ou indireta, não é questionado porque já está explicado, o mito respalda oficialmente qualquer versão dentro desse contexto.

Cássia em entrevista diz que na Folia da Serra não existe essas rezas ou magias para a proteção do grupo ou algo do tipo. Que para ser mestre só é necessário mesmo o saber das profecias. O que é negado por seu marido:

ABN: Mas a sabedoria do mestre. Tem alguma sabedoria além das profecias mesmo? Do mestre assim.... ah ter que fazer uma reza no meio...

Naldo: Tem, tem, tem..

Cássia: Ah não, Naldo!

Naldo: Tem sim! Nicanor sabe! [incompreensível]

Cássia: Ah num sei! Se eles fazem, faiz no particular!

Naldo: No particular! É!

Cássia: Igual, o Nicanor hoje é mais velho da fulia. Hoje. Ele é o mais velho da fulia, né, Naldo? É o mais velho! E acho qui é o mais sabido também, num sei não!

ABN: E ele tem umas orações assim...

Cássia: Ah aí eu num sei. O Naldo é que tá falano, né?!

Naldo: Um as orações assim. Ele tem sim!

Cássia: Ah num sei, deve tê.⁷⁴

Naldo, refutando as desconfianças de sua esposa, afirma que as orações existem, tomando Nicanor como a fonte de credibilidade atual, já que é o mais velho e, portanto encarado como o novo guardião da tradição. O folião tenta afirmar a narrativa de um poder extra que seja exclusivamente secreto, e que não está ao alcance das mulheres, que notoriamente não convence Cássia, que já sem paciência responde “Ah num sei, deve tê” para encerrar o assunto. Parece que as afirmações dele se transfiguram em uma forma inconsciente de repelir a possibilidade de uma mulher assumir tal posição e adquirir tal notoriedade nesse setor. O que Cássia afirma ter uma existência contínua são algumas formas de proteção e medidas que se tomam há muitos anos:

Cássia: É, eu sei que sempre quando sai, a fulia saiu, isso aqui tem muitos anos que eles fazem, acende três velas e dexa quemando. A fulia foi imbora, aí vem e acende aí. [...] Na hora que sai, dia 31. [...]

ABN: E essas três velas é pra quê?

Cássia: Ah! Pros três Reis.⁷⁵

Quando questionada sobre a bandeira, seus cuidados, poderes ou restrições, Cássia fala de costumes, superstições e crenças que sempre foram mantidas e nunca mudam. Atitudes

⁷⁴ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 9 de outubro de 2017.

⁷⁵ Idem.

motivadas por antigas crenças que, duvidando ou acreditando, julgam ser melhor mantê-las. Sempre foi feito assim, aprenderam assim e assim vai continuar, porque ninguém tem coragem de mudar e ninguém mexe naquilo que está dando certo por mais de 200 anos:

ABN: E tem que tirar um mucado de fita ao longo dos anos?

Cássia: Ah tira! Quando tá ficano velha, puidinha, pesa muito, aí fica muito pesado, aí a gente tira e joga de água abaxo e pronto!

ABN: Água abaixo? Tem que ser?

Cássia: Ah eles falavam isso, a gente vai levano, né?! [...] É! Continua, né?! Aprendeu assim, então vão levano! Tudo igual era! Igual, se caísse, caía fita nas estarda, panhava não! Dexava prá lá! Pudia até vê! Ma num panhava! Ia imbora! Largava prá trais!

ABN: Por causa de quê?

Cássia: Eles num dexavam!

ABN: Não pode?

Cássia: Eles num dexavam os dono! [...] Os antigo falava prá num pegá e ninguém pega até hoje! Pode caí, e onde caí caiu! Caiu tá caído!

[...]

Cássia: Fita roxa, fita preta, essas cores assim num bota na bandera! [...] Ahhh nunca ninguém pois não e se pô eu acho que eles chega a tirá, sei lá!

[...] Ah eu nunca vi fita preta e fita roxa!

Naldo: O Tragino que achô um fita roxa na bandera e ele qui tirô!

[...]

ABN: Você acha que dá... má sorte?

Cássia: Ah aquelas tradição assim, né?!

Naldo: Colocá... Ninguém viu colocá!

[...]

Cássia: Mas é assim. A gente aprendeu assim, foi veno fazê isso, a gente faiz também!⁷⁶

Essa estrutura de pensamento pode ser um entrave para a inserção da mulher efetivamente nesse grupo. Pois se o que é imutável se respalda na tradição, naquilo que foi sempre assim, a presença da mulher no cortejo, inserida de fato no ambiente e na cena ritual, talvez nunca seja cogitada. Como nunca foi de fato, por homens ou mulheres da Serra. Para se ter ideia da invisibilidade da mulher nesse contexto basta dizer da quebra da tradição em relação à reza do terço. A maioria dos grupos, antes de iniciar um giro, seja ele iniciado no dia 24, o mais corriqueiro, seja no dia 31, como o da Serra, se faz a reza do terço. Inclusive nas folias de orientação umbandista esse procedimento é indispensável. E frequentemente esse momento é encabeçado pelas mulheres. Afinal, as lides religiosas culturalmente ficam a cargo delas, mas não na Folia da Serra. Nesse grupo essa tradição nunca foi relevante porque a mulher nunca teve espaço. Nem participações menores (se comparadas à atividade ritual masculina), dentro de casa, seu domínio por imposição cultural e não no espaço público

⁷⁶ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 9 de outubro de 2017.

(dominado pelo varão por excelência), ela pôde ter notoriedade, aparecer e deter o poder pelo menos por alguns instantes:

ABN: E tem a reza do terço, ou não?

Cássia: Não! Não tem, num faiz o terço mais. Porque demora muito e ...

ABN: Antigamente fazia?

Cássia: Não!

ABN: Não, nunca fez não?

Cássia: Só assim quando morre um fulião recente, aí às vez até faiz. Mas muito raramente.

[...]

Cássia: Sempre foi assim, num muda não!⁷⁷

Se Cássia estiver certa e a prática de rezas, orações estiverem caindo em desuso, não há nenhum empecilho no setor dos conhecimentos à ascensão da mulher à função de mestra na folia. Se não há determinação de que um mestre tenha que ter saberes ocultos obrigatórios para sair em giro e as profecias estiverem decoradas, não há impedimento para uma mulher ser uma mestra. Como Lúcia afirmou ser Nininha no passado. Teoricamente, os saberes ocultos também não deveriam ser um obstáculo para as mulheres, já que muitas foram e são mães de santos, rezadeiras, benzedadeiras, curandeiras, etc. Todas essas atividades dependem de um saber no campo espiritual, dominado, portanto, por várias mulheres habilitadas nessa esfera e de saberes legitimados pelas pessoas que utilizam seus serviços diante da atestada eficácia apresentada. Porém, a narrativa que se engendra se reproduz nas palavras de Maú: “O mestre é qui vai sabê! O mestre é qui sabe muita coisa! Nós memo num sabemo nada não! Quem sabe é o mestre.”⁷⁸ Os mestres guardam esses conhecimentos como segredos e não contam a ninguém, a não ser para seu futuro sucessor, que geralmente é seu filho ou alguém do sexo masculino muito próximo a ele e que pleiteie assumir seu lugar no caso de sua ausência. Esse lugar raramente é pleiteado por uma mulher, e mesmo que fosse ela não seria encorajada a assumi-lo. Além disso, nada leva a crer que ela receberia o voto de confiança e incentivo do antigo mestre para que ele transferisse a ela todos os conhecimentos adquiridos durante a vida. Mas quem sabe se tentarem outra via de acesso aos conhecimentos do plano espiritual? O plano espiritual é apenas um, as vias de acesso a ele que são várias. Se forem de comprovada eficácia, toda forma de proteção é bem vinda e esse conhecimento transita dentro do escopo de conhecimento feminino e não é de hoje. Brandão (2007, p.266) observou que nesse contexto pedir no saravá é um recurso a mais de proteção, tão legítimo como qualquer outro.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

Belmira, a quem o pai confiou todo o conhecimento das profecias, não teve acesso às rezas e procedimentos de Seu Maceno. Segundo os integrantes da Folia dos Colodinos, Seu Maceno era temido na cidade por conta de suas habilidades com as forças sobrenaturais. Afirmam que ele desafinava instrumentos só de olhar, rouquejava foliões em Encontros de Folias e se ele não quisesse ser visto, as pessoas simplesmente passavam por ele sem notar sua presença. Percebe-se que por conta de seu conhecimento adquirido que, de acordo com os relatos dos foliões, permitia sua desenvoltura com o sobrenatural, ele era temido e respeitado. Essas habilidades são atribuições que um mestre de folia teoricamente deve apresentar para exercer sua função plenamente.

Nos Encontros de Folias todos os saberes do mestre eram testados. No passado esses Encontros aconteciam com frequência e Belmira prevenia seus filhos a respeito deles. Matilda fala em entrevista sobre um Encontro de Folia que presenciou quando era criança, que vale a pena explanar aqui para compreender o nível de responsabilidade e de conhecimento que o mestre tinha que ter para sair em giro no passado:

Matilda: Aquilo eu não fiquei sabendo até hoje: se é porque eles quis encontrá ou se encontrô sem sabê... aí eles ficaro mais de 4 ou 5 horas debatendo um cum outro pra vê quem era o melhó. Aí aquele qui num subé mais respondê, aí perde.

ABN: Perderam a bandeira, né

Matilda: Perdero a bandeira. Aí eu num sei falá quem era, sabe? Qual fulia, de quem que era o dono das fulia...

ABN: E tinha briga mesmo, ou era só de palavras mesmo?

Matilda: não. Só de palavra.

ABN: É né... não saía...

Matilda: O paião tamém

ABN: O palhaço também? Um palhaço com o outro? Da folia...

Matilde: Isso aí nós via o dia interim, dia interim.⁷⁹

De acordo com o relato de Matilda, esses encontros às vezes inesperados, e por muitas folias também temidos, eram comuns e muitas vezes desgastantes. Enquanto houvesse sabedoria das profecias do mestre e dos palhaços o duelo continuava. Ninguém desistia do debate por preguiça, versavam até esgotarem seus conhecimentos. Representava uma vergonha perder a bandeira e os instrumentos por falta de conhecimento das profecias. Quem parasse primeiro seria encarado como inferior, perdedor e voltava para casa desmoralizado, sem bandeira e instrumentos e sem condições de terminar o giro daquele ano. O que era pior, pois assim se tem uma dívida com os santos e com os devotos. Com os santos por não se

⁷⁹ Entrevista com Matilda em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

concluir o giro, sem a Entrega da Bandeira⁸⁰ não há conclusão. E com os devotos, por terem confiado o seu pedido à bandeira daquela determinada folia, que foi confiscada pelo grupo opositor. Encerrar um giro sem a Entrega da Bandeira é como não cumprir uma missão da folia, e não é aconselhável deixar missão inacabada. Matilda conta que seu primo, quem fez o cruzeiro para Robinho salvar, era palhaço de folia e não cumpriu os 7 giros nessa função, que todo palhaço tem que cumprir. Ele sofreu um acidente e ficou manco de uma perna. Matilde deixa claro que não sabe se é por conta disso, mas insinua que desconfia que seu acidente seja um reflexo da não conclusão de sua missão, pois ele sofreu o acidente em um 24 de dezembro, justamente em dia de início de giro. Em entrevista ela conta:

Matilda: Porque ele já foi paião e ele não terminô, não terminô

ABN: os versos todos que tinha que falar?

Matilda: Não. São sete ano. Que se ocê entrá pruma fulia, pra acompanhá, é sete ano. Você não pode saí.

ABN: Ah tá. É missão

Matilda: E ele não cumpriu os sete ano

ABN: o seu primo?! Mas ele já sabia falar aqueles versos todos do cruzeiro?

Matilda: Não, ele sabe tudo, ué, ele sabe tudo! Só num continuô! Ele parô porque, um ano ele não foi num sei porque. Porque tava trabaiano lá prus lado do Espírito Santo. No otro ano ele num foi. No otro ele num foi. No outro ele caiu de cima da lage e anda hoje manquetano... [começa a falar mais baixo] pode ser até porque... né

ABN: ahhh... porque ele não cumpriu ...

Matilda: com a promessa dele. Então hoje ele é assim: ele ajuda, ele quis que fizesse a janta, a gente faz, sabe!?

ABN: Mas ele acha que pode ter sido por isso? Por ele não ter cumprido os sete anos?

Matilda: Não... a gente num tá falano que é... mas...

ABN: Né?! Porque se não cumpriu né...

Matilda: E ocê sabe que dia que ele caiu?

ABN: Hãn?

Matilda: Véspera de Natal

ABN: Ahhh!!! [espanto] parece uma coisa né?!

Matilda: Parece...⁸¹

A ideia que ela transmite é que não se pode afirmar que a queda teve um motivo ligado a questões religiosas, mas também não se pode duvidar. Esse relato não revela apenas uma opinião pessoal de Matilda, mas na voz dela se expressa uma ideia construída coletivamente. Dessa forma, Schmidt e Mahfoud (1993, p. 295) sinalizam que

A observação do caráter plural da narrativa abre a possibilidade de escutar um depoimento pessoal como a orquestração de vozes coletivas, posta em cena pelo narrador. Isto é importante não tanto porque se apreendem as

⁸⁰ Entrega da Bandeira é o evento de encerramento do período de giro de cada ano. Geralmente, com as espórtulas colhidas nas casas visitadas, se faz a festa de encerramento, com um belo e longo ritual dividido em partes bem definidas, e concluído com um jantar farto, que serve foliões e assistência.

⁸¹ Entrevista com Matilde em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

relações sociais através da fala do indivíduo, mas, principalmente, porque se apreende o modo como a experiência do indivíduo é modulada, matizada, dentro daquele quadro social.

A perda da bandeira em giro é um fato tão vexatório e perigoso aos olhos dos foliões, porque o quadro social e o grupo de referência em que eles se inserem afirmam isso, remetendo ao passado. Não se trata de uma opinião pessoal de Belmira, mas um perigo expresso em acidentes como esse explanado por Matilda e em tantos outros que se delineiam como situações exemplares na interpretação dessas pessoas. Pelo temor de se deixar de cumprir uma missão da folia e passar por situações como essa vivida pelo primo da entrevistada, e pela vergonha de se perder a bandeira, os Encontros de Folia eram tão temidos.

Diante do perigo que os encontros representavam, alguns foliões dos Colodinos afirmaram que Belmira lhes dizia que deveriam evitar os Encontros, mas se não tivesse jeito, deveriam mandar chamá-la. Isso porque ela detinha o conhecimento das profecias ditas por seu pai e dessa maneira, com ela do lado seria difícil perder. O que mostra a sua eminência nos conhecimentos sobre folia e sua possível atuação no ritual através deles, mesmo que fosse uma participação velada.

Apesar do papel fundamental dessa mulher no aprimoramento do conhecimento das profecias de Seu Maceno, e sua centralidade na formação dos novos foliões do grupo de seu marido Juca, o nome dela parece não merecer destaque, a princípio, na fala dos foliões. Só citaram seu nome quando questionados. A ela também não é feita nenhuma referência em relação ao nome do grupo. Apesar da folia do marido não ter ligação direta com a de seu pai, portanto não seria um grupo que ela haveria herdado como no caso de Nininha e Dona Ita, Belmira era a fonte de sabedoria e referência do grupo. Colodino não é o sobrenome da família de Juca, mas deriva do nome do sogro de Belmira, gerando um apelido que o acompanhou pela vida toda. Apelido que por sua vez foi herdado por Juca, que se tornou o Juca Colodino. Seu Jerônimo em entrevista diz: “Meu vô chamava José Craudino⁸². [...]e nós num tem nada de Colodino, meu nome é Jerônimo⁸³ Morais do Vale, então, mas vem da família do pai, né? Então é Folia dos Colodino.” Os foliões decidiram manter o apelido do pai, que herdou do avô, para se identificarem enquanto coletividade em torno de sua memória e não em torno da memória de Belmira. Tenho contato com a Folia dos Colodinos desde 2010. Fiz entrevistas com seus foliões e ouvi muito em conversas informais, nas quais

⁸² Para ser mais fiel ao relato do folião, transcrevi conforme sua fala, mas o nome do avô era José Claudino, o que gerou o nome Colodino.

⁸³ Substituição do nome do folião pelo fictício adotado nesta pesquisa.

também colhia informações valiosas, e em apenas uma conversa ouvi os foliões falarem da matriarca, mas sem dar nome ou ênfase em sua figura. Apenas neste ano quando precisei direcionar minha investigação para as figuras femininas, me foi revelado seu nome e mais informações a seu respeito. Dessa forma, é possível pensar que apesar de toda sua sabedoria, seu mérito não é afirmado com facilidade, por ser mulher em uma época em que a elas não era dado o direito de participar da esfera do saber que gera poder.

Portanto, para sinalizar o que as mulheres pensam sobre uma sabedoria relacionada à Folia de Reis localizada no passado, é necessário buscar em suas falas o que essas sabedorias significam para elas. Poder? Possibilidade de ascensão ao poder? Imobilidade? Para Lúcia e Cássia, as sabedorias de Santos Reis se resumem em conhecimento das profecias. Analisando parte do relato de Cássia, em um primeiro momento, ela revela que antigamente tinha maior número de foliões que dominavam as profecias do que hoje tem. Já no decorrer da entrevista, ela percebe que possa ter idealizado o passado e afirma que talvez naquele tempo tivessem até menos do que hoje. Mas depois volta a idealizar na figura de Tragino, dizendo que ele sabia tudo mesmo.

Cássia: A qualidade é a mesma, entendeu?

ABN: É? Continua mantendo.

Cássia: Continua manteno. Pode ser hoje tá mais desfalcado de sabedoria, entendeu? Porque, são foliões? São. Mas muito, tem uns três ou quatro. Agora qui tem aquilo tudo lá, na cabeça, foro morrendo, entendeu? Igual hoje, quem sabe mesmo de cor... igual esse aí: fulião toda vida. Pergunta a ele, ele num sabe. Ele num consegue guardá na cabeça, tendeu?

[...]

Cássia: Então hoje, é muito pouco quem sabe.

[...]

Cássia: Antigamente também num sei quantos sabia! Num sei, de repente tinha até menos. Num sei, né.

ABN: Mas tinha um que sabia tudo?

Cássia: Igual o Tragino. Ele era o sabidão de tudo! (risos) Além de sê o chefe, ele sabia tudo!

ABN: Ele era o mestre?

Cássia: Ele era o mestre, era o mestre. Hoje o Tinho é o mestre, mas o Tinho num sabe. Ele num canta. Ele dirige a fulia. [...] Administra tudo.

ABN: E quem é o mestre hoje?

Cássia: Ele é o mestre, ele é o dono da fulia. Mas ele num canta. Eu acho, acho eu qui ele num sabe trecho de Reis não!

Naldo: Sabe não!

ABN: Não? E quem sabe hoje?

Cássia: Hoje quem sabe? Quem sabe é o Alaor, Pedrim, Nicanor... Nicanor e eu acho qui é só!

Naldo: O Valdomiro sabe...

Cássia: Hum, o Valdomiro sabe?

Naldo: Sabe...

[...]

Cássia: Não. Eles sabem. Esses três que eu te falei eu tenho certeza qui eles sabem o que o Tragino sabia! [...] É. Eles aprendero. Eles guardaro aquilo na cabeça. Num precisa olhá, lê prá vê. Num precisa ninguém fala prá eles que eles sabem. [...] Eles sabem de cor. Tá guardado na cabeça, tá gravado!

ABN: [...] Mas você acha que naquela época assim tinha mais sabedoria que hoje? Você acha que a qualidade da folia...

Cássia: Ah num sei. Aí eu num posso te falá...

Naldo: Ah os antigo? Hum...⁸⁴

Ou seja, num primeiro momento ela indica uma idealização do passado, apontando os foliões antigos como detentores relevantes dos conhecimentos das profecias, mas depois o sentimento de pertencimento ao grupo atual fala mais alto e retoma o argumento de que tudo que os antigos sabiam foi transmitido aos mestres atuais. Mas Naldo indica com o seu “Ah os antigo? Hum” um sinal de que os antigos eram melhores.

Cássia não deixa de assegurar também que o conhecimento de práticas aprendidas com os antigos continuam sendo repetidas anualmente. Dessa forma, é possível notar que essas práticas, no fundo, possuem alguma eficácia simbólica ou relevância, caso contrário já teriam caído em desuso. Ainda há a idealização dos saberes antigos, e por isso não são abandonados.

Lúcia também entende as profecias como sendo as sabedorias dos mestres. Porém, acredita que hoje as pessoas entendem mais o que estão cantando por terem mais acesso à Bíblia, já que a maioria dos foliões e assistência é alfabetizada. Mas não pontua isso como algo melhor hoje do que antigamente, somente diferente, porque a realidade de hoje é bem diferente da referente aos séculos XIX e XX. Além disso, Lúcia assevera sobre o conhecimento das profecias por parte das mulheres, deixando subtendido no decorrer da conversa, que as mulheres só não ascenderam em postos de visibilidade na folia por não terem ainda pensado nessa possibilidade.

Já Maú acredita que a sabedoria do mestre vai muito além do saber das profecias. Ela assevera sobre a existência de um saber oculto, operado por um mestre sábio, ciente das vias de acesso ao plano espiritual, detentor do conhecimento de práticas mágicas de comprovada eficácia empírica. Para Maú, as práticas de Toninho vão além da reprodução mecânica de simples superstições, que se repete anualmente mais por força da tradição do que por uma crença efetiva daquela prática. Maú crê nas sabedorias do mestre como eficazes na própria proteção e na proteção do grupo, na solução de problemas que creem ser de ordem espiritual, e na cura de devotos. E Zezé acrescenta que todo esse conhecimento do mestre não é de hoje, mas vem do primeiro tempo de Reis, ou seja, do tempo do mito. É um conhecimento sagrado, pois vem do tempo original, que vem passando de geração para geração, até chegar aos dias atuais. Dessa forma, é possível notar que o conhecimento do mestre é idealizado por Maú e pelos integrantes de sua folia. O que gera o imobilismo. Somente o escolhido do mestre, a quem vai passar seu saber, poderá assumir o seu lugar em sua ausência.

Dentro do campo dos saberes populares que o universo da folia articula, estão também as narrativas mitologizadas derivadas do mito fundante ou de histórias regionais. O processo de mitologização garante a tais narrativas sua importância, seu valor exemplar e sua oficialização. Para

⁸⁴ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 9 de outubro de 2017.

abordá-las de maneira mais aprofundada, dada a relevância de sua inserção nas mentes e corações de foliões, folionas, devotos, devotas, fazendo parte inclusive de seus discursos justificativos ou de autoridade, faz-se necessário analisá-las separadamente. Até porque sua influência não se limita ao setor dos saberes, ampliando também seu campo de atuação no contexto ritual. É o que trataremos no próximo tópico.

2.4 As narrativas de Santos Reis

No contexto das Folias de Reis existe uma série de narrativas que compõem um arcabouço mitológico que fundamentam os ritos. Tais narrativas na verdade, não balizam somente os rituais, mas são produtoras de sentido para toda a dinâmica da festa. Influenciam, de maneiras diferentes, todos os setores que fazem parte da manifestação, assim como as atitudes dos foliões, devotos e assistência. Até mesmo as restrições impostas ou qualquer mudança deve passar pelo crivo de tais narrativas para serem aceitas e referendadas oficialmente. Na lógica que rege a folia somente a narrativa fundante e as variações que a criatividade popular cria em torno dela, podem autorizar ou vetar legitimamente qualquer proposta ou situação que requer discussão ou gere polêmica no contexto dos giros.

Embora essas narrativas remetam à ortodoxia dos ritos, sua explanação e análise não estariam bem situadas no item 2.2 Os rituais de Santos Reis, por apresentarem também forte relação com a esfera dos saberes. A ideia central seria buscar nas narrativas a compreensão de um ideal, posto geralmente no passado. O rito, que sempre irá evocar o mito fundante, recebe sua legitimidade e é justificado por estar ligado a ele, com o que o gerou, com a origem, com o tempo correto. Dessa forma é interessante investigar qual seria a ordem das coisas quando as coisas estavam em ordem, em um tempo original, na perspectiva das mulheres. Portanto, percebeu-se a necessidade de criar um espaço no interior deste capítulo que remete ao passado de maneira mais efetiva, para tratar apenas dessas histórias e seus desdobramentos.

Neste espaço será proposta uma análise de metanarrativas correntes na folia, que remetem a um passado fundante. Ao tempo do mito original e suas variações de acordo com a demanda de cada tempo. As narrativas são construídas e renovadas continuamente. Portanto as construções refletem a realidade social de cada época em que surgem as histórias que ganham paulatinamente o status de mito.

O processo de mitologização de narrativas, além de retratar a dinâmica da criatividade popular, nos leva a entender como nasce um mito. Isso importa porque sua agência e rearranjos refletem, mobilizam ou são demandados por novas dinâmicas sociais nesses contextos pautados pela religião e religiosidades, pois como pontua Volney Berkenbrock

(2018, p.163) “os mitos não são apenas histórias, mas expressão de um modo de pensar religioso”. Nesse sentido, tudo se faz relevante, como surgem, como se disseminam e como preenchem lacunas, que poderiam dar margem à desordem. Esse processo é necessário ao bom funcionamento das atividades que dependem de uma base que oriente os participantes diante das constantes alterações sociais vivenciadas no mundo atual. Então, os foliões buscam no passado, no primeiro tempo do Reis, como afirma Zezé, a solução de impasses que são reconhecidos na atualidade.

Mas nesse contexto não se encontram apenas variações do mito fundante, que é a passagem bíblica que conta a viagem dos Magos ao encontro do Menino, mas também mitologização de narrativas locais. Tais narrativas da mesma forma, orientam e definem atitudes e compromissos, não deixando que certos procedimentos do passado percam sua força e caiam em desuso no presente. Esse processo de mitologização das narrativas, na verdade é ativado por demandas sociais do grupo que sancionou tais histórias.

Nesse item vou abordar além do mito fundante, outras três narrativas. Duas disseminadas entre as folhas de Leopoldina e uma própria do contexto da Serra dos Barbosas. A primeira tange a questão de gênero, a outra tem como tema o racismo e a última, além de evocar o passado escravocrata de Leopoldina, sugere o peso de uma promessa para esse grupo.

Mas o que seria um mito? A definição dada por Berkenbrock (2018, p. 165) acerca da especificidade do mito contribui no sentido de explicar seu viés simbólico, disciplinar, didático e de verdade, que não se baliza pela regulação dos conceitos viáveis e conciliáveis entre si, mas sim pela estruturação de um modo de pensar:

Buscaremos caracterizar a especificidade do mito enquanto linguagem simbólica e, mais, como uma forma específica de linguagem adequada à transmissão de certos tipos de conhecimento – como religioso ou sagrado, como iremos apontar. A finalidade é mostrar a importância do mito como narrativa por excelência capaz de transmitir, por exemplo, aspectos aparentemente contraditórios do real que são autoexcludentes do ponto de vista do conceito, mas não do modo de pensar.

Berkenbrock (2018, p. 164) assinala também, à luz do pensamento de Cláudia Cerqueira do Rosário, que a mitologia é um modo comparável de expressão, portanto o que importa não é o conteúdo em si do mito, mas a forma de expressá-lo. Pois, “a fala do mito não conceitua, mas revela e mostra. A narrativa mítica é uma espécie de seta; ela aponta” (BERKENBROCK, 2018, p. 169). Assim a narrativa se torna exemplar quando seus seguidores estabelecem comparação do que se expressa através dela com o seu mundo real e sua vida vivida. Portanto,

o autor mostra que o mito é uma forma de apreensão do mundo através de analogias, que se estabelecem a partir de uma matriz de inteligibilidade, que se estrutura com base no mito. Assim, ele funciona como um modelo cujo simbolismo gera um excedente de significação, ou seja

transporta compreensões que em muito excedem, por exemplo, as que podem transportar as representações do modo lógico-racional de pensar. Transportam sentidos muito além de si mesmos, e por ele transmitem verdades que dizem respeito à vida do espírito e do fazer humanos (BERKENBROCK, 2018, p. 168).

Com base no conceito de mito apresentado pode-se discutir e compreender a relevância dos mitos que surgem em torno da folia, como estruturação do pensamento que orientam suas atitudes. Portanto, faz-se necessário observar tanto o mito que dá origem à Folia de Reis quanto suas reinvenções que dão suporte às mudanças ou reforçam permanências e continuidades.

O mito fundante conta a passagem da jornada dos Santos Reis, Reis do Oriente ou somente Reis, como são chamados esses personagens em Leopoldina, até o encontro do Menino Jesus. São citados na Bíblia no Evangelho segundo Mateus, capítulo 2, nos versículos de 1 a 12, simplesmente como magos, que, guiados por uma estrela, foram em busca do Menino Jesus, anunciado como o rei dos judeus:

Visita dos Magos – ¹Depois que Jesus nasceu em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do oriente chegaram em Jerusalém, ²perguntando: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Porque avistamos sua estrela no oriente e vimos para lhe prestar homenagem.” ³Ouvindo isso, o rei Herodes ficou abalado, e Jerusalém toda com ele. ⁴Convocou então todos os chefes dos sacerdotes e os doutores do povo, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. ⁵Eles lhe responderam: “Em Belém da Judeia. Pois assim está escrito por meio do profeta. ⁶‘E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais de Judá. Porque de você sairá um líder, que apascentará meu povo Israel.’” ⁷Então Herodes chamou em segredo os magos e investigou junto a eles sobre o tempo em que a estrela tinha aparecido. ⁸Depois os enviou a Belém e disse: “Vão e procurem obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que eu também vá prestar-lhe homenagem.” ⁹Eles ouviram o rei e partiram. Eis que a estrela que tinham visto no oriente ia na frente deles, até que chegou e parou sobre o lugar onde estava o menino. ¹⁰Vendo novamente a estrela, ficaram repletos de extraordinária alegria. ¹¹Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e se ajoelharam diante dele em homenagem. Abriram então seus cofres e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra. ¹²Depois disso, foram avisados em sonho para não retornarem a Herodes, de modo que voltaram para a sua região por outro caminho (BÍBLIA, Mateus, 2, 1-12).

Como pode ser observado na breve passagem bíblica, não se fala em número de magos, nem a etnia, tampouco a cor da pele, sequer seu nomes são referendados, muito menos que fossem reis. Todas essas ideias foram sendo acrescentadas à narrativa original ao longo dos séculos. Sobre tal passagem bíblica, a criatividade popular se debruçou desde a Idade Média fazendo diversos acréscimos. Aliás, bem antes disso. O saber popular definiu como três através do números de presentes ofertados a Jesus. E esse número habita o imaginário popular desde os primórdios do cristianismo, pelo menos desde o século III, já que na Catacumba de Santa Priscilla foi encontrada uma pintura dos três Magos que data do referido século (ANTONIO, 2012, p. 5). Porém, foi a partir da Idade Média que as alterações foram sendo notadas de maneira mais sensível. Por volta do século IX, os Magos foram transformados em Reis, fato evidenciado em representações artísticas da época por meio do uso da coroa (ANTONIO, PELEGRINI, 2014, p. 1596). A ideia de relacionar a majestade ao sagrado é uma prática das religiões mais antigas, nas quais o rei é o deus visível e encarnado ou seu legítimo representante (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1599). Do século VI ao XII, em especial neste último, pode ser observado um movimento em direção à santificação dos Reis Magos, impulsionado pelas longas peregrinações em busca das supostas relíquias atribuídas a eles (ANTONIO, 2012, p. 9). Na Baixa Idade Média, ao se aproximar da Idade Moderna, há a inclusão do Rei negro, simbolizando um sábio representante da África (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1599).⁸⁵

Após apresentação o mito fundante, a primeira narrativa pode se tornar mais inteligível. Tive ciência sobre esta história no dia 4 de janeiro de 2017, na casa de Matilda, onde tive a oportunidade de conversar com o folião Aurélio, filho caçula de Juca Colodino. Conteí a ele sobre meu interesse a respeito da Folia de Reis e sua relação com as mulheres. O folião me respaldou miticamente sobre a plausibilidade da presença feminina no cortejo da folia, dizendo que isso tem um fundamento baseado na viagem dos Reis do Oriente ao encontro do menino Jesus. Segundo sua versão, quando os Reis Magos estavam em viagem encontraram em uma encruzilhada as Três Marias. Elas indagaram aos Reis onde eles estavam indo, esses por sua vez lhes contaram que estavam indo adorar o Salvador. As Três Marias disseram que gostariam de adorar o Salvador também, mas não tinham o poder de adoração e pediram para acompanhá-los e eles aceitaram a companhia. Daí se explica a presença

⁸⁵ A história da devoção popular dos Reis Magos abordada de maneira mais ampla, pode ser encontrada em NEDER, Andiara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

feminina como aceitável nas folias. Porém, essa passagem não se encontra na Bíblia. Aurélio acrescenta que o fundamento da folia não está só na Bíblia, mas também, e talvez mais relevante, no conhecimento popular. Daí pode-se notar o predomínio da tradição oral nesse contexto, que se mostra mais eficaz que a escrita.

Vale ressaltar que a tradição oral se mostra como via legítima de continuidade da tradição das Folias de Reis. O ritual passado de geração para geração, de pai para filho, e também de mãe para filha, num processo hereditário, mantém seus traços fundamentais através da oralidade. Há uma ritualística experienciada desde cedo por foliões, folionas e assistência, que interiorizam, a partir do vivido, a prática ritual.

Não consegui encontrar para a história que versa sobre o encontro das Três Marias com os Magos, uma origem precisa mas ela é difundida oralmente, alcançando pouco a pouco várias folias. Luíza e Maú quando questionadas sobre tal narrativa atestaram ter ciência da mesma. Luíza acrescenta citando os nomes de cada uma das Marias: Maria Salomé, Maria Madalena e Maria José. A referência à Maria Madalena, como uma jovem já em idade de acompanhar uma viagem com outras duas amigas não condiz cronologicamente com a imagem bíblica de que Maria Madalena fosse contemporânea de Jesus, com idade próxima e não muito mais velha que ele, como a narrativa das Três Marias presume. Mas é preciso compreender que a forma mitológica de expressão possui uma “capacidade de não se prender a um tempo cronologicamente fixado. A narrativa mitológica transpassa o conceito do cronologicamente delimitado” (BERKENBROCK, 2018, p. 165). O mito não possui uma linguagem linear e não raramente em seu interior convivem verdade e erro em um espaço de conciliação do caos, contando “com as contradições que se manifestam coexistindo no mundo e contrariando os princípios mais elementares da lógica” (BERKENBROCK, 2018, p. 169). Por isso, não há que se pensar em engano de Luíza quando citou os nomes das personagens, pelo contrário, a lucidez se faz permanente no sentido de nomear tais personagens que legitimam a entrada das mulheres no cortejo. Para as mulheres da folia, as Três Marias tem uma centralidade que não pode ser ocultada e a primeira providência para dar importância e visibilidade a personagens “históricas” é nomeá-las, para que se referencie com propriedade, sabendo quem foram e suas respectivas histórias que se entrelaçaram numa determinada narrativa imperativa para as folionas. Maú alega que em seu grupo, no passado, faziam até mesmo a representação delas.

Zeze: As Treis Marias é o seguinte: três minina, tendeu? Pá apresentá

Maú: As Treis Maria.

Zeze: como era os Treis Reis quando saiu, tá? Pá caminhá. Aí tinha ... os Treis Reis vai caminhano, aí tem as Treis Maria. A gente canta esse trecho.

[...]

Maú: Agora num tem Treis Maria mais, mas antigamente tinha.

Zezé: E a gente fala o nome das Treis Maria.

ABN: Hum... E agora num tem mais essa...

Maú: Não. Agora num tá colocano mais. Porque é difícil né, Iara. Pur exemplo, cê qué arrumá uma minina cê num acha. As minina de hoje tão tudo ...

[...]

Maú: As minina de hoje tão tudo ovoroçada! Então num tem como! E eu acho se eu botá Treis Maria eu tenho que pegá treis minina jovem. [...] Qui nunca bejô homi! Hoje essas minina tão tudo pá frente!

[...]

Maú: As Treis Maria não. Eu qui carregava a bandera e elas ia ali perto de mim. Elas ia junto cum os Treis Reis ali na frente.

[...]

Maú: Porque nós fomo nas Palmera, aí chegô lá nas Palmera e pidiro prá nós apresentá as Treis Maria. Mas só qui é qui num tinha as Treis Maria. As Treis Maria qui tava na fulia era eu, a Rolinha e acho qui a Dama da Noite, a Dama da Noite. Aí nós apresentamo as Treis Maria como se fosse. Mas prá nós, nós num era as Treis Maria, porque nós era mulé. Cê entendeu? Nós só fizemo a similhaça. Mas nós num era as Treis Maria, porque as Treis Maria tem que sê jovem. Nós era tudo mulé já. A Rolinha era mulé, eu era mulé mãe de filho, e a Dama da Noite. Aí nois apresentamo. Depois no oto ano, nós botamo, eu botei as Treis Maria.⁸⁶

Pelo relato de Maú percebe-se que antes das mulheres terem funções específicas no grupo, elas já acompanhavam o cortejo. Somente a Maú tinha uma função específica, que era a de bandeireira. Mas as outras duas também estavam junto. Portanto, utilizar as Três Marias no contexto da Folia de Reis e tecer uma narrativa do encontro dessas personagens femininas com os Três Reis surge a partir de uma necessidade de se explicar, conforme a tradição, a presença de mulheres no cortejo. Importa salientar que a tradição se pauta nessas histórias que se disseminam oralmente e que percorrem grupo a grupo.

A narrativa apresentada, que de uma forma ou de outra e mesmo sem intenção clara, se mostra como um combate à misoginia, é uma forma de demonstrar como a tradição é fluida e se adapta às circunstâncias que lhe são colocadas. É assim que ela permanece, se modelando e não se tornando uma barreira intransponível. Por isso Berkenbrock (2018, p. 169) chama o mito de ideia matriz, um embrião de sentidos de onde nascem e emergem as representações, como um “permanente e inesgotável nascedouro do sentido”. Quando a mulher começa a ter autonomia, a ganhar espaço na sociedade e visibilidade na esfera pública, alçando voos para além da esfera privada, ela passa a ser aceita em grupos antes inacessíveis à sua condição feminina. Neles, elas realizam atividades que contribuem de maneira efetiva para o desenvolvimento do grupo e, portanto sendo elemento importante e bem querido. Se ela traz

⁸⁶ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

benefícios, ela deve permanecer, se ela deve permanecer ela tem que ser respaldada não só pelos foliões, mas também pela tradição. É dessa maneira que surgem essas narrativas míticas, como uma necessidade de preencher uma lacuna de forma permanente e sem oferecer margem para contestações.

Steil (2001 p. 30) aponta que essas narrativas, longe de serem entendidas como mentira, são produtoras de verdades e por meio delas a memória de determinado grupo social é guardada e seus comportamentos e valores prescritos. Além disso, a partir da repetição dessas histórias, ou seja, através da oralidade, as novas gerações são inseridas no contexto desse grupo. Aprendem os costumes, dominam seus códigos e são paulatinamente cultivados para a sensibilidade dominante. Esta prevê, no contexto da Folia de Reis, que toda e qualquer alteração deva necessariamente ser confirmada miticamente para se tornar oficial e ter credibilidade. Somente uma narrativa baseada no mito fundante pode produzir uma verdade que faça sentido para aquele grupo social, que tenha aderência nesse contexto social e se insira na sensibilidade dominante de forma fluida. Isso porque o mito é a síntese dessa cultura, como se a cultura diante de um espelho mítico analisasse um reflexo de si e o entendesse como parte de si, seu correspondente, de natureza própria, familiar e já conhecido. Por isso Berkenbrock (2018, p. 169) aponta que “através do mito pode-se ter acesso ao conjunto de valores e aspirações de um grupo ou de uma época, e estes valores são determinantes de um modo de ser e de se expressar de uma cultura”.

Outro exemplo muito ilustrativo dessa produção de verdade por meio de uma narrativa criada a partir do mito fundante, é a inserção de pessoas negras em grupos de folias de famílias brancas. Há não muitas décadas (e em muitos casos ainda hoje), Leopoldina era uma cidade declaradamente racista. Para refletir a partir de exemplos, na esfera do lazer, existia o Clube frequentado pela elite branca (Clube Leopoldina), fundado em 1926, e o Clube dos negros (Cutubas), fundado em 1925. Segundo Franklim (2014, p. 10)

No Clube Leopoldina os pretos não entravam, salvo fossem trabalhadores da limpeza ou músicos para animar os bailes e apenas pela porta dos fundos. Do outro lado da rua, quase em frente, fica o prédio modesto do Clube dos Cutubas, espaço de sociabilidade para as pessoas de cor, como se dizia à época de sua fundação.

No Jardim (praça Félix Martins, principal da cidade) os brancos andavam, socializavam, conversavam, namoravam, no centro da praça e aos negros era oferecida as margens ou a Praça Gama Cerqueira, mais conhecida como Praça do Urubu. Ganhou essa alcunha por ser frequentada pelos negros e também por se localizar próximo ao Clube dos Cutubas e às ruas que acessam os morros onde morava, e ainda mora, a maioria negra (FRANKLIM, 2014, p.

25). Isso escancara a fragilidade do conceito de democracia racial difundido largamente desde o início dos anos de 1930, como forma de demonstrar a construção de uma identidade nacional e coletiva, que propunha a ideia de nação como um todo harmonioso e sem conflitos.

O racismo explícito na associação de urubus-pretos, comum no rol das ofensas que sempre serviram para humilhar o povo negro, a desmentir nossa falsa democracia racial, perde efeito diante do orgulho que os negros da Praça do Urubu sentem de seu chão. O que deveria ser um escárnio se transforma em orgulho do espaço ocupado e incorporado ao mapa simbólico de Leopoldina, a cidade de maioria negra e mando branco (FRANKLIM, 2014, p. 25).

Isso expressa a herança de um passado marcado pelo forte sistema escravocrata operante na cidade até fins do século XIX, que deu origem a esse processo discriminatório do negro na cidade. A união dos negros em um espaço de sociabilidade tentou driblar as consequências desse sistema, com uma luta em prol da inserção social do ex-escravo. A inserção plena do negro, até o dado momento, não foi possível e ainda hoje o preconceito deixa suas marcas, de maneira menos declarada, mas não menos preocupante, em todas as esferas da vida dos afrodescendentes. É possível explicar a amplitude dessa herança com base no censo demográfico de 1872: “em Leopoldina, numa população total de 41.886 indivíduos, 15.253 eram escravos, ou seja, 36 % da população. Certamente, esse número dobrava quando incluídos os libertos e mulatos. Ali, como no resto do país, os negros eram a grande maioria” (FRANKLIM, 2014, p. 22). Franklim (2014, p. 22) assevera que antes da Abolição Leopoldina competia com Juiz de Fora o título de município com maior número de cativos do estado de Minas Gerais. Além desse vultuoso número de escravizados na cidade até fins do século XIX, a política de imigração de europeus não foi largamente difundida na região da Zona da Mata mineira, como uma medida de “branqueamento” da população. De acordo com Nilza Cantoni e Luja Machado (2019) há 159 anos Leopoldina recebia famílias italianas como mão de obra livre. Em suas pesquisas conseguiram catalogar 1166 sobrenomes italianos, 6084 italianos ligados direta ou indiretamente a Leopoldina e destes, 3939 possuem vínculo com a cidade devidamente documentado. Ainda que os números não sejam inexpressivos, se comparado ao número de escravizados e seus descendentes que habitaram e habitam a cidade (aos quais não foi dado o direito de manterem seus sobrenomes africanos), se mostram irrelevantes. Franklim (2014, p. 23-24) aponta que a abundância de mão de obra negra, a contenção da fronteira agrícola cafeeira, o desinteresse dos fazendeiros da região pela imigração, e a desorganização do trabalho após a abolição, fizeram com que a massa de ex-escravos e libertos se tornasse a principal origem dos trabalhadores livres da região.

Desta forma, a religião e a cultura precisam lidar com as mazelas desse passado e os impactos no presente. De acordo com o contexto explanado, não chocaria dizer que folias de famílias brancas ofereciam resistência em aceitar foliões negros. Até que a sabedoria popular resolveu o impasse com uma de suas histórias criadas a partir do mito fundante. A segunda narrativa que apresento aqui me foi revelada pela primeira vez por Seu Didi, folião experiente da Folia dos Colodinos. Ele conta que quando os Reis Magos saíram do Oriente para conhecer o Menino Jesus, cada um peregrinou sozinho até a metade do caminho. Em um dado momento os três se encontraram e prosseguiram juntos. Ao parar para descansar durante a noite, os dois Reis brancos, Gaspar e Melchior, às escondidas, planejaram que acordariam mais cedo e partiriam sem a presença do Rei Negro, Baltazar. Seu Didi complementa que os Reis brancos não queriam andar na companhia de um negro, pois não seriam bem vistos. Antes então que Baltazar pudesse notar a ausência deles, já estariam diante do Menino. Conforme o combinado, partiram sem Baltazar. No entanto, quando o Rei negro acordou e se viu sozinho para prosseguir a jornada, a estrela apareceu em sua frente e o levou tão rapidamente ao encontro de Jesus que chegou antes de Melchior e Gaspar. Quando estes chegaram, ficaram surpresos ao se depararem com o negro entregando o presente ao Menino. Por isso, no imaginário popular leopoldinense o Rei negro foi o primeiro a reverenciar o Menino Jesus. Por esse motivo também, é comum se observar nos presépios das famílias visitadas pelas folias de Leopoldina, o Rei negro mais próximo da criança.



Figura 13: presépio montado na Igreja da Serra, para receber a visita da Folia da Serra no dia de Reis. A seta vermelha aponta para Baltazar de pé mais próximo da manjedoura e a seta azul mostra um Rei Branco de joelhos ofertando seu presente.

Fonte: acervo pessoal, 2014.

É possível perceber que essa é uma história conhecida somente a nível regional. Pois se observar atentamente o posicionamento dos personagens do presépio, geralmente não é o

Rei negro que está de joelhos e portanto quem logicamente estaria mais perto de Jesus. Normalmente um Rei branco está de joelhos e olhando para baixo enquanto o outro branco e o negro estão de pé. No momento da montagem do presépio, o próprio posicionamento das peças já levaria a colocar o Rei que está de joelhos mais perto do Menino, mas a sabedoria popular manda colocar Baltazar como o primeiro da fila. Observando vários presépios de casas visitadas, tive a oportunidade de conhecer um em que Baltazar se encontra de joelhos, adorando o Menino, como o primeiro Rei a chegar ao encontro Dele.



*Figura 14: presépio fotografado na casa de devoto que recebe a Folia da Maú. Neste presépio pode-se notar Baltazar, enfatizado pela seta vermelha, de joelhos diante do Menino.
Fonte: acervo pessoal, 2013.*

Essa é uma narrativa corrente entre as folias de Leopoldina e região, que ensina que não se deve excluir ninguém por conta de sua cor, como fizeram Melchior e Gaspar que acabaram saindo em desvantagem. Da mesma forma que essa narrativa justificava a inserção do negro em qualquer folia e autorizava miticamente e, portanto, oficialmente, que ele contribuísse com o grupo a partir de suas habilidades pessoais e sabedorias, aquela narrativa das Três Marias justifica a inserção da mulher não só na folia, mas também nos rituais e cortejos, e autoriza sua respectiva contribuição. Porém, ainda que autorize e justifique a inserção da mulher, na história contada ainda há traços da cultura androcêntrica na qual nos inserimos. Quando Aurélio afirma que as Três Marias não tinham o poder de adoração, quis dizer que elas não seguiram os Magos por não saberem o caminho, mas por dependerem deles para adorar o Menino. O que sugere uma relação de dependência da mulher ao homem. A ideia de um empoderamento feminino comedido e delimitado pelos homens é colocada. Até onde poderiam chegar essas Três Marias? Até onde os homens permitissem. Ou seja, mesmo

que quisessem tomar a frente do ritual, não poderiam, porque elas não teriam o poder de adoração, que é deferido apenas ao folião que representa os Reis. Portanto, enquanto representação de uma das Três Marias a mulher não alcançaria o poder dentro da folia. Como foi contada, a narrativa mitologizada ainda impõe limites à figura feminina, apesar de lhes abrir as portas do ritual. Mas o mito enquanto embrião de sentidos também é polimorfo, se modificando com o tempo, pois “o mito é o arquétipo que se manifesta diferentemente conforme a época, mas continua presente como questão perene e, mais ainda, presente em nossas representações do mundo” (BERKENBROCK, 2018, p. 169). Por isso uma narrativa mítica nunca se encerra em uma ideia fixa e única, é ampla em interpretações e produções de sentido, podendo ter inclusive várias versões da mesma história sem prejuízo de sentido, e contando talvez com o incômodo de incongruências, que já são próprias de um mito.

Na Serra dos Barbosas narrativas também se adensam tomando forma de mito e assumindo seu status. Até mesmo se entrelaçam ganhando mais força junto à população, que se ocupa de criar novas versões cada vez mais potentes e com aquela pitada de incoerência histórica que não lhe impõe qualquer suspeita de inverdade. Há uma grande variedade de versões da mesma narrativa⁸⁷. A história da qual tratamos aqui anuncia uma eficácia permanente e, de certa forma, sustenta o rito, portanto será tomada como um mito e, dessa maneira, admite muitas versões que devem ser assumidas (LÉVI-STRAUSS, 1975). Um mito já consagrado como tal possui inúmeras variações, “não existe versão ‘verdadeira’, da qual todas as outras seriam cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 252). Portanto, todas serão aqui evidenciadas sem questionar se determinada versão é factível ou não, pois o que importa é sua função de afirmar o passado enquanto presente vivo na folia.

O cumprimento do compromisso do dia 6 de janeiro é o foco da narrativa. Tradicionalmente, a Folia da Serra canta no dia de Reis no Cruzeiro de uma localidade vizinha à Serra dos Barbosas, a Serra das Virgens. Essa é uma missão da folia com as almas de escravizados que lá morreram no período da escravidão em Leopoldina, que, segundo alguns informantes, começou a ser cumprido já com o Medeiro Velho, fundador da folia. As incoerências já começam pelo nome do referendado fundador do grupo. Em entrevista, Lúcia assevera que a folia era da família da Dona Ita e não do Tragino, sua sogra e seu sogro. Dona

⁸⁷ Essa narrativa e seus desdobramentos, assim como a abordagem de seu caráter mitológico, foram apresentados em NEDER, Andiará Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

Ita era da família Lacerda e Tragino da família Medeiro. No momento da entrevista fiquei sem compreender a lógica do nome da folia afinal. Se originalmente o grupo era da família dela e, portanto Lacerda, por que então tem o nome da família dele, Medeiro? Tempos depois sanei a dúvida com Lúcia e ela afirmou que o nome Folia dos Medeiros veio depois da direção do seu marido, por conta de exigências burocráticas em apresentações em festivais. Mas sempre foi Folia da Serra, o nome Folia dos Medeiros é algo recente. Isso sugere a força da cultura patriarcal do lugar. Que de tanta força tomou até o nome do fundador do grupo, que inclusive é o protagonista de uma das versões da narrativa mítica. O nome Folia dos Medeiros sugeriu aos reprodutores das narrativas que seu fundador fosse também um Medeiro. Ninguém sabe, não é divulgado que a história da folia tenha sido interceptada por um Medeiro, que então emprestaria seu nome ao grupo por apenas uma questão de costume regido pela estrutura patriarcal da sociedade. De acordo com ela normalmente se utiliza o nome do pai para identificar a raiz familiar de um indivíduo. Tinho e seus irmãos não hesitaram em impor o nome do pai, que foi um grande mestre da folia, ao invés de reafirmar a origem materna do grupo, numa tentativa, provavelmente não consciente, de apagar a figura da mãe desse contexto. Pois nele, mulher não poderia sequer emprestar seu sobrenome para identificar uma folia erguida sob a égide do patriarca. Assim o personagem principal de uma das versões da narrativa em questão é identificado por um sobrenome que provavelmente não remete aos ocorridos históricos. O que para o mito não importa, mas para a análise antropológica e sociológica, atenta às pautas de reconhecimento feminino, diz muito sobre a estrutura do grupo. E se isso não justifica, pelo menos explica muito da exclusão das mulheres das esferas de visibilidade e poder desse grupo.

Além desse ponto de inconferência histórica, há outro. Cássia citou em entrevista que a cantoria na Serra das Virgens começou a ser feita não tem muito tempo e não desde 1816, primeiro ano de giro da folia. Não se tem conhecimento do ano exato em que os escravizados cometeram suicídio no local, nem a partir de quando a folia começou a lhes prestar essa homenagem. Aliás, a informação não é precisa nem no aspecto de ser uma simples homenagem; segundo alguns foliões o ritual acontece a partir de uma promessa feita pelo mestre fundador, o referido Medeiro Velho. A população conta que o Cruzeiro da Serra das Virgens foi erigido em homenagem a dois escravizados que morreram ali. Um homem e sua esposa grávida cometeram suicídio, por isso o local possui três cruzeiros. Segundo consta, o Medeiro Velho, fez uma promessa incluindo a cantoria ali como pagamento. Dizem que o pagamento previa a cantoria no Cruzeiro em todos os dias de Reis, enquanto a bandeira da

Serra empreendesse jornadas. Portanto, se tornou um compromisso da Folia da Serra e não mais do seu fundador.

De acordo com a narrativa mitologizada, a Folia da Serra sempre se reuniu nesse Cruzeiro para entoar os versos do Padecimento de Cristo. Cantam o sofrimento de Cristo para fazer referência ao sofrimento dos escravizados. Mas, num determinado ano, o grupo não cumpriu com sua obrigação. Diante da falha, uma das versões conta que a alma do escravizado apareceu para um dos foliões e lhe cobrou o ritual no Cruzeiro. A partir desse dia o grupo não mais deixou de realizar o ritual no Dia de Reis, como missão a ser cumprida anualmente. O momento da cantoria varia. Apesar de alguns foliões apontarem que o horário afirmado em promessa pelo Medeiro Velho é entre 10 horas da manhã até o meio dia, esse horário é flexibilizado de acordo com a necessidade do grupo. No dia 6 de janeiro de 2017, fui ao local no horário costumeiro e quando cheguei recebi a informação que o grupo já havia cantado ali às 6 horas da manhã. Portanto, mais importante que cumprir o horário é cumprir a missão.

Em outra versão contada por Seu Álvaro, folião da Serra, o grupo parou de cantar no Cruzeiro, desrespeitando o compromisso com as almas e não cumprindo a antiga promessa feita pelo fundador do grupo. Assim, em um dia de giro, um mestre folião antigo, já falecido, incorporou em seu pai. Segundo o relato de Seu Álvaro, seu pai se transformou, mudando seu jeito, seu olhar, sua voz, “não era ele”, afirmou o folião. Contrariando outra sub-versão do mito, ele afirma que seu pai não “mexia com essas coisas de espiritismo”. Nem folião ele era, estava apenas recebendo a folia em sua casa. E, com a bandeira nas mãos, no momento do agradecimento, o mestre “baixou” nele, utilizando a expressão empregada por Seu Álvaro, e fez as exigências: a primeira solicitava que a Folia dos Medeiros realizasse o Salvamento da Bandeira, tão almejado por ele, mas nunca alcançado em vida. Isso demandaria a presença de duas folias para acontecer: cruzam-se as Bandeiras e os mestres começam a cantar versos falados de improviso. O pedido foi realizado na igreja da Serra dos Barbosa. A segunda exigia o cumprimento da promessa do mestre, de cantar no Cruzeiro durante todos os anos de giro do grupo.

Ainda existe uma terceira versão que explicita que não era um mestre folião qualquer que incorporou naquele momento, mas sim o próprio Medeiro Velho, requerendo o cumprimento de sua promessa ano após ano. Acrescenta ainda que o referido pai do folião era um médium, frequentador de centro espírita. Por isso foi ele o escolhido para emprestar seu corpo ao espírito, para que este pudesse anunciar os seus anseios aos foliões.

Em conversa informal Lúcia assevera que existem muitas versões da mesma história. Segundo ela a Folia da Serra fazia sim essa cantoria no passado, mas não soube me dizer se foi desde o princípio do grupo que se estabeleceu a missão. Sabe que eles pararam por um tempo e por volta de 1979 a 1982 aproximadamente, seu sogro retomou tal prática. Mas se furtou de sugerir o motivo desse retorno. Qual versão realmente aconteceu, ou se isso tudo é fruto da criatividade popular, ou ainda se a realidade dos fatos se encontra um pouco em cada versão, ou se a verdade é uma construção ideal e utópica nunca acessada por ser emitida por meio de fontes que emprestam cada qual sua visão de mundo no relato, não há como precisar e isso pouco importa. Lévi-Strauss (1978, p. 58) já problematizara: “onde acaba a mitologia e onde começa a História?”. Essa oposição entre mitologia e História no campo se desfaz, se dilui diante da articulação da História em mito e os desdobramentos do mito em História. Urge salientar a visão do autor quanto à oposição geralmente construída entre Mitologia e História: “a oposição simplificada entre Mitologia e História que estamos habituados a fazer – não se encontra bem definida, e que há um nível intermediário” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 61). A ideia reificada admite que a primeira é estática, enquanto a segunda é aberta e dinâmica, enquanto admite-se nesta pesquisa a ideia de que ambas são abertas e passíveis de reconstrução. Portanto, não importa se a narrativa aconteceu daquela forma como é contada para ser histórica, o que assegura esse caráter, segundo o autor, são as “inumeráveis maneiras de compor e recompor as células mitológicas” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 61).

A partir desse breve relato sobre narrativas que nascem no seio popular, que são projetadas para um passado distante ou num presente que evoca o passado como fator de credibilidade, pode-se analisar a variedade de narrativas de potencial mitologizante que permeiam o contexto da Folia de Reis. Essas narrativas são importantes para foliões que desejam, de uma forma ou de outra, manter o status quo, para continuar tudo no “seu devido lugar”, pelo respeito ou pelo medo. É interessante notar como um mito regional nasce e articula toda uma rede de pensamentos, posicionamentos, significados e atitudes, evocando sempre o passado como a base para tudo.

2ª parte: *O que virá do que se é*

Capítulo 3: Mudanças presentes

Apesar das pessoas envolvidas nas folias gostarem de afirmar uma imutabilidade dos rituais e uma firmeza das tradições como uma virtude de seu grupo, é possível perceber que muitos elementos foram alterados. O que na verdade, não necessariamente significa algo ruim, pelo contrário, intensifica a ideia de cultura viva e em constante renovação. São exatamente essas pequenas desconstruções, reconstruções e ressignificações que são salientadas neste capítulo, pois ações diferentes podem acenar atores diferentes e principalmente uma construção de pensamento diferente.

Este capítulo se ocupa de salientar as modificações ocorridas e motivo de tais mudanças. Atentando principalmente para as desconstruções em torno das proibições e obrigações referentes à questão de gênero. É necessário observar em que aspectos a mulher assume papel de liderança e como isto se deu, e por outro lado, quando a ela ainda se destina a marginalidade, seja organizacional, ritual ou dos saberes.

Importa discutir como as entrevistadas percebem e encaram as mudanças e transformações ocorridas quanto às ações exercidas por cada cargo dentro da Folia de Reis e dos seus colaboradores externos. Mudou muito ou as funções de cada papel quase não foram alteradas? Por outro lado, o perfil das pessoas destinadas a cada função continua o mesmo? As coisas realmente mudaram ou mudaram de mãos?

Para tentar formular respostas para tais questionamentos, este capítulo subdivide-se em 3 itens, destinados a discutir no primeiro os deslocamentos no setor dos serviços, no segundo no setor ritual e no terceiro no setor das sabedorias. Porém, não só os deslocamentos revelam respostas ou pistas para alcançá-las, como também as permanências são repletas de significados. Dessa forma, se faz necessário subdividir ainda cada item em 2 subitens. Portanto, em cada setor é possível elencar os elementos que sofreram alterações e assim, se endereçaram para a mobilidade, e aqueles que se mantiveram inertes, ou seja, permaneceram na imobilidade. O contraste entre os fatores que se revelam móveis e os que ainda se sustentam imóveis constituem o primeiro subitem intitulado Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna. O segundo subitem se ocupa de evidenciar fatores que mudaram para manter tudo como está, intitulado A mobilidade a serviço da imobilidade. No setor dos serviços esse subitem mostra como ações bem intencionadas se revelam boas mantenedoras de uma ordem opressora, e que destina à mulher apenas um lugar, o qual ela deve se orgulhar em ocupar. Já no setor ritual o mesmo subitem revela ações positivas para manter a

manifestação, provando que as mudanças são inseridas para que a tradição perdure. No setor das sabedorias a mudança apresentada em uma das folias aponta que o que muda em relação às folias católicas, serve para manter uma estrutura de saber que se origina na Umbanda. Mas ainda assim, o machismo estrutural não deixa de se manifestar, cutucando, sem ser notado, o imaginário desses foliões familiarizados com a liderança e o poder femininos.

3.1 A serviço do que se move

Para analisar as diferenças entre a folia do presente e a folia do passado é necessário traçar primeiramente uma análise dos elementos facilitadores da organização dos giros na atualidade e também os percalços e entraves enfrentados pelos grupos hoje. Muitos obstáculos do passado foram elementos impulsionadores de mudanças atuais. Assim como os obstáculos de hoje podem ser superados no do futuro através de uma dinâmica de adaptação que passa obrigatoriamente por alterações, pequenas ou amplas, pontuais ou estruturais. A partir daí, é possível entender o papel da mulher nesse contexto mutante e sua importância para a promoção da festa e continuidade da tradição.

3.1.1 Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna

É notável que em muitos grupos as mulheres passaram a assumir cargos por elas nunca antes alcançados. Por outro lado os homens não se veem impelidos ou motivados a fazer os serviços antes destinados apenas às mulheres, salvo raras exceções. Onde se presume, que as mulheres passam a dominar o setor organizacional em muitas folias hoje. Assumindo tanto as funções que antes já lhes eram delegadas, quanto a de chefia que conquistaram.

Enquanto donas de folias, cargo de liderança e de grande responsabilidade, as mulheres hoje assumem mais demandas que no passado. E se comparada com a direção masculina da atualidade, se percebem diferenças marcantes entre os dois tipos de gestão. Os homens que assumem tal função lidam somente com questões estritamente administrativas, burocráticas e de tesouraria quando o grupo não tem um tesoureiro responsável, e direcionam os afazeres necessários a outros e muitas vezes outras colaboradoras. Já as mulheres assumem a direção de forma holística e dificilmente delegam a terceiros as funções que elas mesmas podem ou já estão acostumadas a fazer. Regina, em entrevista ressalta como era a liderança de sua amiga Luíza, os cuidados:

Regina: Luíza num dexava a gente andá a pé...

ABN: Aaahh...

Regina: Entende? Eu falei: já tô velha, num guento andá acompanhano a fulia mais não! Aí vão supor, tá bateno aqui, aí aqui ô para... ês vai imhora,

tá nem aí! A Luiza não, a Luiza preocupava . Falava, “Regina num vai a pé não, vamo de carro”. Ela chamava até táxi, alugava Van prá carregar todo mundo.⁸⁸

É recorrente nas folias lideradas por mulheres se perceber uma preocupação extra com os problemas e imprevistos que podem ocorrer durante os giros. Regina confirma o que Luíza já havia me dito quando era viva, de que qualquer coisa que precisasse ela tinha dentro da bolsa:

Regina: Ela fazia muita coisa, a Luíza. Ela é..., igualzim, remédio de dor , ela carregava tudo! Se cê sentisse mal estar tamém, cê corria prá cima, ela tinha o remédio dentro da bolsa! Água benta ela carregava tudo, tudo, tudo, tudo.

ABN: Até água benta.

Regina: Até água benta, ela mandava na igreja pegá água benta. Tem alguma coisa em alguma casa, dependendo tem que jogar água benta⁸⁹

Além da preocupação com o transporte dos mais velhos e das crianças, dos cuidados com remédios e até água benta, que ela já pegava com antecedência para casos de necessidade, ela ainda pagava para lavar e passar os uniformes de todos os foliões. No dia da Coroação já estavam todos prontos para dar início ao giro. Importa salientar então, que quando uma mulher assume a direção de um grupo, não se tem simplesmente uma substituição de cargo. É possível notar toda uma nova forma de liderar, de agir, de ensinar, de se importar com os foliões e com as casas em que vão bater. Até mesmo as normas de conduta de como se portar na casa dos outros a Luíza se preocupava em passar para os foliões na reunião da folia. Regina conta:

Regina: Na reunião ela explica tudo...

ABN: Hum!

Regina: A reunião ... chegan na casa dos outro, tem muitos fulião que vai bateno ali, encosta na parede, não pode! Tem que ficá em pé na parede! Não pode! Cê pode senti sede, se o dono da casa não te oferecê um café, uma água, não, aceita. Pedí não, não pede!

ABN: É tudo assim...

Regina: É tudo, é... Aí aí tava entrano, tá a mesa ali arrumada de coisa pra gente cumê. A Luiza: “come com educação, deixa sobrá na mesa.”

ABN: Hã.

Regina: Não pode cumê tudo, tem que deixá sobrá.

ABN: Aquela coisa da educação né. De acordo, entendi. Isso ela orientava...

[...]

Regina: Rí, não pode! Conversá, num pode!

ABN: Hum!

Regina: Tudo isso ela explicava pra todo mundo na reunião.

⁸⁸ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

⁸⁹ Idem.

As mulheres assumem todas as esferas da administração, resolvendo desde as questões burocráticas até as questões de organização das festas. Atualmente as questões burocráticas são demandas reais, que antigamente não se impunham às folias urbanas e menos ainda às rurais. A licença liberada pela delegacia não era necessária para respaldar os giros diante das autoridades. O registro em cartório, que iniciou um processo de nomeação oficial dos grupos, sempre referendados pelos nomes dos donos (mesmo depois da criação do registro), segundo Maú começou a ser feito pela existência de uma verba municipal destinada à cultura. Para que a verba fosse utilizada de forma idônea, somente as folias registradas poderiam concorrer a ela. Isso porque o olhar sobre as manifestações devocionais populares mudou, e hoje são consideradas dentro do escopo de cultura popular. Embora a ajuda não seja facilmente alcançável e hoje com o achatamento das verbas destinadas à promoção da cultura, a cada dia está mais difícil, a sua existência por si só já atesta essa mudança.

Além das questões burocráticas a dona da folia administra o dinheiro dos giros e, muitas vezes, tirar do próprio orçamento para compor o do grupo. Ela organiza as festas, a de Coroação, início do giro, e não raramente a de Descoroação também, que encerra o giro. Supervisiona a organização do roteiro, quando não participa ativamente. Cuida da bandeira, dos uniformes e dos instrumentos, mantendo tudo em sua casa sob sua tutela, assumindo assim também a função de Madrinha da Bandeira, o que será discutido adiante.

É necessário salientar que “ainda hoje, as mulheres carregam o estigma de sexo inferior” (CRUZ, 2013, p. 66). A maioria “ainda resiste em ocupar os pequenos espaços de poder na direção das organizações. Talvez seja pelo fato de entenderem, ou de lhes ter sido ensinado, que poder é coisa de homem” (CRUZ, 2013, p. 66). Dessa forma é relevante compreender o que é ser dona de uma folia para essas mulheres, que tipo de poder elas detém.

“O poder como ‘exercício de um serviço’ é muito presente na vida das mulheres” (CRUZ, 2013, p. 66). Pois elas são ensinadas a servir, obedecer e serem dóceis desde a mais tenra idade. As mulheres que lideram os grupos e assumem, conscientemente ou não, uma função de poder, costumam pensar que estando à frente de uma folia elas não estão exercendo o poder, mas sim assumindo um compromisso com os Santos Reis de não deixar a folia parar, de manter, como dizem, o folclore vivo. Mas elas são encaradas de fato como figuras de liderança dentro dos grupos e muitas vezes, nas comunidades, como Maú, ou enquanto lideranças religiosas, como Luíza. Por isso, todas as decisões devem passar por elas antes de serem efetivadas. Até mesmo a configuração do roteiro do próximo giro não deve ser definido sem passar por sua autorização. Dessa forma, por mais que traçar roteiro ainda seja uma

função masculina em muitos grupos, inclusive naqueles que contam com lideranças femininas, elas são consultadas antes de iniciar tal roteiro e ao término dele. Pois muitas vezes os devotos conversam diretamente com as lideranças do grupo para pedirem a visita da bandeira no próximo giro. Para não deixar nenhuma casa sem a bênção, eles organizam o roteiro sempre com a anuência do dono ou dona da folia. Se antigamente o roteiro das casas a receberem a visita das folias era definido na hora do giro, hoje é pré-determinado, calculando assim o tempo de caminhada por noite e evitando os contratempos.

Essa é uma das poucas funções do setor dos serviços, ou seja, da esfera organizacional situada no pré-evento, que fica a cargo dos homens, já que este ainda é um setor majoritariamente destinado e dominado pelas mulheres. E tal função, ainda que de menor expressão e mais discreta, garante um bom funcionamento do giro. Pois se no passado um Encontro de Folias era o imprevisto mais comum e constrangedor, hoje existem outros contratempos que demandam tal roteiro como uma necessidade e não só como um meio de otimização do tempo. Com o trânsito religioso tão dinâmico, não se pode supor que determinada casa, que sempre recebia a folia, vai ter suas portas abertas para sempre à sua bandeira. Dessa forma, o roteirista do giro deve estar sempre atento e atualizado quanto a isso e elege as casas que serão contempladas em cada noite pela proximidade entre elas, inclusive fazendo contato prévio com aquelas que gostam de servir jantar para que não sejam pegas de surpresa. Por isso, hoje o trânsito religioso tanto de devotos e assistência, como dos próprios foliões, pode ser um fator que favoreça, em termos, a queda do número de folias em relação ao passado, mas pelo menos não corre o risco de passar por um constrangimento ou perder tempo com uma casa que não mais compartilha da mesma fé.

E mesmo assim, isso é tudo pode ser muito controverso e nada é tão decisivo e nem definitivo no campo de pesquisa. No giro da Folia da Maú de 2018/2019, vi uma ex-devota de Santos Reis que não pode ser vista como tão ex assim. Em uma casa em que a folia bateu, essa mulher que disse ser evangélica, foi até o quarto onde a bandeira estava e a beijou com devoção, além de amarrar dinheiro em uma de suas fitas. E afirmou que apesar de seguir outra religião não pode jamais deixar de agradecer aquela bandeira que lhe concedeu uma graça que não pode ser esquecida. Também já presenciei um homem que deixou de participar da Folia dos Colodinos por ter se tornado evangélico voltar a tocar, ainda sendo evangélico e com bastante certeza de sua atual crença, até mesmo a pregando com proselitismo para mim. Diante dessas atitudes, que não são únicas nesse cenário, pode-se perceber que o trânsito nem sempre é tão decisivo assim no afastamento dos devotos.

Portanto, o trânsito religioso, mesmo não sendo fator tão decisivo e podendo ser contornado pelo roteiro traçado anteriormente, ainda assim não deve ser desconsiderado como elemento refreador da manutenção das folias e levam a uma adesão menor do que antes elas possuíam. Tanto adesão de quem participa como foliões como também assistência. Leopoldina desenvolveu-se como um município essencialmente católico. Atualmente, segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010, a religião é professada por aproximadamente 72% da população. Por outro lado, essa hegemonia é paulatinamente contestada pelo crescente número de evangélicos e a expressiva queda dos católicos. No ano 2000, 80% da população se identificava como adeptos do Catolicismo. Ainda que nesse município o número de evangélicos em 2010, aproximadamente 16% da população residente, encontre-se abaixo da média nacional, que se aproxima dos 22%, é possível observar seu crescimento nesse período⁹⁰. É conhecida a aversão que os evangélicos professam em relação à adoração de santos e conseqüentemente às festas em sua homenagem. Em relação à Folia de Reis, ainda tem um agravante, que seria a participação não só dos católicos, mas também dos umbandistas, que é um grupo frequentemente hostilizado pelos evangélicos, compreendidos não raramente como adoradores do demônio. Em entrevista, o então presidente do Compas (Conselho de Pastores de Juiz de Fora)⁹¹, destaca a relação que ele acredita existir entre as religiões de matriz africana e o demônio:

eles estão completamente fora dos princípios da palavra de Deus. Prova disso, é eles sabem que eles recebem guia, baixam neles guia, que são demônios. Eles têm pactos demoníacos. [...] Aí cê fala assim: mas por que as pessoas ficam lá pastor? Porque elas vão prá lá pra receber alguma graça. Elas vão prá lá receber alguma cura. E são curadas! Aí cê fala assim: mas por que elas são curadas, pastor? Não é Jesus que cura? Jesus num tá lá! Tá? Eu digo prá você: Não. Tá não. Mas por que elas são curadas? Porque o diabo é enganador. Ele tem o seu poder limitado.[...]Então a pessoa é curada não por Deus, mas por demônios, e os pais-de-santo sabem disso! Então o que acontece num terreiro de umbanda, quimbanda, candomblé? Eles fazem também alguns sinais, até pra provar que aquela religião é certa. Mas não é. Claramente quem age ali é o próprio inimigo. Então o que eles fazem? Os

⁹⁰ Em Leopoldina, o Censo de 2010 apresenta grande avanço dos pentecostais e neopentecostais. Embora a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tenha registrado uma pequena queda no número de fiéis, a Assembleia de Deus registra um expressivo aumento. De acordo com dados do IBGE em Leopoldina, a IURD em 2000 apresentava 389 fiéis e, em 2010, 353. Já a Assembleia de Deus, que apresentava 1764 membros em 2000, no último censo conta com a presença de 2108 fiéis na cidade.

⁹¹ Mesmo não sendo em Leopoldina, o presidente do Conselho de Pastores representa, ou pelo menos deveria representar uma visão oficial dos pastores em relação a determinado assunto. É provável que nem todos pensem dessa forma, ou se expressem com tamanha veemência, mas sua fala vem demonstrar o afastamento das denominações evangélicas em relação aos umbandistas.

pais-de-santo recebem os guias, que é o espírito incorporado neles, como nós também recebemos, porém o Espírito Santo⁹².

Essa visão recorrente entre os evangélicos é associada à Folia de Reis por serem muitos umbandistas adeptos da manifestação e devotos de Santos Reis. Por falta de conhecimento da simbologia de cada personagem, de seus papéis dentro da festa, aliada à aparência assustadora do palhaço e a adesão de umbandistas, já ouvi diversas vezes evangélicos dizerem que Folia de Reis também é coisa do diabo. Além disso, em Leopoldina, alguns evangélicos costumam mostrar sua intolerância em relação aos católicos e umbandistas concomitantemente dizendo a seguinte frase: todo bom católico é também um bom macumbeiro! Muitas vezes o umbandista declara sua dupla pertença ou continuidade de práticas reconhecidas como católicas, mesmo sendo uma liderança sacerdotal de uma religião de matriz africana. Como Luíza revela em entrevista:

A verdade é que nós somos católico espírita. Por que o católico espírita? Nós vamos à Igreja, faz batismo, a gente reza, a gente vai à missa, tudo normal! Se tem que mandá celebrá uma missa pum ente, a gente manda normal, a gente vai, tendeu? A gente assiste casamento, é madrinha de batismo. Tudo normal! Tendeu? E a gente tem esse lado espiritual! Aquele lado qui a gente tá dentro do centro, que tem que fazê o bem sem vê a quem, tendeu? Se alguém precisô a gente tem que tá ali pronta prá ajudá, entendeu? Deus deu o dom num é prá comprá, num é prá sê vendido, é pra gente fazê, tudo ali.⁹³

A partir da fala de Luíza, se pode perceber quão “normal” é ser católico em Leopoldina. Os sacramentos e todas as práticas que caracterizam um pertencimento católico são encarados por ela como normais. Não só ela, como também o marido de Maú em conversa informal, certa vez disse que todo mundo nasce católico, só depois que decide. Isso expressa o caráter totalizante dessa religião no cenário social leopoldinense. Joãozinho, pai-de-santo de um terreiro de Omolocô e amigo da família de Maú, também afirma em entrevista que é espírita e católico praticante, gosta de ir à missa, só não vai mais a Igreja do seu bairro porque todo mundo comenta por ele ser pai-de-santo:

Eu não vou na missa na Igreja do meu bairro. Chega todo mundo cochicha. Todo mundo aponta dedo. Porque todo mundo sabe, ê vem o Joãozinho⁹⁴ macumbero. [...] Sou católico, faço minha comunhão, comungo, confesso, adoro as procissões...né! Sou espírita, mas sou praticante católico⁹⁵.

⁹² Entrevista com o então Presidente do Conpas em 2013, na Igreja Resgatando Vidas, em Juiz de Fora, MG.

⁹³ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

⁹⁴ Nome fictício. Foi necessário trocar o nome falado em entrevista para proteger a identidade do entrevistado.

⁹⁵ Entrevista realizada com Joãozinho em sua residência, dia 21 de abril de 2013, em Leopoldina, MG.

O que se pode apreender a partir das três falas acima é que professar uma crença de matriz africana em Leopoldina não exclui a prática católica que se recebeu no berço como uma imposição institucional. Dessa forma, não é por ser a Folia de Reis uma manifestação no senso comum reconhecida como católica, que o público evangélico vai deixar de hostilizar. Pois a festa enquanto manifestação religiosa é professada tanto por católicos, quanto por umbandistas. E quando uma pessoa entra para uma igreja evangélica ou para a crença, como se referem às pessoas que fazem o trânsito religioso para confissões evangélicas, ela conseqüentemente sai da folia, não recebe mais em casa, e geralmente se afasta. Luíza conta que um de seus irmãos que era folião deixou de ser e virou pastor. Uma foliona, filha de palhaço e que também tinha muito talento para brincar de mascarada, também entrou para igreja e não quis mais sair com a folia ou dar continuidade à sua habilidade de versar como o pai. O primo dessa moça, que foi folião de frente na Folia da Maú e depois se tornou mestre da Folia da Luíza por um tempo, também entrou para a crença e deixou seu posto. Mas abandonou Luíza deixando transparecer em suas palavras que a decisão de largar a folia não era definitiva, estava dando um tempo. Então, mesmo que esse novo campo religioso crescente seja um fator que contribua para a perda de adeptos da folia, o trânsito é sempre dinâmico: assim como as pessoas entram para as igrejas, também as deixam e voltam para a folia.

Mais um fator que interfere hoje na sequência dos giros e que merece atenção de quem prepara o roteiro são os trabalhos urbanos, que antigamente não afligia os foliões, pois sua maioria era composta por trabalhadores rurais. Em conversas informais e em entrevistas foliões, folionas e assistência atestam que no passado os foliões saíam de casa no dia 24 de dezembro depois da meia noite e só voltavam no dia 6 de janeiro para a Entrega da Bandeira. Regina, foliona da Luíza, diz em entrevista:

Regina: Falei assim, gente, mudô muito! Que antigamente a gente recibia a fulia nas casa da gente, mas acho que por causa de andá muito, menina, aquilo fidia cecê, chulé, ... (Risos)

ABN: (Risos).

Regina: Juro! A gente ficava doidinha

ABN: (Risos).

Regina: Aquelas fantasia dos paião, uma sujeira!

ABN: Sei.

Regina: Mais nossa! Aquilo fidia como, gente! Eu falei assim, agora os paião é perfumoso! Fora tamém, tá aquele perfume, né, aquela coisa deis.

ABN: Hã hã.

Regina: Eu falei anssim, antigamente, antigamente ninguém guentava de vê fulia na casa da gente!

ABN: É mesmo?

Regina: Eis andava dia e noite cum a fulia.

ABN: Como é que é?
Regina: Andava dia e noite...
ABN: Ah...
Regina: Agora a fulia não.
ABN: não parava.
Regina: Agora a fulia não. A fulia para, descansa! Antigamente não! Só parava de no dia de entregá.
ABN: Ah, ia direto.⁹⁶

Dormiam onde sua bandeira recebesse pouso, ou seja, se já estivessem cansados para prosseguir com o giro e visitar mais casas naquela noite ou madrugada, pediam pouso na última casa e dormiam em qualquer lugar que oferecessem, no paiol, no chão, ou onde os donos da casa disponibilizassem. Como Matilda explica em entrevista:

Matilda: Uai, antigamente a nossa fulia saía à meia noite do dia, no dia de natal, né...
ABN: dia 24...
Matilda: É. Meia noite. E ela só parava dia 6. Na nossa época, né. Quando nós era criança. Eu tinha o quê? 9, 10 ano. E a gente acompanhava, acompanhava. De casa em casa. E eles num parava pra ir pra casa des não. Aquilo ia, ia até dia 6.
ABN: Direto!
Matilda: Direto!
...
Matilda: Aí era na casa do meu tio, João Boninho. Lá ele recibia as fulia. Eles ou almoçava ou jantava. E depois do almoço eles durmia. Lá pra fora. Cada um istendia suas coisa lá e durmia. Até num pano vêi mesmo eles durmia.
[...]
ABN: E você sabe como era assim a questão de trabalho deles? Eles paravam de trabalhar nessa época?
Matilda: Parava, parava... isso até hoje ainda tem muitas fulia que ainda pára, né?![...] Os da roça é, os antigo é. Os antigo pára. [...] Mas hoje eles não vira dia e noite, né?! Antigamente eles virava dia e noite. Hoje não. Hoje eles toma o banho deles e vem, né?! Vai numa casa, vai ni 2, vai ni 3 só.⁹⁷

A partir desse relato é possível perceber a diferença entre as folias antigamente e as folias atuais. As casas visitadas eram de pessoas conhecidas, de familiares dos foliões, então a intimidade lhes dava a liberdade de pedir o pouso à bandeira e aos foliões. Atualmente, com os foliões dependendo de seus empregos urbanos, as visitas das folias acabam sendo mais numerosas nos fins de semana, quando os foliões não têm que acordar cedo para trabalhar. Lúcia, em entrevista, explica que hoje o envolvimento dos foliões com as folias não é como no passado muito por conta de seus empregos e não por falta de fé. Assim, ela justifica:

⁹⁶ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

⁹⁷ Entrevista com Matilde em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

Mas talvez seja por causa de trabalho, né, porque as firmas não liberam... durante a semana. Então isso acabou atrapalhando um pouco. Porque naquela época era só o povo que trabalhava na roça. E aí era diferente por causa disso. Que era só quem trabalhava na roça então as pessoas já contornava a sua vida pra podê sair na folia sem... tinha menos, né, problema. Hoje depende muito de férias, né! Depende de uma série de coisas pra, pra continuá.⁹⁸

Como antigamente grande parte dos foliões era trabalhador rural, a flexibilização do trabalho nos dias de giro da folia era negociada com o patrão diretamente. Os foliões faziam um mutirão para adiantar, nas semanas anteriores, os serviços uns dos outros. Às vezes, o próprio patrão também era devoto de Santos Reis, e se não fosse, respeitava e compreendia a dinâmica dos giros como algo natural e relevante.

Por conta dos empregos urbanos, as folias acabam estendendo os giros para além do dia 6 de janeiro para conseguir atender todos os devotos. Antigamente, a maioria das casas recebia as folias que passavam. Hoje, devido à opção religiosa divergente, como já relatado aqui, ou por desconhecimento da folia pela casa a ser visitada (como a cidade cresce, nem sempre os moradores de determinada casa conhecem os foliões, preferindo não abrir suas casas a desconhecidos), ou por tantos outros motivos ou elementos dificultadores, o roteiro é traçado previamente. Assim não se perde tempo com pessoas que não querem ou não fazem questão da visita da folia, podendo assim dar preferência aos devotos que pedem a visita e podem traçar um caminho que vá atender o maior número de casas próximas no mesmo dia. Com a visita já marcada, os donos da casa podem preparar o lanche previamente.

Se antigamente, ao bater da folia em casa as mulheres corriam à cozinha para assar uma broa e passar um café, hoje, com a rota traçada anteriormente, a casa espera a folia com refrigerante e hot dog. É possível perceber que a folia se ressignifica em alguns aspectos próprios para buscar aderência no contexto social atual e fagocita certos traços da cultura hegemônica, se valendo deles como facilitadores, se remodelando e assim gerando resultados criativos. Segundo Woodward (2005, p. 20) “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças no padrão de consumo, as quais por sua vez produzem identidades novas e globalizadas.” Se os efeitos da globalização, atrelados ao crescimento da industrialização dos gêneros alimentícios e sua midiaticização, atingiram nossos consumo e hábitos alimentares, isso não corrompe a fé dos devotos, que sustentam a Folia de Reis.

⁹⁸ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

O acesso irrestrito ao celular por todas as camadas sociais e sua facilidade em registrar imagens, acaba divulgando a manifestação em redes sociais e diluindo aos poucos a imagem negativa que os foliões carregam há muito tempo⁹⁹, de marginais, cachaceiros e vadios, aliada ao preconceito de cunho religioso. Além disso, o uso de aplicativos como o whats app, facilitam e agilizam a comunicação e confirmação de visitas para montar o roteiro.

De acordo com o já demonstrado, apesar de se reconhecer que atualmente pode ser analisado um número superior de mudanças em relação às permanências na Folia de Reis, não se pode negar que neste setor especificamente uma permanência salta aos olhos pelo seu caráter quase unânime entre os grupos: o caráter feminino do setor dos serviços. Nem mesmo nas folias mais adeptas aos deslocamentos em relação ao papel da mulher, esse ponto ainda não foi questionado. Talvez se possa pensar em uma contradição: por que os deslocamentos em relação às funções e cargos da folia assumidos tradicionalmente por mulheres acontecem de forma tão lenta e gradual, principal e justamente no setor dominado por elas? Não há uma resposta unívoca e pronta, mas há diversas hipóteses que podem ser levantadas e em conjunto apontarem a causa de tamanha imobilidade. Pelo menos 3 dessas hipóteses podem ser ressaltadas aqui. A primeira seria a questão de muitas ou a maioria delas ainda não reconhecerem a relevância e a centralidade das funções desempenhadas por elas nesse setor. Isso porque a sociedade patriarcal não valoriza as funções de cozinhar, costurar, lavar, passar, produzir artesanatos, justamente por serem delegadas às mulheres. Outra hipótese é que, apesar de em suas falas e atitudes aparecerem elementos que vão ao encontro de pautas feministas, elas não se organizam em torno dessa identidade e muitas vezes nem conhecem a importância dela, ou só já ouviram falar brevemente. E por isso, não se dão conta da importância da igualdade entre os sexos como mote principal para derrubar a opressão de seus corpos e suas vidas, que sentem e convivem diuturnamente, mas não tem consciência da sua existência. E, além disso, como terceira hipótese, elas querem e elas gostam de fazer o que fazem por acreditarem que estão oferecendo seus serviços para os santos, porque teoricamente a festa não é dos homens, mas sim dos Santos Reis. As mulheres que não sabem, não gostam, ou não se interessam em aprender a tocar um instrumento (ou vários fatores não permitem que ela o faça), mas sabem, gostam ou estão acostumadas a fazer as funções ditas femininas, se inserem no setor dos serviços para dar a sua contribuição aos Santos Reis. E acabam

⁹⁹ Bastos (1973, p. 32), na década de 1970, sinalizava a institucionalização do preconceito sobre a Folia de Reis, devido à ação policial que tentava minar suas atividades nas áreas urbanas através de uma “sistemática prevenção das forças policiais que sempre consideraram esse tipo de folguedo como arregimentação de marginais”.

influenciando e introduzindo outras do seu convívio, até eu fui envolvida voluntariamente. Pois não vou ficar vendo as mulheres atarefadas e até sobrecarregadas e não vou me prontificar a ajudar. Como eu, muitas são incluídas nesse setor dessa forma. Portanto, algumas não querem que esse setor seja dividido com os homens, primeiro por já estarem acostumadas e segundo por acharem que sem esse lugar não terão mais utilidade e não contribuirão mais com os santos. Eles também não se inclinam em se empenhar em fazer tais funções. Além disso, quando elas estão fazendo a comida eles estão tocando. Agora elas também se incluem na esfera ritual e deixam a cozinha (como Regina, que era cozinheira da Folia da Luíza e agora é foliona), mas eles não deixam o seu posto de folião para se tornarem cozinheiros. Diante disso, talvez mais importante que desconstruir essa estrutura a princípio, é mostrar às mulheres a centralidade desses serviços para a festa, que não são menores ou piores que as funções desenvolvidas principalmente pelos homens, mas possuem sim menor visibilidade. Desconstruir de imediato provavelmente nem seria possível, mas impulsionar que elas busquem outros meios de participar e contribuir com os santos, seja na esfera ritual ou dos saberes, isso muitas folias já fazem, principalmente as lideradas por mulheres.

3.1.2.A mobilidade a serviço da imobilidade

Se no passado, às mulheres caberia apenas funções de menor hierarquia no setor dos serviços, hoje elas já se inserem em todos os setores. Hoje elas dominam o setor dos serviços, atuando inclusive nas funções de caráter público, como as burocráticas e administrativas. Mas também se fazem presentes e, com notória superioridade numérica em relação aos homens, nos serviços de menor visibilidade de caráter privado. Se antigos serviços dentro da folia eram considerados como obrigação da mulher, hoje há algumas ações que se inclinam em reconhecer a importância e centralidade de serviços por elas prestados. Uma dessas ações seria o agradecimento especial às cozinheiras (não em todos os grupos, mais comum naqueles liderados por mulheres) como parte do ritual da Entrega da Bandeira. Outro exemplo é uma função específica de mulheres dentro da folia, o cargo de Madrinha da Bandeira, citado por Maú em entrevista. É uma espécie de zeladora da bandeira. Na casa da Madrinha a bandeira fica guardada durante o ano todo sob os seus cuidados, recebendo manutenção, sendo revitalizada quando necessário, retiradas as fitas e enfeites velhos e mantendo o objeto pronto para sair no próximo giro. Se determinada função recebe um nome, então é porque ela não é tão invisibilizada assim. Ela tem uma importância para o grupo. Maú afirma:

Maú: Eu era Madrinha da fulia e Banderera da fulia.

ABN: Que que é a Madrinha?

Maú: A Madrinha é assim, quando que a bandera tá na sua casa, aí invés deles falá assim, cê é a dona da fulia, não, cê é a Madrinha da Bandera. [...] Eu era a Madrinha porque eu arrumava a bandera.

Zeze: Cê sempre foi Madrinha da Bandera! Ela sempre foi Madrinha da Bandera! Dixa eu explicá! Sabe por quê? Porque ela sempre feiz a montagem da bandera, entendeu? [...] ela sempre foi a da frente! 'Ah a minha bandera eu quero desse jeito e tal!'¹⁰⁰

Entretanto, importa salientar que o cargo não é reconhecido em todas as folias, apesar da função já ser realizada pelas mulheres há pelo menos dois séculos em Leopoldina. As entrevistadas da Serra dos Barbosas não reconhecem o nome da função que executam há tanto tempo. Como uma herança que a mãe deixa para a filha, Cássia realiza tal serviço como uma extensão de seus afazeres diários e sem questionar se seria uma função de fato sua. Como sua mãe já fazia para a folia ela continua fazendo. E não é um trabalho fácil ou rápido, apesar da prática já tê-la ensinado atalhos que agilizam tal processo. Se na Serra ainda não enxergam a atuação da Madrinha da Bandeira como uma função digna de lembrança e gratidão, pois nem nomeada é, isso se dá pela total invisibilidade da função feminina, pois o objeto em si é o de maior importância ritual, objeto sagrado, representante do poder taumaturgo dos Santos Reis e símbolo da credibilidade da Folia. Algo sempre feito e nunca questionado torna-se uma obrigação tão naturalizada que parece uma função inata de seus agentes, no caso, as mulheres. E se não é mais do que sua obrigação, não há necessidade de se tornar visível ou agradecer.

Por outro lado duas mulheres da comunidade já foram homenageadas pela Folia da Serra. Uma se mostrou importante por lavar e passar as roupas dos foliões e a outra por dar almoço a todas as folias que levam a Benção da Bandeira em sua residência. Cássia lembra:

Cássia: Ela tinha o compromisso de lavá e passá! Ela acompanhava a noite toda, aí às vezes, vinha durmi ali na casa da cunhada dela ali, 'Ai! Tenho qui lavá ropa!' 'Lena¹⁰¹, vai durmi! Qui amanhã lava ropa!' 'Pó dexá, pó dexá, qui prá passá eu vô te chamá!' (risos)[...] Ela tinha esse compromisso! Ficô muitos anos cum esse compromisso, sabe?! [...] Enquanto num lavava a ropa... tem que lavá a ropa prá i durmi, sabe?![...] Ela até recebeu, foi homenageada, coitada! [...] Foi homenageada lá no CAC em janero, quando foi outubro ela morreu. [...] Ela recebeu por esse mérito de cuidá dos uniforme dos foliões, a Dona Maria¹⁰² recebeu tamém, homenageada lá, tamém por dá almoço todas as fulia, sabe?!

[...]

ABN: Então antigamente não tinha esse reconhecimento pelas mulheres, não?

¹⁰⁰ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

¹⁰¹ Nome fictício. Alterado o nome referido na entrevista para resguardar a identidade da mulher citada.

¹⁰² Idem.

Porém é importante ressaltar que a contribuição é notada e bem aceita quando a atuação da mulher é no setor dos serviços e nas funções que tradicionalmente já lhe são atribuídas. A diferença é que no passado todas as funções tradicionalmente desenvolvidas por elas não eram sequer notadas como contribuições voluntárias, mas tinham o peso de uma obrigação, como ainda é a função de Madrinha da Bandeira em muitos grupos. E por mais que hoje já se reconheça o caráter voluntário e colaborativo de certas ações, algumas mulheres, como Cássia com os cuidados à bandeira, Lena com as roupas e Dona Maria com a comida, interiorizaram como obrigação. Pode-se perceber isso pelo tom de pesar com que Lena asseverava que iria lavar roupa, antes mesmo de dormir. Como quem pensa que a obrigação vem antes do descanso. Se atualmente são homenageadas por exercer tais funções, é devido a uma percepção recente de que não é uma obrigação e sim uma contribuição à folia. A gratidão do grupo em relação à sua contribuição é como um título de confiança oferecido à mulher que atua nos bastidores da festa, como um incentivo para que dali ela não saia. Um título que mais aprisiona do que liberta, mais solidifica a permanência do que afirma a mudança, mais reproduz os comportamentos e atitudes imputados às mulheres do que desarticula verdades cristalizadas, ou inverdades naturalizadas como verdades. Embora não tenha sido essa uma intenção consciente de quem teve a ideia de reconhecer o trabalho dessas mulheres em forma de homenagem, nesse cenário onde não há um movimento feminino organizado que incite reflexões e possibilite deslocamentos, tal homenagem, apesar de apontar uma mudança de percepção, não permite uma mudança de atitude. Pois encerra a mulher ainda mais na inércia, quando valoriza essas atividades que elas fazem, que suas mães fizeram, que suas avós fizeram... e que suas filhas farão se o ciclo não for rompido. É fato que os serviços precisam ser feitos, pois sem eles os giros não são possíveis. Mas que será que elas devem ser sempre as únicas responsáveis?

Dessa forma, o que se percebe é que existe uma diferença entre a homenagem oferecida às cozinheiras e o título de Madrinha da Bandeira na Folia da Maú, por exemplo, e a homenagem oferecida às mulheres da Serra. Poderia se pensar que em todos os casos a mudança aprisiona as mulheres nesses lugares de onde não devem sair? Não. Pode parecer a mesma situação se se ignorar as conjunturas e os contextos de onde emergem tais mudanças. Na Folia da Maú há mobilidade feminina, as cozinheiras são chamadas a ter visibilidade no

¹⁰³ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

ritual, não se encerra a mulher no setor dos serviços. Portanto, o título e o agradecimento são lidos como uma forma de realmente mostrar que o trabalho feito pela mulher é notado, valorizado e agradecido. Na Folia da Serra as mulheres são cercadas por um imobilismo que por vezes é questionado por elas. A intenção das homenagens pode até ser fruto dos questionamentos femininos, mas o seu resultado é claramente uma afirmação do que já existe e absolutamente nada pode ser alterado através dele. A percepção de encarar a dedicação de uma vida com a folia, pelo menos das duas mulheres, como um mérito e não como uma obrigação, é válido, mas confiná-la nesse lugar dilui a nobreza do ato. É como um marido dar um avental de presente à sua esposa por ela lavar muito bem a louça. Também não deixa de ser um reconhecimento pela dedicação dela com a casa durante anos, mas o confinamento aos serviços domésticos é simbólico e não é atenuado diante de tal elogio incômodo, que mais pareceria uma brincadeira de mau gosto.

3.2 Rituais Cambiantes

Este item discute as mudanças presentes no âmbito propriamente ritualístico. Nos contextos analisados, apesar dos pontos de vista das mulheres divergirem um pouco, nenhuma delas acenou negativamente em relação ao processo de mudanças pelos quais passa a folia em relação à posição e contribuição da mulher. Foi possível perceber que esse assunto suscitou emoções diversas nas entrevistadas. Apesar de Maú não ser avessa ao processo de transformações no contexto da folia, pois ela mesma é uma agente de mudanças, fez ressalvas sinceras e importantes em relação a esse assunto. Até com certo tom de revolta, talvez por ter percebido a vida inteira, que para mulher é tudo mais difícil, segundo suas próprias palavras. No seu ponto de vista as mulheres não conseguiriam adentrar de fato o ritual, como protagonistas. Embora as mulheres já possuam funções ritualísticas em seu grupo, estão sempre “a serviço de” e não como figuras centrais no ritual. Já Luíza se mostrou calma e satisfeita em revelar a atuação ritualística das mulheres em sua folia, e acreditava na inserção e permanência delas nos giros. Pois, segundo ela mesma ressaltou, se hoje as mulheres atuam em todos os cenários, por que não na folia? Cássia reclama com insatisfação a situação de exclusão feminina do ritual da Folia da Serra. Culpa a falta de apoio por parte dos homens para a inclusão de mulheres, não lhes oferecendo subsídios para estarem em situação de igualdade para participarem, como ensinar e incentivar o aprendizado do toque dos instrumentos às meninas também.

Dessa forma, é necessário elencar o que mudou e o que não mudou nesse setor para compreender seus respectivos motivos e significados. E, além disso, quais elementos foram passíveis de alteração em prol da manutenção da Folia de Reis no espaço social de Leopoldina. Se concessões são feitas nesse sentido, quais são elas e por que elas e não outras são aceitas?

3.2.1 Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna

A esfera ritual, onde a mobilidade feminina em relação ao seu papel e lugar na folia foi sentida de forma mais expressiva, abriga também suas contradições. Embora as mulheres, enquanto agentes de mudanças, tenham se empenhado de maneira mais significativa no setor ritual nos grupos liderados por mulheres, nem todas essas lideranças acreditam no potencial transformador feminino. Algumas esperançosas acenam positivamente, acreditando que elas podem e querem ter visibilidade. Enquanto outras, apesar de representar as transformações em si próprias, não acreditam que elas tenham esse poder, ou seja, negando a própria experiência e representatividade. Portanto, a mobilidade e a imobilidade se cruzam nesse contexto, e apesar de parecer uma situação contraditória o pessimismo contido nela tem base de apoio no machismo estrutural que permeia pelas instituições e valores da sociedade.

A partir dessa perspectiva é possível analisar a aparente contradição de Maú e o otimismo operante de Luíza, cada uma partindo da sua realidade e experiência com a Folia de Reis. Maú não acredita que as mulheres teriam vontade de participar do cortejo como instrumentistas, pois no seu meio de convivência as mulheres não sabem tocar e não são incentivadas a aprender desde pequenas como os meninos da folia são. A Folia da Maú reproduz essa divisão de tarefas de acordo com o gênero. Enquanto um menino pequeno, de 3 ou 4 anos, desde cedo já está com um chocalho ou triângulo, uniformizado no meio do cortejo, a menina de mesma faixa etária, igualmente uniformizadas, auxilia Maú no ritual de Coroação e Descoroação. Claro que participando desses rituais, que abre e fecha respectivamente o giro, a mulher já se insere ritualisticamente na folia. Mas ainda assim numa função que não é de protagonismo, pois continua sobre os foliões a centralidade da ação ritual. Afinal eles estão se transformando nos representantes diretos dos Santos ao receber a coroa (chapéu enfeitado), pelas mãos da menina, e a Benção da Bandeira, manipulada por Maú.

Uma mulher não se interessa por instrumentos musicais, como assevera Maú, ou será que ela jamais foi incentivada a tocá-los, como aponta Cássia? Os meninos, a partir da mais

tenra idade já são estimulados, as pessoas lhe oferecem um triângulo para brincar nos ensaios da folia, um chocalho para tocar nos rituais propriamente ditos. Já vi o neto da Maú de 4 anos compondo o grupo com esses instrumentos e outros meninos tendo esse primeiro contato, não só nos ensaios como em vários momentos da folia.



Figura 15: homem ensinando o menino como tocar o triângulo no dia da Entrega da Bandeira da Folia da Luíza. Fonte: arquivo pessoal, 20/01/2019.

Figura 16: menino praticando o conhecimento recém-adquirido sob a tutela do homem. Fonte: arquivo pessoal, 20/01/2-19.

Assim o aprendizado musical é absorvido pela criança de maneira natural, lúdica e prazerosa. Mas à menina não é possibilitado esse aprendizado. Neles o gosto pelos instrumentos é cultivado, nelas é preciso nascer sozinho. Então se tem a impressão que elas não se interessam. O que não condiz com a realidade, pois as netas de Luíza tocam tarol, caixa, afoxé, chocalho, o triângulo, e segundo a foliona algumas já almejam instrumentos de corda. Em entrevista ela afirma o interesse das meninas entorno dos instrumentos musicais:

Luíza: Thalita bate na caixa,...

Bento: Caixa, taral, bandera, triângulo, chocalho...

Luíza: já a Larissa é na bandera, a Tatiana bate a meia lua, o afoxé, a Antônia no afoxé, a Regina no chocalho, ...

Bento: Larissa na bandera, Thalita na caixa, Tatiana bate bumbo, bate tarol..

Luíza: Aline bate tarol também mais a meia lua, e é assim.

[...]

Bento: Umas qué tocá violão, otras qué tocá cavaquinho.

Luíza: Elas já tão pensano nisso.

[...]

Luíza: Elas já tão começano a estudá, já tão apredeno as nota, tendeu?!

ABN : Elas estão começando a estudar isso.

Luíza: Violão, cavaquinho, prá i pá frente. A Tatiana, por exemplo, qué violão, Thalita e Aline, cavaquinho.^{104 105}

¹⁰⁴ Todos os nomes ditos nesse fragmento foram substituídos por fictícios, para preservar as identidades das mulheres citadas.

¹⁰⁵ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

Isso indica que as meninas têm vontade de tocar os instrumentos musicais e alcançar posições de destaque no cortejo. Como sugere Luíza quando diz “prá i pa frente”, ou seja, desenvolver e ganhar a dianteira do cortejo, pois os instrumentos de corda são os que assumem as primeiras posições na fila e conseqüentemente de maior relevância. Então seria ir para frente duplamente: de maneira física e simbólica. Apesar de não terem sido incentivadas desde cedo, na Folia da Luíza elas não são tolhidas na possibilidade de alcançar esse conhecimento e assim galgar posições na hierarquia ritual do grupo. Como já apresentado no primeiro capítulo, na tabela que relaciona posições rituais e hierarquia ritual na folia, pode-se notar que os foliões ou, nesse caso, folionas, responsáveis pelos instrumentos de percussão, estão em uma posição tanto física quanto simbólica, inferior aos foliões que tocam instrumentos de corda. Destarte, é interessante ressaltar que as netas de Luíza almejam notoriedade, visibilidade e porque não, um empoderamento dentro do grupo. Pois além de buscar o estudo das cordas elas também cantam. Fazem questão de acompanhar a resposta cantada lá da frente. Isso mostra que mesmo que elas tenham sido incorporadas em posições de menor importância por não saberem ainda tocar instrumentos de corda e sanfona, elas se mostram aptas a ocupar até mesmo a função de cantadoras de frente, por já conhecerem as profecias. E na tabela anteriormente apresentada pode-se verificar que os foliões que compõem o grupo dos cantadores de resposta são também instrumentistas de cordas, e na escala da hierarquia ritual só estão abaixo do mestre e contramestre. Quando tive a oportunidade de ver meninas cantando os versos, em uma posição marginal em que muitos foliões nem sabem o que está sendo cantado lá na frente, tive a impressão que por serem mulheres queriam mostrar que não estão ali por acaso, mas porque sabem também, querem mostrar o seu valor. Em entrevista, Regina resalta que apesar da dificuldade de compreensão das Profecias¹⁰⁶ cantadas pelos mestre, contramestre e cantadores de frente, as mulheres participam da cantoria quando cantam a parte que elas dominam:

ABN: E você sabe cantar aquelas profecias lá?

Regina: Não.

ABN: Não?

Regina: Ainda não consegui ainda não.

ABN: Mas aquelas meninas uma vez elas cantaram, não cantaram?

Regina: Nós cantamos aquela que fala de Nossa Senhora. Essa nós cantô

¹⁰⁶ Essa forma de cantar específica, de modo que seja difícil a compreensão da letra da música, é uma herança do passado. Na época em que os Encontros de Folia representavam perigos reais e que o conhecimento das Profecias era a única forma de demonstrar superioridade, essa forma de cantar “enrolado” como asseverou Regina, era uma estratégia de proteger os versos do grupo, para que não fossem copiados por outros foliões que viessem assistir as visitas só para aprender e levar para a sua folia.

ABN: Hã

Regina: Essa de Nossa Senhora. Essa qui nós ajudamo a cantá!

ABN: Essa vocês sabiam?!

Regina: Mais ou menos. Mais ou menos porque eu num intendo a canturia daqueles minino! Eles canta tudo enrolado!¹⁰⁷

O que me pareceu que a nova geração de folionas desejam a visibilidade enquanto a geração anterior, de mulheres maduras como Maú, Luíza, Regina, Antônia se contentam em estar inseridas nesse contexto. Em uma visita que acompanhei no giro de 2015/2016 percebi que as meninas cantavam, enquanto Luíza, Antônia e Regina não, ou pelo menos não com o mesmo entusiasmo e intensidade. No giro de 2015/2016 o grupo de Luíza contava com a participação de 7 mulheres, o que é um diferencial em um cenário em que as mulheres figuram nas funções de direção e dos serviços, mas se furtam da parte ritualística da manifestação. Mas esse número que já era expressivo, segundo Regina já foi bem maior. Em entrevista a foliona conta que em uma época a maioria dos participantes da Folia da Luíza eram mulheres.

Regina: Cê alembra, que na fulia da Luíza teve um ano, na fulia da Luíza tinha mais muié que homi?! Era eu, Tamires, Aninha, Tainara, Paricida, a Luíza...

ABN: A piquitinha.

Regina: É, mas só de adulto tinha outra minina que eu esqueci o nome, Luciana, não sei, acho que era Luciana, sei lá como ela chamava...

ABN: Hã...

Regina: Tinha mais fuliona na Folia de Reis!!!

ABN: É mesmo?

Regina: Falei cum ela: Luíza, daqui uns dia só tem muié nessa fulia!

ABN: (Risos) E a Luiza gostava, né? Que ela falava assim que é uma coisa para fazer companhia a ela né, ela gostava né?!

Regina: Eu inventei de saí na fulia dela por causa disso!¹⁰⁸

Dessa forma, a opinião de Maú contrasta com a ideia que Luíza tinha de participação feminina na folia. Pois apesar de Maú liderar, ela não acredita na ascensão de mulheres na esfera ritual, por afirmar que elas não gostam de tocar e não se interessam em aprender. Luíza não só acreditava no potencial das mulheres que ela própria fazia questão de inserir no seu grupo como também incentivava a inclusão das mulheres do setor dos serviços na esfera ritual. Maú também faz isso, porém de maneira diferente. Maú torna notória a participação das cozinheiras quando elege 3 para oferecer a comunhão no dia da Entrega da Bandeira, incluindo no ritual mulheres dos serviços. Porém, depois daquele momento elas voltam para sua função anterior. Já na Folia da Luíza, além dessa função ritual das cozinheiras, se elas

¹⁰⁷ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

¹⁰⁸ Idem.

manifestarem vontade de participar da esfera ritual como folionas que tocam instrumentos, elas imediatamente saem do setor dos serviços e migram definitivamente para o ritual, se assim for de sua vontade. Um dia Regina manifestou a vontade de acompanhar a folia e mesmo sem saber tocar nenhum instrumento, Luíza a encorajou a vestir o uniforme e tocar o chocalho, instrumento que toca até hoje. Aí, pode ser notada uma diferença de atitude que se contrapõe ao sistema patriarcal vigente. Maú não está equivocada quando assevera que para a mulher tudo é mais difícil. E vai continuar sendo se as mulheres empoderadas não tomarem a atitude de empoderar as outras. Maú e Luíza são empoderadas em seus locais de atuação. Luíza por ter sido a matriarca de referência tanto na família de sangue quanto na de santo, pois era uma líder religiosa de seu centro. Maú por toda a sua trajetória na folia, reconhecida por todos. Aroldo, representante da Folia dos Colodinos elogia Maú enaltecendo seus conhecimentos em torno da Folia de Reis: “Maú é uma pessoa de extrema capacidade! Ela num é doutora, mas em si, por dentro, ela é uma doutora! Ela é uma doutora formada, porque ela é muito inteligente!”¹⁰⁹ Isso demonstra a autoridade de Maú no universo da folia, que gera poder.

Conscientes da posse desse poder, é possível empoderar outras mulheres, encorajando-as a assumirem as posições que quiserem nas folias, oferecendo tal possibilidade a elas. O otimismo de Luíza nasce de suas atitudes progressistas e o pessimismo de Maú nasce da conscientização das dificuldades e certo imobilismo diante da possibilidade de incentivar outras mulheres a se tornarem folionas e até no cultivo do gosto pela música nas pequenas. Ou seja, embora Maú abra espaço para as mulheres atuarem ritualmente na sua folia, até pelo seu exemplo, não as incita ou as encoraja com palavras. É um caso de “faça o que eu faço, não o que eu digo!”. É interessante notar a postura dos homens que participam dessas folias. Não são contrários à participação feminina, eles também impulsionam. Na entrevista de Luíza, Bento participa contando também empolgado sobre a participação das meninas. Na entrevista da Maú, seu marido tenta dissuadir a esposa do seu pessimismo em relação à possibilidade da participação feminina no cortejo no futuro, afirmando haver sim a possibilidade, e que as mulheres poderiam sem problema assumir os instrumentos. Regina afirma que uma das poucas vezes que cantou na folia um dos rapazes que acompanhava o cortejo disse que ela tinha que ir lá para frente, pois tinha uma boa voz:

Regina: Aí na hora que eu sabia alguma coisa, eu entrava com a minha voz fininha, fininha. Aí eles oiava assim...

¹⁰⁹ Entrevista realizada com Aroldo, em visita à família dos Fabiano, no sítio da Lajinha, dia 05/01/2019.

ABN: Tipo assim: sabe também, né...

Regina: Aí teve uma teve uma vez que o minino falô: “A Luíza tinha que te pô lá na frente prá cantá, prá entrá cum essa voz sua!” Falei: cê num inventa moda não, heim!

ABN: (Risos). Por quê? Se você sabe cantar então tem que ir lá para frente, uai!

Regina: Nem vê isso aí!¹¹⁰

Aroldo, apesar de não ser folião delas, atesta não haver nenhum problema em mulheres tocarem os instrumentos, pois é uma atividade artística e não há nada que as impeça nesse sentido a sua prática:

ABN: E as mulheres podem tocar?

Aurélio: Pode

ABN : Pode tocar instrumentos?

Aurélio: Pode, pode ... não tem nada a ver. Já é uma arte! Não tem nada a ver.¹¹¹

Em outro contexto, aí sim imobilizante, estão as mulheres da Serra dos Barbosas. E mesmo lá, ambiente pouco propício a intervenções progressistas no que tange à inclusão das mulheres nas esferas de visibilidade e poder da folia, também é possível perceber alterações. A diferença é que lá os homens não são tão abertos a tais intervenções como aqueles que seguem e admiram as Folias da Maú e da Luíza. Cássia dá uma pista sobre o motivo dessa realidade que Maú observa quando afirma que as mulheres não gostam de tocar instrumentos. Cássia assinalou que seu marido nunca a chamou para sair na folia, nunca a ensinou a tocar um instrumento e tampouco ensinou ou incentivou a sua filha. Como é possível se gostar de alguma coisa que jamais se tenha experimentado? Poucos nutrem uma curiosidade ou um sonho de experimentar algo que para ele não é uma opção. Em entrevista ela pontua quando é questionada sobre a possibilidade de se fundar uma folia de mulheres:

Cássia: Igual eu tô te falano, dificilmente você vê uma mulher sendo componente duma folia!

ABN: E por que será?

Cássia: Igual eu vi, esse ano é que eu vi numa fulia daqui da roça, essa minina do Zé, que ela tava com o pai dela. O pai dela de palhaço e ela de cantadora de frente.

[...]

Cássia: Na nossa, igual eu tô te falano, nunca teve!

[...]

Cássia: prá participá lá, não! Prá tocá um instrumento, uma coisa assim! Aliás, eu num sei, porque não tem quem sabe... eu num sei fazê nada (risos). Minha irmã também num sabe fazê nada! A Lúcia eu num sei se sabe fazê alguma coisa, tocá ...

¹¹⁰ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

¹¹¹ Entrevista realizada com Aroldo, em visita à família dos Fabiano, no sítio da Lajinha, dia 05/01/2019.

ABN: um instrumento...

Cássia: só se vai batê um pandero. Acho que nem triângulo eu sei batê, ainda mais barunhento do jeito que ele é! Aí eu num sei, porque num tem, sabe?! De repente, se às vez tivesse, poderia fazer, né?!

ABN: tivesse o quê? Uma mulher que...

Cássia: uma mulher que tocasse um violão, que tocasse uma viola, que tocasse uma sanfona! De repente, às vez poderia participá, né?! Num sei! Aí eu também num sei!¹¹²

Mas mesmo assim elas alcançaram mudanças, que Lúcia afirma serem conquistas delas próprias e que nenhuma teve incentivos por parte dos foliões. Mas as modificações mais inclusivas dentro do setor ritual ainda não foram ousadas.

Todas as mulheres entrevistadas reconheceram que a participação maior da mulher na folia, ou seja, sua participação, pode-se dizer oficializada, está na esfera dos serviços. A diferença está na reação de cada uma a essa realidade que é um ranço do passado na atualidade. Se por um lado elas se orgulham ou tentam exaltar a importância dessa participação invisibilizada, porém intensa, por outro revelam certo rancor de sempre terem participado ativamente dos bastidores e mesmo assim serem alvo de desprezo na esfera ritual por parte dos homens. Algumas tentam exaltar a relevância de tais serviços, como Lúcia, outras acatam com normalidade e até certa apatia e outras com ira, demonstrada na fala e no tom de voz de Cássia: “Mulher nunca fez nada na fulia, só trabalho! Lava ropa, passa, lavá sapato, faiz comida! Só trabalha!”¹¹³ Ainda tem aquelas que ficam bravas diante da impossibilidade cristalizada em seu imaginário de ascensão da mulheres na folia, como Maú. E a positividade otimista de Luíza e Regina em relação à participação das mulheres no ritual da folia, que para elas, já é uma realidade. Tal diversidade de opiniões diante de um mesmo assunto revela não só uma diversidade de personalidade entre as mulheres, mas também camadas de realidades que se sobrepõem e articulam diferentes visões de mundo, que vislumbram ou não distintas possibilidades e potencialidades em si mesmas.

3.2.2 A mobilidade a serviço da imobilidade

Tanto o machismo quanto o racismo foram e são pontos que atrapalhavam o bom funcionamento dos giros. Isso porque os negros não poderiam oferecer sua contribuição às folias brancas, mesmo que essas estivessem necessitando e tampouco as mulheres poderiam fazê-lo. Dessa forma, para ter maior possibilidade de êxito de se manter forte e viva, mesmo em um competitivo mercado religioso que oferece as mais diversas opções, a folia teve de

¹¹² Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

¹¹³ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

tentar solucionar problemas dessas ordens para não perder aderência. Ou seja, mudou para permanecer.

Mesmo já tendo mudado muitos aspectos da folia, relacionados direta ou indiretamente com a rejeição das mulheres nesse contexto, ainda há muito a ser alterado. Mesmo com as mulheres assumindo funções de comando nas folias, o machismo ainda é um obstáculo contemporâneo a ser superado. Ainda é cedo para dizer que a narrativa das Três Marias, apresentada no Capítulo 2, tenha superado tal problema. A superação do machismo na folia não é uma realidade, mas sim uma possibilidade. E o que garante essa possibilidade é justamente seu respaldo mítico, ou seja, a narrativa das Três Marias. O que pode ser observado é que em prol de um bom funcionamento dos giros, as narrativas míticas celebram uma flexibilização das regras que engessavam uma estrutura que só se sustenta na maleabilidade da concessão. Mas o que deve ser ressaltado é a ideia de acolhimento das mulheres nesse contexto androcêntrico. Não um acolhimento no sentido de se tornar parte de um contexto de modo solidário e ser tratada como igual. Mas sim no sentido de se ressaltar a natureza externa desse elemento. Se a mulher foi acolhida na folia, quer dizer que aquele espaço não lhe pertence, que não é seu por direito, mas pode permanecer. Justamente por ser relevante em vários aspectos. Igualmente como acontecia e ainda acontece com os negros em folias de famílias brancas, a ideia de acolhimento do elemento não pertencente é o mesmo.

O preconceito racial, um elemento arraigado na cultura de Leopoldina, segundo Franklin (2014, p. 25) “a cidade de maioria negra e mando branco”, também foi um obstáculo importante, que no passado, impedia o desenvolvimento dos giros, como já referido no Capítulo 2. Muitas vezes se perdia a oportunidade de contar com um hábil instrumentista, que fazia falta no grupo, por conta de sua cor. A narrativa que versa sobre a exclusão de Baltazar da jornada pelos outros dois Reis Magos faz uma analogia à realidade vivida. De acordo com o Seu Didi, que contou o motivo da exclusão de Baltazar mesmo não concordando com ela, não ficava bem para os Reis brancos serem vistos andando na companhia de um negro. Isso reflete o pensamento em vigor na época em que a narrativa foi legitimada, que não valia apenas para os Reis, mas também para seus representantes, os foliões. Atualmente a inclusão de participantes negros em folias de famílias brancas é miticamente justificada. Mas não basta existir uma lei, é preciso que as pessoas se utilizem dela. Uma lei, nesse sentido, mostra apenas que o imbróglio não só é real como também já foi percebido tal como um problema que precisa ser sanado.

Ainda hoje, não é difícil encontrar em Leopoldina folias de famílias predominantemente negras e predominantemente brancas. Até porque, após a abolição e a partir do desenvolvimento das cidades, os negros foram impelidos a ocupar a periferia de forma propositalmente excludente. De modo que uma barreira tanto territorial quanto simbólica e psicológica fosse imposta de forma aparentemente intransponível, dividindo negros e brancos na cidade. Assim, as redes familiares e de vizinhança, que surgem nas periferias leopoldinenses, imprescindíveis na formação dos grupos, são compostas majoritariamente por negros. Dessa forma, a Folia da Serra, rural, é de maioria branca, a Folia da Maú e da Luíza, predominante negra e na Folia dos Colodinos, aparecem negros e brancos tocando juntos. Mesmo assim, o número de negros é muito inferior ao de brancos. Muitos deles são frutos de uniões inter-raciais mais recentes na família.



*Figura 17: na imagem aparecem 3 foliões afrodescendentes na Folia dos Colodinos, mas existem mais 1, que está mais a frente no cortejo, tocando cavaquinho. Todos jovens.
Fonte: acervo pessoal, 05/01/2019.*

O baixo número de negros no grupo dos Colodinos deve ser encarado com estranhamento, já que a família de Juca Colodino quando veio da zona rural para a cidade se fixou na periferia, no bairro do Alto do Cemitério, onde o contingente de pessoas negras observado não é minoritário. Portanto, o avanço que pode ser apontado no sentido de superação do obstáculo do racismo na dinâmica da folia hoje é que não existe nada que miticamente, e portanto, oficialmente, impeça que negros e brancos participem do mesmo grupo. Pelo contrário, a narrativa mítica condena a exclusão racial. Assim como a discriminação feminina, a discriminação do negro também já existe uma “lei” da folia que a impeça de existir. Porém o racismo tem uma vantagem em relação ao machismo nesse contexto: nenhum folião tem coragem de dizer que em sua folia não tem negros por racismo, mas se orgulha de dizer que não tem mulher, não por machismo, mas por tradição. No

passado a tradição também não permitia que as folias de família branca contassem com integrantes negros. Observando os dois casos pode-se dizer que a dita tradição pode ser alterada a qualquer momento sem que seu real valor seja perdido. Afinal, como afirma Geffré (2013, p. 231), “uma tradição só é viva se ela for sempre inovação”. Portanto, nesses dois pontos, apesar de se admitir mudanças importantes, ainda há muito que mudar para que as discriminações sejam realmente superadas.

Outro ponto que interessa discutir como alteração realizada para driblar a possível extinção é a questão do preconceito de classe social no contexto da folia. As famílias abastadas no passado recebiam as folias assim como as menos favorecidas economicamente. Quem dedicava devoção aos Três Reis fazia um jantar para oferecer à sua bandeira em troca de sua bênção, independente da classe social. As famílias abastadas de hoje, consideram por um lado, a Folia de Reis algo do passado, distante, festa das camadas populares que insistem em cultivar uma tradição quase perdida ou esquecida. Um aspecto que pode ser atenuado com informação. Tais informações, até recentemente, eram fornecidas à população a partir de fóruns e encontros, que discutiam a temática cultural com ênfase nas manifestações populares regionais. E como consequência, colocavam tais manifestações em evidência, promovendo um enfoque positivo. Trazia para o centro, para ser vista, vivenciada e experimentada para além da periferia, como arte e cultura viva e não como credice popular em vias de extinção. Além desses eventos, agora extintos, ainda temos os novos encontros de folia, que muito diferente dos antigos, promovem uma congregação onde a união impulsiona os grupos a seguirem em frente e a exposição de cada um mostra a beleza e a dimensão artística e cultural que agrega.

Dessa forma, se identifica aos poucos o discurso que esboça um desejo de resgate de uma tradição que se julga em vias de extinção, algo que não se pode deixar perder pela ação do tempo e pelo efeito homogeneizador da modernidade e suas estratégias de globalização. O que essas pessoas bem intencionadas não sabem por não terem contato com a festa, é que a Folia de Reis não está em via de extinção. A folia possui uma dinâmica de auto renovação eficiente, contando com estratégias de substituição, resignificação, flexibilização e alterações miticamente plausíveis. E apresenta uma rede devocional forte, que sustenta grupos e assistência, ou seja, não faltarão foliões e nem plateia. As crianças são inseridas desde cedo na folia que é uma forma lúdica de demonstração de fé e aprendem a acreditar nos Santos e seus poderes taumaturgos, porque ouvem suas mães e familiares atestando com convicção a veracidade de seus feitos.

Mesmo não dependendo necessariamente desses eventos para existir, não se pode negar a importância dos mesmos. Tais eventos conferem visibilidade à manifestação, que dilui os preconceitos. Essa visibilidade pode viabilizar verbas, que ajudam os grupos a custear gastos dos giros, e impedem que esmoreçam. E, além disso, possibilitam os contatos que viabilizam as organizações e cooperativas que fortalecem uns aos outros.

Também pode ser contestada a hipótese que apregoa que a nova geração não se interessa por folia. Se no passado as crianças não eram bem vindas aos grupos, hoje elas são encaradas como o futuro da manifestação. Inclusive no passado, as mulheres para alcançarem o direito de seguir o cortejo, apelaram para as crianças. Seguiam através do pretexto de levar os filhos que queriam ver os pais tocando. Jamais se cogitaria em deixar a criança acompanhar o pai na folia sem a mãe para cuidar dela. Embora ainda seja uma função que no senso comum seja delegada às mulheres, isso já começa a mudar um pouco nos grupos. Hoje já é possível ver os homens cuidando dos pequenos foliões. Inclusive nas folias de caráter mais hermeticamente androcêntrico isso pode ser visto. E talvez isso não seja tão contraditório quanto parece. Pois apesar de serem conservadores, e esse traço tende a não questionar os pressupostos das funções tradicionalmente delegadas aos homens e às mulheres, o cuidado das crianças foi preciso ser revisto para manter o grupo exclusivamente masculino. Dessa forma, a Folia da Serra, em um dado momento, precisou fazer uma escolha difícil: ou deixaria as mulheres entrarem no grupo e cumprirem a função tradicional por elas desempenhada de cuidados com a prole, ou os homens cuidariam dos meninos no grupo para manter sua estrutura masculinizada. Optaram pela segunda. Alguns, geralmente mais velhos, se colocam como tutores dos pequenos, e se responsabilizam por eles na ausência das mães. Lúcia conta em entrevista, retomando o passado, seu dilema enquanto mãe de deixar seu filho sair com a folia no dia 31 e só voltar dia 6:

Lúcia: Desde pequeno. Ele saía cum as coisa dele e eu ficava preocupada porque, saía prá casa dos oto, e, e, às vezes né, sei lá, criança ainda, né?! Ele falava: “mãe, eu vô! Arruma a minha bolsa que eu só volto dia 6!”

ABN: É mesmo?

Lúcia: Toda vida! E saía cum a mochila! E aí os oto, mais velho, falava: “dexa, Lúcia! Pó deixa que eu cuido, vai ficá na minha casa, eu tomo conta, não precisa preocupá!” Saía dia 31, com mochila nas costas, com tudo, com ropa prá todos os dias...

ABN: Olha! Igual antigamente...

Lúcia: É! Ele é! Aonde a fulia for, é lá que ele vai ficar! Ali ele fica e só volta dia 6. Eu tenho que ir, às vezes aquela coisa assim, eu tenho que ir se eu quero ver ele! Quando era menor, se eu quisesse vê ele eu tinha que ir lá! Ele não vem em casa! ¹¹⁴

¹¹⁴ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.



Figura 18: folião da Folia da Maú tomando conta dos pequenos foliões durante pausa do grupo. Fonte: acervo pessoal, 06/01/2019.

Figura 19: Folião da Folia da Serra cuidando dos pequenos foliões no Festival de Folia de Reis das Palmeiras. Fonte: acervo pessoal, 19/01/2018.

A partir disso é possível compreender que a folia não tem idade, crianças, jovens, adultos e idosos sempre participaram ativamente dos festejos e como a manifestação está sempre se resignificando e, por que não se atualizando, ela nunca fica ultrapassada. Sempre se modifica justamente para permanecer. A Folia de Reis em Leopoldina é uma festa que possui aderência ao contexto social do lugar. Não por conta do dinheiro garantido nos giros, muito menos por conta de alguma verba municipal que a cada dia se torna mais inatingível, mas por dois elementos que se associam de maneira bastante harmônica e atingem também os mais jovens: fé e lazer. Luíza mesmo asseverava que o motivo de não encerrar o giro de seu grupo no dia 6 de janeiro, como manda a tradição, é pelo número de casas que pede a visita da folia e que aumenta a cada ano:

Luíza: primeiro, não dá tempo de visitar todas as casa até o dia 6. Aí sempre fica as pessoas, que já tão acostumada, as pessoa devota reclama cum a gente. Então como agora,.. todo mundo agora, praticamente todas as fulia, vai até o dia 20 por esse motivo. Num é por que a gente qué... tem gente que fala assim: é meio de vida. Não. Não é meio de vida. A gente qué agradá a todos, a gente qué chamá mais as pessoas pra fé, pra, pra, acreditá, confiá, procurá a verdade. Porque a verdade, é qui o santo é milagroso. Então a gente qué é isso aí. Então o qué qui a gente faiz? Pra num pará dia 20, dia 6, a gente vai até o dia de São Sebastião, qui aí dá tempo de visita todo mundo. [...] Já aumentô casa esse ano!¹¹⁵

Então, por mais que os foliões garantam que a folia enfraqueceu em relação ao passado, o que se vê na dinâmica dos giros é uma estrutura forte com ampla participação popular. Se por um lado Bento afirma em entrevista que a folia estava acabando e Luíza assevera que quando os velhos morrem os jovens não tem incentivo para continuar, por outro lado o que se percebe no campo é uma manifestação religiosa vigorosa e uma tradição que avança sem perder suas raízes. A própria Luíza revela que quando ela criou sua folia seu filho

¹¹⁵ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

já tinha mais de 20 anos de giro. Pois ele saía na folia de seu primo desde cedo. Toda a família de Luíza é envolvida com folia. Hoje, Seu Sérgio, com mais de 80 anos ainda toca na Folia da Luíza. Desde os mais velhos até os mais jovens. E são muitos os jovens que participam, no grupo da Luíza eles configuram a maioria. Então como se pensar que eles careçam de um incentivo externo? Não parece que a nova geração precise de incentivo para manter a tradição, pois eles sentem prazer nisso.

E por mais que as pessoas de modo geral acreditem que a nova geração não se interesse por folia, muitos ainda vão na direção contrária. Lúcia assevera que a Folia da Serra tem muitos jovens: “Nós temos muitos jovens. Muitos jovens na fulia. Meu filho mais novo, tá com 24 anos, hoje já é um mestre na fulia. Tendeu? Então assim, é um envolvimento muito grande, temos muitos jovens.”¹¹⁶ No Festival de Folia de Reis das Palmeiras a Folia mirim do Arrasta Couro também se apresentou. Todos os foliões são crianças ou adolescentes que não pareciam encarar a atividade como brincadeira, mas sim como uma prática devocional, que não deixa de ser lúdica.

Matilda é mais uma que não acredita no interesse dos jovens pela folia, mas apesar disso afirma que na Folia dos Colodinos eles já começam a ser integrados no grupo desde cedo a partir dos antigos foliões:

Matilda: E hoje essa juventude que evem aí, ocê eu nem sei cumé qui ocê mexe cum isso...

ABN: Ihh eu adoro!

Matilda: Ninguém mais gosta, tá?! Num é? Cê num vê mais ninguém novo falá que gosta.

Entrevistadora: São poucos que dão continuidade à folia da família, né?! Igual lá da Serra eles dão, né?! Tem que ser uma coisa mais de família...

Matilda: Igual a dos Colodino também tá dando. Us minino do seu Darilo. Pois intão. O seu Darilo já vai, tá ficano véi já, mas já evem. Tem dois neto dele já que já tá na fulia.¹¹⁷

Segundo a sua percepção, essa é uma estratégia que a folia encontrou de dar continuidade à manifestação. Portanto, ao contrário do que antigos mestres diziam, que criança na folia só dá trabalho, só atrapalha, é a partir dela que se trilha o caminho para manter a tradição viva, forte e ativa no cenário cultural. Por isso, mudaram sua percepção sobre as crianças, incentivando-as e introduzindo-as no contexto da folia desde cedo.

¹¹⁶ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

¹¹⁷ Entrevista com Matilde em sua residência, dia 13 de abril de 2017.



Figura 20: Lúcia apresenta a Folia mirim do Arrasta Couro no Festival de Folia de Reis das Palmeiras.
Fonte: Acervo pessoal, 19/01/2018.



Figura 21: Presença de crianças e jovens na Folia da Serra dos Barbosas.
Fonte: Acervo pessoal, 19/01/2018.

Além de toda essa capacidade de renovação intrínseca da Folia de Reis enquanto manifestação devocional, artística e cultural, existem iniciativas relevantes no sentido de valorizar as manifestações de cultura popular e particularmente voltadas para a Folia de Reis em Leopoldina e região. Em Recreio, município próximo a Leopoldina, ocorre entre os meses de dezembro e janeiro um dos eventos culturais mais populares da cidade, a Festa em Honra a Santos Reis e o Encontro de Foliás de Reis. O evento acontece anualmente no Cruzeiro dos Santos Reis. Segundo um dos atuais organizadores, Matheus Ribeiro, responsável desde 2012, o festival se iniciou no dia 30 de dezembro de 2017 e geralmente, termina dia 6 de janeiro. Mas como na edição de 2017/2018 havia muitas folias inscritas, o evento se estendeu por mais um dia, encerrando no domingo dia 7 de janeiro de 2018.

A Festa e o Encontro que acontecem há 28 anos, reúnem um grande número de grupos de toda a região, e até mesmo folias de outros estados, como do Rio de Janeiro, já prestigiaram o evento tradicional na cidade. No giro de 2017/2018, a Folia da Maú e a Folia da Luíza fizeram suas apresentações no Encontro no mesmo dia, onde tive a oportunidade de acompanhá-las. Na edição de 2018/2019 Maú fretou um ônibus para levar a folia em Recreio. Ela organizou uma “vaquinha” da qual participaram eu, minha mãe, Matheus, o mestre da folia e cada pessoa que entrou no ônibus (que partiu lotado) contribuiu com um valor menor

para ajudar. Matheus disse que não poderia correr o risco de ficar sem a Folia da Maú, pois as boas folias de Leopoldina sempre atraem o público. Não só o público local como também o de Leopoldina, já que levou um ônibus cheio para o Encontro.

Além desse evento em Recreio, há outro que reúne Folia de Reis de Leopoldina e região, com o objetivo de promover mostras e não duelos entre os grupos. Na zona rural de Leopoldina, nas Palmeiras, é organizado anualmente o Festival de Folia de Reis das Palmeiras, no Centro de Aprendizagem Comunitária – CAC. O Festival está em sua 36ª edição e, segundo Tinho e Lúcia, que esteve inserida na organização do Festival desde o princípio, foi o primeiro evento com o objetivo de reunir os grupos da região:

Lúcia: Quando começamos o festival lá, era, foi, meu pai, que já faleceu, era o Valdete, que é um dos fulião lá que já faleceu também, e o ...

Tinho: Meu pai também e o seu também..

Lúcia: E o pai dele. Entendeu? Então foi na época que a gente sentou pra conversa pra podê...

Tinho: Aí reuniu pra fazê o festival.

[...]

Lucia: Por que então a gente não reunir todas essas folias em um mesmo lugar? Lá tem o CAC. Por que a gente não vai fazer uma festa pra fulia e tudo? E aí na época até foi falado vamo fazê um encontro de fulia. Meu sogro até falô: “Não. Não pode tê nome de encontro, porque num pode sê Encontro de Fulia, porque Encontro de Fulia tem otro sentido”. Tendeu? Aí por isso surgiu o Festival de Fulia. [...]Aí é pra sê uma festa e não um Encontro. Por isso que chama festival. E desse festival quantos já tem por aí depois do nosso! Quantos já tem por aí na região! [...]

Tinho: mas o primeiro foi o nosso lá.¹¹⁸

A iniciativa partiu da Emater em conjunto com a então diretoria do CAC. Lúcia acrescenta que quem iniciou o projeto foi Alfredo, que era presidente do CAC, seu pai Odair e Valdete, que são foliões e ela na organização, além do Oswaldo e Maria Helena da Emater, que agora já estão aposentados.

Lúcia tem uma trajetória relevante dentro da Folia de Reis, pois desde seu nascimento, toda sua infância, juventude e vida adulta esteve inserida nesse contexto. Seu pai, irmãos, tios e primos são foliões. Ela não se tornou foliona, mas sempre esteve inserida nesse ambiente, participando da organização, adquirindo conhecimento sobre as sabedorias e histórias em torno da folia e vivenciando o ritual. É ela a responsável pelo almoço da Entrega da Bandeira da Folia da Serra na Igreja do lugarejo, que agrega um grande número de devotos, visitantes e moradores. Ela se reúne com algumas mulheres e elas fazem toda a comida servida no dia 6 de janeiro, no ritual de encerramento do giro.

¹¹⁸ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Só a sua participação nas funções tradicionalmente destinadas às mulheres já serviria para traçar uma discussão em torno da participação feminina na folia. Porém, a colaboração de Lúcia não se resume aos locais tradicionais demarcados pela presença feminina, nos contextos privados e nas funções de extensão de atividades domésticas. Ela amplia as fronteiras que demarcam o lugar da mulher no universo da folia. Ela não se limita ao ambiente privado e assume liderança em locais públicos, como no Festival de Folias das Palmeiras, onde participou desde sua idealização no setor da organização e atualmente desponta como mestra de cerimônia do evento. Atua anunciando a entrada dos grupos, dando detalhes sobre sua formação e citando o trecho selecionado para apresentação, e tem autonomia de decisão. Um exemplo dessa autonomia foi o fato de ela ter me chamado para presentear a Folia da Serra com a lembrança do Festival. Ela não tinha certeza que eu iria, mas quando me viu resolveu me chamar ao palco para fazer a homenagem. Na verdade, quem se sentiu homenageada fui eu, que tive o prestígio de entregar a lembrança à folia mais antiga e mais tradicional de Leopoldina, tive oportunidade de falar sobre minha experiência e sobre o valor daquela folia e agradecer o acolhimento e carinho deles comigo.

Tinho, orgulhoso da atuação da esposa, reconhece a mudança de cenário dos tempos antigos para o atual, mesmo não aceitando tal mudança no interior de sua folia, admite o sinal dos tempos no seu entorno:

Tinho: Porque antigamente, a mulhé era assim, uma coisa bem distante, né?!
O homem que..., né?!

ABN: encabeçava...

Tinho: O homem que encabeçava tudo. [...] Hoje num existe mais isso, né! [...] Cê vê! Hoje o Festival da Folia lá, cê presenciô lá, a mulhé que tá na frente lá, né?! Anunciano as folia. Ela que faiz! É ela quem anuncia as folia lá!¹¹⁹

Não só os eventos anuais, mas também os que são organizados esporadicamente, buscam dar maior visibilidade às manifestações de cunho popular. Um deles que teve oportunidade de participar foi o V Encontro de Tradições Mineiras, em Leopoldina, em outubro de 2010. Reuniu grupos de Congado, Mineiro-Pau, Capoeira, Jongo e Folias de Reis, em dois dias de vivências culturais compartilhadas. Em março de 2013, houve o IV Fórum de Culturas Populares da Zona da Mata, com o objetivo de abrir mais um espaço de troca de experiências, divulgação dos saberes tradicionais, além de viabilizar o acesso à informação sobre recursos financeiros municipais e formas de organização. Em agosto de 2019

¹¹⁹ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Leopoldina sediou o 4º Encontro Regional de Folias de Reis. Um site jornalístico local, *radiojornalnet*, no dia 17 de junho de 2019 veiculou:

A Naconda Produções e Eventos, sob o comando de Carlos Eduardo do Nascimento, acaba de anunciar a realização no dia 03 de agosto de 2019, às 18:00 horas e no domingo, dia 04 de agosto, às 14:00 horas, na Praça Félix Martins, no centro de Leopoldina, do 4º Encontro Regional de Folia de Reis de Leopoldina.. Segundo Carlos Eduardo, cada Grupo de Folia terá 30 minutos para cantoria e mais 15 minutos para apresentação dos palhaços. Ao final de cada apresentação serão entregues certificados e medalhas a todos os membros que também participarão de um jantar.

No Encontro de Folias de Reis em Recreio a apresentação de cada grupo é dividida em três momentos: Primeiro salvam o Cruzeiro, depois salvam o Presépio e por último fazem a Brincadeira do Palhaço. No Festival de Folia de Reis das Palmeiras os grupos têm 30 minutos para cantar o trecho selecionado das Profecias e 15 minutos para a brincadeira do palhaço. Ou seja, para participar dessas mostras os grupos precisam se rearticular e organizar as suas apresentações de acordo com o tempo estipulado pelos organizadores. Nas casas visitadas quem determina o tempo é o mestre, que vai lendo os signos deixados pelos donos da casa. De acordo com as pistas ele salva o presépio ou não, alonga a cantoria ou abrevia. E na brincadeira do palhaço geralmente quem determina o tempo é a assistência, enquanto a plateia estiver oferecendo dinheiro ao mascarado ele vai versando. Dessa forma, os grupos alteram a sua dinâmica para participarem desses eventos que geram visibilidade e que fortalecem a cultura local. Portanto, mais uma vez, aceitam as mudanças para permanecerem.



Figura 22: Público no Cruzeiro dos Santos Reis, em Recreio - MG. Foto: Rodney Brandão, 2016.

Fonte: <http://www.polisrecreio.com.br/site/2016/01/07/encontro-de-folias-de-reis-no-canto-da-fabrica-foi-um-sucesso/>



Figura 23: Foliões de frente da Folia da Maú e ela própria, com os organizadores do evento, em frente ao Presépio. 2016.
Fonte: <http://www.polisrecreio.com.br/site/2016/01/07/encontro-de-folias-de-reis-no-canto-da-fabrica-foi-um-sucesso/>

Porém, o Fórum de Culturas Populares e o Encontro de Tradições Mineiras acabaram perdendo força quando o organizador responsável mudou de Leopoldina e as leis de incentivo à cultura foram sendo reduzidas e se tornando cada vez mais escassas. Contudo, o Festival de Folias de Reis das Palmeiras e o Encontro de Folias de Reis de Recreio ganham popularidade e visibilidade a cada ano, mesmo com poucos recursos. Segundo um dos organizadores do Encontro de Folias a prefeitura de Recreio ajudou apenas com a carne para o lanche dos foliões (pão com molho de carne moída e refrigerante) e com equipamentos de som. Já para o Festival das Palmeiras, Lúcia aponta que o auxílio da Prefeitura de Leopoldina se delineou no sentido de oferecer ônibus para o transporte dos foliões da cidade para o CAC e seu retorno. O que se pode perceber é que a atuação do poder público junto a esses eventos não se dá no sentido de motivar suas práticas, mas mesmo assim alguns resistem e seguem com a vontade a frente do dinheiro. Mesmo assim, a popularidade desses eventos mostra que o olhar sobre essas manifestações mudou, e o que era periférico e marginal, ganha relevância enquanto arte e cultura popular e saberes tradicionais que devem ser valorizados.

Nesses eventos, tanto o das Palmeiras, que é zona rural, quanto o de Recreio, um pouco mais distante, recebem a participação dos grupos aqui estudados. Palmeiras recebeu a Folia da Serra, a Folia dos Colodinos e a Folia da Maú. Recreio recebeu a Folia da Luíza e a Folia da Maú. Como se pode perceber, Maú é bem atuante no cenário folião leopoldinense e se insere, há muitos anos, em todos esses eventos, inclusive nos fóruns de debates e encontros de tradições mineiras. Também por essa inserção, os grupos se estabelecem há tantos anos nesse contexto.

Em vários casos de folias com liderança feminina, se a mulher não assumisse a direção diante da situação de perda do dono anterior, como Maú assumiu, o grupo se diluiria. Sem uma figura de respeito, que religa todos os integrantes, possui voz de comando, empreende

atitudes e ações que fazem a festa acontecer, o grupo não segue adiante. No ano em que Maú adoeceu, final de 2016, sua folia não saiu em giro, ou seja, mesmo tendo passado o cargo de dona para seu filho, sua figura é fundamental para a dinâmica do grupo. No caso da Folia da Luíza, o grupo só nasceu por conta de sua fé. No final de 2017, dia 23 de dezembro, na véspera do início do giro da folia, Luíza veio a falecer, depois de passar pouco mais de uma semana no hospital. Porém, já havia deixado tudo preparado para a saída da folia. Segundo Andreia, sua filha mais velha, só faltava buscar os uniformes novos na costureira, que Luíza gostava de renovar todos os anos. Parte do dinheiro Luíza já havia separado para pagar o serviço, a outra parte a costureira deixou Andreia pagar quando tivesse condições. Ao contrário da Folia da Maú, que não saiu em giro sem a sua presença, a Folia da Luíza saiu em respeito à vontade da dona da folia, ao seu empenho, à sua dedicação em vida. Em homenagem à sua memória, a filha não permitiu que a folia não cumprisse com sua missão neste giro, pois desagradaria Luíza. Dessa forma, tudo foi feito como a matriarca havia planejado. Visitaram todas as casas contempladas pelo roteiro e viajaram para Recreio, no dia 6 de janeiro. Diante disso, se conclui que se não fosse pelo empenho e autonomia dessas mulheres essas folias não estariam ativas, fortes e adensando o cenário cultural leopoldinense. O que em alguns grupos é um tabu, nesses foi a oportunidade de se manterem. A mudança a servido da permanência.

3.3 Sabedorias transitantes

Esse setor é o que fundamenta, justifica e legitima a festa enquanto manifestação devocional. É nele que estão contidos a magia e o poder da folia. Sem ele a Folia de Reis seria uma performance artística ritualizada, mas sem qualquer possibilidade de agência com o plano sobrenatural ou qualquer comunicação com os Santos. E é justamente esse ponto que atrai os fiéis, motiva as promessas e gera a demanda de visitas. Se o volume de visitas, como já dito anteriormente, não para de crescer e até por isso o giro de algumas folias, como a da Maú e da Luíza, são estendidos, este setor parece estar forte, vivo, atuante e atualizado. E apesar de muitos foliões, folionas e mestres afirmarem ser um conhecimento do tempo do Reis, ou seja, muito distante do atual, não resta dúvida que ele foi ressignificado ao longo dos séculos para ter a aderência que tem no contexto social atual. E justamente sobre essas ressignificações, que são atualizações desse conhecimento, que este item se ocupa de investigar. A proposta não é uma tarefa nada fácil, pois se trata de uma sabedoria que muitas vezes se encasula sob segredos que, a priori, não são revelados a pessoas que não se mostram

como uma opção plausível de sucessão ao cargo de mestre. Mas as narrativas femininas mostram que na prática os conhecimentos foram e são transmitidos e adquiridos por pessoas que nem sempre almejam ou pleiteiam tal cargo, apesar de que munidas de tal sabedoria se tornam mestras em potencial.

3.3.1 Mobilidades e imobilidades: o que segue e o que estagna

Este setor apresenta não só as sabedorias dos mestres, mas também as sabedorias dos palhaços. Simpatias, práticas devocionais e toda sorte de conhecimento utilizado nos giros, seja para proteção dos foliões ou como via de alcançar graças para os devotos, questionar quais práticas deixaram de fazer sentido e quais ainda são reivindicadas. Aquelas que ainda são realizadas são feitas da mesma maneira e pelas mesmas pessoas que a praticavam no passado? Quem teria o direito oficial sobre os conhecimentos e quem de fato agencia tais saberes na dinâmica dos giros? Busca saber o que ficou e com quem ficaram as sabedorias da folia.

Os palhaços enquanto figuras ambíguas, que transitam entre o bem e o mal, que agenciam o plano humano e sobrenatural, que são amados pela simpatia e odiados pela simbologia, de acordo com a sabedoria popular precisam de uma proteção a mais que os outros integrantes da folia. Embora no plano táctil ele seja o protetor da folia (permanecendo à porta da casa onde a folia está batendo, vigiando do lado de fora, portando um cajado para afastar animais que possam atrapalhar o cortejo na jornada), no plano sobrenatural, teoricamente ele está mais vulnerável, por simbolizar o perseguidor do Menino e por isso atrair espíritos inferiores, segundo consta. Dessa forma, algumas medidas cautelares são necessárias. Cruzar a farda é o mais indicado pelos mestres, mas existem outras práticas que cada palhaço escolhe dentro do seu conhecimento adquirido no cargo aprendido com os mais experientes. Dentre elas pedir proteção no centro de Umbanda continua sendo uma das mais comuns. Seja antes de iniciar o giro, durante, em dias especiais, ou no fim.



Figura 24: diante do altar do centro de Joãozinho, o palhaço, que neste dia brincava na Folia da Maú, pede proteção aos santos e entidades, deitado no chão em sinal de respeito, reverência e humildade. Fonte: Acervo pessoal, 06/01/2019.

Figura 25: o palhaço desmascarado salva os santos e entidades do altar de Joãozinho com versos. Ao seu lado direito a bandeira da Folia da Maú repousa em lugar de destaque. Fonte: acervo pessoal, 06/01/2019.

Os mascarados são cercados de restrições, obrigações, regras e prescrições, justamente por conta de sua condição de vulnerabilidade simbólica. Algumas permanecem outras caem em desuso. As restrições que não mudaram ainda fazem parte das sabedorias que um bom palhaço precisa ter para ingressar no cargo e cumprir seus 7 anos no mínimo. Esse tempo também era prescrito no passado como parte da sua obrigação com a Folia de Reis, embora isso já venha sendo descartado na prática, apesar de todos ainda revelarem como uma obrigação do mascarado. Primeiro então serão elencadas aquelas restrições que permanecem: o mascarado nunca pode andar à frente da bandeira, pois isso denotaria avanço do mal sobre o Menino Jesus. Se o palhaço representa o Rei Herodes ou seus soldados, ficaria posto que alcançou o Menino, muitas vezes representado na imagem da bandeira junto aos três Reis. Ao mesmo tempo não podem ficar muito afastados, pois ficariam longe do poder protetor do símbolo sagrado. Em hipótese alguma pode ficar diante do presépio mascarado, pois mais uma vez poderia simbolizar que o Herodes chegou até o Menino, assim como não deve ficar mascarado diante de altares por respeito. Geralmente não entra em Igrejas, pois o mal não entra na morada de Deus. Embora nos centros de Umbanda sua entrada seja permitida. Até porque, o mascarado possui equivalências simbólicas com Exu¹²⁰, que são evidenciadas no

¹²⁰ Tais equivalências simbólicas, acompanhadas de quadro didático simbólico, comparativo/explicativo são apresentados no capítulo 5: Palhaço: uma encruzilhada cultural, da minha dissertação de mestrado, em NEDER, Andiara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação

cômodo dedicado ao Exu no centro de Joãozinho. Um dos maiores pejis do centro, muito bem organizado e estruturado, preparado com capricho e devoção, fechado com porta de blindex e onde se encontram em locais de evidência, máscaras e miniatura de palhaço de folia.



Figura 26: espaço dedicado aos Exus no centro de Joãozinho. Na parede é possível contemplar uma máscara de palhaço da Folia, e paralela a esta parede havia outra exposta. Fonte: acervo pessoal, 06/01/2019.

Figura 27: no cento do peji, em local de destaque junto às outras imagens e oferendas às entidades, compõe o ambiente uma miniatura do palhaço da Folia de Reis, com sua farda volumosa e colorida, máscara assustadora com traços animais e capacete enfeitado de fitas. Fonte: acervo pessoal, 06/01/2019.

Uma restrição que eu nunca tinha escutado até então, se relaciona à prática sexual durante o tempo de giro. O palhaço em giro não poderia ter relações sexuais. Regina em entrevista afirma sobre essa e outras proibições citadas acima:

Regina: diz que o palhaço, minina, o palhaço num pode tê relação cum mulhé durante a fulia.

ABN: No tempo de folia? É mesmo?

Regina: Sabia disso não? Diz que é!

ABN: Ó! Não sabia não!

[...]

ABN: E por que, hein? Por que será?

Regina: Num sei, só num pode. O palhaço num pode andá na frente da bandera...

ABN: Ah é! Isso eu sabia. Arrã! Tem que ficar sempre pra trás.
Regina: E nem muito prá trás tamém não. Sempre ali...¹²¹

Não se pode afirmar que pelo fato de eu nunca ter ouvido falar desta proibição, ela seja nova, surgida há pouco tempo. Quando me empenhei em compreender a figura e simbologia do palhaço mais profundamente, durante minha pesquisa de mestrado, as entrevistas eram feitas com palhaços e foliões. E pelo fato de ser eu uma moça, eles podem ter se sentido encabulados de falar comigo sobre a restrição de sexo. E finalmente, quando converso com uma mulher, ela reage com certo espanto por eu estar há tanto tempo pesquisando e ainda não saber disso. Acredito que nesse ponto o machismo me privou de alguns saberes que nem posso calcular quantos mais.

Diante da fala de Regina, tais proibições ainda se revelam ativas no contexto da folia. Se a maioria das restrições ao palhaço, ainda permanecem presentes no imaginário e atitudes, algumas já foram flexibilizadas ou descartadas. Se antigamente, ao palhaço era vetado tirar a máscara em giro, entrar na casa visitada e comer junto com os foliões, hoje isso não mais procede. Até porque se o dono da casa pedir para o palhaço salvar o presépio, ele terá de entrar sem a máscara na casa, portanto uma proibição iria de encontro a uma obrigação do palhaço. Assim como a missão de 7 anos dita acima, também já não é tão respeitada como já sugeriram alguns foliões. Apesar de que a desobediência pode acarretar punição, como já alertou Matilda sobre o acidente de seu primo que não cumpriu o tempo de palhaço.

Portanto, um palhaço deve ter sabedoria para conhecer e não desrespeitar suas restrições e para cumprir com suas obrigações. Como diria MJ, não pode é ser “bobo” e ficar diante da porta da casa de “peito aberto” enquanto o mestre tira enfermidade de lá, ou ir despreparado e às vezes ingenuamente em uma casa de patrão rezador que gosta de fazer “gracinha”. Em todas essas situações o palhaço tem que ter sabedoria para se safar de perigos do plano sobrenatural, mas que se manifestam de maneira real sobre eles. MJ conta suas experiências de giro e como foi adquirindo e transferindo sabedoria, e suas preparações e cuidados durante o giro:

MJ: No mundo do espiritismo tem muito dessas coisas assim de pará o outro, falá, rezá a reza deles e tal, entendeu? No caso rebate contra mim tendeu? Aí eu não tenho preparo prá isso. Aí eu tenho que cruzá, que aí é uma proteção, tendeu? [...] se um outro paiço mais velho ao ficar atrás de você, te rezá, aí você começa a gaguejá, errá, perdê, perde a noção de tudo que cê tá fazeno.

¹²¹ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

[...] você fica perdido ali.[...] Uma vez na Quinta¹²² aconteceu algo que eu parei simplesmente assim, a bateria ficô zuano, a Maú falô assim: cumé qui é paião? Cumé qui é?” Mas cumé qui é o quê? Fiquei assim, ó! [...] aí o Rodrigo entrô brincano e tal. [...] a gente tinha saído até da casa do Lorinho. Aí os minino falô assim: o Lorinho mexe cum espiritismo e tal, ele gosta de fazê umas gracinha. Deve ser o Lorinho qui deve tê feito alguma coisa e tal. E realmente tinha ficado guardado a máscara, o capacete, tudo na casa do Lorinho. E esse ano eu já num dexei. Já truxe tudo cumigo. Foi até no dia que o Nicolás falô assim: ué, por que qui cê tá levano tudo? Falei assim: se ocê quisé dexá o seu pode dexá aí, o meu vem cumigo. Pegô e falô assim cumigo: Hum, então vô levá o meu tamém. Aí ele levou e não voltou mais! (gargalhada da Maú ao fundo) Naquele dia foi até o sô Zé qui foi passá a Bandera im mim na saída da ponte, na entrada daquele centro da Dona... cumé qui ela chama? [...] aí foi passá a Bandera em mim e o que tava im mim no caso acho qui saiu esbarrô cum o Rodrigo num sei, e o Rodrigo acabô caino no Feijão Cru¹²³ e tal, caiu dentro do córrego, eu sei qui aquele dia foi um furdunço só! [...] Diz qui foi isso, tendeu? Qui foi por causa assim, coisa assim do espiritismo memo, uma pessoa quereno prejudicá, tendeu? Aí veio im mim por causa deu sê o mais fraco, tendeu? Como tava o Rodrigo na frente e tinha que dá espaço pra passá e era cercado de água, só tinha a ponte, então tinha qui saí. No saí, esbarrô cum Rodrigo! [...]

ABN: Foi no mesmo dia em que você parou?
MJ: Foi na hora, na mema hora.¹²⁴

As palavras do palhaço asseguram existir em torno da Folia de Reis várias situações onde o poder da magia é acionado para solucionar problemas do plano espiritual, no qual foliões e assistência sempre têm histórias para contar. MJ fala a partir do contexto em que transita, onde os conhecimentos adquiridos a partir do espiritismo e aí a Umbanda é a mais comumente trabalhada, são constantemente acionados, contra ou a favor dos foliões, para atrapalhar ou resolver problemas do giro. E como já foi sugerido no capítulo 2, até as folias que não compartilham da crença Umbandista creem no poder do espiritismo e suas consequências no giro. E por conta dessa crença que a narrativa mítica do Medeiro Velho e os escravizados suicidas do Cruzeiro da Serra das Virgens se sustenta e prevê a homenagem no local todo dia 6 de janeiro, mantendo uma tradição há 2 séculos. Portanto, pode-se dizer que a crença no poder da magia é algo notório nos mais variados contextos onde a folia se insere independente da pertença religiosa de cada grupo e isso se mantém.

Por isso, as mulheres que detêm os conhecimentos religiosos a ponto de assegurar sua agência no plano espiritual são empoderadas pela Umbanda. Se antigamente o poder de resolução de conflitos espirituais no giro emanava do mestre, hoje com a presença de

¹²² Bairro Quinta Residência, localizado na periferia de Leopoldina.

¹²³ Feijão Cru é o nome do córrego que passa por toda a cidade de Leopoldina.

¹²⁴ Entrevista com palhaço MJ, em Leopoldina, dia 6 de abril de 2014, na casa de Maú.

mulheres mães-de-santo, rezadeiras ou benzedadeiras no giro isso toma outra configuração. E a hierarquia da folia passa a ser desconfigurada pela hierarquia que se estabelece nos centros, que é perene e não sazonal como o tempo de giro, ultrapassando-o e reconfigurando o sistema simbólico que a participação marginalizada da mulher obedecia na estrutura androcêntrica da folia.

Regina assegura que diante dos perigos que os giros oferecem a figura da benzedeira é muito importante. Ela estrutura a argumentação que sustenta tal afirmação a partir de casos reais que ela presenciou e até participou na resolução, de pessoas que passaram mal durante o giro:

Regina: porque o certo na fulia..., tem casa que a gente vai batê, tá muito carregada, pesada! Alguns dos fulião passa mal.

ABN: E como que é esse passar mal?

Regina: Ah, sente várias coisa! Aí tem que ter um rezador, uma rezadera na fulia pra benzê a fulia. Aí, pegô, era a Luíza, né?! Nós fomo, no ano retrasado, nós fomo batê na casa da Soninha lembaxo.

[...]

Regina: Aí Alininha cumeçô a passa mal, eu num tinha nem chegado ainda.

ABN: A Aline?

Regina: Arrã.. Aí eu tava pro lado de fora, aí eles tava lá dentro, que num tinha cumeçado a batê ainda não. Aí pegô e us minino foro correno lá fora pra mi chamá pra eu i lá dentro benzê a Alininha, que a Alininha tava passano mal.

ABN: Ah é? E sente o quê? Sente ruim? Sente alguma coisa...

Regina: Ah sente uma purção de coisa: tem uns que sente dor de cabeça, mal estar, uma purção de coisa...

ABN: Ah entendi! Isso porque está carregado o ambiente?

Regina: É! Aí vem tudo!¹²⁵

É interessante notar que a Regina foi se mostrando importante na resolução de problemas dessa ordem mesmo quando Luíza era viva. Ambas são mães-de-santo e sabem realizar rezas e benzeduras, porém como Luíza era a dona era mais comumente chamada nesses casos. Mas nesse dia, Regina foi acionada, mostrando que elas dividiam essa responsabilidade nos giros, que agora parece ficar a cargo de Regina, embora ela não assuma a substituição da amiga. Talvez por respeito à memória de Luíza, que para ela é insubstituível, e por respeitar a ordem de herança, ela resista a admitir que ocupa tal lugar. Dessa forma, Andreia que é a herdeira da folia e conseqüentemente da função de sua mãe, deveria assumir, mas não é sua pretensão ou desejo seguir o cortejo. Não era um posto almejado por Regina, mas por já dividir anteriormente a função com Luíza, ela simplesmente ampliou sua atuação. Além de sentir essas dores ou mal estar, algumas pessoas até podem ver coisas estranhas e

¹²⁵ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

nesse momento também precisam dessa pessoa para solucionar o problema. Regina fala sobre tudo isso em entrevista:

Regina: E isso que eles fala é uma coisa muito séria, né?! Aí a gente... Ainda peguei e falei assim: aí a Andreia, carrega a Andreia, a Andreia que tem que tá na frente! Aí eles fala: não Regina, é a senhora memo!(risos) Aí eu falo: intão tá!

ABN: porque a Andreia também... mas era a Luíza que era dona do centro, né?!

Regina: É! A Luíza binzia né, as pessoa que passava mal e tudo. Custuma a gente vê as coisa, os otro... Igual numa casa que a gente foi batê uma vez

ABN: Sei

Regina: ali tamém foi a Tatiana, Thalita e Aline que viru, sabe?!

ABN: Ah é?

Regina: É. Viru um home lá no, no terrero lá de cabeça pra baixo numa árvore. Aí começaro a passar mal, chorano, num sei o quê...

ABN: Ficaram assustadas, que viram. E aí, e aí vocês, no caso, a Luiza ainda era viva?

Regina: Era viva.

ABN: É?

Regina: É, a Luíza cumeçô a rezá lá no meio da rua lá.

ABN: E resolveu? Ah entendi. Então tem que ter sempre uma pessoa pra solucionar esses problemas.

Regina: Isso, isso.

ABN: Ah entendi. Então na falta da Luiza você que está assumindo essa função?

Regina: Eu num sei, num sei.¹²⁶

Mediante a explicação de Regina pode-se compreender a importância da presença dessa figura como indispensável nos giros, que oferece segurança para a folia através do uso da magia. Em um meio social hierarquizado e conflituoso, no qual os marginalizados resistem sobrevivendo e sobrevivem resistindo, a magia é compatível como meio de suprir carências e postular poder simbólico que reverbera no âmbito social. Dessa forma, para se adaptar ao contexto moderno a magia se reatualiza através de remodelações das próprias religiões que fazem uso dela. Segundo Beloti (2003, p. 87)

tanto umbandistas quanto candomblecistas, a partir do lugar que ocupam na sociedade, à margem, visando garantir a sobrevivência de sua crença trataram de resignificá-la para que se adaptasse às vigências culturais. Nesse sentido, a magia, que circula neste universo religioso e é moeda forte destes 'sujeitos políticos', precisou passar por um processo de modernização.

Nesse sentido entende-se que a magia dos mestres também não há de ser perene, também é chamada a se remodelar, modernizar, caso contrário, não mais faria sentido sobre quem ela atua. Pois a prática mágica dos mestres pode ou não sair da mesma fonte das mães-

¹²⁶ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

de-santo e benzedeadas, mas com certeza, agem sobre as mesmas pessoas e busca credibilidade nos mesmos dispositivos de verificação, portanto não há como escapar da modernização. E por mais que digam que sua sabedoria vem do tempo do Reis, sua agência é hoje e precisa ser válida agora. E por mais que digam que não se ensina essa prática a ninguém que não seja o seu sucessor direto, o trânsito religioso faz esse papel de levar e trazer conhecimento simbólico, válido e atualizado a todo momento. A pluralidade religiosa no Brasil aliada ao trânsito religioso facilita a aquisição de conhecimento em uma determinada religião mágica, que não deixa de ser profícuo em qualquer outro núcleo religioso. Isso faz com que aquele conhecimento seja utilizado e revalidado em vários núcleos, criando um consenso em torno de determinado conhecimento mágico expresso como pertinente e benéfico de maneira ampliada. Não resta dúvida então que se assinala como uma tendência já verificada em outros lugares já há algum tempo, que o conhecimento que antes ficava sob custódia de algumas poucas lideranças religiosas, se espalha hoje com maior facilidade seguindo essa dinâmica exposta acima. Paula Montero (1994, p.10) aponta que tal dinâmica democratizou a gestão de bens simbólicos e religiosos até mesmo no candomblé, religião tradicional e oral, onde o conhecimento era adquirido no dia-a-dia, durante décadas. Com a inserção da linguagem escrita, os cadernos de fundamento e até as pesquisas acadêmicas rompem a lei do segredo e universaliza a base de recrutamento de novas lideranças religiosas. E nesse caso, o conhecimento não escolhe gênero nem cor, simplesmente se aloja em quem o acolhe e o cultiva. Como ocorreu no candomblé paulista há décadas, está acontecendo na Folia de Reis. Se as sabedorias são a chave para as mudanças ocorrerem em direção à liderança feminina, já não se precisa mais pensar em um futuro distante, mas em um presente que se mostra cada vez mais dinâmico e mutante. E apesar das mulheres ainda não terem conquistado oficialmente o título de mestras, já o são em potencial, só falta juntar os conhecimentos esparsos em apenas uma pessoa. Portanto, essa mudança já está em curso, basta esperar.

3.3.2 A mobilidade a serviço da imobilidade

Aqui se estrutura outra dinâmica de mobilidade e imobilidade delineada até agora nos outros setores da folia. Até então se analisou essa dinâmica apenas dentro do âmbito da Folia de Reis, centrada em seus setores que não estabelecia vínculos fora de seu domínio. Quando se passa a analisar o setor das sabedorias, encontra-se uma estrutura rizomática, que se estende permeando outras fronteiras fora do universo da folia em si. Dessa forma, a

mobilidade observada nesse setor da Folia de Reis, se apoia na imobilidade organizacional da Umbanda. Nesse conjunto, tomando emprestado uma fala da rica sabedoria popular, “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Pois, no momento em que o poder de uma mãe-de-santo é acionado no contexto da Folia de Reis, é suposto que ela arregimenta em si um poder maior que do próprio mestre. Se ela representa o topo da hierarquia em seu núcleo religioso, ou seja, seu centro de Umbanda, ele representa o topo da hierarquia em seu núcleo religioso, ou seja, no grupo de folia do qual é representante. Parece ser duas lideranças religiosas em dois núcleos distintos, porém a estrutura rizomática do setor das sabedorias desse grupo dá conta de interligar o núcleo da Umbanda, a fim de lhe conferir a proteção necessária. Nesse momento, o poder emerge naturalmente de onde ele é mais abundante, pois só transborda o que está cheio, só se oferece aos outros aquilo que se tem para dar.

O que se conclui a partir daí, é que o poder da Umbanda é utilizado dentro da folia, o que gera uma série de modificações em cadeia no domínio da folia. Toda uma estrutura já estabelecida se mobiliza em função de manter a outra, que emprega seu poder a serviço da primeira. Ou seja, as estruturas ritual, hierárquica e das sabedorias da folia em questão são alteradas em relação às estruturas da Folia de Reis católica e androcêntrica, para que a hierarquia ritual e simbólica da Umbanda não seja alterada. Porém, essa alteração sequer é sentida nesses grupos que se submetem a esse poder, pois o lugar da mãe-de-santo e seu poder de agência naquele núcleo familiar já é tão natural que não se sente nenhuma subversão de uma ordem ou lógica estabelecida. Ela simplesmente continua ocupando o lugar do conhecimento que ela sempre ocupou, sem alteração. Em grupos nos quais a estrutura rizomática das sabedorias não penetra de maneira tão profunda na organização da Umbanda, pode parecer estranho que esse lugar do conhecimento seja ocupado por uma foliona de percussão, porém no caso específico da Folia da Luíza não é. Um grupo, mesmo não exclusivamente masculino, mas que se organiza sobre uma pauta mais voltada ao caráter androcêntrico tradicional da manifestação, poderia alegar uma contradição notável: uma foliona de percussão, cuja marginalidade ritual se faz evidente e inquestionável, atuar na resolução de problemas espirituais mostrando ter as habilidades e sabedorias inerentes à figura do mestre, o mais alto cargo na hierarquia ritual do grupo. Isso, teoricamente deveria desestruturar toda a organização ritual, simbólica e hierárquica da folia, pois desconstrói ou no mínimo questiona, a fonte de onde emana o poder, que é a sabedoria. Nesse caso a fonte é bipartida: parte da sabedoria está sob o poder da mãe-de-santo, as habilidades com o plano espiritual, e a outra está sob o domínio do mestre, que é o conhecimento dos versos. Isso cria

uma dependência de uma figura, que em outros grupos seria totalmente substituível ou até dispensável, mas que nesse grupo especificamente não se pode cogitar sua ausência no cortejo. O chocalho não é um instrumento que depende de um amplo conhecimento musical, empenho e tempo para se aprender a tocar, inclusive foi tal facilidade que convenceu Regina a participar do cortejo enquanto foliona, portanto até um iniciante poderia ser introduzido no grupo a partir do chocalho. Mas os foliões fazem questão da presença da Regina, indicando ser ela a mãe de todos:

Regina: Aí tô até hoje. Pelejei pra saí, depois que a Luíza morreu, eles num aceita.

ABN: Quem que não aceita?

Regina: Us minino da fulia, todo mundo da fulia. Diz eles que eu sô a mãe de todo mundo na fulia, dus fulião.¹²⁷

A mãe é uma figura que traz em si a ideia de afeto, respeito e proteção. O mestre também arregimenta tais características intrinsecamente. Os foliões dedicam à figura do mestre carinho e admiração, ele indica o caminho a ser seguido, e através de sua sabedoria oferece proteção ao grupo. A figura da mãe se pauta sobre os mesmos pilares que erigem a figura do mestre. Então por que os foliões não a consideram uma mestra e sim uma mãe? Por que ela estaria mais próxima à figura de mãe do que da figura de mestra, se dentro da folia a mãe e o mestre têm as mesmas características? O caminho a ser percorrido pela foliona para aprender os versos seria menor do que o caminho a ser percorrido pelo mestre para adquirir as sabedorias que ela traz em si. Segundo a foliona ele já está nesse caminho, pois ele e suas primas que participavam da folia, são médiuns do centro da Andreia, porém ainda não podem atuar pois são subordinados ao poder dela. Por isso Regina afirma que Andreia tem toda condição de substituí-la em sua atuação, mas Andreia prefere atuar na esfera dos serviços, e substituir Luíza em todas as suas funções de organização interna. As únicas atuações na esfera do ritual que ela se compromete é oferecer a Bênção da Bandeira na Coroação e Descoruação, e receber o objeto sagrado em casa novamente após o giro. Por isso também, os foliões dizem que tem que ser a Regina mesmo.

¹²⁷ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.



Figura 28: Andreia de joelhos, recebe a bandeira em casa novamente, encerrando o giro de 2018/2019. Fonte: acervo pessoal, 20/01/2019.

Poderia se pensar então que ao situar Regina e a própria Luíza quando era viva, sob o título de mãe e não de mestra, possa incluir uma manobra inconsciente do machismo estrutural de proteger o título de mestre dos olhares audaciosos das mulheres poderosas da folia? Até porque o primeiro a conferir esse título a Regina foi o próprio mestre. Embora Regina e principalmente Luíza, que dominava o conhecimento das profecias e das habilidades com o plano espiritual, tivessem condição de serem mestras, não tinham vontade de assumir tal função. Talvez por não vislumbrarem sequer tal possibilidade. Dessa forma, apesar de tal título encher o coração de quem recebe de afagos e orgulho, por trás dele, sem que o próprio interlocutor perceba, existe toda uma construção patriarcal que não consegue contemplar uma mulher no cargo de mestra. E, além disso, simbolicamente a devolve para o espaço privado do lar, onde tradicionalmente a mulher, a mãe rainha, sem honras e glórias de uma rainha. Portanto, se essa mulher que se lança ao espaço público como foliona é simbolicamente devolvida ao espaço privado por uma analogia de cunho patriarcal, sem ser notada por nenhuma das partes do diálogo, pode-se calcular o raio de atuação do machismo na naturalização das funções pertinentes aos homens e às mulheres. Será que se Regina e Luíza fossem homens seriam chamados de pai de todos ou seriam mestres? Sem respostas prontas para as perguntas suscitadas, fica o convite à reflexão para se compreender como a aparente incompatibilidade da função e cargo desempenhados por Regina e Luíza no contexto da folia é bem aceita enquanto contribuição, mas elas não são vistas enquanto mestras em potencial por sua condição feminina. A mobilidade de atuação delas não suscitou uma mudança em seu

cargo. A mobilidade nesse sentido está a serviço de uma série de imobilidades: Regina continua sendo foliona de percussão, continua ocupando o lugar das sabedorias que tem enquanto mãe-de-santo, e a mulher é devolvida simbolicamente ao privado, tentando manter assim a continuidade da visão patriarcal em torno delas, mesmo sendo ativas fora desse ambiente.

Capítulo 4: Futuro ideal

Os deslocamentos e alterações descritas no capítulo anterior servem de base para a coleta de dados e a composição deste capítulo. As transformações são bem vindas neste cenário já que contribuem para uma maior aderência ao contexto atual. Se a modernidade e a globalização trazem ideais homogeneizantes, as tradições oferecem resistência, mantendo-se perenes a partir das constantes modificações que visam a adaptação às conjunturas atuais. Nesse contexto, é importante observar o posicionamento das entrevistadas diante da possibilidade de se propor uma Folia do Futuro. Quando se propõe projeções para o futuro, quase que inconscientemente as palavras soam esperançosas e generosas quanto ao que está por vir, mesmo que a realidade e o contexto vividos não sejam os mais fáceis e gentis social e economicamente. Quando questionadas sobre o futuro das folias, as mulheres entrevistadas apontam os seus modelos idealizados. Caberá então questionar a elas o que ainda pode ou deve e se deve ser mudado em cada setor em seu ponto de vista e pedir suas justificativas. Quais mudanças seriam necessárias em relação aos papéis de gênero na folia que poderia auxiliá-la a seguir adiante? São descritos aqui os anseios das mulheres em relação ao futuro da folia em cada setor e o que elas acham que ainda deve ser modificado para se alcançar o ideal.

Nesse sentido, o foco deste capítulo se volta para a tentativa de perscrutar o “ideal de mudança” para os papéis de gênero na folia. Como as mulheres imaginam uma folia do futuro? Nela homens e mulheres teriam papéis diferentes do que tinham no passado e do que já começam a ter hoje? Interessa aqui focar no papel que cada gênero poderia assumir, com ênfase no papel das mulheres.

Para além desta perspectiva, vale ressaltar a importância das crianças na manutenção da tradição, pois são elas que no futuro darão sequência à manifestação. Portanto, é importante mostrar como e quais crianças são incentivadas a aprender a tocar instrumentos, a participar do cortejo precocemente, a receber um uniforme e coroa, entre outras falas e atividades que demonstram a permanência ou não do passado no futuro.

Também é relevante questionar se a atividade de mulheres hoje já poderia apontar para uma nova postura de foliona no futuro em relação ao acesso aos saberes. Hoje um número reduzido de mulheres tem acesso ao setor de poder, que é do saber, e pouco se utiliza dele como forma de ascensão na estrutura hierárquica do grupo. Será que no futuro elas terão acesso irrestrito a esse conhecimento e saberão utilizá-los para se firmarem enquanto lideranças rituais? Seria possível a ascensão delas como mestras, atingindo o topo da hierarquia da folia? Sua visibilidade marginal na esfera ritual hoje poderia ser o prenúncio de

um poder ritual expressivo no futuro? As respostas não são premonições para o futuro, mas partem de anseios aliados à observação do rumo das mudanças e permanências nesse contexto.

4.1 A serviço do que virá

Pode parecer anacrônico nos dias de hoje pensar no futuro de uma manifestação popular, de cunho devocional e que dependa da rede de sociabilidade na vizinhança. Primeiro por se tratar de uma manifestação em homenagem a santos católicos que não possuem tanta notoriedade na igreja, visto o número reduzido de imagens dos Santos Reis presentes nos templos ou o número igualmente pequeno de igrejas e capelas construídas em sua homenagem. Só é possível aferir que a visibilidade dos Santos Reis na época do Natal, com suas imagens expostas nos presépios montados, ao lado do altar. Além da sazonalidade é possível notar a marginalidade de sua presença nas igrejas, suas imagens aparecem com menos honrarias que as dos outros santos, que possuem pedestal ou lugares de destaque no altar. Em segundo lugar, o que pensar de uma manifestação que depende das redes de sociabilidade de vizinhanças no contexto urbano, onde as relações humanas físicas estão perdendo cada vez mais espaço para as virtuais? Sem conhecer o cenário em que a Folia de Reis se desenvolve, pode se julgar tal manifestação em vias de extinção ou pelo menos, fora de moda. Mas não se pode esquecer que a dinâmica da folia é pautada por uma capacidade de reatualização e reinvenção de alta plasticidade, que reiteram sua aderência nos contextos sociais onde se inserem. Dessa forma, refletir sobre o seu futuro não é trabalhar sobre utopias ou perspectivas volúveis, mas compreender quais mecanismos são acionados por essa dinâmica de reatualização contínua. Dois elementos importantes podem ser citados e explorados neste capítulo: os efeitos da globalização e a inserção de crianças no ritual. Os efeitos da globalização podem ser trabalhados neste primeiro item, dedicado ao estudo do setor dos serviços, o setor organizacional que é a mola propulsora da festa. E a inserção das crianças será trabalhada no segundo item, no qual se analisa o setor ritual da Folia de Reis.

Na verdade, o que se perscruta aqui não é o efeito direto da globalização sobre as manifestações populares, mas a contra reação destas diante do possível processo de homogeneização das culturas tradicionais. Há uma tendência em se acreditar nos efeitos devastadores da globalização sobre as culturas tradicionais, no sentido de promover a homogeneização cultural e eliminar as possibilidades de manutenção das antigas tradições regionais. Por outro lado, observa-se um efeito de resiliência das manifestações populares

frente a esse processo que tende a frear e superá-lo de maneira satisfatória. É sobre essa capacidade de resistir apesar dos percalços de ordem cultural, social e econômica e a teimosia de existir e se organizar coletivamente rumo ao futuro, que esse item se ocupa de tratar. E dentro desse contexto perceber se as mulheres se colocam como agentes dessa dinâmica. Nesse sentido, cabe observar se elas tendem a reproduzir as práticas femininas tradicionais e manter a atuação delas como central no setor dos serviços daqui para frente ou se a igualdade entre homens e mulheres neste setor já pode ser vislumbrada por elas.

Alguns teóricos acreditam no poder devastador da globalização para as culturas que resistem, e isso incluiria a Folia de Reis. Segundo Geffré (2013, p. 254) “Fora dos efeitos perversos da globalização no campo da economia e da justiça social, convém sublinhar, também, os riscos de desumanização e de erosão das culturas originais, sob o choque de certa cultura hegemônica veiculada pela mídia.” Nesse sentido, o autor cunha o termo macdonaldismo cultural, que segundo ele penetra até nos espaços mais recuados do globo (GEFFRÉ, 2013, p. 254). Essa cultura monolítica e desumanizadora gestada pela globalização e pelas suas estratégias midiáticas, põe em risco as identidades culturais que tendem a entrar em colapso diante desses efeitos nocivos (GEFFRÉ, 2013, p. 255).

Por outro lado, no tocante às religiões, o autor aponta que se uma tradição religiosa pretende se manter no futuro é preciso que ela mantenha um diálogo com a ética secular, que surge de um consenso da consciência humana universal. O que ofende o humano autêntico, o que seja propriamente intolerável, constitui um crime contra a humanidade. Ou seja, “as religiões que, seja nas suas doutrinas, seja nas suas práticas, ferem gravemente esse humano verdadeiro, que é o objeto dum consenso ético, são convidadas a se transformar se não quiserem ser condenadas a definhar lentamente” (GEFFRÉ, 2013, p. 394). Interessa mostrar que as religiões podem ser fiéis ao melhor de si mesmas, reinterpretando de maneira criativa à luz de conquistas, que são frutos do consenso da consciência humana universal, suas doutrinas e elementos caros à tradição. Nesse sentido, Geffré (2013, p. 394) aponta que “basta evocar a igualdade entre homem e mulher, o caráter inviolável da consciência, o valor da vida aqui embaixo, seja qual for a esperança de outra vida, o direito ao trabalho, à saúde e à felicidade humana.” Dessa forma, a religião estaria dialogando com elementos da modernidade, numa interpelação recíproca entre as morais religiosas e éticas seculares. O que garantiria sua aderência em um novo contexto social contemporâneo.

Se a Folia de Reis faz parte simultaneamente de uma tradição religiosa e de uma tradição cultural, vale aqui ousar contrastar as propostas de Geffré (2013), no sentido de

compreender que talvez o que leve a religião a perpetuar, no caso da folia, também pode amparar a cultura e não deixá-la esmorecer diante do macdonaldismo cultural e ser engolida pela cultura hegemônica fruto da globalização. Utilizando a ideia de Geffré (2013) em perspectiva local e no que tange a esta pesquisa, a folia, enquanto tradição cultural, poderia ser afetada pela modernidade e por seu viés globalizante. Por outro lado, a folia enquanto religião deveria dialogar com a modernidade e com seu apelo secular para não desaparecer. O valor da vida terrena, o direito ao trabalho, à saúde e a à felicidade são elementos evocados pela modernidade e respeitados pela folia. Dessa forma, a folia enquanto religião, ao se enveredar pelo caminho da igualdade entre homens e mulheres, mesmo que de forma bem incipiente ainda, já se mostra envolvida com pautas da modernidade e se modifica, apontando para a aderência nesse novo contexto, sem perder a sua índole, que está baseada no mito.

Portanto, ainda que a esfera cultural da folia seja afetada pela globalização, sua esfera religiosa estaria protegida e fortalecida pelo seu diálogo com a modernidade. Entretanto, uma esfera está intrinsecamente imbricada com a outra de modo indissociável, o que assegura uma assegura a outra e o que afeta uma também afeta a outra. Se essa perspectiva pudesse ser conferida na realidade, seria observado um verdadeiro cabo de guerra no interior da manifestação: a morte ou a vida, lembrar com saudosismo do passado aproveitando seus últimos suspiros no presente ou se lançar no futuro próspero, assumir a esfera cultura como prioritária e sucumbir ou se agarrar à esfera religiosa e perdurar. Porém, esse duelo de forças não pode ser assistido. Pelo contrário, o que se vê é uma manifestação religiosa e cultural viva e longeva, com bastante fôlego e sem qualquer problema com suas duas identidades indissociáveis que coexistem em perfeita harmonia. Diante disso, pode-se pensar que a teoria de Geffré não se sustenta de maneira plena no campo onde essa pesquisa se desenvolve.

Se por um lado, autores como Geffré acreditam no inevitável dismantelamento das culturas locais e de suas manifestações específicas, como consequência da globalização e de seu processo homogeneizador, há autores que analisam a situação de modo distinto. Apesar de a homogeneidade cultural ser uma realidade latente que pode assombrar a resiliência das culturas locais, Woodward (2005, p. 21), sem descartar tal possibilidade, aponta uma perspectiva diferente em termos de identidade e culturas locais diante do processo de globalização:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais, ao levar ao surgimento de novas posições de identidade.

Dessa forma, a autora sinaliza que diante da tendência homogeneizadora da globalização, os grupos que praticam suas manifestações tradicionais podem se fortalecer ao invés de esmorecer. Tendem a reafirmar suas identidades como grupos tradicionais em contraposição ou mesmo diferenciação das novas identidades que vão se construindo em decorrência desse processo. Por identidade devem-se compreender as posições que o sujeito assume, por um processo de sutura, articulação entre sujeito e a posição-de-sujeito, em que ele é convocado a assumir, mas também investe naquela posição, passando pelo discurso (HALL, 2005, p. 112). Portanto, Hall (2005, p. 111-112) clarifica a utilização do termo identidade baseado na ideia de construção de sujeito e da posição-de-sujeito:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.

A afirmação de uma identidade tradicional conta com a busca de uma justificação com base em origens. “Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido” (WOODWARD, 2005, p. 23), que evoca mitos, narrativas com passagens heroicas, locais sagrados, morais de histórias. O que pode ser percebido no contexto das Folias de Reis leopoldinenses, que se pautam em narrativas baseadas no mito fundante, já anteriormente explanadas nesta pesquisa. A partir delas se ressignificam em uma lógica quase cíclica de redefinição, ou seja, readaptação ao meio, o qual se modifica continuamente. Nesse clima cambiante, as identidades tendem a se prender a algo que seja minimamente fixo, como as histórias do passado, que teoricamente não podem ser alteradas, mesmo que frequentemente reinventadas. Sobre isso, Woodward (2005, p. 25) assevera: “Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja sempre apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza.”

No caso das folias mais tradicionais e antigas de Leopoldina, a reafirmação de um passado se mostra como uma ponte para a sua permanência no futuro. Pensemos no exemplo da bicentenária Folia da Serra: sua permanência passa pela afirmação da identidade, que se constrói em torno da história da folia, que é a sua via de autenticação. Como Woodward (2005, p. 25) explica: “A afirmação política das identidades exige alguma forma de

autenticação. Muito frequentemente, essa autenticação é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão.” Dessa forma, os foliões e todas as pessoas que estão inseridas ou participam de alguma forma dos preparativos ou dos festejos de Santos Reis na Serra dos Barbosas, ou seja, praticamente toda a comunidade, partilham de uma história comum. A narrativa do aviso do antigo mestre falecido aos foliões, sobre a obrigatoriedade de cumprir o compromisso anual de cantar para as almas dos escravos no Cruzeiro da Serra das Virgens, valida a identidade a partir desse passado comum, que se torna a verdade e a coesão desse grupo. Como pontua Woodward (2005, p. 27):

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos.

Portanto, se “uma determinada comunidade busca recuperar a ‘verdade’ sobre seu passado na ‘unicidade’ de uma história e de uma cultura partilhadas” (WOODWARD, 2005, p. 28), a Serra dos Barbosas pode se identificar com essa comunidade. Porém, não se pode negligenciar outra perspectiva que enfatiza a fluidez da identidade. As identidades históricas, herdadas de um passado comum, podem ser reconstruídas, reinventadas, transformadas, num eterno devir (WOODWARD, 2005, p. 28). Lembrando que, assim como o presente, o passado também está em constante transformação, e que a identidade que o reivindica não é fixa, além de não ser apenas uma identidade assumida por cada pessoa. “As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (WOODWARD, 2005, p. 33). Essas diversas identidades são fluidas, e a partir de uma perspectiva não-essencialista¹²⁸, não possuem uma essência fixa ou diferenças perenes, atemporais. E quando mais de uma identidade é assumida pelo sujeito, elas podem entrar em conflito diante das necessidades exigidas por cada uma. Cássia e Lúcia em suas respectivas entrevistas apresentaram um discurso favorável à inserção feminina na folia e até participaram ativamente das alterações nesse sentido, como apresentado no capítulo 2. Cássia traduz até

¹²⁸ Existe uma tensão entre a perspectiva essencialista e a não-essencialista em relação à identidade. Grosseiramente resumindo, poderia se dizer que os essencialistas enfatizam a igualdade e a perenidade de um núcleo duro, que é a essência que define a identidade em questão. Enquanto os não-essencialistas focam também nas diferenças e nas alterações da identidade, que não acreditam ser fixa ao longo do tempo. Ou seja, os essencialistas creem existir um conjunto cristalino e autêntico de características partilhadas por um grupo de pessoas e que não se altera ao longo do tempo (WOODWARD, 2005, p. 12). Por outro lado, os não-essencialistas creem que a identidade é compreendida como um “produto de intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares” (WOODWARD, 2005, p. 38). Enquanto para os essencialistas a identidade possui um núcleo essencial, para os não-essencialista ela é contingente.

certo ressentimento em relação ao marido por nunca tê-la chamado para aprender um instrumento ou ensinado à filha.

Porém, apesar de todo o empenho dessas mulheres em ser presença ao redor do cortejo e ter consciência de sua exclusão do ritual e da permanência dessa exclusão diante da negação dos homens em ensinar o que sabem em relação aos instrumentos musicais às atuais e futuras gerações femininas, elas são passivas em relação ao início de um processo de inserção das mulheres no ritual. Ou seja, apesar de um discurso que apresenta uma proximidade com o ideal feminista em relação à igualdade de gênero ser recrutado em suas entrevistas, a identidade que se constrói em torno da Folia da Serra, fala mais alto. Pois a comunidade partilha uma cultura e uma história atreladas à folia que são anteriores a qualquer lampejo de discurso feminista incipiente. Não que a construção e reconstrução dessa identidade seja um entrave permanente a qualquer tipo de deslocamento, pois o que se admite é justamente a fluidez da mesma, como uma questão de tornar-se, reposicionar-se, reconstruir identidades herdadas de um suposto passado comum (WOODWARD, 2005, p.28). Porém, o que se percebe é que isso não somente sossega os ânimos rumo à mudança efetiva da participação feminina no ritual, como faz com que as pessoas reproduzam com naturalidade a impossibilidade dessa mudança no interior do grupo bicentenário. Como algo que depois de institucionalizado toma uma aparência de perene inquestionabilidade, aquilo que ninguém ousa relativizar por nunca ter pensado haver outra perspectiva de análise. Com uma dose de pesar, sugerida pelos apontamentos de viés feminista, e como uma dose de orgulho apontada pela identidade foliona da Serra, que se pauta na reprodução de uma afirmação de tradicionalidade irrefutável alegada pela aparente imutabilidade, Lúcia desconsidera a possibilidade de inclusão das mulheres no cortejo da Folia da Serra, pelo menos não em um futuro próximo:

Lúcia: Eu acho difícil! Eu num vejo... porque essa coisa vem muito assim, do,do,do... vai passano de pai prá filho! Sabe? Vai passano de pai prá filho. Eu acho que dentro da Folia dos Medeiros... pode até, igual eu tô te falano, na Folia do Valdete já tem, eu num vô te fala se na Folia do Arrasta Couro isso também pode acontecer, mas dentro da Folia dos Medeiros, eu, não vejo isso acontecer.

[...]

Lúcia: Se for, assim, vai ser num futuro ma muito longe, que eu com certeza não vô estar aqui prá assistir!

[...]

Lúcia: Eu não vou estar presente prá assistir, né! Mas igual eu tô te falando, as coisas mudam muito.¹²⁹

¹²⁹ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Dessa forma, as mulheres da Serra abdicam de fortalecer uma identidade em torno da pauta de igualdade entre homens e mulheres, pois esta entraria em colisão com sua identidade consolidada coletivamente em torno da Folia da Serra. E como essa geração de mulheres já tensionou a estrutura patriarcal desobedecendo as ordens do antigo mestre e seguiu o cortejo a sua revelia, talvez tema em ir além e reivindicar outras flexibilizações no que tange ao lugar da mulher na folia, por sentir que o limite de cessão, por ora já tenha sido atingido. Ou simplesmente por nem sequer julgar passíveis de questionamento a estrutura atual. Mas essa imutabilidade é fruto de uma idealização, porque na dinâmica interna do grupo acabam ocorrendo deslocamentos, alguns efetivos e provavelmente irreversíveis, como elas operaram no passado seguindo o cortejo masculino, outros com caráter ainda reversível, como a inclusão de uma menina no cortejo, netinha de um folião, e sua exclusão no ano seguinte. Mesmo sendo excluída depois, sua entrada já sinaliza algum prenúncio de futuras flexibilizações possíveis. Pois sua entrada pode suscitar as relativizações dentro do próprio grupo, e essas relativizações geram questionamentos, estes geram tensão, que até o seu limite gera fissuras, que se aprofundadas geram lacunas, que geram a desestabilização da estrutura e que finalmente gera a mudança para que não desabe, e assim retorne a estabilidade temporariamente perdida e sempre buscada. Evidentemente isso não são projeções para um futuro próximo, mas o caminho percorrido geralmente é esse. Nas conversas com as mulheres da Serra, que verbalizam uma descrença na participação feminina na Folia da Serra em curto prazo, mas asseveram a impossibilidade de existir folia sem a participação feminina, já se percebe uma contradição pulsante. É certo que se referem à negação da participação ritual e a imprescindibilidade no setor dos serviços, mas a veemência com que afirmam sua importância para a promoção da festa não é própria de quem se anula e não requer visibilidade. Além disso, elas não são contrárias à inserção feminina nas esferas de visibilidade da folia, pelo contrário, mas não vislumbram nenhum cenário favorável para que tal mudança de fato ocorra, porque segundo afirmam, a Folia da Serra não rompe com a tradição, com as continuidades, e disso sentem orgulho. Até a camisa do uniforme tende a ser igual a do passado, evitam de trocar até o modelo, que é algo simples de mudar, algo que em outras folias como da Maú ou da Luíza, é trocada a cor e modelo todos os anos. Quando questionada sobre a sua posição em relação à participação feminina na folia, Lúcia afirma:

Lúcia: Eu acho que poderia e deveria! Eu não sou contra! Eu não! Eu acho que há lugar prá mulher na folia sim! Como se há lugar ... porque hoje assim, a mulher participa de tudo, né?! Então por que não poderia haver... ou até por que... eu já ouvi dizer que tem uma folia por aí de mulheres.
ABN: Só de mulheres...

Lúcia É! Só de mulheres! Num existe time de futebol só de mulheres, então por que num pode tê uma folia só de mulheres?! Né?! Então eu acho que...
ABN: Mas você acha que na Folia dos Medeiros não?!
Lúcia: Na Folia dos Medeiros não! Não vejo!
ABN: Por que você não acha?
Lúcia: Devido essa tradição que vem, sabe?! Essa questão do homem, que se é coisa do homem, como folia é coisa do home, eu num vejo! Por exemplo, o Fernando¹³⁰ [...] Eles, igual tô te falano, são normal, como todo mundo, como todos jovens da idade dees, eles num aceitariam! Cê entendeu? Por que já vem dessa mentalidade!
ABN: Igual você falou: eles não mudam nem a camisa...
Lúcia: Nem a camisa!
ABN: Se a camisa continua a mesma...
Lúcia: Se a camisa continua de manga comprida, cê acha que vai mudá? Num vai!
[...]
ABN: Eles seguem aquela tradição...
Lúcia: a tradição à risca!¹³¹

Portanto, mesmo que seja difícil, e que os jovens já sejam criados com essa mentalidade de imutabilidade de certos elementos na folia, as mudanças são inerentes à própria condição humana, de modo que a cultura e tradição como frutos da atividade humana, não serão alijadas desse processo de contínua remodelação, readaptação, ressignificação e rearranjos infinitamente rearticuláveis.

Interessa ressaltar também que as identidades são construídas e estão inseridas em um jogo de poder que institui a repressão e exclusão do que as ameaça, e conseqüentemente são constantemente desestabilizadas pelo elemento que deixou de fora (HALL, 2005, p. 111). As identidades são construídas na diferença, na relação com o outro, com aquilo que ela não é, com a falta, que não quer dizer ausência, pois aquilo que falta se encontra no outro, que é constituinte da relação embora excluído (HALL, 2005, p. 110). Portanto, mesmo que as identidades excluam o outro, precisam dele para existir:

as 'identidades' só podem ser lidas a contrapelo, isto é, não como aquilo que fixa o jogo da diferença em um ponto de origem e estabilidade, mas como aquilo que é construído na *différance* ou por meio dela, sendo constantemente desestabilizadas por aquilo que deixam de fora (HALL, 2005, p. 111).

Dessa forma, os discursos imbuídos de lampejos feministas poderão vir cada vez com mais frequência desestabilizar a identidade foliona da Serra, até porque as identidades são sempre continuamente reconstruídas. Como aponta Butler (1993, p. 105):

¹³⁰ Filho folião mais novo de Lúcia e Tinho. Nome original alterado para nome fictício.

¹³¹ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstruídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular.

Mas o que de fato importa tratar aqui é que em qualquer uma das duas perspectivas, a Folia de Reis se fortalece. Seja por seu viés religioso, dialogando com a modernidade e assim ganhando aderência nesse contexto, ou pelo viés cultural, reafirmando sua identidade presente com base em um passado, já construindo um caminho para o futuro.

O que se pode compreender a partir das falas das mulheres, é que para um futuro próximo, não há motivos para se cogitar uma remodelação radical da estrutura do setor dos serviços. Ao que parece elas continuarão exercendo suas funções tradicionais de organização, cozinando, cuidando dos uniformes, fardas, bandeira. Mas o que não se pode desconsiderar é que continuamente é possível perceber uma valorização dessas funções. Se por enquanto elas não são descoladas da atuação feminina, é certo que a cada dia elas vão ganhando uma visibilidade que antes elas não tinham. A manutenção e os cuidados com a bandeira já tem, em certos contextos, visibilidade, sendo a zeladora conhecida como Madrinha da Bandeira. O que antes não era mais que uma obrigação da mulher, hoje já é uma função referenciada com um título, ambíguo ou não, como já discutido anteriormente, não deixa de evidenciar a importância da mulher e sua participação, ainda que marginal, na festa. Afinal, para se chegar no centro é preciso passar pelas margens. Outra função de mesmo caráter ambíguo é exercida pelas cozinheiras que oferecem a comunhão nos rituais célebres da folia¹³². São deslocadas de sua posição de invisibilidade da cozinha para adentrar a esfera ritual oferecendo o pão, o peixe, a água e o vinho. Em posição de subserviência, mas em destaque. Da posição invisível de subserviência que estavam na cozinha para o ritual, o que muda é a notoriedade. Assim como o agradecimento cantado pelos foliões, reconhecendo o trabalho delas e a homenagem dos foliões da Serra às duas mulheres dedicadas à folia. É preciso analisar criticamente sem deixar de reconhecer os pequenos avanços que não deixam de ser o prenúncio de mudanças mais efetivas.

Hoje também o feitio dos uniformes não é mais uma cortesia das esposas dos foliões, mas é encomendado e pago a uma profissional da área. E em algumas folias até as funções de

¹³² Tal ambiguidade será discutida de maneira mais detalhada no capítulo 5. Por ora basta alertar que a visibilidade alcançada pelas cozinheiras, tanto no agradecimento cantado dos foliões ao trabalho delas na mesa posta quanto no momento da comunhão, é uma questão ambígua. Confere visibilidade e protagonismo à mulher dos serviços, mas reproduz uma visão patriarcal de que o valor da mulher está em servir. Então é possível aplaudir o avanço do reconhecimento da importância delas, mas não enxergar somente pelo lado positivo. É preciso analisar criticamente sem deixar de reconhecer os pequenos avanços que não deixam de ser o prenúncio de mudanças mais efetivas.

lavar e passar os uniformes já estão sendo delegadas a profissionais. Como já é uma característica das mulheres donas de folia centralizar todas as funções, até o compromisso com a manutenção dos uniformes Luíza tomava para si. Como são muitos e não seria possível lavar e passar calças e camisas de todos, Luíza pagava quem o fizesse, e parece que sua filha mantém a prática da mãe. Regina, em entrevista afirma que na Folia da Luíza ela era mais do que uma dona:

Regina: Ela era muito mais! Ela preocupava com tudo!

ABN: Com tudo, né.

Regina: As roupa, os uniforme da fulia.

ABN: Tudo.

Regina: Tudo passado, chegava lavava tudo! Ela pagava uma pessoa pra passá, lavá as roupa dos fulião. Entendeu?

ABN: Ah é?

Regina: E depois que brincava na fulia a gente entrega pra ela de volta.

ABN: Ah, entrega para ela?

Regina: Isso.

ABN: Entregava para ela?

Regina: Isso, aí ela pagava a pessoa naquela semana ...pagava a pessoa pra lavar as roupas da fulia todinha, as tualha, as camisa, as calça pagava a pessoa pra fazê.

ABN: Hum entendi.

Regina: Aí ficava tudo pindurado no cabide já no dia de Natal...

ABN: Tudo organizado.¹³³

Essa questão do valor monetário atribuído ao trabalho tradicionalmente executado por mulheres parece ser algo sem muita importância, mas não se analisado em um âmbito maior. Em muitas áreas o trabalho da mulher não é valorizado financeiramente. Maria Elise Rivas (2017, p. 201) chama atenção para essa realidade dentro do contexto das instituições religiosas: “Se, por um lado, os trabalhos ‘delegados’ às mulheres são inferiorizados e muitas vezes não remunerados, por outro lado o trabalho dos homens é valorizado, remunerado e incentivado pelas instituições.” Porém, fora desses contextos não é tão diferente, sendo muitas vezes uma visão que possui aceitação social e se difunde e perpetua como algo normalizado. Portanto, nesse cenário onde são comumente delegadas às mulheres posições subordinadas, nas quais prestam serviços voluntários não assalariados, esses serviços são encarados como uma extensão das atividades culturalmente assumidas por elas no ambiente privado. Portanto, o trabalho voluntário seria entendido como uma extensão do trabalho do lar e de mãe e, portanto, não remunerado. Por isso, o pagamento das costureiras na atualidade é tão importante em termos de análise dos pequenos avanços reconhecidos nesse cenário dentro do setor dos serviços prestados à folia e que assinala a direção que toma o setor de serviços.

¹³³ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

Destarte, o que se pode pensar para o futuro da folia a partir das falas das mulheres que participam ativamente da esfera organizacional e de todos os serviços prestados em honra aos Santos Reis, é que esse setor, pelo menos no futuro próximo, continuará sendo majoritariamente feminino. Pois os valores patriarcais e seus padrões de divisão do trabalho entre os sexos, de maneira geral, ainda permanecem sem questionamentos contundentes por parte das mulheres.

Apesar de essas mulheres reproduzirem o modelo patriarcal e manterem o setor dos serviços majoritariamente feminino, as pautas feministas estão disseminadas na sociedade e aparecem de forma embrionária em suas falas, tom de voz, em atitudes que já apontam um caminho senão de mudanças profundas, mas de um empoderamento e reconhecimento de suas possibilidades de ação e potência. Dessa forma, paulatinamente esse setor vai ganhar cada vez mais visibilidade, sendo reconhecido em sua importância na promoção e manutenção da festa e, desta forma, sendo valorizado e respeitado. Isso pode parecer apenas um desejo, mas as ações afirmativas nesse sentido apontam de fato para uma crescente valorização. Além disso, nesse contexto, talvez mais importante que desconstruir toda a estrutura patriarcal em que vivem, é valorizar o que elas produzem dentro dessa estrutura. E ir rompendo aos poucos com essa dinâmica à medida que as mulheres, das gerações subsequentes, se sintam aptas e mais seguras e confortáveis em contribuir de outras formas nos outros setores da folia, o que já acontece de forma incipiente, mas com possibilidades reais de crescimento e ampliação a curto prazo, pelo menos no âmbito ritual.

4.2 Os rituais que virão ou que virarão?

Neste item cabe investigar como seria o futuro ritual da Folia de Reis. A entrada paulatina das mulheres nesse setor já indica mudanças que avançam de maneira rápida se considerar o contexto no qual se insere a manifestação. Se comparado com as mudanças operadas nos setores da sabedoria e principalmente no setor dos serviços, os deslocamentos operados e efetivamente consolidados na esfera ritual da folia no que tange a participação feminina, caminha a passos largos e sem muitos percalços em certos contextos, quebrando barreiras em outros e tomando fôlego naqueles onde o caminho é mais tortuoso a caminhada é mais árdua. Claro que ainda há muito que se ampliar para que se alcance a igualdade, até mesmo nas folias lideradas por mulheres onde a participação feminina é bem vinda e assegurada. Mas o que importa aqui é compreender para que direção apontam as mudanças e o que elas sinalizam para o futuro. Seria possível no futuro uma folia com todos dos rituais

conduzidos só por mulheres? Ou essa possibilidade não se avista ainda nos horizontes esboçados pela folia?

Além disso, interessa também neste item compreender como a inserção de crianças no ritual é agenciada nesses contextos e qual o papel das mulheres nesse processo. Sendo o segundo ponto citado como preponderante na dinâmica de reatualização contínua da Folia de Reis, cabe aqui perscrutar como se dá e com quem se dá. Quais crianças são incentivadas e quais são alijadas da esfera ritual. A partir dessa escolha de cada grupo que já prepara o time que o substituirá, pode-se prever o caráter daquela folia no futuro. À medida que se pode perceber quais crianças são desejadas, incluídas e incentivadas a permanecer no grupo, se torna menos arriscado propor projeções para o futuro ritual de cada folia. Pois as crianças que são submetidas ao treinamento lúdico e incentivadas a tocar instrumentos e tomar gosto e intimidade com eles, que recebem uniforme e são incluídas no giro, mesmo que peguem no sono na metade da noite, sobre quais desde o nascimento se cria a expectativa de serem incluídas no cortejo, que são incentivadas a se esconderem sob a máscara e a farda volumosa, dançar, pular e arriscar no versegado mesmo que a insegurança com as palavras ainda seja um desafio a ser superado, são seguramente aquelas que darão sequência à tradição no futuro. Além dessas crianças que são preparadas desde cedo, existem as surpresas bem sucedidas que se inserem na esfera ritual em idade mais avançada, como todas as mulheres colaboradoras desta pesquisa que figuram na esfera ritual. Até as netas de Luíza, que foram incluídas ainda adolescentes nesse setor, não foram preparadas desde o nascimento para assumirem tal função. Foram inseridas depois, por vontade própria e pelo incentivo e exemplo da avó.

Portanto, interessa investigar nesse item o futuro ritual da folia, e compreender se o papel da mulher está bem definido nele. A observação sobre inserção de crianças é um bom caminho para se notar se o futuro ritual das mulheres na folia está garantido. Elas passarão a ser incentivadas desde pequenas como os meninos já o são? Ou isso ainda não se configura como uma tendência que ganha força? Seriam apenas alguns casos isolados as meninas que se iniciam ainda crianças enquanto folionas? Essa iniciação ainda depende da vontade e aptidão da garota e idade para escolher se segue ou se para, ou seus pais e familiares já poderiam inculcar e cultivar esse desejo de seguir a folia também nas meninas? Tais perguntas não admitem respostas prontas, dessa forma, o campo sugere o caminho.

4.2.1 Quem tem medo de mulher?

As mulheres se inseriram na esfera ritual da folia de maneira lenta e gradual no passado, agora elas já podem ser vistas em vários grupos. E a ideia se espalhou como moda nas folias de Leopoldina e região. A cada ano pode ser notada uma presença maior de mulheres nos cortejos dos grupos e esse volume crescente pode ser observado nos eventos que reúnem grande número de folias. Matheus, o organizador do Encontro de Folias de Reis em Recreio, observou a mudança em vários grupos. Como já está desde 2012 à frente da organização do evento, ele afirmou sobre o crescimento da participação feminina atual se comparado à de 7 anos atrás, quando assumiu a organização. Para que o aumento seja perceptível em tão pouco tempo, ele realmente foi expressivo e pode se configurar como uma tendência para o futuro.

Atualmente não é só comum ter mulheres atuando na esfera ritual do grupo, como também desejável na visão de alguns foliões. Aurélio, da Folia dos Colodinos, afirmou em entrevista que a participação feminina no cortejo confere credibilidade ao grupo. Isso porque quando se percebe a presença de mulheres no grupo as pessoas que assistem tem uma noção de folia organizada, que não tolera bagunça, nem pessoas alcoolizadas, brincadeiras inadequadas à presença feminina ou utilização de palavras de baixo calão. Segundo o próprio folião:

Aurélio: o fulião também procura também vim mais barbeado, assim qua qua roupa, porque quando a mulher, tem mulher a casa a mulher a mulher também brinca né?! Né isso ?

ABN: hum

Aurélio: num é isso? !

ABN: então essa questão do capricho...

Aurélio: é capricho também, é tudo! Em geral traiz um respeito, a mulher traiz um respeito pru grupo

ABN: ah, por quê?

Aurélio: Porque sem mulher cê pode fazer uma brincadeira que ...

[...]

Aurélio: que com ela ali ...

ABN: se tem aquela postura

Aurélio: a gente brinca, mais uma brincadeira sadia né?! Sadia!

ABN: tem aquela postura diferenciada.

Aurélio: ela traiz um bem estar na folia, né?! Sem dúvida !

ABN: então essa questão de respeito, de higiene.

Aurélio: melhor ainda, que a mulher em si é cuidadosa, então fulião veno isso... a nossa folia, por exemplo, é graças a Deus cê num vê ninguém com cheiro de bibida alcoólica ¹³⁴

¹³⁴ Entrevista com Aurélio, na visita da Folia dos Colodinos à Família dos Fabiano, no sítio da Laginha, no dia 5 de janeiro de 2019.

É perceptível em sua fala que seu pensamento é pautado pelo machismo estrutural que permeiam as relações sociais. Porém, à primeira vista, sua fala não parece tão perversa e violenta como outras formas de expressão machista no cenário social. Porém, não deixa de ser perturbadora quando se questiona: que tipo de brincadeiras são essas que não são adequadas à presença de mulheres, mas que sejam adequadas à presença de qualquer outra pessoa? O que poderia ferir somente os ouvidos femininos que também não agrediria de igual maneira os ouvidos de qualquer ser humano independente do gênero? O que mais perturba é saber, sem sombra de dúvidas ou mistério, a resposta de tais questionamentos, pois é acessível a todos e todas que nasceram e cresceram em estruturas sociais patriarcais. O que mais perturba é, em um primeiro instante, concordar com essa fala e até se deleitar com o pseudo elogio, com as elogiosas permanências ou afetuosas reproduções. A reprodução do discurso que cristaliza a imagem da mulher associada a um ideal de delicadeza e educação ilibadas e que seus ouvidos devem ser protegidos de escárnios e ou palavras grotescas, fora do padrão recomendado à constituição de seu comportamento social dócil e recatado, fazem parte de um projeto maior anterior à nossa própria concepção, de delegar à mulher o espaço privado. Dentro de casa ela está protegida dos ataques lexicais provenientes da rua, domínio masculino. Ter contato com esse contexto já poderia macular sua educação. Esse discurso, nada agressivo, pelo contrário, até simpático à primeira vista, se se inferir dele a figura do pai protetor ou da imagem implícita de mulher como uma pessoa bem educada e de retidão de caráter, se constrói sobre a mesma base machista que tolhe a mulher de princípios básicos de direitos, como o de ir e vir por exemplo. O discurso que tem a clara e boa intenção de elogiar a mulher dentro dos atributos clássicos e tradicionais exigidos e impostos pela perspectiva patriarcal, infelizmente a reproduz.

Por outro lado, essa atitude elogiosa, reprodutora ou não de um discurso sexista, pode se tornar uma via de acesso feminina à esfera ritual. Se a mudança for legitimada, tal discurso possivelmente também poderá ser superado. De dentro do sistema patriarcal surgem possibilidades de agência feminina, que podem inicialmente ser utilizadas a favor da transição da condição de invisibilidade da mulher na folia para uma condição de visibilidade estável, mesmo que não seja no momento ou em um futuro próximo. Talvez seja possível visualizar uma participação ritual da mulher não mais sendo questionada como algo estranho, impróprio ou pior, ilegítimo à condição feminina.

Isso não é tão improvável se considerarmos que há décadas as mulheres nem podiam jogar futebol e hoje isso não só é uma realidade, como é veiculado de maneira entusiástica

pela mídia. O decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 previa que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, e dentre os esportes vetados estava o futebol. Tal decreto foi criado durante a Era Vargas e teve vigência até 1983. De lá para cá não só elas podem jogar como também hoje o Brasil tem uma seleção de futebol feminino que participa de uma Copa do Mundo de Futebol Feminino. E não para por aí se for analisada a questão deste evento mundial ser transmitido em rede nacional, ao vivo, pela maior emissora de canal aberto do Brasil pela primeira vez em 2019. Não se pode negar que a mídia tem um papel relevante no processo de relativização das questões que, apesar de cristalizadas e aparentemente imóveis, se encontram em pleno processo de transformação. Se no passado as atletas recebiam olhares e comentários repressores, que eram mais decisivos na desmotivação de muitas delas do que o próprio decreto estatal, hoje ter esse apoio midiático faz com que as pessoas encarem o espaço ocupado pela mulher com a naturalidade com a qual deve ser analisado, mas não somente no campo dos esportes. Parece realmente se tratar de uma tendência de deslocamento, que provavelmente contaminará ou já está contaminando outras áreas, como a cultura e a religião. Toda essa transformação em menos de 4 décadas parece exemplar para refletirmos sobre a aderência das pautas feministas nesta sociedade, principalmente as que tangem a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Voltando para o contexto específico da Folia de Reis e a legitimidade da função ritual das mulheres, também é possível assistir atualmente pequenos elementos apoiadores destas mudanças veiculados pela TV aberta. Na tarde do dia 24 de dezembro de 2018, a Globo Minas transmitiu um especial de Natal chamado Dia de Reis, que enredava sobre a saga de uma moça que era filha de Mestre Folião e cresceu nesse meio aprendendo desde cedo a tocar viola e que tinha o sonho de participar do cortejo de uma Folia de Reis. Mas como era uma mulher teve de esconder sua identidade feminina por detrás de vestes masculinas para mostrar seu talento em outra cidade onde não fosse reconhecida. No final ela revela sua identidade feminina e mesmo assim os foliões aceitam a sua participação, julgando-a positiva e necessária, visto seu talento musical. Além desse especial de Natal, passava regularmente nos intervalos da programação uma propaganda sobre o que chamam de mineiridades, na qual se falava sobre a tradição da Folia de Reis em Minas Gerais com imagens que apresentam a participação feminina no cortejo. Esses exemplos não negam a existência da restrição tradicional da participação ritual da mulher na folia, mas incitam a reflexão sobre tal proibição e mostram que a mudança está em curso, não só na ficção, mas também na vida real. São

pequenas inserções midiáticas que relativizam a nível regional tal proibição, mostrando que é possível ser tradicional sem ser excludente. É possível fazer bonito, fazer bem feito, ser exemplar (entende-se que o que aparece na TV é o que foi escolhido dentre vários pela sua qualidade) com a participação ritual delas. Isso não deixa de fazer parte da rede dos pequenos avanços que no futuro reverberarão na inclusão ritual definitiva das mulheres. Pois, não há dúvida que elas desejam ampliar sua participação na folia agora e para o futuro, o que falta é sugerir tal possibilidade e mostrar que as pequenas ações que já aparecem esparsas, culminarão na transformação. Matilda assegura que não lhe falta vontade de sair na folia, o que lhe falta é uma folia feminina. Inclusive fala que a existência de um grupo feminino é bastante plausível visto que ela mesma já participou de um time de futebol, por que não de uma folia?

ABN: Como você acha que, sei lá, que seria se tivesse uma folia só de mulher?

Matilda: Ué, seria bom! Eu era a primeira a entrá (risos)!

ABN: (Risos)

Matilda: Ah eu ia sê a primera, ué! Eu adoro! Eu amo! Ia sê a primera!

ABN: E como é que você acha que ia ser? Você acha que ia ser diferente das folias que a gente tem hoje?

Matilda: Mulhé faz as coisa mais perfeita, né?!

[...]

Matilda: Mas ninguém teve interesse, né?!

ABN: Mas por que será que não tem assim? Porque hoje as mulheres fazem tantas coisas, né?!

Matilda: Faz tudo, né?! Num é tanta coisa, faiz tudo! (risos)¹³⁵

O desejo de Matilda não está longe de se realizar se depender da vontade de Regina e de outras mulheres do seu convívio que, ao contrário do que sugere Matilda, se interessam pela ideia e já vislumbram como uma possibilidade há algum tempo:

ABN: E você acha que assim no futuro é possível? Você acha que dá para existir uma folia só de mulheres?

Regina: Antes eu sempre falava isso. Eu falava assim: vamo fazê uma fulia só de muié.

[...]

Regina: Não sei quem tava falano lá tamém: “Ô Regina vão fazê uma fulia só de muié, falei vão!”

[...]

ABN: Fazer uma folia só de mulher então não teria problema?

Regina: Vai sê muito chique!

ABN: Por quê?

Regina: Eu acho! Porque não tem, né!¹³⁶

¹³⁵ Entrevista com Matilda, em sua residência, dia 13/04/2017.

¹³⁶ Entrevista com Regina, em sua residência, dia 22/06/2019.

Por outro lado, de acordo com Lúcia, já existe uma folia composta só por mulheres em Leopoldina: “eu já ouvi dizer que tem uma folia por aí de mulheres. [...] Só de mulheres! Num existe time de futebol só de mulheres, então por que num pode tê uma folia só de mulheres?! Né?!”¹³⁷ Além disso, Lúcia afirma, com esperança que não falta nada para que as mulheres possam ter uma folia somente feminina, e é interrompida no meio da frase pelo marido que intervém na entrevista retomando outro assunto, justamente no momento em que ela falava sobre a tendência de as mulheres terem uma folia feminina no futuro, ainda que seja em um futuro distante:

Lúcia: A equipe, o que pega na cabeça são as mulheres! Se cê for lá, cê vai vê! Quem pega na cabeça, prá fazê, são as muleres! O serviço pesado os home faz, fazem, mas quem encabeça tudo são as mulheres! A gente que prepara tudim... igual eu tô te falano, antes era só a participação de homens, num tinha muleres, né?! Hoje, cê vai na igreja, a maioria são quem?

ABN: São as mulheres.

Lúcia: São as muleres! Então por que que as mulheres não podem ter a sua própria folia?

ABN: É.É verdade...

Lúcia: Pode, né? Se elas tem conhecimento, tem tudo, por que que num pode? Eu acho que nós vamos ter ainda...

Tinho: A procissão vai saí lá na Serra!

Lúcia: num futuro bem, bem, bem coisa, a gente vai tê!¹³⁸

Esse episódio de *manterrupting* na entrevista da Lúcia não foi único, em outros momentos a fala dela foi atropelada pela dele. Nesse caso específico o marido utilizou como estratégia para desviar o tema da conversa, em outros momentos para contrapor a visão da esposa ou para acrescentar algum ponto que lhe parecia importante. Mas vale ressaltar que ela não parava de falar enquanto era interrompida, mas levantava o tom de voz e algumas vezes suplantava a voz do marido em favor da conclusão do seu raciocínio. Mostra que ela mantém seu lugar de saber e não se acanha, não se diminui, não muda o seu ponto de vista ou abre mão do seu lugar de fala por conta da opinião do marido. Como Maú e Cássia também reagiram com seus respectivos cônjuges, contrariando suas opiniões durante as entrevistas.

Até mesmo os pequenos avanços em direção à igualdade entre os gêneros devem ser consideradas como desestabilizadores em potencial. Foucault (2004, p. 120) analisa técnicas minuciosas, pequenas astúcias, arranjos sutis, mas com grande capacidade de difusão e que alcançaram campos cada vez mais vastos, como se tendessem a tomar todo o corpo social, asseverando sobre a construção de uma nova microfísica do poder.

¹³⁷ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

¹³⁸ Idem

Não é um poder triunfante [...] é um poder moderado, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. E são eles justamente que vão pouco a pouco invadir essas formas maiores, modificá-lhes os mecanismos e impor-lhes seus processos (FOUCAULT, 2004, p. 143).

Isso quer dizer que pequenas atitudes em conjunto já foram eficazes na proposição de mudanças permanentes, talvez até mais do que arroubos de superpoderio puderam agenciar com seus excessos triunfantes. Claro que o sucesso do poder disciplinar em questão analisado por Foucault (2004) se deve a instrumentos que não estão aqui em pauta e tampouco se há aqui a intenção de se comparar um contexto com outro, ou as atitudes dos disciplinadores em questão com as mulheres do meu campo de estudo. Mas a análise de Foucault e sua compreensão sobre microfísica de poder criam um aparato que baliza a discussão em torno da potência desestabilizadora de verdades estanques a partir de pequenas atitudes. Esse aparato mostra que negligenciar os diminutos avanços ou possibilidades de avanços pode levar ao erro de projeção para o futuro. Pois, quando se ignora um elemento pequeno no contexto da mudança pode-se ignorar um conjunto interligado deles, que teria a possibilidade de impor seus processos a mecanismos maiores modificando-os.

Por outro lado, não há como dizer que a transformação da realidade social na qual os grupos estão inseridos só alimenta a mudança em favor das mulheres. Pensando-se em promover uma, por assim dizer Folia de Rainhas, ou seja, uma folia exclusivamente feminina, como há as exclusivamente masculinas, nota-se o imbróglio criado pela realidade experimentada na contemporaneidade, até mesmo em Leopoldina, uma cidade na qual a violência ainda não se impõe de forma alarmante. Por conta dessa realidade, na qual o machismo estrutural se mostra ainda muito potente, é que Luíza apresentava sua descrença na possibilidade de existir uma folia feminina. Pois, como sair pelas noites e madrugadas sozinhas sem a proteção dos homens? Segundo a matriarca, para as mulheres é tudo mais perigoso. Ela ainda refletia que poderia existir se essa folia saísse somente pelas manhãs e tardes. Porém, isso já limitaria muito a participação de mulheres que trabalham de dia, mesmo em fins de semana, além do sol escaldante de janeiro, que impossibilitaria longas caminhadas, sobretudo para as idosas. Não há como refutar seu argumento, pois mesmo sendo um grande número de mulheres e coletivamente o perigo se torna menor, neste contexto social um grupo de mulheres ainda é mais vulnerável que um grupo de homens. Porque se pressupõe que as mulheres possuem menor força física e não vão reagir a um assalto.

Além disso, essas mulheres correm o risco de ficar mal faladas por saírem sozinhas à noite desacompanhadas de seus maridos. Podendo gerar inclusive fofoca, que determinada foliona, saía da folia e já ia para outros lados, como se diz: *o povo malda!* Pode parecer estranho, mas tal preocupação não é anacrônica ou infundada. Certa vez, conversando com uma mulher na assistência da Folia da Luíza, ela falou que adora Folia de Reis, que se pudesse ela participaria. Aí perguntei o que a impedia de participar. Ela respondeu que seu filho não ia gostar que ela saísse à noite por aí. Foucault diria que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2004, p. 118). Na sociedade patriarcal o corpo feminino passa por isso de maneira muito mais intensa do que o masculino. A fala dessa mulher demonstra que a ela não é permitido sair do domínio que a estrutura patriarcal lhe impõe, que é o privado, e se apropriar do domínio, que nesse modelo compete ao homem, que é público, ainda mais se for ao período noturno. E é relevante perceber que o poder de coibir está nas mãos de quem lhe deveria obediência e até certa subordinação, que é seu filho. Nessa sociedade o patriarcado assumiu níveis tão elevados que até um filho comete violência simbólica contra a própria mãe, sem ter consciência disso e sob o pretexto de proteção física e moral. Pode-se perceber que essa preocupação só recai sobre as mulheres, porque os foliões ninguém julga. Quando timidamente perguntei a Cássia se as mulheres da Serra se incomodavam quando seus maridos saíam com a folia sem elas e só voltavam de madrugada, ou antigamente, quando ficavam seis dias em giro sem voltar em casa, ela negou e afirmou que folia para eles era uma religião e eles a respeitavam.

Para o futuro o que preocupa é pensar que essas mulheres foram e em larga escala ainda são o veículo da reprodução dos valores patriarcais, pois a elas também compete a criação e educação dos filhos. Pode ser um alento citar que a mulher da assistência da Folia da Luíza é madura, parece ter mais de 50 anos, e isso já a situa na geração de mães anterior. E com o passar dos anos o discurso feminista vai tendo mais aderência entre as mulheres que, ainda são as maiores responsáveis pela educação dos seus filhos, e as mães atuais já deveriam educá-los de uma maneira diferente para o futuro. Porém, não é tão fácil assim subverter uma lógica consolidada e institucionalizada, com valores cristalizados e enraizados, pois a nova geração está exposta tanto ao discurso feminista quanto ao machista. E essa visão dos domínios, privado sendo feminino e público o masculino, ainda é muito forte apesar de todas as desconstruções cotidianas. É pertinente contar uma breve situação que ocorreu comigo em um dia de giro com a Folia da Maú para justificar o pessimismo a partir de um exemplo.

Estávamos conversando na porta da casa que a folia ia tocar e Maú me perguntou sobre meu marido e se ele não se importava de eu ir sozinha atrás da folia. Respondi que não e que eu até chamava para vir junto, mas ele é muito caseiro e prefere ficar a noite em casa. Uma moça que estava ao lado exclamou: “Ó! Devia ser o contrário!” Ou seja, eu sou a mulher, e de acordo com a ótica da moça eu deveria estar em casa à noite, eu deveria ser a *caseira*, a casa é o meu domínio e não o dele. Essa moça, se ainda não é, provavelmente será mãe, e o discurso patriarcal já está internalizado. Pode ser desconstruído, amenizado, flexibilizado, ou reforçado, mantido e transferido. Tudo pode acontecer, o que não pode é considerar a nova geração homogeneamente feminista e achar que ela promoverá a igualdade de gênero já para a próxima geração. Portanto, há motivos para a esperança de um futuro mais promissor dentro da esfera ritual da folia para as mulheres, mas a sombra do machismo vem de fora, e por mais que o processo de relativização seja crescente, não há como desconsiderar a força de discursos androcêntricos também no futuro.

Porém, na visão de Maú o futuro das mulheres na folia não é tão garantido assim. Maú explana que as mulheres em sua maioria não se interessam por folia. Por conta do machismo presente em seus contextos sociais não são estimuladas desde cedo a se articularem em torno das demandas do grupo nos setores ritual e das sabedorias. Interação na parte do setor onde tradicionalmente são imprescindíveis, onde os homens não querem dominar, que é a comida, que tem centralidade, mas não relevância¹³⁹. A partir do discurso de Maú é fácil notar essa divisão de funções que propõe para a folia baseado em seu ponto de vista permeado por um *habitus* do qual Gebara (2000, p. 111) fala. A autora aponta que existe uma aparente naturalidade que fixa a condição e condutas de homens e mulheres na sociedade, e que

nos leva a perceber o mundo segundo o princípio da divisão dominante, ou seja, que o mundo dominante parece ser algo natural, algo que sempre foi assim. Esse *habitus* também é responsável por uma construção social do sexo, ou, mais precisamente, por uma definição social da identidade sexual, da fixação de condutas próprias de cada sexo (GEBARA, 2000, p. 111).

Esse *habitus*, que se constrói sobre o que pode e deve ser aceito socialmente, fixa as condutas e funções de cada sexo, definindo essa identidade sexual “naturalmente” preponderante. Tal

¹³⁹ Nesse ponto se coloca uma questão que aparentemente pode se assemelhar aquela famosa pergunta sem resposta : quem nasceu primeiro? O ovo ou a galinha? O que se coloca aqui é: a comida não é um trabalho relevante na folia por ser considerado serviço de mulher, ou se tornou serviço de mulher por não ter relevância na folia? Diferente da primeira, esta pergunta tem resposta. É notório e inegável que a comida na folia tem centralidade e importância porque é o motivo da festa! A bênção da bandeira oferece fartura para a família visitada durante o ano todo. Então só restou a primeira opção: tornaram o preparo da comida sem relevância, sem ritualizações, sem investidura de saberes mágicos, invisibilizando as agentes por serem em sua maioria mulheres. Como os homens do passado não subverteram a dinâmica de gênero dos serviços trataram de torná-los menores. Mas a comida, apesar dos esforços em mantê-la na cozinha, teima em vir para a sala! Assim como quem as prepara!

preponderância se expressa na construção do discurso da foliona. Toda essa concepção construída penetra na cultura e no inconsciente social e se reproduz, trazendo a visão masculina como uma evidência justificadora do que existe (GEBARA, 2000, p. 112). Maú em entrevista aponta a impossibilidade de mulheres comporem o cortejo de um grupo, sob o seu ponto de vista:

Maú: Eu acho qui os homi tem mais, mais assim, mais vontade de cantá do que mulhé. E procê montá uma fulia de mulhé cê vai tê qui tê homi pra sê palhaço. Cumé qui brinca, uma fulia só de mulhé, e o palhaço?

ABN: Ah, mulher não pode ser palhaço...

Maú: Não... Diz qui tem umas minina aí qui sai de paiaço aí... Intão eu num sei te informá.

[...]

ABN: E as mulheres hoje sabem cantar as profecias que os mestres cantam...?

Maú: (risos) Sabe nada não, Iara! Tô falano qué difícil pá muié, é difícil!

ABN: (risos) É difícil? Por que você acha que é difícil?

Maú: É! Purque ó, igual fulia de homi, tem qui tê violão, cavaquinho, isso tudo! Qui mulhé qui vai querê aprendê isso?

ABN: Aaahhh, é mais porque elas não se interessam...

Maú: Uai! Claro qui não, uai! Num é todo mundo qui sabe tocá isso não!

[...]

Maú: Tem qui tê as proficia! Cê vai chegá numa casa aí e cê vai cantá abobrinha? Intão num tem como! Porque tem muitos fulião velho aí qui saaabe cumé qui é Fulia de Reis. Cê chega num lugar aí, vai cantá e num sabe, eles ti amarra lá cumé qui cê vai fazê prá saí? Cê tem qui arrumá um mestre qui sabe prá te tirá!

[...]

Zeze: Ô minha fia, num se rebaxa não, fala qui ceis pode!

Maú: Que pode o quê?! Pode nada! Mintira!¹⁴⁰

É possível perceber em expressões negativas em relação à possibilidade das mulheres ocuparem também cargos rituais e até do plano das sabedorias. O “sabe nada”, “pá muié é difícil”, “claro que não!”, “pode nada! Mintira!” são expressões negativas que revelam a convicção de Maú ao argumentar sobre a impossibilidade ou impropriedade de uma folia de mulheres. Seus argumentos se constroem sobre a ideia de que elas não sabem tocar instrumentos e não se interessam por eles, sobre a ideia de que não sabem cantar as profecias e que apesar de existir mulheres que atuam como palhaças, não ser muito comum. Por outro lado, a Folia da Luíza é um exemplo de que as meninas se interessam sim por aprender a tocar os instrumentos de corda também e não só os de percussão.

O mais interessante é observar a preocupação do marido da Maú em dizer para ela falar o que eu queria ouvir. E a atitude dela imperativa sobre ele de dizer o que ela quer, o que

¹⁴⁰ Entrevista com Maú em sua residência, dia 7 de setembro de 2017.

ela vive, o que ela sente e não escamotear seus sentimentos atrás de palavras nas quais ela não acredita, me falou muito mais sobre o que eu queria ouvir do que se ela tivesse sido falsa em seu depoimento. Apesar de Luíza contrariar sua opinião com suas atitudes, Lúcia com os fatos e Cássia com seu conhecimento, Maú mostrou que ela tem lugar de fala para reclamar sobre a dificuldade das mulheres dentro da folia. A partir do contexto atual que ela vivencia ela não vê possibilidade de uma mulher montar uma folia exclusivamente feminina, a partir do que ela vê no presente não vislumbra conhecimento suficiente entre as mulheres para montar um grupo no futuro. Importante ressaltar também que as próprias perguntas durante a entrevista foram fazendo com que ela revisitasse certos conceitos formados e tidos como verdades inquestionáveis para ela até então. Toda pergunta exige um pensamento antes da resposta, seja ela qual for, e a lembrança dela sobre meninas que atuavam como palhaço relativizou a sua informação primeira dada como certa, de que folia tem que ter palhaço e palhaço tem que ser homem. Se ela mesmo já disse que não há impedimento mítico nenhum que negue às mulheres atuação em funções rituais dentro da folia, até mesmo como palhaça, não há porque manter tal informação como verdade absoluta, já que ela própria desmente. Então é preciso falar sobre a atuação feminina para que as próprias contradições proferidas façam as mulheres refletirem sobre seu lugar e seu potencial e assim acreditem que outras podem ir além do que elas já fazem hoje.

É interessante notar que mesmo as mulheres da folia não sendo feministas assumidas e não tendo contato com as pautas feministas de maneira consciente, elas adotam algumas posturas que apontam para essa direção. E mesmo que digam que não, seu corpo e atitudes dizem que sim, abrindo frestas onde as pequenas podem passar. Ou seja, prepara o caminho para as mulheres da próxima geração seguirem avançando. Mas para isso devem ser preparadas desde pequenas, para alcançarem os postos aonde suas antecessoras não chegaram. O próximo assunto trata de como são preparadas as folionas do futuro.

4.2.2 Quem tem medo de criança?



Figura 29: Mãe segurando a criança no alto para que ela veja a performance do palhaço. A garotinha se diverte batendo palmas para o mascarado da Folia dos Colodino, que não lhe mete medo. Fonte: acervo pessoal. Data: 06/01/2018.

Se no passado algumas pessoas eram reticentes à inserção de crianças no cortejo, hoje elas podem ser facilmente encontradas em várias folias, desde as mais tradicionais até as mais flexíveis. De uniforme, coroa e um instrumento de pequeno porte, no meio da fila, rodeada por familiares e assumindo seu posto com a seriedade que o brincar de aprender exige, as crianças figuram entre os elementos mais fascinantes da folia. Depois que as pessoas compreenderam que o futuro da folia está alinhavado nos pequenos uniformes, as crianças passaram a não só serem aceitas, como bem vindas também, e até detentoras de certos privilégios: os almoços e jantares servidos para os Santos Reis somente os puros, ou seja, só as crianças podem ser servidas e comer antes dos foliões¹⁴¹. Também às crianças é permitido deixar o cortejo antes de a bandeira receber pouso, pelo cansaço físico e mental daqueles que não estão acostumados a passar noites acordados. Além de várias outras exigências que os foliões devem seguir, mas que são flexibilizadas em prol da participação dos pequenos. Pois para os adultos elas estão brincando e não há ainda devoção, para os pequenos brincar é coisa séria e o respeito à fé é incutido desde o berço e eles aprendem rápido.

¹⁴¹ Fiquei sabendo dessa regra de etiqueta da folia, quando sutilmente Maú me alertou sobre um equívoco cometido por mim. No dia da Entrega da Bandeira as meninas da cozinha me ofereceram almoço antes da folia chegar, e eu aceitei por estar lá desde cedo sem almoço. Maú também recomendou que eu me alimentasse, acho que por educação, e só depois que eu já havia comido ressaltou sobre o erro. Apesar da vergonha que passei pela gafe cometida por falta de conhecimento que pode ser interpretada como falta de educação, isso resalta a importância da pesquisa de campo, de passar horas junto com as pessoas. Pois se eu não estivesse por lá há muito tempo e não sentisse fome, jamais conheceria tal regra. Portanto, na pesquisa de campo até passar vergonha vale a pena.

Além de garantir e resguardar o futuro da folia, um grupo que possui crianças e mulheres é mais bem visto e se esquia de ser taxado de turma de cachaceiros ou baderneiros. Pois a presença de mulheres e crianças atrelada ao grupo masculino efetiva o caráter familiar da Folia de Reis, que por vezes se viu perdido em meio ao preconceito herdado da perseguição às folias empreendidas pelo Estado Novo com base na Lei da vadiagem. Mesmo que em Leopoldina a perseguição não tenha sido tão implacável como nos grandes centros urbanos, a má fama assombra sempre a folia do outro. O grupo do interlocutor é sempre regrado e organizado, a maioria cumpre as regras e restrições do giro e quem não cumpre é punido exemplarmente. Já o grupo x ou y pode não ter a mesma retidão moral e até cometer erros que são tidos como tabus na folia, como beber em pleno giro. Mas a folia que apresenta mulheres e crianças na sua composição já se blinda de tais acusações, pois se acredita no senso comum que a simples presença de mulheres e crianças no cortejo inibam atitudes incoerentes com o caráter familiar da manifestação. Interessante notar como a figura da mulher está atrelada quase que de maneira indissociável à figura da criança que juntas evocam a ideia de família, que não deixa de ser a estrutura central da manifestação.

Como já visto no decorrer desta pesquisa e explicitado em entrevistas, as mulheres começaram a marcar presença mais efetiva no cortejo ou em torno dele através das crianças. Para a criança ver o pai tocando a mãe acaba levando. Como o menino imita o pai, tio, padrinho, primo, se faz uma miniatura do uniforme e o insere de verdade no cortejo. Assim, a mãe acaba seguindo também. Dessa forma, mais uma vez as mulheres se utilizaram de uma tarefa que lhe é atribuída pela estrutura patriarcal para se inserirem em um ambiente onde tal estrutura não lhes garante espaço e legitimidade *a priori*. Ou seja, se a criação e cuidado com os filhos e com a família são suas atribuições de acordo com a perspectiva patriarcal, elas devem estar atentas e segui-los onde quer que estejam, mesmo que para isso tenham que se inserir na esfera demarcadamente masculina para não abdicar de suas funções primordiais. Diante disso, se para isso for preciso seguir a folia no espaço público, ela se apropria dele e assim garante sua participação. Com isso, sua legitimidade enquanto cuidadora assegura que sua presença seja não só tolerada como desejada. Através dessa abertura, as meninas, crianças e jovens, acabaram entrando, sem o caráter de cuidadoras, mas como legitimamente folionas. É sobre a preparação delas que este item precisa se ater.

O que se pode notar nas folias é que quando nasce uma criança do sexo masculino já se cria na família uma aura em torno do bebê que se assemelha a uma obrigação, um destino previamente traçado: esse vai ser folião. Diferente de quando nasce uma menina. Nas folias

mais abertas à participação feminina na esfera ritual, cria-se uma possibilidade de escolha dos pais e da vontade da própria criança em participar ou não. Já nos grupos onde a participação ritual feminina é problematizada ou ponderada, quando uma menina expressa o desejo de ser incluída no cortejo se criam as incertezas e motivos às vezes infundados ou influenciados por perspectivas machistas que protelam a entrada da menina. Se ela realmente quiser e persistir na ideia, com sorte, iniciará na função de bandeireira. Nas folias onde as mulheres são vetadas de assumir funções rituais, até há a possibilidade de participação de meninas no ritual, porém de maneira informal, não oficial, encarada só como brincadeira infantil, sem que a pequena seja incentivada. Ou seja, mesmo que a criança brinque de repetir os versos com os cantadores ou que imitem os foliões com algum instrumento de brinquedo, as gracinhas são incentivadas apenas com sorrisos ou com inofensivas lições, que de nenhuma maneira devem ser colocadas em prática pela menina no ritual do referido grupo. Nem um uniforme aquela criança ganha, para que a brincadeira não lhe pareça realista demais. E a questão do uniforme e coroa infantis são cruciais para que a criança se sinta parte integrante do grupo, se perceba como igual, se sinta incluída e acolhida por seus pares. Se na esfera infantil o uniforme faz com que a criança se identifique como parte daquele coletivo, para os adultos ele também é pleno de significados. Algumas folias proíbem seus foliões de entrarem em bar vestidos com o uniforme da folia, tamanha a carga simbólica da vestimenta. Ou seja, não se pode associar o grupo com bebidas durante o giro. Já assisti dona de folia chamar a atenção de foliões que não estavam devidamente uniformizado mais de uma vez, e um mestre ficar aborrecido porque os outros representantes diretos dos Reis Magos (mestre, contramestre e um cantador de frente escolhido), não aceitaram usar o uniforme diferenciado (jaleco comprido com 3 cores diferentes do resto do grupo) para se destacarem enquanto Belchior, Gaspar e Baltazar.

Os exemplos citados acima de fato são encontrados no contexto social pesquisado. Na família de Luíza, a filha de Andréia em fins de janeiro de 2019 deu à luz a um menino. No facebook surgiram as felicitações, parabenizando a nova mamãe. Dentre as mensagens afetivas, me chamou a atenção a do mestre da folia que concluiu: nasce mais um folião. Ou seja, é o desejo do mestre, e também de toda a família, que ele se insira no grupo e essa vontade será cultivada também na criança desde cedo, porque já está quase predestinado para isso. A filhinha adotiva de Luíza (que agora está sob a tutela de Andréia), quando a matriarca era viva, estava sempre de uniforme participando. No meio da noite caía no sono e Luíza a levava no colo, não importava onde, nem por quanto tempo, mas não saía em giro sem a pequena. Trazia mamadeira, chupeta e fraldinha na bolsa e ficava por horas com ela no colo.

Isso caracteriza uma atitude de incentivo, de não medir esforços para que a criança tome gosto pela folia e cresça nesse meio aprendendo e participando. No giro de 2019, já não a vi seguindo o cortejo, pois Andréia sua responsável, também não seguiu. Na Folia da Maú sua netinha seguia seus passos na função de coroar e descoroar os foliões nos rituais de abertura e encerramento do giro respectivamente, enquanto isso já ia assimilando como manipular a bandeira para oferecer a sua bênção aos participantes, como faz a avó. Seguiu o cortejo uniformizada desde muito cedo, como a filhinha de Luíza. Também caía no sono no meio da noite e sua mãe seguia com a pequena no colo. A interrupção de seu aprendizado e preparação para ser uma foliona no futuro se deu quando a mãe fez o trânsito religioso para uma igreja evangélica e proibiu a menina de seguir o caminho da avó. E mesmo que não proibisse, sua presença já seria automaticamente subtraída pela ausência da mãe. Já na Folia dos Colodinos, a filha de Aurélio manifestou desde novinha seu interesse pela folia, mas segundo ele, segurou sua participação até este ano, quando completou 12 anos, e pôde assumir a função de bandeireira, como já fizera sua tia Sara no passado, que assumiu o cargo quando jovem. Por outro lado na Folia da Serra a participação de uma menina de 2 anos foi motivada somente por 1 ano. Foi incentivada pelo avô folião em nível de brincadeira e tolerada pelo grupo pelo mesmo caráter. Cássia conta que no giro de 2016, a garotinha acompanhou o cortejo, cantando e tocando um cavaquinho:

Cássia: Tem a netinha do Pedrim, ano passado ela tava com 2 aninho. Aquela lá num vai sê fácil, assim, se num mudá, né?! Ela deu calo no dedo de tocá cavaquinho no meio da fulia! E ela canta fulia! Ela canta! Cê precisa vê que gracinha!

ABN: Com 2 aninhos?

Cássia: 2 aninho! O Pedrim fica ensinando ela, cê tem que vê como ela canta: ela estufa o peitinho, que ela canta que a veinha do pescoço cresce! Deu calo no dedim! [...]

ABN: E tinha uniforme?

Cássia: Não! Tinha não!

Naldo: Mas vai tê!

Cássia: Ele diz que vai fazê esse ano!¹⁴²

À medida que a menina foi crescendo e tomando consciência, lhe foi vetada a brincadeira. Mas o que pode parecer uma brincadeira para os adultos, as crianças encaram com seriedade, pois para elas a brincadeira é uma realidade lúdica e não como algo que não deve ser levado em consideração. É onde elas aprendem a viver, reproduzindo o que os adultos do seu grupo social fazem. A arte educadora Sônia Carbonell Alvares (2012, p. 39) acrescenta: “o sentido das brincadeiras infantis é sério. Mesmo quando ‘fazem de conta’, o fazer imaginativo é um

¹⁴² Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

fazer real, é um testar, um explorar certas situações. São ensaios. O ‘brincar’ deve ser entendido como ‘experimentos de vida’”. Se forem incentivadas, como a menina parece ter sido pelo avô, que a inseriu nesse contexto à revelia da restrição de gênero que circunda o cortejo da Folia da Serra, seguem em frente, aprendendo cada vez mais. Se por outro lado, em algum momento forem tolhidas ou desencorajadas por comentários ou atitudes que vão ao encontro do discurso de exclusão feminina na folia, começam a absorver tal discurso naturalizado, que passa em algum momento a assumir a forma e o peso de uma identidade, que é “o resultado de uma bem-sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito ao fluxo do discurso” (HALL, 2000, p. 112). Talvez por isso Lúcia sinalize a impossibilidade de inclusão da mulher dentro do cortejo da Folia da Serra em um futuro próximo. Desconsidera a atuação do folião sobre a neta, provavelmente por acreditar na reversibilidade dessa situação, como de fato ocorreu. O oposto, a identidade masculina firmada nesse contexto, passa pela diferença nítida da participação dos meninos no cortejo. A inserção dos pequenos não só é incentivada através dos ensinamentos dos mais velhos, como também recebem o uniforme completo e compõem o grupo em todas as visitas e eventos que contam com a participação da Folia da Serra, enquanto as meninas são, na maioria das vezes, excluídas:

Cássia: eles ensina as criança, os minino, cê vê... (risos) cê vê que eles num querem mesmo, né?!

ABN: (risos)

Cássia: Porque eles pega os minino e ensina, mas nunca ensina uma minina, né?! Igual eu tive, a Rosângela teve... a Lúcia teve minino! A Lúcia tem minino! Aí o dela foi ensinado!

[..]

Cássia: eles nunca pegaro “ah, vamo Naiara!” Esse aí nunca falô “Vamo, Naiara, fazê isso?” Esse aí toca violão na fulia! Nunca chamô a Neila prá ensiná ela tocá violão, prá ela tocá na fulia! Então num pode, ou num querem, né?! [...] Acho que num qué, num qué!!!¹⁴³

Comparando a inserção das meninas nos grupos pesquisados pode-se notar como se dá a preparação delas para o futuro e como os imprevistos podem interromper ou alavancar tal processo. Trânsito religioso e morte das mães podem ser fatores refreadores, como no caso das pequenas da Folia da Maú e da Luíza, mas a vontade e persistência da própria criança podem permitir sua inclusão. É válido dizer que a vontade da mãe para que a menina participe do grupo é preponderante para que ela siga. Diferente do menino, pois sua participação é quase imposta à revelia da vontade da mãe, se a criança for de família de folião. Como um dos palhaços de Luíza, seu neto, que seguiu em giro durante o último ano da matriarca à

¹⁴³ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

frente do grupo. Rindo ela falou com seu neto, que já estava vestido com a farda de palhaço, máscara e capacete nas mãos: “Sua mãe tá sabendo que cê tá aqui? Deixa ela ficar sabendo...”

Interessante observar as funções desenvolvidas pelas crianças. Na Folia da Luíza, se a matriarca não tivesse falecido, sua filhinha poderia escolher onde gostaria de atuar e certamente seria encorajada por Luíza a tocar o instrumento que mais lhe agradasse, começando pelos de percussão e de pequeno porte como todas as crianças, passando posteriormente às cordas, se fosse do seu desejo. Como Luíza procedia com suas netas, não seria diferente com sua filha. Na Folia da Maú, a pequena oferecia suporte à avó nas funções rituais desenvolvidas por ela, aprendendo por imitação. Por isso, não seria incentivada a aprender a tocar um instrumento, mas se fosse de sua vontade mais tarde, mesmo não sendo incentivada desde cedo, creio que Zezé se encarregaria pelo ensino. Na Folia dos Colodinos, como anteriormente já havia tido uma mulher na função de bandeireira, a filha do folião assumiu a mesma função. Percebe-se que a inclusão feminina nas folias atualmente segue na reprodução do que já existiu. Se no passado os Colodinos foram inovadores ao estabelecer a inclusão de uma mulher na função de bandeireira, hoje não ousaram em seguir na inovação e mantiveram o modelo. Se no passado Maú subverteu a ordem se tornando a dona do grupo, com a netinha estabeleceu a inclusão a partir da imitação das próprias funções. E na Folia da Luíza, as netas seguiram o exemplo de Dona Antônia e Regina, cunhada e amiga da Luíza, mulheres mais maduras que tocam instrumentos de percussão na folia desde o seu surgimento. Neste caso, a inovação seria se as meninas continuassem seu aprendizado nos instrumentos de cordas como Luíza havia anunciado. Mas o que se conclui é que realmente há uma facilidade de aprendizado quando há um exemplo a seguir, do que se incluir ou ser incluída, de maneira inovadora como Maú, Luíza, Regina, Dona Antônia e Sara fizeram.

Nota-se que cada folia estudada está em um nível diferente de inclusão feminina, sobretudo de meninas. Enquanto a Folia da Serra não permite a inclusão feminina, de qualquer faixa etária, a Folia dos Colodinos faz a reedição da participação da bandeireira, nos mesmos moldes da anterior, menina jovem e não pequena, portando o objeto sagrado. Enquanto isso a Folia da Maú permite a inserção ritual de mulheres que tocam instrumentos, mas a netinha pequena segue os passos da avó. E na Folia da Luíza, há a inserção por meio do modelo, mas há também a progressão por meio do incentivo para as meninas ascenderem na hierarquia do grupo por meio da aprendizagem dos instrumentos de cordas.

4.3 As sabedorias: o poder nas mãos de quem?

A esfera dos saberes, formada pelo conhecimento das Profecias e das sabedorias utilizadas na resolução de problemas espirituais no giro, nas rezas específicas para expulsar, combater ou aplacar enfermidades ou simplesmente o recebimento da carga de energias positivas promovidas pela Bênção da Bandeira nas casas visitadas, pode-se dizer que é o setor entendido como de essência da manifestação. A essência seria o núcleo duro, o que se mantém, caso contrário, perde-se a função última da Folia de Reis e torna-se apenas um ato performático artístico, um rito estético sem função devocional, esvaziado de significado sagrado. Porém, dizer que se mantém não significa dizer que não há modificações. Significa que enquanto existir Folia de Reis como uma manifestação popular complexa, exposta em sua plenitude, caracterizada pela interação harmônica de suas esferas cultural, artística e devocional, a reserva dos saberes estará ativa, embasando a prática ritual. Dessa forma, as mudanças que ocorrem nessa esfera com o passar dos anos podem ser ampliadas, alguns elementos substituídos, reinventados e até ressignificados, mas jamais perdidos, esquecidos ou negados. A mudança é a condição permanente de uma manifestação cultural que se quer perene. Essencial e importante fonte de renovação, os deslocamentos garantem a estabilidade da manifestação quando driblam percalços, superam adversidades de toda ordem, tendo como progenitora a criatividade popular. Por isso, transformação e futuro são elementos indissociáveis nesse contexto. As sabedorias, que tornam legítima a ação ritual na folia, não poderiam se manter estanques em um contexto mutante por excelência, para não correrem o risco de abandonar a folia em um futuro puramente performático ou mercadológico. Caso contrário, a folia se tornaria um mero produto folclórico exótico regional, para ser consumido com o saudosismo do que não é mais, em feiras ou eventos turísticos. Portanto, o que deve se manter imutável para o futuro é o seu caráter popular, cultural e devocional, que sustenta sua essência. Pelo andar dos deslocamentos já promovidos e sentidos na esfera dos saberes, o futuro da folia se desenha nesse sentido.

Porém, o que precisa ser analisado é em que direção apontam as mudanças que garantem esse futuro. Apontam para o lado da ampliação da inserção das mulheres neste campo ainda protagonizado majoritariamente pelos homens? Ou será que essa exclusividade masculina, que hoje já é atacada e perde paulatinamente a hegemonia, pode ser requerida a todo custo? Algum mestre compartilharia seus conhecimentos com uma mulher de sua confiança? Ou elas teriam outra fonte de conhecimentos que não passaria pela boa vontade ou generosidade masculina? Eles serão capazes de prepará-las para o cargo maior na hierarquia da folia? Ou elas deverão procurar outros meios para se proteger espiritualmente e oferecer

proteção ao seu grupo? E o palhaço, poderá ser uma mulher? Poderá uma mulher ocupar a retaguarda da folia e conhecer os meios de proteger o grupo? As respostas serão cogitadas de acordo com os deslocamentos ocorridos nesse setor. As mudanças aqui são tão relevantes quanto nos outros setores, projetando também um futuro modificado. Mas suas alterações não são tão visíveis quanto no setor ritual, que é por excelência, visibilidade, nem tão sentidas de forma efetiva pelas mulheres, como no setor dos serviços, onde finalmente são compreendidas em sua importância basilar. Lembrando que os elogios, agradecimentos e reconhecimento dos serviços prestados tem uma dubiedade, que aciona movimento e estagnação. Pois ao mesmo tempo em que as ações de reconhecimento enchem as mulheres de orgulho e tendem a mantê-las naquele lugar de subserviência, acenam que os homens estão se dando conta de que o lugar delas não é exclusivamente aquele e que elas podem deixá-lo sem pesar e galgar postos de maior reconhecimento e visibilidade. O contexto atual já lhes assegura plausibilidade em qualquer setor, inclusive com atuação misticamente autorizada. Fazendo então um balanço dos capítulos anteriores, articulando passado e presente, alertando para as mudanças mais proeminentes de lá para cá, e compreendendo seu percurso, o futuro se esboça com maior nitidez.

Importa lembrar que perigos de origem natural ou sobrenatural são evitados e resolvidos através desses saberes. A priori, somente os mestres detêm o conhecimento das Profecias e dos saberes dos segredos. As Profecias fazem parte do leque de conhecimento intelectual e necessitam da capacidade de memorização de ampla gama de versos. No passado ampliar a cada giro o conhecimento delas era uma preocupação dos mestres, pois dentro do que se podia fazer no plano natural para se vencer um Encontro de Folia de maneira lícita, sem apelar para a manipulação do plano sobrenatural, era investir na sabedoria das palavras. Mesmo que o mestre fosse analfabeto ou pouco letrado, as Profecias estavam seguras na mente. Os cadernos, geralmente escritos pelas filhas dos foliões detentores desse saber e ávidos pela ampliação dele, ainda hoje guardam esses segredos. E mesmo que na atualidade não faça mais sentido guardá-los longe dos olhares dos rivais, pois os Encontros de folia felizmente deixaram de existir, ainda hoje se hesita a sua divulgação. Como ocorreu na visita a Cássia quando me mostrou o caderno que ela e a irmã escreveram com as Profecias de seu pai e que seu marido impediu que eu fotografasse. Eu pude ver e pegá-lo, mas seu registro não foi autorizado por ele. Interessante notar que não foi a dona e responsável pelo caderno que vetou o registro, muito pelo contrário, ela o interpelou questionando qual problema teria que

fosse fotografado já que hoje todo mundo grava a apresentação da folia e quem quiser pode ouvir e copiar. Mas mesmo com sua argumentação contundente e racional, ele não permitiu.

Seu veto pode partir de 3 vias: a primeira, a falta de confiança em mim, uma pessoa que conhece há poucos anos, tempo insuficiente para ter acesso a uma parte importante das Sabedorias do grupo. A segunda, que está ligada intimamente à primeira, é movida pelo costume, pelo hábito, pelo o que sempre foi assim. Nunca se abre para uma pessoa de fora da família as Sabedorias da folia. E na Folia da Serra eles evitam mudar os costumes, mesmo que não façam mais sentido, ou que não tenha mais um propósito lógico manter a restrição, ou melhor, até pode ser mudado, mas demanda tempo. A terceira via de impedimento se liga à segunda nesse sentido, de que toda mudança precisa de tempo de reflexão a partir de um questionamento. Pode ser que o referido folião tenha se deparado pela primeira vez com a reflexão proposta por Cássia. Talvez ele nunca tenha pensado que hoje, com as tecnologias atuais, qualquer um que grave a apresentação com um celular pode ter acesso aos versos. A figura do espião de folia não se sustenta mais. E as visitas corriqueiras, a princípio, não precisam contar com uma quantidade exorbitante de versos como um Encontro de Folia exigia no passado. Como toda mudança nesse contexto exige tempo e reflexão, sua atitude foi movida pela cautela. Portanto, ele não cederia ao questionamento da esposa assim de repente, ou não queira ter assumido que nunca tinha pensado por esse ângulo. E Cássia, apesar de não concordar com a opinião do marido, respeitou. Não de forma submissa, mas para não criar um mal estar.

A atitude do folião, interligada pelas 3 vias de restrição, aponta para o posicionamento do grupo como um todo. A Folia da Serra se lança no futuro presa no passado. Ninguém duvida que a Folia da Serra se mantenha forte e coesa por longo e indeterminado tempo. Ela tem base para manter-se no futuro, a nova geração já está inserida, o grupo é o mais conhecido e respeitado por ser bicentenário, tem uma rede importante de apoiadores, até pela importância e visibilidade do grupo em Leopoldina e região. Por isso, ele não enfrenta os problemas como aquele solucionado por Maú quando assumiu sua folia. A Folia da Serra nunca fica sem direção. Na verdade é quase um cargo vitalício, enquanto vida o mestre tiver ele será mestre, enquanto disposição o dono tiver ele será dono, e em caso de falecimento ou falta de condições de o dono permanecer no cargo, já tem outros foliões maduros e prontos para a substituição. Portanto, suas atitudes e visões ligadas ao passado não impedem que se invista no futuro e que os saberes oficialmente permaneçam nas mãos dos mestres.

Por outro lado, extraoficialmente muitas mulheres da Serra também detêm tais saberes. Cássia e sua irmã, por exemplo, detêm tal conhecimento aprendido com seu pai e organizado em um caderno. Ainda sabem todos os versos e a netinha do folião, também já está aprendendo e até recitou alguns quando a conheci, mesmo que não componha oficialmente o grupo. As mulheres já se inseriram na esfera do saber de maneira extraoficial, mas através de uma via legítima que era a função de auxiliar o mestre, o pai analfabeto, na memorização dos versos. Ou seja, estão preparadas e servem de exemplo e fonte de aprendizado para a próxima geração de meninas que se interessem por este conhecimento. Portanto, se as mudanças nesse contexto dependem de tempo após um questionamento feito, o primeiro passo já foi dado. Todas as dissonâncias em relação à postura de negação taxativa da participação feminina nas esferas de poder da folia, por parte da Folia da Serra, se mostram não como possibilidade de relativização futura da cosmovisão deste grupo, mas como efetiva relativização da mesma já no presente. “A relativização ocorre, pelo menos minimamente, quando alguém se comporta visivelmente de maneira diferente daquilo que o outro aceitava normalmente como sendo o comportamento apropriado” (BERGER, 2017, p. 23). Sendo assim, a netinha do folião com sua atitude questionou de maneira não verbal e relativizou a estrutura predominantemente masculina do cortejo da Folia da Serra. Eu questionei a mesma estrutura através das perguntas feitas nas entrevistas realizadas com as mulheres na presença dos maridos, e nesse sentido “a relativização se intensifica se o desafiador verbalizar o desacordo” (BERGER, 2017, p. 23). A participação de mulheres no cortejo de outras folias tradicionais da zona rural e urbana com quem os grupos exclusivamente masculinos (Folia da Serra principalmente) estabelecem contato nos eventos, como o Festival de Folia de Reis das Palmeiras, também relativiza tal postura androcêntrica de forma silenciosa, mas não menos perceptível. Pois “qualquer interação ampliada com outros que discordam da cosmovisão de alguém relativiza esta última” (BERGER, 2017, p. 22). É de uma ausência de relativização de uma visão cristalizada de grupo essencialmente masculino que Lúcia e Cássia falam quando admitem que as mulheres ainda não criaram uma folia exclusivamente feminina por falta de se refletir sobre tal possibilidade e não por falta de sabedoria:

ABN: Assim, mas esse negócio ainda das mulheres não terem, é mais por causa das profecias, ou não?

Lúcia: Eu acho que não! Acho que elas teriam a condição de, de aprender e fazer ...

[...]

Lúcia: eu acho que é exatamente porque ela ainda num...[fala lenta, divagando sobre o assunto de maneira reflexiva] ainda, né? Num parô prá pensar que elas podem...

ABN: Ah entendi! Elas ainda não pensaram nessa possibilidade...

Lúcia: De repente, eu acho que é isso: de poder! Então o que que tá acontecendo? As mulheres tão se infiltrando dentro das folias de homem.

[...]

Lúcia: Igual essa mulher que saiu na Folia do Nenenciano, ela é, ela sabe as profecias. Ela cantô! Ela saiu, ela sabe!

Tinho: E lá acompanhô umas 4 mulher!

ABN: É???

Tinho: É! 4 mulher!

Lúcia: É, a filha dela já fazia parte!

Tinho: Qué dizê, 4 mulheres pá... né... aí bota mais uma, 5, 6, 7 mulé, que dizê, toma conta! Vai tomando parte da folia. É aí onde pode acontecer! Na nossa não! Mas nas outras!¹⁴⁴

Cássia também indica a mesma perspectiva quando questionada sobre porque as mulheres não criam uma folia feminina:

ABN: É por que as mulheres não se interessam por isso, ou por que nunca ninguém ensinou, assim?

Cássia: Olha, eu acho que num é nem uma coisa nem outra! É porque nunca viu! Nunca teve, né?!

[...]

Cássia: toda vida, desde que fundô foi assim e é assim até hoje!

A imutabilidade das coisas faz com que muitas mulheres não vejam isso como algo factível, como possibilidade real. Nunca foi falta de sabedoria, de conhecimento das profecias, de interesse, de conhecimento musical, pois tudo isso pode ser aprendido, como aponta Lúcia, e a partir de diversas fontes. O ponto central, que fez Matilda pensar que nenhuma mulher ainda teve interesse, desmentida por Regina, que já propõe isso há tempos, é a falta de um contexto social favorável que encoraje mulheres autônomas, líderes natas, a cogitarem tal possibilidade. E depois de cogitarem, se lançarem no projeto com o afinco, com a mesma dedicação que muitas delas conduzem os grupos masculinos. A falta do contexto favorável dificulta a germinação das ideias. Pois se a ideia vingasse, certamente elas trabalhariam para que os grupos femininos tivessem a mesma credibilidade dos masculinos. Aqui, não posso deixar de parafrasear Maú insistindo na ideia de que para mulher tudo é mais difícil, mas talvez por isso compensem a desconfiança com maior empenho, para mostrar a sua competência, se dedicam ao máximo e mantêm todas as esferas do grupo sob sua supervisão. Como as netas de Luíza cantavam alto os trechos das profecias, para mostrarem seu conhecimento, as mulheres podem todas juntas mostrar que são capazes. Para isso, basta começar. A semente foi lançada, e mesmo que o solo não seja lá dos mais férteis, é possível e vale a pena tentar cultivar na nova geração o gosto pela manifestação. Então, enquanto a folia

¹⁴⁴ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

processa os questionamentos e consequentes relativizações sobre a possibilidade de inclusão das mulheres nas esferas de poder da folia de forma oficial, as crianças vão sendo preparadas, as meninas nem sempre de maneira intencional, mas na brincadeira. Mas como meninas e meninos brincam juntos também aprendem juntos.

Assim, relativizações seguem seu curso natural rumo às desinstitucionalizações e posteriormente às reinstitucionalizações, como um devir cíclico. As relativizações enfraquecem as certezas com as quais os seres humanos já estavam habituados a viver dentro de uma zona de sentido confortavelmente inquestionado. Tais certezas fragilizadas abrem possibilidade para o desmonte de instituições que pareciam firmes e perenes. Dessa forma, pode-se pensar para o futuro da folia uma desinstitucionalização cada vez mais efetiva da estrutura androcêntrica que ainda rege parcela importante dos grupos, visto que os feminismos ganham cada vez mais espaço em contextos sociais diversos, presentes nos discursos e atitudes cotidianas, desde as mais despretensiosas até as mais militantes. Inclusive, segundo Berger (2017, p. 31-32) “foi o feminismo de recente linhagem que reduziu a área do dado-como-certo e possibilitou – na verdade, obrigou – os indivíduos a fazer escolhas”. Tais escolhas surgem como típicas consequências das desinstitucionalizações, pois se a instituição não abre possibilidade de dúvida pela imposição inquestionável do dado-como-certo sobre os indivíduos nascidos e criados imersos em uma estrutura institucionalizada, o seu processo de desconstrução dá ao indivíduo opção de escolha diante das situações que, de agora em diante, vão suscitar cada vez mais questões. Berger (2017, p. 32-33) assevera que a princípio o desmonte de uma instituição provoca um estimulante sentimento de liberdade que permite o desfrutar da superação de velhas repressões. No entanto, o que vem depois desse encantamento pela libertação é uma inquietação por falta de uma guia confiável que defina os limites do agir. Ou seja, surge um sentimento de saudosismo das velhas imposições institucionais, que não ofereciam o direito de escolhas visto que elas geravam apenas uma via a seguir. Onde não há espaço para dúvidas não há espaço para escolhas, só se escolhe um caminho quando há duas ou mais possibilidades apresentadas. O que provoca uma nova institucionalização. Esse processo cíclico é explicado por Berger (2017, p. 32) que apresenta a segunda fase, o desencantamento pela liberdade, da seguinte maneira:

Depois de algum tempo, contudo, a vertigem da libertação abre caminho para uma inquietação crescente. É como se não houvesse chão para se manter; nada é certo, e não há guias confiáveis para dizer como se deveria viver. Agora se busca uma nova libertação, uma libertação da antiga libertação que abolira as velhas coações institucionais. O que segue tipicamente é a reconstrução de instituições, sejam elas antigas ou novas.

Diante desse panorama que se mostra como uma previsão de futuro, mas na verdade parte de uma observação do passado, pode-se pensar que não há uma perspectiva de um futuro próspero para as mulheres na Folia de Reis em relação à sua atuação efetiva nas esferas de poder. Não parece razoável descredibilizar uma proposta sociológica bem fundamentada em estudos e procedimentos de permanente observação, como a de Berger (2017) em prol de uma visão otimista. No entanto, não há incompatibilidade nenhuma entre a proposta de desinstitucionalização e reinstitucionalização apontada pelo autor e a perspectiva otimista da mulher no futuro da folia. A partir de fatos recentes, que podem ser comprovados empiricamente, pode-se afirmar que o relatado pelo autor de fato acontece na folia e, o mais interessante, apontando para um avanço ao encontro das perspectivas feministas. A folia institucionaliza o que nasce como uma consequência da desinstitucionalização. A estrutura androcêntrica institucionalizada da folia é ratificada e incentivada por uma estrutura social patriarcal igualmente institucionalizada. Aliás, a primeira nasce no seio da segunda e tem aderência no seu contexto de atuação atrelada ao poder de legitimação da segunda. Portanto, era institucionalizada a exclusão feminina de todas as esferas de poder e visibilidade da Folia de Reis, porém com sucessivos questionamentos e relativizações, paulatinamente essa estrutura androcêntrica da folia foi se desinstitucionalizando e as mulheres passaram a ser incluídas cada vez mais na esfera ritual e se inseriram na esfera dos saberes. A partir daí, a folia se reinventa institucionalizando a participação feminina com a narrativa mítica das Três Marias, com a ressalva de que elas poderiam seguir, mas quem tinha o poder de adoração eram os foliões representantes dos Santos Reis. Dessa forma, pode ser aferido que nesse cenário a desinstitucionalização de uma ordem é seguida por uma nova institucionalização de outra ordem. E ciclicamente essa nova institucionalização pode ser destituída excluindo a ressalva como modo de incluir institucionalmente a mulher na esfera dos saberes. Adorar era o objetivo principal dos Reis Magos ao partir em jornada ao encontro do Salvador. Nesse sentido o poder de adoração aqui pode ser compreendido como o objetivo central da Folia de Reis ao sair em jornada, ou seja, em giro. O objetivo da folia é levar a bênção da bandeira às casas visitadas, com ela aplacar enfermidades, promover a fartura e levar o pedido dos devotos aos Santos. Se fazer o bem é o objetivo da folia em giro esse é o seu jeito de adorar, levando seu presente maior às casas visitadas, que é a bênção da bandeira. Portanto, já vem sendo questionada a ressalva, pois nos grupos liderados por mulheres quem oferece a bênção da bandeira nos rituais solenes são as donas, e os grupos que contam com a participação da bandeira, quem porta o objeto sagrado e passa pela casa com ele oferecendo à bênção é

uma mulher. Portanto, pode-se esperar uma nova desinstitucionalização, que já está em curso inclusive.



Figura 30: Bandeireira da Folia dos Colodinos. (à esquerda). Fonte: arquivo pessoal, 05/01/2019



Figura 31: Maú oferecendo a Bênção da Bandeira ao seu filho (à direita). Fonte: arquivo pessoal, 20/01/2013.



Figura 32: Luíza com a Bandeira de sua folia à frente do grupo. Fonte: facebook

Não se pode é ser ingênuo e supor que esse processo seja fácil ou harmônico e que a destituição de um poder hegemônico se dá naturalmente numa sucessão de rupturas sem resistência. Os discursos, que marcam identidades definidas, são produtos históricos e institucionais de contextos específicos que são permeados por jogos de poder. As identidades

emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma 'identidade' em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2005, p. 109).

Dessa forma, uma identidade consegue se afirmar a partir da repressão daquilo que a ameaça, a partir do estabelecimento de uma hierarquia que tende a diminuir tudo que é próprio do

outro, do termo excluído, pois é a partir da relação com aquilo que não é, é que a identidade pode ser estabelecida (HALL, 2005, p.110). Hall (2005, p.110) trabalha com a ideia de exterior constitutivo, mostrando que as identidades só podem ser construídas por meio da diferenciação. Mas essa oposição sistemática ao outro, essa unidade da identidade proclamada a partir da exclusão do outro, essa diferenciação ostensivamente demarcada entre o sujeito e o outro, promovem não um terreno seguro onde a identidade repousa com sua estabilidade perenemente assegurada. Muito pelo contrário, Hall (2005, p. 111) ratifica que essa característica própria das identidades de só poderem ser constituídas na diferença, conseqüentemente faz emergir a instabilidade, provocada pelo que deixou de fora, pelo que excluiu e rejeitou como o que é peculiar do outro.

As mulheres ocupando a posição do outro, estão sempre provocando a instabilidade, por serem deixadas de fora, em um contexto em que a estabilidade move tudo. O desejo de estabilidade na folia é a mola propulsora de toda a sua engrenagem. Para que as esposas não impedissem ou dificultassem a participação dos maridos, puderam seguir o cortejo da Folia da Serra acompanhadas dos filhos; para que o grupo não acabasse, Maú, uma mulher, pôde tomar a liderança; para que a Folia da Luíza seguisse seu roteiro da noite de maneira tranquila com o retorno da normalidade, Regina pôde intervir. Todas essas omissões dos homens diante das atuações femininas denotam que a estabilidade é mais importante até que a restrição do gênero dentro da folia. Então o caminho por onde as mulheres trilham seu futuro nesse espaço hierarquizado e de disputas latentes de poder, é justamente onde sua atuação não é interceptada. Obviamente que cada contexto permite uma ação compatível com o nível de unidade proclamada pela identidade em questão, mas em todos eles as mulheres agem e promovem seus avanços, que não serão refreados para o futuro.

Além do conhecimento das Profecias e da participação no cumprimento do objetivo da folia, onde já é percebida a atuação das mulheres, há que se considerar também sua agência na resolução de problemas de ordem sobrenatural nos giros. Já foi dito no capítulo 3 sobre a atuação de Regina na resolução desse tipo de problema na ausência de Luíza. Isso só vem reforçar a ideia de que a mulher não só tem a possibilidade de acessar as sabedorias, que se pensava estar só sob a tutela dos mestres, como já acessa sem passar pela autorização deles ou ter o seu acesso conduzido por eles. O seu aprendizado se deu por outra via. Nas religiões de matriz africana se obtém um ambiente facilitador do aprendizado feminino, pois nesses locais as mulheres têm acesso irrestrito e tradicionalmente o seu lugar de destaque e liderança é consagrado. Os saberes ali compartilhados entre as mulheres lhes deu possibilidade de

gerenciar o plano espiritual com a mesma desenvoltura do mestre homem, e talvez até melhor, dependendo da habilidade e experiência da mulher com a religião em questão. Apesar de atualmente os homens estarem ganhando força nesses espaços e pesquisadores, como Nilza Lagos (2012)¹⁴⁵, já discutirem a crescente dinâmica de masculinização das lideranças sacerdotais nas religiões de matriz africana ao longo do século XX, ainda assim a atuação feminina nesses espaços continua preponderante. As contribuições de Edson Carneiro (1978) e Ruth Landes (1967) sobre o poder feminino nos terreiros, sua importância na organização e no surgimento das religiões afro-brasileiras, assim como seu papel definitivo na manutenção das tradições e práticas religiosas não podem ser negligenciadas. O crescimento masculino nessas religiões é explicado em parte pela mudança de contexto social dessas religiões na atualidade¹⁴⁶. Hoje, o homem negro não ocupa mais a mesma posição na sociedade, e tão pouco hoje tais religiões só são cultuadas por negros. Dessa forma, o sistema patriarcal que se manteve dominante, reverberou de fora para dentro, da sociedade para os terreiros e centros, e as mulheres assistem aparentemente em conformidade tal transmutação. Apesar desse novo contexto, em que os homens buscam uma inserção cada vez maior, a máxima de Carneiro (1978, p. 124) de se tratar a direção dos terreiros ser um “ofício de mulher” ainda se mantém pela tradicionalidade. Mesmo que na prática se perceba uma queda considerável na atuação de lideranças femininas em relação ao passado, ainda existe um número expressivo delas na ativa. E esses ambientes continuam sendo profícuos na produção de saberes tradicionais e na transmissão deles, tanto às mulheres quanto aos homens.

Dessa maneira, a ideia de que as mulheres não teriam conhecimentos necessários para se tornarem mestras de folia no futuro se desconstrói. Se hoje elas já têm conhecimento das

¹⁴⁵ Nilza Lagos (2012) em sua tese de doutorado intitulada Segredos e intrigas: Relações entre violência e o processo de masculinização nas lideranças das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Velho – RO, discute esse crescente aumento do número de sacerdotes do sexo masculino nas religiões afro-brasileiras, relacionando tal dinâmica ao aumento de violência de gênero nesses ambientes no mesmo recorte temporal.

¹⁴⁶ Quando foram se estabelecendo as primeiras casas e centros de culto das religiões de matriz africana no Brasil colonial, as mulheres tiveram papel decisivo na formação e organização desses espaços religiosos. Era muito mais fácil uma mulher ganhar sua alforria ou comprá-la do que um homem. Primeiro porque os homens eram mais necessários no trabalho das lavouras que as mulheres, por sua maior força física, portanto difícil serem libertos em idade produtiva. Segundo por a mulher ter maior possibilidade de renda mais ou menos fora dos limites da escravidão, como as negras de ganho, que vendiam quitutes em seus tabuleiros e através da prostituição. Com a aquisição e acúmulo do pecúlio muitas conseguiam comprar a alforria e de seus descendentes. Nas cidades montavam casas matrifocais, com outras mulheres em condição equivalente, e nesses ambientes nasceram as primeiras casas de cultos de religiões de matriz africana lideradas por mulheres. Esse contexto histórico terá uma abordagem mais detalhada no capítulo 6.

Profecias e os conhecimentos sigilosos utilizados na agência do plano sobrenatural (a favor tanto dos foliões quanto dos devotos), elas já possuem tudo que um mestre precisa para assumir tal cargo. Até o prestígio, carisma, respeito e admiração dos outros foliões, as matriarcas dos grupos possuem. Então, o que pode lhes faltar hoje para a sua ascensão enquanto mestras? Contexto social. A única resposta possível que justifique a inexistência de mestras de folia em Leopoldina é a falta de um contexto que admita que uma mulher assumo o topo da hierarquia simbólica do grupo. O contexto determinantemente estruturado em moldes patriarcais ainda não permite tal flexibilização, seu limite atual se estabeleceu com a mulher atuante no topo da hierarquia organizacional e burocrática. Mas somente através da tensão diária a tessitura social pode se expandir e mostrar que entre os fios tramados existem espaços, revelando que nem tudo é impermeável, que nem toda estrutura é impenetrável, que nem toda condição é eterna e que toda solidez pode ser dissolvida. Portanto, a nova geração de meninas, que poderá assumir grupos na posição de mestras no futuro, não precisa contar com a generosidade masculina, que de acordo com a reclamação de Cássia, nem a nível ritual se revela, quanto menos em nível das sabedorias. As Profecias foram aprendidas por elas não em um rompante de generosidade masculina, mas numa situação de fragilidade funcional provocada pela falta de letramento do mestre. Mas como não havia nenhuma possibilidade de uma menina, dominando aquele conhecimento, utilizá-lo para se inserir de maneira factível na posição de mestre, seu aprendizado não ameaçava a estrutura exclusivamente masculina da folia. Entretanto, hoje a maioria dos mestres não são mais analfabetos e não precisam mais do auxílio das filhas. Destituídas da antiga função, hoje elas podem aprender com as mulheres que sabem ou através de gravações feitas com qualquer celular. O que continua definindo a aquisição de conhecimento das Profecias é a dedicação no processo de memorização das mesmas. Também não necessitam que os mestres antigos lhes confiem toda a sabedoria que eles dominam, pois já está claro que tal conhecimento pode ser substituído de maneira satisfatória por outros de mesma ordem, mas não de mesma fonte. Sendo a nova fonte muito mais acessível às mulheres. E a bandeira, que já é uma velha conhecida das mulheres, terá a oportunidade de ser manipulada por elas não só para a manutenção e higienização, mas para agenciá-la em todo o seu poder taumaturgo. O poder da bandeira ultrapassa até as divisas das religiões. Como o já relatado caso da ex-devota de Santos Reis, atualmente evangélica, que nunca deixa de reverenciar a bandeira da Folia da Maú.

Que devoto dos Santos Reis questiona o poder de graça das fitas da bandeira? Quem nunca as beijou? Encostou na testa fazendo o sinal da cruz? Quem nunca viu a generosidade

dos devotos amarrada nelas? Quem nunca soube de quem curou dores do corpo tomando a água em que uma fita fica submersa? O que talvez possa de fora desse contexto se definir como superstição, magia, ou curandeirismo desqualificado, diante do objeto sagrado se revela como fé, devoção e certeza da graça alcançada.



Figura 33: Fé e devoção diante da bandeira da Folia da Serra. (à esquerda) Fonte: arquivo pessoal, 19/01/2018.
Figura 34: ex-devota amarrando dinheiro na bandeira da Maú. Fonte: arquivo pessoal, 05/01/2019.



Figura 35: mulher beija bandeira dos Colodinos na missa do Dia de Reis. Fonte: arquivo pessoal, 06/01/2019.

3ª parte: *O mundo que se move*

Capítulo 5: Folia: Um substantivo cada vez mais feminino

Este capítulo, de caráter mais analítico, tem por objetivo observar e discutir os deslocamentos já ocorridos e os que ainda estão em curso no contexto da Folia de Reis, no que tange ao lugar e papel da mulher e seus desdobramentos nesse meio. Aqui é relevante demonstrar como a relação entre mulher e religião é dinâmica. E como as representantes femininas da folia foram e estão adentrando este universo antes destinado apenas aos homens. É fato que a presença feminina na folia não é algo inédito na história dos grupos, as mulheres sempre estiveram presentes, porém marginalmente, sem adentrar de fato o campo ritual e sem galgar postos de alto nível hierárquico. Contudo, hoje isso é uma realidade cada vez mais perceptível. Mas como isto se dá/deu nesse contexto androcêntrico? Quais elementos são/foram decisivos? Há conquista de espaços antes exclusivamente masculinos? Há mudanças na folia advindas desta dinâmica feminina no campo? Todas essas questões serão fundamentais nessa reflexão que parte do campo.

Os deslocamentos de papéis e de poder na folia requerem uma análise balizada por conceitos e autores que possam nortear a ampliação do campo de discussão para além da mera constatação das mudanças. Importa observar os discursos sobre as transformações e os fatores decisivos que levaram a elas. Dessa forma, este capítulo representa um mapeamento e análise das mudanças do papel da mulher nas folias de Leopoldina, dialogando com teóricos, à base da realidade local.

O mito fundante já foi utilizado pelos foliões como uma justificativa para a exclusão de mulheres do cortejo, que faz parte do setor ritual, e variações dele utilizadas para a inclusão das mulheres. Seria de fato a história contada por Mateus na Bíblia a real culpada pela submissão feminina na Folia de Reis? Seria esse o fator decisivo, ou haveria outro ou outros que justapostos construíram um discurso que se consolidou através dos séculos e por muito tempo não fora questionado? A proposta nesse momento é trazer à tona reflexões que possam desestabilizar uma estrutura de pensamento e desconstruir todo um imaginário que delega às mulheres funções marginalizadas ou de pouca importância ritual dentro da Folia de Reis. Pois funções de alto nível na hierarquia da folia acarretam responsabilidades que deflagram saberes e alcançam o poder.

Neste item cabe mostrar a religião como um espaço em que além de possíveis, as mudanças são evidentes e necessárias. Compreender como as mudanças se articulam no interior de cada folia de acordo com suas respectivas pertenças religiosas e investigar se o fator pertença religiosa interfere de algum modo nos deslocamentos do papel da mulher dentro da folia, se mostram como ponto relevante da discussão deste item. Partindo do perfil religioso majoritário de cada grupo seria possível analisar o nível de aceitação do protagonismo das mulheres em cada contexto e analisar se há diferenças entre eles.

5.1 Deslocamentos e Permanências: a dinâmica das folias e os eixos de deslocamento

Para iniciar a discussão em relação aos deslocamentos que se apresentam como expressivos no contexto da Folia de Reis em Leopoldina no que tange ao lugar e papel da mulher, interessa traçar uma linha que norteie a análise desse cenário permeado também por significativas permanências e imobilidades. Não basta perscrutar os motivos, as justificativas e os elementos decisivos que pautam a mobilidade e agência autônoma das mulheres nas folias se os motivos, justificativas e elementos decisivos que pautam a imobilidade não são questionados ou são ignorados. Pois a percepção das permanências são tão significativas na construção de um novo contexto quanto as mudanças que o engendra. Se em um recorte temporal algo permanece imutável, os motivos dessa permanência são tão relevantes quanto os que levam às alterações.

Portanto, para analisar esse contexto complexo, permeado por aparentes incoerências explicavelmente conexas dentro de uma realidade religiosa híbrida, fez-se necessário situar essa análise a partir de eixos de deslocamento. Os eixos são capazes de clarificar as motivações dos deslocamentos e agrupá-los a fim de compreender como se dá a dinâmica de movimentos nas folias analisadas, e que podem servir para analisar outros grupos.

Alguns questionamentos balizam a discussão deste capítulo e fazem com que se pense em eixos de deslocamento para a sua compreensão: Quais tipos de elementos são decisivos na promoção ou frenagem dos deslocamentos em termos de autonomia feminina dentro do contexto da Folia de Reis? Em que direção ocorrem e por que ocorrem os deslocamentos em diferentes folias? O que faz as mulheres assumirem papéis diferentes em diferentes grupos? Que eixos poderiam promover ou acolher as permanências? E qual eixo poderia ser ambivalente, acolher tanto deslocamentos quanto permanências? Dessa forma, para facilitar a

compreensão, os elementos que se articulam em cada eixo promovendo sua dinâmica serão classificados enquanto facilitadores e dificultadores dos deslocamentos, explicitando exemplos práticos que ocorrem nas folias.

Cinco eixos foram elencados como estratégia de análise para que se possa entender em que perspectivas e em que circunstâncias a agência feminina é proclamada no contexto da Folia de Reis: 1-Pragmático; 2- Identitário; 3-Social; 4- Religioso; 5-Conservador. A ordem dos eixos se dá em forma decrescente de propensão às mudanças, até o eixo da imobilidade. Vale ressaltar que esses eixos foram criados como estratégias de análise e seus agrupamentos e características não são encontrados no campo de pesquisa com a pureza e clareza elucidativa estabelecida aqui. Tal clareza é utilizada como uma utopia didática, pautada não para ludibriar o leitor, mas para facilitar seu entendimento perante a dinâmica complexa do contexto social que se apresenta.

O primeiro eixo, o Pragmático foi assim chamado por fazer menção a uma solução prática para que o grupo não perca seu vigor, não esmoreça, e não acabe por encerrar permanentemente seus giros. Esse eixo se refere mais a mudança em relação à direção do grupo. Acontece quando o então dono ou dona da folia falece, ou não pode mais dar prosseguimento aos giros sob o seu comando por motivos de saúde, ou financeiros, e nenhum dos homens do grupo quer assumir a responsabilidade. Os giros são de fato muito desgastantes e intensos, pois exigem dos foliões e principalmente dos integrantes que ocupam altos cargos na hierarquia, comprometimento, que se traduz em noites e madrugadas sem dormir. Apesar de serem poucas noites em sequência de 24 de dezembro ou 1 de janeiro a 6 de janeiro, ou finais de semana do período de 24 de dezembro a 20 de janeiro, são noites de longas caminhadas, carregando instrumentos de vários pesos e tamanhos, além do calor, que não dá trégua nas noites de janeiro em Leopoldina. Portanto, o preparo e a resistência física são importantes. Os mais idosos ou debilitados são levados de carro, mesmo assim a resistência é fundamental para continuarem ativos até a bandeira receber pouso na última casa da noite. E todos devem permanecer no cortejo até o término, ocorrendo inclusive algumas desavenças nos grupos quando algum folião não cumpre tal regra. Porém, o dono ou dona, mestre e contramestre nunca deixam o cortejo no meio da noite.

Além disso, a festa de encerramento da Folia de Reis envolve gastos que nem sempre são custeados em sua totalidade pelas esportulas oferecidas à bandeira pelos devotos. E geralmente é o dono da folia quem paga o que a bandeira não cobre. Maú comentou que já precisou fazer empréstimos para custear as festas, mesmo recebendo doações de devotos,

vizinhos, amigos e familiares. Até doações anônimas chegam a sua casa para ajudar no almoço de Santos Reis, que é oferecida a toda a comunidade. Pois o encerramento geralmente é de responsabilidade do dono da folia, que precisa angariar a quantia até no máximo o dia 20 de janeiro. É de bom tom que o palhaço também ofereça uma quantia à bandeira, pois o que ganha com seus versos no giro, é dele e não da folia. Alguns ofertam todo o dinheiro que receberam no primeiro dia de giro, outros oferecem quantias variadas, mas todo valor que é destinado à bandeira, é recebido de bom grado e empregado nos custos do giro ou da festa de encerramento.

Quem promove a mudança nesse eixo é uma pessoa de fato pragmática, que conhece os meandros tanto burocráticos quanto práticos da folia, tenha saúde para acompanhar os giros, eficiência para organizar e voz de comando para liderar. Nesse sentido, com tantos requisitos importantes a preencher, não é o gênero um ponto a ser questionado. Por isso, este é um dos eixos que possui elementos favoráveis às mudanças. Maú, quando assumiu a folia do seu cunhado em 1996, promoveu o deslocamento dentro desse eixo, assumiu um grupo homogeneamente masculino, após preencher todos os requisitos elencados. Maú e sua irmã dominavam o setor dos serviços na antiga folia. Quando sua irmã faleceu, seu cunhado além de ter um desfalque importante nesse setor, não quis continuar com a folia. Dessa forma, Maú assume a responsabilidade e domina tanto as funções no campo dos serviços, que já eram suas, quanto no campo ritual, conduzindo a folia de maneira holística, como é uma característica das lideranças femininas nesse contexto. Cuida de tudo, transita por todos os setores, não delega funções que ela pode ou sabe fazer e por isso, muitas vezes fica sobrecarregada. Hoje, por não conseguir mais fazer tudo que fazia antes, já delega as funções burocráticas e de cozinha, mas ainda assume a tesouraria, compra o que for necessário para o grupo e dá bronca em quem não cumpre com as exigências do giro.

O segundo eixo é o Identitário, que também está relacionado com a direção do grupo. Nesse eixo a ideia de deslocamento se estabelece do mesmo modo que o primeiro, pela possibilidade de promover a agência feminina na direção da folia. Chama-se Identitário pelo fato de que na morte ou desistência do antigo dono ou dona da folia, a direção se destinará, quase que naturalmente, para as mãos de quem mais se identifica com a manifestação, independente do gênero. No primeiro eixo a ideia de nenhum homem do grupo querer assumir a direção é um fator impulsionador para promover a agência feminina, pois mesmo que muito já tenha se modificado na estrutura da Folia de Reis, na prática, ela é entendida como campo masculino quase que por direito adquirido. Desde pequenos os meninos são impelidos a se

interessarem mais por folia, por uma questão de identidade masculina cristalizada nesse meio. Sendo assim, é mais provável que um homem se interesse em assumir a direção na falta do dono. Já que no eixo Identitário assumir a direção se daria mais pela questão de identificação, de gosto pela manifestação, é possível que a mobilidade feminina seja um pouco menor. Não que elas não gostem, mas se tiver um homem interessado ele vai assumir o grupo e a mulher não vai requerer esse direito, porque ela também acredita e reproduz a visão de que a direção do grupo é direito mais dele do que dela. Porém, aqui também se engendra a questão da herança que se sobrepõe ao gênero. Qualquer pessoa que goste muito da folia, acompanhe, pode ser uma candidata à direção, mas se tiver alguém diretamente ligado consanguineamente ao do dono ou dona anterior, como uma filha, ela terá preferência por ser a folia um grupo ligado à família. Como é o caso da Andréia. Ela assumiu o lugar de Luíza no grupo, não integralmente, mas na direção interna sim. Ela não acompanha a folia na rua, não sai em cortejo com o grupo como fazia Luíza, mas sedia as reuniões em sua casa, prepara a festa de encerramento e dá todo o suporte nesse sentido. Portanto, ela recebeu a Folia da Luíza como herança de sua mãe, assim como o centro de Umbanda.

O terceiro eixo, o Social, é ambivalente. Ao mesmo tempo em que apresenta a crescente autonomia feminina no contexto social como um elemento facilitador das mudanças, ele se depara com o machismo estrutural presente na sociedade e de maneira expressiva nos grupos de folia. Não que esse elemento, que se mostra tão arraigado e impregnado na cultura e sociedade brasileiras, não esteja presente e dificulte a mobilidade feminina em todos os eixos aqui apresentados, porém, no eixo social especificamente, ele se apresenta mais diretamente perceptível, como uma resistência às mudanças no status quo. Os eixos Pragmático e Identitário dinamizam um posicionamento de mulheres dentro dos contextos dos grupos, uma mobilidade interna, por motivações também aparentemente internas. Portanto, o machismo dos agentes internos é, pelo menos amenizado em parte, pelo respeito que têm pela figura feminina que assume o poder. Essa mulher, de acordo com seus atributos e atitudes, é respeitada pela comunidade. O eixo Social articula os deslocamentos de fora para dentro.

As quatro folias aqui analisadas têm suas dinâmicas articuladas nesse eixo. As Folias da Maú e da Luíza se beneficiam do elemento facilitador. Se a mulher, na esfera social, já se autorizou a operar em contextos não tradicionalmente a elas destinados, porque não poderia atuar na Folia de Reis? Portanto, de fora para dentro, existe uma legitimação da agência feminina em diversas funções, nunca antes por elas coordenadas. Já a Folia dos Colodinos, se

movimenta no sentido de se ater tanto ao elemento facilitador como ao dificultador. No discurso acredita na importância feminina na folia e foi uma das primeiras folias a incluir a figura feminina no cortejo em Leopoldina, na função de bandeira. Mas por outro lado, não se incita as meninas a tomarem gosto e se verem incluídas na esfera ritual, pelo contrário, adiam a sua entrada o quanto podem. Além disso, a elas só foi oferecida a função de bandeira. Não é uma função de menor relevância, pois quem segura o objeto sagrado da folia se torna seu protetor ou protetora, e em teoria é quem articula com o dono ou dona da casa a entrada do grupo, como quem se responsabiliza pelos demais dentro da casa dos outros. Portanto é um cargo de certa importância, porém não inclui as mulheres em situação de igualdade com os homens, não lhes oferecendo a opção de escolha de sua própria função dentro do grupo. Se o machismo não fosse um entrave, poderiam incentivar as meninas a aprenderem a tocar instrumentos desde cedo, como Luíza fazia, lhes apresentando assim diversas opções de atuação na folia. E interessa ressaltar que não adiam a entrada das meninas ou não incitam sua formação musical por acharem que a folia não é um espaço para mulher, pois afirmam que elas podem e devem participar. Além de alegarem não existir nenhuma proibição mítica que restrinja sua participação, pelo contrário, existe uma autorização mítica para isso, contada pelo próprio Aurélio. Eles protegem a inserção de meninas por conta de um machismo que não é notado e cumpre seu papel de cooptar as mentes, mesmo as mais abertas às mudanças. É um machismo que está absorvido pela estrutura social, está intrinsecamente fundido, inextricavelmente associado a ela. Às vezes as pessoas nem se dão conta de que estão sendo machistas, mas mesmo sem querer o fazem. É o que ocorre com Aurélio, que afirma que por uma questão de proteção, esperou sua filha completar 12 anos para incluí-la no grupo na função de bandeira. Mas se fosse um menino, talvez o tivesse incluído muito antes na função de folião. Seu Dedé conta que com 8 anos já tocava nesse mesmo grupo. Então, não é pelo motivo de ser criança é pelo motivo de ser menina. Em conversa informal sobre esse assunto, o próprio Aurélio afirmou: “menina a gente tem que segurar, mais, né?!” Isso indica que mesmo o grupo sendo pioneiro na inclusão de mulheres na esfera ritual, ciente do respaldo mítico para fazê-lo, assegurando as vantagens de se ter mulheres no cortejo, o machismo é um elemento impregnado na cultura e reproduzido na criação e educação que esses homens receberam. Portanto, difícil dissociá-lo de seu modo de educar seus filhos e filhas quando isso não é problematizado em seu meio. E mais complicado ainda seria compreender que essa proteção oferecida às suas filhas implica na exposição delas ao machismo, que é um perigo eminente e iminente para todas as mulheres. E quanto mais se

reproduz pequenas mensagens e atitudes que corroborem com a estrutura patriarcal, mesmo sem perceber por parecer natural e por mais inofensivas que possa julgar, se está fortalecendo o já pujante sistema androcêntrico vigente, que tira a vida das mulheres de maneira direta, indireta ou simbólica. Já a Folia da Serra se envereda pelo elemento dificultador, corroborando de forma desvelada com a reprodução desse sistema quando alija as mulheres do aspecto público da festa, lhe permitindo apenas o ambiente doméstico e o religioso (Igreja de São Francisco, na Serra dos Barbosas) como espaço de ação possível. Não se pode negar que a mobilidade e autonomia feminina no contexto social não tenham reverberado de alguma forma na dinâmica da Folia da Serra. Elas conseguiram contrariar as ordens do mestre, seguindo o cortejo à revelia de sua decisão. Mas ainda não conseguiram se incluir na esfera ritual. Até mesmo a netinha de um folião, de apenas 4 anos, que gostava de recitar os versos aprendidos na folia, tocar seu violãozinho de brinquedo a noite toda até seus dedinhos ficarem vermelhos acompanhando os adultos, já foi retirada do cortejo. Esse tipo de atitude desencoraja e exclui essa criança, que não via suas gracinhas infantis como brincadeira, mas como aprendizado.

Entretanto, não se pode afirmar que em torno da Folia da Serra também não ronda certa agência autônoma feminina balizada pelo eixo Social. Lúcia, no seu grupo social possui autonomia e pró-atividade, como Luíza e Maú possui em seus. Ela vem a público apresentar o tradicional Festival da Folia de Reis das Palmeiras e garante a organização desse evento. E ninguém questiona sua agência nesse contexto, muito pelo contrário, seu marido observa sua autonomia, atividade e prestígio e se orgulha de seu dinamismo lá. Porém, dentro da folia se proclama enfaticamente a negação da participação feminina na estrutura ritual, e dos saberes. Na esfera ritual, elas ainda não adentraram enquanto participantes, somente como acompanhantes, mas na esfera dos saberes sim. Cássia, por exemplo, afirma que ela e a irmã conhecem todas as Profecias, e inclusive tem o caderno do pai com as Profecias escritas por ela, que teve a oportunidade de ver de perto. Ainda afirma que ela e a irmã não são as únicas mulheres por ali que têm o conhecimento desse saber. Ou seja, as mulheres sabem, onde o saber é poder. Nesse contexto, um pouco diferente dos grupos de pertença umbandista, eles não usam, não acreditam ou não falam em rezas que os mestres utilizariam para finalidades como expulsar doenças, proteger o grupo ou solucionar situações de incorporação de espíritos ou entidades nos foliões em giro. O marido de Cássia sugere que antigamente eles faziam, mas hoje não, e Cássia confirma que nem o terço é rezado na noite de Natal, noite da Coroação. Portanto, na Serra os saberes que realmente tem valor no giro são as Profecias, que

muitas delas dominam. Seria mais um motivo para impedi-las de adentrar a esfera ritual? Medo de perder a posição de eminência diante da dinâmica aliada aos saberes das figuras femininas? Não parece ser um receio consciente, racionalizado de maneira precisa com causa e consequências definidas, mas um sentimento de perda paulatina de um poder que muitos deles só possuem na esfera ritual. Um poder que não lhes é conferido no aparato cotidiano de suas vidas, nas quais não são padrões ou donos dos meios de produção. E na religião é onde se mostram detentores de um saber e poder que expressam ser de domínio de poucos, e os colocam em posição passível de admiração.

Portanto, ao mesmo tempo em que a nível social, em uma perspectiva mais ampla, pode-se observar a revolução feminina se aproximando, e a força, autonomia e liberdade das mulheres se adensando e tomando espaço na sociedade, em contrapartida, como um movimento de resistência, pode-se observar uma onda conservadora ganhando fôlego e se agigantando sobre essa realidade. Com seu viés ideológico permeado pelo machismo, tenta estancar a onda feminista, legitimando a ação de suas bestas, antes frouxamente acorrentadas, talvez controladas por um sutil acanhamento diante das mudanças de mentalidade de uma parcela da sociedade. Porém, tais mudanças não mais as acovardam, pois o seu reflexo, que as representam a nível superior, político e nacional, legitima suas ações. Nesse sentido, a sociedade assiste atônita a um crescimento significativo nos índices de feminicídio e violência contra a mulher, frutos diretos do machismo que assola as mulheres e impede sua agência em todos os campos e setores da sociedade. Portanto, mesmo que a mulher encontre muito mais possibilidades de atuação profissional hoje, maior liberdade e menos preconceitos no âmbito público do que no passado, essa ainda é uma realidade que precisará transpor muitos obstáculos pela frente, propor muitas pautas para discutir, muitas lutas para enfrentar, um caminho longo a se percorrer, até chegar pelo menos próximo da igualdade almejada. E tudo isso reflete no espaço da folia, tanto a viabilidade de liderança, agência e participação efetiva feminina nos espaços de poder do grupo, quanto a ideia de subjugação da mulher, alijada da possibilidade de atuação nos campos que lhe conferem proeminência.

O quarto eixo, o Religioso, está no mesmo nível de possibilidade de agência e mobilidade feminina em seu domínio que o eixo Social, e assim como ele também oferece tanto elementos dificultadores quanto facilitadores dos deslocamentos. E também por esse motivo, pauta a dinâmica de todos os grupos analisados. Porém, difere do primeiro no sentido de não comportar ambos os elementos em um mesmo espaço e contexto. Pois, se o eixo Social permite, ao mesmo tempo, que em seu domínio tanto atitudes machistas como

feministas alcancem logro e público que as apoiem, no eixo Religioso podem até ocorrer concomitantemente, mas não de maneira imperativa no mesmo contexto religioso estruturalmente falando. Na opinião pessoal de cada um, tanto de fiéis quanto de lideranças religiosas, é possível e até bastante provável haver diferentes atitudes a esse respeito, mas isso voltaria ao campo do eixo social, aqui se trata do âmbito estrutural e teológico das religiões analisadas. Na prática, o que se percebe é que o grupo de folia vai ser menos ou mais afável e bem adaptado à autonomia e liderança femininas de acordo com seu nível ou grau¹⁴⁷ de catolicismo. Ou seja, geralmente, quanto mais católico o grupo, menor a aceitação da liderança feminina. Parece paradoxal no campo teórico, mas no dia a dia das igrejas não há nenhum estranhamento. Pois se na teoria é de conhecimento generalizado a agência de Jesus pela solidariedade com as mulheres e seu empenho em estabelecer a igualdade entre os seus seguidores e seguidoras, sempre ratificando sua equidade aos olhos do Pai, sejam homens ou mulheres, na atualidade isso se perdeu e muitas vezes, no cotidiano das igrejas cristãs a questão não é problematizada, por parecer que sempre foi assim. Desrespeitam e negam as

¹⁴⁷ No ambiente religioso híbrido do Brasil, percebido como um todo, e especificamente no qual a Folia de Reis está inserida, é possível pensar em níveis ou graus de catolicismo entre os grupos. Não se pode afirmar simplesmente que um grupo é católico ou não. É preciso além de investigar a adesão numérica de seus participantes, analisar também as práticas religiosas acionadas para além das igrejas católicas que frequentam rotineiramente. De uma maneira mais sutil, ainda é preciso compreender as influências afro-católicas em sua vida cotidiana, na estrutura de pensamento, na mentalidade dos foliões, presentes em suas falas e inclusive nos mitos que surgem, se resignificam continuamente e que balizam as atividades rituais das folias. O catolicismo em sua forma pura já se apresenta como uma impossibilidade histórica, uma utopia purista, um ideal inalcançável. Pois em sua gênese já é multicultural ou multirreligioso, um encontro de influências que culmina em sua construção e posterior institucionalização. Porém, desconsiderando essa utopia original, e considerando uma situação hipotética de existência de um catolicismo puro, ele não seria encontrado nos grupos de Folia de reis em Leopoldina. A forte presença de negros africanos e descendentes no passado escravocrata leopoldinense, promoveu encontros culturais que ressignificaram tal pureza hipotética. Portanto, o viés afro-católico se encontra pujante no cotidiano de Leopoldina, que se manifesta em diferentes níveis em cada contexto religioso que se queira analisar. Até mesmo na Folia da Serra, que atua em um contexto acentuadamente católico, a estrutura de pensamento é permeada por uma perspectiva da religiosidade africana. A narrativa mitificada significativa para o grupo em questão, do folião que incorporou o espírito do Medeiro Velho, ratifica essa porosidade cultural que reflete a potência dos encontros culturais e permite pensar em níveis de catolicismo observado nas práticas e narrativas que compõe esse cenário. Apesar de Seu Álvaro, filho do folião que incorporou, afirmar que o pai não era espírita, outras pessoas afirmam que ele era médium e frequentador de centro espírita. De qualquer forma, o que não se pode negar é a influência da estrutura religiosa africana que permeia esse contexto. O próprio nome do espírito do antigo mestre lembra o nome de entidades presentes na Umbanda, os Pretos Velhos, reconhecidamente sábios e respeitados. Para saber mais sobre a narrativa mitificada consultar em capítulo 2- Folia da Serra: tradição bicentenária, subitem 2.2- Dia 6 de janeiro, Dia de Reis em NEDER, Andiará Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

palavras, atitudes, exemplos e ensinamentos do próprio Jesus, para manter tudo como está e como se deseja acreditar que sempre foi.

Mas a questão é que nem sempre foi assim. As mulheres não foram atores marginais na formação do Cristianismo, sua marginalidade foi produzida. “O cânon e a ‘ortodoxia’ foram inventados, em parte, para excluir as mulheres de posições de liderança e autoridade” (KING, 1998, p. 47). Percebe-se que o Novo Testamento não é neutro, “é tendencioso em favor dos que têm posição social mais elevada, sobretudo homens instruídos e letrados, que defendiam um ideal patriarcal que incluía a subordinação da mulher” (DEWEY, 1998, p.37). Dessa forma, segundo Joana Dewey (1998), as histórias relacionadas às mulheres que entraram no cânon foram distorcidas e banalizadas. Desde a seleção dos textos canônicos que compõem o Novo Testamento da Bíblia que temos acesso hoje, já se percebe a intenção de minar toda e qualquer possibilidade de se propor que uma mulher pudesse ocupar uma posição de liderança apostólica. De acordo com Karen King (1998), foi a partir dessa ideia que se excluiu o Evangelho de Maria de Mágdala (Maria Madalena) da lista dos textos oficiais. A preferida de Jesus por sua maturidade espiritual, a discípula devotada, profetisa, mestra, líder foi *confundida* com a prostituta arrependida no século II (KING, 1998, p. 40). King (1998, p. 41) contribui afirmando que tal confusão não foi mero erro interpretativo, foi uma estratégia de cunho patriarcal para definir papéis de gênero e solapar a liderança e importância de mulheres na teologia oficial da Igreja. Por isso que Elizabeth Fiorenza (1998, p.7) assevera que autoridade canônica tem gênero: “os textos e tradições são não apenas androcêntricos, mas também kyriocêntricos, ou seja, articulados no interesse dos homens da elite, brancos, ocidentais e instruídos. O gênero como instrumento de dominação é sempre tingido de raça, classe, cultura, idade e colonialismo”.

Assim, as mulheres permanecem em condição secundária nas igrejas, como permaneceram por longos séculos na sociedade e só recentemente começaram a se levantar. Nas religiões de matriz africana, a condição se mostra diferente, já que nelas desde o seu início no Brasil, as mulheres assumiram a liderança dos terreiros, tendas e centros, por questões sociais que serão explicitadas e analisadas no sexto capítulo. O que se compreende a partir desse cenário tão diverso entre as religiosidades em questão, é que na tradição judaico-cristã não se verifica a autonomia feminina que se percebe nas tradições africanas que guiaram o surgimento e desenvolvimento das religiões afro-brasileiras. Dessa forma, enquanto as mulheres nas igrejas cristãs não são vistas como protagonistas, nem legitimadas enquanto mediadoras do sagrado, tampouco possuem poder de decisão ou qualquer atuação

enquanto lideranças, nas religiões de matriz africana ocorre o contrário. Além de serem protagonistas, possuindo acesso ao sagrado e exercerem a liderança como autoridades máximas em seus locais de culto e tendo o poder de decisão em suas mãos, a figura feminina nessas religiões tem importância simbólica. Na tradição afro-católica, em que há uma associação do feminino com as esferas sagradas, há uma valorização das mulheres enquanto mediadoras, nas figuras de santas, de entidades femininas e até das mães de santo (BIRMAN, 1996, p. 208). Birman (1996, p. 201) ratifica que por considerarem que a mulher possui uma relação preferencial com o sobrenatural, há “um lugar social diferente atribuído às mulheres e a outras figuras do feminino nas sociedades marcadas por essas tradições”. Observa-se a mulher então na importante função de mediadora entre o plano espiritual e os seres humanos. Dessa forma, a religião se tornou um campo dentro do qual é permitido à mulher se articular. Com maior visibilidade nas religiões de matriz africana. Por essa razão, talvez, as folias que se inserem em contextos sociais nos quais a presença da Umbanda¹⁴⁸ se faz marcante e os foliões se definem majoritariamente como seguidores dessa religião, tenham uma maior abertura em relação não só à participação feminina nos giros, mas também em aceitar ter uma mulher como figura de liderança à frente do grupo. Portanto, as Folias da Maú e da Luíza são exemplos clássicos dessa agência facilitada pelo eixo Religioso¹⁴⁹.

A Folia dos Colodinos possui uma identidade fortemente marcada pela fé católica. Todos os anos celebra o dia de Reis na Igreja do Rosário, com a missa rezada pelo filho de Aurélio, que é padre em uma paróquia distante de Leopoldina e consegue vir extraordinariamente para esta data. Porém, em algumas ocasiões já tenha visto alguns de seus membros de elevado nível hierárquico, portando guias no pescoço. Portanto, há nesse cenário uma crença compartilhada muito comum nos grupos, pois mesmo que nem todos os foliões frequentem centros, também não questionam a presença das guias, e acreditam que o uso delas pode ser mais uma forma de proteção para sair em giro. Essa dinâmica cultural é bastante comum e “hoje um devoto dos Santos Reis se vê e/ou se legitima como católico, mesmo investindo na prática de diversos trânsitos religiosos” (MENDES, 2007, p. 39). Portanto, é possível perceber a dinâmica cultural que permeia o universo religioso da Folia e que faz parte do processo pelo qual se consolidou a religião católica no Brasil:

Pensando na dinâmica cultural que o Brasil vivenciou e ainda vive de maneira muito pulsante, é que percorremos algumas páginas da

¹⁴⁸ Cito aqui somente a Umbanda porque em Leopoldina é a religião de matriz africana que apresenta maior vigor e se mostra mais expressiva.

¹⁴⁹ A relação histórica entre mulher, Umbanda e seus consequentes desdobramentos no contexto da folia na atualidade será tratada de forma mais detalhada no capítulo 6.

historiografia sobre a forma encontrada pelos brasileiros de praticar sua religião de modo tão original, e da instituição religiosa de lidar com esse fenômeno (MENDES, 2007, p. 36).

Luciana Mendes (2007) prossegue mostrando que essa realidade não fez com que essas pessoas se julgassem menos católicos, tampouco se entendessem como praticantes ou criadores de uma nova religião.

Pode-se afirmar então que a crença no catolicismo é compartilhada com a crença no poder da Umbanda, não coincidentemente essa folia se encontra em um nível intermediário de agência feminina, encarando como positiva a presença das mulheres no cortejo, mas nunca lhe foi dada a liderança ou outra função que não a de bandeira. E a Folia da Serra é um exemplo da tendência à imobilidade assegurada pelo elemento dificultador, que é essa crença unívoca na Igreja Católica.

O último eixo e, portanto, o menos propenso ao deslocamento feminino das funções e papéis tradicionais que lhe foram impostos, é o chamado Conservador. O que aprisiona as mulheres na imobilidade pautada por esse eixo, seria o apego às antigas tradições, que ditam regras e restrições anacrônicas, criadas, definidas e difundidas em um contexto social muito diferente do atual. A folia que tem sua dinâmica atribuída a esse eixo não admite a participação feminina sequer no cortejo, nem mesmo em posições de menor destaque, quanto menos na liderança. A Folia da Serra se move nesse eixo, impedindo que as mulheres participem da esfera ritual e dos saberes. Admite sua agência apenas no setor dos serviços, onde sempre assumiram a responsabilidade, por tomarem para si as funções da folia como extensões das funções do lar, onde sempre reinaram, sem coroa ou majestade, sem as honras dedicadas a uma rainha, mas ainda assim demarcando *seu* espaço, ou o espaço que lhe coube.

O que foi possível perceber com as visitas a campo é que a Folia da Serra também se movimenta no eixo Religioso que se funde ao eixo Conservador em determinadas situações. O grupo se apropria de um conservadorismo seletivo, assim como a Igreja Católica. Esse conservadorismo seletivo da Igreja Católica será mais bem abordado no sexto capítulo, mas por hora basta adiantar que a instituição entende que a ordenação feminina não é possível por Jesus não ter-lhes confiado tal função em vida, visto que todos os apóstolos eram homens. Mesmo ciente de que tal informação tenha vários fatos que a contradizem, para fins didáticos, suponhamos que o conteúdo da informação fosse realmente indiscutível. Dessa forma, quer dizer que várias exigências que pareciam basilares, no processo de institucionalização da Igreja Católica puderam ser modificadas e até superadas diante de sua ampliação e conquista

de territórios, e o elemento do qual não se abriu mão foi este, a exigência de ser varão para ser ordenado. Isso baseado numa suposta vontade de Jesus, acatada sem esclarecimentos ou explicações (que fossem mais afinados com Seus exemplos) e mesmo assim supratemporal. Diante disso, é possível se falar em conservadorismo seletivo da Igreja Católica, o mesmo que se pode perceber na Folia da Serra que prega a não descaracterização da tradição ao impedir a participação feminina no ritual, mas aceita descaracterizar o ritual se apresentando no Festival de Folias das Palmeiras. Nele, como já apresentado anteriormente, o mestre não tem a prerrogativa de manipular o tempo de apresentação, escolhendo, através do seu gosto alinhado aos pedidos dos donos da casa, as profecias que vai cantar. Ele tem apenas 15 minutos para apresentar uma passagem bíblica previamente escolhida. Além disso, monta a folia em caráter extraordinário após o término oficial do giro, que é o dia 6 de janeiro. E o pior, após o ritual da Entrega da Bandeira, onde a Descoroação dos foliões os impossibilita ritualisticamente de representar os Santos Reis. Despojando-se de rituais seculares e claramente muito tradicionais, caros a qualquer folia que pregue a imutabilidade como uma prova cabal de seu respeito à tradição. De fato, é inegável que a Folia da Serra é o grupo mais tradicional de Leopoldina e reconhecido regionalmente por isso. Mas agora se revela que não é a sua tão aclamada imutabilidade a responsável por seu reconhecimento como folia tradicional, pois aqui se clarifica uma disposição da Folia da Serra para alterar o imutável. Sua longevidade é uma das grandes responsáveis pelo título, e a longa vida não se associa à imutabilidade. No âmbito cultural o que é duro não dura, a maleabilidade perdura. A tradição é viva e se adapta a novos contextos, repudiando assim o que é irreduzível, o que não se transforma. E o que não cede à ação do tempo, o que não se ressignifica diante dos novos contextos sociais tende a perder força e espaço, como num processo de seleção natural cultural, o mais bem adaptado ao ambiente permanece e o menos sucumbe. Como corrobora Francisco Rivas Neto (2013, p.156) “a tradição é algo que nos remete à continuação, todavia, se não houver transformação ou mudança, estará fadada a desaparecer”. O que não significa perder a essência, pois usando o próprio exemplo da Folia da Serra, se apresentar no Festival à revelia das antigas exigências rituais para iniciar o giro e encerrá-lo, não desqualifica sua apresentação e tão pouco se perde a essência, que é a devoção. O objetivo ali é diferente do objetivo que se tem ao entrar na casa de um devoto ou uma devota. Ao lar e família visitados o grupo oferece a bênção da bandeira, como uma redoma protetora contra a miséria e as doenças ao longo daquele ano. No Festival, embora os foliões permaneçam com sua devoção e fé pelos Santos Reis inabalada e por isso a essência preservada, o que importa não é a bênção, é a performance. O grupo precisa ser

visto, e o que é sempre visto não é esquecido. Além disso, a interação entre os grupos num evento como esse viabiliza diálogos e associações, as associações viabilizam verbas, as verbas impulsionam o desenvolvimento dos grupos e o surgimento de outros. Mesmo em tempo de escassez de recursos financeiros públicos voltados à promoção da cultura, eventos dessa natureza corroboram para que as folias não deixem de existir, através da troca de informações sobre medidas criativas para enfrentar os desafios e solucionar problemas parecidos em contextos diversos.

Portanto, com todos os eixos de deslocamento bem referendados na realidade social estudada, é interessante traçar um quadro que sintetize as informações trabalhadas. Para facilitar a associação dos eixos aos seus elementos facilitadores e dificultadores do deslocamento da posição e função das mulheres no seio das folias, foi criado um quadro que mostra de maneira sucinta o que acima fora explanado de modo mais detalhado.

EIXOS	FACILITADORES	DIFICULTADORES
1- Pragmático	Atuação feminina para que a folia não pare	Não é conferido de forma significativa
2- Indentitário	Folia enquanto herança, independente do gênero	Não é conferido de forma significativa
3- Social	Crescente autonomia feminina no contexto social	Machismo estrutural
4- Religioso	Religiões de matriz africana: familiarizadas com lideranças e autonomia femininas	Religiões de matriz cristã: não são familiarizadas com lideranças e autonomia feminina
5- Conservador	Não é conferido de forma significativa	Apego às antigas proibições e ou restrições

Tabela 3: quadro que compila os eixos de deslocamento feminino no âmbito das folias e os elementos facilitadores e dificultadores da agência da mulher relacionados a cada eixo. Os eixos foram organizados em ordem decrescente de propensão aos deslocamentos femininos.

5.2 Mulher e folia: relação antiga, novas perspectivas

Para avançar na discussão sobre as possibilidades de agência das mulheres e a abertura de cada folia e de seus contextos para que sua autonomia seja plausível e se torne realidade, se mostra conveniente retomar sucintamente um ponto de análise apresentada no item anterior,

que se tornará o ponto de partida deste item. A questão de quais eixos são articulados nas dinâmicas das folias respaldará a análise de quais grupos estão mais ou menos preparados para as transformações no que tange à questão da inserção da mulher, e os motivos que os levam a situação em que se encontra cada um.

Destarte, tem-se a seguinte síntese: a Folia da Maú se move nos eixos Pragmático, Social e Religioso; a Folia da Luíza nos eixos Identitário, Social e Religioso; a Folia dos Colodinos no Social e Religioso e a Folia da Serra no Social, Religioso e Conservador. Todas elas estão ligadas aos eixos Social e Religioso, que são ambivalentes, seja se enveredando pelo lado facilitador ou pelo lado dificultador.

Propõe-se então pensar em um cenário que relacione o local de atuação de cada folia, tempo de giro, as mudanças ou permanências promovidas ou permitidas, os elementos decisivos para que as mudanças ocorressem, as justificativas dadas pelos grupos sobre as alterações possíveis ou sobre a impossibilidade delas e a pertença religiosa majoritária de cada folia. A partir daí pode-se traçar um panorama analítico de como os deslocamentos, no tocante às relações de gênero, são dinamizados nesses contextos. Dessa forma, é possível apontar o nível de disposição para mudanças de cada grupo, de acordo com atitudes inclusivas das mulheres no âmbito ritual da folia.

Essas atitudes se impõem como uma maneira de conferir visibilidade e protagonismo a quem, dos bastidores, realmente promove e sustenta a festa. Lúcia em entrevista, afirma com veemência ao lado de seu marido, que não existe folia sem a participação feminina, ressaltando a centralidade da mulher no setor dos serviços e dessa forma, na promoção da festa. Ou seja, seguindo um raciocínio simples, sem os serviços das mulheres não há giro, portanto, não há folia. Olhando por esse viés, é preciso subverter a lógica de importância e hierarquia da festa. Se quem promove a festa são as mulheres elas precisam aparecer e atuar na esfera ritual, que é a esfera contemplada, admirada e privilegiada¹⁵⁰. As folias da Maú e da

¹⁵⁰ Existem algumas vantagens práticas em ser um folião. Neste último giro, enquanto ajudava as meninas a picarem as azeitonas para fazer a farofa do almoço dos Santos Reis, uma foliona que não estava participando do giro deste ano falou que dava até vontade de enfiar num uniforme e tocar naquele dia só para poder almoçar na frente de todo mundo. Pois o/as participantes têm a preferência de comer antes da assistência. E todos que não estão devidamente uniformizados ou coroados, fazem parte da assistência, mesmo que tenha participado da produção do almoço, não possui privilégio de se servir antes deles. Segundo Maú, se for pessoa pura, ou seja criança, pode ser servida antes, é a única exceção. O setor ritual prevalecendo sobre o setor dos serviços novamente. Outro caso interessante que tange a necessidade de assegurar o bem estar dos foliões acima de qualquer outra questão, ocorreu no ônibus que Maú fretou para participar do Festival de Folias de Recreio. Maú cobrou 10 reais de cada pessoa da assistência que quisesse ir junto para ver a apresentação da folia em Recreio. O ônibus excedeu a lotação máxima e o mestre se incomodou ao ver pessoas da assistência ocupando lugar nos

Luíza se esforçam para promover essa visibilidade, não só com a inclusão das mulheres no cortejo, mas também delegando a elas funções rituais na Entrega da Bandeira. Porém, sem perceberem, reproduzem a lógica androcêntrica que viabiliza a força da estrutura patriarcal, conferindo às mulheres o lugar da subserviência, do qual ainda não conseguiram se desvincular. Pois a função delas nesse ritual é passar oferecendo o pão, o peixe, o vinho e a água a cada folião primeiramente, colocando em sua boca enquanto tocam, e depois passam servindo a cada pessoa da assistência presente. Mais uma vez elas estão a servir, retornando novamente à função que a estrutura patriarcal delegou à mulher, espera que ela faça e dela não tente se esquivar ou refutar. Na Folia dos Colodinos é diferente. O folião responsável junto com a dona da casa preparam a mesa, cortam os pães e os peixes, servem o vinho na taça e acendem a vela. Diante da mesa posta, a fila de foliões se forma e, em seguida, a fila da assistência. Cada um se serve, sem a ideia de subserviência do folião responsável ou da dona da casa, que nesse momento, já se misturam entre os foliões e assistência respectivamente. Porém, as mulheres são novamente invisibilizadas como agentes rituais, num dos poucos momentos em que elas poderiam ser notadas. Delineia-se um impasse: ser invisível no setor ritual ou ter uma visibilidade atrelada à subserviência.



Figura 36: dona da casa e folião preparando a mesa da comunhão. Fonte: acervo pessoal, 05/01/2019.

assentos que deveria ser prerrogativa dos foliões. Por uma questão de cavalheirismo ou gentileza alguns foliões cederam lugar para as mulheres seguirem viagem sentadas e foram de pé. Além disso, todas as pessoas da assistência pagaram para viajar. Mas na lógica tradicional da folia a questão econômica ou de gênero não pode solapar a distância hierárquica entre folião e assistência e os privilégios que essa hierarquia prevê.



Figura 37: à esquerda foliões se servindo e à direita assistência se servindo. Fonte: acervo pessoal, 05/01/2019.

Então, apesar da Folia da Maú e da Luíza não proporem a desconstrução de padrões e estruturas de pensamento, que ao mesmo tempo, são sustentados e sustentam o machismo, é possível perceber um ponto positivo. Se por um lado a reprodução de um padrão nocivo à ideia de igualdade entre homens e mulheres é reproduzido, por outro, por meio dessa função, que de fato atrela a figura feminina ao espaço servil, se alcança sua visibilidade, e através dela elas são notadas enquanto agentes do ritual. Portanto, utilizando-se de um lugar cativo na estrutura social opressora, as mulheres são vistas como agentes, são percebidas como atuantes e marcam sua presença na esfera ritual.

Mesmo com a reprodução desse padrão não se pode negar uma pitada de subversão existente nessa ação. Essa subversão tímida de uma estrutura de pensamento e de atitudes cristalizadas pode parecer pouco significativa para a causa feminista se não se considera as pequenas incursões como mobilizadoras de uma realidade. Seria injusto não concebê-la como uma ação de resistência. “A resistência velada ou aberta das mulheres oprimidas mostra que a resistência é um sinal de força nascente, necessária para mudar o discurso” (STEPHENS, 2002, p. 123). O que se observa nas Foliás da Maú e da Luíza é um tipo de resistência velada, que nem elas mesmas sabem que praticam. Só a presença feminina no cortejo já aponta para essa atitude de resistência, que muda o discurso tradicional. Discurso que prega a exclusividade masculina nas funções rituais e a conseqüente exclusão feminina. É possível perceber que “as mulheres encontram na falsa submissão, na resistência velada, formas de subversão da matriz de inteligibilidade religiosa, conseqüentemente, galgando novos espaços e novas formas de poder no interior do espaço religioso” (NETO, 2015, p.98). Dessa forma, é possível aferir que em espaços fortemente marcados por uma identidade masculina, as mulheres orquestram agências semelhantes no que tange à ideia de mobilidade e autonomia

femininas nesses ambientes e logram êxito ao apresentarem paciência no exercício da resistência paulatina, contínua e diária.

Para investigar as mudanças ocorridas na folia no que tange à questão de gênero, é preciso se pensar na questão de cargos e funções no contexto da Folia de Reis. Quem faz o que e por que faz são questionamentos de suma importância para balizar a discussão neste momento. Nesse sentido, importa pensar numa relação entre as funções e cargos na folia com as normatizações de sexo e gênero impostas nesse meio, através de uma sistemática reiteração de regras ao longo dos anos até serem consideradas verdades incontestáveis. Judith Butler (2000, p.163-164) propõe uma reflexão sobre a construção de fronteiras, que se articula com a ideia de reiteração de normas através de um processo temporal. Ela trabalha a noção de naturalização do sexo através de um processo de estabilização, que promove em seu curso, fossos e fissuras, que são entendidos como instabilidades constitutivas dessas construções. Essas lacunas abertas são uma consequência de um processo de reiteração de fronteiras demarcadas, e o que extrapola tal demarcação, produz uma possibilidade desconstitutiva no seio do sistema de repetição da norma excludente. Ou seja, quanto mais se repete uma norma, mais se demarca o que seu padrão normatizado inclui e, ao mesmo tempo, reforça o que ele exclui. Tudo o que está fora do padrão não tem lugar nessa matriz de inteligibilidade, gerando uma lacuna, aprofundada pelo processo de reiteração, tornando-se um fosso.

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. Esta instabilidade é a possibilidade desconstitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o 'sexo' é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação em uma crise potencialmente produtiva (BUTLER, 2000, p.163).

Nesse sentido, é possível propor a análise de função/cargo na Folia de Reis que a princípio, parece estar vinculada ao sexo. Na repetição do próprio ritual da folia se observa qual função está destinada a cada sexo. Se se admite que o sistema de normatização do sexo possui fissuras que promovem instabilidade em sua estrutura, pode-se refletir então na possibilidade de desmantelamento das funções fixadas a cada sexo específico. A ideia de fossos e fissuras, quer dizer, aberturas, permitem e podem impulsionar as mudanças. Teriam sido eles que

levaram a novas configurações e conseqüentemente ao questionamento da norma tradicional? Se os ritos fixavam tradicionalmente a relação entre função e sexo, será que também não é o rito que irá fixar as novas possibilidades na relação e identificação entre papéis e sexo? Mas também é preciso compreender o que articularia a categoria gênero para se pensar na relação cargos/funções, sexo e gênero. Será que as funções nas folias mais dispostas às mudanças estão ligadas à ideia de gênero ou de sexo? Mesmo que o sexo, à primeira vista, pareça um termo que designe algo dado a priori, natural, imutável, atemporal, pré-discursivo e, portanto arbitrariamente estável, Butler (2000) já mostrou que não é e que a própria forja de sua naturalização gera as possibilidades de negação desse estado. Portanto, estar atrelada ao sexo ou ao gênero não indica sua maior ou menor disposição às mudanças, pois ambos são passíveis de alteração. Para balizar essa discussão faz-se necessário compreender o que denotam os dois termos em questão.

“O termo ‘gênero’ aparece inicialmente nos anos 1950/1960, nas ciências sociais dos Estados Unidos” (MAYORGA, et ali, 2013, p. 466), passa a ser utilizado e difundido na segunda metade do século XX e a partir da década de 1970, “as feministas se apropriaram do gênero como elemento analítico da sociedade; vão caracterizá-lo como uma construção social e histórica de relações sociais desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, o que acarreta a opressão das mulheres” (MAYORGA, et ali, 2013, p.464). Segundo Cruz (2013, p.22) não se pode considerar sexo e gênero como palavras sinônimas. Sexo está mais pautado pelo fator biológico, enquanto o gênero é construído social, cultural e historicamente. Gênero, de acordo com a perspectiva da autora, é uma categoria de análise e não uma forma genérica para se referir ao sexo. Gebara (2000, p.106) corrobora nesse sentido ratificando que “GÊNERO não é simplesmente o fato biológico de ser homem ou mulher. GÊNERO significa uma construção social, um modo de ser no mundo, um modo de ser educado/a e um modo de ser percebido/a que condiciona o ser e agir de cada um/a.” Gênero é uma categoria relacional que ajuda a superar os modelos simbólicos binários e fixistas (GEBARA, 2000, p.110). Seguindo outra perspectiva de análise dos termos, pesquisadores como Judith Butler ou que balizam suas pesquisas à luz de suas teorias, trazem uma compreensão mais complexa em torno das construções que permeiam esses termos. Assinalam a constituição móvel, historicizada e social de ambos os termos, ou seja, a própria categoria sexo também é um construto social. Segundo Neto (2015) não se trata de categorias estanques e universais pautadas por binários. Compreende o gênero enquanto ato performativo e ritualizado através de práticas, que está sempre em construção.

O gênero tido enquanto ato, é aberto a múltiplas ações, intencional, performativo e ritualizado através de constantes repetições ao longo do espaço/tempo. O gênero pode ser interpretado enquanto ato, a partir do ponto em que necessita de constantes repetições para sua constituição. Dessa maneira, a construção de uma identidade única cai por terra, uma vez que o gênero não é fixo (NETO, 2015, p.98).

A ideia da construção peregrina do gênero, a partir de uma atividade repetidamente permanente, é ressaltada por Butler:

se o gênero é algo que a pessoa se torna – mas nunca pode ser –, então o próprio gênero é uma espécie de devir ou atividade, e não deve ser concebido como substantivo, como coisa substantiva ou marcador cultural estático, mas antes como uma ação incessante e repetida de algum tipo (BUTLER, 2017, p. 195).

Butler (2017, p. 27) sugere ainda que o sexo não pode ser “estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura”. Butler (2017, p. 27) convida ao exercício reflexivo quando questiona se sexo não tem história, se as opções binárias não são uma construção variável, ou se os fatos ditos naturais do sexo, produzidos por discursos científicos, não estão a serviço de outros interesses políticos e sociais. Colocando em pauta tais questionamentos acerca da categoria sexo, a autora aponta que “se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula” (BUTLER, 2017, p. 27).

Assim se dá o retorno ao ponto inicial dessa discussão, onde se questionou se as funções na folia estavam mais ligadas ao gênero ou ao sexo. Agora é possível sinalizar que está atrelada aos dois, visto que ambos se pautam sobre construções culturais, sociais e históricas e que são passíveis de desconstrução. “Considerando que o ‘sexo’ é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio” (BUTLER, 2017, p. 197).

A relação das funções com quem as desempenha está pautada pela identificação da pessoa com o grupo culturalmente designado a exercer aquele papel. “Nesse sentido, pode-se dizer que as pessoas são reguladas pelos gêneros, nos quais as normas estão operando, e que a partir dessa regulação as pessoas são reconhecidas, culturalmente, de formas inteligíveis e aceitáveis, ou, não” (NETO, 2015, p.102). Tomando o exemplo das próprias líderes Maú e Luíza, seu contexto religioso possibilita às mulheres a liderança de grupos religiosos, e a Folia

de Reis é um grupo religioso. Portanto, mesmo que em folias de outro contexto não seja comum mulheres liderarem o grupo, nesse cenário não só é plausível como também corriqueiro. Dessa forma, sob um ponto de vista viciado na situação dominante, acostumado a observar a partir de uma só lente, as líderes podem parecer subversivas e desarticuladoras de uma realidade. No entanto, quando se troca a lente e as observa a partir do seu próprio contexto, constata-se que estão apenas seguindo o que já lhes foi proposto desde a agência de religiosidades de matriz africanas anteriores à constituição da Umbanda no Brasil. Maú e Luíza assumirem a liderança não parece ser uma atitude tão questionadora dentro do seu contexto religioso, pois ele permite essa agência, elas estão ocupando um espaço tradicionalmente feminino autorizado pela sua crença. Porém, essa mesma religião não autoriza tradicionalmente que as mulheres toquem os instrumentos de percussão nos rituais religiosos. Portanto, vê-las atuando enquanto folionas, tocando seus respectivos instrumentos, aí sim se pode pensar em uma contestação dos padrões e uma afirmação da ideia de que a mulher pode estar onde ela quiser, se apresentar como quiser, e usufruir dos privilégios que esse lugar pode lhe conferir. Estas sim estão fora da norma e a questionam.

Diante do exposto e das análises em campo, é possível perceber que a lógica das mudanças na Folia de Reis é uma constante. Várias alterações significativas se impuseram à dinâmica dos grupos ao longo dos tempos de maneira irrefreável. E dentre elas as alterações relacionadas ao lugar da mulher na folia se mostrou relevante em todos os grupos analisados, desde os mais ativos na abrangência e agência dessa proposta até os mais conservadores. E posso ousar dizer através das observações em campo, que não seja diferente em outros grupos da cidade e região, visto que a questão feminina e seu lugar na sociedade é uma urgência contemporânea que não aceita mais ser protelada. Ela até pode ser negada, como é enfaticamente por alguns grupos, ou flexibilizada, mas não ignorada. As mulheres já atuam no setor dos serviços, no ritual e das sabedorias. No primeiro, os homens não pretendem ampliar as funções que já lhe são reservadas nesse setor e essas já passam também às mãos femininas sem maiores problemas, como a administração, organização e tesouraria. No segundo, elas promovem inserções significativas e não somente nos cargos de bandeireira ou na representação das Três Marias¹⁵¹, mas são legitimadas enquanto representantes dos Santos e

¹⁵¹ Em Leopoldina essa representação nos grupos não é atualmente muito usual. No passado a Folia da Maú já concebeu tal representação, mas em entrevista Maú afirmou ser complicado encontrar moças puras, ou seja, que ainda não tenham iniciado a vida sexual, como prevê a tradição, para ocuparem o lugar das Três Marias. Na sua folia mesmo, houve uma época em que a tríade era composta por duas mulheres casadas, uma delas era a própria Maú, e a terceira também não seria mais virgem. Não se pode concluir que o motivo de ter caído em desuso seja esse, pois é comum se

coroadas como folionas. E o terceiro setor, o qual inicialmente parecia o mais inatingível, por ser o setor que detinha os saberes dos segredos, que eram transmitidos somente de pai para filho, de mestre para seu sucessor de confiança, se mostrou o primeiro a receber alteração da ordem tradicional. Antes mesmo que as mulheres cogitassem acender como lideranças das folias, ou entrarem de fato no ritual, sem querer ou notar, seus pais já as preparavam para isso. Lembrando que, a pedido do pai analfabeto, Seu Maceno, Belmira escrevia, todos os versos das profecias, os novos e antigos, a fim de organizar o registro e auxiliar o pai na tarefa de ampliar seu repertório. Ajudando seu pai a decorar os versos aprendeu todos, detinha o conhecimento das profecias desde pequena. O mesmo aconteceu com Cássia, de geração posterior à de Belmira. Cássia e sua irmã tinham a tarefa de escrever e organizar o caderno das profecias, que está sob sua tutela até hoje como uma herança e relíquia de família. Não existe um motivo único que justifique a preferência dos pais em elegerem as filhas para assumirem tal responsabilidade e não os filhos. Cássia explicou que o tempo dos meninos era escasso, porque começavam a trabalhar muito cedo. E quando chegavam em casa estavam cansados, e não pegariam esse compromisso. Outro motivo possível é a concepção de que as filhas, por estarem culturalmente atreladas ao espaço doméstico, manteriam seus pertences guardados e sob seus cuidados, e mesmo depois do seu falecimento o manteriam em segurança e em segredo. Os filhos não eram educados para serem cuidadosos, organizados, caprichosos, atentos com o que estava relacionado à família e à casa, tudo que deveria estar sob os cuidados delas. E como disse, esse caderno é considerado uma relíquia de família, pois as profecias pertenciam à folia da família. Essa concepção que detém as mulheres ao espaço privado, aos cuidados da casa e da família, faz parte de um ideal feminino propagado na sociedade patriarcal e encarado como regra que conduzia e justificava a escolha dos pais. Por isso, as meninas sempre estavam em casa para ajudarem o pai no momento em que ele precisasse e os meninos eram criados soltos, não se segurava os meninos em casa como se fazia com as meninas. O ditado machista “prendam suas cabras que meu bode está solto” revela muito dessa educação reproduzida há gerações na sociedade patriarcal e que pode ser a chave para a compreensão do que ocorreu: mais uma vez, o próprio sistema opressor deu meios às mulheres de terem o poder para transformá-lo.

Além das mulheres conhecerem as profecias, elas também podem solucionar problemas de ordem espiritual. É recorrente no meio social em que estão inseridas, contarem com a presença de benzedoiras, mães de santo e mulheres que dispõem desse conhecimento.

listarem crianças para essa função por evocar a pureza pela própria figura. Mas fato é que em Leopoldina a figura ritual das Três Marias não é vista com frequência.

Como já mostrado nesta pesquisa, Regina toca chocalho na folia (instrumento de percussão e de baixo nível hierárquico) e é capaz de solucionar problemas de ordem espiritual atuando como mestre. O que faz do mestre o cargo mais importante da folia é o seu conhecimento das profecias e o seu poder de agência para solucionar problemas de ordem espiritual nos giros, além, é claro, do respeito que tem junto aos foliões e sua voz de comando. Esses últimos dois elementos não se configuram como novidade para as mulheres poderosas das folias. Muitas delas detêm o conhecimento das profecias e das formas de resolução de conflitos de ordem espiritual. Portanto, nada de novo seria adquirido para que ascendessem ao cargo de mestre. O único empecilho real é o machismo que assola a sociedade e reverbera na folia.

A partir disso, se pode notar que os deslocamentos em torno da questão dos papéis e funções na folia ligadas ao gênero são mudanças que envolvem uma série de elementos que em conjunto promoveram rupturas. Dentre eles o local onde nasceu e o tempo de giro têm importância, assim como a pertença religiosa e o histórico de cada grupo. Em um possível ranking de folias com maior disposição para mudanças no que tange à questão do gênero, pode-se dizer que as folias mais jovens, ou seja, com menor tempo de giro, são mais abertas às inserções femininas. Não que as antigas não sejam, já foi mostrado nesta pesquisa exemplos que vão ao encontro dessa ideia, porém percebe-se que as folias que assumem uma postura de maior abertura e iniciativa são as que possuem lideranças femininas e muitas delas surgiram recentemente. A própria Folia da Maú já tinha muitos anos de giro antes da Maú a herdar, mas assim que ela assumiu, nasce outra folia, com outras características, outra identidade e até outra bandeira. O local onde surgiram acaba estabelecendo também uma relação com a pertença religiosa. As folias analisadas da periferia urbana têm contato com a Umbanda, enquanto a da área rural não tem uma ligação direta. A Folia dos Colodinos nasceu na zona rural e depois se deslocou para a periferia urbana. É possível perceber que ela tem origem católica, mas alguns de seus membros estabelecem contato com a Umbanda. Como já analisado aqui e que será ainda esmiuçado no próximo capítulo, o contato com a Umbanda tem relevância na inserção qualificada, ritualizada e visibilizada das mulheres nesse contexto.

Os grupos analisados foram escolhidos por sua representatividade, como amostras para representar o contexto das folias leopoldinenses de um modo geral. Portanto, foram criadas categorias que reúnem características que apontam para a capacidade de deslocamentos dos grupos em torno da questão de gênero e sua consequente ordenação decrescente de disposição para mudanças, como um ranqueamento das folias. Os grupos

analisados figuram como folias exemplares, que reúnem as características principais de sua categoria.

A categoria intitulada como Folias de Ação, reúne os grupos que tem maior disposição para alterações no sentido de inserção das mulheres. São aquelas que se empenham em realizar ações positivas no sentido de incluir ritualmente e no campo das sabedorias as mulheres da folia. A Folia da Luíza figura entre os jovens grupos liderados por mulheres e que incentivam a participação delas. Embora acreditem que não seja necessário justificar suas escolhas, as diferenças que têm em relação às regras e restrições ditas tradicionais da Folia de Reis são justificadas tanto pela autorização mítica, pautada na história das Três Marias, quanto pela agência da foliona fundadora. Luíza em vida chamava as mulheres para compor o grupo e dava todo apoio e incentivo àquelas que queriam entrar. Brincava que sem as mulheres quem faria companhia a ela nos giros? De fato ela não podia faltar, pois era a dona, a fiscal, a cuidadora, a protetora, a alma da folia, a matriarca por excelência. O próprio histórico do grupo, de pertença umbandista, favorece a leitura da matriarca como peça central, pois sua folia nasce em torno da sua devoção, e essa centralidade se configura como um elemento decisivo para a promoção das mudanças. A lacuna que sua morte deixou ainda é aos poucos preenchida pelas e pelos participantes da Folia da Luíza, que ainda mantém seu apelido¹⁵² como nome identificador do grupo.

A categoria das Folias de Ressignificação reúne os grupos que ressignificam a dinâmica da Folia de Reis e o papel tradicional das mulheres nesse contexto a fim de possibilitar a inclusão delas ritualmente. A Folia da Maú é um exemplar dessa categoria. Ela representa as folias de pertença majoritária umbandista e liderada por mulheres. Apesar de também ser um grupo jovem sob a direção da matriarca, tem sua fundação datada na década de 1990, não é tão jovem quanto a folia da Luíza, que ainda não completou nem uma década de giro. Justifica suas diferenças em relação ao contexto tradicional, baseada na explicação que não há nenhuma proibição quanto à participação feminina na folia, inclusive é autorizada miticamente e, portanto, oficialmente. O elemento decisivo para a promoção das mudanças foi a necessidade de permanência da folia. Pois Maú assumiu a liderança porque nenhum homem se dispôs a levar o grupo adiante. A diferença desta para a Folia da Luíza, é que apesar de Maú autorizar a entrada de mulheres no ritual, pouco incentiva e parece não acreditar que elas gostariam de participar enquanto folionas. Destarte, apesar dos dois grupos se situarem em contextos bastante semelhantes, compartilhar foliões e a Folia da Maú ser uma inspiração e

¹⁵² Luíza é o apelido da foliona. Seu nome era Heloísa, mas todos a chamavam e se referem a ela pelo apelido.

fonte de aprendizado e conhecimentos para a Folia da Luíza, o grupo da Luíza, mais inexperiente, supera o da Maú em alguns aspectos. Quando Luíza inclui as mulheres em todos os setores da folia, viabiliza a sua autonomia, incentiva sua participação ritual e autoriza sua agência no campo dos saberes, ela supera a sua antecessora. Nesse sentido, Da Vinci contribuiria afirmando “infeliz do discípulo que não supera seu mestre”, pois quem vem depois tem a possibilidade de aprender a lição com a experiência dos que atuam há mais tempo nesse cenário e ousar ir além no novo quadro que se apresenta, dialogando com as questões da atualidade, sem que os grilhões da dita tradicionalidade imutável pese sobre suas ações. Desse modo, os grupos que se assemelham mais com a Folia da Maú, ocupariam um segundo lugar no ranking de folias dispostas às mudanças no campo da mobilidade e autonomia femininas.

A Folia dos Colodinos representa Folias de Transição, pois têm abertura para as mudanças, mas com pouca iniciativa. Sua origem é na zona rural, mas atualmente todos os foliões moram dentro do perímetro urbano, tem uma identidade fortemente marcada pela religião católica, e alguns membros tem contato com a Umbanda. Representa folias de tempo de giro considerável, a dos Colodinos foi fundada na década de 1950, que incluem ou já incluíram mulheres no ritual, no caso da Folia dos Colodinos na função de Bandeireira. Consideram a participação feminina interessante para o grupo, mas não incentivam a inserção de meninas desde pequenas no cortejo. A inserção de mulheres e meninas é de suma importância para superar o processo de transição e ascender como grupos dedicados à igualdade de gênero. Quando inseridas desde tenra idade, as crianças cultivam o gosto e o respeito pela manifestação e aprendam na prática e de forma lúdica a serem folionas. Através da observação mimética seguem o exemplo de mulheres mais velhas no cortejo, ou seja, é importante que tenham em quem se espelhar e tomar como modelo. A filha de Aurélio não tem a presença efetiva de mulheres, mas têm exemplos memoráveis em sua família, que se definem como figuras relevantes no histórico desse grupo. A tia foi uma das primeiras mulheres a fazer parte do cortejo da Folia de Reis em Leopoldina, e a avó, uma foliona de berço, era quem dominava o setor dos saberes da Folia dos Colodinos, a grande responsável pela sabedoria dos seus mestres, apesar de nunca ter participado do cortejo. Mulheres que tiveram visibilidade e importância, figuraram nos setores ritual e da sabedoria, além do setor dos serviços. Essas mulheres compõem o histórico do grupo, o que explica o respeito que têm pelas figuras femininas inseridas na folia e justificam sua presença também com base no mito das Três Marias. Por isso os grupos que são favoráveis à participação feminina, mas não

promovem nenhuma ação ou esforço no sentido de incluí-las ritualmente, estão na área de transição, e ocupam a terceira posição no ranking.

Os grupos que mantêm as mulheres excluídas do processo ritual, sob o argumento de manutenção da tradição, se identificam com a Folia da Serra e se reúnem na categoria das Folias de Manutenção. O grupo bicentenário de pertença católica possui um histórico de mulheres efetivamente envolvidas com a folia, porém invisibilizadas pela força do discurso de imutabilidade da tradição. De tão invisíveis os foliões não percebem que paulatinamente elas adentram os espaços da folia, de maneira menos rápida e efetiva em comparação com outros contextos, mas de qualquer forma, vencendo barreiras que pareciam intransponíveis há décadas atrás. No setor ritual, não fazem parte do cortejo, mas hoje podem acompanhar a folia nas casas a serem visitadas. Além disso, podem conduzir a oração no Cruzeiro da Serra das Virgens¹⁵³. No setor das sabedorias, ainda não ascenderam como mestras, mas detêm o conhecimento das profecias. E no setor dos serviços a imutabilidade é plena, pois elas se mantêm nos bastidores fazendo todas as funções invisibilizadas como extensão do trabalho doméstico e os homens na direção, administração e tesouraria.



Figura 38: a mulher que aparece em segundo plano segurando a bandeira foi a responsável nesse dia por conduzir o momento de oração no Cruzeiro da Serra das Virgens. Em primeiro plano, um folião depois da cantoria, se ajoelha diante das cruces com as velas acesas, e demonstrando respeito e devoção presta a sua homenagem aos mortos. Fonte: acervo pessoal, 06/01/2014.

¹⁵³O ritual no Cruzeiro da Serra das Virgens, todo dia 6 de janeiro é um compromisso tradicional da Folia da Serra, reafirmado com o espírito do fundador e antigo mestre do grupo, o Medeiro velho, como conta a narrativa mitificada. Em respeito e homenagem às almas do casal de escravizados que cometeram suicídio e a conseqüente morte do filho que a mulher carregava no ventre, a comunidade ergueu no local o Cruzeiro com 3 cruces, onde a Folia da Serra canta e faz a oração, na manhã do dia 6. Para saber mais sobre essa história consultar em capítulo 2- Folia da Serra: tradição bicentenária, subitem 2.2- Dia 6 de janeiro, Dia de Reis em NEDER, Andiará Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

Na tabela a seguir é possível visualizar o ranking dos tipos de folias mais abertas às mudanças até a de menor disposição para isso. A tabela relaciona o local de origem e atuação dos grupos e tempo de giro, os elementos que podem ser considerados como mudanças no que tange à questão de gênero e o que não mudou no contexto de cada uma. Aparecem também os elementos decisivos para essas alterações, as justificativas que elencam tanto para a mobilidade quanto para a imobilidade dessas questões, além da pertença religiosa.

Categoria de folia Nome do grupo Local Tempo de giro	Nível de inclusão feminina e disposição para mudança	O que mudou?	O que não mudou?	Elementos decisivos para mudança	Justificativa para mudanças ou para imobilidade	Pertença religiosa
Folias de Ação Folia da Luíza Periferia de Leopoldina 2011	1º Alto	Mulher assume função de liderança e resolve questões burocráticas Roteiro passa pelo crivo da dona da folia. Mulheres inseridas no cortejo. Mulheres tocam instrumento Mulheres possuem funções rituais. Mulheres atuam no setor das sabedorias	As mulheres ainda não tocam instrumentos de corda e não atuam como cantadoras de frente. Elas continuam atuando na esfera dos serviços invisibilizados: Limpeza e manutenção de uniformes e bandeira, cozinheiras	O grupo nasceu em torno da devoção da matriarca. Luíza tinha voz de comando. Incentivo de Luíza na inserção de mulheres no ritual.	Incentivo de Luíza na inserção de mulheres no ritual. Não existe nenhum impedimento oficial ou mítico, que desautorize a inserção da mulher na Folia de Reis.	Umbandistas

		na solução de problema de ordem espiritual				
Folias de Resignificação Folia da Maú Periferia de Leopoldina 1996	2º Médio para alto	Mulher assume função de liderança e resolve questões burocráticas. Mulheres inseridas no cortejo. Mulheres possuem funções rituais.	Roteiro do giro traçado pelos homens. Mulheres não tocam instrumentos na folia. Elas continuam atuando na esfera dos serviços invisibilizados: Limpeza e manutenção de uniformes e bandeira, cozinheiras	Se a mulher não assumisse a direção, o grupo não seguiria adiante. Maú tem voz de comando	Não existe nenhum impedimento oficial ou mítico, que desautorize a inserção da mulher na Folia de Reis.	Umbandistas
Folias de Transição Folia dos Colodinos Origem na zona rural, hoje periferia de Leopoldina 1955	Médio	Aceitam a participação feminina no cortejo, embora apenas 1 menina faça parte atualmente, como bandeireira. Consideram a sabedoria de uma mulher como fundamental na	As mulheres continuam atuando na esfera dos serviços invisibilizados: Limpeza e manutenção de uniformes e bandeira, cozinheiras	O grupo nasceu em torno da sabedoria da matriarca, portanto respeitam a figura feminina.	Não existe nenhum impedimento oficial ou mítico, que desautorize a inserção da mulher na Folia de Reis. A narrativa das Três	Católicos e dupla pertença com a Umbanda

		formação do grupo: Belmira			Marias autoriza a inclusão delas. A presença de mulheres no cortejo é vista como positiva	
Folia de Manutenção Folia da Serra Zona rural 1816	Baixo	As mulheres acompanham o giro. Elas podem jantar nas casas visitadas.	Elas não podem se inserir no cortejo. Elas continuam atuando na esfera dos serviços invisibilizados: Limpeza e manutenção de uniformes e bandeira, cozinheiras	Empenho das mulheres	Os homens da Folia da Serra não aceitam a entrada das mulheres no cortejo com base na imutabilidade da tradição propagada por seus antecessores.	Católicos

Tabela 4: Relaciona as categorias de folias e seus exemplares, o ranking de disposição para as mudanças, quais mudanças ocorreram ou não, os elementos decisivos para que ocorressem, as justificativas para tais alterações ou permanências e a pertença religiosa de cada grupo exemplar.

Interessa perceber que apesar das mudanças serem inegáveis, recorrentes e necessárias nesses contextos, o que move a folia é o desejo de estabilidade. Mesmo que para alcançá-la precisem aceitar as mudanças que são promovidas pela instabilidade. Podem ser identificados na folia processos de instabilidade como os desencadeadores de deslocamentos nos papéis de gênero, de modo a se poder dizer que a estabilidade é uma norma sentida como mais importante, mais definidora que a própria norma dos gêneros ligados aos papéis. Isso pode se fazer notar quando Maú assume a liderança do grupo, quando nenhum homem quis. Ou quando o mestre da Folia da Serra, a contra gosto, aceita que as mulheres acompanhassem seus maridos ou namorados nos giros. Essa atitude de flexibilização evitou um possível embate com elas que poderia desencadear uma conseqüente perda de sua admiração, de seu

relevante apoio, que na verdade é o pilar de sustentação da festa, e talvez até perda de seus foliões. Todas essas perdas em conjunto promoveria o desmantelamento do grupo, que incorreria no fim de uma tradição bicentenária. Dessa forma, a instabilidade de momentos específicos, que não são exceções, gerou mudanças que devolveram a estabilidade. Ou seja, a estabilidade ressurgiu da instabilidade, para isso as mudanças ocorrem para que a tradição permaneça e não pereça.

5.3 Tipos nada ideais: perspectiva de atuação feminina na folia

Neste espaço cabe salientar a importância de mulheres poderosas e empoderadas no contexto das folias analisadas e como essas figuras podem ser compreendidas a partir de tipos ideais, como base para análises. Só para pautar o título desse item, os tipos ideais que aqui são traçados não são nem um pouco ideais, para um posicionamento pautado pelo viés patriarcal. O termo *ideal* em seu sentido denotativo apresenta dois significados que são relevantes para esta discussão: 1. Que só existe na ideia, 2. Que reúne toda a perfeição imaginável. Os tipos elencados são ideias no sentido sociológico do termo, ou seja, “é alguma coisa independente da apreciação avaliativa; ele não tem nada em comum com qualquer outra ‘perfeição’; sua relação é puramente lógica” (SCHNAPPER, 2015, p.238). Dessa forma, deve ser entendido enquanto modelo que não se confere na realidade, se relacionando com o primeiro significado. Mas não são ideais para a estrutura de dominação patriarcal, pois não reúne a perfeição para ela, não é algo adequado para seu funcionamento. Muito pelo contrário, lhe presta um desserviço, já que auxiliará uma análise que busca senão o desmantelamento dessa estrutura, pelo menos a exposição de suas fissuras, que abrigam a esperança de superação desse modelo. Importante desvelar as rachaduras que apregoam a precibilidade da estrutura social patriarcal. Muitas vezes sua estabilidade sequer é questionada, mas observando suas fragilidades, é possível se pensar que em algum momento, sua invencibilidade não mais se sustentará. Nem os tipos estão a serviço dessa estrutura, nem as mulheres reais, com as características reais que inspiram a construção dos tipos, estão. De acordo com a lógica patriarcal, a ação dessas mulheres a serem analisadas à luz do método tipológico, nada tem de ideal, pois tendem a desregular, desestabilizar o seu funcionamento, que é pautado e legitimado pela tradição, que o sacraliza.

O método tipológico é proveniente da concepção Weberiana. Os tipos ideais ou tipos puros fazem parte desse método, que de maneira sucinta, se constitui em criar modelos a partir de aspectos fundamentais e essenciais dos fenômenos em análise.

O estabelecimento de uma tipologia vincula-se à própria empresa sociológica, que se atribui por ambição substituir as incoerências do mundo humano por relações inteligíveis. O sociólogo esforça-se para substituir a diversidade e a confusão do real por um conjunto coerente e relacional (SCHNAPPER, 2015, p.238).

A característica central dessas construções ideais é não existir na realidade, mas servir de modelo para perscrutar casos concretos, e partir deles o pesquisador se encontra em situação favorável de comparar fenômenos sociais complexos. De acordo com Dominique Schnapper (2015, p. 239) “o tipo ideal é um quadro simplificado e esquematizado do objeto da pesquisa com o qual a observação sistemática do real [...] deve ser confrontada”. Faz parte do processo estabelecido pela pesquisa sociológica a elaboração de conceitos, ordenação e classificação dos materiais coletados, traçar comparações sistemáticas e formular a lógica que revela a variação das dimensões da realidade social. Diante disso, a elaboração de uma tipologia se apresenta como um instrumento que se presta à operação de estilização da realidade social para melhor compreendê-la (SCHNAPPER, 2015, p.238). A análise tipológica é um instrumento de pesquisa fecundo na interpretação das pesquisas empíricas, seu objetivo é

contribuir para tornar inteligíveis as maneiras com as quais os indivíduos reinterpretam identidades, umas preexistentes, mas que se renovam, outras suscitadas ou encorajadas pela Modernidade, [...] o que faz com que, concretamente, elas sejam reinterpretadas em termos de práticas ou crenças religiosas, referências históricas ou culturais secundárias, folclore ou recurso social e político (SCHNAPPER, 2015, p.250).

Segundo Schnapper (2015, p. 239) o sentido da expressão tipo ideal se baliza pela compreensão da palavra ideal enquanto um modelo, ou enquanto o dever ser, entendido como construção de relações possíveis que parecem adequadas ao nosso saber nomológico. Empiricamente não é possível encontrar esse quadro em sua pureza conceitual, ele é apresentado enquanto uma utopia. O tipo ideal não é uma realidade histórica nem uma realidade autêntica, é puramente ideal, um instrumento com o qual se analisa a realidade para clarificar o conteúdo empírico de alguns de seus elementos fundamentais (SCHNAPPER, 2015, p.240).

Antes de tomar as tipologias criadas para analisar as mulheres envolvidas com a Folia de Reis, mostra-se relevante ressaltar as diversas formas de dominação que enfrentam no contexto social em que atuam e estão inseridas. Max Weber (2003) apresenta, através de seu

método de análise, três tipos puros de bases de legitimidade para a dominação. Percebe-se que as três podem ser associadas, em menor ou maior escala, à estrutura de funcionamento da Folia de Reis. As bases de legitimidade da dominação são legal, tradicional e carismática. Antes de abordá-las no contexto da folia, é relevante compreender o sentido do termo dominação e o que articula. Para o autor o conceito de dominação e os motivos de submissão podem ser referendados da seguinte forma:

a dominação, ou seja, a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato, pode fundar-se em diversos motivos de submissão. Pode depender diretamente de uma constelação de interesses, ou seja, de considerações utilitárias de vantagens e inconvenientes por parte daquele que obedece. Pode também depender de mero “costume”, do hábito cego de um comportamento inveterado. Ou pode fundar-se, finalmente, no puro afeto, na mera inclinação pessoal do súdito (WEBER, 2003, p.128).

A partir disso, Weber (2003, p.128) sinaliza que a dominação apoiada somente sobre esses fundamentos estaria em situação relativamente instável. Segue explicando que a relação entre dominante e dominado também se apoia sobre bases jurídicas, que lhe confere legitimação. E a partir daí ele discorre sobre a dominação legal:

Obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer. Também quem ordena obedece, ao emitir uma ordem, a uma regra: à “lei” ou “regulamento” de uma norma formalmente abstrata. O tipo daquele que ordena é o “superior”, cujo direito de mando está legitimado por uma regra estatuída, no âmbito de uma competência concreta, cuja delimitação e especialização se baseiam na utilidade objetiva e nas exigências profissionais estipuladas para a atividade do funcionário (WEBER, 2003, p.129).

Entendendo a Folia de Reis enquanto um organismo maior e homogêneo em sua versão ideal e não enquanto grupos específicos, pode-se aferir essa dimensão jurídica da folia pautada em outra base legal. Na folia as narrativas míticas tem peso de lei, na matriz de inteligibilidade que sustentam são encaradas com oficialidade. Os grupos acatam regras que se baseiam em leis míticas e nesse sentido oficiais. Um exemplo é a narrativa do Rei Negro, que legitima a participação dos negros em folias de família branca. Conforme a ideia base da dominação legal “qualquer direito pode ser criado e modificado mediante um estatuto sancionado corretamente quanto à forma” (WEBER, 2003, p.128). A narrativa das Três Marias ainda não se tornou uma lei, que viabilize o direito às mulheres de participarem do cortejo, que pode ser criado mediante o estatuto sancionado. Porém, tem potencial para isso, já é uma orientação que depende de tempo para passar de opção do grupo para regra. Embora tal narrativa ainda não tenha o peso de uma lei, sua legitimidade não é contestada. Pois mesmo que o direito que

ela viabilize em alguns casos não seja acatado, não se utiliza o questionamento ou a negação da narrativa para justificar o veto. E se o direito que a narrativa contemplaria se transfigurada em lei, ainda não é consolidado, é porque esbarra em outro nível de dominação, a tradicional, que tem como representante maior a dominação patriarcal, operante na maior parte dos grupos e uma característica marcante da Folia de Reis enquanto organismo idealizado. Esbarra, mas não vai de encontro, pois a narrativa contada por Aurélio assevera que a mulher não tem o poder de adoração, então ainda que autorize a participação não desarticula a dominação tradicional. Porém, dependendo do narrador, esse ponto específico da história nem sempre é ressaltado ou sequer falado. Essas narrativas por não serem escritas, são plásticas e sua rearticulação é sempre possível de acordo com a intenção de quem fala. Aurélio, por exemplo, faz parte de um grupo que autoriza e vê como positiva a participação feminina, mas só tem uma menina no cortejo, na função de bandeireira e por insistência dela própria em participar da manifestação. Ou seja, autoriza, mas não incentiva. Provavelmente por ter uma formação pautada pela educação patriarcal e a dominação tradicional ser fortemente atuante nesse contexto.

A dominação tradicional é a que se faz notar com maior clareza no contexto da Folia de Reis, principalmente em sua forma de dominação patriarcal.

A dominação patriarcal (do pai de família, do chefe da parentela ou do “soberano”) não é senão o tipo mais puro da dominação tradicional. Toda sorte de “chefe” que assume a autoridade legítima com um êxito que deriva simplesmente do hábito inveterado pertence à mesma categoria, ainda que não apresente uma caracterização tão clara (WEBER, 2003, p. 133).

Portanto, esse modelo de dominação é clássico na Folia de Reis. Esse chefe que assume autoridade legítima, muitas vezes é encontrado na figura do mestre ou do dono da folia. Nessa base de legitimidade “obedece-se à pessoa em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição: por fidelidade. O conteúdo das ordens está fixado pela tradição” (WEBER, 2003, p.131). Portanto, quando se observa as leis que regem a manifestação, que viabilizam regras, direitos e deveres, é possível afirmar que juntos formam um conjunto de ordens que se baseiam na tradição, e são legitimados “em virtude da crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito existentes” (WEBER, 2003, p.131). Aqui importa salientar que mesmo que essa dominação pareça a mais difícil de superar por fazer parte da estrutura da folia de forma quase inextricável, é possível a partir dela articular novas possibilidades de promover direitos às mulheres com base na tradição, mesmo sendo a dominação patriarcal um tipo de dominação tradicional presente na folia. Weber (2003, p.131) assevera que “em princípio, considera-se impossível criar novo direito diante das normas e da

tradição. Por conseguinte isso se dá, de fato, através do ‘reconhecimento’ de um estatuto como ‘válido desde sempre’ (por ‘sabedoria’). Portanto, há base para se questionar um costume que não esteja oficialmente amparado se o argumento contrário a ele estiver respaldado miticamente e, portanto oficialmente, sobre o qual a sabedoria da tradição se faça operante. Dessa forma, a narrativa das Três Marias serviria como argumento oficial, pois se baseia no mito. Pois o costume da exclusão feminina nos grupos é apenas um velho hábito misógino, advindo e respaldado mais por uma estrutura social androcêntrica do que por bases legítimas pertencentes à Folia de Reis. Essa exclusão de fato não se ancora em nenhum argumento mítico, pois a ideia de que os Reis Magos caminharam sozinhos sem a presença de mulheres, já foi refutada pela história das Três Marias. E se disserem que essas personagens femininas não participam dessa passagem bíblica, o argumento de Aurélio contrapõe efetivamente essa questão, quando afirma com sabedoria de um mestre, que grande parte do fundamento da folia não está escrito na Bíblia. E para corroborar com o argumento de Aurélio que exclui a Bíblia como fundamento principal, é preciso recorrer à própria Bíblia, para saber o que na Folia de Reis se baseia na fonte escrita e o que se baseia na fonte oral. Basta analisar o pequeno trecho do evangelho de Mateus que conta a viagem dos Magos até o encontro com o Menino Jesus. Vai perceber que não é dito em lugar algum que eram Reis e nem no número de três, como conta a tradição da folia. Se a tradição inferiu que eram três por conta do número de presentes e que eram Reis por uma questão de nobreza deferida aos santos, então as lacunas desse breve trecho abrem espaço para o potencial criativo da sabedoria popular, que ainda vai explorá-lo e reinventá-lo de acordo com suas demandas internas por tempo indeterminado. Portanto, dentro da tradição é possível minar a dominação tradicional, enquanto dominação patriarcal.

O terceiro tipo de dominação elencado por Weber (2003), a dominação carismática, também pode ser conferido na Folia de Reis enquanto organismo ideal. Segundo o autor, a dominação carismática se sustenta

em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem aqui a fonte da devoção pessoal. Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo. A associação dominante é de caráter comunitário, na comunidade ou no séquito. O tipo que manda é o líder. O tipo que obedece é o “apóstolo”. Obedece-se exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e, portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma subsiste (WEBER, 2003, p. 134).

Essa dominação se baseia no carisma da figura que domina. Se seus dons sobrenaturais ou seu poder intelectual forem conferidos pela comunidade onde se insere, se torna um líder respeitado, aclamado, requisitado. Essa figura dialoga com o perfil do mestre da folia, que dentre as suas atribuições características a mais importante é a sua sabedoria. Esta se organiza e se sustenta por sua desenvoltura com o plano sobrenatural e sua habilidade intelectual na apreensão de milhares de versos, entre profecias e os versos cana-verde. Esse tipo de dominação, embora pareça ser mais um de caráter exclusivamente masculino na folia, na realidade conta com poucos, mas contundentes exemplos de figura feminina.

Dentre as figuras masculinas que exerceram ou exercem tal domínio em maior ou menor grau, é possível citar o Seu Maceno e o Seu Toninho. O primeiro, do contexto da Folia dos Colodinos, pai de Belmira, que de acordo com as narrativas era analfabeto, mas sabia milhares de versos e ainda manipulava com maestria o plano sobrenatural, utilizando esse poder em Encontro de Folias, nos quais, segundo consta, era imbatível. Seu Toninho é o mestre da Folia da Maú. Ele próprio já me disse sobre a impossibilidade de contar como proceder em momentos onde ele deve acessar sua sabedoria com o plano sobrenatural. É um conhecimento que deve ser mantido sob sigilo, e só pode ser transferido diretamente para o seu/sua sucessor/a, como se fazia com as profecias antigamente. Em giro já ouvi algumas situações onde esse poder é acessado, como o momento em que é preciso tirar a enfermidade de alguém que está doente na casa visitada, ou de algum folião incorporar espíritos ou entidades durante o giro. Certa vez ouvi um folião dizer que estavam requisitando a presença de Seu Toninho em outra folia, porque havia um folião passando mal, ou seja, passando por algum problema de ordem espiritual como a incorporação. O mestre respondeu que já tinha cansado de falar com esses meninos que eles têm que cruzar o uniforme, mas eles não cruzam. Cruzar o uniforme é uma medida de proteção contra esses imprevistos, mandingas e rezas que podem prejudicar os foliões e palhaços e desarticular a folia em jornada. Esse procedimento deve ser feito por todos os componentes toda vez que vestirem a roupa para sair com o grupo, mas principalmente pelos palhaços, por serem potencialmente mais vulneráveis por não serem representantes dos Santos. Geralmente os palhaços fazem, mas os foliões não, apesar do experiente mestre afirmar a importância desse procedimento. Seu Toninho não foi atender ao pedido da outra folia, pois estava a serviço da Folia da Maú e não poderia deixá-la descoberta e desgovernada. Mas requisitar a sua presença é uma forma de atestar que o seu poder é reconhecido na comunidade. Pois toda folia tem um mestre, mas nem todo mestre tem

a sabedoria necessária para solucionar problemas dessa ordem e nem a experiência de Seu Toninho.

Dentre as figuras femininas que possuem tais sabedorias, Belmira figura como um modelo de mestra em potencial e sua memória ainda é exaltada pelos seus descendentes por ser a fonte de todo o conhecimento do grupo. Por ela dizer aos foliões que se houvesse um Encontro de Folia para mandarem alguém ir lhe chamar, já se pode notar sua autoridade no assunto. E por ser herdeira direta do grande Seu Maceno, sua sabedoria já era atestada desde o berço, de acordo com a história contada com respeito pelo seu neto. Outras figuras que talvez não representem exatamente a ideia de dominação carismática, mas que merecem destaque por sua atuação nesse sentido, são Luíza e Regina, da Folia da Luíza. Luíza era respeitada enquanto dona da folia, mas também por ter capacidade de solucionar problemas de ordem espiritual, além de deter o conhecimento dos versos. Quando, durante a cantoria do grupo, no decorrer de uma conversa ela ficava em silêncio, ela estava verificando se os meninos estavam dando conta da responsabilidade que lhes foi confiada e conferindo se todos os versos estavam sendo cantados corretamente. Regina, apesar de ainda não ter o reconhecimento de seus poderes pela comunidade, está paulatinamente assumindo o lugar de Luíza na resolução desses problemas. Em uma conversa informal, ela contou que foi acionada pelo jovem mestre que pediu reforço no momento de resolução de um problema como esse. Se realmente ocorreu, não cabe julgar, o que interessa é a plausibilidade da história. Se ela narrou o ocorrido é porque no contexto em que atua existe espaço para que isso de fato ocorra. E se há espaço, há um potencial pujante de empoderamento feminino nesse grupo, a ponto de mulheres poderem exercer a função de mestre.

Portanto, todos esses tipos puros de dominação, que são conferidos em atividades equivalentes na realidade social analisada, são enfrentados em diferentes graus, pelas mulheres que não fazem parte da ínfima parcela feminina que se insere no grupo dominante. Para compreender esse esforço cotidiano, foram criados tipos puros ou ideais que sugerem a atuação das mulheres nesse contexto androcêntrico, para se compreender a lógica da dinâmica das numerosas funções exercidas, sua relevância nos setores dos serviços, ritual e das sabedorias. E compará-las entre si, a fim de estabelecer seus níveis de importância para a construção de uma nova estrutura na folia, na qual a dominação esteja menos pautada nas relações de gênero e que a submissão feminina possa ser excluída desse cenário.

São elencados tipos ideais compreendidos como tipos de folionas, que contemplaria as mulheres envolvidas com a Folia de Reis de maneira direta e ativa. Como as participantes dos

setores de serviço, ritual e dos saberes, e não as mulheres que compõem a assistência ou as devotas que recebem as folias. São 7 tipos listados: Foliona de Berço, Mãe de Folia, Foliona de Abertura, Foliona de Mudança, Foliona de Transição, Foliona de Inserção e Foliona de Centralidade Marginal.

O primeiro tipo a ser explanado é a Foliona de Berço, entendida como aquela pessoa que detém um conhecimento acerca da Folia de Reis desde muito cedo, ou seja, nasceu em família de foliões e cresceu entre eles. Adquiriu conhecimento em todos os setores da folia e compreende a manifestação de maneira holística, atuando nela da mesma forma, sem fragmentações. Muitas vezes, figura no grupo das herdeiras e posteriormente das primeiras-damas, ou seja, são filhas de foliões proeminentes e na vida adulta se tornam esposas de outros foliões. E no seio da família nuclear dos mestres, contramestres e donos de folias, aprendeu a respeitar e admirar a devoção que sustenta a festa e a gostar dos preparativos e organização que antecedem o evento propriamente dito. A organização já é composta de vários outros pequenos eventos, como reuniões e ensaios que acontecem geralmente na casa do dono ou mestre da folia, nos quais as primeiras-damas e herdeiras estão sempre à frente da organização, visto que a casa deve ser o domínio tradicionalmente delas. Seja pela observação, pela ajuda ou pelo fazer propriamente dito, a Foliona de Berço aprende acerca do setor dos serviços, do qual não se furta de assumir, entende todas as etapas rituais, sua ordem e hierarquia, e memoriza e apreende conhecimentos da ordem da sabedoria. Como que por efeito de osmose os conhecimentos são adquiridos de forma lúdica, natural ou mimética, onde esses três processos de ensino e aprendizagem se misturam e promovem a construção de um conhecimento para toda a vida e que não se dissolve com o tempo, por ser sempre renovado e retomado ano a ano. Talvez este seja o tipo mais complexo, ambíguo, indefinido, sem lugar de pouso numa escala de graus de agência feminina. Por permear por todos os setores, por ser uma peça que aciona passado e presente, por não abrir mão de suas funções no setor dos serviços e ter o domínio das sabedorias, ou seja, mestra em latência, a Foliona de Berço se define na ambiguidade de não ser podendo ser e vice versa.

Na realidade social podem-se perceber algumas das colaboradoras e personalidades analisadas nesta pesquisa que se enquadram neste perfil. Belmira, Lúcia, Cássia e, em parte, até Nininha. Elas foram herdeiras dos conhecimentos acerca do universo da folia nascendo e crescendo dentro dele. Belmira filha do grande mestre Seu Maceno se casou com Juca Colodino, dono de Folia dos Colodinos, na época de sua administração, Folia do Juca Colodino. Lúcia, quando nasceu, seu enxoval foi comprado com dinheiro do giro que seu pai

havia ganhado como palhaço, mais tarde seu pai se tornou dono de folia. E hoje ela é esposa de Tinho, dono da Folia da Serra. Em entrevista ela conta:

Lúcia: Meu pai era, sempre foi fulião. Então a gente sempre foi, teve movimento de fulia lá em casa, né!? E depois, a minha família toda sempre foi envolvida com fulia, sempre gostô de fulia. Então isso é uma coisa que sempre... minha mãe fala que quando eu nasci parte do meu enxoval foi comprado com dinheiro de... meu pai começô na fulia como palhaço, então ela fala que parte do meu enxoval foi comprado com o dinheiro que o meu pai ganhou. [...] Mas meu pai sempre foi um grande fulião. E aí depois, né, além do meu pai sê fulião, meus tios, primos, eu ainda casei cum fulião. [...] aí eu continuei né?! Meu marido, o pai dele era fulião, né?! Antigo, né?! E depois passô pra ele, e hoje meus filhos já nacero na fulia, e desde piquinininho, é... foro pra fulia, e hoje todos são fulião. Então, qué dizê, a fulia é uma coisa assim na minha vida que é de sempre. [...] Já nasci na fulia!¹⁵⁴

Cássia, filha de mestre folião, se casou com Lázaro, cantador de frente da Folia da Serra. E Nininha, também recebeu os conhecimentos sobre folia como se fosse geneticamente. Mas, diferindo um pouco do tipo ideal da Foliona de Berço por ter se inserido na esfera ritual e era de fato uma mestra, como bem notou Lúcia em entrevista, embora não recebesse o título. Sua folia injustamente recebeu o nome do marido, Folia do Dijinho, que era o dono e considerado o mestre, enquanto ela dominava a sabedoria. Não é preciso nem repetir sobre a sabedoria e conhecimentos dessas mulheres e a importância delas no contexto da Folia de Reis as quais cada uma pertence. Elas enfrentaram e enfrentam a Dominação Patriarcal para se colocarem enquanto mulheres atuantes e parceiras de jornada, e vêm conseguindo êxitos dentro das possibilidades que o seu contexto social comporta.

O segundo tipo puro a ser explanado é o de Mãe de Folia. O tipo mais empoderado e empoderador de folionas. Detentor do mais alto poder de agência feminina dentro da folia, por isso seu lugar se define no topo da mobilidade de atuação. Mãe de Folia é caracterizada por uma mulher experiente, que tem o carinho e admiração dos foliões, é respeitada não só pelo afeto, mas também pelo seu conhecimento, está sempre presente nos giros e no cortejo, mantendo a ordem e mediando conflitos e é uma mestra em potencial. É conhecedora das profecias e tem sabedoria para atuar em questões espirituais, sabem fazer rezas e benzeduras eficazes na resolução de problemas dessa ordem.

Duas figuras que se destacam como exemplos desse tipo seria Luíza e Regina. Que como já explanado possuem tais habilidades e são acolhedoras, experientes, mantenedoras da ordem e harmonia do grupo, são rodeadas pelo carinho que emanam aos foliões e que

¹⁵⁴ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

recebem deles. São figuras que se destacam pela atuação dinamizando um deslocamento interno de função. Luíza era dona de folia, mas atuava como mestra se houvesse tal demanda, do mesmo modo que Regina, na falta de Luíza, se propõe a solucionar. Mesmo sendo foliona de baixo nível hierárquico, por ser responsável pelo chocalho, se desloca de função da base para o topo no momento em que for acionada. Elas mostram na prática, que a mulher pode estar no nível mais alto da hierarquia da folia porque tem sabedoria para isso. Como o saber gera poder, são empoderadas e também empoderadoras, já que o exemplo repercute e incentiva outras mulheres a atuarem como elas. A Mãe de Folia mostra que é possível avançar contra a Dominação Patriarcal, se aproximar dos tipos que exercem a Dominação Carismática e se valer da Dominação Legal para inverter a lógica que rege a submissão feminina na Folia de Reis.

O tipo Foliona de Abertura também é caracterizado pela experiência e maturidade, suas representantes se identificam com a figura de matriarcas. As mulheres que se enquadram nesse tipo são queridas e respeitadas pelo grupo e pela comunidade da qual participam, possuem voz de comando, autonomia e são líderes natas. São figuras que ousaram dirigir um grupo majoritariamente masculino e abrir as portas para outras participantes femininas entrarem na esfera ritual e seguir o caminho traçado por elas. O grupo liderado por uma Foliona de Abertura carrega seu nome como identidade e alma do grupo e mesmo que ela venha a falecer ou transfira a direção para as mãos de outra pessoa, seu nome ou apelido continuará definindo sua folia, por conta da boa referência que sustenta.

Porém, apesar de uma Foliona de Abertura ter sua dinâmica definida dentro da esfera ritual, realizando e promovendo funções rituais para as mulheres, ela atua como dona da folia e não como foliona propriamente dita, ou seja, não toca instrumentos. Ela se projeta na esfera burocrática e organizacional, atuando no setor dos serviços e possui funções específicas na esfera ritual, como na administração da Bênção da Bandeira, Coroação e Descoruação.

Mulheres como Maú, Luíza e tantas outras donas de folia, são exemplos de Folionas de Abertura que podem ser conferidos na realidade social. São matriarcas responsáveis pela abertura do contexto androcêntrico da folia para sua própria entrada e para a inserção de outras mulheres, desestabilizando seu caráter excludente e patriarcal. Dessa forma, todas as outras figura femininas presentes em seus grupos dependeram da ação anterior delas de abertura dessa estrutura. São figuras de expressiva importância, algumas pelo seu pioneirismo de liderarem uma Folia de Reis, outras pela sua expressividade religiosa a ponto de centralizar toda a estrutura do grupo em torno da sua devoção, sendo a alma e o coração da folia. Outras

por terem a ousadia e a pró-atividade de se estabilizarem em uma atividade central, sendo vistas por observadores externos, como seres marginais e não pertencentes àquele universo do qual se apropriam com desenvoltura e maestria. Porém, como já mostrado anteriormente, apesar dessa aparente subversão, elas apenas se aproveitam do espaço que já possuem na sua esfera religiosa para dirigir outro grupo religioso. Mas de fato questionam a Dominação Patriarcal com sua autonomia em gerenciar um tipo de manifestação pautada por uma estrutura masculina. Ou seja, se utilizaram de um espaço já tradicionalmente seu para desestabilizar uma Dominação Tradicional e galgar uma posição que se tornou sua.

Um tipo interessante que cada vez mais pode ser observado nas mais diversas folias, é a Foliona de Mudança. É um tipo bastante representativo no cenário de inserção das mulheres ritualmente na Folia de Reis. A Foliona de Mudança, como o próprio nome propõe, é agenciadora da mudança no caráter androcêntrico da manifestação. Ela subverte a lógica simplesmente com sua presença no cortejo junto ao seu instrumento. Esse tipo compreende mulheres jovens, mas com vontade de fazer bonito e bem feito no cortejo, sua participação ritual possui seriedade, atenção e devoção. Atua na percussão, mas não se furta de aprender as profecias e almejar lugar de destaque no grupo, chegando ao início da fila do cortejo, através do aprendizado de um instrumento de corda. Apesar de tanta força de vontade, esse tipo não é composto de figuras muito estáveis. Como o próprio nome propõe, são Folionas de Mudança, e toda mudança ou se origina de uma instabilidade ou propõe uma instabilidade. Para que o deslocamento seja possível a imobilidade estável tem de ser abalada e sua inércia vencida. Esse caráter mutante também acomete o perfil dessa foliona, que depende de um incentivo externo a sua própria vontade para que permaneça assídua e seus interesses além da folia não a retirem do giro.

Exemplos na realidade social são encontrados na Folia da Luíza. As netas de Luíza que participavam enquanto folionas confirmam tais características. Contrariando a regra que limita a participação vocal aos cantadores de frente, essas meninas no final da fila do cortejo, mostravam autonomia e confiança quando respondiam corretamente os versos que o mestre cantava lá na frente. Outro exemplo importante é Tequinha, a moça que chegou a atuar como palhaça, citada por Maú e Luíza nas entrevistas cedidas. Enfrentaram a Dominação Patriarcal subjugadora e controladora de seus corpos, mentes e atitudes e tão pouco se submetiam nesse aspecto à Dominação Legal, assim como a Carismática não lhes fazia sentido.

Por serem jovens, outros interesses externos à folia competem com ela e outras formas de lazer lhe são oferecidas. Além disso, são meninas em idade reprodutiva. Não é um dado

empírico novo o alto índice de gestação entre as adolescentes e mulheres jovens nos bairros de periferia urbana, onde surgem e atuam grande parte dos grupos de folia. A maternidade, precoce ou não, retira essa mulher ou menina do giro durante alguns anos, ou até de maneira definitiva. Muitas delas abrem mão de seguir a folia em jornada por noites e madrugadas para cuidar dos filhos ou para descansar da dupla jornada diária, que não obedece ao tempo de giro, se estendendo para o resto do ano e da vida. Um dos motivos que desviaram Tequinho de sua função foi esse, que tirou também Tatiana, neta da Luíza. Ela era o incentivo externo que suas netas tinham. No primeiro ano que segui a Folia da Luíza ela contava com 7 mulheres, 4 que se enquadravam no Perfil de Folionas de Mudança. No segundo ano, já sem a presença da matriarca, o número despenca para 3 mulheres fixas, dentre elas apenas 1 neste perfil. Neste último giro, sobraram 2 e nenhuma Foliona de Mudança. Uma delas estava atuando no setor dos serviços e manifestando verbalmente a vontade de estar no cortejo, enquanto picava azeitonas para o almoço da Entrega da Bandeira. Outra, com a gestação adiantada, ajudava a cuidar das crianças, para que não atrapalhassem as mulheres do setor dos serviços, que se espalhavam na cozinha, na área de serviço e na varanda em frente à casa, movimentando em prol da produção do almoço. Nesse caso específico é perceptível a falta que faz a voz de incentivo de Luíza para que as meninas permanecessem no setor ritual. Porém, esse grupo por definição não é perene e vai se renovando contingencialmente.

A Foliona de Transição possui sua atuação pautada por uma insubmissão dócil. Pois por mais que não aceite a exclusão feminina ditada pelas regras tradicionais, se inserindo de fato na esfera ritual e subvertendo a lógica tocando seu instrumento de percussão, aceita passivamente posições marginais e se apega a elas, se dando por satisfeita e não almejando qualquer aclave hierárquico dentro da estrutura de seu grupo. Um dos traços característicos da Foliona de Transição é a maturidade. Ao mesmo tempo em que a idade madura lhe brinda com certa estabilidade em relação à sua participação fixa na folia, também lhe confere uma conformidade com relação à sua marginalidade hierárquica. Portanto, esse tipo plaina em uma zona de transição, na qual a Dominação Patriarcal atua, mas de maneira frouxa.

Exemplos são Regina e Dona Antônia, cunhada de Luíza. Elas estão sempre tocando seus chocalho e meia lua, respectivamente. Na época em que eram jovens essas mulheres jamais sequer poderiam pensar em participar de uma folia. Agora que se inserem na esfera ritual da manifestação, em qualquer posição que seja, já estão em posição favorável ao que já se viu no passado. Por isso expressam orgulho da posição que conquistaram. Regina até comentou que o chocalho só é tocado por ela, e quando não pode ir, ninguém a substitui, é

como se fosse uma propriedade. O que denota seu apego e orgulho de sua função e posição. É compreensível visto todas as barreiras que precisaram transpor para atuarem enquanto folionas e se fixarem como tais. Esse orgulho para Dona Antônia é a expressão clara da insubordinação dócil e para Regina se configura como uma humildade excessiva, pois ela também se enquadra na definição de Mãe de Folia. É uma humildade de quem não reconhece seu poder e potencialidade naquele meio, ou simplesmente abre mão desse reconhecimento, por não se achar melhor que ninguém por isso, e não se regozijar ou se envaidecer com suas qualidades.

A Foliona de Inserção é o tipo que se caracteriza pelas figuras femininas que ocupam o setor dos serviços trabalhando na invisibilidade dos bastidores, e nos rituais solenes do giro são inseridas ritualmente e revestidas de visibilidade. É um tipo que depende diretamente da ação da Foliona de Abertura. A Foliona de Inserção, apesar de ser uma figura que representa o avanço da inserção das mulheres no espaço ritual da folia, não tem essa força por si só. Não promove as mudanças efetivamente, mas é personagem delas, não possui autonomia para se inserir, mas é inserida pela Foliona de Abertura. Portanto, seu nível de atuação enquanto agenciadora de alterações na folia em termo do deslocamento da mulher da margem para o centro da manifestação é baixo, mas a sua representatividade visual se faz perceber. Mesmo que seja em uma posição de subserviência, como já discutido anteriormente, ela aparece como um elemento novo, que não é visto em grupos onde a Foliona de Abertura não se faz presente. A Foliona de Inserção é uma estratégia, mesmo que ambígua, de avanço no processo de mudanças promovido pela Foliona de Abertura. Afinal, só se pode avançar a partir de seu ponto de largada original, que é esse lugar da subserviência, só que agora essa servidão foi revelada pela visibilidade outorgada pela Foliona de Abertura. Esse tipo ideal não chega a questionar a Dominação Patriarcal, mas como é um tipo ambíguo, por um lado reforça a estrutura patriarcal e por outro a cutuca, como quem acena para mostrar que sua existência é percebida e que as mulheres não são mais invisíveis nesse contexto. A notoriedade pode ser o início da superação. A Foliona de Inserção e de Abertura são tipos interdependentes, no sentido de que a primeira depende que a segunda abra espaço para inseri-la e a Foliona de Abertura depende de se firmar como tal através de suas estratégias de abertura.

Na realidade social, esse perfil contempla as mulheres que participam da Comunhão nas Folias da Maú e da Luíza. Quando sua mãe era viva, Andréia participava desse momento no Ritual da Entrega da Bandeira da Folia da Luíza, agora como ela é a anfitriã da festa, delega a função às sobrinhas e amigas que ajudam no almoço. Na Folia da Maú essa função é

sempre desenvolvida pelas suas cozinheiras fiéis, Bruna, Sueli, Berenice, Lourdes, como só são elencadas 3 mulheres para a função elas se revezam em cada giro. E na Folia da Maú esse momento não acontece apenas na Entrega da Bandeira, mas também quando visitam lugares especiais, como o Centro do Joãozinho.



Figura 39: À esquerda as três mulheres que oferecem a comunhão, enfileiradas diante da mesa posta no Centro do Joãozinho. Fonte: acervo pessoal. 11/01/2019.

Figura 40 :À direita uma delas oferece o vinho ao folião em primeiro plano e ao fundo outra oferece o pão ao sanfoneiro. Fonte: acervo pessoal. 11/01/2019.

O último tipo ideal que é proposto como base para análise nesta pesquisa é a Foliona de Centralidade Marginal. Esse tipo é o de menor mobilidade na questão da posição e função da mulher no espaço da folia porque é o que não propõe nenhum deslocamento. Esse tipo analisa a mulher desempenhando o papel tradicional para o qual sempre foi convocada. Esse tipo é caracterizado pelo protagonismo dos bastidores de mulheres que produzem o que tem centralidade na festa, a comida. Sem o trabalho delas não há festa e não há folia. Mas é uma função invisibilizada, esquecida nas cozinhas quentes. A Foliona de Centralidade Marginal não estabelece nenhum contato com a esfera ritual, nem mesmo visual, não veem e não são vistas. É um tipo tradicional presente em todas as Folias de Reis que não questiona os tipos de Dominação elencados por Weber.

Na realidade social todas as cozinheiras que participam da produção dos jantares e banquetes de Santos Reis, seja nos rituais solenes ou nas visitas rotineiras, se identificam com esse perfil. Não são consideradas folionas de fato, mas não seria justo excluí-las desse título já que são a base que sustenta a folia. São incluídas nesse perfil Bruna, Sueli, Berenice, Lourdes, da Folia da Maú, Lúcia da Folia da Serra, Dona Zulmira da Folia dos Colodinos. Diferente da pureza do tipo ideal, elas não ficam totalmente alijadas do cenário ritual, as próprias cozinheiras da Maú participam também da esfera ritual e também são analisadas como Foliona de Inserção e Dona Zulmira é a anfitriã da festa da Entrega da Bandeira dos Colodinos.



Figura 41: Mulheres do setor dos serviços da Folia da Luíza fazendo o almoço da Entrega da Bandeira. Fonte: acervo pessoal. 20/01/2019.

Com objetivo didático, a tabela abaixo busca simplificar a relação complexa das múltiplas situações nas quais as mulheres se veem inseridas no contexto da Folia de Reis. Os tipos ideais foram criados como um instrumento de análise, como uma estratégia didática para se analisar a partir de uma estrutura ideal a dinâmica dessas mulheres na construção dos seus papéis, na ressignificação das funções e cargos dentro da folia e nas possibilidades de mudanças nos cenários onde atuam. O objetivo é relacionar a ideia de predisposição para as mudanças com determinados cargos e funções que as mulheres assumem nas folias, o que reflete diretamente nos setores em que atuam.

TIPOS	REPRESENTANTES	CARGO	FUNÇÃO (principal)	SETOR
Foliona de Berço	Dona Belmira, Lúcia, Cássia, Dona Ita,	Não possuem um cargo específico, mas possuem posição respeitável devido seu conhecimento e dedicação	Embasamento do conhecimento e serviços gerais	Serviços/Sabedoria
1)Mãe de Folia (Deslocamento interno)	Luíza, Regina	Folionas e Rezadoras	Tem o conhecimento pertinente aos mestres para oferecer o suporte espiritual adequado em momentos de apuros na Folia.	Sabedoria
2) Foliona de Abertura	Luíza, Maú	Donas de Folia	Organização	Serviços/Ritual
3)Foliona de Mudança	Tamires, Ana Luíza, Tatiana (Folia da	Folionas e Palhaça	Tocam instrumentos de	Ritual

	Luíza), Tequinha		percussão na folia, cantam a resposta e executa a brincadeira mascarada	
4)Foliona de Transição	Regina, Dona Antônia (F. Luíza), etc.	Folionas	Tocam instrumentos de percussão	Ritual
5)Foliona de Inserção	Adréia (Folia da Luíza), Bruna, Sueli, Berenice, Lourdes (Folia da Maú)	Comunhão	Oferecem a comunhão, com o peixe, o vinho e o pão	Serviços/Ritual
6)Foliona de centralidade marginal	Adréia (Folia da Luíza), Bruna, Sueli, Berenice, Lourdes (Folia da Maú), Dona Zulmira (Folia dos Colodinos). Lúcia (Folia da Serra)	Cozinheiras	Fazem a comida para a Entrega da Bandeira	Serviços

Tabela 5: relação entre categorias de análise, suas representantes, cargos e funções assumidos por elas e setores que ocupam na estrutura da Folia de Reis.

Houve, na criação da tabela, uma preocupação em situar as categorias de maneira decrescente, do maior nível de disposição para a mudança, de número 1, até o nível de estagnação ou continuidade, na 6ª posição. Porém, o primeiro tipo que aparece na tabela, a Foliona de berço, não está numerado, pois esse tipo não possui um lugar específico na linha decrescente de disposição para mudança e possibilidade de empoderamento da mulher no contexto da folia. Esse tipo contempla figuras que estiveram em posição de destaque em relação ao grupo, transitando entre os setores de serviços e sabedoria, sendo lembradas, citadas e referendadas quando o assunto é conhecimento sobre Folia de Reis. Se for considerar o fator tempo cruzado com as atitudes femininas que provocam deslocamentos como preponderantes na análise do processo de empoderamento das mulheres no contexto da folia, as Folionas de Berço teriam a primeira posição nesse ranking. Sem dúvida uma Foliona de Berço como Belmira possui um valor inestimável. Seu conhecimento promoveu a fundação de um grupo, ela se colocou à disposição para enfrentar duelos de Encontros de Folia, ou seja, se habilitando e se garantindo em uma função e em uma situação desconfortável até para mestres experientes e renomados. Portanto, é uma figura ímpar, que na época em que atuou se destacava entre as outras mulheres que se anulavam ou eram anuladas nas esferas da sabedoria e do ritual. Mas figuras como Lúcia e Cássia, apesar de todo conhecimento que possuem hoje, não se impõem como Belmira se impôs há décadas atrás. Não por falta de conhecimento, mas por falta de espaço de atuação na folia na qual estão ligadas. Como a

tabela não analisa tempo, até porque esse tipo em questão não deflagra uma única geração, o que se torna preponderante no ranqueamento são as ações positivas mais eficientes e efetivas no sentido de incluir mulheres nos setores rituais e da sabedoria. A Foliona de Berço é um tipo interessante por se manifestar em situações aparentemente contraditórias: apesar de ser uma das poucas a transitar livremente pelo setor das sabedorias, que é o de maior inacessibilidade para as mulheres, ela não figura no ritual, onde hoje já é possível atuar, e não se desvencilha da esfera dos serviços. Portanto, apesar de deter o conhecimento de mestre não se mostra como uma figura que atua de forma efetiva na inclusão, como uma Mãe de Folia, como uma Foliona de Abertura ou como uma Foliona de Mudança. Também não pode ser colocada nas posições inferiores da tabela, como se seus conhecimentos não fizessem nenhuma diferença. Nesse cenário onde o saber gera poder, o poder gera visibilidade, que mesmo sem fazer nenhum esforço já emancipa a mulher, como Lúcia. Não se pode dizer que Lúcia não é uma mulher empoderada, e só o seu exemplo já empodera outras. Portanto, a Foliona de Berço não está no topo e não está na base, na verdade ela pode transitar pelas posições da tabela como transita pelos setores.

Os tipos ideias de folionas podem ser cruzados com os tipos ideais de folias. Ao estabelecer esse encontro é possível avaliar e analisar como se interligam e se aproximam ou se repelem os tipos de folias mais ou menos afeitas às mudanças com os tipos de folionas mais ou menos empoderadas e empoderadoras. O campo é homogêneo ou também vai abrigar ambiguidades e incoerências? A criação desses tipos ideais foi desenvolvida justamente para facilitar a compreensão das possíveis incompatibilidades presentes na complexidade do campo. De maneira menos intrincada e mais fragmentada a realidade pode ser observada de maneira menos obscura, e os fragmentos podem auxiliar a desvendar o todo.

Observa-se que os tipos de folias mais articulados no sentido dos deslocamentos na questão da inserção das mulheres nas esferas de visibilidade e poder são a Folia de Ação e de Resignificação. Esses tipos contemplam a atividade de dos dois tipos de folionas mais empoderadas e empoderadoras, que são a Mãe de Folia e a Foliona de Abertura. A primeira tem autonomia tanto no contexto ritual quanto no campo dos saberes e a segunda pauta a sua atuação na esfera ritual, portanto elas jamais poderiam estar na Folia de Transição ou na de Manutenção, já que o primeiro controla a atividade feminina no campo ritual e o segundo não admite. Além disso, essas folionas tem característica de liderança, e as Folias de Transição e de manutenção não se caracterizam por lideranças femininas. Só isso já bastaria para excluírem esses tipos empoderados do seu contexto.

As Folionas de Mudança, de Transição e de Inserção dependem inteira ou parcialmente da atuação da Foliona de Abertura, pois é ela quem abre o caminho e o campo ritual para a inserção desses tipos. Portanto, essas também serão encontradas com maior facilidade nas folias onde a Foliona de Abertura atua, ou seja, nas Folias de Ação e de Resignificação. Porém, a Foliona de Mudança vai se estabelecer de maneira mais confortável ainda na Folia de Ação, pois apesar de ela se caracterizar pela força e potência de mudança, ela é instável e precisa de um incentivo extra tanto para entrar no cortejo quanto para se estabelecer nele. A Foliona de Transição, apesar do nome se associar à Folia de Transição, não possui uma relação direta com esse tipo de folia. Pode até aparecer, pois sua insubmissão dócil pode ser tolerada por uma folia que aceita, mas controla a atuação feminina. Contudo, como sua inserção é facilitada pela Foliona de Abertura, é mais fácil encontrá-la nas folias onde a matriarca atua. As Folionas de Inserção não possuem nenhuma força de ação sem a Foliona de Abertura, portanto sua figura não vai aparecer nas Folias de Transição ou de Resignificação. Até porque a invenção de seu papel ritual surge da empatia da Foliona de Abertura para com a sua função de centralidade na esfera dos serviços, onde certamente a própria matriarca já esteve. Dessa forma, a identificação de uma com a outra é inegável e a sororidade se estabelece na forma da visibilidade que a matriarca oferece como reconhecimento ao trabalho das cozinheiras.

A Foliona de Centralidade Marginal vai aparecer em todos os tipos de folia. E aí pode aparecer a incoerência que até agora não havia se imposto de maneira contundente nesta análise. Pois se este é o tipo mais tradicional onde a mulher pode se colocar, o mais arraigado na cultura patriarcal e dentre os tipos de folionas o maior representante da força da cultura machista presente nos grupos e de maneira mais pujante nas Folias de Transição e Manutenção, como ele também pode aparecer nas Folias de Ação e de Resignificação? O que se observa é que não é apenas a Folia de Transição que se encontra nas fronteiras, entre o deslocamento e a estagnação, o cenário da Folia de Reis como um todo se encontra em transformação. E nos estados de transformação se pode observar pontos de acanhamento ou morosidade das mudanças até nos elementos mais promissores de inovação. Destarte, até nas Folias de Ação e de Resignificação, onde já poderiam surgir os primeiros homens cozinheiros, buscando uma igualdade numérica de homens e mulheres em todos os setores da folia, ainda não é possível aferir tal avanço. Portanto, embora pareça incoerente o grupo da Foliona de Centralidade Marginal ser tão numeroso nas folias que almejam a inserção feminina nos setores de visibilidade e poder da folia, na realidade social a incoerência se dilui.

Pois as mulheres que atuam na cozinha também já foram Folionas de Mudança ou de Inserção e, portanto nem tão alijadas assim são da esfera ritual. Participam também como assistência, embora o tipo puro assegure que nem contato visual estabelecem com o ritual. Além disso, apesar da pauta das Folias de Ação e de Resignificação se aproximarem das questões levantadas pelos movimentos feministas, elas não têm a pretensão de serem representantes dessa luta. Suas lideranças femininas não são militantes e tão pouco se dão conta de que sua prática diária aponta para o feminismo e poderia ser taxada como tal. Assim, como o trabalho das Folionas de Centralidade Marginal, é de extrema relevância ele não será extinto dessas folias por uma questão ideológica. Simplesmente pelo fato de tal questão não habitar a consciência das lideranças e sua prática ser mais pautada por uma questão de sororidade do que pela busca pela igualdade de gênero.

A Foliona de Berço também perpassa por todos os tipos de folias. Nesse sentido a incoerência reside em estar presente nas Folias de Transição e de Manutenção. Mas novamente o contrassenso se dilui, visto que ela não incomoda a exclusividade masculina do cortejo da Folia de Manutenção e poderia se impor em Folias de Transição, tanto que a Folia dos Colodinos nasce em torno de Belmira, um exemplo clássico desse tipo de foliona. As Folionas de Berço que puderam ser encontradas no decorrer da pesquisa de campo que baseou esta análise não estão cientes de seu poder e do valor que têm. Então, até o dado momento não incomodam a estrutura androcêntrica de folia de Transição e Manutenção e podem aparecer outras de forma até mais atuante nas Folias de Ação e Resignificação. Esse tipo é flutuante, atemporal e não geracional, pode aparecer em qualquer folia, atuar em todos os setores, e surgir em qualquer época.

Portanto, em um quadro explicativo desta análise pode-se observar a seguinte composição:

Tipos de Folias	Ação	Resignificação	Transição	Manutenção
Tipos de Folionas	Berço Mãe de Folia Abertura Mudança Transição Inserção Centralidade	Berço Mãe de Folia Abertura Mudança Transição Inserção Centralidade	Berço Transição Centralidade marginal	Berço Centralidade marginal

	marginal	marginal		
--	----------	----------	--	--

Tabela 6: Relação dos tipos de folionas que se inserem em cada tipo de Folia.

Portanto, este capítulo buscou mostrar, através de um mapeamento das mudanças engendradas no contexto da Folia de Reis, o papel da mulher e sua autonomia crescente, passando pelos setores e cargos da manifestação. Os rearranjos dentro desse contexto seguiram eixos de deslocamentos que possuem elementos refreadores e impulsionadores das mudanças. Dentre os eixos tem-se o Pragmático, Identitário, Social, Religioso e Conservador. Todos os grupos pautam sua agência pelos eixos Social e Religioso, que são ambivalentes, ou seja, tanto oferecem elementos impulsionadores quanto refreadores dos deslocamentos. Todos, mesmo sem desejar, têm sua identidade marcada pela postura e pertença religiosa. É algo invisível, que parece fazer parte da gênese dos grupos, como algo anterior à sua própria existência. Mesmo sem perceber, sem verbalizar, sem notar sua presença silenciosa, a pertença religiosa pauta as suas atitudes, suas permissões, autorizações e restrições. Portanto, os grupos que têm a pertença católica mais preponderante, tendem a se manter na imobilidade, enquanto os grupos onde a pertença Umbandista se faz mais forte, tendem à maior aceitação da autonomia feminina. O que também não é uma regra, mas uma tendência, já que as atitudes estão sob a influência de vários fatores que podem ser mais ou menos preponderantes do que esse, analisados dentro dos outros eixos propostos. Além disso, os eixos apresentados não são os únicos, mas aqueles que mais se mostram ativos no contexto desta pesquisa.

A partir daí foi feita uma categorização das folias em tipos ideais. Analisando com que tipo cada grupo estudado nesta pesquisa se identifica e criando um ranking do qual possui maior disponibilidade de alterações para o menor. Inspirados pela metodologia tipológica weberiana, foram criados tipos puros de folionas, mulheres que atuam no interior desses grupos. Essas mulheres representadas pelos tipos tencionam outros tipos, os de dominação elencados por Weber e presentes no cenário em que atuam. A partir dos tipos de folionas prontos e exemplificados por personagens reais que fazem parte do campo de pesquisa, foi possível relacionar os tipos de folionas com os tipos de folias, a fim de compreender de maneira mais clara o complexo contexto os cercam.

Capítulo 6: Mulher e religião: espaços permeáveis, deslocamentos possíveis

Neste capítulo o objetivo se constrói sobre a perspectiva de se analisar o papel da mulher em um contexto mais amplo. Investigar os deslocamentos do lugar da mulher na religião e os fatores decisivos que levaram a essas transformações. Partindo do contexto da Folia de Reis em Leopoldina, analisar a mulher na Igreja Católica, na Umbanda, no Catolicismo Santorial e posteriormente, a mulher na religião, como ela vem conquistando espaço paulatinamente e como a religião vai se flexibilizando para se manter nesse cenário novo, modificado, em que a presença feminina se faz forte e efetiva. Dessa forma, a ideia é a partir da Folia concluir para o todo. Faz-se necessário neste momento pensar em eixos de mudanças e de permanências, ou seja, categorizar as estruturas e elementos que impulsionam ou refreiam os deslocamentos.

Importa perceber que a mulher não tem o mesmo nível de protagonismo ou anonimato em setores equivalentes nas mais diversas religiões. Dessa maneira, seria relevante discutir qual o seu nível de atuação nas religiões abordadas nessa pesquisa: Umbanda, Catolicismo e especificamente no Catolicismo Santorial.

6.1 Deslocamentos e permanências

Este item teria como desafio pensar se os deslocamentos em torno do lugar da mulher na Folia de Leopoldina e o seu conseqüente empoderamento poderiam servir de base para se apontar e analisar mudanças no papel da mulher na religião em geral. Nesse aspecto, cabe investigar o que se pode entender como fatores decisivos para mudanças no lugar da mulher na religião e, por outro lado, quais elementos são de fato representativos no refreamento dessas mudanças.

Destarte, alguns eixos de mudanças e permanências podem ser traçados. Como eixos facilitadores de deslocamentos podem ser elencados os Sociais, pensando na autonomia que a mulher alcança no cenário público na atualidade, os Pragmáticos, aqueles relacionados com algum acontecimento que encerraria o giro de determinada Folia e não se encerra mediante a atuação de uma mulher e Afetivos (ou Identitário), que se referem a Folia se tornar uma espécie de herança que é entregue a quem mais se identifica com a festa, independente do gênero. Já os eixos de elementos dificultadores, ou seja, os fatores que reforçam a ideia de permanências, pode ser citado o eixo da Tradição, que aponta na direção da perpetuação de certos valores que se opõem ao cenário atual. Há também o eixo que se faz ambivalente, o da

Cosmovisão religiosa, que tanto pode levantar fatores facilitadores ou refreadores das mudanças nesse cenário no que diz respeito às questões de gênero. Tanto pode apontar para uma hierarquia definida e definidoras de papéis de gênero, como pode sinalizar as possibilidades de uma dinâmica de transformações aceitáveis em determinado contexto religioso.

Para analisar este eixo ambivalente e seus desdobramentos possíveis, neste item serão perscrutados aspectos estruturais de três universos religiosos distintos, mas que se tocam, se articulam e transpõem suas fronteiras mutuamente: a estrutura Católica, a do Catolicismo Santorial e da Umbanda. Dessa forma, interessa analisar o aspecto hierárquico de organização dentro de cada uma dessas estruturas.

O Catolicismo possui uma estrutura hierárquica bastante clara e definida. Apesar da estrutura constituinte da Umbanda ser completamente diversa da do Catolicismo, ela também apresenta uma organização hierárquica relativamente explícita. Porém na Umbanda o poder se concentra na figura de quem se articula melhor no contexto espiritual. Independente do gênero, entre os pares quem detém o conhecimento sobre as instâncias espirituais, experiência nesse contexto e sabedoria para acessá-lo ocupa o topo da hierarquia. Além disso, a organização se mostra mais próximo de uma estrutura familiar e o respeito se pauta também nesse sentido. Os terreiros se estabelecem horizontalmente, sem a obrigatoriedade de se reportarem a uma instância superior que pudessem organizá-los nacionalmente ou mundialmente. Esses espaços são autônomos e cada pai ou mãe de santo representa o ponto mais alto da hierarquia na comunidade religiosa que fundam.

No Catolicismo a estrutura se apresenta muito mais complexa, ampla, consolidada e estável. Com vários níveis e postos a se galgar, um caminho mais extenso a percorrer até chegar no ponto auge da estrutura. Nesse sentido, o poder não se pauta pela eficiência que determinada figura possa apresentar com o plano espiritual, a fim de oferecer resultados práticos que influenciem diretamente a vida do fiel. Nesse contexto o poder não é conquistado, é atribuído pela instituição e o seu acesso está diretamente atrelado ao gênero.

No Catolicismo Santorial há uma mistura dos dois contextos: o poder parece estar ligado ao acesso e intimidade com o plano espiritual, onde se articulam os santos. Não obrigatoriamente, mas em alguns casos necessariamente, o gênero importa e a hierarquia também se apresenta nesse contexto. Na Folia de Reis, até o dado momento não existem mestras. Porém, ainda assim, acredito que a sabedoria seja o ponto central de acesso ao poder neste domínio. Por isso os saberes dos segredos da folia são guardados e passados somente a

“quem mereça” conhecê-los e utilizá-los, porém tradicionalmente não se cogitavam nomes femininos merecedores, somente masculinos.

A partir dessa explanação, busco articular teorias que respaldam a discussão em torno das mudanças ocorridas nas Folias de Leopoldina e explica, através do diálogo com pesquisadores da área, a nova perspectiva que se desenha no contexto da cidade.

Para iniciar essa discussão é necessário traçar brevemente uma estrutura básica de cada religião envolvida nesse cenário. Explanar sobre os valores que a religião católica e a umbandista pressupõem como corretos e sugerem que seus fiéis sigam. Na modernidade as estruturas religiosas se colocam como opções. Não há mais apenas uma única via possível, mas um leque de possibilidades que se apresentam como alternativas de acessar o sagrado e gerenciar esse acesso. Mas isso não as torna menos efetivas na prescrição de seus valores. É verdade que hoje vivemos em um contexto em que múltiplas realidades são articuladas pelo indivíduo. Ele pode ser um fiel devotado de determinada religião e se pautar por um discurso secular em outras esferas da sua vida, e estabelecer uma maneira fluida e não dicotômica de articular crença e secularidade (BERGER, 2017, p.12). Dessa forma, seu viés secular não o torna menos crente e seu viés religioso não o torna menos secular. Seguindo ele a religião ou uma instituição secular, de acordo com sua conveniência. E ainda há aqueles que seguem mais de uma religião, na ideia de quanto mais proteção melhor. Ou transita por elas em determinados momentos da vida, colhendo o que melhor cada uma pode lhe ofertar.

Antes ainda, devo explanar sobre o conceito de instituição, para que se possa compreender a relevância de uma estrutura religiosa institucionalizada a nível nacional, com uma superioridade numérica visivelmente definida, como a Igreja Católica. E como essa estrutura flexibilizada, na imagem de um Catolicismo Santorial bastante poroso, ainda assim assume seus valores androcêntricos pressupostos, que vem sendo paulatinamente questionados.

A escolha, dádiva moderna, contempla diversas esferas da vida social, inclusive a opção religiosa, e os valores a serem seguidos por cada um. O indivíduo já nasce cercado por instituições fortes, aparentemente indissolúveis, que impõem tais valores, que por sua vez deveriam ser reproduzidos pelos indivíduos, sem refletir sobre a arbitrariedade presentes nessa reprodução. Sob uma perspectiva sociológica, o conceito de instituição pode se definido de maneira sucinta e generalizada da seguinte forma:

Uma instituição é um quadro de formas típicas de realização de uma unidade social (...), formas que se configuram historicamente e em larga medida permanecem iguais. Em tais formas manifesta-se um padrão social como tal relativamente autônomo perante seus membros individuais e o seu meio

ambiente; esse padrão aparece aí agindo visivelmente como uma unidade abrangente que é mais do que a soma de seus membros. Essas formas de realização são, por exemplo, distribuições fixas de papéis, tradições aprovadas, exercícios de ritos e símbolos, normas morais obrigatórias, ordenações jurídicas legítimas, competências e autoridades geralmente reconhecidas etc.. O concurso regulamentado de tais desempenhos fixos, típicos de uma sociedade, faz dela uma “instituição” e dá-lhe um “caráter institucional” (KEHL, 1997, p. 350).

Berger (2017, p.77) contribui em relação à conceitualização do termo a partir da ideia de que “uma instituição é um programa de comportamento que, quando adequadamente interiorizado, faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social”. Com a modernidade surge o pluralismo diluindo o dado-como-certo dessas instituições, pautando a reflexão para o irreflexível, questionando o inquestionável, revendo os programas institucionais e alterando assim paulatinamente as atitudes e decisões dos indivíduos modernos. Portanto, mesmo que “as instituições fortes são dadas como certas por indivíduos que foram socializados nelas. O pluralismo moderno enfraquece esse dado-como-certo, obrigando os indivíduos a hesitar e refletir sobre os programas institucionais” (BERGER, 2017, p. 134). Assim, a verdade absoluta, que sempre norteou a vida das pessoas imersas nessa estrutura social institucionalizada, desaparece ou torna-se cronicamente inacessível. A modernidade, trazendo a pluralidade como fator de relevância, em consequência traz à tona a relativização. “Assim, as várias formas de interação com diferentes cosmovisões e com os comportamentos que elas engendram iniciam um processo de relativização” (BERGER, 2017, p. 23). Pois, a simples discordância da cosmovisão de alguém já a relativiza, visto que cosmovisões diferentes apontam comportamentos diferentes do que é socialmente aceitável para cada uma das partes, e se essa diferença for verbalizada, intensifica-se a relativização (BERGER, 2017, p. 22, 23). Destarte, o pluralismo resulta na permanente relativização e na inacessibilidade de uma verdade absoluta, já que nesse contexto ela simplesmente deixa de existir juntamente com o dado-como-certo.

É nesse contexto que ressalto a fala de Cássia, que acena um desacordo com a visão do marido em relação à participação feminina na folia. Ela afirma que ele nunca a chamou para sair na folia, nunca incentivou a filha a aprender a tocar um instrumento e por essa falta de incentivo masculino, as mulheres nunca ousaram adentrar o setor ritual da Folia da Serra. Por outro lado, atrevo-me a dizer que as mulheres ainda não ousaram questionar a estrutura ritual da Folia da Serra, e esse foi o motivo para que lá essa inserção ainda não tenha vindo à tona.

A estrutura social androcêntrica foi de tal modo institucionalizada no campo social brasileiro, que as atitudes e comportamentos pautados por ela não eram questionados, ou sequer se pensava na possibilidade de questionamento. Pois a dúvida não existia. O dado-como-certo da instituição protegia sua constância e imutabilidade. Porém, na modernidade basta um gatilho para que a possibilidade de questionamento surja. O gatilho para que Cássia refletisse sobre a omissão do marido diante da possibilidade de inserção das mulheres do seu núcleo familiar no grupo, foi a entrevista concedida por ela para o desenvolvimento desta pesquisa. Uma reflexão pode levar a uma ação se for endossada por outros componentes. Assim como as mulheres da Serra questionaram a exclusão feminina no acompanhamento do cortejo e tomaram a atitude de seguir, mesmo desrespeitando as ordens contrárias masculinas, podem questionar a estrutura androcêntrica do ritual. A ousadia de seguirem o cortejo, aceitarem a oferta da comida nas casas visitadas sendo tratadas como iguais, tomarem a liberdade de servir o prato da criança antes dos foliões (contrariando todas as recomendações do antigo mestre, que com o objetivo de preservar os costumes menosprezava as mulheres e as subjugavam, tratando-as como inferiores) já sinaliza a pauta da modernidade sendo assumida até nas áreas rurais.

Contrariando a ideia de constância ou imutabilidade das tradições nos contextos rurais atualmente, Berger (2017) apresenta a ideia de globalização da modernidade, pois o pluralismo como seu traço essencial, se torna globalizado. Parafraseando um provérbio germânico, Berger (2017, p.26) sugere que o “ar da cidade torna livre”. Explica tal assertiva apontando que “as cidades são muito frequentemente os lugares onde as pessoas de diferentes experiências e conhecimentos convivem umas com as outras e onde a contaminação cognitiva começa o seu trabalho criativo ou (dependendo do ponto de vista) destrutivo”(BERGER, 2017, p.26). Do ponto de vista do antigo mestre folião da Folia da Serra, seria destrutivo. Pois, conforme Lúcia afirmou em entrevista, seu sogro, o referido mestre, não gostava de visitar as casas na cidade. E não por conta da distância, pois segundo as entrevistadas, num determinado momento, o grupo teve à sua disposição um caminhão, que inclusive os levava a Campo Limpo, um distrito de Leopoldina que atualmente recebe o nome de Ribeiro Junqueira. Lúcia justifica a decisão do antigo mestre afirmando que a educação das pessoas da zona rural é diferente das pessoas da cidade e por isso o sogro não gostava. Por outro lado, é possível supor que nessa ideia de educação diferente, também esteja inserido o modo de viver, agir e de pensar diferentes. E talvez seja justamente disso que o mestre quisesse afastar os grupos e preservá-lo dos tais “ares da cidade”, mantendo assim o status quo. Porém, respirar os

ares da cidade na atualidade é inevitável, pois não precisa ir até à cidade para sofrer suas influências. O pluralismo, suas contaminações cognitivas que geram as relativizações, que por sua vez diluem as verdades absolutas e o dado-como-certo das instituições, se tornaram globalizados, atingindo inclusive a zona rural.

A modernidade, contraditoriamente, também criou o espaço adequado para que o Catolicismo Santorial não perdesse aderência. O pluralismo, nesse sentido, é o conceito chave para compreender essa relação. Pois a modernidade abre espaço para as contaminações cognitivas a partir das relativizações surgidas no contato com outras cosmovisões, por exemplo. O Catolicismo Santorial é por si só um híbrido, uma fusão de cosmovisões distintas amalgamadas num todo coeso e coerente para seus fiéis. Portanto, seus seguidores sem perceberem, já aceitam conceitos e definições advindas tanto do catolicismo oficial como das religiões de matriz africanas. No contexto do Catolicismo Santorial essas contaminações ocorreram e ocorrem de maneira natural e sem rupturas, pois a ideia central é sempre a de soma.

Mas para que essa compreensão se estabeleça de forma plena, antes é preciso explicar sobre o conceito desse tipo de catolicismo e sua origem. Por Catolicismo Santorial entende-se um catolicismo híbrido, de cunho devocional praticado pelos leigos, com base na cosmologia oficial da Igreja Católica, mas sem interferência direta da instituição em suas práticas e manifestações, marcadas pela autonomia em relação à Igreja. O Catolicismo Santorial, muitas vezes conhecido como Popular, é entendido como um Catolicismo “autônomo expresso em festas tradicionais variadas, devoções aos santos com práticas de estilos mágicos” (MARIZ, 2006, p.56). O próprio Cristianismo em sua gênese já é sincrético. Sanchis (1995, p. 4) afirma que ele se formou através de uma confluência do judaísmo, por si só já sincrético, da Grécia Clássica e do helenismo tardio. Destarte, aponta o Catolicismo como uma religião sincrética por vocação, como a única a evidenciar essa marca sincrética por natureza, no mundo ocidental cristão.

Por sua vez, a cosmologia africana que se inseriu no Sudeste do Brasil, a Banto, também não se mostra avessa às influências externas. Angola, Congo, Gabão e Cabinda constituem a região de origem da maior parte dos escravizados do Sudeste brasileiro. É possível apontar continuidades culturais entre a África Centro-Occidental e o Sudeste do Brasil, alegando uma relativa homogeneidade cultural banto nas senzalas desta região brasileira (SLENES, 2006, p.279-280). Segundo Abreu (1994), os povos bantos compartilhavam de um processo por eles denominado de complexo cultural

ventura/desventura, que não implicava o abandono da própria cosmologia/ritual, mas a incorporação e aceitação de símbolos e ritos externos à suas vivências. Acreditavam que esses novos elementos poderiam trazer um novo ciclo de fortuna e felicidade. Essa flexibilização da religião africana não apontava necessariamente para uma conversão dos escravizados ao Catolicismo, tampouco a uma estratégia de esconder as divindades africanas por trás dos santos católicos. Abreu (1994) destaca ainda que foi “significava, principalmente, a incorporação das imagens católicas, dos novos símbolos, à religião da África Central” (ABREU, 1994, p. 192) através dessa lógica de ventura/desventura. Por outro lado, é possível afirmar que a dissimulação foi sim uma das estratégias possíveis no início do complexo processo do sincretismo afro-católico, mas não como única e tampouco a mais relevante (BERKENBROCK, 1999, p.176).

A cosmovisão banta se caracteriza pela sua capacidade de renovação, pela abertura a novos movimentos religiosos, pelas reinterpretações de símbolos, ritos e mitos a fim de prevenir a desventura e maximizar a ventura com a incorporação dos elementos estrangeiros. Portanto, a adesão ao Cristianismo seria uma espécie de reatualização, uma recombinação dos elementos novos com os já existentes, sem abandonar as práticas e crenças tradicionais (DAIBERT JR., 2014). Essa dupla aptidão para afinidades múltiplas, ou seja, dos dois lados da equação, possibilitou a aproximação entre o Catolicismo e a cosmologia Banto. Essa intersecção gerou resultados híbridos diversos, dentre eles o Catolicismo Santorial, leigo por excelência, plástico por aderência, crente por sua própria existência.¹⁵⁵

Outra questão que possibilitou o interesse dos negros e indígenas sobre a religião católica foi seu aspecto mágico. Segundo Silva (2005, p.23) o catolicismo romano, com sua ritualística de aspecto mágico, à análise dos escravizados e nativos, exerceu um fascínio, como se estivesse sendo aberto um canal ao mundo do sobrenatural. “Um fascínio mágico do qual a Igreja soube tirar vantagens para converter, reprimir e atrair fiéis” (SILVA, 2005, p.23). Existiam equivalências simbólicas entre os ritos da Igreja Católica com os ritos ancestrais dos negros e indígenas, que abriram espaço para as associações, que permitiram a amálgama, que resultou no desenvolvimento de um catolicismo híbrido e cheio de

¹⁵⁵A ideia de influência das matrizes culturais africanas na formação do Catolicismo Santorial, abordada de maneira mais ampla, pode ser encontrados em NEDER, Andiara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

reinterpretações. Ou seja, o Catolicismo já era uma religião mística ou mágica, mas que proibia todos os atos mágicos que não estivessem atrelados ao seu escopo mítico e cultural (SILVA, 2005, p.21).

Berger (2017, p. 27) define breve e simplificada o conceito de modernidade como “um produto das mudanças provocadas pela ciência e pela tecnologia criadas nos últimos séculos”. Diante dessa ideia de transformações a nível global desencadeadas pelo desenvolvimento da tecnologia e as respostas a serem dadas pela ciência, parece estar bem distante e até oposta da apresentação do Catolicismo Santorial. Tais conceitos parecem ser estruturas completamente díspares, senão excludentes. Pois esse catolicismo é movido por superstições, crenças e demandas que parecem ter suas raízes mais profundas fincadas numa estrutura tradicional aparentemente imutável, que supera as dúvidas ou não lhes dá espaço para existir. Dúvidas que são uma característica inerente à modernidade, que surgem como consequência do direito de escolha, e da extinção do dado-como-certo, resultado da dissolução de instituições sólidas da pré-modernidade. E justamente por isso muda tanto a vida dos indivíduos. “A modernização leva a uma enorme transformação na condição humana, passando do destino para a escolha” (BERGER, 2017, p.26). Apesar de tantas incoerências entre esse tipo de catolicismo e a modernidade, eles possuem mais pontos em comum do que se imagina. O Catolicismo Santorial, nada institucional, se caracteriza pela soma de influências, contaminações cognitivas das mais complexas, atingindo acordos e concessões culturais, pluralista em sua gênese. Seguindo uma sequência lógica, é possível se chegar à ideia de legitimação, revalidação de uma estrutura do Catolicismo Santorial pela modernidade. A modernidade leva ao pluralismo, que propõe a liberdade de escolha e também de soma. Pois a escolha sugere a exclusão, subtração de algum elemento em prol de outro, a soma sugere coexistência. A possibilidade de soma legitima o surgimento desse catolicismo leigo e propicia terreno fértil para o seu desenvolvimento, livre das amarras institucionais, fazendo as concessões necessárias para a sua aderência no contexto social em que opera.

Já o Catolicismo institucional romano vai de encontro a muitos aspectos da modernidade. Já não se vale da soma como apregoa sua gênese amalgamada, no sentido contrário, caminha na linha da exclusão, se mantendo ou tentando se manter na imutabilidade em meio a um mundo de transformações constantes. Kehl (1997, p.29) aponta a perspectiva da Igreja católica em meio aos solavancos da modernidade: “Na situação insegura de distúrbios pecaminosos e da multiplicidade da sociedade moderna pluralista, a Igreja é desejada e buscada [...] como ‘castelo firme’ [...] como ‘sinal do eterno’. Deve, perante o

mundo fugaz e adverso, espelhar a imutabilidade, a força e o poder de Deus.” É possível notar o valor positivo que envolve esse engessamento, que se revela como uma qualidade aos olhos de uma parcela considerável da Igreja católica.

O Catolicismo institucional, apesar de ter sua gênese associada à articulação de cosmovisões diferentes que deu origem ao cristianismo, fundiu tais influências de maneira tão homogênea, que depois de tanto séculos de consolidação e de institucionalização, já não se representa pela porosidade, mas pelo caráter hermético. Sua estrutura hierarquizada, dogmática engessada, visão de mundo androcêntrica, apesar de parecerem características intrínsecas à sua natureza, na verdade foram adquiridas ao longo de sua história de poder, que não fazem parte de sua origem. E de fato, hoje se encontram arraigadas em sua estrutura de tal maneira que se torna difícil dissociar. Muito do que se entende hoje como base da Igreja Católica foi construída a partir de adoção de elementos estruturais absolutistas e monárquicos e que regem a vida comunitária eclesial. Kehl (1997, p.101) afirma sobre a dificuldade da Igreja de se desvencilhar dessas estruturas sociais absolutistas e se ligar cada vez mais a estruturas democráticas, que constitui a organização social de grande parcela de seus membros e fiéis. Segundo Kehl (1997, p.101):

Detentores de ofícios eclesiais e membros da comunidade continuam achando difícil desligar a vida comunitária eclesial e a autoridade espiritual do ofício de estruturas sociais que foram em larga medida emprestadas da monarquia, da aristocracia, do feudalismo e do absolutismo de tempos passados e ligá-los cada vez mais a estruturas baseadas em experiências positivas da democracia e do federalismo modernos.

Apesar disso, a Igreja Católica em sua origem se fundamenta na unidade operada pelo Espírito Santo, na força do amor unitivo de Deus. Dessa forma,

a Igreja Católica entende-se como o “sacramento da *communio* de Deus”; como tal ela forma a comunidade dos fiéis – unida pelo Espírito Santo, configurada conforme com o Filho Jesus Cristo e chamada, com toda a criação, para o Reino de Deus Pai – que é constituída sinodal e “hierarquicamente” em um só tempo (KEHL, 1997, p.48).

A igreja Católica tem uma estrutura altamente hierarquizada, deflagrada em títulos, que em ordem decrescente de poder e importância são: Papa (Sumo Pontífice), Cardeais (conselheiros e colaboradores do Papa, são todos bispos), Arcebispos (bispos que normalmente estão à frente de uma arquidiocese), Bispos (sucessores diretos dos 12 apóstolos, possuem jurisdição completa sobre os fiéis de sua diocese), Presbítero ou Padre (colaboradores dos bispos, jurisdição parcial sobre os fiéis), Monsenhor (título honorário para

um presbítero, que não lhe confere poderes sacramentais adicionais), Diácono (auxiliares dos padres e bispos). Todos os níveis dessa hierarquia ocupados exclusivamente por homens. Entretanto, Kehl (1997) coloca essa hierarquia sempre entre aspas para que, apesar dessa clara estrutura, as pessoas se lembrem da igualdade propagada por Jesus, e que “todos – como irmãs e irmãos de Jesus Cristo – têm ‘dignidade’ igual e estão em ‘nível’ igual diante de Deus e entre si” (KEHL, 1997, p.99). Kehl (1997, p. 100) acrescenta que “essa igualdade de posição, operada pelo Espírito, de todos na fé constitui a base de cada organização da vida e da estrutura da Igreja.” Esse esquecimento estrutural do Espírito durou séculos na Igreja Católica ocidental, sendo rompido com o Concílio do Vaticano II, que colocou a igualdade fundamental de todo o povo de Deus antes das reflexões sobre a constituição hierárquica da Igreja. Porém, na prática esse rompimento não pode ser verificado no cotidiano das igrejas locais. “Uma teologia da *communio*, se bem que tão bela e orientada pela Bíblia, pela Patrística e pelos atuais ‘sinais dos tempos’, no fundo permanece inofensiva quando não se faz valer também estruturalmente” (KEHL, 1997, p.102). O que se pode aferir é a dificuldade de adoção, de maneira análoga, de formas estruturais democráticas que marcam hoje a consciência social e jurídica de muitos cristãos, aumenta-se o abismo tão lamentado entre a imagem teológica e empírica da Igreja. Se todos pudessem participar ativamente, se houvesse uma forma de ‘divisão de poderes’, se todos os cristãos capacitados pudessem participar de processos de aconselhamento e decisão, isso não feriria o ‘mistério’ da Igreja como fere a adoção unívoca de elementos estruturais absolutistas e monárquicos (KEHL, 1997, p.102). Portanto, apesar do concílio do Vaticano II ter fortalecido teologicamente os bispos e conseqüentemente as igrejas locais

a relativa autonomia das igrejas locais, que o Concílio Vaticano II possibilitou, só se traduz de maneira muito limitada na realidade eclesial. O forte peso do centro em Roma aliado à participação em larga medida desproporcional das forças de liderança da Igreja procedentes da Europa ou marcadas pela tradição europeia (como, por exemplo, no caso dos cardeais dos núncios, dos bispos nomeados por Roma), só deixa poucas chances para o desejado equilíbrio teológico e estrutural entre Igreja Universal, Igreja particular e Igreja local (KEHL, 1997, p.198).

Existe uma dificuldade da Igreja católica na “percepção de que a Igreja global é uma comunhão de Igrejas locais, e não uma grande paróquia uniforme, de direção centralista” (WIEDENHOFER, 2000, p.53). Isso acaba limitando as competências eclesiais-locais e impedindo que a Igreja se torne policêntrica, em busca da construção de uma identidade local própria, empreendendo forças e trabalhando na resolução dos problemas cujas conseqüências recaem sobre os seus fiéis diretamente. Pelo contrário, as atitudes descentralizadoras, como

conferências de bispos, concílios regionais, sínodos, são desvalorizadas e desencorajadas, na medida em que “a responsabilidade de cada uma das igrejas particulares pela unidade da Igreja universal é muito mais fortemente exigida do que a descoberta de identidade própria adequada ao tempo e ao lugar” (KEHL, 1997, p.199). Por conta disso a Igreja católica é vista como uma instituição engessada, com pequena capacidade de transformação e plasticidade, que são características inegavelmente presentes em sua gênese, perdidas pelo excesso de burocratização e centralização exigidas na organização das Igrejas na sociedade moderna. De acordo com Wiedenhofer (2000, p. 51)

Devido ao alto grau de organização formal das grandes Igrejas nas sociedades modernas diferenciadas (em função da burocratização, centralização e formalização jurídica) a noção de Igreja que se tem hoje em dia é, irrefutavelmente e em primeiro lugar, a de uma entidade social, de instituição e organização, ficando assim automaticamente distante da experiência religiosa do sujeito individual. Cria-se assim outra discrepância fatídica, entre intenção religiosa e pessoal da Igreja (Igreja como sinal salvífico do amor de Deus no mundo, Igreja como comunhão dos crentes) e seu efeito real sobre a pessoa humana de hoje.

Sanchis (1995, p. 5) assevera que o Catolicismo “será constantemente chamado a modular-se e redefinir-se historicamente em função dos campos onde se implanta”. Resta saber se ele vai escutar esse chamado e transformar-se estruturalmente de forma efetiva. Mudando primeiramente seu caráter androcêntrico. Dessa forma, é válido ressaltar o papel da Igreja Católica como propagadora e mantenedora de uma cultura patriarcal. Historicamente a Igreja Católica se define no Ocidente como um dos pilares que sustenta as relações hierarquizadas entre os sexos, sempre ativa no processo de naturalização de formas assimétricas que permeiam as relações de poder que tocam os papéis de gênero (LOPES et al., 2011, p. 333). Aliás, “desde o triunfo do cristianismo no Império Romano, a cultura patriarcal judaico-cristã modelou os papéis sociais de homens e mulheres, santificando a opressão masculina e a inferiorização feminina” (BELLOTTI, 2007, p. 1).

Rohden (1997, p.66) afirma ser recorrente entre teólogas a análise de que um fator preponderante nas desigualdades de gênero no seio do cristianismo, principalmente em termos de poder de decisão na Igreja, passa pela negação do acesso da mulher ao sagrado em toda a tradição cristã oficial, que só foi questionada em 1970 pelas Igrejas protestantes com a ordenação feminina. Porém, na Igreja católica, além de longe de ser uma realidade, a ordenação de mulheres se revela como um tabu. Muitas vezes a realidade concretamente experienciável da igreja é negligenciada em prol de uma espiritualização mística a serviço do ‘mistério’ da fé. Essa espiritualidade deixa relegada a um segundo plano, ou mesmo exclui, a

exigência crítica de mudanças de estruturas e atitudes antiquadas da Igreja (KEHL, 1997, p.26). Sobre tal espiritualidade excludente, Kehl (1997, p.27) assevera sobre a problemática da Igreja ainda estar tão atrelada a uma cosmovisão androcêntrica:

Que semelhante espiritualização esteja explicitamente cheia de conflitos evidencia-se especialmente quando essa linguagem simbólica não é simplesmente “abstraída” da realidade da igreja, mas é, seguindo um método oposto, abruptamente traduzida para a realidade eclesial-estrutural ou seja, sem suficiente consideração de fundo histórico, cultural e social desses símbolos; fundando-se a partir disso, por exemplo, a impossibilidade de que mulheres sejam ministras ordenadas. Fica claro aí como a compreensão tradicional da relação de Deus e humanidade, de Cristo e Igreja, de homem e mulher ainda está presa ao quadro de uma cosmovisão androcêntrica que não integra o teor normativo da revelação (KEHL, 1997, p.27).

O autor acrescenta ainda que “apesar da linguagem simbólica antiga não ter visado a isso por seu teor original de sentido, ela de fato tem contribuído na história da Igreja para a desvalorização estrutural da mulher”(KEHL, 1997, p.27). E embora as mulheres configurem a maioria nas Igrejas, até pela imposição de uma clássica divisão de funções e papéis sociais de gênero, cada vez mais se observa, lenta e paulatinamente um afastamento de mulheres jovens da Igreja. Kehl (1997, p.202) aponta que esse distanciamento é motivo de preocupação para a sobrevivência da Igreja, pois eram elas as responsáveis pela transmissão familiar e catequética da fé. O papa João Paulo II, em resposta a essa problemática bastante perceptível e aguda, em sua encíclica *Mulieris Dignitatem* (1988) acentuou sobre a dignidade antropológica, social, jurídica e espiritual da mulher assim como a sua igualdade de direitos, em oposição ao que a história da Igreja apresenta como prática corriqueira dentro da instituição. Apesar de tal atitude do então Papa acenar uma ação positiva em relação à luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres dentro da Igreja, isso não basta se essa igualdade não se manifesta, não se faz sentir na prática da realidade cotidiana. Como afirma Cruz (2013, p.101)

Se por um lado, as duas últimas cartas do papa João Paulo II, por ocasião do Ano Internacional da Mulher, motivam algumas, por outro lado, a Igreja mantém-se fechada a uma participação feminina mais concreta nas instâncias de decisão. A Igreja deve continuar sendo dirigida somente por varões, pois esta foi a ‘vontade de Deus’.

A Igreja recentemente, pós Vaticano II, tem se empenhado em produzir documentos afirmativos em relação à igualdade entre mulheres e homens na Igreja.

Mas, de outro lado, em seu próprio tecido estrutural, fazem-se grandes distinções de papéis que repousam apenas na distinção dos sexos. Os argumentos teológicos que se invocam para isso perdem cada vez mais força de persuasão e caem na suspeição de ideologia, quanto mais se alarga o fosso entre a posição legal da mulher numa sociedade moderna (também

apoiada pela Igreja) e suas possibilidades canonicamente limitadas na Igreja (KEHL, 1997, p.203).

Nega-se à mulher o direito e a possibilidade do presbiterato pautando-se na ideia de ser o ministério eclesial oficial uma instituição de sucessão dos apóstolos. Segundo Kehl (1997, p. 404) há uma tendência de que essa declaração doutrinal se fundamente no *fato* de Jesus não ter chamado as mulheres para o ministério presbiteral episcopal. Porém, não se pode explicar tal fato apenas pelo contexto sociocultural da época, visto que Jesus superou convenções de seu tempo ao tratar as mulheres como iguais e manter com elas uma relação amigável e respeitosa. Dessa forma, ele poderia ter superado as convenções também nesse sentido e as chamado para ocupar tal cargo. Como teoricamente não chamou, os apoiadores dessa versão asseguram que “deve haver motivos muito mais profundos que meramente históricos que dêem a esse comportamento obrigatoriedade’ supratemporal’. No entanto, não se mencionam mais precisamente esses motivos postulados”(KEHL, 1997, p.404).

Além de não ser aceitável que essa vaga explanação de um *deve haver* seja um motivo válido para a proibição da ordenação feminina, há para além disso, uma controvérsia em relação ao fato de as mulheres não terem sido apóstolas de Jesus. “Apóstola é uma pessoa escolhida e incumbida de realizar uma ordem expressa de quem a escolheu”(RICHTER REIMER, 2011, p.115). Há teólogos e pesquisadores que fazem menção a mulheres ocupando esta e tantas outras funções decisivas no movimento de Jesus e do cristianismo originário. Faria (2003) afirma que Maria Madalena não só era uma apóstola como também era a mais bem preparada para a missão de evangelização, na ótica de Jesus, inclusive gerando ciúmes entre os outros apóstolos. Guerra (2015, p.126) assevera que o evangelho de Lucas cita Maria Madalena, Joana e Suzana como mulheres seguidoras de Jesus, autônomas e ativas na esfera pública, cooperando e anunciando a basílica, transgredindo assim os critérios da economia doméstica de seu contexto social. Richter Reimer (2011) cita como apóstolas ou discípulas incumbidas de funções bem determinadas na organização primitiva do cristianismo, mulheres como Maria Madalena, Júnia, Salomé, Maria de Tiago, Tabita, Joana, Febe, Priscila, Maria, Trifena, Trifosa e Pérside. Eram diáconas, cooperadoras, missionárias, líderes de igrejas domésticas e apóstolas (RICHTER REIMER, 2011, p.122). Tabita organiza um discipulado a partir de um grupo de mulheres marginalizadas. Esse discipulado se manifesta como diaconia. A autora afirma que “a diaconia é trabalho junto e em favor de alguém que precisa vivenciar amor, acolhida, esperança, solidariedade que se manifestam como vestimenta, comida, cuidados, acolhida, etc. (Mt 25,31-46)” (RICHTER REIMER, 2011, p.112).Destarte, isso mostra “não apenas que existiam outros apóstolos/as além dos Doze e além de Paulo, mas que

também havia mulheres apóstolas, sendo que as primeiras, eram Maria Madalena e o grupo de mulheres como visto acima”(RICHTER REIMER, 2011, p.123). As mulheres eram atraídas pelo movimento itinerante e profético de Jesus, pois viam nele uma possibilidade de serem tratadas em situação de igualdade com os homens. Pode-se compreender a partir daí que havia um “protagonismo da presença e participação de mulheres desde os inícios até o novo recomeço, no que elas se destacavam como seguidoras, diáconas, apóstolas, discípulas de Jesus” (RICHTER REIMER, 2011, p.124). Sobre a participação feminina no movimento de Jesus Richter Reimer (2011, p.111) afirma:

movimento profético itinerante de Jesus que agregava e congregava também muitas mulheres (Lc 8,1-3) que em Jesus encontraram outra forma de viver sua vida no contexto patriarcal do Império Romano e de culturas religiosas patriarcais. Neste movimento de renovação intrajudaico, elas eram consideradas iguais, discípulas, libertas, agraciadas pelo amor de Deus e que largavam suas antigas formas de vida para se colocar no seguimento a Jesus.

Tantas foram as mulheres que lideraram igrejas inicialmente domésticas no cristianismo originário numa orientação avessa a essa excludente estrutura hierárquico-patriarcal ou quirical. Contemplavam uma estrutura mais voltada a uma ideia de co-participação do que de subordinação de um sexo, no caso o feminino, legitimado pela ideologia dominante da época. Richter Reimer (2011, p.121) aponta ainda que esse modelo democrático, não vigente e quisto no então contexto sociocultural, também poderia ser notado nas igrejas lideradas por homens. Modelo este que não correspondia com viés político e econômico da sociedade patriarcal-patrimonial romana, que apregoava a liderança exclusivamente masculina, e além desse chefe e também proprietário, existiriam apenas os membros a ele subordinados (RICHTER REIMER, 2011, p.121).

No entanto, o cristianismo originário não se apresentava como um movimento homogeneamente transgressor e disposto a promover uma ruptura com o modelo de opressão sobre a mulher. Nesse contexto existia mais de uma via possível a ser seguida, uma

que rompe com paradigmas socioculturais e religiosos de dependência, subordinação e desqualificação de mulheres e outro que se adapta, reformula e talvez até aprofunde estes paradigmas (Gl 3,28; 1 Tim 2,11-15). Este conflito apontaria para um processo gradativo de institucionalização da igreja e simultânea exclusão de mulheres do exercício das funções eclesiais (RICHTER REIMER, 2011, p.115).

E foi assim que as mulheres perderam paulatinamente o protagonismo, a voz e a vez, em um movimento em que muitas mulheres se fizeram presentes, autônomas e atuantes. Operando não à sombra dos homens, de uma maneira passiva legitimada por paradigmas androcêntricos,

mas assumindo uma postura de resistência a fim de promover deslocamentos e rupturas profundas no contexto social e religioso de seu tempo. Entretanto,

no decorrer da história eclesiástica, as tradições petrina e paulina sobrepujaram as tradições do apostolado de Maria Madalena, Salomé, Maria de Tiago, Joana... O resultado deste processo foi a lenta, gradativa e incisiva exclusão das mulheres do apostolado e conseqüentemente também de ministérios eclesiais e pastorais ordenados, o que perdura até hoje em algumas igrejas do e no mundo inteiro (RICHTER REIMER, 2011, p. 118).

Uma exclusão baseada apenas na misoginia de uma estrutura religiosa patriarcal, já que não se sustenta nas palavras e tão pouco no exemplo de Jesus. Entre exegetas reina a ideia de que o chamado de Jesus aos apóstolos tem a ver com a reunião de novo de todo o povo das 12 tribos de Israel e prepará-lo para a vinda do Reino de Deus. Segundo Kehl (1997, p. 406)

os 'Doze' escolhidos por Jesus simbolizam os novos patriarcas (= doze filhos de Jacó) do Israel que devia se renovar, e também seus juizes escatológicos (cf. Mt 19,28). Essa ação profética simbólica obviamente se poderia significar melhor por (1) doze (2) judeus (3) varões (e não por qualquer número, por exemplo, de judeus e samaritanos ou de mulheres e homens).

Porém, Kehl (1997, p. 406) assevera sobre as alterações em toda essa simbologia ao longo do tempo, seguindo as demandas de cada momento de crescimento da Igreja, sendo suspenso apenas quando determinado deslocamento se esbarrava na misoginia, que permeia a estrutura institucionalizada da Igreja Católica. De acordo com o autor, logo que a Igreja se ampliou alcançando e se inserindo em outros espaços além de Israel, o motivo que se baseia na simbologia dos novos patriarcas de Israel não faz mais sentido algum. Depois se incluíram mais apóstolos, superando o número de 12. E no mundo helenista, cai por terra a imposição de serem judeus os sucessores dos apóstolos, sendo possível que não judeus também assumissem tal função. Por que então apenas o terceiro ponto, o da obrigatoriedade de serem varões, não pôde ser alterado? Por que na vez de beneficiar as mulheres a alcançarem um cargo de relevância hierárquica na Igreja a “ininterrupta *tradição* da Igreja do início até hoje” (KEHL, 1997, p. 403) é evocada e precisa se fazer valer? Proclama-se como permanentemente normativo e, portanto imutável, tudo o que possa desconstruir as prerrogativas do patriarcado e alavancar um novo status à mulher dentro da estrutura da Igreja Católica. A falta de motivos válidos historicamente e compatíveis com os exemplos de Jesus, leva a crer que a única razão de fato real para que o presbiterato feminino seja inviabilizado é a misoginia estrutural da instituição romana. Dessa forma, a Igreja é desafiada por uma nova situação histórica e cultural.

Uma rejeição desse desafio apelando ao comportamento de Jesus só dificilmente, portanto, pode ser entendida teologicamente como fidelidade ao Senhor (e à Igreja, muito capaz de mutação, das origens). Em vez disso, tem-se a impressão que aqui se trata antes de um ‘arcaísmo’ que não se pode separar – pelo menos parcialmente – da imagem androcêntrica de homens e mundo (KEHL, 1997, p. 406).

Portanto, se não se pode tomar o exemplo de Jesus como motivo teológico, só restam os motivos socioculturais, que são abaláveis.

Por outro lado, nas religiões brasileiras de matriz africana, tradicionalmente a figura feminina tem centralidade. Segundo Carneiro (2008, p. 111)

antigamente, o candomblé era, nitidamente, um ofício de mulher. Indicam-se entre outras coisas, a necessidade de cozinhar as comidas sagradas, de velar pelos altares, de enfeitar a casa por ocasião das festas, de superintender a educação religiosa das mulheres de crianças – serviços essencialmente domésticos.

Com todas as reproduções do modelo de sociedade patriarcal vigente, no que diz respeito ao ambiente doméstico e familiar¹⁵⁶ ser de domínio e responsabilidade da mulher, e sem negar tais padrões, elas alcançaram autonomia. Dentro e através do sistema patriarcal, driblaram a submissão dos corpos dóceis e ganharam a direção de suas vidas, de sua religiosidade. Valeram-se dos tradicionais trabalhos de mulher para ganharem espaço e prestígio, senão na sociedade, pelo menos no contexto religioso. Até porque numa sociedade marcada pela estrutura escravagista, no passado os cativos ou recém-libertos não teriam grandes possibilidades de ascensão e prestígio social. Teresinha Bernardo (2005, p.16) assevera sobre o poder político, no plano que ela chama de real, que as mulheres possuíam na África e a ressignificação religiosa desse poder em terras brasileiras:

As mulheres africanas pertencentes a etnias fons e iorubás exerceram em seus respectivos reinos um poder político importante. É claro que no presente da escravidão esse poder teve que ser ressignificado. Na realidade é totalmente contraditório com a situação de escravo o exercício de qualquer poder no plano do real. Assim, pode ter ocorrido uma transformação: se não existiam condições de exercício do poder real, exercia-se no plano do imaginário, através da religião.

¹⁵⁶As religiões afro-brasileiras de fato possuem um tratamento e uma estrutura familiar, como pai, mãe, filha de santo. Mesmo que essas expressões para alguns candomblecistas não sejam muito bem vistas, até no idioma iorubá se tem expressões ialorixá e babalorixá que significam respectivamente, mãe e pai de santo. Assim como no Candomblé de Angola e do Congo, se tem a mameto de inquice (mãe) e tata de inquice (pai) (CARNEIRO, 2008, p. 110).

Dessa forma, os terreiros por muito tempo foram vistos como um espaço de liderança e emancipação feminina e ainda hoje são ambientes onde a supremacia feminina se mostra efetiva (CORDOVIL, 2014, p. 117-118).

Portanto, as mulheres negras naturalmente se utilizaram de uma estrutura patriarcal já cristalizada para ascenderem como lideranças religiosas numa situação diferente do que viviam na África. Apesar da estrutura social em significativas regiões da África ser focada na figura masculina e o poder religioso estar nas mãos dos homens, as mulheres inseridas nesses escopos sociais detinham uma autonomia e independência com as quais o casamento poligâmico corroborava. Elas compravam a produção do marido e vendiam nas feiras, onde ocorriam não só trocas comerciais como também simbólicas, a vida cultural emergia nas feiras (BERNARDO, 2005, p.2).

Essa forma alternativa de família está diretamente relacionada à autonomia feminina que veio sendo conquistada desde a África, onde as mulheres foram as principais responsáveis pela rede de mercados que interligavam todo o território iorubá, com experiência de excelentes comerciantes, atribuída também às mulheres bantas (BERNARDO, 2005, p.10).

O casamento poligâmico possibilitava às mulheres além de certa independência financeira e física em relação aos maridos, também sua autonomia para chefiar um lar, a matrilinearidade religiosa de seus filhos, além de suscitar indiretamente o desenvolvimento de habilidades religiosas. A independência financeira se dava na medida em que elas compravam os produtos dos maridos e ficavam com os lucros das vendas, atentando para o fato que não trabalhavam para eles, eram comerciantes autônomas e sem vínculo empregatício com o produtor (BERNARDO, 2005, p.2). A independência física se revela no costume de somente a esposa principal morar na mesma casa do marido e todas as outras habitarem casas conjugadas (BERNARDO, 2005, p.10), o que também culmina na necessidade das mulheres de chefiarem o próprio lar, sem interferência masculina. O que conseqüentemente reverbera nos laços afetivos com a prole muitos mais intensos do lado maternal do que paternal (BERNARDO, 2005, p.12). A religiosidade por sua vez também se dava de forma matrilinear. Além disso, as esposas de um mesmo marido utilizavam de habilidades religiosas para prejudicar umas às outras e defender a si e seus rebentos das feitiçarias das rivais (BERNARDO, 2005, p.14), o que configurava uma espécie de guerra fria, que ganhava as que desenvolviam habilidades mais eficazes com o plano sobrenatural. Todos esses fatores influenciaram de forma efetiva o desenvolvimento de uma cultura

matrifocal difundida entre as mulheres negras no Brasil, subvertendo inclusive a lógica do poder religioso ser de domínio masculino.

As características de proteção e afeto maternos intensos, acrescidas à de provedora, que a mulher africana e afro-descendente também detém, como foi discutido anteriormente, possibilitam a vivência da matrifocalidade na sociedade brasileira. [...] esses aspectos culturais, sócio-econômicos e históricos elencados [...] dão indícios fundamentais para o entendimento do fato peculiar da mulher surgir como a detentora do poder religioso (BERNARDO, 2005, p.15).

As mulheres africanas possuíam autonomia e exerciam atividades mercantis em seus locais de origem antes da escravização. Comparando a atividade de mulheres africanas e suas descendentes no Brasil, Oliveira (2017, p. 234) assevera que “o pequeno comércio de gêneros alimentícios, efetuado por pretas e mestiças, também estava bem próximo ao papel feminino na produção de comida e nas transações mercantis desenvolvido nas tradicionais sociedades africanas”. No Brasil, ampliaram ainda a gama de possibilidades de inserção no mercado de trabalho livre que se delineava. Elas faziam seu pecúlio como amas, lavadeiras, cozinheiras, vendiam quitutes em seus tabuleiros, com a prática de curandeirismo através de seus conhecimentos com as ervas, outras se prostituíam, algumas eram sustentadas por homens com quem mantinham relacionamentos extraconjugais, e em muitos casos, exerciam mais de uma função concomitantemente, a fim de complementar a renda. “Negras de tabuleiro, que constantemente aproximavam-se das faisqueiras, eram suspeitas de fazer do ‘mau uso de seus corpos’ uma ‘alternativa que complementasse seus rendimentos’” (OLIVEIRA, 2017, p. 235). Tinham filhos, provenientes dos relacionamentos nem sempre duradouros, e em outros casos pelo exercício das práticas sexuais de onde tiravam seu sustento. Como negras de ganho, elas conseguiam juntar dinheiro para comprar a própria alforria de seus descendentes

Essas atividades comerciais recriadas no Brasil ainda na época da escravidão fazem com que surjam as ganhadeiras, escravas ou livres, que em muitas regiões tornam-se as responsáveis pela distribuição dos principais gêneros alimentícios, chegando a comprar a própria alforria, numa forma de liberdade que, por sua vez, beneficiou muito mais as mulheres, que eram menos necessárias à produção sobre a qual o sistema escravocrata estava constituído. Assim, as mulheres negras, comparadas com seus parceiros, tiveram melhores oportunidades de trabalho, construindo brechas no mercado de trabalho livre que então se formava (BERNARDO, 2005, p. 10).

Portanto, quando mulheres negras alcançavam a alforria elas se viam novamente diante da possibilidade de chefiar um lar e sustentar a si e seus dependentes. Para “essas mulheres a matrifocalidade não é encarada como sofrida, pesada; pelo contrário, acentua sua

autonomia, traz satisfação”(BERNARDO, 2005, p. 11). Mas essa vida de constante reificação do papel dessas mulheres como objetos sexuais, com um lugar bem definido nas relações de poder cristãs patriarcais, lhes conferia não a condição de mulher subjugada e submissa ao homem, que era reservada às mulheres brancas, mais bem posicionadas socialmente, submetidas ao casamento monogâmico. Inversamente conferia-lhes autonomia de movimentos e participação nas manifestações culturais, jamais vislumbrada pelas mulheres fadadas ao casamento tridentino (OLIVEIRA, 2017, p. 219). Suscitava a subversão de regras culturais impostas a partir da incorporação de regras e valores inerentes à sociedade machista. Ou seja, a existência e atuação dessas mulheres, dentro do próprio sistema patriarcal, feria seus valores androcêntricos mais caros.

Eram nos ambientes das casas de alcouce, nas uniões consensuais e nas relações transitórias que negras, mulatas e brancas pobres incorporavam ao seu modo as relações culturais patriarcais ao improvisarem papéis informais de resistência que se caracterizaram, sobretudo, pela negação ao estrito comportamento social ditado pela Igreja Católica. Mulheres pobres não necessitavam da submissão resultante das restrições relativas ao casamento tridentino (OLIVEIRA, 2017, p. 219).

Essas mulheres eram condenadas pela Igreja Católica da época, instituição que propagava um discurso afinado com a estrutura patriarcal e racista vigente. “A ‘mal-procedida’ confundia-se com o mal e a traição, demonstrando o apego do discurso cristão patriarcal a uma cultura misógina no qual a ‘meretriz’, a ‘amancebada’ e a ‘adúltera’ não se diferenciavam da própria noção de pecado”(OLIVEIRA, 2017, p. 182).As negras e mulatas das Minas Gerais setecentistas, somente pela própria cor da pele já eram suspeitas de prostituição, possuíam a aura ambígua de objeto sexual. (OLIVEIRA, 2017, p. 182).

Nesse contexto, as mulheres negras retomaram a autonomia perdida ao chefiar suas vidas, lares e terreiros. Se suas condições de sustento não lhes eram favoráveis sob as lentes da sociedade racista e patriarcal, e esta lhes impunham severas punições por carregarem na pele o estigma, criado pela própria sociedade, de corpos destinados aos prazeres sexuais masculinos, mesmo assim elas deram um passo à frente no sentido de alcançar a autonomia feminina. E não foi apenas uma consequência da condição sócio econômica vigente, mas também uma escolha consciente.

Tanto para a mulher africana quanto para a afrodescendente, a matrifocalidade aparentemente não foi somente uma imposição da escravidão e do pós-abolição, com a conseqüente marginalização do homem negro no mercado livre durante as primeiras décadas do século XX, que o impossibilitava de assumir a chefia familiar (BERNARDO, 2005, p. 10).

Nesse ambiente, criavam redes de solidariedade entre seus pares, mães, irmãs, primas, sobrinhas, vizinhas, comadres, que auxiliavam umas às outras. “Podemos perceber a constituição de vínculos de auxílio mútuo através do ‘mau procedimento’ nos fogos chefiados por mulheres sós” (OLIVEIRA, 2017, p. 218). Esses lares matrifocais nas Minas Gerais do século XVIII, segundo Oliveira (2017, p. 198-199) podem ter seu passado histórico cultural referendado na estrutura social Bantu e comum também em quase todas as sociedades africanas. Essa estrutura se engendrava em torno da família concebida como linhagem. Essa linhagem traça a descendência a partir de uma ancestral comum ou uma série de ancestrais femininas, chamadas de “mães” da linhagem (OLIVEIRA, 2017, p. 199). Estranhamente, num cenário social excludente, racista e patriarcal, a religiosidade de matriz africana delineou um espaço socialmente expressivo e incômodo aos poderosos, onde a centralidade feminina se tornou evidente.

Essas mulheres, que não “serviam” para o matrimônio, se cunhavam sozinhas, mas não solitárias, como lideranças religiosas. Religiosidade tão mal quista pela Igreja quanto suas próprias figuras, constantemente associadas ao diabo. “A imagem de mulher ‘diabólica’ era utilizada pelo discurso cristão com o objetivo de inserir negras e mulatas nas relações sociais definindo-as como ‘desonestas’, propensas à transgressão da religiosidade e das uniões conjugais” (OLIVEIRA, 2017, p. 190). Isso para que se tornasse claro o desprestígio dessas lideranças negras junto à Igreja Católica, que era dominante no sentido político, mas não numérico. De acordo com a pesquisa de Oliveira (2017, p. 204-205) o temor de rebeliões e insurreições de escravos e libertos era uma constante entre a classe dominante, pois entre meados do século XVIII e princípio do XIX a população negra e mulata correspondia a 75% do total da população mineira. A possibilidade de liberdade para os escravizados era uma estratégia de controle social eficaz na inibição das revoltas. A alforria muitas vezes estava condicionada à repressão da herança cultural africana e adoção do cristianismo. De acordo com Oliveira (2017, p. 186) o discurso cristão dominante maldizia os batuques e suas danças, pois era preciso investir uma luta contra os rituais mágicos e danças profanas visto que as feiticeiras e curandeiras eram líderes religiosas e possuíam prestígio no seio da comunidade negra e credibilidade também entre os brancos. Por conta disso James Sweet (2007 p. 260) afirma que “o poder religioso africano tinha a capacidade de inverter a ordem social”. Segundo o autor, não era raro ver brancos abastados se curvando diante do poder da magia negra, levando aos seus agenciadores presentes e agrados em busca de seus serviços espirituais. Expressando assim a importância dessas lideranças negras no seio da sociedade

que as repudiavam, se tornando o foco das atenções (SWEET, 2007, p. 260). Dessa forma, é possível notar superioridade simbólica dos negros e negras por conta de suas habilidades espirituais, mesmo ocupando uma posição inferior socialmente. Nas casas matrifocais dessas líderes religiosas, negros de diversas origens culturais mesclavam suas referências étnicas e religiosas e fortaleciam suas culturas.

Os negros superaram as diversidades culturais por meio dos batuques e calundus realizados nos domicílios matrifocais, que constituíram os principais centros de práticas sexuais ilícitas, o que expressa a importância das ‘mal-procedidas’ na manutenção de uma cultura de resistência à escravidão (OLIVEIRA, 2017, p. 205).

E até hoje o perfil das líderes de templos de religiões de matriz africana é de mulheres independentes e solteiras. Segundo Menezes (2012, p. 110) nos terreiros em que a liderança é feminina, “foi possível observar que as sacerdotisas estabelecidas são independentes financeiramente e, geralmente, não possuem maridos”.

Ainda que nos terreiros de Candomblé a liderança e supremacia feminina sejam mais aparentes que nos centros umbandistas, entre outros fatores por uma questão dogmática ancestral do Candomblé, a Umbanda também possui um número expressivo de mulheres ocupando o mais alto cargo na hierarquia dos centros. De acordo com uma ordem social de ancestralidade africana, tradicionalmente somente as mulheres possuem legitimidade para entrar em transe (BASTIDE, 2001). Essa legitimidade feminina tem suas raízes na estrutura religiosa iorubá. “Os iorubás, que faziam ligação entre África Ocidental e a África Bantu, cultuavam forças femininas do cosmos, que retornavam para o bem da comunidade por meio do poder inato das mulheres” (OLIVEIRA, 2017, p. 199). Portanto, o poder feminino era supervalorizado nos rituais, às vezes até mesmo superando o dos ancestrais (OLIVEIRA, 2017, p. 199). Essa troca de mãos que detinha o poder religioso na África e no Brasil, da masculina para a feminina, “pode ser melhor explicitada ao recolocar a noção de Terra-Mãe, iluminando a necessidade da mãe, da mulher, da proteção feminina para os africanos ao deixarem a sua terra natal – a África” (BERNARDO, 2005, p. 19). Essa marcante presença feminina se deu através das mulheres negras forras num primeiro momento, na maioria das vezes não casadas, fazendo suas vidas nos centros urbanos, espalhadas em várias regiões do país. Porém, aqui o enfoque será colocado sobre o Sudeste, onde teoricamente se deu a origem a Umbanda. Mesmo ciente da intensa interculturalidade africana que imperava nos locais de convivência dos negros, seja no cativeiro ou na pós-abolição, fazendo surgir ricas malhas culturais híbridas, e da impossibilidade histórica de se manter grupos étnicos concisos

em um mesmo local¹⁵⁷, aqui será considerado o Sudeste como o berço da Umbanda, entre outros fatores, pela presença marcante da raiz Banta nessa região. Entendendo que a cultura Banta seja a raiz africana majoritária presente na formação dessa religião.

Apesar de divulgarem um mito de criação da Umbanda, com data, local e personagem próprios de sua gênese, há pesquisas que revelam a presença da religião bem anterior ao seu marco inicial difundido. “Desde o século XIX já havia construções coletivas próximas aos cultos que se conhece hoje como umbanda e já se citava entidades espirituais” (RIVAS NETO, 2013, p.49). Rivas Neto (2013, p.49) aponta controvérsias na afirmação de que o surgimento da Umbanda tenha se dado no início do século XX, em Niterói, através de um médium branco de origem Kardecista. Essa versão, que não possui base concreta que a sustente¹⁵⁸, fez parte de um processo de embranquecimento da nova religião nacional, enaltecida pelo projeto nacionalista getulista, segregando ainda mais sua origem afro-ameríndia. A macumba é considerada pelo autor como uma proto-Umbanda que foi se desenvolvendo gradativamente, e já se manifestava em várias regiões do país no século XVIII e XIX. O que corrobora com a ideia de uma revelação e manifestação coletiva e não individual, como propõe o mito fundante do médium de origem kardecista Zélio Fernandino de Moraes (RIVAS NETO, 2013, p. 82). Silva (2005, p. 113) também argumenta no sentido da baixa probabilidade de a Umbanda ter sido formada a partir de um único terreiro irradiador, asseverando sobre o pleno funcionamento paralelo de outros centros, em outros estados inclusive.

A Umbanda surgiu principalmente a partir da fusão afro-ameríndia, com poucas influências do Catolicismo a princípio. Só na segunda metade do século XIX observa-se uma aproximação entre o Kardecismo e a Umbanda, absorvendo conceitos e entidades. “Dessa

¹⁵⁷Teresinha Bernardo (2005, p. 5) atesta sobre essa impossibilidade histórica de se manter uma homogeneidade cultural africana em um mesmo local em meio ao processo diaspórico por pelo menos dois fatores importantes. Primeiro porque não se mantinham grupos étnicos concisos na mesma local por medo de possíveis rebeliões. Dessa forma, se misturavam os escravizados de origens distintas. Outro processo que culminou no sincretismo cultural foi fomentado pela proibição do tráfico negreiro, suscitando um tráfico interno a partir de 1850, no qual os escravizados de uma região decadente eram vendidos a regiões promissoras economicamente.

¹⁵⁸Rivas Neto recomenda cautela aos que divulgam a fundação da Umbanda como um evento individual com data, 1908, local, Federação Espírita de Niterói, e fundador, Zélio Fernandino de Moraes, específicos. Pois não há sequer registros que corroborem nessa direção. O autor alerta “há quem afirme que a primeira manifestação se deu na Federação Espírita de Niterói, o que foi negado pelos registros dessa instituição, alegando que no dia do possível evento não houve culto e não há nenhum registro sobre o episódio” (RIVAS NETO, 2013, p. 84).

aproximação surgiu (e isso reiteramos enfaticamente) a *Umbanda Branca*, com influências majoritárias do Kardecismo e Catolicismo (classe média urbana)” (RIVAS NETO, 2013, p. 83).

Embora tenham aspectos em comum, cada religião afro-brasileira (RAB) tem suas características estruturais próprias.

A interação das três matizes formadoras explica as distintas manifestações, pois em cada região houve a predominância de uma ou duas matizes, tendo como produto uma RAB específica, mas que tem como mote central o transe, a música, o canto, a dança, o culto aos espíritos divinizados (Orixá, Vodun, Inkie) e aos espíritos dos antepassados (Caboclo, Marinheiro, Boiadeiro etc.) e principalmente a tradição oral (RIVAS NETO, 2013, p. 75).

Um aspecto importante da Umbanda, assim como de todas as religiões de matriz africana, é a tradição oral. Essa questão está diretamente relacionada à autonomia dos terreiros e centros de Umbanda. A eminência da oralidade é uma realidade que impede a homogeneização, uniformização e institucionalização da religião. Rivas Neto (2013, p. 41) garante que a partir do momento em que há o relato escrito, seu conteúdo torna-se imutável e inquestionável, o que resultaria na completa descaracterização da religião, visto que a Umbanda é a união das “diversas linguagens, formas de pensar e praticar, caracterizadas pela maior ou menor influência das diferentes matizes. O escopo das Religiões Afro-brasileiras é a diversidade de cultos e ritos” (RIVAS NETO, 2013, p. 42). Lísias Negrão (1996, p. 146) por sua vez conceitualiza a Umbanda da seguinte forma: “grupos religiosos autossuficientes que mantêm pouca relação entre si, as tendas de Umbanda não se configuram institucionalmente como Igreja, nem seus pais-de-santo compõe uma corporação de sacerdotes especializados”. Apesar da anunciada independência das casas de Umbanda, como núcleos autônomos, houve várias tentativas de unificação através da formação de uma federação, que tomou para si a função de elaborar uma teologia, uma eclesiologia, liturgia e uma ética religiosa únicas, que valeria para todas as diversas denominações do multifacetado campo da Umbanda. Negrão (1996, p. 159) afirma que “os líderes federativos foram os responsáveis pelas tentativas de unificação do Movimento Umbandista, pela elaboração de um conjunto ético-doutrinário-homogêneo e pela padronização da liturgia.” Rivas Neto (2013, p. 151) assevera sobre o perigo de descaracterização da Umbanda na tentativa de uniformizá-la. Silva (2005, p. 12) corrobora com a ideia da centralidade da tradição oral das religiões de matriz africana e versa sobre a incompatibilidade de institucionalização de suas práticas e doutrinas, visando a proteção da autonomia dos terreiros e de seus chefes enquanto autoridades máximas entre seus fiéis:

Trata-se de religiões cujos princípios e práticas doutrinárias são, em geral, estabelecidos e transmitidos oralmente. Não há nelas livros sagrados (como a Bíblia, por exemplo) que registram sua doutrina de forma unificada ou sua história. Neste sentido, são religiões não institucionalizadas. Ao contrário do que acontece, por exemplo, com a Igreja católica, que tem uma hierarquia centralizada na figura do Papa e estabelece princípios doutrinários válidos para as suas igrejas em todo o mundo, os terreiros são autônomos. Cada chefe de terreiro é o senhor absoluto, a autoridade máxima, o 'papa' de sua comunidade.

As religiões de matriz africana também são bastante hierarquizadas, mas a hierarquia se dá dentro de cada terreiro, de cada comunidade local. Na Umbanda a hierarquia é “estabelecida a partir da capacidade de liderança religiosa dos médiuns e de seus guias” (SILVA, 2005, p. 127) e aqueles que exercem os altos cargos assumem também funções de ordem burocrática. A ordem hierárquica de cada terreiro se dá a partir da mãe ou pai de santo como liderança suprema, abaixo se encontram seus assessores: mãe ou pai pequenos, cambonos, tocadores de atabaques e o corpo de médiuns, e por último as filhas e filhos de santo ou de fé (SILVA, 2005, p. 115). Existe também a hierarquia no plano espiritual, na qual os Orixás se encontram no topo, seguidos pelos espíritos dos Pretos Velhos e Caboclos e por fim os Exus e Pomba Giras. Zé Pilintra, Marinheiros, Baianos e Ciganas, estão no mesmo plano dos Exus ou um pouco acima em termos de evolução espiritual (SILVA, 2005, p. 121-124). Através de um processo de inversão simbólica, arquétipos da condição do brasileiro subalterno são transmutados em deuses (NEGRÃO, 1996, p. 145). As entidades fazem uma alusão aos segmentos marginalizados da sociedade, e a religião possibilita no plano mítico a oportunidade de se desenvolverem no plano astral, diferente do que ocorre no plano real (SILVA, 2005, p. 124-125).

Diante da explanação da estrutura básica de cada uma das religiões aqui elencadas e estudadas, do contexto histórico e social onde surgiram ou se desenvolveram, e do lugar e papel das mulheres em cada um desses contextos, é possível propor uma reflexão em torno da questão da aceitação da autonomia feminina no interior de cada cosmovisão amparada pela perspectiva da tradição religiosa. Todas as Folias de Reis estão inseridas no Catolicismo Santorial, são parte, causa e consequência de seus ricos hibridismos. Porém, mesmo nesse contexto sincrético, algumas se identificam mais com a pertença católica, outras são de pertença umbandista, e outras apresentam pertença mista ou integrantes que apresentam dupla pertença. Diante disso, faz-se necessária a análise da autonomia feminina nas folias católicas, Umabandistas e as mistas.

Na perspectiva mutante da Igreja Católica, pode-se observar um momento de igualdade entre mulheres e homens em um cristianismo originário, mais envolvido com os valores e atitudes pregadas pelo Cristo e promovido já pela mudança de atitudes em relação às mulheres exigidas por Ele em meio ao contexto androcêntrico em que viviam. A partir da institucionalização desse pensamento, observa-se um desvio do caminho primeiro e uma transformação radical calcada no desenho de uma estrutura patriarcal. Tal estrutura requer uma imutabilidade a partir do seu marco inicial, que é justamente a mudança. Ora, parece contraditório que um viés que se origine de uma transformação faça tanta questão da permanência. Porém, o deslocamento foi para o retorno. Para reconstruir inteiramente o contexto patriarcal externo às concepções de Jesus dentro da Igreja. Além disso, qualquer contradição se dissolve quando a naturaliza a partir da sua institucionalização. Quando um elemento externo a um núcleo é tão repetidamente, enfaticamente e por um tempo considerável apontado como interno, é por fim assumido como inerente a ele.

Essa estrutura que exclui as mulheres promoveu a negação do acesso ao sagrado por elas. E esse é justamente um dos empecilhos da ascensão feminina nas folias de pertença católica, ligados a uma tradição milenar que, nesse aspecto, se mostra e se quer imutável. Precisamente esses grupos têm maior dificuldade em aceitar a atuação de mulheres no ritual. Já que o ritual é o meio pelo qual se acessa o sagrado na folia, de acordo com a tradição católica, as mulheres não podem e não devem assumir a direção do ritual. Como a Folia da Serra não aceita. Já a Folia dos Colodinos, onde podem ser observados integrantes de dupla pertença, aceita parcialmente, ou seja, aceita, mas não efetiva. Verbalizam a importância feminina, atualmente possuem uma mulher bandeireira, mas ela não participa ativamente dos rituais, não acessa o sagrado, é representante das Três Marias que, segundo Aurélio, não têm o dito poder de adoração que têm os três Reis.

Na cosmovisão respaldada pelas religiões de matriz africana a percepção da autonomia feminina é bem diferente. “No terreiro a valorização do gênero feminino aparece como igualitária ou complementar no plano simbólico a do gênero masculino, ao contrário do cristianismo, onde existe uma desqualificação sistemática do feminino” (CORDOVIL, 2014, p. 117). Mesmo que na África o poder religioso se encontrasse em mãos masculinas, as mulheres lá já eram autônomas e já se utilizavam de soluções religiosas para se protegerem. Essa autonomia e conhecimentos religiosos, passados de mãe para filha, na diáspora foram articulados para gerenciar suas vidas, driblar a miséria, promover a sociabilidade sincrética negra e fecundar tradições culturais e religiosas mestiças em suas casas matrifocais. Através

de tudo isso as mulheres, em meio a um sistema machista e escravocrata, ascenderam como lideranças religiosas. O que reverbera até hoje, se encontrando na sociedade atual centros religiosos de matriz africana associados a casas matrifocais. A própria casa da Luíza é um exemplo. Luíza, mulher negra e que passou por muitas dificuldades financeiras na vida, era mãe de duas filhas biológicas e uma filha e um filho adotivos. Cuidou de todos, sem marido. Apesar de Andréia, sua primogênita, ter se casado, Luíza tinha o controle e a última palavra. Luíza faleceu e logo em seguida o marido de Andreia também. Agora Andreia deu continuidade ao centro de Umbanda da mãe, e continua reunindo toda a família em sua casa, que é conjugada à da Luíza. A casa tem uma aura feminina e é composta por muitas mulheres. Andreia lidera, cuida da pequena irmã adotiva e de uma sobrinha neta, para sua sobrinha trabalhar. Sua filha, que teve neném há pouco, passa grande parte do dia na casa da mãe. E o irmão adotivo de Andreia também se identifica com o gênero feminino. Apenas o pequeno filho de Andreia e o neto recém-nascido não fazem parte da maioria feminina.

Mulheres negras, sozinhas, mas não solitárias, desfavorecidas economicamente, lideram suas casas e vidas, cuidam e protegem os seus com afeto, criam espaços femininos de auxílio mútuo e de sociabilidade ampliada. A herança de independência à figura masculina que se repete em suas vidas cotidianas repercute na folia. São matriarcas respeitáveis, que possuem voz de comando em seus lares, possuem atividade de agência do sagrado, portanto, possuem liderança tanto familiar quanto religiosa, tudo o que se precisa para ser dona de folia, folionas e até mestras e palhaças. Portanto, é possível se afirmar que as religiões de matriz africana são bem afáveis à ideia de lideranças femininas tanto no sentido burocrático, quanto no sentido ritual e de saberes e essa abertura se sente no âmbito social. As pessoas que seguem tais religiões estão acostumadas a verem mulheres assumindo altos postos na hierarquia dos centros, são legitimadas e respeitadas como lideranças. Em qualquer outra manifestação religiosa em que essa figura aparecer, ela será vista com respeito pelos fiéis da religião que professa. Terá liderança entre os seus e provavelmente, facilidade em resolver problemas de ordem espiritual, que está ao seu alcance.

Portanto, nas folias que se identificam com a Igreja Católica, onde a figura feminina está sempre atrelada a funções secundárias, auxiliares e de coadjuvância, as mulheres assumirão tal papel na folia também, pois as pessoas estão reunidas ali em nome de uma devoção que associam à sua identidade religiosa. Da mesma forma, porém de maneira inversa, nas folias que se identificam com uma religião de matriz africana será a ela mais acessível atingir altos postos de hierarquia no grupo, visto que em sua religião isso é

perfeitamente aceitável e mais que isso, natural. E da mesma forma, as pessoas estão reunidas ali em nome de uma devoção que associam à sua identidade religiosa. As mulheres não são vistas como usurpadores de um lugar que não é seu, muito pelo contrário, o lugar ali é considerado delas, talvez os homens pudessem ser assim considerados.

6.2 Religião: um substantivo cada vez mais feminino

Neste item importa salientar e discutir os deslocamentos e permanências em relação aos papéis de gênero em um campo ampliado, no campo da religião de uma maneira geral. Enfatizar qual a participação da mulher hoje na religião e trazer à luz a ideia de que esse é o espaço das mudanças e das transformações. Pois se a religião se pretende viva e ativa no seu contexto social, qualquer uma que seja e em qualquer contexto onde se manifeste, precisa se compreender como um conjunto vivo, que se modifica, se transforma ao longo do tempo, tendo a oportunidade ou sendo chamada e impelida a se resignificar.

Cabe discutir nesse momento se as mudanças ocorridas no âmbito da religião estão mais ligadas à própria estrutura teológica de cada instituição religiosa ou se as dinâmicas sociais são mais decisivas que as religiosas nesse sentido. Importa analisar se as referências de acesso ao poder em cada um desses contextos religiosos estão mais ligadas ao carisma ou à legitimação institucional. Perceber em suas especificidades como cada uma contribui ou refreia o processo de deslocamentos em relação à participação efetiva feminina em seus espaços e perceber qual o nível de protagonismo tem as mulheres em cada um de seus respectivos contextos. Destarte, carece questionar se seria a estrutura religiosa o lugar onde a mudança aparece ou seria a estrutura religiosa propiciadora de mudança? Poderiam as duas opções ocorrerem concomitantemente, em consonância? Ou ainda, poderia o mundo feminino mover a religião e nela se movimentar, como se a religião fosse ao mesmo tempo o foco da dinâmica e o cenário onde a mesma se articula?

Diante do quadro apresentado no primeiro item deste capítulo, pode-se perceber que a dinâmica de empoderamento das mulheres na religião passa também pela flexibilidade de cada estrutura religiosa. Ou seja, quanto mais estruturada a religião, com hierarquia consolidada e estável, menor o espaço de manobra para o elemento gênero (mulher) em seu contexto. Por outro lado, quanto menor a consolidação e estabilidade da estrutura religiosa, mais porosa seria ela, mais flexível e receptiva a deslocamentos. Seguindo mimeticamente a dinâmica social de mudança do papel da mulher na sociedade contemporânea. Dessa forma, é possível analisar o processo de mudança do lugar e papel da mulher na religião não como uma

questão que se dá entre mulher e religião, mas compreendê-lo num contexto mais amplo, de dinâmicas de mudanças culturais.

Nesse sentido, é relevante analisar em que medida as teorias que balizam a discussão sobre as mudanças do papel da mulher nas Falias leopoldinenses também não poderiam ser aplicadas na análise das mudanças do papel da mulher na religião de maneira mais ampla. E a partir disso, perceber se o que acontece no cenário local de Leopoldina possa ser um reflexo do que se apresenta no quadro religioso regional, nacional e até global, como uma tendência da sociedade contemporânea que se modifica e exige que suas instituições também se alterem paulatinamente, sob pena de perderem espaço e aderência no novo cenário que se engendra.

Para analisar essa dinâmica que se dissemina no globo como consequência da modernidade é necessário compreender os conceitos de pluralismo e contaminação cognitiva. Segundo Berger (2017, p. 20) “o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente.” Nessa interação, as pessoas se influenciam mutuamente, o que Berger (2017, p. 21) chama de contaminação cognitiva, como um produto do pluralismo. Em relação à religião, o pluralismo é a maior mudança provocada pela modernidade, operando diferentes cosmovisões e sistema de valores na mesma sociedade (BERGER, 2017, p. 10). O que se pode perceber no campo e é aferido pelo autor, é que a modernidade não acarretou um declínio da religião, como a teoria da secularização propunha. O fator empírico aponta a coexistência de diversas religiões, e de discurso religiosos e seculares nas mentes dos indivíduos e no nos espaços sociais que ocupam (BERGER, 2017, p. 9). Portanto, como assevera Berger (2017, p. 11), apesar de nosso mundo continuar sendo tão religioso e menos secular do que se esperava, é relevante compreender que mesmo a religião ainda tendo esse papel relevante na vida das pessoas, elas operam de acordo com um discurso secular em outras esferas da sua existência. Isso porque houve, no decorrer da modernidade, uma diferenciação entre as instituições religiosas e as outras instituições na sociedade e isso paulatinamente acabou se manifestando na consciência dos indivíduos. Segundo Berger (2017, p. 12) “caso queira funcionar na sociedade, toda instituição deve ter um correlato na consciência. Portanto, se ocorreu uma diferenciação entre as instituições religiosas e as outras instituições na sociedade, esta diferenciação deve também ter-se manifestado na consciência dos indivíduos”.

Isso pode ser aferido tanto no que diz respeito à validação das instituições seculares sendo inseridas no cotidiano dos fiéis, quanto para que as antigas práticas religiosas

permaneçam tendo valor frente à agência das instituições seculares. Portanto, se as instituições seculares passaram a ter um correlato na consciência dos indivíduos isso não eliminou ou diminuiu a relevância da religião e práticas tradicionais na vida das pessoas. A diferença é que a modernidade conferiu a elas o direito de escolher qual opção procurar e agenciar em determinadas ocasiões, e se assim desejar, pode até optar por buscar as duas frentes concomitantemente, numa situação de complementaridade. Uma situação que ocorreu recentemente comigo em Leopoldina exemplifica bem essa opção de complementaridade. Tive uma lesão na pele primeiramente diagnosticada como herpes zoster, popularmente conhecido como cobreiro. Fui até uma loja da cidade para comprar um top que não me incomodasse por conta da lesão nas costas. Expliquei à vendedora sobre o local do herpes para que entendesse o modelo exato que estava procurando. Perguntou se estava doendo ou ardendo, disse que não, mas que estava incomodando, principalmente ao toque da alça e do elástico do sutiã. Ela então me fez a seguinte pergunta: “Você é católica?” A qual respondi positivamente. Em seguida, em tom quase de sussurro me aconselhou em segredo: “vai na Dona Roxinha, que isso é cobreiro!”. Olhando para os lados, colocou o dedo indicador na frente dos lábios fazendo sinal de silêncio, como quem não quer ser julgada por fiéis de outras crenças pelo seu conselho de solução de cunho religioso. Dona Roxinha é uma benzedeira bastante afamada em Leopoldina. A moça ainda acrescentou que ela não cobra nada, mas que sempre leva uma caixinha de leite ou alguma coisinha para ela, como uma forma de agradecimento. Já conhecia a boa fama da benzedeira e sei onde mora, pois ela é da família da Andreia, filha da Luíza e a folia bateu na casa dela neste último giro.

Mesmo não abandonando o tratamento recomendado pelo médico fui ao encontro da benzedeira. Diante do incômodo provocado pelo herpes (nome secular ou científico) ou cobreiro (nome religioso ou popular) pensei que a complementaridade entre as esferas espiritual e científica poderia acelerar e amplificar o poder de cura. Minha irmã inclusive me certificou sobre a necessidade de benzer, pois segundo um benzedor que é seu conhecido, se o cobreiro se alastrar e fizer a volta do corpo a pessoa pode até morrer se não tratar. Quando revelei à Dona Roxinha a existência do cobreiro, sua primeira pergunta foi se havia alastrado, respondi que não. Ela pediu que eu virasse de costas para ela, a lesão estava coberta pela blusa que vestia. Feito isso, ela, que é uma senhora cega, colocou a mão exatamente onde estava a lesão e afirmou: “é aqui! Mas isso não é cobreiro não, minha fia!”. Surpreendeu-me a precisão com que acertou o local atingido e a negação do diagnóstico médico. O termo nativo utilizado pela benzedeira para o mal que me acometia tinha relação com fogo, embora não me

lembre exatamente do nome. E realmente a aparência da minha pele naquele momento, que já estava se recuperando do período pior da lesão, era de pele queimada, por estar avermelhada, enrugada e ressecada. Após ter me rezado, Dona Roxinha me pediu uma quantia em dinheiro para que comprasse o material para fazer um trabalho para mim no cruzeiro que tem no seu quintal. Na sexta feira ao meio dia ela mandaria de volta o mal para quem havia me jogado o olho grande e a inveja.

Isso evidencia que a eficácia da cura espiritual sobre o corpo ainda está muito presente no imaginário das pessoas, chegando mesmo a ter reconhecimento na esfera política da cidade de Leopoldina. Até mesmo nos meios tidos como mais seculares da sociedade, amparados pelo conhecimento da ciência, como o da classe acadêmica, tipicamente mais cética em relação aos poderes sobrenaturais, esse imaginário ainda possui aderência. Justamente por estar incluída na classe acadêmica, também possuo uma identidade pautada pelos conhecimentos ligados à tradição e aos saberes populares, pois é meu campo de interesse acadêmico e pelo qual tenho respeito. Além de ter nascido em Leopoldina, cidade onde todos conhecem Dona Roxinha e reconhecem a eficácia de sua agência junto ao plano espiritual. Em 2014 a relevância da benzedeira foi reconhecida pela Câmara Municipal e a proposta de homenageá-la foi aprovada por unanimidade. A ela foi conferida a Medalha do Mérito Leopoldinense, que foi noticiada pelo site de jornalístico local Leopoldinense, no dia 19/09/2014, com a atrativa manchete “Dona Roxinha vai receber a medalha do mérito leopoldinense”:

‘Dona Roxinha’, a maior benzedeira da cidade, será homenageada pela Câmara Municipal com a Medalha do Mérito Leopoldinense, em virtude dos relevantes serviços prestados à população de Leopoldina. Figura carismática e atenciosa com todos que procuram suas bênçãos, Dona Roxinha é querida pela população. Ricos e pobres acreditam em seu poder e quem vai a primeira vez, volta sempre que precisa de alívio espiritual.

Pode-se pensar que nada é mais antigo e arcaico do que se crer em problemas dessa ordem e em sua solução a partir da magia, e que sem dúvida isso seria um traço do passado que permanece no presente. Porém, essa não é uma verdade tão irrefutável quanto se parece! Pelo contrário, nada mais moderno do que a magia no complexo campo religioso brasileiro. Se Berger (2017) não se equivoca em afirmar que a modernidade se estende até as áreas mais afastadas do globo, não se pode afirmar que Leopoldina tenha ficado de fora desse processo. O que ocorre é que no Brasil o processo de modernização se deu de maneira justaposta à lógica mágica, de modo que não se tornaram elementos excludentes, mas complementares. Nesse sentido, Paula Montero (1994) assinala uma armadilha em se considerar o pensamento

mágico como arcaico e, portanto diverso do pensamento moderno. Essa ideia parece ser corrente quando a autora afirma que “o que mais deixa perplexo o observador da cena brasileira é o fato de que as religiões que mais cresceram nos últimos vinte anos têm um caráter acentuadamente mágico” (1994, p. 4). Parece dessa forma, que quanto mais moderno, mais mágico se apresenta o cenário religioso brasileiro.

Na modernidade, com o desmantelamento das instituições e seu dado-como-certo destituído de sua infalibilidade, o indivíduo pode escolher dentre as diversas religiões que estão à sua disposição e até todas se assim desejar, tomando o melhor de cada uma. E até permear pautas religiosas e seculares de acordo com a sua necessidade. Nesse sentido importante então seria retomar a ideia apresentada por Berger (2017) de que a modernidade se postula sobre a ideia de pluralidade, evocada pelas contaminações cognitivas que relativizam o dado-como-certo das instituições, promovendo a dúvida, onde se instaura a escolha, dádiva moderna. A modernidade então abre espaço para as diversas opções religiosas disputarem entre si a adesão e até quem sabe, fidelidade de seus adeptos, e que vençam as mais atraentes, que oferecem maior credibilidade na solução de problemas de toda ordem, e mais atuais, ou seja, adaptadas à racionalidade moderna. Dessa forma, Montero (1994, p. 13) assevera que a confiabilidade dessas religiões é construída no exercício contínuo da argumentação, no âmbito pragmático e no caráter performativo da linguagem. Portanto, “para produzirem confiabilidade, as crenças devem submeter-se ao processo cognitivo de validade da argumentação, ou dito de outra forma, devem obter o consenso em torno de sua validade” (MONTERO, 1994, p. 12). Nessa esfera de concorrência religiosa e trânsito o adepto é impelido “a sair do confortável lugar da doxa para buscar alianças e cristalizar consensos em torno da validade de certas proposições e práticas” (MONTERO, 1994, p. 12), utilizando assim todos os procedimentos mágicos disponíveis. Stefânia Beloti (2003, p. 86) apregoa que

todas as religiões populares estão em pé de igualdade entre si, não negam a validade uma das outras, embora sejam rivais. Todas têm fé em Deus, que está acima de qualquer denominação religiosa, mas para crer numa religião os indivíduos precisam confiar nela. Aquela que inspira confiabilidade ganha em número de adeptos. Neste sentido, deflagra-se uma competitividade: as crenças entram na lógica da racionalidade concorrencial que organiza a sociedade como um todo.

Dessa forma, essas religiões populares acabam dialogando com valores modernos. Além da racionalidade concorrencial outros valores modernos são colocados em pauta quando se pensa em novos meios de transmissão da tradição no novo cenário que se estabelece. Montero (1994, p. 10) sinaliza que o pluralismo religioso brasileiro possibilita o trânsito de

fiéis entre as religiões mágicas, essa facilidade de trânsito “democratizou o acesso à gestão dos bens simbólicos e religiosos (e a rede de relações e privilégios que essa gestão supõe), antes mantidos sob custódia de poucas lideranças tradicionais”, como igualitarismo, liberdade de oportunidade. Geffré (2013) sugere que quando as religiões estabelecem um diálogo com as pautas da modernidade elas têm maior possibilidade de se consolidarem no espaço social, se manterem vivas e atuantes, ou seja, um passaporte para o futuro. E essa democratização das sabedorias da Folia de Reis, que antes se mantinha apenas sob a custódia dos mestres, hoje já pode ser notada sob tutela feminina também, tanto pelos cadernos de versos e conhecimentos de toda ordem das folionas de berço quanto pela agência do plano espiritual pelas Mães-de-folia.

O que se assiste no contexto das religiões mágicas no competitivo espaço religioso brasileiro é o que Montero (1994, p. 9) chama de “racionalização da magia” que ela explica da seguinte forma:

O caráter mágico das religiões populares não opera no seu estado ‘puro’, mas foi trabalhado e transformado lentamente pelo processo de modernização da sociedade brasileira. O modo particular como se deu esse imbricamento entre a lógica da magia e da racionalização das práticas indica que as religiões mágicas não se opõem como um todo às práticas racionais exigidas pelo mundo moderno, e que a expansão dessas últimas pelo tecido social não exige nem implica, necessariamente, o desaparecimento das primeiras.

O que se propõe a partir daí é se pensar em uma reatualização da magia no contexto moderno, e não o contrário, que o contexto não é moderno e por isso nele a magia se propaga. Importa salientar que magia e modernidade não são conceitos contraditórios e tampouco excludentes, apenas aparentemente dissonantes. Na prática e nas demandas cotidianas religiosas tal dissonância se dilui diante da plasticidade da magia que é conferida em sua capacidade de readaptação, para não ser expulsa do novo contexto quase que em um processo de seleção natural das religiões modernas. Agora, ressignificada, é um importante elemento presente em várias religiões e denominações religiosas, valorizada como elemento indispensável para a atração e manutenção de adeptos. Pois “tanto na umbanda quanto no candomblé são as atividades mágicas do cotidiano religioso que garantem sua força no campo religioso competitivo das camadas populares” (BELOTI, 2003, p. 80). E atreveria dizer que não somente nas religiões afro-brasileiras elas são acionadas com essa finalidade, mas também no âmbito das Igrejas pentecostais e neopentecostais, assim como no catolicismo carismático, o trânsito e as contaminações que apontam para a utilização das práticas mágicas ocorrem de forma a atrair o interesse dos indivíduos (BELOTI, 2003, p. 88). Também no catolicismo

santorial sua prática é em larga escala utilizada, e também de maneira narrativa, para conferir credibilidade à ação de antigos mestres.

Retornando então o exemplo das benzedeadas, pode-se compreender como as mulheres foram e são ativas no campo religioso brasileiro quando se analisa através do viés das práticas mágicas, seja no contexto rural ou urbano, no passado ou no presente. Mesmo não sendo sacerdotes ou médicas sempre atuaram no sentido de oferecer o bem estar através da fé.

A palavra benzer significa “dar a benção” a alguém, a uma pessoa que confia na eficácia da cura. Cabe ressaltar que o ato (benzer) é concedido somente a sacerdotes que possuem a legitimidade da Igreja para realizá-la. Há pessoas que assimilaram a cultura religiosa reinterpretando e recriando as práticas tradicionais do catolicismo. E, assim, surgiram pessoas leigas que desenvolveram o dom de benzer com o objetivo de curar alguém de algum mal ou de alguma doença. (FARINHA, 2012, p. 73).

As benzedeadas são um dos frutos de um processo de implementação frouxa do cristianismo em terras brasileiras, germinador de um catolicismo de cunho leigo e caráter híbrido. São originárias de uma cultura campesina que resiste nos ambientes urbanos apesar dos avanços da medicina (FARINHA, 2012, p. 74). Mas seria demasiado simplista dizer que hoje quem recorre aos serviços das benzedeadas são pessoas que não têm acesso aos serviços básicos de saúde, pessoas de baixa renda e escolaridade, que não podem pagar uma consulta médica. A relação que as benzedeadas estabelecem com os seus clientes/pacientes/fiéis ultrapassa questões de economia e saúde, atingindo o plano da fé. A própria Dona Roxinha mora em frente ao posto de saúde público de seu bairro, e mesmo assim ela atende atualmente de segunda a sexta, de 8:00 às 18:00, horário comercial, como uma profissional liberal. Quando estava saindo de sua casa, um casal estava chegando para pedir sua reza, ou seja, a rotatividade pessoas que procuram seus serviços não é pequena. Esse vultoso número de pessoas que buscam pela sua ajuda, resultante de seu relevante trabalho prestado à comunidade de Leopoldina e região há décadas, foi exaltado pelo site de notícia local Leopoldinense, na semana da solenidade de entrega da já referida medalha, dia 07/10/2014:

O movimento de entre e sai na porta de sua casa é constante até 09:00 horas da noite, quando ela se recolhe para o descanso. São pessoas de todos os lugares e de todas as camadas da sociedade. Ela não cobra nada por sua benção e sempre tem uma palavra carinhosa e amiga para dar aos que a procuram.

E apesar de deixar clara a gratuidade das benzeduras, para serviços complementares é cobrada uma taxa que é destinada à compra de materiais necessários à realização de trabalhos extras. Além disso, justamente pela gratuidade, ninguém chega lá sem ao menos um agrado para a Dona Roxinha, como frutas, verduras, leite, biscoitinhos, etc.

Assim, as benzedeadas formam “uma espécie de ‘classe de profissionais liberais’ da religião, estando à margem das instituições religiosas, bem como desligadas de mensagens proféticas éticas” (GOMES FILHO, 2012, p. 250). Portanto, dentro dos tipos de agentes religiosos propostos por Weber, elas estariam mais próximas do Mago, que através dos seus dons para manipulação de deuses e forças, mediante pagamento, curam e resolvem problemas de ordem espiritual. Esse tipo de agente religioso não tem junto às questões éticas uma preocupação principal. Quem procurar a bênção de uma benzedeadora será rezado e pagando pelo trabalho adicional que ela propõe quando necessário, ele será feito, e o mal devolvido para quem enviou. Uma espécie de justiça espiritual no plano terreno. Diferente do Profeta que demonstra seus dons mágicos para convencer e arregimentar pessoas em prol de sua causa, que compreende ser uma missão enviada pelo Criador para ser cumprida por ele. Este não cobra pelos serviços prestados através dos seus dons e tem compromisso com questões éticas e morais. E o Sacerdote, se distancia do Profeta e do Mago por ter seu carisma atrelado ao seu cargo institucional, ou seja, rotinizado.

Por outro lado, definidas dentro da tipologia dos Sacerdotes as mulheres também figuram com notoriedade acionando o campo da magia como as mães-de-santo. Mesmo que possuam os dons, revelados como carisma puro nos tipos ideais de Magos e Profetas, “se a influência sobre os deuses e demônios se torna objeto de um culto permanente, o profeta ou o mago carismático transforma-se em sacerdote” (Weber, 1999, p. 343). Nesse sentido as mulheres atuam tanto na esfera do carisma puro quanto no carisma institucional, por mais que a instituição as quais estejam vinculadas sejam de maior maleabilidade estrutural por não pertencerem uma organização centralizadora a nível global, como a Igreja Católica por exemplo, sua organização enquanto instituição religiosa se dá a nível local e é tão válida como qualquer outra.

Demonstrando que as mulheres também podem ser portadoras de carisma, é preciso citar o caráter revolucionário do mesmo. Questionador de regras e desestabilizador de tradições, o carisma é um potencializador de mudanças históricas. Weber (1999, p. 328) afirma que o carisma é criador da história.

O carisma, em suas formas de manifestação supremas, rompe todas as regras de toda a tradição e mesmo inverte todos os conceitos de santidade. Em vez da piedade diante dos costumes antiquíssimos e por isso sagrados, exige o carisma a sujeição íntima ao nunca visto, absolutamente singular, e, portanto, divino. Neste sentido puramente empírico e não-valorativo, é o carisma, de fato, o poder revolucionário especificamente criador da história.

Através dele é possível alcançar transformações que desmantelam o status-quo e promover pequenas ou profundas modificações sociais, que poderão alterar uma estrutura cristalizada, reverberando assim em vários setores, promovendo toda uma nova organização, que será a nova tradição. Assim, o poder do carisma

fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens "de dentro para fora" e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário (WEBER, 1999, p. 327).

A partir disso, é possível pensar no potencial transformador dessas mulheres portadoras de carisma e que mediante e em confluência com outras transformações sociais já em curso, possam vir a questionar elementos da estrutura patriarcal vigente, de dentro para fora. Esse poder revolucionário está mais ligado à profecia carismática e não à atuação do Mago e muito menos do Sacerdote. Por mais que sejam mais comuns representantes femininas que se enquadrem nos tipos de Magos e Sacerdotes, é possível se pensar em mulheres Profetas. Talvez menos numerosas, mas ainda assim ativas no processo revolucionário latente em qualquer profecia carismática.

Quando o líder carismático morre seu carisma precisa ser rotinizado, ou seja, passar por um “processo pelo qual a comunidade tenta manter a nova ordem interna estabelecida já na ausência de seu líder” (GOMES FILHO, 2012, p. 245), para que seus ensinamentos não se limitem a sua presença física.

o desejo do próprio senhor, mas sempre o de seus discípulos e mais ainda o dos adeptos carismaticamente dominados, é de transformar o carisma e a felicidade carismática de uma agraciação livre, única, externamente transitória de épocas e pessoas extraordinárias em uma propriedade permanente da vida cotidiana. Mas com isto transforma-se, inexoravelmente, o caráter interno da estrutura (WEBER, 1999, p. 332).

Dessa forma, “o caminho percorrido pelo carisma leva, quase invariavelmente, à transformação deste em tradição, através do processo de rotinização do carisma” (GOMES FILHO, 2012, p. 245). Assim rotinizado em termos de culto se mantém como uma via de devoção institucionalizada, e nesse momento o carisma perde caráter revolucionário de desconstruir valores e crenças cristalizados para daí proteger a nova tradição, que construíra através da mudança. A profecia carismática então se transforma “inevitavelmente em dogma, doutrina, teoria, regulamento, disposição jurídica ou conteúdo de uma tradição que vai se petrificando” (WEBER, 1999, p. 332).

Esse devir cíclico do carisma, de ser revolucionário em seu estado puro e conservador quando rotinizado, vai ao encontro da teoria também cíclica da desinstitucionalização /institucionalização apregoada por Berger (2017, p. 32-33) e já descrita no capítulo 4 desta pesquisa de maneira positiva. Se analisar o caráter revolucionário do carisma enquanto uma proposta de desinstitucionalização proporcionada pela modernidade, e a rotinização do carisma como uma nova institucionalização, pode-se pensar, pelo menos teoricamente, em novas vias de agência feminina promovidas pelo acesso à magia em consonância com a modernidade. Se as instituições são questionadas na modernidade e inevitavelmente uma nova instituição é promulgada após o dismantelamento da primeira, também o carisma nega a tradição (não raramente um produto de uma instituição), e promove inevitavelmente o surgimento de uma nova tradição, a partir da rotinização do carisma. Se o método tipológico nos ajuda a pensar em termos puros e não conferíveis da mesma forma na realidade social, pode-se atrelar seu auxílio à compreensão de um caminho plausível dentro desta proposta de agência religiosa feminina a partir dos tipos ideias de agentes religiosos propostos por Weber. Portanto, não parece contrário ou injustificável se pensar em mulheres atuantes na modernidade em religiões e religiosidades de cunho mágico ou junto a práticas religiosas não institucionalizadas, onde justamente o poder revolucionário se instaura.

Outro contexto onde a proposta mágica também se mostra bastante atuante seriam as igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais. “O cristianismo no Sul Global é mais abertamente sobrenaturalista” (BERGER, 2017, p. 58) e por isso a magia, em suas diferentes facetas, encontra neste contexto uma estrutura de plausibilidade¹⁵⁹ que possibilitou o reencontro da magia com o cristianismo. Nelas um dilema contraditório se instala de forma pujante, pois de um lado se mostram machistas e de cunho androcêntrico em seus valores adotados e pregados, e de outro seguem uma matriz protestante onde as mulheres podem assumir cargos de liderança e atuarem nos cargos de pastoras, à frente de igrejas. Mesmo que essas mulheres, não raramente, subam ao púlpito para reproduzir tais valores patriarcais hegemônicos, pelo menos em um primeiro momento a legitimidade de sua posição, outorgada e não usurpada, já serviu para causar uma tensão entre as justificativas cristãs de exclusão feminina. Mesmo sendo cooptadas pelos valores tradicionais androcêntricos e tendo introjetados os mesmo de forma sedimentada, não deixam de ser uma atuação feminina no

¹⁵⁹ O conceito da sociologia do conhecimento chamado Estrutura de plausibilidade (*plausibility structure*), cunhado por Peter L. Berger, se define a partir de suas próprias palavras como: “o contexto social no qual qualquer definição cognitiva ou normativa da realidade é plausível” (BERGER, 2017, p.72).

universo religioso. Longe de ser a atuação almejada pelos feminismos e por mulheres que vêm na igualdade entre os gêneros uma forma de seguir os ensinamentos de Jesus, ainda assim é uma via onde a participação feminina é legitimada, mesmo que controlada e tutelada pelos homens. Ana Luíza Gouvêa Neto (2019) em palestra¹⁶⁰ conta, a partir de sua pesquisa de campo, suas experiências e impressões acerca da atuação de mulheres assembleianas à sombra de seus maridos e da falta de uma atuação protagonista feminina nesse contexto religioso. Nem mesmo nos congressos realizados para elas, pôde se perceber uma atuação mais efetiva das mulheres. Não só pelo número reduzido de pastoras como também pela ausência de uma equivalência de relevância da presença feminina e masculina, até mesmo nesse evento especificamente destinado a discussões voltadas às mulheres. Existindo uma demarcação simbólica de posicionamento de pastores e da pastora, que se manteve afastada de seus pares masculinos no momento da solenidade de abertura do congresso.

Por outro lado, Berger (2017, p. 64-65) aponta que

Na maioria das regiões de penetração pentecostal, o pentecostalismo cria uma revolução nas relações entre homens e mulheres. Embora a maioria dos pastores sejam homens, as mulheres desempenham um papel de liderança na atividade missionária e em fazer funcionar a congregação. Muito importante, as mulheres são dominantes na família.

Dessa forma, por mais que a atuação feminina nos contextos pentecostais brasileiros não seja pautada por uma visão progressista, não se pode desconsiderar tal revolução sinalizada pelo autor. Diante da expansão do pentecostalismo moderno, sendo considerado por Berger (2017, p. 59) como o movimento que cresce com maior velocidade na história, tal mudança nas relações entre homens e mulheres de fato implicou uma alteração que pode ser sentida e observada empiricamente no tecido social. Uma alteração num sentido mais amplo que envolve os campos religiosos em um movimento, tanto de dentro para fora como de fora para dentro, um movimento simbiótico da igreja para o mundo e do mundo para a igreja. Tanto as questões religiosas implicaram em uma tendência transformadora e até modernizante da esfera social, como o contexto social devolve tendências modernizadoras em direção à esfera religiosa. É preciso perceber as “transformações para além do espaço religioso tendo em mente que seus seguidores pertencem a uma sociedade histórica e sociocultural, na qual recebem informações e condutas de vida diferenciadas da orientação oficial contida no discurso religioso” (NETO, 2015, p. 98). Corroborando nesse sentido Berger (2017, p. 12)

¹⁶⁰ Palestra proferida pela pesquisadora no dia 18 de maio de 2019, compondo a mesa *Quem tem medo de mulher? Autonomia feminina nos espaços sagrados*, no evento Jornada Fé em debate, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

afirma que na modernidade as pessoas religiosas também operam dentro de um discurso secular em setores relevantes de suas vidas. Dessa forma, expostas a influências diversas, que não somente a religiosa, essas mulheres assimilam também outros valores e conceitos, que reverberam na sua presença na igreja, em formas de resistência velada que possibilitam uma liberdade de agência, não plena, mas de forma a subverter a submissão de seus corpos e mentes no sentido de ampliar sua presença ativa. Neto (2015, p. 98) percebe que “as mulheres encontram na falsa submissão, na resistência velada formas de subversão da matriz de inteligibilidade religiosa, conseqüentemente, galgando novos espaços e novas formas de poder no interior do espaço religioso”.

Assim como na Assembleia de Deus analisada por Neto, na Folia de Reis também é possível sinalizar aspectos dessa resistência velada. A simples presença de folionas no cortejo, principalmente aquelas que se identificam com a tipologia da foliona de transição, mostram que a resistência velada, que sua insubmissão dócil, é uma maneira de subverter uma ordem que se impõe sobre elas. Todos os outros tipos de folionas que participam da esfera ritual subvertem de alguma forma essa ordem já posta antes mesmo delas serem folionas, antes mesmo delas se tornarem mulheres. Mas a foliona de transição é representativa por sua discricção relutante, teimosia permanente e sua pirraça sem birra. Aceita de bom grado qualquer instrumento que julgarem pertinente para ela, é discreta, mas sua presença permanente e ativa no cortejo nunca passa despercebida aos olhos de quem julga a masculinidade um fator indispensável ao sucesso da folia. Ela, só com sua presença, o desmente e incomoda. E todas juntas promovem de fato uma subversão do que havia se postulado como o dado-como-certo da folia. Até na Assembleia de Deus, vista como uma instituição religiosa conservadora, a resistência velada feminina é possível e gera brechas a serem preenchidas pela atividade feminina. A Folia de Reis, que apesar de não se promover enquanto uma instituição, não deixa de ser parte de mais de uma. Mas apesar disso, não tem uma estrutura firmada, consolidada, centralizadora, que dite regras uníssonas e válidas para todas as folias, que as unifique, que as proclamem como parte integrante de um todo coeso. Essa comparação é válida para mostrar que até nas instituições, entendida como tal, de cunho conservador, as mulheres encontram meios de agência dentro de contextos nitidamente androcêntricos, portanto em coletivos não institucionais em si essa pauta deve ser menos problemática. Afinal, mudar a direção de um barquinho é mais fácil, menos dispendioso, mais rápido e necessário empenhar menos energia do que mudar a direção de um navio cargueiro.

Entendendo metaforicamente o navio cargueiro enquanto uma instituição religiosa forte, que preenche todos os requisitos que definem o conceito de instituição, é possível se pensar no tamanho e no peso do navio representante de uma Igreja milenar, com uma estrutura hierárquica verticalizada e centralizada, de alcance global, como a Igreja Católica e o incalculável dispêndio de energia para mudar radicalmente a direção desse colosso. Portanto, mesmo percebendo que o movimento feminista transcende o discurso das militantes chegando como atitudes positivas na busca pela igualdade entre homens e mulheres no meio social, através de pessoas que nem pautam sua visão pelos feminismos, mas apenas pela justiça e empatia, é preciso calcular sua força não diante de acontecimentos cotidianos, mas diante de valores institucionais cristalizados e sedimentados, que se mesclam com valores de outras instituições igualmente fortes e estruturam a vida das pessoas. Analisando sem exageros, esse movimento está tomando proporções maiores e se mostrando cada vez mais abrangente quando percebido fora do rótulo de feminista, mas sustentando suas pautas básicas, habitando mentes e corações, tendo a pretensão de mover marés e ventos a favor da mudança de direção dos navios. Por outro lado, é preciso questionar se marés e ventos podem de fato mudar a direção de um navio como a Igreja Católica.

Traçando um breve panorama da história recente das mulheres na Igreja Católica, não se pode dizer que foi uma participação silenciosa, invisível ou simbólica, muito embora fosse essa a recomendação dos padres conciliares às 23 mulheres presentes no Concílio do Vaticano II, que segundo Adriana Valerio (2014, p. 14) faziam questão lembrar-lhes frequentemente: “As mulheres estejam caladas nas assembleias” (1 Coríntios 14, 34). Por mais que as recomendações e tentativas de silenciamento das mulheres no Concílio tivessem sido contundentes há que se observar que pela primeira vez na história representantes femininas “tomaram parte em algumas sessões de um Concílio e, embora tenham recebido a ordem de ficarem caladas nas assembleias gerais, souberam encontrar as ocasiões certas para pronunciar palavras eficazes” (VALERIO, 2014, p. 12).

Importa dizer que assim como as igrejas protestantes precisam lidar com o refluxo das ideias feministas dentro de seus meios, com a igreja católica isso vem ocorrendo também há um tempo considerável. De acordo com Valerio (2014, p. 19-20), desde fins do século XIX vão se constituindo as primeiras organizações, que não só debateram sobre a identidade da nova mulher como também levaram adiante intervenções concretas sobre sua dignidade no interior da família e sociedade, que viria a culminar na Declaração dos Direitos Humanos em 1948, na realização da Convenção sobre os direitos políticos das mulheres em 1952, na

conquista do voto, acesso ao trabalho, direito ao estudo e à propriedade, entre outras conquistas baseadas nos princípios de paridade e emancipação. Porém, é relevante frisar que todas as conquistas, que ainda estão em curso,

não foram somente fruto de mera reivindicação política, mas sobretudo expressão de um profundo impulso ideal que levou a uma subversão radical da secular separação entre esfera pública e privada, entre papéis e funções do âmbito masculino e feminino, e também à superação daquela insatisfação profunda das mulheres, que se sentiam relegadas a ambientes demasiado limitados (VALERIO, 2014, p. 20).

Todas essas transformações e crescente insatisfação das filhas de Eva reverberaram até no estilo de vida adotado pelas comunidades religiosas femininas, que se engajaram em atividades direcionadas às intervenções sociais se distanciando do antigo estilo exclusivamente contemplativo. Essa adaptação a um mundo e uma sociedade em contínua transformação levou

as religiosas compreenderem que as mulheres deveriam tornar-se parte ativa numa obra de redefinição do seu papel eclesial e iniciaram um irreversível processo de amadurecimento da sua identidade vocacional, conscientes de que desenvolviam com os homens de Igreja um trabalho de partilha nas funções pastorais e apostólicas, e já não de mera subsidiariedade (VALERIO, 2014, p. 22).

Mulheres religiosas no início do século XX se empenharam em promover um feminismo católico, que buscava uma fé antidogmática e voltada às questões sociais, e fazer uma releitura dos textos sagrados com enfoque feminista, lembrando o trabalho de Jesus de retirar as mulheres da marginalidade conferindo-lhes a dignidade. Valerio (2014, p. 28-290) afirma que essas mulheres ousaram conciliar feminismo e catolicismo, missão aparentemente paradoxal, uma vez que as reivindicações feministas eram associadas ao laicismo, socialismo e ao livre-pensamento, que a Igreja repudiava em bloco. Já em 1931, a católica Marie Leoë afirmou que não era uma questão de ser feminista apesar de católica, mas que era ser feminista porque católica, ou seja, não uma relação de negação, mas de consequência.

Essa tentativa de aliar os termos que sugerem conceitos contraditórios na atualidade, mas não nas palavras e atitudes do próprio Jesus, é mesmo uma atitude subversiva diante do histórico de subalternidade da mulher pregado pela Igreja em seus documentos pontifícios. Maria Izabel da Cruz (2013, p. 37-41) apresenta um compilado de encíclicas onde a ideia de mulher como mãe e esposa é posto como o ideal, inquestionável e incorruptível: o Papa Leão XIII em 1880, na encíclica *Arcanum Divinae Sapientiae*, ressalta a ideia da submissão da mulher ao marido. Em 1881, na encíclica *Rerum Novarum*, o Papa atrela à mulher só os trabalhos domésticos e com os filhos, como condição da própria natureza feminina e que

inclusive são adequados por salvaguardarem a honestidade do sexo, pois a mantém no ambiente privado. O Papa Pio XI em 1930 assevera na encíclica *Casti Connubii* a superioridade do marido diante da esposa e que sua sujeição a ele não deve se dar por meio da violência, mas por obediência à Igreja, para que a ordem do amor referendada por Santo Agostinho possa florescer. Em 1931 o mesmo pontífice através da *Quadragesimo Anno* lastima que devido às condições econômicas elas sejam condenadas a completarem a renda familiar, ingressando no mundo do trabalho fora do lar e descuidando assim dos seus deveres próprios, incluindo aí a educação dos filhos. Pio XII em 1955, não se mostrou tão triste, piedoso e protetor da condição feminina tradicional como o anterior. 24 anos depois, o novo Papa acusa as mulheres de serem culpadas pela ruína do lar e da família por entrarem na vida pública, vinculando o sucesso ou fracasso da familiar sendo de responsabilidade única e exclusivamente da mulher. Não se pode esquecer que todas essas afirmações precisam ser analisadas de acordo com o contexto em que foram proferidas, como espelhos de seus tempos, caso contrário o anacronismo poderia viabilizar certo exagero na compreensão. Por outro lado também não se pode fechar os olhos para o fato de que a Igreja Católica não se furta hoje¹⁶¹ e não se furtou no passado de reforçar ideologicamente as desigualdades sexuais no cotidiano e ratificar um ideal de mulher que serve ao sistema patriarcal. Se na década de 1930 o pontífice aponta o trabalho da mulher como uma exploração da força de trabalho feminina, é porque nesse momento histórico tirar a mulher de casa para que ela entrasse no mercado de trabalho não era compreendido pela maioria das pessoas como uma via de conquista de autonomia e independência feminina. Portanto a visão do Papa só ia de encontro às ideias feministas. Já na década de 1950, a ideia de inserção feminina na esfera pública já ganhava certa aderência por parte das mulheres jovens, mesmo aquelas que não eram militantes feministas, e esse avanço provocou a ira do Papa, que via um aumento progressivo de adeptas e de maneira relativamente rápida.

Não é demais lembrar que o Segundo Concílio do Vaticano, na década de 1960, redefiniu as relações da Igreja. E pouco antes de seu início juristas e teólogas, pediam que as mulheres tivessem acesso ao diaconato e ao sacerdócio, até por conta da fragilidade dos argumentos que sustentavam sua exclusão. Além disso, teólogas reivindicavam sua

¹⁶¹ Na atualidade a Igreja Católica em certa medida encoraja as mulheres a se lançarem e avançarem na esfera pública, mesmo porque no contexto atual condenar tal atitude seria negar o sinal dos tempos e aí sim ser a instituição completamente anacrônica. Não dialogar com as pautas da modernidade é o mesmo que doar fiéis em favor de outras religiões mais abertas a esse diálogo, mas tal atitude oratoriamente e aparentemente mais progressista não faz da Igreja Católica menos avessa às pautas feministas.

participação no Concílio e a reformulação da linguagem androcêntrica e de caráter excludente que era, e ainda é, utilizada pela instituição (VALERIO, 2014, p. 31-33). Em 1962 o Papa João XXIII aponta para uma aproximação com o mundo moderno, não negando as mudanças que ele suscita, mas acolhendo e potencializando os dinamismos da história que devem ser assumido como valor. A partir disso, conseguiu perceber nas reivindicações femininas um apelo à dignidade, e interroga à consciência dos cristãos e cristãs sobre as necessidades reais da humanidade oprimida (VALERIO, 2014, p. 40). Embora reconhecida a dignidade da mulher, elas não foram imediatamente acolhidas no Concílio, somente na segunda sessão se propôs que se convidassem mulheres como auditoras e em 1964 finalmente o então Papa anunciou a participação delas. A tarefa de auditora contradiz a ideia de passividade imposta às mulheres, pois ali elas estavam para compartilhar suas experiências e estudos que deveriam contribuir para as sessões do Concílio.

Depois disso, e apesar das vozes contrárias, Monsenhores, Bispos e Arcebispos de vários lugares se manifestaram em favor das mulheres, ratificando igualdade de dignidade entre homens e mulheres, sua atividade colaborativa, defendendo o apostolado feminino, acesso ao diaconato e aceder ao ensino da teologia (VALERIO, 2014, p. 45-46).

Segundo Valerio (2014, p. 74-75) nas reuniões dos leigos, intervenções a serem apresentadas na aula conciliar, foram desenvolvidas. Chegaram à conclusão que a porta voz dos leigos no Concílio deveria ser uma mulher, Pilar Bellosillo. Os argumentos apresentados para que a mulher pudesse exercer a função eram focados na vontade papal de incluir mulheres no Concílio, na necessidade e possibilidade de colocar em prática o discurso da Igreja de promoção da mulher, conceder a palavra a presidenta de uma organização (UMOFC)¹⁶² que representava 56 milhões de mulheres de 110 organizações dispersas nos 5 continentes do mundo, ser um gesto exemplar da Igreja que poderia servir como inspiração para países que ainda concederam à mulher o lugar que lhes compete e por fim oferecer espaço a língua espanhola no Concílio, completando assim uma série de idiomas que compunham os grandes grupos de línguas de valor mundial. Mas tal pedido com argumentos embasados sobre os próprios fundamentos e ensinamentos da Igreja Católica, obteve resposta negativa, sob o motivo de ainda ser prematuro dar a palavra a uma voz feminina no Concílio. Prematuro por ser a primeira vez que as mulheres foram chamadas a participar do Concílio. Mas não seria prematuro se contabilizar quantos anos as mulheres esperam para conseguir

¹⁶² Essas informações específicas referentes à União Mundial das Organizações Femininas Católicas (UMOFC) estão disponíveis na página 141 do mesmo livro, de Adriana Valerio.

participar de alguma reunião importante da Igreja. Não parece prematura ser presença passiva e sem voz em um Concílio no final do segundo milênio do Cristianismo Católico. Portanto, não pareceu convincente ou pelo menos razoável a resposta dada aos leigos.

Somente com a Teologia da Libertação através das comunidades Eclesiais de Base que as mulheres começaram a ter um espaço de agência dentro no contexto da igreja Católica. Assumiram ações de liderança, participaram nas instâncias de decisão e coordenação, além de escreverem documentos e reflexões, que incitava outras mulheres a participarem e desempenharem um novo papel na Igreja (CRUZ, 2013, p. 53). O documento resultante da Conferência de Medellín em 1968, teve um papel importante na formulação de uma teologia feminista latino-americana que incitou uma nova postura da Igreja.

E foi com esse olhar de uma Igreja voltada para os pobres e oprimidos que as mulheres começaram a adentrar os espaços antes reservados somente aos homens. As teólogas, religiosas e leigas se engajaram na reflexão e no debate da Teologia da Libertação e na participação nas Comunidades Eclesiais de Base (CRUZ, 2013, p. 51).

Dando um salto no tempo e no espaço, a Campanha da Fraternidade no Brasil em 1990 teve o lema Mulher e Homem – Imagem de Deus, fez alusão à igualdade entre os sexos. A mensagem do Papa João Paulo II, pela ocasião da abertura da Campanha da Fraternidade no Brasil em 1990, traz a seguinte afirmação:

Assim, nem o homem é superior à mulher, nem a mulher ao homem. Isso não quer dizer que ambos são iguais em tudo. Cada um dos dois, possui a totalidade e a dignidade do ser humano mas não da mesma forma. A mulher entende a sua realização e a sua vocação, como pessoa, segundo a riqueza dos atributos da feminilidade, que recebeu no dia da criação e que vai transmitindo de geração em geração, como sua maneira peculiar de ser imagem de Deus, obscurecida pelo pecado e recuperada em Jesus Cristo.

É uma mensagem que avança e retrocede. Avança na percepção e afirmação da igualdade entre os sexos, avança no sentido de notabilizar linguisticamente a mulher e não só incluí-la genericamente quando se fala que o homem é imagem e semelhança de Deus. Algo que possa parecer banal ou sem importância aos olhos de pessoas pouco observadoras ou fruto de melindres de ativistas e militantes aos olhos das pessoas pouco empáticas, não parece tão inexpressivo assim quando tal linguagem incomoda mulheres do mundo todo há décadas. A reformulação da linguagem androcêntrica no seio da Igreja já era uma reivindicação de teólogas pelo menos desde a década de 1960, que “reclamavam a igualdade absoluta das mulheres na instituição eclesial católica romana, insistindo numa reforma da linguagem

litúrgica, profundamente no masculino” (VALERIO, 2014, p. 34) através de um livro anglo-germânico intitulado “Já não podemos continuar em silêncio!”- As mulheres exprimem o seu parecer no Concílio Vaticano II. Esse livro mostra que as mulheres não ficaram caladas e que elas verbalizaram o balanço acerca do Concílio sob o seu ponto de vista. Embora tal reivindicação tenha sido, de certa forma, pelo menos notada, como indica o lema da Campanha da CNBB, por outro lado essa reforma da linguagem não se instalou de forma profunda e verdadeira na Igreja. Além disso, parece que é sempre hora de afirmar o pecado da mulher, que obscurecera seu reflexo da imagem de Deus, mas que se recupera em Cristo. Por bem a mensagem não se atém em elencar quais são os tais atributos da feminilidade da qual ela fala, pois no contexto referendado vale até um receio de se questionar quais seriam, pois se antevê uma avalanche de apropriações machistas mascaradas de elogios. Mas o machismo elogioso não se furta de ser flagrado protagonizando suavemente o desfecho da carta. Começa bem: “Aqui deixo pois o meu apelo para a mulher brasileira, em favor da mulher brasileira, nem escrava nem rainha, só mulher:” Desmistificando assim a terrível alcunha destinada à mulher de rainha do lar que encobre sua eminente escravidão diante da nobreza do título. Mas a sequência se desenvolve num ritmo crescente de apropriações machistas que apregoam o ideal de mulher proposto pela sociedade patriarcal e ratificado pela Igreja, exposto na seguinte passagem da mesma carta do Papa João Paulo II:

- mulher-criança: a ser olhada como flor rara, mas simples, que, ao desabrochar, na aurora da vida, quer receber e refletir a luz de Deus;
- mulher-moça: sol da manhã de primavera, pela limpidez do olhar a irradiar esperança, precisando de respeito, confiança e dignidade;
- mulher-adulta: sol do meio-dia, com a sua dignidade simples, sinceridade e candura, a iluminar e a dar calor, pela reflexão serena, pela retidão do espírito, e pela harmonia com que se apresenta, veste e adorna;
- mulher-anciã, sombra que desce, acolhedora, em natural afeto materno e peculiar sabedoria e prudência, vivendo em doação, no desejo de servir a felicidade de outrem, a felicidade de todos os seus semelhantes.

O ideal de mulher aqui referendado está atrelado à delicadeza, beleza e suavidade expresso na metáfora da flor. A mulher moça e adulta já se adequa à metáfora do sol que aquece, sempre oferecendo o seu calor e nunca recebendo. Mas um calor “respeitável”, que ilumina, que deixa tudo às claras, pois a retidão do espírito e a harmonia com que se veste e adorna, exime qualquer possibilidade de essa mulher oferecer seu calor a outras pessoas que não foi a ela consagrada pelo sacramento do matrimônio. Ou seja, mais um estereótipo de mulher ideal sendo forjado, ou melhor, reificado. Apesar da palavra harmonia não caracterizar exatamente esse jeito de se apresentar e vestir da mulher modelo pode-se tomar o significado literal da palavra, que se aproxima do que é agradável à vista, nesse caso a vista da Igreja Católica que

coaduna com a vista da sociedade patriarcal, que aponta a discrição como uma virtude da mulher respeitável. Além disso, a simplicidade é uma virtude cara a todas as mulheres descritas pelo Papa, que no jeito de se vestir ou apresentar, se aproxima da ideia de discrição. Mas o pior está por vir. A mulher anciã é a que sofre a caracterização mais lisonjeiramente impiedosa. O sol que aquece se transforma em sombra que acolhe, pois a ela não parece mais ser permitida a vida sexual. A ideia de maternidade é quase uma obrigação, pois seu aspecto maternal é o que a legitima enquanto mulher. No momento em que perde seu lugar na cama, a consequência dos anos em que lá ela esteve, é o que sustenta agora o seu papel de mulher, como se sua utilidade última e objetivo de vida fosse permeado pela fertilidade. E toda fêmea que por qualquer motivo fuja desse padrão de maternidade, suporta olhares que variam de acordo com o motivo da infecundidade. Se ela escolheu não ter filhos a julgam enquanto egoísta, que só quis saber de aproveitar a vida e agora está aí sozinha, ou que só pensou em trabalhar o tempo todo, ou em qualificação profissional e esqueceu da vida pessoal. E esse aspecto é importante frisar, pois é subliminar nas relações da contemporaneidade patriarcal que a mulher deve trabalhar, mas jamais se esquecer da sua “natureza”, ou seja, pode trabalhar, mas tem que cumprir o protocolo da maternidade, para resguardar seu papel de fêmea. Por outro lado, se a infertilidade foi uma condição fisiológica, um olhar piedoso e de dó é a ela reservado. A ideia de fracasso tem que pesar como uma cruz sobre os ombros dessa mulher, e o assunto maternidade é quase um tabu para ela, que necessariamente tem que se sentir frustrada por não ter conseguido cumprir com seu papel de procriadora na sociedade. É construída uma narrativa de tristeza profunda, que mesmo que não acometa o íntimo dessa mulher, ela deve carregar como uma capa protetora dos olhares ameaçadores, que a exime de culpa pela sua improdutividade. Além da obrigatoriedade materna, da mulher anciã é cobrada sabedoria e prudência e acima de tudo, o desejo de servir. A vida da mulher modelo é sintetizada pelo ideal católico de uma vida de doação. Importa a felicidade do outro e não dela própria. Percebe que essa mulher vive na complementaridade e não por si só, em função de aquecer o outro, acolher o outro, se doar ao outro, servir ao outro. Embora esse ideia tem como objetivo e consequência colocar a mulher em um espaço privado bem definido de subserviência, por outro lado, como resultado inesperado, a entusiasmo a querer ser ativa na esfera religiosa, para poder de doar mais, servir mais, acolher mais.

Claramente o Papa João Paulo II não teve o objetivo de desencorajar as mulheres em seguir em frente, buscar a dignidade, sua emancipação, se lançar no mercado de trabalho para voltarem à condição de subserviência no ambiente privado do lar. Muito pelo contrário, em

1963 o Papa João XXIII oficializa na *Pacem in Terris* a promoção da mulher, afirmando não poder ser tratada como um instrumento ou objeto, pois ela tem consciência de sua dignidade de pessoa e reivindica seus direitos tanto na vida familiar quanto social (CRUZ, 2013, p.43). Na atualidade a Igreja Católica vem se empenhando em encorajar as mulheres nesse sentido no âmbito social, o problema é que suas intenções de promoção se encerram no discurso e na hora de promover essas mudanças no seio da Igreja a instituição se anula. Assim, “a reflexão orientada pela Igreja sobre a presença feminina no mundo vale somente para o ‘mundo’ e não para dentro da própria Igreja” (CRUZ, 2013, p.47). Por isso, a reivindicação de abrir o sacerdócio para as mulheres na Igreja Católica, ainda parece uma questão tão distante, pois sua estrutura machista, masculina e piramidal permite poucos avanços nesse sentido, mantendo a mulher na esfera dos serviços invisibilizados. Tal discussão, aberta antes do Concílio do Vaticano II, foi reaberta em 1977, no pontificado de Paulo VI, e novamente em 1994, no pontificado de João Paulo II e duramente renegada em ambos. Diante disso, Cruz (2013, p.29) assegura que “O debate sobre o sacerdócio feminino passa ao largo da estrutura eclesial. A invisibilidade da mulher na hierarquia da Igreja é explícita. Ainda está sem voz e sem vez na disposição hierárquica constituída”.

Apesar disso, desde que Papa Francisco assumiu o cargo mais alto na hierarquia da Igreja que os católicos assistem uma mudança nos ventos. Se por enquanto ainda não possuem força para mudar a direção do grande navio, tem-se pelo menos o comandante da embarcação mais comprometido com a missão. O atual Pontífice já deu várias declarações nas quais deixou claro sua intenção em abrir mais espaço na instituição para as mulheres, não nas posições de servidão, ou em condição de exploração, mas como partícipes, e assinala a urgência dessa mudança. No site Aleteia, no dia 8 de março de 2018, uma reportagem exalta a relação de Papa Francisco com as mulheres na Igreja:

É tempo, disse o Papa, que as mulheres “se sintam não hóspedes, mas plenamente partícipes das várias esferas da vida social e eclesial”. Esse, adverte, “é um desafio que não pode mais ser adiado”. E enfatiza a urgência de “oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja”, favorecendo “uma presença mais ampla e incisiva nas comunidades” com maior envolvimento das mulheres “nas responsabilidades pastorais”.

E as intenções do Papa não se restringem a palavras, suas atitudes sugerem empenho simbólico e factual em favorecer a promoção de um novo lugar e papel da mulher na Igreja. A mesma reportagem do site Aleteia em homenagem ao dia da mulher aponta que as atitudes do Papa reforçam suas palavras, que se mostram plenas de significado e empenho: desde a simbologia

do lava-pés, estendido, pela primeira vez, também às mulheres, às visitas às prisões femininas. Da criação de uma Comissão sobre o diaconato das mulheres ao cada vez maior número de mulheres nomeadas em cargos importantes no Vaticano, ainda a escolha de uma mulher, a teóloga Anne-Marie Pelletier, como autora das meditações para a Via Sacra.

Tudo isso evidencia a diferença do Papa Francisco em relação aos seus antecessores. Quando se refere aos serviços prestados pelas mulheres na Igreja, a reportagem sinaliza que ele reitera que sofre quando a exploração sobre os trabalhos direcionados a elas lhes confina a um papel de servidão. Ainda segundo a reportagem, no dia 16 de maio de 2016, na União Internacional das Superiores Gerais, fala diretamente às mulheres para dizer não quando lhe é solicitado “algo que é mais servidão do que serviço”. “Quando se deseja que uma mulher consagrada faça um trabalho de servidão – reitera fortemente – se desvaloriza a vida e a dignidade dessa mulher. Sua vocação é o serviço: serviço à Igreja, onde quer que esteja. Mas não servidão!”

Acima de tudo, ele tem a humildade de dizer que a mulher tem muito a ensinar aos homens e assume inclusive a própria condição de machista (se incluindo na categoria de homens machistas). No dia 18 de Janeiro de 2015, na Universidade de São Tomás, em Manila, Filipinas *Encontro com os jovens*, o Papa assevera que às vezes por conta dessa condição, que pode e deve ser alterada, eles dão pouco espaço a elas: “As mulheres têm muito a dizer-nos na sociedade atual. Às vezes somos demasiado machistas, e não deixamos espaço à mulher. Mas a mulher sabe ver as coisas com olhos diferentes dos homens” (<https://jovensconectados.org.br/10-frases-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres.html>).

É necessário dizer que sendo o Papa um homem de uma geração menos afetada que a atual pelas ideias feministas, criado em uma família católica, formado em um contexto católico conservador, necessita de um esforço considerável para não ser machista. E mesmo convencido pelas questões de igualdade entre homens e mulheres ele também foi e é afetado pelo machismo estrutural que está no cerne do tecido social latino-americano. Esse mesmo machismo naturalizou que as mulheres podem, ou melhor, devem compreender melhor as questões sobre misericórdia, ternura e amor, pois, de acordo com a estrutura patriarcal, esses assuntos fazem parte “naturalmente” de seu domínio. Assim o Papa Francisco em seu discurso aos participantes do Seminário sobre a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, de João Paulo II, no Vaticano, dia 12 de outubro de 2013 talvez tenha caído na velha armadilha machista de elogiar as mulheres através do que lhes aprisiona:

“Eu gostaria de ressaltar que a mulher tem uma sensibilidade particular pelas ‘coisas de Deus’, sobretudo para nos ajudar a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós. Gosto de pensar também que a Igreja não é ‘o’ Igreja, mas ‘a’ Igreja. A Igreja é mulher, é mãe, e isto é bonito. Deveis pensar e aprofundar isto”. (<https://jovensconectados.org.br/10-frases-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres.html>).

Rótulos e estereótipos aprisionam como grilhões as mulheres a padrões comportamentais que são de difícil dissociação de sua condição feminina. Parece que os assuntos da alçada da alma, do afeto, do acalanto, do carinho, do aconchego, do amor se dirigem apenas ao escopo feminino e não a todos os seres humanos de uma maneira geral. Ninguém condena o Padre Zezinho por machismo pela estrofe duvidosa em sua “Oração pela família”: Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor. O homem também não poderia ser esse céu de ternura, aconchego e calor? Por que só a mulher é vista como a criatura sensível, doce, suave e delicada? Todo ser humano pode e deve ser sensível, pode e deve ser um céu de ternura, aconchego e calor para quem se ama e não só a mulher tem obrigação de o ser. Assim como não se julgam Padre Zezinho pelo deslize (até em consideração a seus esforços igualitários durante toda a música, sempre ressaltando na letra que marido e mulher devem, de igual maneira, contribuir para que a família comece e termine sabendo onde vai) também não será julgado o Papa pelo *Discurso às participantes no Congresso Nacional do Centro Italiano Feminino no dia 25 de Março de 2014, no Vaticano*:

Os dotes de delicadeza, sensibilidade e ternura peculiares, que enriquecem o espírito feminino, representam não apenas uma força genuína para a vida das famílias, para a propagação de um clima de serenidade e de harmonia, mas uma realidade sem a qual a vocação humana seria irrealizável. E isto é importante! Sem estas atitudes, sem estes dotes da mulher, a vocação humana não consegue realizar-se! (<https://jovensconectados.org.br/10-frases-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres.html>).

Pode não ser julgado por pessoas que não se aproximam do feminismo, mas as feministas se sentiriam no mínimo incomodadas com tal discurso elogioso, ou achar o fardo demasiado pesado para continuar carregando por tanto tempo. Como se já não bastasse a mulher carregar nas costas a responsabilidade da harmonia do lar, agora também precisa carregar a responsabilidade sobre a realização da vocação humana! Assim, a culpa de todo fracasso recai sobre ela, como a única responsável por uma sequência de possíveis erros que ela não foi capaz de resolver em tempo hábil. Há que se ficar intrigado com o peso dessa cruz ornada com lindas flores que as mulheres carregam! Mas mesmo assim, o Papa Francisco é o que mais pensa e age em favor delas no interior da Igreja. Há 2 anos ele convocou a primeira comissão no Vaticano composta por 12 membros, com o mesmo número de homens e mulheres, para estudar a possibilidade do diaconato feminino. No início deste ano foram publicados os primeiros resultados desse estudo, acenando positivamente a possibilidade, ao aludir que as mulheres sempre exerceram tal função de forma extraoficial. Peter Feuerherd, através do site Dom total veiculou no dia 23 de janeiro de 2019 tal notícia, deixando a

entender que a explicação para que as mulheres ainda não tenham podido ascender ao diaconato se concentra na ideia de privá-las do sacerdócio:

Grande parte da discussão aqui se concentrou na longa história das mulheres diaconisas, que remonta à referência de São Paulo a Febe, uma mulher que serviu como diaconisa. A tradição das mulheres diaconisas continuou através da história da igreja, sendo suprimida na igreja do Ocidente, à medida que os ritos de ordenação eram percebidos como intimamente ligados ao sacerdócio exclusivamente masculino. O papa Bento XVI enfatizou, no entanto, a diferença entre a vocação ao sacerdócio e a vocação ao diaconato. Essa distinção encorajou os defensores da ordenação de mulheres diaconisas porque separa a questão da ordenação de mulheres, que foi categoricamente descartada pelo Papa João Paulo II.

Uma das mulheres componentes da comissão, Phyllis Zagano, observou que cardeais e bispos do mundo inteiro não se opõem ao diaconato feminino, pois em certos lugares há muito trabalho a se fazer e pouca gente para executá-lo. Feuerherd no artigo referido site Dom total explicita a concepção de Zagano:

Ela disse que cardeais e bispos que conheceu de todo o mundo, mesmo em lugares como Ásia, África e América Latina, onde há poucos diáconos, apoiaram o diaconato e estavam abertos para a ordenação de mulheres. Uma arquidiocese latino-americana tem 400 padres para ministrar e servir a mais de cinco milhões de católicos. Em uma paróquia venezuelana, por exemplo, 14 diferentes capelas são atendidas por dois padres. A necessidade de ministros ordenados é grande, disse Zagano.

A partir desse relato é possível pensar que a ordenação de mulheres diaconisas não só é importante para Igreja em relação à sua contribuição como também é urgente. Cada vez mais se observa a diminuição do número de homens interessados ao sacerdócio e ao diaconato. As paróquias têm dificuldade em atender o número de fiéis ligados a elas e enquanto isso, várias mulheres que já trabalham enquanto diaconisas não ordenadas poderiam estar sendo mais úteis e desempenhando um papel mais efetivo se devidamente ordenadas. Se tal orientação for acatada pelo Papa Francisco, os católicos aprenderão a ver mulheres pregando e desempenhando funções de maior visibilidade no cotidiano das igrejas.

Em um primeiro momento é possível que as diaconisas enfrentem resistência por parte dos fiéis e das próprias paróquias, sejam desvalorizadas diante de seus pares masculinos, sejam exploradas em serviços que não fazem parte das atribuições do diaconato, mas ainda assim estarão abrindo uma via de acesso das mulheres a um projeto de participação mais efetiva e igualitária delas na Igreja. Quando sua atuação institucionalizada for sentida com maior naturalidade, é possível que isso também possa vir a reverberar na estrutura das folias católicas. Quando as mulheres, se sentindo mais inseridas e valorizadas na igreja, tenham a autoestima e a autoconfiança suficientemente trabalhadas positivamente para se erguerem e

requererem um lugar de maior visibilidade na folia, não aceitarão mais agenciar somente nas margens, nos bastidores, sem reconhecimento dos seus serviços, na invisibilidade do anonimato. Com o contexto social mais acostumado com a contribuição feminina institucionalizada, possivelmente poderá se assistir a uma mudança na estrutura das folias católicas no sentido de um acréscimo efetivo de mulheres participantes e talvez possa se esperar até o surgimento de folias femininas. É uma mudança que impulsiona e viabiliza outras. Hoje já se observa a relativização da exclusividade masculina nos cortejos. Através de boas referências de folias compostas e até lideradas por mulheres, como a Folia da Maú, mostrando que a contribuição feminina é positiva e não diminui a tradicionalidade e qualidade do grupo, já se nota o surgimento de um processo de contaminação cognitiva. Através dele as folias umbandistas explanam para as outras a positividade da mudança. A partir dessa relativização e contaminação já em curso, com a institucionalização de uma participação feminina mais efetiva na igreja como diaconisas, além do crescente avanço das ideias e pautas feministas na sociedade, é bastante considerável a possibilidade de gerar bons resultados também nas folias católicas, no sentido de inserção das mulheres nas esferas de visibilidade e poder. É percebido então que o que acontece na folia no campo micro, é na verdade uma síntese do que acontece no macro, no campo religioso e social para além da folia, mas que a toca e a define sensivelmente.

Nesse sentido não se pode deixar de considerar a pertinência da ideia de afinidades eletivas, que pode ser observada não só neste ponto da pesquisa mas também em outros, como uma forma de mostrar que esse conceito é evocado permanentemente na dinâmica social, agindo em campos maiores, mas refletindo e permeando espaços menores, como os pequenos núcleos religiosos. Quando mulheres negras no Brasil do século XVIII conseguiram comprar suas alforrias através do acúmulo de pecúlio alcançado com o seu trabalho enquanto negras de ganho, uma série de fatores corroborara para que a autonomia fosse conquistada ou retomada. Pode-se dizer que existiram afinidades eletivas entre a ideia de autonomia feminina e o surgimento das religiões de matriz africanas de forma inalienável. Apesar de Weber ter cunhado o termo dentro do campo da sociologia, ele não o conceituou propriamente, por já ter sido usado em outras áreas de conhecimento de forma análoga. Mas deu subsídios para entender o funcionamento do que o termo significava no campo social. Quando um sistema social e um espírito cultural estão ligados através de um grau de adequação intenso, eles entram em estado de afinidades eletivas e se adaptam ou se assimilam mutuamente, até enfim,

formarem uma unidade sólida (LÖWY, 2011, p. 137). Löwy (2011, p. 139) se propõe a conceituar o termo a partir da observação da utilização do termo por Weber:

afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo.

No caso dessas mulheres negras todos esses fatores, religioso, intelectual, político e econômico apontavam para uma direção que culminavam em sua autonomia. Elas já possuíam habilidades religiosas e espirituais que lhe davam aval de ação nesse sentido e os homens, que agenciavam o sagrado na África, estavam no cativeiro, pois suas possibilidades de conquista da alforria eram bem menores que das mulheres. Elas possuíam conhecimentos e experiência como comerciantes, que também lhe impulsionavam como provedoras de uma casa, incluindo assim simultaneamente a esfera intelectual e econômica. E seu papel social de “devassas”, afirmado pela Igreja e pela classe dominante, não as contemplava com o casamento tridentino em uma sociedade machista, racista e classista. A sabedoria e linguajar populares explicariam o fenômeno das afinidades eletivas como o momento em que se “junta a fome com a vontade de comer”. As mulheres precisavam se sustentar, mas não tinham maridos para prover-lhes o sustento. Por outro lado tinham habilidades em diversas áreas, culinária, espirituais e comerciais, o que oportunizou sua agência em todas elas. Além disso, o contexto social que impunha a seus corpos o estigma de objetos sexuais demoníacos ratificou mais uma via de sustento a partir da prostituição e relações consensuais. Assim abriram suas casas às diversões, que se tornaram centros de resistência e fortalecimento de uma religiosidade e cultura negra profundamente multicultural. Ora, todo esse misto de causas e consequências nas esferas religiosas, política e econômicas atraíam a retomada da autonomia feminina perdida no processo diaspórico. Assim como sua autonomia também buscava tais ações. As mulheres só poderiam fazer tudo isso com a conquista da autonomia, ao mesmo tempo em que elas só a teriam de volta se fizessem isso tudo! Por isso é uma dinâmica de mão dupla e de reciprocidade. Convergência de ideias que se aproximam em um movimento mutuamente atrativo.

Löwy (2011, p. 140) acrescenta que a afinidade eletiva se trata de uma simbiose cultural, onde mesmo que os elementos permaneçam distintos, encontram-se organicamente associados. A relação que a autonomia feminina estabelece com as religiões de matriz africana pode então ser apreciada dentro da perspectiva de afinidades eletivas.

As características de proteção e afeto maternos intensos, acrescidas à de provedora, que a mulher africana e afro-descendente também detém, [...] possibilitam a vivência da matrifocalidade na sociedade brasileira. [...] esses aspectos culturais, sócio-econômicos e históricos elencados [...] dão indícios fundamentais para o entendimento do fato peculiar da mulher surgir como a detentora do poder religioso (BERNARDO, 2005, p. 15).

De acordo com Löwy (2011, p. 140) “a afinidade eletiva é favorecida ou desfavorecida por certas condições históricas. Em outros termos, é necessária uma determinada constelação [...] de fatores históricos, sociais e culturais para que se desenrole um processo de *attractio electiva*”. Nesse sentido, já elucidados os fatores que influenciaram o modo de ser das africanas no Brasil e que foi transmitido às suas descendentes, é possível mostrar como as condições históricas, econômicas, sociais e culturais do Brasil Colônia preparou uma ambiente prolífico para que surgissem as afinidades eletivas entre o nascimento das religiões afro-brasileiras e a autonomia feminina.

Da mesma forma que no passado as afinidades eletivas apontavam a aproximação de elementos divergentes e que suscitava uma dinâmica social aparentemente improvável, como o empoderamento e autonomia de mulheres negras, pobres e recém-libertas em uma sociedade machista, racista, e classista, hoje elas continuam seu trabalho da mesma forma. Como poderia parecer plausível, mesmo no futuro, a inserção de mulheres em espaços de visibilidade e poder dentro da Folias de Reis católicas, espaços tradicionalmente androcêntricos por excelência? Talvez não seja exagerado perceber afinidades eletivas entre as explanações progressistas do pontífice, com ideias feministas que se espraiam na sociedade de maneira corrente. Ambas atraem, suscitam ou encorajam simultaneamente o empoderamento de mulheres católicas. Se empoderamento pode parecer um termo um tanto amplo e pouco assertivo, é possível lembrar como referência prática de empoderamento feminino na Folia de Reis, todas as alterações já anunciadas nesta pesquisa que foram promovidas pelas mulheres negras umbandistas nos grupos analisados e que são lideradas por elas. Herdeiras de uma tradição religiosa que tem em sua gênese a autonomia feminina enquanto viga mestra, como causa e consequência de seu surgimento em um ciclo auto gerador e multiplicador, essas mulheres em posse dessa autonomia, exercem o poder através de sua liderança e agência irrestrita, com voz de comando e sabedoria. Essas afinidades tem potencial para mobilizar o contexto social em que se situa a folia, tornando-o mais tolerante às mudanças, que a essa altura já serão inevitáveis.

Portanto, as relações microssociais são o eco das macrossociais nesse aspecto. As palavras e atitudes do Papa Francisco, podem até ser pouco expressivas na implantação de

atitudes que reverberam em mudanças conclusivas e permanentes em uma instituição milenar como a Igreja católica. Mas não se pode negar, como explanado teoricamente e evidenciado com exemplos práticos nesta pesquisa, que pequenos abalos concomitantes ou recorrentes podem gerar fissuras em estruturas até então perenes, que são impelidas a modificar suas práticas e flexibilizar discursos se não quiserem ser esvaziadas até seu colapso. Essas estruturas podem escolher morrer com seus valores imaculados, ou permanecer no cenário social viabilizando alterações que acompanham as mudanças sociais. Esse aspecto aparentemente duplo ou dicotômico de opções, na verdade é múltiplo, e compreende entre esses polos uma série de ações e discursos que pendem mais para um lado ou para o outro, almejando alcançar um equilíbrio sensível entre os dois. Esse equilíbrio não é estável justamente porque a tentativa de mantê-lo passa pela alternância de ações institucionais, que ora pesam para o lado das flexibilizações, ora retrocedem para a manutenção do caráter engessado e conservador da dogmática androcêntrica cristã. Se uma antiga crença dos africanos banto no complexo cultural de ventura/desventura¹⁶³ procede, o período de bonança aos olhares progressistas, vividos na Igreja católica com Papa Francisco é antecedido e sucedido por períodos não tão gratificantes assim, para novamente emergir outra onda positiva. Como as estações do ano, como a ideia que depois da tempestade vem abonança, vivendo sempre em um devir cíclico de ventura e desventura. O problema é que não sabemos qual período será maior ou mais imperativo nas dinâmicas sociais e no futuro dos grupos direta ou indiretamente envolvidos, já que o tecido social possui tramas complexas, compostas por camadas de entrelaçamentos de fios nunca isolados. No escopo dessa crença africana, que pode também ser entendida como sabedoria empírica, observação natural e antropológica, percepção da qual se apreende que para todo ataque há resposta e que a lei de ação e reação de Newton não se limita só à física mas também pode visitar a sociologia, resta aos atores sociais aproveitarem os períodos de bonança para avançarem e conseguirem as melhores estratégias possíveis de fortalecimento e plausibilidades progressistas para o retorno do inverno, na certeza de que os militantes do gelo também se prepararão. E para não dizer que não falei das flores, vou me valer da imagem da primavera, que antecede o verão com a beleza da vida. Talvez a primavera defina, pelo menos por um ângulo otimista, o momento da Igreja com Papa Francisco. Portanto, este pode ser o momento de aproveitar para avançar,

¹⁶³ Para saber mais sobre o complexo cultural ventura/desventura ler subitem 1.1.2 O habitus sincrético na gênese do Catolicismo Santorial, em NEDER, Andriara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

sem esquecer-se de tecer o cobertor para o inverno. Dentro de cada inverno existe um verão latente e vice e versa. O inverno político rigoroso que enfrenta o Brasil pode prejudicar o plano de vida da primavera feminista que se regozija em trazer o verão. Não é porque uma esfera desfruta do calor que outra já não padece com o frio, pois o verão e o inverno convivem no mundo ao mesmo tempo, enquanto o hemisfério sul treme o norte se abana, e claro, o contrário também ocorre.

Apesar disso, permanecer com valores flexibilizados parece ser a opção da primavera, que justifica tanto as pequenas alterações sentidas na Igreja católica na atualidade, quanto nas Folias de Reis. Dessa forma, tais deslocamentos refletem uma tendência da sociedade global ou um anseio de parte dela, que encontra acolhimento e repercussão na voz do Papa Francisco. O que já se observa em termos de deslocamentos nas Folias de Reis leopoldinenses parte de um histórico e de toda uma movimentação social já enredada. A viabilização histórica de lideranças femininas no contexto das Folias de Reis umbandistas “prepara o terreno”, através das relativizações e contaminações cognitivas, para possíveis mudanças mais efetivas nas folias católicas, que podem ser endossadas pelos pequenos abalos promovidos pelo discurso de viés mais progressista do Papa Francisco.

Através do trabalho de campo realizado para o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível perceber que as Folia de Reis reproduzem em suas estruturas uma organização externa a elas, mas ainda assim religiosa, resgatando o modelo da religião majoritária deste coletivo. Importante ressaltar que assim como as folias de pertença católica reproduzem a estrutura católica dentro de seu contexto, ainda alijando as mulheres do poder de decisão no grupo, as folias de pertença umbandista da mesma forma, reproduzem a estrutura de poder do centro dentro de seus domínios. Subvertendo assim uma lógica hierarquicamente instituída na folia, quando se percebe que as mulheres podem ocupar os setores dos serviços, mas também os rituais e das sabedorias dentro dos centros e portanto, também dentro da folia, já que nestas a reprodução da estrutura da religião majoritária é uma realidade. Um bom exemplo se expressa na Folia da Luíza. Regina em entrevista assegura que ela, tendo conhecimentos suficientes adquiridos na função de mãe-de-santo, pôde intervir em situações em que alguns integrantes do grupo viram, ouviram ou sentiram algo não habitual, que associaram ao domínio do sobrenatural. Quando Luíza era viva, ela rezava, jogava água benta ou procedia da melhor forma de acordo com a situação. Mas na ausência dela, e de Andreia, que assumiu a folia da mãe, mas não segue o cortejo, Regina se prontifica a resolver. O jovem mestre da folia ainda não está preparado para resolver esse tipo de problemas do giro, pois, segundo

Regina, o guia dele ainda se encontra subordinado ao da Andreia, pois agora o centro de Luíza também se encontra sob a responsabilidade da primogênita. Como o mestre ainda não está suficientemente preparado, Regina absorveu a responsabilidade, mesmo sendo apenas uma percussionista. O que caracteriza uma subversão polarizada da hierarquia: uma foliona de percussão, como uma das mais baixas posições ocupadas na hierarquia, assume função de mestre a partir de sua sabedoria, na situação de maior responsabilidade.

Vale lembrar que algumas folias, como a Folia da Maú, pôde experimentar a liderança feminina não só porque as religiões de matriz africana deram esse aval, mas também porque não havia homens que quisessem assumir. A autorização nesses contextos as mulheres têm desde a constituição dos batuques e calundus nas casas matrifocais ainda no século XVIII. Então hoje isso para elas é absolutamente comum. Mas essa autorização de agência feminina só pôde ser aproveitada quando os homens abdicaram dessa responsabilidade. Quando se constata que a folia pode acabar por não ter quem lidere, a presença feminina é bem quista por sua contribuição e aceita. Como Lúcia averiguou a partir da Folia do Valdete. Como Valdete só tem netas mulheres, a próxima geração certamente será composta por mulheres ou não será de forma alguma. Hoje não é mais necessário esperar as crianças crescerem e se casarem com rapazes que deem continuidade à manifestação, até porque esse hiato de tempo seria crucial para decretar o término do grupo. Já é uma realidade na folia citada incluir meninas e mulheres, inculcar nelas uma identidade foliona e contar com isso para não deixar a folia acabar. É o que parece acontecer na Igreja católica, de um modo muito mais amplo, óbvio, e trabalhando a decisão de uma forma muito mais complexa e lenta. Mas a ideia no fundo é a mesma, utilizar quem se dispõe para fazer o serviço de evangelização.

A liderança feminina para eles é tão comum que neste giro de 2018/2019 um cantador de frente da Folia da Maú, diante da desistência da matriarca de continuar assumindo a folia por motivos de saúde, me convidou para assumir a direção do grupo. Em tom de brincadeira aceitei e fui logo censurada, sem tom de brincadeira pela matriarca, que bradou: “Iara num sabe nada não! Chegou agora!”. Tanto eu quanto o folião nos recolhemos na nossa insignificância, envergonhados. Ele por ter me dirigido o convite, sendo que não estaria em condições de fazê-lo por não ser o dono ou responsável pelo grupo e eu por ter aceitado em tom de brincadeira, visto que o cargo de liderança não é brincadeira. Ali também compreendemos mais uma vez o que é voz de comando, autoridade, e acima de tudo, que sabedoria envolve tempo de giro e que não tem diploma acadêmico que naquele contexto legitime o meu saber. Como nas religiões afro-brasileiras o conhecimento é transmitido e

aprendido através do tempo, no cotidiano dos centros, na vivência, na preparação gradual do próximo líder, durante uma vida inteira, nessas folias o aprendizado se dá de forma semelhante. Nesse sentido, o que são 9 anos pesquisa acadêmica e etnográfica? Realmente, sob esse ponto de vista, eu acabei de chegar!

CONCLUSÃO

Tentarei ser breve nessas últimas páginas e como muitos outros pesquisadores, tentar satisfazer o desejo utópico de trabalho encerrado. No entanto, é preciso sinalizar que trabalho encerrado não é trabalho findado ou finado, muito pelo contrário, é nesse momento que ganha vida ao se lançar ao encontro de outras vidas pulsantes e ávidas por demandas da vida real, dos saberes que não se esgotam, das tradições que são renovadas, ressignificadas e jamais esvaziadas de sentido, de memórias indelévels e sempre revividas. Além disso, uma pesquisa como esta nunca tranca suas portas, há sempre uma fresta por onde o pesquisador pode voltar a espiar e ser novamente convidado a visitar, com novas lentes que não se esgotam. Portanto, embora o trabalho tenha sido cumprido e cumprido, as fontes não se exaurem em suas múltiplas possibilidades de leitura, releitura e desleitura, como a tríade construção, reconstrução e desconstrução, sempre presentes nas pesquisas das ciências humanas, sempre pronta a atuar em qualquer eixo de agência, em movimento constante.

Fazer um balanço de um trabalho denso que emerge de uma trajetória de intensas pesquisas etnográficas e bibliográficas, onde o cotidiano se faz espetacular diante dos olhos e o que se lê nos livros ganha vida na vida vivida das pessoas, pode ser uma tarefa de difícil conclusão em poucas páginas. Por outro lado, todas as referências vivas, memoriais e teóricas já foram explanadas, as vozes femininas já escutadas e desveladas, e tudo isso fez parte de uma análise híbrida, que visita os campos da sociologia, antropologia, artes, psicologia, história, mitologia, e – especialmente – da ciência da religião, dos saberes tradicionais entre outros conhecimentos que o leitor possa sentir necessidade de acessar em sua leitura viva. A propósito, vida é a palavra que em torno de si define esta pesquisa. Tudo que é vivo se transforma, se metamorfoseia, se movimenta e o Giro das saias supõe justamente essa virada, esse trânsito perene da tradição viva. Sua irrestrita reinvenção contraria uma ideia estática de manifestações tradicionais, perdidas na atualidade, se alimentando através de sonda de um passado glorioso que não existe mais. Estas sim estão fadadas a desaparecer erguendo a bandeira da preservação. Sem aderência no contexto social mutante que se auto define continuamente, sucumbirão ou virarão atração turística, sujeitas a uma mera reprodução de

uma arte morta no contexto social. Se a manifestação tradicional se mantém vigorosa é porque se ressignifica, mesmo que não perceba isso, mesmo que tenha pouca aptidão para aceitar mudanças, ela não é a mesma.

Tentei trazer para a academia a vida que emerge do campo, em suas cores, sabores, amargores e amores. Nesse intento, todas as vivências foram didáticas, dotadas de dispositivos ou gatilhos de análises balizadas por teoria de autores e autoras que me ajudaram a desvelar o campo. Tudo que vi, vivi e ouvi foi de caráter pedagógico. Sinto um misto de carinho e gratidão incomensuráveis pelos foliões e folionas entrevistados, me sentindo por vezes até desconfortável em fazer análises críticas duras a quem me trata com tanto carinho. Porém, o envolvimento afetivo não me distanciou do objetivo deste trabalho acadêmico. Para não me acanhar, preferi pensar o trabalho acadêmico como Michelângelo pensava seu trabalho escultórico: a escultura já estava no mármore antes de sua chegada, ele só retirou o excesso de pedra para que ela aparecesse e falasse por si só. Também assim na pesquisa, a situação de opressão e dominação masculinas, assim como de visibilidade e liderança femininas, já estavam lá quando cheguei, só fiz com que se tornassem visíveis. Aliás, o trabalho do etnógrafo não é mesmo muito diferente do trabalho do artista, ambos precisam olhar com curiosidade o mundo, focar naquilo que lhe causa inquietações, elaborar com criatividade modos de apreensão (decodificação) daquele elemento e construção (recodificação) da obra, em um trabalho exaustivo de pesquisa (técnicas, materiais e conceitos e suas articulações no caso do artista e de dados históricos, religiosos, sociais, econômicos e políticos e seus enlaces no caso do etnógrafo) e por fim, a apresentação da obra pronta. Por tudo isso, Picasso diria que a criação resulta de 10% de inspiração e 90% de transpiração. Aliás, as semelhanças entre os campos não param por aí. Basbaum (2007) assegura que a arte também não se encerra em um ponto final, como aferi sobre a pesquisa. Para fruí-la é preciso movimentar-se ora com um olhar panorâmico ora se inserindo nela, mergulhando em suas profundezas em busca de associações, como no trabalho etnográfico.

O campo de localização da arte é mesmo fugidio[...] É uma combinação de mergulho e sobrevoos que conseguiremos nos aproximar, conscientes da transitoriedade e efemeridade deste processo [...] Se aqui alguns contornos foram materializados, se conseguimos localizar algumas formas de ação que nos permitem *construir* aproximações entre enunciados e visibilidades, ainda assim de maneira alguma estas proposições colocam um ponto final no que quer que seja (BASBAUM, 2007, p. 93- 94, grifo do autor).

Através da etnografia pedagógica aprendi e apreendi a lógica das dinâmicas do contexto da Folia de Reis. No qual as permanências e estabilidades são ao mesmo tempo o foco dos discursos e a plausibilidade da existência. Contraditoriamente, os deslocamentos

decorrentes das instabilidades são as estratégias de sobrevivência eficazes dessas manifestações. Tal contradição não se mostra como um ponto nevrálgico no campo, por ser acompanhada de narrativas míticas que justificam e autorizam as mudanças e sua apreensão. O mito fundante se mostrou como o plano gestor, de onde reverberam outras narrativas que viabilizam demandas, como a inserção dos negros em folias de famílias brancas e a inserção de mulheres no cortejo. Como conclusão desse aspecto implica apontar que a estabilidade e permanência do grupo no contexto social são mais relevantes que a manutenção de impedimentos que não possuem respaldo mítico para continuar existindo. Daí surge um respaldo mítico para sua abertura e autorização oficial, para se fazer valer enquanto lei que orienta a organização das folias.

A narrativa das Três Marias autoriza a inserção das mulheres no cortejo, mas continua expressando um viés androcêntrico da estrutura social, quando atrela a participação feminina à relação de dependência com o homem, visto que representando as Três Marias a mulher não teria o poder de adoração. Assegurando mais uma vez o exercício do poder no domínio masculino. A narrativa dos escravizados suicidas da Serra das Virgens revela a importância do passado escravocrata em Leopoldina enquanto memória presente, reatualizada pelo rito. A partir daí consegue compreender o alcance das hibridizações na religiosidade do cenário popular, mostrando não só plausíveis como necessárias para a compreensão do complexo campo religioso onde se manifesta a Folia de Reis. Além disso, aspectos dessa narrativa mitologizada vêm confirmar o peso da estrutura patriarcal. O alcance da estrutura patriarcal possibilitou a reinvenção do nome de um dos protagonistas dessa narrativa, o fundador do grupo, reconhecido na história como Medeiro Velho, para ratificar miticamente a apropriação patriarcal do nome de registro da Folia da Serra. Registrada como Folia dos Medeiros legitima o sobrenome da família do pai do atual dono, ao invés de trazer o sobrenome da mãe (Lacerda) que era a herdeira direta da folia. A narrativa da exclusão de Baltazar, o rei negro, torna notória a exclusão dos negros também nesse contexto social. Se as narrativas míticas traduzem com poder de lei o que demanda solução nesse contexto, pode-se perceber a urgência em resolver problemas relacionados à raça e gênero na Folia de Reis. Como um campo de poder, traz a resistência como componente intrínseco e necessário.

Embora gênero não seja o tema central da tese, mas uma categoria de análise que costura seus tópicos centrais, foi possível perceber que não é possível analisar dilemas sexistas sem buscar suas intersecções. Não cabe neste último espaço polemizar qual mulher é mais oprimida de acordo com o contexto político, econômico, social ou racial em que está

inserida. Mas vale a pena apontar que embora as mulheres negras que colaboraram com a construção desta pesquisa, sejam pobres, marginalizadas por diversos ângulos, inclusive pela pertença religiosa de matriz africana, pudessem parecer/ser mais vulneráveis à opressão e, portanto sofrerem com as mazelas mais duras desse processo, isso não ocorre quando comparadas com as mulheres brancas, de classe média do contexto correlato católico. As primeiras oferecem lições de resistência às segundas, que percebem que são desvalorizadas e invisibilizadas na Folia da Serra, mas não ousam romper com a tradição de maneira efetiva. Não organizadas em militâncias, a resistência das mulheres negras umbandistas frente ao poder patriarcal na esfera religiosa parece emergir naturalmente. Porém, como nas pesquisas das humanidades é sempre conveniente se duvidar das naturalidades, foi importante perscrutar de onde vem essa força instituída como raiz, de onde vem a liderança promulgada nas ações cotidianas, de onde vem o poder, que Foucault assevera ter relações íntimas com o saber. A partir de um viés histórico se desvelou relações de afinidades eletivas entre a formação das religiões de matriz africana no Brasil e a autonomia feminina, como um traço herdado das relações sociais das sociedades patriarcais africanas. Isso lançou luz sobre o poder e prestígio da mulher negra como elemento gerador das religiões afro-brasileiras e seus proclamados conhecimentos e habilidades com o plano espiritual. O que leva ao condicionamento dos foliões atrelados a esse contexto religioso vê-las como “naturalmente” aptas à liderança de grupos religiosos, e conseqüentemente, com visibilidade ritual garantida.

Esse traço específico foi encarado com uma alteração do contexto da Folia de Reis, visto que tal liderança religiosa feminina, embora tenha sua origem já no século XVIII só foi ser sentida nas folias leopoldinenses em fins do século XX. Isso porque, embora a Folia de Reis não tenha perdido expressividade e vigor na região, colaboradoras apontaram um número maior de folias no passado. Diversos motivos, contornáveis na atualidade, foram elencados como desafios e até impedimentos à continuidade dos giros. Como já observado, a trajetória da folia até a contemporaneidade foi marcada por vários percalços, identificados aqui como obstáculos para a sua permanência no contexto social atual: dentre eles intolerância religiosa, trânsito religioso, trabalhos urbanos, machismo, preconceito racial, juventude desinteressada, preconceito de classe social. Obstáculos relacionados à discriminação devem ser superados na sociedade como um todo, e também na folia, onde é apresentado um jeito peculiar de lidar com esses problemas, mas não há soluções definitivas. Pode-se compreender esse jeito enquanto estratégia de controle e permanência. São estratégias utilitárias, que resolvem a consequência do problema, mas não ataca e aniquila a origem do mesmo, justamente por estar

atrelada a estruturas sociais mais profundas e de difícil desinstitucionalização. O modo como os preconceitos foram instaurados nas mentes e corações das pessoas foi tão eficaz, que mesmo se mostrando como elementos que impedem ou prejudicam nitidamente a dinâmica dos giros, não são facilmente desinstitucionalizados. Seus dismantelamentos dependem de tempo, para que uma resposta mais incisiva da sociedade seja dada no sentido de estabelecer uma direção de igualdade e que isso seja refletido em todas as esferas. Se ainda é cedo para vislumbrar o fim da discriminação (seja ela qual for) na sociedade, no contexto folião foram criadas estratégias míticas de aceitação para minimizar os prejuízos que determinados preconceitos impunham aos giros. Isso não quer dizer que esses obstáculos foram superados, mas talvez contornados, tendo assim abrandados seus efeitos em relação aos giros.

O quadro a seguir foi construído para facilitar a compreensão desses obstáculos, que se apresentam como transformações do contexto social, e exigem por sua vez, mudanças nas relações diretas com esses elementos. A partir desse esquema importa mostrar como a folia se readapta e se ressignifica a fim de contornar esses percalços, já que não foi possível evitá-los.

OBSTÁCULOS (do passado e do presente)	ESTRATÉGIAS DE CONTROLE E PERMANÊNCIA(ressignificações/readaptações)
Negros não são aceitos em folias de famílias brancas	Mito fundante reinventado: Rei negro é excluído da jornada pelos brancos e chega antes ao encontro do Menino Jesus. Nenhum folião deve ser excluído por sua cor.
Mulheres não podem seguir em giros com os homens	Mito fundante reinventado: os Reis Magos encontram as Três Marias no caminho e aceitam sua companhia na jornada. As mulheres não devem ser excluídas.
Ideia de folia como manifestação do passado, credence popular.	Ideia da folia como manifestação cultural e que deve ser resgatada.
Os velhos morrem e a juventude não se interessa	Inserção de jovens e crianças na folia desde cedo
Opção religiosa- trânsito religioso: - Por parte do folião - Por parte da assistência	- Deixa a folia, porém seu retorno é sempre possível. - Roteiro traçado previamente

Empregos Urbanos	- Roteiro traçado previamente - Extensão do giro até dia 20 de janeiro
------------------	---

Tabela 7: Relação dos obstáculos enfrentados pela folia para permanecer no contexto contemporâneo e suas estratégias de controle e permanência.

Portanto, se alguns elementos na atualidade se tornam obstáculos para o percurso natural da folia e são na maioria das vezes superados pela flexibilidade e capacidade de renovação da manifestação, outros fatores próprios da atualidade também abrem oportunidades de ampliação da assistência. Então, se por um lado a mobilidade de crença pode dificultar as visitas, traça-se o roteiro para sanar o problema. Mesmo que nesse cenário tradicional qualquer mudança, por mais simples que pareça, possa gerar muita resistência, por se considerar tradição como sinônimo de imutabilidade, essa mudança já foi instaurada há muito tempo nas folias urbanas. Não só como uma forma de se precaver em relação às casas que não receberiam a visita, por questões religiosas, mas também como uma forma de privilegiar aquelas que antecipadamente solicitam a visita, por conta de promessas, por exemplo. Se falta de incentivos financeiros talvez possa dificultar as atividades dos grupos, os eventos criam redes de convivência entre as folias, onde a troca de informações facilita o acesso às verbas e auxílios das prefeituras (quando há alguma política de valorização à cultura). E se alguém ainda desconfia que o preconceito de parte do público com a Folia de Reis possa diminuir suas visitas e isso paulatinamente dismantelar as estruturas dos grupos, eventos como os apresentados mostram para a comunidade o que de fato a Folia de Reis representa como acervo artístico, cultural, vivo e dinâmico. Se a perda de um dono antigo da folia desmobilizaria os foliões, hoje uma mulher pode assumir as funções de direção e ter voz de comando de acordo com suas características pessoais de liderança.

Temendo a dissolução de grupos, que perdiam seus donos ou mestres justamente por não visualizarem essas possibilidades de adaptações às imposições da modernidade, lideranças femininas se tornaram vias plausíveis de permanência. Elas, envolvidas com novos desafios, tratou de superá-los ou contorná-los a partir da criatividade coletiva, alicerçada na flexibilidade que o novo contexto exige, retomando a estabilidade suspensa temporariamente. Essas mulheres negras umbandistas e economicamente desfavorecidas, que assimilavam em si tudo para sofrerem mais com a opressão do que as brancas católicas, de classe média, reinventaram formas de resistência e poder em um contexto tradicionalmente androcêntrico. E a partir delas a ideia de grupos exclusivamente masculinos foi relativizada. Sua agência, dinâmica e administração holística surtiram bons resultados e suas figuras de matriarcas acrescentaram respeito aos grupos, sendo mais bem vistos. Tudo isso culminou em

contaminações cognitivas, que como enredado, não iniciaram propriamente com elas (não se pode esquecer a precursora Nininha e a bandeireira Sara), mas adensado e popularizado com suas presenças rituais.

A importância das folionas umbandistas, que acumulam a função de mãe-de-santo, é ampliada quando ocorrem no giro problemas de ordem espiritual, que são prontamente resolvidos por elas que possuem conhecimento e experiência com questões dessa ordem. Muitas vezes, elas se sentem mais aptas à utilização de recursos mágicos do que o próprio mestre da folia, que seria quem tradicionalmente deveria agir nesses casos. Portanto, esse é mais um elemento de transformação no contexto atual das folias, que não são sentidos com diferença, em nenhum aspecto, do que elas já faziam antes da sua participação enquanto folionas.

Destarte, foi possível perceber como um contexto aparentemente desfavorável ao empoderamento feminino oferece recursos estratégicos para a viabilização do mesmo, valorizando a autonomia e saberes das mulheres. As folionas da Serra, embora com conquistas menores se comparadas às mulheres negras umbandistas, também conseguiram ampliar seus direitos no cenário da Folia da Serra. E os pequenos abalos, que no contexto delas são realmente relevantes e alcançados pela persistência e enfrentamento de mulheres como Lúcia e Cássia, não podem ser de maneira alguma desconsiderados. Pois foi possível compreender que pequenos abalos constantes viabilizam grandes transformações.

Para analisar contextos correlatos, mas tão plenos de variações e especificidades internas, lancei mão da estratégia de tipos ideais, na intenção de facilitar a compreensão a partir de tipos puros, não localizáveis em sua pureza ideal no campo de pesquisa, mas livre de inter-relações complicadoras existentes no real. Em uma proposta de ranqueamento, foram estabelecidos tipos de folias e folionas, dos mais aptos às mudanças até os menos abertos. Conclui-se a partir daí que os tipos de folias mais progressistas, contam com a participação de tipos de folionas ativas, empoderadas e empoderadoras, como Mães-de-Folia, Folionas de Abertura, de Mudança, de Transição, de Berço. Além dessas, contam também com as menos atuantes ritualmente, as Folionas de Inserção, que ainda assim possuem uma pequena atividade ritual viabilizada pelas Folionas de Abertura, e a Folionas de Centralidade Marginal, representante do ápice do ostracismo ritual feminino e máxima invisibilidade. Nas folias intermediárias, não por acaso chamadas de Folia de Transição, a Mãe-de-Folia não se faz presente, assim como a Folionas de Abertura, cuja ausência indiretamente ou diretamente acaba inviabilizando ou prejudicando a atuação dos outros tipos. Contam apenas com a

participação certa das Folionas de Centralidade Marginal, e fortuitamente com a contribuição de uma Foliona de Berço, mas sempre abertas à inserção ritual de outros tipos. Na Folia de Manutenção, só Foliona de Centralidade Marginal, e pode porventura, contar com a Foliona de Berço. É possível admitir que as Folionas que atuam na esfera dos serviços são encontradas em todos os tipos de folia, assim como as Folionas de Berço, que é um tipo híbrido e fluido, se comporta de maneira empoderada em contextos mais abertos e como veículo de reprodução de padrões patriarcais nos contextos mais conservadores. Por isso também ela não possui um lugar fixo no ranking das folionas. Tal esforço empregado na criação desses tipos possibilitou enxergar em que nível cada grupo analisado se encontrava, a partir é claro, das adequações do real para o ideal, e a atuação de suas folionas. Dessa forma, foi possível perceber através da tipificação, um empenho em avançar no ranking e “passar de fase” ou retroceder, a partir de atitudes de acolhimento ou de veto da participação feminina e suas agências nesses contextos.

Por fim, analisando o histórico e a organização estrutural de cada religião envolvida na pesquisa, foi interessante conhecer um passado de acolhimento feminino no Cristianismo, com contribuições ativas das mulheres envolvidas e uma atração cada vez maior de outras que também desejavam ser vistas como iguais e com dignidade equivalente a seus pares masculinos. Como é possível observar no panorama cristão atual, sobretudo na Igreja Católica, esse traço originário presente nas igrejas primitivas foi solapado pelas estratégias de ampliação e organização sistemática, através de sua institucionalização, crescente burocratização e verticalidade hierárquica.

Nas hibridizações fortuitas do campo religioso brasileiro, o Catolicismo, já acostumado com influências outras, fundiu-se à religiosidade de matriz africana, também dada a estas interfaces, possibilitando um catolicismo plural, de cunho mágico, popular, leigo, poroso e festivo. No escopo do Catolicismo Santorial, que preserva o traço androcêntrico do Catolicismo institucional, surge a agência feminina com as benzedadeiras, como um braço das religiões afro-brasileiras que cedem seus conhecimentos ao Catolicismo Santorial, ávido por movimentos e enlaces.

Na instituição por sua vez, observou-se uma história recente de julgamentos e execrações em relação à mulher e sua agência autônoma na sociedade. A partir de análise de documentos oficiais da Igreja ao longo do século XX em contraste com as falas e incipientes atitudes do Papa Francisco em direção ao acolhimento das mulheres na Igreja católica, é possível pensar esperançosamente no futuro. Ainda que as articulações do Papa sejam

povoadas por uma construção androcêntrica arraigada no pensamento, como aquelas elogiosas permanências percebidas nas falas de Aurélio, ainda assim tem seu valor dentro da instituição milenar que até então, nunca havia sequer cogitado uma participação mais efetiva feminina na esfera ritualística. No entanto, como tudo depende de tempo é preciso esperar ou, como diria Paulo Freire, é preciso esperar. Porque a espera é passiva, silenciosa, inerte e mórbida. Esperar é o seu oposto. Aprendendo com as palavras do mestre: “esperar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.

REFERÊNCIAS

- 10 frases do Papa Francisco sobre as mulheres. **Jovens Conectados**. 8 mar. 2018. Disponível em: <https://jovensconectados.org.br/10-frases-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres.html>. Acesso em 07 ago. 2019.
- ABREU, Martha. Festas religiosas no Rio de Janeiro: Perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Revista de Estudos Históricos**, v. 7, n. 14, p. 183-200, 1994. Disponível em: [http:// biblioteca digital.fgv.br](http://biblioteca.digital.fgv.br). Acesso em: 28 mar. 2013.
- ALVARES, Sônia Carbonell. **Eucação estética na EJA**: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos. São Paulo: Telos, 2012.
- AMMICHT QUINN, Regina. Pensamentos perigosos: gênero e teologia. **Concilium Revista Internacional de Teologia**, v. 4, n. 347, p. 9-22, 2012.
- ANTONIO, Jacqueline Rodrigues. Os magos em três tempos: a construção da ideia de Reis Magos. *In*: VI Fórum de Pós-graduação em História e I Fórum de Licenciatura em História, 2012, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012. p. 1-11.
- ANTONIO, Jacqueline Rodrigues; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Os Magos na arte ocidental: o imaginário medieval na América portuguesa. *In*: XIV Encontro Regional de História, 2014, Campo Mourão. **Anais [...]**. Campo Mourão: Universidade Estadual de Paraná, 2014. p. 1592- 1602.
- BARBOSA, Raquel Miranda. Festa em (fé) minino: diálogos entre cultura popular, religiosidade e gênero na população de Bacalhau (GO). **Caminhos**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 35-61, 2011.
- BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BASTIDE, Roger. **Os Candomblés da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BASTOS, Wilson de Lima. **Folclore no setor religião em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, Edições Paraibuna, 1973.
- BEAUD, Sthephane; WEBER, Florence. **Guia para pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BELELI, Iara. Publicações feministas: velhos e novos desafios. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 637-641, 2013.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Gênero e religião. **Revista Aulas**, Campinas, n. 4, p. 1-7, 2007.
- BELOTI, Stefânia. A Umbanda, o Candomblé e a questão moral. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, n. 1, p. 75-88, 2003.
- BERGER, Peter L. **Múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o poder feminino. **Revista Estudos de Religião**, n. 2, p. 1-21, 2005.

BERKENBROCK, Volney José. Diálogo e sincretismo. **Revista Rhema**, v. 5, n. 20, p. 167-183, 1999.

_____. Os itans e o porquê das coisas: a função do mito na tradição religiosa do Candomblé. *In*: SILVEIRA, Emerson S.; SAMPAIO, Dilaine S. (Org.). **Narrativas Míticas: análise das histórias que as religiões contam**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 163-193.

BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidade pentecostal. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p. 201-226, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Uberlândia: EDUFU- Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. Londres: Routledge, 1990.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

CANTONI, Nilza e MACHADO Luja. Viagem com os sobrenomes de imigrantes italianos: imigrantes italianos em Leopoldina. **Leopoldinense**. Leopoldina, 16 abr. 2019. Disponível em: <https://leopoldinense.com.br/coluna/1206/125-viagem-com-os-sobrenomes-de-imigrantes-italianos> Acesso em: 03 out. 2019.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

_____. **Candomblés na Bahia**. 9. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

CATOLICISMO ROMANO. Disponível em: www.catolicismoromano.com.br. Acesso em: 01 set. 2019.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. **Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico**. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CORDOVIL, Daniela. **Religiões afro: introdução, associação e políticas públicas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

DAIBERT JÚNIOR, Robert. Calundus na diáspora: novos cantos da tradição religiosa banto no Brasil. *In*: 27º Congresso Internacional da Soter, 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: PUCMG, 2014, p. 1222-1236.

DAVIS, Bronwyn; GANNON, Susanne. Feminismo/ pós-estruturalismo. *In*: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Org.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 396-404.

DEWEY, Joana. Das histórias orais aos textos escritos. **Concilium Revista Internacional de Teologia**, v. 3, n. 276, p. 26-37, 1998.

DICIONÁRIO PRIBERAM: da Língua Portuguesa Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ideal>. Acesso em: 26 abr. 2019.

DONA ROXINHA vai receber a medalha do mérito leopoldinense. **Leopoldinense**. Leopoldina, 19 set. 2014. Disponível em: <https://leopoldinense.com.br/noticia/1982/dona-roxinha-vai-receber-a-medalha-do-merito-leopoldinense>. Acesso em: 02 ago. 2019.

DUBE-SHOMANAH, Musa W. Escritura, feminismo e contextos pós-coloniais **Concilium Revista Internacional de Teologia**, v. 3, n. 276, p. 59-71, 1998.

FARIA, Jacir de Freitas. **As origens apócrifas do cristianismo:** comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. São Paulo: Paulinas, 2003.

FARINHA, Allyne Chaveiro. As benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadas renovada. **Revista brasileira de história das religiões**, ano 5, n. 13, p. 73-91, 2012.

FERRARO, Alceu Ravello. Alfabetização rural no Brasil na perspectiva das relações campo-cidade e de gênero. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 943-967, 2012.

FEUERHERD, Peter. Comissão papal sobre o diaconato das mulheres fazem os primeiros comentários em público. **Dom total**. 23 jan. 2019. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1326639/2019/01/comissao-papal-sobre-o-diaconato-das-mulheres-fazem-os-primeiros-comentarios-em-publico/> Acesso em: 09 set. 2019.

FIORINZA, Elizabeth Schüssler. Editorial, As sagradas escrituras das mulheres. **Concilium Revista Internacional de Teologia**, v. 3, n. 276, p. 5-9, 1998.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREUYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231-249.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCISCO: e o papel das mulheres na igreja. **Aleteia**. Vaticano, 08 mar. 2018. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2018/03/08/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja>. Acesso em: 07 ago. 2019.

FRANKLIM, Margareth Cordeiro. **Cutubas:** clube de negros, território de bambas. Memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina- MG. Belo Horizonte: Utopika editorial. 2014.

GEBARA, I. **Rompendo o silêncio:** uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes**: ensaios de teologia inter-religiosa. São Paulo: Paulus, 2013.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. **Folguedos da Mata**: Um registro do folclore da Zona da Mata. Leopoldina, 2005.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Carisma e dominação carismática: perspectivas teórico-metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos de religião. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 6, n. 11, p. 238-257, 2014.

GOUVÊA NETO, Ana Luíza. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 99-106, 2015.

GUERRA, Danilo Dourado. O anúncio feminino do Reino de Deus: perspectivas a partir de Lucas 8,1-3. *In*: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.) **Por amor à vida!**: Crenças, resistências e conquistas na Bíblia e na Atualidade. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2015. p. 111-133.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 103-133.

KEHL, Medard. **A igreja**: uma eclesiologia católica. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KING, Karen L. Canonização e marginalização: Maria de Mágdala. **Concilium Revista Internacional de Teologia** v. 3, n. 276, p. 38-47, 1998.

LAGOS, Nilza Menezes Lino. **Segredos e intrigas**: relações entre violência e o processo de masculinização nas lideranças das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Velho – RO, São Bernardo do Campo. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.

LEOPOLDINA: site oficial. Disponível em: <http://www.leopoldina.mg.gov.br> Acesso em: 26 jan. 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Quando o Mito se torna História. *In*: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa, Edições 70, 1978, p. 55- 64.

LOPES, Noêmia de Fátima Silva. et al. Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de soledade/MG. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 331-343, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.

MARIZ, Cecília. Catolicismo no Brasil contemporâneo reavivamento e diversidade. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **As Religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 53-68.

MAYORGA, Cláudia. et al. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. **Estudos feministas**, Florianópolis, p. 463-484, 2013.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Sete Lagoas**: circularidade cultural na religiosidade popular. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

MENEZES, Nilza. **A violência de gênero nas religiões afro-brasileiras**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

MENEZES, Renata. Tradição e atualidade no estudo das festas: Uma leitura de *Saint Besse*, de Robert Hertz. *In*: PEREZ, L.; AMARAL, L.; MESQUITA, W. (Org.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 43-66.

MENSAGEM do Papa João Paulo II por ocasião do início da Campanha da Fraternidade de 1990 no Brasil. **Vatican**. Vaticano, 28 fev. 1990. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1990/documents/hf_jp-ii_mes_19900228_brasile-fraternita.html. Acesso em: 07 ago. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1982.

MONTERO, Paula. Magia, racionalidade e sujeitos políticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 9, n. 26, p. 72-89, 1994.

NEDER, Andiara Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**. Formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1996.

OLIVEIRA, Lisa Batista de. **Devassas e “mal-procedidas”**: prostituição, concubinato e vivência religiosa nas Minas Gerais do século XVIII. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

PROENÇA, Wander de Lara. Observação participante. **Revista Antropos**, ano 1, v. 2, p. 8-33, 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RICHTER REIMER, Ivoni. Apostolado, diaconia e missão de mulheres nas origens do Cristianismo: rever tradições para empoderar e promover cidadania plena. **Revista Pós-Escrito**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 110-126, 2011.

RIVAS, Maria Elise Gabriele Baggio Machado. **Teologia usa saias?** São Paulo: Arché Editora, 2017.

RIVAS NETO, Francisco. **Escolas das Religiões Afro-brasileiras:** tradição oral e diversidade. São Paulo: Arché Editora, 2013.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. **Cedernos Pagu**, v. 8, n. 4, p. 51-97, 1997.

SANCHIS, Pierre. As tramas sincréticas da história. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 28, p. 123-130, 1995.

SANTOS, Amaury da Silva. Nomes fortes da cultura negra da região recebem homenagem do legislativo leopoldinense. **Leopoldinense**. Leopoldina, 07 nov. 2014. Disponível em: <https://leopoldinense.com.br/noticia/2605/nomes-fortes-da-cultura-negra-da-regiao-recebem-homenagem-do-legislativo-leopoldinense>. Acesso em: 02 ago. 2019.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel Sandoval. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n.1-2, p. 285-298, 1993.

SCHNAPPER, Dominique. Elaborar um tipo ideal. *In*: PAUGAM, Serge (Coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 238-252.

SCHOSTAK, John; BARBOUR, Rosaline S. Entrevista e grupos-alvo. *In*: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Org.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 99-107.

SCOTT, J. História das mulheres. *In*: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 63-96.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda:** caminhos da devoção brasileira. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SLENES, Robert W. A árvore de Nsanda transplantada: cultos kongo de aflição e identidade escrava no Sudeste brasileiro, no século XIX. *In*: FURTADO, Junia; LIBBY, Douglas Cole (Org.). **Trabalho livre e trabalho escravo Brasil e Europa:** séculos XVIII e XIX. São Paulo: Annablume, 2006. p. 273-314.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, UFBA, v. 28, p.125-146, 2002.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 122-130, 2004.

STEIL, Carlos. Catolicismo e cultura. *In*: VALLA, Victor V. (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 9-40.

STEPHENS, Margaret Shanthi. Trabalho inter-religioso e intercultural em prol dos direitos da mulher. **Concilium Revista Internacional de Teologia**, v. 5, n. 298, p. 115 – 124, 2002.

SWEET, James H. O impacto das crenças religiosas africanas no Catolicismo Brasileiro. *In*: SWEET, James. **Recriar a África:** cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770). Lisboa: Edições 70, 2007. p. 255- 265.

VALERIO, Adriana. **A presença feminina no Vaticano II: as 23 mulheres do Concílio**. São Paulo: Paulinas, 2014.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**/Max Weber. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. Os três tipos puros de dominação legítima. *In*: COHN, Gabriel (Org.) **Max Weber**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 128-141.

WIEDENHOFER, Siegfried. Eclesiologia. *In*: SCHNEIDER, Theodor (Org.), **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 50–142.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença uma: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.